



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

FÁBIO FERNANDES TORRES

OS DOMÍNIOS FUNCIONAIS DO GERÚNDIO EM LÍNGUA PORTUGUESA
VOLUME I

FORTALEZA

2014

FÁBIO FERNANDES TORRES

OS DOMÍNIOS FUNCIONAIS DO GERÚNDIO EM LÍNGUA PORTUGUESA

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará, como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em Linguística. Área de concentração: Descrição e Análise Linguística.

Orientadora: Prof^ª. Dra. Márluce Coan.

FORTALEZA

2014

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca de Ciências Humanas

-
- T645d Torres, Fábio Fernandes.
Os domínios funcionais do gerúndio em língua portuguesa / Fábio Fernandes Torres. – 2014.
2 v. (473 f.) : il., enc. ; 30 cm. .
- Tese(doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Departamento de Letras Vernáculas, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Fortaleza, 2014.
Área de Concentração: Linguística.
Orientação: Profa. Dra. Márluce Coan.
- 1.Língua portuguesa – Português escrito – Portugal. 2.Língua portuguesa – Português escrito – Brasil.
3.Língua portuguesa – Portugal – Gerúndio. 4.Língua portuguesa – Brasil – Gerúndio. 5.Língua portuguesa – Portugal – Modalidade. 6.Língua portuguesa – Brasil – Modalidade. 7.Língua portuguesa – Portugal – Tempo verbal. 8.Língua portuguesa – Brasil – Tempo verbal. 9.Língua portuguesa – Portugal – Aspecto verbal. 10.Língua portuguesa – Brasil – Aspecto verbal. I.Título.

FÁBIO FERNANDES TORRES

OS DOMÍNIOS FUNCIONAIS DO GERÚNDIO EM LÍNGUA PORTUGUESA

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará, como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em Linguística. Área de concentração: Descrição e Análise Linguística.

Aprovada em 18 de dezembro de 2014.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Márluce Coan – Orientadora
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Sebastião Carlos Leite Gonçalves
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP)
1º. Examinador (externo)

Profa. Dra. Raquel Meister Ko Freitag
Universidade Federal de Sergipe (UFS)
2ª. Examinadora (externa)

Prof. Dr. Valdecy de Oliveira Pontes
Universidade Federal do Ceará (UFC)
3º. Examinador (interno)

Profa. Dra. Márcia Teixeira Nogueira
Universidade Federal do Ceará (UFC)
4ª. Examinadora (interna)

Profa. Dra. Maria Alice Tavares
Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)
1ª. Suplente (externa)

Profa. Dra. Hebe Macedo de Carvalho
Universidade Federal do Ceará (UFC)
2ª. Suplente (interna)

Aos meus pais, *Gilson e Áurea*, e à minha eternamente querida *Alice (in memorian)*,
dedico.

AGRADECIMENTOS

A Deus,

pelo dom precioso da vida e por se fazer presente na minha história todos os dias. A Ti, Senhor, a honra, a glória, a força e o poder;

Aos meus pais Gilson e Áurea,

por me ajudarem a ser quem sou, por me ensinarem os valores cristãos e morais necessários à vida em sociedade. O que há em mim é reflexo daquilo que Deus cultivou em vocês;

À minha adorável e diletta esposa Gleicyane,

pela dedicação incansável, pela compreensão, amor e carinho sem limites que alegam todos os meus dias. O meu equilíbrio vem da paz duradoura e do amor que experimento em seus braços;

Aos meus avós Elias e Antônia,

pelo apoio durante todos esses anos de convivência. Como é bom experimentar a passagem do tempo com o carinho dos avós;

À minha tia e amiga Eliônia,

pelo carinho e dedicação. Sua amizade e a generosidade gratuitas são muito importantes na minha vida.

À Márluce Coan, minha orientadora,

pela orientação eficiente, dedicação exemplar e compreensão confiante. A maestria e a responsabilidade com que conduz seus orientandos são resultados de sua nobreza, competência e inteligência que tanto admiramos.

Aos meus professores e amigos da UFC,

pelas sugestões de textos, pelas acaloradas discussões, pelo apoio emocional. Tornamo-nos nova família, graças às afinidades que desenvolvemos ao longo dos anos;

Aos funcionários e bolsistas do PPGL – UFC,

pela presteza e pela dedicação ao programa e ao curso. As pesquisas desenvolvidas no PPGL – UFC não cumpririam seus objetivos sem o apoio de vocês;

À Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico – FUNCAP e à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES (Processo BEX 18526/12-8), pelo apoio financeiro;

A todos que me incentivaram com palavras, sorrisos, abraços, carinhos e olhares...

AGRADEÇO.

Última flor do Lácio, inculta e bela,
És, a um tempo, esplendor e sepultura:
Ouro nativo, que na ganga impura
A bruta mina entre os cascalhos vela...

Amo-te assim, desconhecida e obscura,
Tuba de alto clangor, lira singela,
Que tens o trom e o silvo da procela,
E o arrola da saudade e da ternura!

Amo o teu viço agreste e o teu aroma
De virgens selvas e de oceano largo!
Amo-te, ó rude e doloroso idioma,

em que da voz materna ouvi: "meu filho!",
E em que Camões chorou, no exílio amargo,
O gênio sem ventura e o amor sem brilho!

(Olavo Bilac)

RESUMO

Esta tese trata do estudo das construções gerundivas em Língua Portuguesa, a partir de dados provenientes dos séculos XVI, XVII, XVIII, XIX e XX, sob o suporte teórico do Funcionalismo Linguístico Norte-americano, para cumprir três objetivos principais: a) constituir um *corpus* diacrônico, de natureza e característica semelhantes, determinado por parâmetros bem regulares, para se analisar o funcionamento das construções gerundivas nas variedades do Português europeu e brasileiro, em perspectiva sincrônica e diacrônica, garantindo-se uma amostra equânime do material analisado; b) descrever o domínio funcional aspecto-temporal do gerúndio, no qual são codificadas as funções de tempo, aspecto e modalidade; c) descrever o domínio funcional aspecto-circunstancial do gerúndio, em que são expressas as circunstâncias associadas a aspecto. Foram encontradas 3.910 ocorrências de gerúndio, das quais 1.671 estão distribuídas no domínio aspecto-temporal e 2.239 estão distribuídas no domínio aspecto-circunstancial. As construções gerundivas foram submetidas a tratamento estatístico no programa Goldvarx, cuja frequência de uso foi verificada a partir das seguintes categorias: valores semântico-sintáticos, valores circunstanciais, noções temporais, noções aspectuais, modalidade, relevo discursivo, século e variedade do Português. Os resultados foram avaliados mediante o Princípio da Marcação, proposto por Givón (1990, 1991), e revelaram que: no domínio funcional aspecto-temporal, o gerúndio adjetivo e o gerúndio coordenado apresentam-se como categorias não-marcadas; o gerúndio independente, o gerúndio imperativo e o gerúndio conectivo como categorias intermediárias; e o gerúndio narrativo e o gerúndio descritivo como categorias marcadas. No domínio funcional aspecto-circunstancial, as circunstâncias de modo, tempo, causa são categorias não-marcadas; as circunstâncias de consequência, condição e finalidade são categorias intermediárias; e as circunstâncias de concessão, proporção, comparação e conformidade são circunstâncias marcadas.

Palavras-chave: gerúndio, domínio funcional, tempo, aspecto, modalidade e marcação.

ABSTRACT

This thesis deals with the study of constructions with gerund in Portuguese, researched from data from XVI, XVII, XVIII, XIX and XX centuries, by the theoretical perspective of North American Functionalism, to get three main purposes: a) to compose a diachronic *corpus* of similar nature and characteristic, determined by regular parameters in order to analyze the functioning of the constructions with gerund in Brazilian and European Portuguese, in synchronic and diachronic perspective, establishing an equal sample of the material analyzed; b) to describe the tense-aspect functional domain of gerund, in which the functions of tense, aspect and modality are codified; c) to describe the aspect-circumstantial functional domain of the gerund in which the circumstances are associated with the aspect. It was found 3,910 occurrences of gerund, 1,671 from them are distributed in tense-aspect domain and 2,239 are distributed in circumstantial-aspect domain. The gerund constructions were submitted to statistical analysis in Goldvarx program, whose frequency of use was verified from the following categories: syntactic-semantic values, circumstantial values, tense notions, aspect notions, modality, grounding, century and variety of Portuguese. The results were analyzed by Markedness Principle, proposed by Givón (1990, 1991), and they have revealed that: in the tense-aspect functional domain, the adjective gerund and coordinated gerund appear as marked categories; independent gerund, imperative gerund and connective gerund as intermediate categories; and the narrative and descriptive gerund as marked categories. In the circumstantial-aspect functional domain, the circumstances of mood, tense, cause are non-marked categories; the circumstances of consequence, condition and finality are intermediate categories; and the circumstances of concession, proportion, comparison and conformity are marked circumstances.

Keywords: gerund, functional domain, tense, aspect, modality and markedness.

RÉSUMÉ

Cette thèse porte sur l'étude de constructions du gérondif en Langue Portugaise, à partir de données des siècles XVI, XVII, XVIII, XIX et XX, sous le support théorique de fonctionnalisme linguistique nord-américain, à remplir trois objectifs principaux: a) constituer un *corpus* diachronique de nature et caractéristique similaires, déterminé par paramètres bien réguliers, pour analyser le fonctionnement des constructions du gérondif dans les variétés de Portugais Européen et Brésilien, dans une perspective synchronique et diachronique, assurer un échantillon égale du matériel analysé; b) décrire le domaine fonctionnel aspect-temporel du gérondif, dans lequel les fonctions de temps, de l'aspect et de la modalité sont codés; c) décrire le domaine fonctionnel aspect-circonstanciel du gérondif, qui sont exprimés dans les circonstances associées à l'aspect. Nous avons trouvé 3.910 cas de gérondif, dont 1.671 sont répartis dans le domaine aspect-temps et 2.239 sont répartis dans le domaine de l'aspect-circonstanciel. Les constructions du gérondif ont été soumis à une analyse statistique dans le programme GoldvarbX, dont la la fréquence d'utilisation a été vérifiée dans les catégories suivantes: valeurs sémantique-syntaxiques, valeurs circonstancielles, notions temporelles, notions aspectuelles, modalité, importance discursive, siècle et la variété du Portugais. Les résultats ont été évalués en composant le Principe de la Marcation, proposé par Givón (1990, 1991), et a révélé que: dans le domaine fonctionnel aspect-temporel, le gérondif adjectif et le gérondif coordonné sont présentés comme des catégories non marquées, le gérondif indépendant, le gérondif impératif et le gérondif conectif comme des catégories intermédiaires, et le gérondif récit et le gérondif descriptive comme des catégories marquées. Dans le domaine fonctionnel aspect-circonstanciel, les circonstances de mode, du temps, de cause ce sont des catégories non-marquées, les circonstances de conséquence, de condition et du but ce sont des catégories intermédiaires, et les circonstances de concession, de proportion, de comparaison et de conformité ce sont des circonstances marquées.

Mots-clés: le gérondif, le domaine fonctionnel, le temps, l'aspect, la modalité, la marcation.

RESUMEN

Esta tesis trata del estudio de las construcciones de gerundio en Lengua Portuguesa, a partir de datos provenientes de los siglos XVI, XVII, XVIII, XIX y XX, bajo el soporte-teórico del Funcionalismo Lingüístico Norte-americano, para cumplir tres objetivos principales: a) constituir un *corpus* diacrónico, de naturaleza y características semejantes, determinado por parámetros bien regulares, para que se analice el funcionamiento de las construcciones de gerundio en las variedades del Portugués europeo y brasileño, en las perspectivas sincrónica y diacrónica, garantizándose una muestra ecuánime del material analizado; b) describir el dominio funcional aspecto-temporal del gerundio en el cual son codificadas las funciones de tiempo, aspecto y modalidad; c) describir el dominio funcional aspecto-circunstancial del gerundio, en el cual son expresas las circunstancias asociadas a aspecto. Se encontraron 3.910 ocurrencias de gerundio, 1.671 de ellas están distribuidas en el dominio aspecto-temporal y 2.239 están distribuidas en el dominio aspecto-circunstancial. Las construcciones de gerundio se sometieron a tratamiento estadístico en el programa Goldvarx, cuya frecuencia de uso se verificó a partir de las siguientes categorías: valor semántico-sintáctico, valores circunstanciales, nociones temporales, nociones aspectuales, modalidad, relieve discursivo, siglo y variedad del Portugués. Se evaluaron los resultados mediante el Principio de la Marcación, propuesto por Givón (1990, 1991), y revelaron que: en el dominio funcional aspecto-temporal, el gerundio adjetivo y el gerundio coordinado se presentan como categorías no-marcadas; el gerundio independiente, el gerundio imperativo y el gerundio conectivo como categorías intermedias; y el gerundio narrativo y el gerundio descriptivo como categorías marcadas. En el dominio funcional aspecto-circunstancial, las circunstancias de modo, tiempo, causa son categorías no-marcadas; las circunstancias de consecuencia, condición y finalidad son categorías intermedias; y las circunstancias de concesión, proporción, comparación y conformidad son circunstancias marcadas.

Palabras-clave: gerundio, dominio funcional, tiempo, aspecto, modalidad y marcación.

RIASSUNTO

Questa tesi tratta dello studio delle costruzioni gerundive nella lingua portoghese a partire da dati provenienti dai secoli XVI, XVII, XVIII, XIX e XX, sotto il supporto teorico del Funzionalismo Linguistico Nordamericano, per compiere i tre obiettivi principali: a) costituire un *corpus* diacronico, di natura e caratteristica simili, determinato da parametri ben regolari, per analizzare il funzionamento delle costruzioni gerundive nelle varietà del Portoghese europeo e brasiliano, in prospettiva sincronica e diacronica, garantendosi una mostra uguagliata del materiale analizzato; b) descrivere il dominio funzionale aspetto-temporale del gerundio, in cui sono codificate le funzioni di tempo, aspetto e modalità; c) descrivere il dominio funzionale aspetto-circostanziale del gerundio, in cui sono espresse le circostanze relative all'aspetto. Sono state trovate 3910 occorrenze di gerundio, di cui 1671 sono distribuite nel dominio aspetto-temporale e 2239 sono distribuite nel dominio aspetto-circostanziale. Le costruzioni gerundive sono state sottomesse al trattamento statistico con l'aiuto del programma Goldvarx, la cui frequenza di usanza è stata verificata a partire dalle seguenti categorie: valore semantico-sintattico, valori circostanziali, nozioni temporali, nozioni aspettuali, modalità, rilievo discorsivo, secolo e varietà del Portoghese. I risultati sono stati valutati mediante il Principio della Segnalazione, proposto da Givón (1990, 1991), e hanno rivelato che: nel dominio funzionale aspetto-temporale, il gerundio aggettivo e il gerundio coordinato si presentano come categorie non segnalate, il gerundio indipendente e il gerundio connettivo come categorie intermedie, e il gerundio narrativo e il gerundio descrittivo come categorie segnalate. Nel dominio funzionale aspetto-circostanziale, le circostanze di modo, tempo, causa sono categorie non segnalate, le circostanze di conseguenza, condizione e finalità sono categorie intermedie, e le circostanze di concessione, proporzione, paragone e conformità sono circostanze segnalate.

Parole chiavi: gerundio, dominio funzionale, tempo, aspetto, modalità e segnalazione.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Historiografia das Línguas Românicas.....	28
Figura 2 – Correlação entre tempo, aspecto e modalidade e relevo discursivo	77
Figura 3 – Diagrama de representação da linha do tempo	83
Figura 4 – As noções aspectuais de Vendler (1967).....	102
Figura 5 – Distribuição das noções aspectuais das construções gerundivas, baseada em Comrie (1981).	103
Figura 6 – Parâmetros de Transitividade	107

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 –	Periodização da Língua Portuguesa	127
Quadro 2 –	Exemplo de letras góticas.....	128
Quadro 3 –	Escala de marcação para a complexidade estrutural do gerúndio em Língua Portuguesa.....	148
Quadro 4 –	Aplicação do princípio da Marcação à complexidade estrutural no gerúndio adjetivo.....	152
Quadro 5 –	Aplicação do princípio da Marcação às noções temporais no gerúndio adjetivo	154
Quadro 6 –	Aplicação do princípio da Marcação às noções aspectuais no gerúndio adjetivo	155
Quadro 7 –	Aplicação do princípio da Marcação à modalidade no gerúndio adjetivo ...	156
Quadro 8 –	Aplicação do princípio da Marcação ao relevo discurso no gerúndio adjetivo	157
Quadro 9 –	Aplicação do princípio da Marcação ao cruzamento entre século e variedade do Português no gerúndio adjetivo	158
Quadro 10 –	Aplicação do princípio da Marcação à complexidade estrutural no gerúndio coordenado	161
Quadro 11 –	Aplicação do princípio da Marcação às noções temporais no gerúndio coordenado	162
Quadro 12 –	Aplicação do princípio da Marcação às noções aspectuais no gerúndio adjetivo	163
Quadro 13 –	Aplicação do princípio da Marcação à modalidade no gerúndio coordenado	164
Quadro 14 –	Aplicação do princípio da Marcação ao relevo discursivo no gerúndio coordenado	165
Quadro 15 –	Aplicação do princípio da Marcação ao cruzamento das categorias século e variedade do Português no gerúndio coordenado	167
Quadro 16 –	Aplicação do princípio da Marcação à complexidade estrutural no gerúndio narrativo	168
Quadro 17 –	Aplicação do princípio da Marcação às noções temporais no gerúndio narrativo	169

Quadro 18 – Aplicação do princípio da Marcação às noções aspectuais no gerúndio narrativo	170
Quadro 19 – Aplicação do princípio da Marcação à modalidade no gerúndio narrativo..	171
Quadro 20 – Aplicação do princípio da Marcação ao relevo discursivo no gerúndio narrativo	172
Quadro 21 – Aplicação do princípio da Marcação ao cruzamento entre século e variedade do Português no gerúndio narrativo.....	173
Quadro 22 – Aplicação do princípio da Marcação às categorias de análise no gerúndio descritivo.....	176
Quadro 23 – Aplicação do princípio da Marcação às categorias de análise no gerúndio conectivo	178
Quadro 24 – Aplicação do princípio da Marcação às categorias de análise no gerúndio independente	181
Quadro 25 – Aplicação do princípio da Marcação às categorias de análise no gerúndio perifrástico simples e gerúndio perifrástico complexo	185
Quadro 26 – Escala de marcação para os valores semântico-sintáticos do gerúndio em Língua Portuguesa.....	186
Quadro 27 – Correlação entre o princípio da marcação e o princípio da expressividade	189
Quadro 28 – Aplicação do princípio da Marcação à complexidade estrutural do gerúndio na circunstância de modo.....	191
Quadro 29 – Aplicação do princípio da Marcação às noções temporais do gerúndio na circunstância de modo	193
Quadro 30 – Aplicação do princípio da Marcação às noções aspectuais do gerúndio na circunstância de modo	194
Quadro 31 – Aplicação do princípio da Marcação à modalidade do gerúndio na circunstância de modo.....	195
Quadro 32 – Aplicação do princípio da Marcação ao cruzamento das categorias século e variedade do Português na circunstância de modo.....	197
Quadro 33 – Aplicação do princípio da Marcação à complexidade estrutural do gerúndio na circunstância de tempo	198
Quadro 34 – Aplicação do princípio da Marcação às noções temporais do gerúndio na circunstância de tempo	200

Quadro 35 – Aplicação do princípio da Marcação às noções aspectuais do gerúndio na circunstância de tempo	201
Quadro 36 – Aplicação do princípio da Marcação quanto à modalidade do gerúndio na circunstância de tempo	202
Quadro 37 – Aplicação do princípio da Marcação ao cruzamento das categorias século e variedade do Português na circunstância de tempo.....	203
Quadro 38 – Aplicação do princípio da Marcação à complexidade estrutural do gerúndio na circunstância de causa	205
Quadro 39 – Aplicação do princípio da Marcação às noções temporais do gerúndio na circunstância de causa	207
Quadro 40 – Aplicação do princípio da Marcação às noções aspectuais do gerúndio na circunstância de causa	208
Quadro 41 – Aplicação do princípio da Marcação à modalidade do gerúndio na circunstância de causa	209
Quadro 42 – Aplicação do princípio da Marcação ao cruzamento entre século e variedade do Português na circunstância de causa.....	209
Quadro 43 – Aplicação do princípio da Marcação à complexidade estrutural do gerúndio na circunstância de consequência	212
Quadro 44 – Aplicação do princípio da Marcação às noções temporais do gerúndio na circunstância de consequência.....	213
Quadro 45 – Aplicação do princípio da Marcação às noções aspectuais do gerúndio na circunstância de consequência.....	215
Quadro 46 – Aplicação do princípio da Marcação à modalidade do gerúndio na circunstância de consequência	216
Quadro 47 – Aplicação do princípio da Marcação ao cruzamento entre século e variedade do Português na circunstância de consequência	217
Quadro 48 – Aplicação do princípio da Marcação à complexidade estrutural do gerúndio na circunstância de condição.....	218
Quadro 49 – Aplicação do princípio da Marcação às noções temporais do gerúndio na circunstância de condição.....	220
Quadro 50 – Aplicação do princípio da Marcação às noções aspectuais do gerúndio na circunstância de condição.....	221

Quadro 51 – Aplicação do princípio da Marcação à modalidade do gerúndio na circunstância de condição.....	222
Quadro 52 – Aplicação do princípio da Marcação ao cruzamento entre século e variedade do Português na circunstância de condição	223
Quadro 53 – Aplicação do princípio da Marcação às categorias de análise do gerúndio na circunstância de concessão.....	226
Quadro 54 – Aplicação do princípio da Marcação ao cruzamento entre século e variedade do Português na circunstância de concessão	227
Quadro 55 – Aplicação do princípio da Marcação às categorias de análise do gerúndio na circunstância de finalidade	230
Quadro 56 – Aplicação do princípio da Marcação ao cruzamento entre século e variedade do Português na circunstância de finalidade.....	231
Quadro 57 – Aplicação do princípio da Marcação às categorias de análise do gerúndio na circunstância de comparação.....	234
Quadro 58 – Aplicação do princípio da Marcação ao cruzamento século e variedade do Português na circunstância de comparação.....	235
Quadro 59 – Aplicação do princípio da Marcação às categorias de análise do gerúndio na circunstância de proporção.....	237
Quadro 60 – Aplicação do princípio da Marcação às categorias de análise do gerúndio na circunstância de conformidade.....	240
Quadro 61 – Aplicação do princípio da Marcação ao cruzamento entre século e variedade do Português na circunstância de conformidade	241
Quadro 62 – Escala de marcação para os valores circunstanciais do gerúndio	242
Quadro 63 – Distribuição dos valores semântico-sintáticos do gerúndio na escala de marcação.....	246
Quadro 64 – Distribuição dos valores circunstanciais gerúndio na escala de marcação ..	247
Quadro 65 – Distribuição da complexidade estrutural do gerúndio na escala de marcação.....	247

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Frequência das construções gerundivas em Língua Portuguesa	147
Tabela 2 – A complexidade estrutural do gerúndio adjetivo	151
Tabela 3 – As noções temporais no gerúndio adjetivo	153
Tabela 4 – Os valores aspectuais no gerúndio adjetivo	154
Tabela 5 – A modalidade no gerúndio adjetivo	155
Tabela 6 – O relevo discursivo no gerúndio adjetivo.	156
Tabela 7 – Cruzamento entre século e variedade do Português no gerúndio adjetivo...	157
Tabela 8 – A complexidade estrutural no gerúndio coordenado.....	159
Tabela 9 – As noções temporais no gerúndio coordenado.....	161
Tabela 10 – As noções aspectuais no gerúndio coordenado.....	162
Tabela 11 – A modalidade no gerúndio coordenado	164
Tabela 12 – O relevo discursivo no gerúndio coordenado.....	165
Tabela 13 – Cruzamento entre século e variedade do Português no gerúndio coordenado	166
Tabela 14 – A complexidade estrutural no gerúndio narrativo.....	168
Tabela 15 – As noções temporais no gerúndio narrativo.....	169
Tabela 16 – As noções aspectuais no gerúndio narrativo.	170
Tabela 17 – A modalidade no gerúndio narrativo.....	171
Tabela 18 – O relevo discursivo no gerúndio narrativo.....	172
Tabela 19 – Cruzamento entre século e variedade do Português no gerúndio narrativo	173
Tabela 20 – As categorias de análise no gerúndio descritivo	174
Tabela 21 – As categorias de análise no gerúndio conectivo.....	177
Tabela 22 – As categorias de análise no gerúndio independente.....	179
Tabela 23 – As categorias de análise no gerúndio perifrástico.....	182
Tabela 24 – Os tipos de oração e o gerúndio perifrástico	183
Tabela 25 – Distribuição da frequência das construções gerundivas nos domínios funcionais e no <i>corpus</i>	188
Tabela 26 – A complexidade estrutural na circunstância de modo.....	191
Tabela 27 – As noções temporais na circunstância de modo.....	192
Tabela 28 – Os valores aspectuais na circunstância de modo.....	194

Tabela 29 – A modalidade na circunstância de modo.....	195
Tabela 30 – Cruzamento entre século e variedade do Português na circunstância de modo.....	196
Tabela 31 – A complexidade estrutural na circunstância de tempo.....	198
Tabela 32 – As noções temporais na circunstância de tempo.....	199
Tabela 33 – As noções aspectuais na circunstância de tempo.....	201
Tabela 34 – A modalidade na circunstância de tempo.....	202
Tabela 35 – Cruzamento entre século e variedade do Português na circunstância de tempo.....	203
Tabela 36 – A complexidade estrutural na circunstância de causa.....	205
Tabela 37 – As noções temporais na circunstância de causa.....	206
Tabela 38 – Os valores aspectuais na circunstância de causa.....	208
Tabela 39 – A modalidade na circunstância de causa.....	209
Tabela 40 – Cruzamento entre século e variedade do Português na circunstância de causa.....	210
Tabela 41 – A complexidade estrutural na circunstância de consequência.....	211
Tabela 42 – As noções temporais na circunstância de consequência.....	213
Tabela 43 – Os valores aspectuais na circunstância de consequência.....	213
Tabela 44 – A modalidade na circunstância de consequência.....	215
Tabela 45 – Cruzamento entre século e variedade do Português na circunstância de consequência.....	216
Tabela 46 – A complexidade estrutural na circunstância de condição.....	218
Tabela 47 – As noções temporais na circunstância de condição.....	219
Tabela 48 – Os valores aspectuais na circunstância de condição.....	220
Tabela 49 – A modalidade na circunstância de condição.....	221
Tabela 50 – Cruzamento entre século e variedade do Português na circunstância de condição.....	222
Tabela 51 – Categorias analisadas na circunstância de concessão.....	224
Tabela 52 – Cruzamento entre século e variedade do Português na circunstância de concessão.....	226
Tabela 53 – Categorias analisadas na circunstância de finalidade.....	228
Tabela 54 – Cruzamento entre século e variedade do Português na circunstância de finalidade.....	231

Tabela 55 – Categorias analisadas na circunstância de comparação	232
Tabela 56 – Cruzamento entre século e variedade do Português na circunstância de comparação.....	234
Tabela 57 – Categorias analisadas na circunstância de proporção	236
Tabela 58 – Categorias analisadas na circunstância de conformidade	238
Tabela 59 – Cruzamento entre século e variedade do Português na circunstância de conformidade.....	240

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	24
2	O GERÚNDIO: DO LATIM ÀS LÍNGUAS ROMÂNICAS	26
	<i>APRESENTAÇÃO</i>	26
2.1	Algumas palavras sobre as origens da Língua Portuguesa	26
2.2	As formas nominais em Latim – as origens do gerúndio em Português.....	29
2.2.1	<i>O participio em Latim</i>	30
2.2.2	<i>O gerúndio em Latim</i>	31
2.2.3	<i>O participio presente x o gerúndio em Latim</i>	32
2.2.4	<i>O participio futuro passivo (gerundivo) x o gerúndio em Latim</i>	34
2.3	O gerúndio nas outras línguas românicas	39
2.3.1	<i>O gerúndio na Língua Italiana</i>	39
2.3.2	<i>O gerúndio em Língua Francesa</i>	41
2.3.3	<i>O gerúndio em Língua Espanhola</i>	43
2.4	O gerúndio em algumas gramáticas normativas da Língua Portuguesa ...	46
2.5	Alguns estudos descritivos e algumas propostas de classificação do gerúndio.....	51
2.5.1	<i>O gerúndio na sintaxe clássica de Brandão (1963)</i>	51
2.5.2	<i>O estudo histórico-descritivo de Campos (1980)</i>	59
2.5.3	<i>A descrição de Mória e Viotti (2004)</i>	61
2.6	Peculiaridades sintáticas do gerúndio na estrutura oracional	62
2.6.1	<i>O gerúndio flexionado em Português Europeu não-padrão</i>	63
2.6.2	<i>O duplo gerúndio</i>	65
2.7	Proposta de classificação dos tipos de gerúndio	67
	CONSIDERAÇÕES FINAIS DO CAPÍTULO	68
3	OS PRESSUPOSTOS FUNCIONALISTAS E AS NOÇÕES DE TEMPO, ASPECTO E MODALIDADE	70
	<i>APRESENTAÇÃO</i>	70
3.1	O Funcionalismo Linguístico.....	70
3.2	O domínio funcional TAM– tempo, aspecto e modalidade.....	75
3.2.1	<i>O tempo verbal</i>	80
3.3.1.1	<i>O tempo presente</i>	84

3.2.1.2	<i>O tempo passado</i>	86
3.2.1.3	<i>O tempo futuro</i>	87
3.2.1.4	<i>A expressão de tempo verbal nas construções gerundivas</i>	90
3.2.2	<i>Aspecto</i>	92
3.2.3	<i>A modalidade</i>	103
3.3	<i>A transitividade e o relevo discursivo</i>	106
3.3.1	<i>A transitividade e o relevo discursivo nas construções com gerúndio</i>	109
3.4	<i>O papel da frequência em fenômenos gramaticais</i>	113
	CONSIDERAÇÕES FINAIS DO CAPÍTULO	115
4	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	117
	APRESENTAÇÃO	117
4.1	<i>A pesquisa linguística com dados de escrita</i>	117
4.2	<i>Composição, caracterização e organização do corpus</i>	121
4.2.1	<i>A transcrição, editoração e sistematização do corpus</i>	127
4.3	<i>Categorias de análise</i>	132
4.4	<i>A análise estatística</i>	138
	CONSIDERAÇÕES FINAIS DO CAPÍTULO	140
5	OS DOMÍNIOS FUNCIONAIS DO GERÚNDIO EM LÍNGUA PORTUGUESA	141
	APRESENTAÇÃO	141
5.1	<i>A descrição funcional do gerúndio por domínio</i>	141
5.2	<i>O domínio aspecto-temporal do gerúndio</i>	145
5.2.1	<i>O gerúndio adjetivo</i>	149
5.2.2	<i>O gerúndio coordenado</i>	158
5.2.3	<i>O gerúndio narrativo</i>	167
5.2.4	<i>O gerúndio descritivo</i>	174
5.2.5	<i>O gerúndio conectivo</i>	176
5.2.6	<i>O gerúndio independente</i>	178
5.2.7	<i>O gerúndio perifrástico</i>	182
5.3	<i>O domínio aspecto-circunstancial</i>	186
5.3.1	<i>A circunstância de modo</i>	190
5.3.2	<i>A circunstância de tempo</i>	197
5.3.3	<i>A circunstância de causa</i>	204

5.3.4	<i>A circunstância de consequência</i>	211
5.3.5	<i>A circunstância de condição</i>	217
5.3.6	<i>A circunstância de concessão</i>	223
5.3.7	<i>A circunstância de finalidade</i>	227
5.3.8	<i>A circunstância de comparação</i>	231
5.3.9	<i>A circunstância de proporcionalidade</i>	235
5.3.10	<i>A circunstância de conformidade</i>	238
	CONSIDERAÇÕES FINAIS DO CAPÍTULO	246
	CONCLUSÕES	248
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	250

1 INTRODUÇÃO

Fugit irreparabile tempus (Virgílio)¹

A história do Português, como a de qualquer outra língua, fascina estudiosos e seus próprios usuários, na tentativa de se buscarem, nos registros escritos dos antepassados, motivações e explicações para as funções assumidas por determinadas formas linguísticas em seu estágio atual ou para se descrever o percurso trilhado por essas formas, atentando-se para as motivações de natureza sintático-semânticas, semântico-lexicais e textual-discursivas.

Ao se aventurar pelos caminhos percorridos pelas formas linguísticas, isto é, ao se descrever seus traços funcionais, está-se mergulhando na história da língua. É o que se pretende com esta pesquisa, que se dedica ao estudo das construções com gerúndio em Língua Portuguesa, tomando-as sob as perspectivas sincrônica e diacrônica, para cumprir três objetivos principais: a) constituir um *corpus* diacrônico, de natureza e característica semelhantes, determinado por parâmetros bem regulares, por meio do qual se possa analisar o funcionamento das construções gerundivas no Português nos séculos XVI, XVII, XVIII, XIX e XX, garantindo-se uma amostra equânime do material analisado; b) descrever o domínio funcional aspecto-temporal do gerúndio, no qual são codificadas as funções de tempo, aspecto e modalidade; c) descrever o domínio funcional aspecto circunstancial, em que são materializadas as circunstâncias associadas a aspecto.

Esta tese, assim, interessa-se por todas as ocorrências de gerúndio, quer em construções perifrásticas quer em construções simples, cuja análise será feita na seguinte perspectiva: a) no domínio aspecto-temporal, partiremos dos valores semântico-sintáticos do gerúndio para testar as categorias complexidade estrutural, noções temporais, noções aspectuais, modalidade, relevo discursivo, século e variedade do Português; b) no domínio aspecto-circunstancial, partiremos dos valores circunstanciais do gerúndio e testaremos as mesmas categorias que foram testadas no domínio aspecto-temporal. Os dados serão submetidos ao programa estatístico Goldvarbx, que permite o cruzamento entre as formas e funções analisadas, correlacionando-as às categorias (ou grupo de fatores) controladas e examinadas sob o aporte teórico do Funcionalismo Linguístico, em sua vertente americana.

¹ O tempo foge irreparável (tradução livre).

Para cumprir os objetivos que se propõe, esta tese está organizada em dois volumes e do seguinte modo: no volume I, apresentamos esta introdução (capítulo I), o capítulo II, o capítulo III, o capítulo IV, o capítulo V, as conclusões e as referências e, no volume II, apresentamos o *corpus* constituído para esta pesquisa, bem como as normas para transcrição e notação.

No segundo capítulo, discutem-se, em perspectiva diacrônica, as funções desempenhadas pelo particípio e gerúndio latinos e as funções assumidas, posteriormente, pelo gerúndio em Português e em algumas línguas neolatinas. Em seguida, faz-se uma revisão bibliográfica dos estudos descritivos do gerúndio, apresentando-se a descrição feita por algumas gramáticas normativas e a proveniente de algumas pesquisas, como a de Brandão (1963) e a de Campos (1980), entre outras, que apresentaram algumas propostas de classificação das construções gerundivas.

No terceiro capítulo, apresentam-se os pressupostos teóricos do Funcionalismo linguístico, principalmente na configuração da vertente americana, e discutem-se os conceitos e noções do Funcionalismo que são explorados nesta tese, tais como domínio funcional, tempo, aspecto, modalidade, iconicidade, marcação e frequência.

No quarto capítulo, apresentam-se os procedimentos metodológicos adotados nesta pesquisa, no que diz respeito às decisões tomadas para seleção, organização e compilação do *corpus*, e apresentam-se as categorias de análise e as características do programa estatístico GOLDVARBX.

No quinto capítulo, procede-se à descrição dos domínios funcionais aspecto-temporal e aspecto-circunstancial, considerando-se os valores semântico-sintáticos, os valores circunstanciais do gerúndio, as categorias de análise, os pressupostos do funcionalismo norte-americano para se analisar os percentuais fornecidos pelo programa estatístico, que serão examinados à luz do princípio da marcação, proposto por Givon (1990, 1991).

Nas conclusões, são retomados, de maneira bastante resumida, os resultados discutidos no capítulo quinto e sugerem-se desdobramentos para pesquisas posteriores que tenham por interesse a descrição do funcionamento das construções gerundivas no Português brasileiro e europeu.

2 O GERÚNDIO: DO LATIM ÀS LÍNGUAS ROMÂNICAS

“Felix qui potuit rerum cognoscere causas”. (Virgílio, Geórgias)²

APRESENTAÇÃO

Como o objetivo desta tese é descrever as funções do gerúndio na Língua Portuguesa ao longo de sua história, discutiremos, neste capítulo, o gerúndio em perspectiva diacrônica, partindo dos seguintes pontos: (a) especificação das funções desempenhadas pelo participípio e gerúndio latinos, e das funções assumidas, posteriormente, pelo gerúndio em Português e em algumas línguas neolatinas; (b) revisão bibliográfica dos estudos sobre o gerúndio, quer na descrição disponibilizada em algumas gramáticas normativas, quer na descrição apresentada por alguns pesquisadores, que propuseram classificações para as construções gerundivas³.

2.1 Algumas palavras sobre as origens da Língua Portuguesa

É consensual a afirmação de que a Língua Portuguesa é uma língua neolatina, assim como o Francês, o Espanhol, o Italiano e o Romeno, tendo em vista que cada uma dessas línguas tem um ancestral comum, o Latim, língua oficial do Império Romano. Ainda no séc. III a.C, os romanos ocuparam a Península Ibérica, expulsaram ou subjugarão os povos que habitavam a região antes da chegada dos romanos (celtas, iberos, gregos, fenícios, cartagineses) e adotaram o cristianismo como religião e o Latim como língua oficial.

A esse respeito, há de se considerar que a variedade do Latim que foi introduzida nos territórios conquistados não era a mesma falada e escrita em Roma, mas uma variedade menos prestigiada, a que se costuma denominar Latim Vulgar. Conforme Ilari (1992), todas

² Feliz aquele que pode conhecer a causa das coisas (tradução livre).

³ Utilizaremos, intercambiavelmente, as expressões construções gerundivas, construções com gerúndio, orações com gerúndio, entre outras, para nos referirmos às construções de que o gerúndio faz parte, seja o gerúndio simples, seja o gerúndio perifrástico, o duplo gerúndio ou o gerúndio composto.

as línguas vivas apresentam variações correspondentes a estratificações sociais e a estratificações geográficas e com o Latim também não foi diferente. Por ser a língua de uma sociedade que evoluía e se tornava cada vez mais complexa, tendo em vista a quantidade de povos de línguas diferentes que eram subjugados ao Império Romano e a própria estratificação da sociedade romana, dividida entre patrícios e plebeus, o Latim que chegou à Península era representativo dessa complexidade social do Império Romano, portanto, detentor de variedades associadas à estrutura social e cultural diversificadas.

Ilari (1992) salienta, também, outro importante aspecto que contribuiu para a diversidade linguística da época, o aparecimento da Literatura Latina, tendo em vista que, durante muito tempo, os autores latinos produziram uma literatura baseada num ideal da *urbanitas*, evitando formas ou expressões que conotassem arcaísmo ou provincianismo ou que lembrassem a educação precária das classes sociais inferiores ou campestres (*rusticitas*). Assim, os autores latinos produziram uma literatura ligada à aristocracia, que não era representativa da língua efetivamente falada em todo o Império. A variedade menos prestigiada, ou as variedades, ficaram circunscritas ao que se denominou de Latim Vulgar⁴ – para se referir à língua latina relativamente uniforme, falada nos primeiros séculos da era cristã, que serviu como ponto de partida para o estudo das línguas românicas modernas.

Segundo Maurer Jr (1962), ao lado do *sermo urbanus* ou *cotidianus*, praticado pela aristocracia romana, que constitui o Latim Clássico quando em sua forma escrita, está a língua da plebe (*sermo plebeius*), constituído de elementos romanos primitivos em sua estrutura somados à linguagem das populações rurais e a dos imigrantes que assimilavam o idioma romano, deixando nessa variedade as marcas dessa assimilação. Para Maurer Jr (1962), o Latim Vulgar ter-se-ia iniciado por volta do século III a. C. e desaparecido no século

⁴ A palavra “vulgar” admite três interpretações possíveis: a) pode-se tomar ‘vulgar’ no sentido de corriqueiro, banal, sem conotações pejorativas – para se referir ao Latim falado e escrito em situações informais (inclusive pela aristocracia); b) pode-se tomar a palavra “vulgar” com sentido pejorativo de “reles”, “baixo”, que se costuma associar a vulgo e vulgaridade – para se referir à língua usada pelas camadas mais humildes da sociedade romana; e c) pode-se interpretar “vulgar” em conexão com “vulgarismo” – nome que ainda hoje os puristas dão às formas e expressões que julgam condenáveis por suas conotações populares, provincianas e arcaizantes.

A primeira dessas interpretações aplicada ao proto-romance é, certamente, equivocada. Existiu, é verdade, um latim coloquial falado pela aristocracia: e os gramáticos e escritores romanos recomendaram frequentemente que a linguagem da literatura se baseasse nele; mas essa era uma recomendação de caráter conservador, e visava a evitar que a língua literária se afastasse de seu suporte tradicional – a língua falada pela aristocracia – não a aproximá-lo do proto-romance. Para indicar a expressão coloquial da aristocracia, tal como aparece, por exemplo, na correspondência de Cícero, os escritores latino usam às vezes o nome *sermo vulgaris*, o que só agravava a confusão.

Quanto ao segundo sentido de “vulgar”, há bons motivos para se crer que o proto-romance foi de fato uma língua eminentemente popular. (ILARI, 1992, p. 58 -59)

V da era cristã, quando tem início a formação do proto-romance. O autor aponta uma série de argumentos históricos que comprovam o caráter popular dessa variedade do Latim, da qual se formou nossa língua:

a) o testemunho de escritores latinos sobre a existência de um latim plebeu e rústico, conforme as declarações de Quintiliano, Aulo Gélcio e Cícero;

b) a latinização das regiões conquistadas se fez por meio da plebe romana, visto que o sistema de colonização se dava por meio do exército e dos camponeses;

c) um grande número de peculiaridades do latim vulgar pode ser encontrado em Plauto, e o fato de essas características não terem ascendido ao latim literário, estilização da língua romana, prova sua filiação plebeia;

d) as raízes populares e bárbaras da vida social da România moderna, cujo exame das instituições aponta sua tríplice origem – romana, bárbara e cristã, pois o que há de romano na civilização românica evidencia o caráter plebeu e não a sociedade refinada e culta do período imperial;

e) maior frequência de formas concretas e expressivas: maior número de nomes concretos, de artigos, de pronomes; prefixação e sufixação etc;

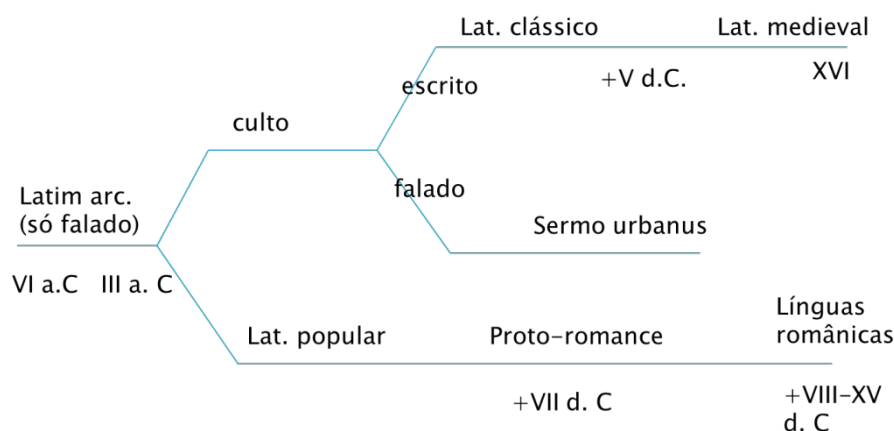
f) a incorporação de termos provenientes de outras línguas, termos gregos, celtas e germânicos.

Maurer Jr (1962) conclui, portanto, que o Latim Vulgar não era apenas o Latim falado em Roma, mas a língua falada pela plebe romana, instrumento de comunicação do Tejo ao Danúbio. E complementa:

se o latim literário se baseia em uma língua viva, falada no tempo de Cícero – como veremos –, é claro que esta não podia ser o latim que chamamos vulgar e que deu origem às línguas românicas, e isto por uma razão muito simples: é que tudo quanto sabemos a respeito do estado em que se achava esse latim no século I a. C, ou mesmo antes, revela que ele já apresentava um número tão grande de inovações de caráter românico, que nunca teria dado origem ao latim sintético, de flexão tão rica, dos grandes monumentos literários que Roma nos legou (MAURER JR, 1962, p. 137-138).

O quadro a seguir resume como se deu o processo de evolução do Latim e de formação das línguas românicas:

Figura 1: Historiografia das Línguas Românicas.



Fonte: Ilari (1992, p. 64).

A Língua Portuguesa, assim como as demais línguas neolatinas, tem sua origem, portanto, no Latim Vulgar, que não pode ser confundido com a modalidade oral da Língua Latina, mas como uma variedade popular, visto que o Latim Clássico também tinha sua variedade oral culta. Essa informação é de suma importância para compreendermos determinados fenômenos da Língua Portuguesa, como o que estamos analisando nesta pesquisa, visto que há fortes evidências de que havia uma ‘disputa funcional’ entre o particípio presente e o gerúndio (idênticos na forma), tendo prevalecido apenas essa última com ampla carga funcional na Língua Portuguesa. Além disso, essa origem comum explica, em parte, a parcial equivalência das funções de gerúndio do Português e das outras línguas românicas.

2.2 As formas nominais em Latim – as origens do gerúndio em Português

Embora a Língua Portuguesa seja o resultado de um longo período de influências das línguas de outros povos (celtas, godos, visigodos, árabes) sobre o Latim Vulgar, ainda assim compartilha com o Latim semelhanças na morfologia, na sintaxe, na fonologia e no vocabulário. Dentre essas semelhanças, podemos destacar o aspecto morfológico dos verbos do português moderno que conservam notável semelhança com os verbos latinos,

particularmente no que se refere às desinências nas conjugações. Há, contudo, diferenças bastante salientes entre as duas línguas no que diz às formas nominais do verbo.

Havia em Latim as seguintes formas nominais do verbo: **o infinitivo**, **o particípio (presente, passado e futuro)**, **o gerúndio** e **o supino**. Essas formas podiam desempenhar funções do verbo ou do nome (substantivo e adjetivo) e ainda serem empregadas com funções adverbiais. Dessas formas nominais, interessam-nos aqui aquelas que desempenhavam funções semelhantes à do gerúndio, o que pode ter influenciado os usos no Português moderno: o particípio e o gerúndio.

2.2.1 O particípio em Latim

O particípio em Latim divide-se em três: o particípio presente, o particípio passado e o particípio futuro.

a) **o particípio presente** (*amans, ntis*) – corresponde a uma oração relativa em Português, concorda com o substantivo a que se refere e mantém a regência verbal, mas declina-se como se fosse um nome da 3ª declinação:

(1) *homines amantes virtutem*⁵ (o particípio presente *amantes* vai para o nominativo plural para concordar com *homines*, que está neste caso, mas também exerce a função verbal, pois exige o complemento *virtutem* que vai para o acusativo singular).

homens que amam a virtude.

b) **o particípio passado** (*amatus, a, um*) – concorda em gênero, número e caso com o nome a que se refere, é empregado na voz passiva e funciona como um adjetivo de 1ª classe, sendo declinado pela 2ª declinação no masculino e no neutro ou pela 1ª declinação, se o substantivo for feminino.

(2) *Discipūlus laudātus est.*

⁵ Almeida (1980), p. 204

O aluno foi louvado.

c) **o particípio futuro** tem duas formas – uma para a voz ativa e outra para a voz passiva.

- **o particípio ativo** (urus,-ura, -urum) declina-se como um adjetivo de 1ª classe, flexionando-se pela 2ª declinação no masculino e no neutro ou pela 1ª declinação, se o substantivo for feminino, concordando em gênero, número e caso com o nome a que se refere. Equivale em Português a uma oração relativa:

(3) *Tempōra uentura* = tempos que virão, tempos que hão de vir.⁶

- **o particípio passivo** (*ndus, nda, ndum*), também chamado de **gerundivo**⁷, denota sempre uma ação futura, que indica obrigatoriedade. Sua declinação ocorre como um adjetivo de 1ª classe, declinando-se pela 2ª declinação no masculino e no neutro ou pela 1ª declinação, se o substantivo for feminino, concordando em gênero, número e caso com o nome a que se refere.

(4) *Vrbes delende* = cidades que vão ser destruídas, que devem ser destruídas.⁸

2.2.2 O gerúndio em Latim

O gerúndio latino é um substantivo verbal, flexionando-se como um neutro singular da 2ª declinação, nos casos genitivo, dativo, ablativo e acusativo.

Nom. *Amare humanus est* = amar é humano.⁹

Gen. *Tempus amandi est* = é tempo de amar.

Dat. *Puellæ cupidæ sunt amando* = as meninas estão ansiosas para amar.

⁶ Idem.

⁷ Alguns autores, como Campos (1973) e Simões (2007), tratam o gerundivo como mais uma forma nominal, e outros, como Almeida (1980), tratam-no como um tipo de particípio futuro. Neste trabalho, seguiremos a classificação de Almeida (1980).

⁸ Almeida (1980), p. 205.

⁹ No nominativo, o gerúndio pode ser considerado uma variação do infinitivo.

Ac. *Puera liber est ad **amandum*** = a jovem é livre para amar.

Abl. *Amor crescit **amando*** = o amor cresce amando¹⁰.

Desse modo, o gerúndio latino não corresponde ao gerúndio do Português em todos os sentidos, mas apenas na estrutura, já que temos, em nossa língua, a terminação *-nd*. O sentido do gerúndio em Português corresponde ao particípio presente latino, uma vez que o particípio presente deu a formação de adjetivos em Português, e o gerúndio passou a exercer suas funções, e ao sentido do gerúndio no caso ablativo.

Na passagem do Latim para o Português, ou melhor, no processo de formação da Língua Portuguesa, o gerúndio sofreu redução de algumas funções, que podem ser explicadas do seguinte modo, ancorando-se em Pereira (1935): a) no caso nominativo, em que se marcavam as funções de sujeito da oração, o gerúndio não ocorria porque era substituído nesta função pelo infinitivo do verbo; b) no caso acusativo, o gerúndio era regido pelas preposições *ad* ou *inter* e foi substituído pelo infinitivo em Português; c) no caso genitivo, o gerúndio passou para o Português substituído pelo infinitivo; d) no ablativo, o gerúndio podia ser regido pelas preposições *de*, *cum* e *sine*, que passou para o Português arcaico com as preposições *de*, *sem* e *em*, das quais apenas a regência com a preposição *em* se manteve no Português contemporâneo.

2.2.3 O particípio presente x o gerúndio em Latim

Há, contudo, de se tecer considerações quanto à declinação do gerúndio no caso ablativo. Nas orações ativas, no caso ablativo, havia duas estruturas básicas: construções absolutas (o ablativo absoluto) e construções adverbiais (ablativo do gerúndio ou o particípio presente):

a) **construções absolutas** (ablativo absoluto) – eram assim classificadas as orações em que a oração reduzida não estabelecia uma dependência sintática bem definida

¹⁰ A respeito do gerúndio no caso ablativo, de onde deriva o gerúndio em Português, segundo os gramáticos, compare-se seu emprego com o do particípio presente na seção seguinte, tendo em vista que as duas formas recebem a mesma tradução em nossa língua.

com a oração desenvolvida, possuindo sujeito diferente do que é expresso nesta última. Nesta situação, o sujeito da construção absoluta flexiona-se no caso ablativo e a forma nominal do verbo concorda em caso (ablativo), gênero e número, enquanto o sujeito da oração desenvolvida vai para o nominativo e o verbo flexiona-se concordando em número e pessoa.

(5) *Hostibus pulsus, Cæsar in fines Æduorum pervēnit.*¹¹

Expulsos os inimigos, Cesar chegou ao território dos Éduos.

(6) *Nobis non sentientibus, labitur ætas.*¹²

Não sentindo nós, a idade se esvai.

b) **construções adverbiais** – o emprego do ablativo do gerúndio ou do particípio presente dependia do sentido que se queria empregar na oração adverbial: se se queria indicar uma **causa** ou **meio**, empregava-se o ablativo do gerúndio; se se queria indicar uma **concomitância temporal** de uma ação em relação à outra, empregava-se o particípio presente.

(7) *didicit legendo.*¹³

Aprendeu lendo (= o modo como aprendeu, aprendeu por meio da leitura).

(8) *didicit legens.*¹⁴

Aprendeu lendo (= ao mesmo tempo que lia, aprendia; uma ação ocorria ao mesmo tempo que outra).¹⁵

Assim, o ablativo do gerúndio indicava, normalmente, o meio ou o instrumento com que se realizava a ação, enquanto o particípio presente exprimia todas as circunstâncias da ação principal, como o tempo, a causa, a concessão, o modo, com exclusão do meio e do instrumento, que eram específicas do ablativo do gerúndio. Segundo Campos (1973), de todos

¹¹ Almeida (1980), p. 256.

¹² Idem.

¹³ Idem.

¹⁴ Idem.

¹⁵ Em Língua Portuguesa, a diferença de sentido entre essas duas orações não é tão clara, um dos fatores que explicam a ausência do particípio presente em nossa língua.

esses casos de ocorrência do gerúndio e do gerundivo, conservou-se nas línguas românicas apenas o gerúndio proveniente do caso ablativo.

2.2.4 O *participio futuro passivo (gerundivo) x o gerúndio em Latim*

O gerúndio em Latim tem semelhança com o gerundivo (ou *participio futuro passivo*) quanto à forma, mas tem significado e funções diferentes. Almeida (1980) aponta as seguintes diferenças entre uma e outra função:

a) O gerundivo ocorre em voz passiva; enquanto o gerúndio latino ocorre na voz ativa;

b) O gerundivo tem a função de adjetivo verbal, declina-se em todos os casos e declinações, concordando com o nome a que se refere; ao passo que o gerúndio latino é substantivo verbal, que se declina pela 2ª declinação e nos casos genitivo, dativo, ablativo e acusativo apenas;

c) O gerundivo é uma forma participial (*participio futuro passivo*); já o gerúndio latino é uma variação do infinitivo;

d) O gerundivo indica qualidade, uma vez que é adjetivo; por outro lado, o gerúndio latino indica uma coisa (um estado de coisas).

Segundo Campos (1973), a função do **gerúndio** e, em parte, a do **gerundivo**, é a de completar a flexão do infinitivo, uma vez que este não tem flexão própria e só ocorre com valor nominal no nominativo e no acusativo. Para a autora, “a diferença fundamental entre o gerúndio e o gerundivo é que este último é usado normalmente quando se tem objeto direto, ficando o primeiro reservado para as construções intransitivas” (CAMPOS, 1973, p. 384).

Campos (1973) estabelece as seguintes diferenças entre gerundivo e gerúndio:

a) No genitivo e no ablativo sem preposição, é facultativo o uso de uma ou de outra forma, quando há objeto; não havendo, só se emprega o gerúndio.

(9) "*Tum Caesar: Equidem, inquit, Crasse, ita sum cupidus... te. . . audiendi...*" (Cic, De Or., II, 4, 16)¹⁶ = "Então, disse César: na verdade, Crasso, estou tão desejoso de ouvir-te...".

(gerúndio no genitivo, com objeto)

b) No acusativo e no ablativo preposicionados, no genitivo, precedido por causa e *gratia*, e no dativo, encontra-se o gerúndio quando o verbo não tem objeto e o gerundivo, quando o verbo se constrói com objeto:

(10) "*. . . quas ego mihi semper in administranda republica proponens reanimum et mentem meam ipsa cogitatione hominum excellentium conformabam.*" (Cic, Pro Arch., VI, 14)¹⁷ = "... e eu, colocando-os sempre diante de mim ao administrar a república, moldava o meu espírito e a minha mente no próprio pensamento destes homens excelentes".

(gerundivo no ablativo preposicionado, com objeto).

Assim, pode-se perceber que o gerúndio (substantivo verbal) e o particípio presente (adjetivo verbal) cumulavam nuances funcionais do verbo e do nome, e indicavam ações progressivas do verbo e características permanentes (cursivas, progressivas) do nome. Há fortes evidências de que, graças às nuances de aspecto progressivo, tenha ocorrido uma competição funcional entre gerúndio e particípio presente.

A noção de aspecto progressivo é, portanto, o traço fundamental das construções com gerúndio, visto que pressupomos ser esse o traço comum a todas as ocorrências de gerúndio e que se manteve em todas as línguas romanas, como veremos na seção seguinte. Essa posição parece ser também a de Pereira (1935), quando lista as funções do gerúndio e seu emprego no Português, principalmente no que diz respeito às dúvidas de emprego do gerúndio ou da oração adjetiva.

(...) o gerundio ahi assumindo a feição de adjuncto attributivo do sujeito e do complemento é conversível na oração relativa ou adjetiva.

Não obstante a conversabilidade do gerundio na oração relativa, nesses dois casos, nem sempre ha perfeita equivalencia entre esta e aquelle e a pureza da linguagem pôde reclamar um e outro na tradução do participio latino. Do acertado da escolha depende o emprego correto do gerundio. Qual o critério? A falta desse criterio é que

¹⁶ O exemplo é de Campos (1973).

¹⁷ Idem.

tem dado origem a toda confusão e incerteza no emprego do gerúndio. Para resolver, em grande parte o intrincado problema, devemos procurar esse critério no próprio carácter grammatical do gerúndio e da oração relativa. O gerúndio, retendo sempre seu carácter de factio verbal, evoca espontaneamente a noção de tempo, de actualidade da acção, o que não acontece com a oração relativa. Esta exprime meramente a idéa adjectiva de participio, a simples qualidade ou estudo, sem qualquer circumstancia temporal. (PEREIRA, 1935, p. 539-540).

O gerúndio assumiu todas as possibilidades que eram expressas através do participio presente em Latim, tanto as que indicavam as qualidades transitórias quanto as que indicavam as qualidades permanentes, o que se configura como a primeira situação de variação que se estabeleceu ainda no Latim e se estendeu pelos primeiros anos de formação de nossa língua.

Silveira Bueno (1958) afirma que o participio presente era uma forma concorrente com o gerúndio no Português arcaico, mas foi substituído pelo gerúndio e pelas orações relativas adjectivas. As formas terminadas em *-nte* (de participio presente) são apresentadas como a gramaticalização do participio presente em adjectivos simples como *pedinte*, *ouvinte*, etc; substantivos como *estudante*, *assistente*, *crente*, etc; e palavras invariáveis (advérbio) como *não obstante*, *não embargante*.

Para Campos (1972), o participio presente teve pouca frequência no Português e esteve atrelado quase sempre a textos eclesiásticos, quando pouco se usava o gerúndio, como em:

a) orações circunstanciais, regendo complementos

(11) En' o nome de Deus, El rei don Afonso pela gracia de Deus rei de Portugal, sendo sano e saluo, *temente* o dia de mia morte...¹⁸

b) orações adjectivas

(12) O terceiro, que sempre se ponham pallavras que sejam dereita linguagem, *respondentes* ao latim.¹⁹

c) como adjectivo

¹⁸ Exemplos de Campos (1972)

¹⁹ Idem.

(13) Certamente não somos *abastantes* pera elo, pola multidão dos nossos pecados.²⁰

d) como nomes e expressões estereotipadas que deram origem a conjunções, preposições e locuções prepositivas e conjuntivas.

(14) ...ensina os homees a serem bõos *caualgantes*.²¹

(15) Et *nom embargante* que dos seus direyτος possa dar aaquelle que for mais amado...²²

Campos (1973) afirma que a distinção existente entre o ablativo do gerúndio e o participio presente, que era rigorosa no período clássico, desfez-se no período tardio, onde era comum o uso de uma forma pela outra, conforme exemplo.

(16) "...quod... *in redeundo* cum idem pomerium transiret, auspicari esset oblitus..." (Cic, Nat. Deor., I I , 4, 11) = ...porque... ao voltar, como atravessasse o pomério, tinha-se esquecido de tomar os auspícios...²³

(gerúndio preposicionado)

(*in redeundo = rediens*)

Said Ali (1921) argumenta que, no Português clássico, a frequência de uso do gerúndio aumentou e se começou a usar o gerúndio para dar forma concisa e elegante às orações subordinadas. Segundo o linguista, identificar as terminações *-ndo* do verbo português como o caso ablativo do Latim é uma postura meramente morfológica, em que se descartam a significação e as funções herdadas pelo gerúndio do participio presente.

Como as demais linguas románicas, o idioma portuguez não herdou do gerúndio latino senão a forma ablativa. Termina nosso gerúndio em *-ando*, *-endo* ou *-indo*, conforme a conjugação a que pertence o verbo. Tem aplicação muito mais ampla que em latim, fazendo as vezes do participio presente, o qual perdeu a função verbal, passando a servir de adjetivo e substantivo (SAID ALI, 1921, p. 160)

²⁰ Idem.

²¹ Idem.

²² Idem.

²³ Idem.

Pereira (1907) afirma que tanto em Latim quanto em Português antigo, o particípio era constituído pelas formas terminadas em *-nte*, mas no Português moderno, as formas terminadas em *-nte* tornaram-se meros adjetivos ou substantivos, passando o gerúndio a exercer as funções próprias do particípio presente.

O gerundio confunde morfológicamente com o participio presente e difficil é discriminá-los pelo sentido um do outro. Por isso muitos grammaticos não fazem a distincção entre particio presente (amando) e o gerúndio (amando).

Tendo-se archaizado em portuguez, como já mostrámos, o participio presente em ante, ente e inte oriundo do particípio presente latino, o gerundio em ando assumiu todas as suas funcções, não perdendo, entretanto, as que lhe eram próprias.

A differença, pois, entre gerundio e particípio presente é toda funcional, e nem sempre claramente discriminavel. (PEREIRA, 1907, p. 304)

Pereira (1935) adverte ainda que a construção particípio presente com genitivo, que fazia o particípio presente perder as nuances verbais, transformando-o em mero adjetivo, era restrita no Latim clássico, mas teve amplo desenvolvimento no Latim vulgar, quando se observa a variação entre o particípio presente e o gerúndio, afirmando haver registros disso na gramática de Chassang:

Nella temos o germe da lucta que se travou entre o particípio presente e o gerúndio que deu em resultado a victória deste e o desaparecimento quasi completo do particípio presente. A lucta iniciou-se no b. lat. onde o gerundio substituíra por vezes o particípio do lat. clássico. (PEREIRA, 1935, p. 533).

O gramático informa-nos também que o particípio presente sobreviveu até o século XVI, com sua respectiva força verbal, sendo substituído pelo gerúndio, configurando-se uma mudança na língua.

Deste uso archaico que sobreviveram alguns vestígios em phrases feitas, taes são: temente a Deus, não obstante isso, tirante isso, mal soante, bem fallante, dependente de, adherente a, passante de (...) Fôra esses resquícios da antiga syntaxe, o particípio deixou-se dominar inteiramente pelo gerúndio (PEREIRA, 1935, p.533).

Dessa competição que teve início ainda no Latim clássico e que se concretizou, segundo Pereira (1935), no século XVI, o gerúndio absorveu grande parte das funções exercidas pelo particípio presente, que foi distribuído em duas classes gramaticais em português, substantivos (negociante, estudante, etc) e adjetivos (falante, temente, fervente etc), e ampliou sua carga funcional, compensando as perdas de funções que sofreu para o infinitivo.

Se na passagem do Latim para o Português, o gerúndio sofreu restrições funcionais, perdendo funções para o infinitivo, o processo parece ter se invertido em seguida. As construções com gerúndio ganharam uma multiplicidade funcional, podendo, inclusive, ocorrer como núcleo da predicação verbal e não apenas como circunstancial a ela. Esse comportamento, sem dúvidas, deu às construções com gerúndio saliência funcional na oração, visto que passou a ocorrer dentro de construções altamente previsíveis na estrutura oracional. É o que pretendemos demonstrar com o mapeamento funcional das ocorrências de gerúndio em Língua Portuguesa.

2.3. O gerúndio nas outras línguas românicas

Nesta seção, faremos uma breve descrição das funções do gerúndio nas outras línguas românicas, com exceção do Romeno²⁴, para compararmos o comportamento funcional do gerúndio nessas línguas com o do Português.

2.3.1 O gerúndio na Língua Italiana

Em Italiano, há dois tipos de gerúndio, ambos com valores temporais: *il presente* (*cantando, lendo, udendo* = cantando, lendo e ouvindo) e *il passato* (formado a partir do verbo ter no gerúndio + o particípio, isto é, *avendo cantato, avendo letto, avendo udito* = tendo cantado, tendo lido, tendo ouvido). Vejamos em que consiste cada um desses tipos.

a) o **gerúndio presente** é empregado nas orações subordinadas, que são chamadas de orações gerundivas; e na formação de perífrases verbais, geralmente os verbos ir + gerúndio (*andare + gerundio*) e estar + gerúndio (*stare + gerundio*), que exprimem uma ação progressiva e durativa. Vejamos os exemplos:

²⁴ Tendo em vista a ausência de contato do pesquisador com o Romeno, não discutiremos o comportamento do gerúndio nessa língua.

(17) *discutevamo camminando*. (conversávamos caminhando ≈ enquanto caminhávamos).

(18) *il tempo va migliorando* (o tempo vai melhorando).

(19) *sto studiando* (estou estudando).

b) o **gerúndio passado** (*gerundio passato*) não é muito usado no italiano moderno falado, já que é normalmente substituído por uma oração equivalente na forma finita e equivale, em Português, ao gerúndio composto. Segundo Dardano e Trifone (1995, p. 359), diz-se “*è stato promosso perché ha studiato piuttosto che avendo studiato è stato promosso*” = (foi promovido porque estudou, em vez de **tendo estudado** foi promovido).

Quanto aos valores circunstanciais, as orações adverbiais reduzidas de gerúndio em Italiano assumem os mesmos valores que as orações gerundivas adverbiais expressam nas outras línguas românicas: causal (*causale*), concessivo (*concessivo*), condicional (*ipotetico*), modal (*modale*) e temporal (*temporale*). Vejamos a seguir exemplos de cada um desses valores:

a) **Causal** (*causale*): *Non avendo molto tempo, prenderò un taxi per andare all'aeroporto*. (= Não **tendo** muito tempo, pegaram um táxi para ir ao aeroporto).

b) **Concessivo** (*concessivo*): *Pur essendo in novembre, fa' ancora abbastanza caldo*. (= Mesmo **sendo** novembro, ainda faz muito calor).

c) **Condicional** (*ipotetico*): *Facendo attenzione, non farai errori*. = (**Prestando** atenção, não cometerá erros).

d) **Modal** (*modale*): *Potete migliorare l'italiano parlando anche fuori dalle ore di lezione*. (= Pode melhorar seu italiano **falando** fora do horário escolar).

e) **Temporal** (*temporale*): *Ascoltando il suo CD preferito, sorseggiava un bicchiere di vino rosso*. (= **Escutando** ele seu CD preferido, sorvia um copo de vinho tinto).

Em Italiano, há, também, o emprego do gerúndio perifrástico, equivalentemente ao que acontece na Língua Portuguesa. Vejamos os exemplos a seguir:

a) O emprego do gerúndio simples logo após o verbo **estar** (*stare*) indica uma ação que está em desenvolvimento:

(20) *In questo momento Antonio **sta scrivendo** una e-mail.*(= Neste momento Antonio **está escrevendo** um e-mail).

b) O emprego de alguns verbos no gerúndio (tais como: *aumentare* =aumentar, *crescere* = crescer, *migliorare* = melhorar e *peggiorare* = piorar) logo após o verbo *andare* (ir) pode indicar uma ação em progressivo aumento ou diminuição.

(21) *La sua salute **va migliorando** di giorno in giorno grazie a quella cura.* = A sua saúde **vai melhorando** dia após dia graças a esses cuidados.

2.3.2 O gerúndio em Língua Francesa

No Francês moderno, há as funções próprias do gerúndio (*le gérondif*) e as funções próprias do particípio presente (*participe présent*), ambos com valores temporais e aspectuais, e há ainda o adjetivo verbal (*l'adjectif verbal*), que desempenha funções parecidas com as do particípio presente.

a) *O particípio presente (participe présent)*

O particípio presente em Francês é formado a partir do radical do verbo proveniente da segunda pessoa do plural do presente do indicativo + o sufixo *-ant* e ocorre no período composto com sujeito diferente do que é empregado na oração principal, equivalendo a uma oração adjetiva desenvolvida.

(22) *Nous **écoutons** la radio -> **écoutant** la radio.*

*Les personnes **écoutant** la radio sont informes.* (= As pessoas que ouvem rádio são informadas ≈ *As pessoas ouvindo rádio são informadas*).

(23) *Nous **élevons** la voix -> **élevant** la voix.*

Les personnes élevant la voix ne sont pas polies = (As pessoas que elevam a voz não são polidas ≈ *As pessoas elevando a voz não são polidas*).

b) O adjetivo verbal (*l'adjectif verbal*)

O adjetivo verbal, função que era desempenhada pelo particípio presente em Latim, é também formado a partir do verbo, concorda em número e gênero com o nome que qualifica e tem quase sempre a mesma terminação que o particípio presente.

(24) *C'est un livre passionnant que j'ai lu la semaine précédente.* (= Este é um livro *fascinante* que eu li na semana anterior)²⁵.

Part. Presente

adjetivo verbal

Verbo	particípio presente	adjetivo verbal
<i>Adhérer</i> (aderir)	<i>adhérant</i> (aderindo)	<i>adhérent</i> (aderente)
<i>naviguer</i> (navegar)	<i>navigeant</i> (navegando)	<i>navigente</i> (navegante)
<i>Preceder</i> (preceder)	<i>précédant</i> (precedendo)	<i>précédent</i> (precedente)

c) O gerúndio (*le gérondif*)

O gerúndio em Francês tem a mesma formação que o particípio presente, mas obrigatoriamente é precedido da preposição *em* e, necessariamente, o sujeito da oração no gerúndio é o mesmo sujeito da oração desenvolvida.

(25) *Nous écoutons la radio -> en écoutant la radio.*

En écoutant la radio, je bois du vin (= **ouvindo** o rádio, eu bebo vinho).

(26) *En élevant la voix, vous ne trouverez pas ma pensée trop audacieuse* = *elevando* a voz, você não encontrará meu ousado pensamento (A. C. L'étranger, p. 157).

Em se tratando dos valores circunstanciais, o gerúndio em Francês expressa as mesmas circunstâncias que as demais línguas românicas.

²⁵ Note-se que o adjetivo verbal também pode equivaler a uma oração adjetiva: *passionnant* = *qui passionne*; *précédente* = *qui précède*. Numa tradução literal para o Português, temos: *apaixonante* = *que apaixona*; *precedente* = *que precede*.

a) **Tempo** = *Pierre prend son café en lisant le journal*. (Pierre toma seu café *lendo* o jornal).

b) **Causa** = *Je suis tombé em marchant*. (= Eu caí *andando*).

c) **Condição** = *En cherchant des informations, on va découvrir la vérité sur Max*. (= *buscando* as informações, vamos descobrir a verdade sobre Max).

d) **Meio** = *Il s'est cassé la jambe en skiant* (= Ele quebrou a perna *esquiando*).

e) **Concessão** = *Il a écrit la thèse, tout étant trop occupé* (= Ele escreveu a tese, mesmo *sendo* muito ocupado).

2.3.3 O gerúndio em Língua Espanhola

Quanto à formação, o gerúndio em Espanhol segue o mesmo paradigma do gerúndio em Língua Portuguesa, ou seja, deve-se acrescentar à raiz do verbo a terminação *-ndo* (ex.: *cant-a-ndo*), com acréscimo das vogais *ie* antes da terminação *-ndo* (ex.: *vend-ie-ndo*; *part-ie-ndo*) aos verbos de segunda e terceira conjugação. Há dois tipos de gerúndio:

a) o gerúndio simples:

O gerúndio simples, geralmente, apresenta o valor de tempo **simultâneo** ao processo expresso pelo verbo principal, seja acontecimentos passados, presentes ou futuros: *Llegaban cantando* = chegavam cantando; *Llegan cantando* = chegam cantando; *Llegarán cantando* = chegarão cantando²⁶.

(27) *Isabel ganó un premio en el colegio escribiendo versos*²⁷ (= Isabel ganhou um prêmio escrevendo versos).

b) o gerúndio composto (*habiendo rezado* = *tendo rezado*, *havendo rezado*).

²⁶ Real Academia Española (2010, p. 517).

²⁷ Real Academia Española (2010, p. 511).

O gerúndio composto, por causa do caráter perfectivo do verbo auxiliar *haber* (=haver) manifesta sempre valor temporal **antecedente** ao verbo da oração principal:

(28) *Habiendo venido por unas damas convidadas a las fiestas, sin entrar en mi casa, determinaba volverme luego com ellas.*²⁸ (= Tendo vindo por causa de umas damas que haviam sido convidadas às festas, decidiu voltar logo com elas, sem entrar em minha casa).

O gerúndio em Espanhol, semelhante ao gerúndio em Português, também pode desempenhar propriedades gramaticais do adjetivo (**gerúndio adjetivo**), funcionar como complemento do nome (**gerúndio predicativo**), ocorrer de forma externa à oração, como uma descrição dela (**gerúndio periférico**²⁹) e ainda fazer referência ao ato de fala (**gerúndio elocutivo**³⁰):

(29) *El agua hirviendo es la de la cazuela grande*³¹. (= A água fervente é a da caçarola grande) - gerúndio adjetivo.

(30) *Él permaneció contemplando a los niños com mirada absorta, hasta que los ojos se le umedeceron y se los secó* (García Marquez, *Cien años*)³². (= Ele permaneceu contemplando as crianças com olhar absorto até que os seus olhos se umedeceram e secaram) - gerúndio predicativo.

(31) *El Ministerio, viendo el número de casos irregulares, anuló las pruebas*³³ (= O Ministério, vendo o número de casos irregulares, anulou as provas) - gerúndio periférico.

(32) *Resumiendo – concluyó, ácido, Guadalmedina - Que has estado punto de despachar al valido Rey de Inglaterra*³⁴ (= Resumindo – concluiu, ácido, Guadalmedina - Que esteve a ponto de despachar o valioso Rei da Inglaterra) – gerúndio elocutivo.

Vejamos, agora, os valores circunstanciais expressos pelo gerúndio em Espanhol, à semelhança do que temos visto nas demais línguas românicas:

²⁸ Real Academia Española (2010, p. 518).

²⁹ Também chamado de gerúndio absoluto, temático ou de tópico.

³⁰ Também chamado de ilocutivo.

³¹ Real Academia Española (2010, p. 512).

³² Real Academia Española (2010, p. 514).

³³ Real Academia Española (2010, p. 513).

³⁴ Idem.

a) **Tempo:** *Buscandolos lentes encontré la factura del dentista* (= Procurando os óculos, encontrei a fatura do dentista).

b) **Causa:** *Rompiendose la pierna, no fue a la escuela.* (= Quebrando a perna, não foi à escola).

c) **Modo:** *Redactó el trabajo poniendo todo el cuidado del mundo* (= Redigiu o trabalho pondo todo o cuidado do mundo).

d) **Condição:** *No habiendo problemas firmamos hoy el contrato* (= Não havendo problemas, firmamos hoje o contrato).

e) **Concessão:** *Aun estudiando noche y dia, no aprobó en el examen.* (= Ainda estudando noite e dia, não foi aprovado no exame).

c) O gerúndio perifrástico em Espanhol

As principais perífrases³⁵ de gerúndio em Espanhol são as seguintes:

a) A perífrase *estar + gerundio* – que denota um processo que começou, mas ainda não foi concluído, ou seja, expressa um aspecto progressivo:

(33) *Ahora está hablando el presidente.* (=Agora, está falando o presidente).

b) A perífrase *ir + gerundio* – que tem não apenas aspecto progressivo, pois apresenta a ideia de que a ação não foi concluída e se realiza em etapas sucessivas até alcançar um limite final:

(34) *Bien sabía yo cómo acababan esas experiencias y qué cúmulo de desencanto iban dejando en mí.* (= Eu bem que sabia como acabavam essas experiências e que acúmulo de desencanto ia deixando em mim).

c) A perífrase *venir + gerundio* – que também expressa uma sucessão linear de eventos.

³⁵ Os exemplos desta subseção foram colhidos em Real Academia Española (2010, p. 547-553)

(35) *A derecha y a izquierda, los montes que a lo largo de toda ribera venían flaqueando las choperas y los prados (...)*. (= À direita e à esquerda, os montes que ao longo de toda ribeira vinham fraquejando os choupais e os prados).

d) a perífrase *andar + gerundio* – que descreve situações que são desenvolvidas de modo iterativo:

(36) *Ello hacía que todos anduvieran olfateando el aire como perdigueiros*. (= Isso fazia com que todos andassem farejando o ar como cachorros).

e) A perífrase *llevar + gerundio* – que pode designar o início do estado de coisas:

(37) *Y como no encuentra mejor cosa que decir, repite lo mismo que lleva diciendo desde la mañana*. (= E como não encontra uma coisa melhor para dizer, repete a mesma coisa que diz desde a manhã).

f) A perífrase *pasar(se) + gerundio* – que requer um grupo nominal de significação temporal:

(38) *En el calabozo de al lado había una presa que se pasaba las horas cantando*. (= No calabouço do lado, havia uma presa que passava horas cantando).

g) A perífrase *vivir + gerundio* – que é usada no espanhol americano coloquial para fazer referência a ações que se repetem de forma habitual:

(39) *Tembló ao imaginar la irrupción de aquella policía sobre cuya fuerza y barbaridades vivía oyendo*. (Tremeu ao imaginar a impetuosidade daquela polícia sobre cuja força e barbaridades vivia ouvindo).

h) A perífrase *seguir + gerundio* – que denota uma ação anterior ao ato de fala:

(40) *Férula, horrorizada por el gasto, procuró evitar que siguiera haciendo locuras (...)*. (= Férula, horrorizada pelo gasto, procurou evitar que seguisse fazendo loucuras).

2.4 O gerúndio em algumas gramáticas normativas de Língua Portuguesa

As gramáticas normativas de Língua Portuguesa costumam ser simplistas em relação ao emprego do gerúndio, limitando-se quase sempre a apresentar sua terminação nas três conjugações verbais. Quando se referem ao emprego das formas nominais do verbo, o gerúndio e o particípio, por serem formas não flexionadas, têm pouco destaque, ao contrário da discussão dedicada ao infinitivo e às formas flexionadas. Para demonstrarmos essa limitação ou omissão dos gramáticos em relação ao fenômeno, apresentemos como essa forma nominal é discutida em algumas gramáticas tradicionais populares no Brasil.

Sacconi (1985), no que se refere ao emprego do gerúndio, limita-se a apresentar o “gerúndio como a forma nominal que se usa: a) nas locuções verbais (As crianças estão chorando até agora.); b) em orações reduzidas (Não dispondo de combustíveis, os países escandinavos utilizam a energia elétrica em grande escala.)” (SACCONI,1985, p. 169). Ao final da apresentação, o gramático afirma que “o gerúndio geralmente equivale a um advérbio, mas pode também funcionar como adjetivo (pele ardendo, água fervendo, casa contendo três quartos)” (SACCONI,1985, p. 170) e passa a tratar de outras formas nominais. Ao tratar das orações reduzidas, o gramático assegura que as reduzidas de gerúndio serão sempre adverbiais, raramente adjetivas ou substantivas.

Almeida (2011) discute o infinitivo e suas funções, mas é econômico em relação ao emprego do gerúndio, limitando-se a:

O gerúndio apresenta o resultado do processo verbal. Sua terminação é -ndo para as três conjugações. Não estando em uma locução verbal (estou estudando), tem valor de advérbio ou de adjetivo:

Estudando, aprenderás mais. (estudando= com estudo)

Alunos falando atrapalham a aula. (falando= falantes) (ALMEIDA, 2011, p. 178)

Bechara (2003) afirma que o gerúndio pode ter valor de advérbio ou de adjetivo (amanhecendo, sairemos = logo pela manhã sairemos; água fervendo = água fervente). Na função adjetiva, o gramático declara que o gerúndio tem sido apontado como galicismo, embora o referido emprego seja antigo na língua e tenha sido introduzido para assumir a função do particípio presente, que desapareceu do quadro verbal do português, para ingressar no quadro nominal. E acrescenta: “aceitar o gerúndio como construção vernácula não implica adotá-lo a todo momento, acumulando-o numa série de mal gosto” (BECHARA, 2003, p. 518)

Quanto ao emprego das formas nominais, o gramático apresenta os usos do infinitivo e retoma a discussão do gerúndio, ao tratar das orações reduzidas, apresentando as orações adjetivas e adverbiais reduzidas de gerúndio. São chamadas de orações reduzidas aquelas que têm o verbo principal ou auxiliar no gerúndio. Bechara define as orações adjetivas reduzidas de gerúndio como as que indicam:

(a) uma atividade passageira de um nome ou pronome:

(41) cujos braços selvagens de guerra começava a soar ao longe como um trovão ribombando no vale.

(b) uma atividade permanente de um nome ou pronome – qualidade essencial, inerente aos seres, própria das coisas:

(42) algumas comédias havia com este nome contendo argumentos mais sólidos.

No que diz respeito às orações adverbiais reduzidas de gerúndio, são apresentados os seguintes valores, com exemplos: causa, consequência, concessão, condição, modo, instrumento, meio e tempo.

Cunha (1986) traz uma ampla exposição sobre o emprego do gerúndio, destacando-se entre os gramáticos acima mencionados. No que diz respeito à forma, assegura que o gerúndio pode se apresentar em duas formas:

a) **a forma simples** (escrevendo) – “expressa uma ação em curso, que pode ser imediatamente anterior ou posterior à do verbo da oração principal ou contemporânea dela” (CUNHA, 1986, p. 461).

b) **a forma composta** (tendo ou havendo escrito) – tem caráter perfeito (quanto ao aspecto) e “indica uma ação concluída anteriormente à que exprime o verbo da oração principal” (CUNHA, 1986, p. 461)

No que diz respeito ao gerúndio simples, o gramático postula ainda que seu valor temporal depende quase sempre de sua colocação na frase e apresenta os seguintes valores de seu emprego:

a) **gerúndio anteposto à oração principal** – se colocado no início do período, exprime uma ação realizada imediatamente antes da que é indicada na oração principal ou uma ação que teve começo antes da indicada na oração principal e ainda continuou.

(43) *Dizendo* estas palavras, estendeu-lhe a nota.

(44) *Visitando* há poucos dias a cidade de Santos, relembrei alguns episódios ligados à minha vida comercial, nos seus primeiros ensaios.

b) **gerúndio ao lado do verbo principal** – se empregado junto ao verbo principal, o gerúndio expressa uma ação simultânea, correspondente a um adjunto adverbial de modo.

(45) O trovão ronca tremendo.

c) **gerúndio posposto à oração principal** – se posto depois da oração principal, o gerúndio indica ação posterior e equivale a uma oração coordenada iniciada pela conjunção **e**.

(46) Estávamos à porta de casa, deram-me uma carta, dizendo que vinha de uma senhora.

d) **gerúndio antecedido da preposição em** – marca enfaticamente a anterioridade imediata da ação com referência à do verbo principal.

(47) Ele, em chegando aos setecentos mil-réis, trancaria a porta.

e) **construções afetivas** – emprego que pode exprimir a ideia de progressão contínua, acentuando-se se a forma vier repetida.

(48) Reduzindo, reduzindo ficou nisto.

O gramático também inclui na categoria das construções afetivas os casos de gerúndio com valor de imperativo, restrito à linguagem popular.

(49) Seguindo! (= vá seguindo! Siga)³⁶

³⁶ Os exemplos de 43 a 49 são de Cunha (1986).

Quanto ao emprego do gerúndio em locuções verbais, Cunha (1986) afirma que o gerúndio combina-se com os auxiliares *estar*, *andar*, *ir* e *vir* para marcar diferentes aspectos da execução do processo verbal.

a) o auxiliar *estar*, seguido de gerúndio, indica uma ação durativa num momento rigoroso.

(50) O mundo está mudando a sua fisionomia, a vida está adquirindo novas formas e novo colorido.

b) o auxiliar *andar*, seguido de gerúndio, indica uma ação durativa com ideia de intensidade ou reiteração.

(51) Muita gente andou pensando que o M. Bandeira de tantos desenhos admiráveis era eu.

c) o auxiliar *ir*, seguido de gerúndio, expressa uma ação durativa que se realiza progressivamente ou por etapas sucessivas.

(52) Uma porta vai rodando, vão rodando grossas chaves.

d) *vir*, seguido de gerúndio, exprime uma ação durativa que se desenvolve gradualmente em direção ao lugar ou momento em que se encontra o falante.

(53) Vinha, entre nuvens, o luar nascendo.

No que diz respeito às orações reduzidas, o gramático descreve as orações reduzidas adjetivas e adverbiais assumidas pelo gerúndio, mas esclarece que o emprego do gerúndio com valor de oração adjetiva tem sido condenado como um galicismo, ressaltando que tal construção é antiga na língua.

(54) Vi um menino correndo.

Em se tratando das adverbiais temporais, Cunha (1986) afirma que o gerúndio tem fundamentalmente sentido temporal e, por isso, as orações adverbiais reduzidas de gerúndio equivalem, na maioria dos casos, a orações subordinadas adverbiais temporais.

(55) Apartando-se do ajudante, Arnaldo esteve algum tempo a refletir, e encaminhou-se para a gruta.

Elas também podem assumir outros valores como *causa*, *concessão* e *condição*, conforme exemplos a seguir, respectivamente.

(56) Não possuindo os dons do Presidente de acreditar no impossível, nem raciocinando o meu espírito da mesma maneira que o seu, eu via as coisas ruins, mal paradas mesmo.

(57) Para ser franco, tive vontade de sair. Era que ninguém podia voltar, mesmo querendo.

(58) Todos os sacrifícios ela os faria, sendo necessário, para poupar-lhe um desgosto, e auxiliá-lo nos trabalhos da vida.³⁷

2.5 Alguns estudos descritivos e algumas propostas de classificação do gerúndio

Dentre os estudos descritivos do gerúndio, merecem destaque, quer pela riqueza de detalhes quer pela grandiosidade da amostra e das discussões, a descrição feita por Cláudio Brandão em sua *Sintaxe Clássica Portuguesa* (1963)³⁸ e o estudo histórico-descritivo de Campos (1972), em tese de doutoramento. Tivemos acesso apenas ao livro que dela resultou, publicado em 1980. Além desses, apresentamos também outras propostas de classificação que contribuíram para o andamento desta pesquisa.

2.5.1 O gerúndio na sintaxe clássica de Brandão (1963)

³⁷ Os exemplos de 50 a 58 são de Cunha (1986).

³⁸ Temos conhecimento da existência da tese de doutoramento de Cláudio Brandão intitulada “O particípio presente e o gerúndio em português”, de 1933, à qual, infelizmente, não tivemos acesso.

O gerúndio, em cujo emprego original era um simples instrumental, que funcionava como complemento circunstancial de meio (DOCENDO DISCIMUS = ensinando aprendemos), tinha valor de advérbio. Desse emprego original passou a exprimir outras ideias, tais como estado ou modo de ser, em geral transitórios, atribuídos quer ao sujeito, quer ao complemento de um verbo principal, conforme exemplos apontados por Brandão (1963, p. 478).³⁹

(59) Os sacerdotes salios iam *cantando* e *saltando* pelas ruas.

(60) Quirino achou os guardas *vigiando*.

Para o autor, “vê-se nesses dois exemplos que o gerúndio reveste-se do caráter nitidamente participial, desempenhando a função de predicativo respectivamente do sujeito e do objeto” (BRANDÃO, 1963, p. 478). Da afirmação de Brandão, há de se concordar que o caráter participial com função de predicativo aplica-se nitidamente ao exemplo (60), mas não se pode dizer o mesmo quanto ao exemplo (59), cujo valor circunstancial se mantém, o que explica um modo de ser da ação desempenhada pela perífrase (*iam cantando*), isto é, seu valor aspectual que se salienta pela junção do gerúndio ao verbo *ir*, tomado como auxiliar. Se substituirmos o gerúndio por um adjetivo correspondente, a noção participial fica evidente, como um caráter permanente do sujeito, mas não parece ser a mesma interpretação da oração construída com gerúndio. Comparemos, a este respeito, os desdobramentos a seguir:

(60) Os sacerdotes iam *cantando* e *saltando* pelas ruas.

(60a) Os sacerdotes iam *cantantes* e *saltitantes* pelas ruas.

(60b) Os sacerdotes *cantantes* e *saltitantes* iam pelas ruas.

(60c) Os sacerdotes iam pelas ruas e estavam *cantando* e *saltando*.

É da natureza dupla do gerúndio (substantivo verbal – compartilhava traços do verbo e do nome), portanto de sua natureza participial, conforme vimos nas seções anteriores, que provém seus valores atributivos e atividade (modo como se desenvolve o processo verbal). Se a incorporação das funções de participio presente foram os motivos funcionais

³⁹ Os exemplos desta subseção são de Brandão (1963).

para o amplo uso do gerúndio em Língua Portuguesa, esses traços funcionais não parecem ser suficientes para explicarmos as ocorrências de gerúndio nas perífrases verbais.

A partir do valor de particípio presente, Brandão classifica o gerúndio em três grandes tipos: o gerúndio apositivo, o gerúndio predicativo e o gerúndio atributivo. Os outros tipos apontados por Brandão (1963) são: o gerúndio absoluto, o gerúndio impessoal. Além disso, o autor traz uma seção com o título de outros empregos do gerúndio. Passemos a analisar essa classificação.

a) **O gerúndio apositivo**

Na descrição de Brandão (1963), o gerúndio apositivo “refere-se ao sujeito de um verbo regente, faz as vezes de uma oração relativa explicativa, de uma oração adverbial, de um adjetivo aposto de um advérbio ou locução adverbial” (BRANDÃO, 1963, p. 480). Com base nessa afirmação, o autor apresenta dois tipos de aposição do gerúndio em relação à oração principal: a aposição relativa (desempenha a função de adjunto adnominal) e a aposição adverbial (desempenha a função de adjunto adverbial).

Na aposição relativa, o gerúndio equivale a uma oração adjetiva em sua forma desenvolvida, é o gerúndio adjetivo, na nomenclatura de Campos (1980), conforme veremos na subseção 2.5.2 e ocorrências qualificadas como galicismos pelos gramáticos de Língua Portuguesa.

Na aposição adverbial, Brandão (1963) descreve as várias circunstâncias que o gerúndio pode assumir, começando pelas circunstâncias temporais (tempo simultâneo, tempo anterior e tempo posterior) e seguindo pelas circunstâncias adverbiais propriamente ditas: meio, modo, fim, causa, condição, consequência, concessão e extensão). As circunstâncias temporais não diferem (*nem poderiam*) das explicitadas por Cunha (1986) e por outros gramáticos, a que nos referimos na subseção anterior. O critério usado por Brandão para se reconhecer o tipo de circunstância expresso pelo gerúndio é, quase sempre, o da equivalência a uma oração subordinada adverbial desenvolvida precedida da conjunção que melhor expressa a referida circunstância. Contudo, vejamos o exemplo do emprego do gerúndio na circunstância de ‘extensão’, por nos parecer um termo menos corriqueiro (talvez, inexistente) nos compêndios gramaticais:

(61) Quanta cegueira e perversidade do coração humano, que assim se deixa enredar e seduzir pelo demônio, *entrando* (= *a ponto de entrar*) de parceria com seu inimigo declarado.⁴⁰

O termo circunstância de extensão não nos parece claro para classificarmos tal circunstância como complemento de extensão, mesmo nos utilizando do expediente sintático da substituição das expressões *a ponto de* ou *em termos de* + infinitivo. A propósito, se substituirmos essas expressões por outras conjunções, teremos, logicamente, outras circunstâncias, tal como (*para entrar* = finalidade), como também se substituirmos por uma oração desenvolvida, no mesmo tempo e modo da oração principal, tal como (*quando entra* = temporal) – o que dificulta sobremaneira uma classificação tão discreta.

b) O gerúndio predicativo

O gerúndio predicativo tem valor de particípio presente e pode se referir ao sujeito ou ao complemento do verbo, servindo-lhe de predicativo, à semelhança do papel desempenhado pelos adjetivos na oração simples. O autor menciona que o gerúndio como predicativo do sujeito pode ser confundido com um complemento circunstancial de modo ou com uma oração relativa, parecendo-se esse último com o gerúndio apositivo. Por outro lado, o gerúndio, como predicativo do objeto, pode converter-se no infinitivo precedido da preposição *a* ou numa cláusula adjetiva (vi uma mulher *dançando* = vi uma mulher *que dançava*).

Brandão esclarece que o gerúndio na função de predicativo do sujeito ocorre com: a) muitos verbos intransitivos; b) muitos verbos transitivos; c) verbos na passiva perifrástica; d) verbos na passiva pronominal e e) verbos reflexivos. Essa especificação dos verbos em que ocorre o gerúndio predicativo ainda nos parece insuficiente para classificar como complemento circunstancial de modo ou com oração adjetiva, o que merece algumas considerações.

Se o gerúndio, assumindo as funções de particípio presente, desempenha as funções de predicativo, quer do sujeito, quer do objeto, isso não se manteve em todas as situações daí provenientes. Vejamos, a partir dos exemplos dados por Brandão (1963), que a maioria das ocorrências de gerúndio referidas como predicativo do sujeito pode ser concebida,

⁴⁰ Exemplo de Brandão (1963, p. 483).

verdadeiramente, como uma circunstância de modo desempenhada por uma oração reduzida de gerúndio.

(62) Virei de dentro *bailando*

O gerúndio aí empregado refere-se mais ao modo como a ação de vir é executada que ao sujeito que executa, isto é, as ações são simultâneas.

(63) Passando Jesus daquele lugar, o seguiram dois cegos, *gritando e dizendo...*

O gerúndio nesse exemplo refere-se a uma especificidade ou característica momentânea do sujeito da oração principal, mas ainda assim o modo como a ação de seguir é executada também é expresso pelo gerúndio.

(64) Viram-se seiscentos prisioneiros *arrastando* cadeias.

Nesse caso, o gerúndio não se refere ao modo como o processo de *ver* é executado, mas a características da coisa que viu (por se tratar de voz passiva) = Viram-se seiscentos prisioneiros *que arrastavam* cadeias ≈ seiscentos prisioneiros *arrastando* cadeias foram vistos ≈ seiscentos prisioneiros *que arrastavam* cadeias foram vistos.

No que diz respeito ao predicativo do objeto, Brandão lista uma série de verbos com os quais o gerúndio predicativo do objeto pode ocorrer: *ver, ouvir, pintar, representar, figurar, introduzir, por, supor, imaginar, trazer, deixar, achar, considerar, dar, ter, lembrar*. Embora haja menos dúvida quanto à classificação do gerúndio como predicativo do objeto, essa classificação a nosso ver não depende exclusivamente do verbo que ocorre na oração principal, mas da relação que o gerúndio estabelece com o objeto ou com a oração principal. Ainda nesse uso, o gerúndio pode ser substituído por uma oração adjetiva desenvolvida.

(65) Ouvi, no poema de Job, a voz do Senhor *perguntando* a seu servo onde estava.

O gerúndio nesse exemplo não estabelece relação com o verbo ouvir, mas com o termo ‘a voz do senhor’, por isso classificado como complemento do objeto, mas ainda equivale a uma oração adjetiva desenvolvida (= que perguntava). Esses casos também são listados por Campos (1980) como gerúndio adjetivo, nomenclatura com a qual concordamos,

tendo em vista que desempenha a função de objeto toda a extensão da oração *a voz do Senhor perguntando a seu servo* e não apenas o sintagma ‘a voz do Senhor’.

A classificação do exemplo a seguir depende da interpretação que se dê ao gerúndio, isto é, com que termo o gerúndio estabelece relação: se com a oração principal, ou seja, com o modo como a ação é desempenhada; ou com o clítico na função de objeto direto, equivalendo a uma oração adjetiva desenvolvida (= que dava e que murmurava).

(66) D. Jorge deixa-a **dando** aos ombros e **murmurando**.

c) O gerúndio atributivo

Brandão (1963) afirma que, em muitos casos, é difícil decidir a diferença entre gerúndio predicativo e gerúndio atributivo, como no exemplo: *Vieram ter a um vale, polo qual atravessava a cavalo um donzel pequeno **chorando** (que chorava) em altas vozes*. Para o autor, em outros casos “o gerúndio assume, clara e insofismável, a função atributiva, a princípio com a ideia de tempo transitório, indicando um modo de ser, uma qualidade, uma atividade existentes em algo ou alguém somente dentro de certo período e em determinada situação” (BRANDÃO, 1963, p. 487) e acrescenta que “depois entra analogicamente a modificar um nome ou um pronome, atribuindo-lhes não mais qualidade ou atividade transitórias, mas duradouras e permanentes” (BRANDÃO, 1963, p. 487). Vejamos o exemplo usado por Brandão:

(67) Os homens parecem-se com meninos **brigando** (=que brigam) sobre a metade de uma maçã.

Segundo Brandão (1963, 487), “a lição dos grandes escritores e a observação da linguagem popular justificam o emprego do gerúndio atributivo nos seguintes casos”:

a) quando modificar nome ou pronome que sejam completamente preposicionados: ‘... viu Cesar no Templo de Hercules a imagem de Alexandre **CONQUISTANDO** o mundo’.

(...)

b) quando se referir aos nomes ou pronomes predicativos de ser e parecer: ‘... Não era a hierarquia constituindo uma espécie de famílias militares. Em vez disto, era o individualismo revelando-se contra esse poder’

c) quando pertencer ao complemento objetivo do impessoal haver ou ao sujeito de existir, faltar, restar e seus sinônimos: ‘Devia haver dentro... muitos ministros **RALANDO** o material e **BATENDO-o** com desmedidos molinheiros’.(...)

d) quando em comparações, se ligar a nomes precedidos de como, qual, que e do que: ‘Lançar-me-ei fora como uma ave voando’. (...)

e) quando modificar nomes tomados em sentido indefinido ou geral: ‘*per algumas vezes lhe mandou el rei mensageiros com êste recado LEVANDO-lhe dádivas e presentes*’.(...)

f) quando indicar qualidade, propriedade, atividade transitórias ou permanentes atribuídas a certo ser: ‘... *cabeleiras soltas ONDEANDO pelos ombros*’.(...)

g) depois de alguns pronomes indefinidos, mormente os distributivos um... outro: ‘*Quando era da vossa idade e estava em casa de meu pai nos longos serões e espaçosas noutes de inverno, entre as outras mulheres da casa, delas fiando e outras DEVANDO (dobrando)... ordenamos*’ (BRANDÃO, 1963, p. 487-490, destaques do autor.)

d) O gerúndio absoluto

O gerúndio absoluto, da descrição de Brandão (1963) “é aquele que tendo sujeito próprio não se prende diretamente nem ao sujeito, nem a outro termo da oração subordinante, servindo a esta de complemento circunstancial de tempo, causa, condição, consequência e concessão” (BRANDÃO, 1963, p. 491). Pode vir precedido da preposição **em** e pode apresentar as seguintes circunstâncias:

a) tempo simultâneo (= ao mesmo tempo que, no momento em que): ‘*Vasco da Gama foi surgir diante de Calicute EM se POENDO o sol*’.(...)

b) tempo anterior (= depois que, logo que): ‘EM SAINDO *eles pela porta da câmara, olhou ela e viu ainda jazzer o conde João Fernandes morto*’.(...)

c) tempo posterior: ‘*E a terra, abrindo a sua boca, devorou a Coré, MORRENDO (= e morreram) muitíssimos*’. (...)

d) causa: ‘*Na cidade de Nápoles, estava sentenciado à morte um pobre homem a que não valeram arrazoados nem embargos, nem a própria inocência, PREVALECENDO (= porque prevalecia) contra tudo a prova das testemunhas*’.(...)

e) condição: ‘*Em qualquer terra, EM HAVENDO um par de testemunhas / fidedignas (= se houver), prova-se tudo*’.(...)

f) concessão: ‘*Tal foi a caridade de S. Roque, não CHEGANDO (=ainda que não chegasse) ser tal a caridade de S. Paulo*’....)

g) consequência: ‘*A ilha de Egina ardeu antigamente em tal peste que a varreu de toda a espécie humana, ESCAPANDO unicamente el rei Caco*’. (...) (BRANDÃO, 1963, p. 492-493, destaques do autor).

e) O gerúndio impessoal

É o emprego do gerúndio, nas construções absolutas, com sujeito indeterminado, que adquire às vezes sentido passivo, sobretudo se a oração principal estiver na voz passiva, segundo Brandão (1963). Vejamos alguns exemplos apontados pelo autor:

(68) Pelo sertão dentro deste reino, **indo** para o poente, está situada a província de Conche.

Parece-nos que o gerúndio aí empregado modifica o sintagma ‘deste reino’, funcionando como *gerúndio predicativo* – Brandão (1963) – ou *gerúndio adjetivo* - Campos (1980): = pelo sertão deste reino, **que vai** para o poente, está situada a província de Conche.

(69) a rainha mandou saber novas de Clarimundo e, **dando-lhe** (= sendo-lhe dado) recado de que estava morto, ficou trespassada...

Pode-se apreender um valor temporal no gerúndio empregado nesse exemplo, funcionando como *gerúndio absoluto* – Brandão (1963) – ou *gerúndio circunstancial* - Campos (1980): = **quando deram-lhe** o recado de que estava morto, ficou trespassada. Portanto, a peculiaridade do *gerúndio impessoal* ser o fato de não se poder atribuir-lhe um sujeito determinado não nos parece suficiente para se lhe atribuir uma categorização à parte.

f) Outros empregos do gerúndio

Sob a categoria de ‘outros tipos de gerúndio’, Brandão (1963) reúne os gerúndios que ocorrem em duas situações:

a) O gerúndio que se emprega em frases narrativas ou descritivas nominais, com valor de infinitivo precedido da preposição a:

(70) Começaram o ofício da agonia, e as abelhas sempre **crescendo** e **engrossando** em número.

b) O gerúndio exclamativo e interrogativo:

(71) Cristo e o Vigário de Cristo ambos **dormindo?**

Esses tipos de gerúndio apresentados por Brandão (1963) poderiam ser redistribuídos nas categorias de *gerúndio circunstancial* e *gerúndio adjetivo*, tendo em vista as funções sintático-semânticas que assumem na estrutura oracional. Dividi-los em *gerúndio apositivo*, *gerúndio predicativo*, *gerúndio atributivo*, *gerúndio absoluto* e *gerúndio impessoal* justifica-se apenas do ponto de vista histórico, já que são derivados do *participio presente* e do *emprego absoluto do caso ablativo* em Latim.

2.5.2 O estudo histórico-descritivo de Campos (1980)

Classificação bastante pertinente e referência para o estudo do gerúndio no Português é o estudo histórico-descritivo de Campos (1980), que pesquisou o gerúndio nos séculos XVI, XVII, XVIII e XIX, fazendo uma descrição das ocorrências de gerúndio no português arcaico e nas línguas românicas. No Português contemporâneo, a pesquisadora classifica o gerúndio em seis tipos: *o gerúndio circunstancial, o gerúndio adjetivo, o gerúndio coordenado, o gerúndio narrativo, o gerúndio exclamativo, o gerúndio interrogativo e exclamativo* e, por fim, *as perífrases formadas com gerúndio*. Vejamos em que consiste cada um desses tipos.

a) O gerúndio circunstancial

O gerúndio circunstancial, na definição de Campos (1980), exprime as várias circunstâncias de modo, tempo, causa, condição e concessão, que acompanham a oração principal (CAMPOS, 1980, p. 19). Este tipo de gerúndio pode ter ou não o mesmo sujeito da oração principal ou ainda vir precedido da conjunção *em*. Vejamos o exemplo a seguir:

(72) Assim se fez, e Itaoca, não *podendo* revelar o gênio criador, portou-se durante a guerra como a mais direitinha das Maria-vai-com-as-outras.⁴¹

b) O gerúndio adjetivo

O gerúndio adjetivo equivale a uma oração adjetiva, “embora a equivalência do gerúndio a uma oração adjetiva não seja total, isto é, não é sempre que se pode substituir uma oração adjetiva por um gerúndio” (CAMPOS, 1980, p. 20)

(73) Vê-se uma chaminé *aflorando* de um barracão de madeira e grandes toros empilhados à margem da corrente.⁴²

c) O gerúndio coordenado

⁴¹ Os exemplos desta subseção são de Campos (1980, p. 47)

⁴² Idem.

O gerúndio coordenado equivale a uma oração coordenada, com sujeito expreso ou subtendido, segundo Campos (1980). O gerúndio coordenado não expressa um valor circunstancial com a oração matriz à semelhança do gerúndio circunstancial, mas com ela mantém uma relação idêntica a desempenhada pelas conjunções coordenativas.

(74) E sacudiam a pedra dentro do poço, mergulhando para pegá-la no fundo.⁴³

(mergulhando = e mergulhavam)

d) O gerúndio narrativo

O gerúndio, além de coordenar-se ao verbo da oração principal, “pode adquirir tal independência sintática, que chega a equivaler a um verbo num modo finito, mesmo sem vir coordenado a outro verbo finito” (CAMPOS, 1980, p. 77). Esses casos são classificados pela autora como gerúndio narrativo. Campos (1980) esclarece ainda que o gerúndio narrativo enquadra-se dentro de um tipo de orações que tem certo conteúdo afetivo, cujo predicado não é constituído por um verbo no modo finito.

(75) O sol entrando pela porta aberta que dava para o terraço. Batiam pratos na copa. O cachorro latindo para o Doutor Zózimo.

(entrando = entrava; latindo=latia)

e) O gerúndio Exclamativo e o gerúndio Interrogativo

Segundo Campos (1980), não há referência a esses dois tipos de gerúndio nas gramáticas das línguas românicas, nem nas gramáticas da Língua Portuguesa, a cuja ocorrência faz menção Brandão (1963). A autora afirma que do gerúndio exclamativo e interrogativo foram encontradas ocorrências isoladas que pouco provam a respeito de sua vitalidade nas fases anteriores da nossa língua e que esses dois tipos ligam-se, de certa forma, ao gerúndio narrativo, porque têm acentuado cunho afetivo e porque equivalem a um verbo no modo finito. Os exemplos (76) e (77) são de gerúndio exclamativo e interrogativo, respectivamente.

(76) - Ô diacho! E a gente precisando tanto de cobre, heim, Marcolino!

⁴³ Idem.

(77) Severino, (severo) - ... Fazendo jôgo sujo, hem, padre?

f) **Perífrases formadas com gerúndio**

O gerúndio entra na formação de perífrases verbais com valor imperfectivo em quase todas as línguas românicas, segundo Campos. Quanto aos verbos que formam perífrases com gerúndio, a autora afirma que tais verbos dão à perífrase determinados valores aspectuais: aspecto progressivo com verbos *ir* e *vir*, aspecto iterativo com o verbo *andar* e, com o verbo *estar*, há uma “atualização da ação, isto é, a ação dá-se no momento em que se fala” (CAMPOS, 1980, p. 22).

(78) Não *estou pedindo* que o povo pegue em armas, incendeie os celeiros...

A proposta de Campos (1980) é bastante relevante para o estudo do gerúndio, tendo em vista a representatividade da amostra analisada, o cuidado terminológico, os critérios de classificação. Há de se considerar, contudo, que alguns tipos de gerúndio poderiam ser categorizados em outros, para evitar sobreposição terminológica e funcional, como é o caso, por exemplo, do gerúndio exclamativo e interrogativo, vistos acima, que poderiam ser classificados como gerúndio adjetivo ou independente, já que a interrogação e a exclamação não estão vinculadas à forma ‘gerúndio’, mas correspondem a uma necessidade da situação discursiva.

2.5.3 A descrição de Móia e Viotti (2004)

Móia e Viotti (2004) identificam basicamente os mesmos tipos de gerúndio que Campos (1980): a) o gerúndio independente (incorpora o gerúndio narrativo e o emprego com valor imperativo), b) o gerúndio argumental, c) o gerúndio perifrástico (= perífrases formadas com gerúndio), d) o gerúndio adnominal (= gerúndio adjetivo) e e) o gerúndio circunstancial (= mesma nomenclatura). Embora os autores categorizem separadamente dois tipos de gerúndio (o gerúndio independente e o gerúndio argumental), não se referem a um tipo bastante produtivo no estudo de Campos (1980) - o gerúndio coordenado.

a) **O gerúndio independente**

O gerúndio pode ocorrer em contextos sintáticos independentes, como quando empregado com valor imperativo (simples ou perifrástico) ou em frases nominais descritivas:

(79) Andando já para casa!⁴⁴

(80) Mulheres vendendo tapetes no mercado.

b) O gerúndio argumental

O gerúndio é assim chamado por preencher a estrutura argumental de um verbo, formando um período composto:

(81) Ana viu (um bicho estranho *cavando* a terra).

(82) (Aves *chocando* contra aviões) não é uma situação.

Há de se considerar que o gerúndio que ocorre nas frases nominais descritivas também tem comportamento adjetivo, tendo em vista que modifica o nome a que se refere. Desse modo, a independência aplica-se ao gerúndio com valor imperativo, núcleo da estrutura oracional, completa de sentido, funcionando como um enunciado completo numa situação interativa e esse tipo de gerúndio não se confunde com nenhum outro, mas o mesmo não se pode dizer do gerúndio que ocorre nas frases nominais descritivas. Em se tratando do gerúndio argumental, há de se considerar que não é propriamente o gerúndio que preenche a estrutura argumental de um nome ou verbo regente, mas toda a oração de que ele é núcleo. Assim, o gerúndio argumental pode, dentro da estrutura argumental, modificar um nome (gerúndio adjetivo ou adnominal), como é o caso dos exemplos citados pelos autores em (81) e (82).

2.6. Peculiaridades sintáticas do gerúndio na estrutura oracional

⁴⁴ Exemplos desta subseção são de Mória e Viotti (2004, p. 112)

Duas ocorrências de gerúndio não são mencionadas nos estudos descritivos de que vimos tratando neste capítulo, nem nas gramáticas de Língua Portuguesa: o gerúndio flexionado e o duplo gerúndio.

2.6.1 O gerúndio flexionado em Português Europeu não-padrão

O gerúndio em Português é tradicionalmente conhecido e normativamente descrito como uma forma verbal não-finita, isto é, uma forma verbal que não apresenta flexão de pessoa, cujo sufixo é *-ndo*. Lobo (2000) apresenta-nos um fato curioso a respeito do gerúndio e pouco divulgado entre os estudos do gerúndio no Brasil: em muitos dialetos do Português europeu não-padrão (e do Galego), o gerúndio pode também apresentar flexões de número e pessoa, como o infinitivo pessoal, podendo apresentar uma flexão para cada pessoa, que normalmente se flexiona por uma desinência número pessoal (2ª p. sing, 1ª, 2ª e 3ª p. pl). No dialeto de Póvoa de Atalaia, em Beira Baixa, Portugal, há um paradigma flexional completo, conforme exemplo abaixo, retirado de Lobo (2000, p. 108):

(eu) vindo + Ø	(nós) vindo+mos
(tu) vindo + s	(vós) vınd(o)+eis
(ele) vindo + Ø	(eles) vind(o)+em

Segundo Lobo (2000), a similaridade morfológica entre o infinitivo e o gerúndio flexionado parece dar suporte para teoria unificada sobre a emergência dos morfemas de número e pessoa para formas infinitas do verbo no final do Romance. A hipótese de Martins (1999), citado pela autora, é que a flexão do infinitivo e do gerúndio em Português tem duas diferentes origens: a flexão do gerúndio é uma formação espontânea e recente, enquanto as formas do infinitivo derivaram do imperfeito do subjuntivo do Latim.

Podemos notar, contudo, que o gerúndio flexionado não foi atestado no Galego e Português antigos. Portanto, o gerúndio flexionado parece ser um desenvolvimento

moderno em dialetos relevantes. (MARTINS, 1999, apud LOBO, 2000, p. 108, tradução nossa).⁴⁵

Corroborar a hipótese o fato de não terem sido encontrados no Português antigo registros do gerúndio flexionado, enquanto é frequente a ocorrência do Infinitivo flexionado em textos antigos. Além disso, diferentemente da flexão de infinitivo que apresenta um padrão regular de concordância para todas as pessoas em todas as regiões, a emergência da concordância do gerúndio não foi atestada com o mesmo padrão em todos os dialetos do Português europeu.

Lobo (2000) afirma que, embora os dados ainda sejam pouco numerosos, a análise da frequência de gerúndio flexionado x gerúndio não flexionado em orações adverbiais aponta para um uso obrigatório da forma flexionada.

(83) Não *saíndomos* de casa, morrâmos à fome.⁴⁶

O gerúndio flexionado também pode ser encontrado em orações exclamativas, como o exemplo a seguir:

(84) Deixa que teu pai logo te diz! *Molhandes* aí a cabeça toda, moço dum raio!

Esse tipo de oração, normalmente, é substituído pela construção a + infinitivo flexionado no Português Europeu Padrão:

(85) *A copiares* no exame! Nunca pensei!

Os dados apontam que o gerúndio flexionado em dialetos do Português europeu ocorre associado a uma maior variedade de conectivos, ao contrário do gerúndio não flexionado que se associa apenas à preposição *em*.

(86) *Em sendes* crescidos, levo-os a Lisboa.

(87) (...) aquilo, *se* o homem não *arrebentando* (...).

(88) *Quando sentindem* outros animais, espantam-se.

⁴⁵ It should be noted however that the inflected gerund has not been attested in Old Portuguese and Old Galician. Thus the inflected gerund appears to be a modern development in the relevant dialects.

⁴⁶ Exemplo desta subseção foram colhidos em Lobo (2000).

(89) Onde *estando* a menina está a alegria.

Há a possibilidade de o gerúndio flexionado ser encontrado em contexto comparativo, funcionando como uma frase nominal, à semelhança do infinitivo flexionado, tal como:

(90) Isto de arredondamentos, já se sabe que não há como as coisas estandem nas mãos dos donos. Estás a compreender?

Não há registros de gerúndio flexionado no Português brasileiro, nem nos dados no *corpus* selecionado para esta pesquisa. A referência a esse fenômeno, neste capítulo, justifica-se pelos seguintes motivos:

a) a abordagem diacrônica que apresentamos nas seções anteriores revelou que o gerúndio era uma forma nominal do verbo que sofria flexão de caso, assim como o infinitivo, que desenvolveu flexão de número e pessoa no Português, portanto a emergência da flexão de número e pessoa no gerúndio do Português europeu não-padrão pode ter explicações análogas às do infinitivo flexionado;

b) embora no Português padrão, tanto o europeu quanto o brasileiro, não haja registro da ocorrência de formas flexionadas do gerúndio, há registros de ocorrências do gerúndio flexionado no Português europeu não-padrão em regiões como Beira Alta, Beira Baixa, Alto Alentejo, Ribatejo, Baixo Alentejo, Algarve, conforme Lobo (2000, p. 109, nota 5)

c) como o objetivo desta pesquisa é fazer a descrição dos domínios funcionais do gerúndio, qualquer ocorrência relacionada ao fenômeno, por restrita que seja, pode auxiliar na explicação de funções mais recorrentes do gerúndio em outros contextos.

2.6.2 O duplo gerúndio⁴⁷

⁴⁷ A primeira referência a esse tipo de gerúndio de que temos conhecimento é Menon (2004).

Outra peculiaridade do gerúndio em Português é a possibilidade de ocorrência dupla, ou duplo gerúndio, com ou sem material linguístico interveniente, formado por um verbo auxiliar no gerúndio (geralmente, estar) + outro verbo significativo também no gerúndio. O contexto de uso do duplo gerúndio é circunstancial à oração matriz, descreve um modo, um instante, uma situação, um cenário etc em que a situação descrita pela oração matriz desenvolve-se.

a) sujeito correferencial anteposto ao duplo gerúndio

(91) o padre e o filho *estando* ab eterno *amandole* sperão eternalmente o Spiritu Sancto, amor do padre & do filho: ao qual ab eterno cõmunicãõ sua mesma essência, poder, saber & bondade. (E 16 2 MCM 10)⁴⁸

b) sujeito correferencial interposto ao duplo gerúndio

(92) & *estando* assi os entẽdimentos *vendo* a Deos claramẽte a võtade está vnida e abraçada com o mesmo Deos, está fruindo & gozãdo daquele summo bem, ve alma a Deos no mesmo Deos (E 16 2 MCM 138).

Não encontramos, no *corpus* selecionado para esta pesquisa, ocorrência de duplo gerúndio em dados do Português moderno, europeu ou brasileiro, como nos exemplos apontados acima, cuja última ocorrência se deu no século XVIII, com apenas um dado. No Português europeu, a estrutura equivalente a orações com o duplo gerúndio é a ocorrência de gerúndio +infinitivo precedido da preposição *a*, como no exemplo a seguir:

(93) o padre Bartolomeu Lourenço, devagar aproximou-se da beira do rio, com Baltasar atrás, e ali, *estando* a um lado uma barca *a descarregar* palha em grandes panais que os mariolas transportavam às costas correndo equilibrados sobre a prancha, e a outro lado *chegando-se* duas escravas pretas *a despejar* para a água os calhandros de seus amos, o mijo e a merda do dia ou da semana entre o natural cheiro da palha e o cheiro natural do excremento, disse o padre (E 20 2 MC 37).

⁴⁸ Como será visto no capítulo IV, a notação obedece à seguinte lógica: a primeira letra em maiúscula (E ou B) refere-se à variedade do português (europeu ou brasileiro); a dezena corresponde ao século; a unidade refere-se à primeira ou segunda metade do século; a sequência de duas ou três letras faz referência mnemônica ao título da obra de onde o dado foi retirado e, por fim, os últimos números fazem o registro da página da obra onde o dado ocorre.

No Português brasileiro, não temos registro do duplo gerúndio, mas estrutura verbal equivalente parece ser o verbo auxiliar flexionado (geralmente estar) + gerúndio.

(94) Mas uma criação dos franceses, uma arma leve cuja ponta terminava abotoada com uma flor, fleur, que chamacam fleuret, *estava tomando* o lugar antes garantido à espada. (B 20 2 BI 76)

2.7 Proposta de classificação dos tipos de gerúndio

Tendo em vista os estudos descritivos a que fizemos referência neste capítulo, somos impelidos a apresentar a postura que assumiremos nesta pesquisa, que não tem por objetivo refazer a nomenclatura ora conhecida, mas, a partir dela, descrever os domínios funcionais do gerúndio em Língua Portuguesa, já que o gerúndio desempenha grande variedade de funções, do que decorre a rica nomenclatura conhecida.

Para cumprir os objetivos que se propõe, esta pesquisa utilizar-se-á de mais de uma classificação, que pode ser organizada em dois tipos: a) uma de natureza formal – o gerúndio simples, o gerúndio perifrástico, o gerúndio composto e o duplo gerúndio e b) uma de natureza semântico-sintática – o gerúndio circunstancial, o gerúndio adjetivo (ou adnominal), o gerúndio coordenado, o gerúndio independente (incluindo-se o imperativo), gerúndio narrativo, o gerúndio descritivo e o gerúndio conectivo.

Do ponto de vista do valor semântico-sintático, nossa escolha é praticamente a mesma sugerida por Campos (1980), exceto no que diz respeito ao gerúndio exclamativo e o gerúndio interrogativo, que será classificado de acordo com sua relação com os outros elementos oracionais e não por se realizar em uma estrutura interrogativa ou exclamativa. Na verdade, esses tipos de gerúndio, embora gozem de certo grau de independência sintática, cumprem funções discursivas: a entoação exclamativa ou interrogativa que empregamos num enunciado cumpre funções discursivas (retóricas, impressivas etc), mas não é prioridade de uma e outra forma da língua. Por outro lado, acatamos a proposta de Mória e Viotti (2004), que classificam o gerúndio imperativo como gerúndio independente, graças a sua independência sintática. O gerúndio independente pode abrigar, além do gerúndio imperativo,

o gerúndio exclamativo e interrogativo, sem prejuízo para a análise. Além desses, incluímos o gerúndio conectivo (exemplo 95), que cumpre a função coesiva/conectiva diferenciada do gerúndio narrativo, e o gerúndio descritivo (exemplo 96), que descreve uma situação estática, diferente da que é narrada pelo gerúndio narrativo, cujos exemplos apresentamos a seguir:

(95) *Sendo afsi*, que nem há, nem aconteceu em todo este Reyno & suas conquistas, coufa digna de mais elegante escriptura (E 17 1 HAM 13)

(96) Laurentina rumina a sua miséria: as figuras dos credores desfilam uma a uma em sua mente. A viúva Mendonça, pequenina, *fazendo* caretas. O italiano do armazém, de cara grande e vermelha. (B 20 1 CC 99)

Do ponto de vista estrutural, conciliamos a discussão em torno do gerúndio simples, que fomentou a classificação baseada em sua natureza semântico-sintática pelos autores cotejados neste capítulo, e integramos as outras construções, como o gerúndio composto, o duplo gerúndio e o gerúndio perifrástico, que, embora possam ser definidos do ponto de vista funcional (e faremos isso no capítulo 5), destacam-se pela complexidade estrutural. A propósito, o gerúndio perifrástico é o único que pode ocorrer como núcleo complexo de uma oração principal, o que por si só justificaria uma classificação à parte.

CONSIDERAÇÕES FINAIS DO CAPÍTULO

Neste capítulo, empreendemos uma discussão a respeito da diacronia do gerúndio nas línguas românicas, partindo das funções que o gerúndio e particípio presente desempenhavam no Latim. Além disso, cotejamos algumas gramáticas históricas e gramáticas normativas da Língua Portuguesa, bem como alguns estudos descritivos do fenômeno em estudo. Conforme demonstramos, o gerúndio em Língua Portuguesa provém da flexão do verbo no caso ablativo do Latim, assumindo, modernamente, as funções que eram desempenhadas pelo particípio presente e pelo gerúndio nessa língua, fenômeno que se repetiu nas demais línguas românicas, com funções semelhantes para a forma.

Como o percurso diacrônico do gerúndio apresentado neste capítulo revela que essa forma nominal ganhou traços funcionais que não se restringem a modificar um nome ou a expressar circunstâncias, nosso objetivo principal desta tese é promover uma descrição a partir do domínio funcional mais amplo de que as construções gerundivas fazem parte, considerando as noções temporais, aspectuais e modais circunscritas: o domínio aspecto-temporal e o domínio aspecto-circunstancial. Antes de empreendermos tal descrição, apresentaremos, no capítulo seguinte, o referencial teórico que dá suporte a esta pesquisa e, no capítulo metodológico, as decisões metodológicas pelas quais se baseia.

3 OS PRESSUPOSTOS FUNCIONALISTAS E AS NOÇÕES DE TEMPO, ASPECTO E MODALIDADE

*Non multa parum, sed pauca multum legenda.
(Sêneca)⁴⁹*

APRESENTAÇÃO

O foco desta tese é descrever o gerúndio em Língua Portuguesa, tomando-se suas ocorrências em orações reduzidas e em perífrases gerundivas, a partir do mapeamento de domínios funcionais. Como acreditamos que o gerúndio ampliou seus contextos de uso no Português em dois domínios funcionais, o aspecto-temporal e o aspecto-circunstancial, nosso referencial teórico apoia-se nas concepções do Funcionalismo Linguístico, principalmente nas contribuições de sua vertente americana, que promoveu uma série estudos descritivos das línguas naturais. Neste capítulo, apresentaremos as concepções funcionalistas relacionadas a domínio funcional, tempo, aspecto, relevo discursivo e frequência de uso.

3.1 O Funcionalismo Linguístico

É comum relacionar-se o início do Funcionalismo Linguístico ao terreno fértil para os estudos linguísticos que foi o da Escola Linguística de Praga, em que se sobressai o nome Roman Jakobson, ao estender a noção de função da linguagem de “referencial” a outras partes da interação (emotiva, conativa, fática) e a outros fatores da comunicação (poética e metalinguística). Pezatti (2004), contudo, afirma que o paradigma funcional tem história mais longa e remonta até mesmo à concepção de linguistas anteriores a Saussure, como Whitney e Herman Paul, que entendiam a necessidade de se explicar a estrutura da língua (forma) em termos psicológicos, cognitivos e funcionais. Para a autora, o termo “funcional” é polissêmico e tem sido atribuído a uma variedade de modelos teóricos, o que justifica mais de uma vertente que se denomina funcionalista.⁵⁰ O termo pode ser entendido como uma relação de

⁴⁹ Não se deve ler pouco muitas coisas, mas ler muito poucas coisas (tradução livre).

⁵⁰ Há quatro vertentes funcionalistas: a) O Funcionalismo Praguense - que engloba os estudos desenvolvidos pelo *Círculo Linguístico de Praga*, cuja orientação caracteriza-se por “um estruturalismo funcional”, marcado pela oposição aos neogramáticos e pela adoção dos postulados saussurianos, ao conceberem a língua como

dependência, portanto, uma relação funcional, entre uma forma linguística e elementos de natureza estrutural, cognitiva ou pragmático-discursiva. Embora haja mais de uma vertente funcionalista, elas compartilham a concepção de linguagem como instrumento de comunicação e de interação social em situações reais de uso, pressuposto básico da teoria funcionalista, e a noção de sistema linguístico de natureza adaptativa, resultante das pressões do uso. Assim, a linguagem é explicada com base nas funções comunicativas e toda explicação deve ser proveniente da linguagem em uso nos contextos sócio-comunicativos. Longe de ser um sistema autônomo (um sistema formal), a língua é um sistema adaptativo, sujeito a pressões do uso.

Conforme Nichols (1984, p. 97, tradução nossa), “os funcionalistas sustentam que a situação comunicativa motiva, restringe, explica ou, pelo menos, determina a estrutura gramatical (...).”⁵¹ Logo, a explicação de um fenômeno linguístico com base nas concepções funcionalistas deve levar em consideração as situações de uso (os sujeitos em interação, o contexto etc) e a estrutura gramatical determinada por essas situações. A linguagem é entendida como instrumento de interação social, e a explicação de fenômenos linguísticos com base em pressupostos funcionalistas deve considerar, também, uma teoria pragmática da linguagem, uma vez que a pragmática é o componente mais abrangente, no interior do qual são estudadas a semântica e a sintaxe.

Segundo Neves (2006), partindo-se de uma concepção geral, desvinculada de modelos de propostas particulares, o Funcionalismo Linguístico é uma teoria que se liga, acima de qualquer coisa, aos fins a que servem as unidades linguísticas e ocupa-se, principalmente, dos meios linguísticos da expressão. Nessa acepção, o termo função – entendido não apenas como papel de unidade sintática, mas como a junção entre o estrutural (sistêmico) com o funcional – destaca-se como fio condutor de reflexão. Para Nichols (1984),

dotada de estrutura, mas com destaque para o caráter teleológico do sistema linguístico. A essa vertente se devem os primeiros registros dos termos função e funcional, as primeiras propostas de classificação das funções da linguagem (com Bühler e com Jakobson), os estudos sobre a perspectiva funcional da sentença (a articulação tema e rema), entre outros; b) O Funcionalismo Britânico – no qual merecem destaque a figura de Halliday e suas contribuições em torno da teoria da Gramática Sistêmico-Funcional e as metafunções da linguagem: ideacional, interpessoal e textual; c) O Funcionalismo Holandês – em se que se sobressaem as propostas teóricas da Gramática Funcional de Dik e da Gramática Discursivo-Funcional de Hengeveld e Mackenzie; d) O Funcionalismo Norte-Americano – que se caracteriza por uma série de estudos de orientação funcionalista, embora não tenha elaborado um modelo teórico das línguas naturais. A abordagem tipológico-funcional de Givón é a que mais se aproxima de um modelo teórico, que prevê uma estreita relação entre os aspectos funcionais, tipológicos e diacrônicos da gramática.

⁵¹ “Functionalists maintain that the communicative situation motivates, constrains, or otherwise determines grammatical structure (...)”.

função é um termo polissêmico, mas todos os seus sentidos⁵² significam a dependência de algum elemento estrutural dado em relação a elementos de outra ordem ou domínio (estrutural ou não estrutural) e todos dizem respeito ao papel exercido por um dado elemento estrutural no todo mais amplo da linguagem e da comunicação. A essência do Funcionalismo, para a autora, é que a língua tem um fim comunicativo e “o que é comunicado não é somente o conteúdo, referência e predicação ou o lado intelectual ou cognitivo da linguagem, mas também a natureza e o propósito do evento de fala como um fenômeno cultural e cognitivo” (NICHOLS, op. cit., p. 102, tradução nossa)⁵³.

Dessa forma, conforme Neves, o funcionalismo rejeita uma preocupação com a competência para a organização gramatical de frases apenas, a reflexão se dirige para a multifuncionalidade dos itens, das estruturas linguísticas, cuja natureza é funcional.

Estruturas linguísticas são, pois, configurações de funções, e as diferentes funções são os diferentes modos de significação no enunciado, que conduzem à eficiência da comunicação entre os usuários de uma língua. Nessa concepção, funcional é a comunicação, e funcional é a própria organização interna da linguagem. (NEVES, 2006, p. 18)

Nichols (1984) afirma que as considerações funcionalistas podem ser divididas em três tipos: conservadora, moderada e extrema. As colocações mais conservadoras reconhecem a inadequação de análises estritamente formalistas ou estruturalistas, mas não propõem uma nova análise da estrutura; as moderadas apontam a inadequação de uma análise estruturalista ou formal, mas propõem uma análise funcionalista da estrutura e, por isso, substituem ou mudam as considerações formais e estruturais herdadas da estrutura; as extremas negam a realidade da estrutura pela estrutura e afirmam que as regras são baseadas inteiramente na função, a estrutura é apenas a função codificada. Para Neves, a base dos estudos funcionalistas é considerar a linguagem como dinâmica, pela qual estrutura e função

⁵² Nichols (1984) afirma que o termo função é raramente definido explicitamente, mas há cinco sentidos principais para o termo, embora não sejam exclusivos: 1) Função/interdependência: inter-relação de fenômenos gramaticais, covariação; relação entre variável dependente e variáveis independentes; 2) Função/propósito: uso intencional da linguagem, aquilo que os falantes pensam ou acreditam que estão fazendo com a linguagem: questionando, declarando, dando uma ordem, nomeando alguém; 3) Função/contexto: a linguagem como reflexo do ato de fala. É um termo mais geral para dois outros subtipos: a) função/evento – categorias que indicam os papéis de fala, status dos participantes no evento (falante/ouvinte), por exemplo, categorias de polidez e consideração refletem a relação social entre os participantes; b) função/texto – categorias que indicam a organização do discurso, a progressão da narração; 4) Função/relação: diz respeito à relação de um elemento estrutural com uma unidade de ordem superior, por exemplo, um mesmo elemento pode ter a categoria SN e a função/relação de sujeito, tópico e agente; 5) Função/significado: é um aglomerado de mais de um tipo de função, o significado é tomado para incluir os propósitos e contextos da pragmática.

⁵³ “What is communicated is not only what is variously called *content*, *denotation*, *reference-and-predication*, or the *intellectual* or *cognitive* side of language, but also the nature and purpose of the speech event as a cultural and cognitive phenomenon” (itálicos da autora).

são vistas como instáveis. A partir daí, muitos exercícios teóricos e práticos vêm sendo feitos nas diversas propostas funcionalistas de análise linguística.

Para esta pesquisa, interessa-nos, sobretudo, as concepções de Talmy Givón, que se fixou no postulado da não-autonomia do signo linguístico, concebendo a estrutura da gramática como um organismo que unifica sintaxe, semântica e pragmática e os aspectos icônicos da gramática. Nichols afirma que Givón produziu um trabalho que buscou parâmetros explanatórios, substantivos e naturais para o fenômeno gramatical e apresentou três contribuições para a análise funcionalista: (i) análises funcionalistas que fornecem fortes municações antiformalistas, (ii) motivação funcional das estruturas gramaticais e (iii) análises de vários fenômenos gramaticais a partir da função para a forma. Para a autora, embora não seja produzida uma teoria completa em Givón (1979), é fornecida uma apologia para tal teoria em Givón (1984), e sua contribuição é uma articulação de observações funcionalistas sobre a relação estrutura-função.

Para Givón (1984), a gramática não é uma lista não-ordenada de domínios funcionais, mas é comparável a um organismo vivo, dentro do qual há subsistemas estruturalmente organizados e funcionalmente relacionados. A sintaxe é determinada por dois outros domínios funcionais: o semântico e o pragmático. Para Givón (1995), a língua não pode ser definida como um sistema autônomo porque a gramática só pode ser entendida como fazendo referência a parâmetros como cognição e comunicação, processamento mental, interação e cultura, mudança e variação, aquisição e evolução. O autor tece críticas ao estruturalismo saussuriano e ao modelo de Chomsky – a gramática gerativa ou gerativismo. Para Givón, a distinção entre *langue* e *parole*, preconizada por Saussure, pode ser vista como uma jogada puramente metodológica, uma espécie de idealização dos fatos linguísticos. Essa idealização foi retomada por Chomsky, ao afirmar que seu modelo teórico ocupava-se de um falante-ouvinte ideal, inserido numa comunidade de fala homogênea, que conhece perfeitamente sua língua. Segundo Givón, não há nada mais hostil ao funcionalismo que essa “tal idealização” metodológica, “exceto em um ponto crucial – todas as pressões adaptativo-funcionais que formam a estrutura sincrônica da língua (idealizada) são manifestadas durante a performance” (GIVÓN, 1995, p. 7, tradução nossa)⁵⁴. Portanto, enquanto a linguagem é adquirida, a gramática emerge e muda, a forma ajusta-se a novas funções e significados. Rejeitar a relevância de dados da performance para estudar a competência é, em certo ponto,

⁵⁴ “Except for one crucial respect – all the functional-adaptative pressures that shape the synchronic – idealized – structure of language are exerted during actual performance”.

uma imitação do que é feito em outras ciências. Para o autor, “(...) variação e indeterminação são partes necessárias do mecanismo atual que forma e reforma a competência” (GIVÓN, 1995, p. 7, tradução nossa)⁵⁵.

Outra crítica de Givón a Saussure está relacionada à separação entre descrições sincrônica e diacrônica dos fatos linguísticos, o que pode ser visto como outro aspecto idealizado. O problema, segundo o linguista norte-americano, não é ignorar as mudanças da língua em condições particulares, afinal os falantes são obrigados a fazer escolhas categoriais de formas sob a implacável pressão da comunicação. O problema é rejeitar a relevância de dados de mudança e variação para entender a estrutura sincrônica. Givón (1995) afirma que os funcionalistas repetem um grupo de premissas, tais como: (a) a língua é uma atividade sócio-cultural; (b) a estrutura serve à função cognitiva e comunicativa; (c) a estrutura não é arbitrária, é motivada e icônica; (d) mudança e variação estão sempre presentes; (e) o significado é contextualmente dependente; (f) as categorias não são discretas; (g) a estrutura é maleável e não-rígida; (h) as gramáticas são emergentes; (i) as regras da gramática permitem algum vazamento. Para o autor, esses princípios são válidos até certo ponto e dentro de contextos bem definidos, e na ausência de uma teoria coerente com a complexidade da interação, as premissas funcionalistas degeneram-se em gestos ideológicos, slogans reflexivos, artigos de fé. Esse posicionamento de Givón em relação às premissas funcionalistas reflete-se em afirmações como:

O refúgio da teoria e da metodologia em uma onda ideológica é um espetáculo comum nas ciências humanas e sociais. No exorcismo de dogmas idênticos de teoria-como-algoritmo e método-como-números-mastigados, uma fúria reflexiva de relativismo torna-se a fuga padrão incubada de enfadonhas exigências de erudição responsável. É uma inclinação a que devemos muito bem resistir (GIVÓN, 1995, p. 9, tradução nossa)⁵⁶.

As concepções de Givón costumam ser caracterizadas dentro de um quadro a que costumamos chamar de Funcionalismo Norte-Americano. São vários os linguistas norte-americanos que realizaram estudos descritivos de orientação funcionalista, que serviram de base para pesquisas em diversas línguas no mundo todo, dentre os quais podemos destacar Givón, Hopper, Thompson, Traugott, Bybee, Pagliuca. Devemos a esses linguistas a

⁵⁵ “(...) variation and indeterminacy are necessary parts of the crucial mechanism that shapes and reshapes competence”.

⁵⁶ “The retreat from theory and metodological to ideological hand-waving is familiar spectacle in the humanities and social sciences. In exorcising the twin dogmas of theory-as-algorithm and method-as-number-crunching, a reflexive tantrum of relativism has become the standard escape hatch from the tiresome demands de responsible scholarship. It is a trend we should do well to resist”.

discussão sobre vários conceitos como iconidade e marcação – Givón (1991), Givón (1995), Givón (2001); domínio funcional – Givón (1984); transitividade e relevo discursivo - Hopper e Thompson (1980); gramaticalização – Hopper e Traugott (1993), Bybee, Perkins, e Pagliuca (1994), Givón (2001), Bybee e Hopper (2001), Bybee (2003). Dentre esses conceitos, interessam a esta pesquisa as noções de domínio funcional, iconidade e marcação, transitividade e relevo discursivo. Tomemos, inicialmente, a noção de domínio funcional, que será explorada exhaustivamente nesta pesquisa, visto que se pretende mapear domínios funcionais das ocorrências de gerúndio e as funções desempenhadas pelo gerúndio em cada domínio em Língua Portuguesa. Em seguida, cotejaremos as noções de iconicidade e marcação, transitividade e relevo discursivo. Por fim, discutiremos a importância de se considerar os efeitos da frequência de uso nos fenômenos linguísticos.

3.2 O domínio funcional TAM– tempo, aspecto e modalidade

Givón (1984) parte da concepção de que a noção categorial de espaço, tomada semântica e pragmaticamente, nas línguas humanas, tem o subjacente o sistema TAM (tempo, aspecto e modalidade) – trata-se, portanto, de um domínio semântico-funcional TAM. O autor afirma que, dentro do espaço nocional de TAM, a divisão de tempo, aspecto e modalidade não é espúria, visto que, de uma forma ou de outra, essas categorias representam três diferentes pontos de partida de nossa experiência de tempo.

O tempo envolve principalmente - embora não exclusivamente - a nossa experiência/conceito de tempo como pontos em uma sequência e, portanto, a noção de precedência e subsequência. Os aspectos de vários tipos envolvem a nossa noção da limitação das escalas de tempo, isto é, as várias configurações dos pontos de início, de término e de meio. Mas no espaço semântico de aspecto, quase sempre algum elemento de tempo também está envolvido, em termos de se estabelecer um ponto de referência ao longo do tempo sequencial. Finalmente, modalidade engloba, entre outras coisas, nossas noções de realidade, no sentido de "ter existência factual em algum tempo real" ('verdadeiro'), "não ter existência potencial em nenhum tempo real" ('falso'), ou "ter existência potencial em algum tempo possível ('possível')" (GIVÓN, 1984, p. 272, destaques do autor, tradução nossa)⁵⁷.

⁵⁷ In one way or another, these three represent three different points of departure in our experience of time. Tense involves primarily - though not exclusively - our experience /concept of time as points in a sequence, and thus the notion of precedence and subsequence. Aspects of various kinds involves our notion of boundedness of time-spans, i.e. various configuration of beginning, ending, and middle points. But in the semantic space of aspect, nearly always some element of tense is also involved, in terms of stablishing a point of reference along

Para Givón (1984), as categorias tempo, aspecto e modalidade, e seus sub-componentes ou variantes, estão sincrônica, diacrônica e ontogenicamente interconectadas bem como estão conectadas a outras regiões de nosso mapa conceitual e qualquer tentativa de tratá-los como domínios autossuficientes é uma pretensão meramente didática, para a conveniência da exposição. Cada um desses subsistemas é uma categoria obrigatória sem a qual nenhuma sentença pode ser produzida e, como tal, constitui um dispositivo de coesão e coerência das sentenças no contexto discursivo mais amplo, envolvendo, portanto, a gramática das construções complexas e as funções discursivas complexas.

O autor discute, também, os traços dos domínios funcionais TAM, observando como os traços TAM se combinam no interior do sistema e como o sistema TAM é codificado morfologicamente. Givón (1984) afirma que, no complexo sistema TAM, estão inclusos um grupo de traços semânticos e discursivo-pragmáticos, tais como: a) traços semântico-lexicais – que estão intimamente envolvidos no significado estrutural dos verbos (predicado); b) traços semântico-proposicionais – que codificam várias facetas de estado, evento ou ação; c) traços discursivo-pragmáticos – que desempenham um importante papel na sequenciação das proposições, organizando-as em figura ou fundo e indicando as modalidades de tempo, verdade, certeza, probabilidade na interação face a face entre falante-ouvinte. Esses traços estão ligados ao verbo e associados à codificação de eventos, estados e ações nas proposições, havendo, contudo, uma gradação entre eles, que o sistema TAM reflete na gramática de uma língua: alguns traços podem ter uma relação mais estreita com o escopo semântico, outros podem ter uma relação ampla com o escopo proposicional e outros podem ter uma relação ainda mais ampla com o escopo discursivo-pragmático:

Há, portanto, uma gradação das propriedades semântico-lexicais dos verbos para suas propriedades semântico-proposicionais na codificação de estados, eventos e ações, e para suas propriedades contextualizadas no discurso associado. (GIVÓN, 1984, p. 269 – 270, tradução nossa)⁵⁸.

Givón (1984) correlaciona o sistema TAM com nuances discursivas, tais como relevo discursivo (figura e fundo), mudança do tópico discursivo e continuidade tópica, em línguas crioulas, porque as considera como “única fonte de dados⁵⁹ que refletem os universais

sequential time. Finally, modality encompasses among other things our notions of reality, in the sense of "having factual existence at some real time" ('true'), "having existence at no real time" ('false'), ou "having potencial existence in some yet-to-be time" ('possible').

⁵⁸ There exists, thus, a graduation from the lexical-semantic properties of verbs, to their propositional-semantic properties in coding states/events/actions, and onward to their contextualized properties in connected discourse.

⁵⁹ Para Givón (1984), as línguas Pidgin têm uma sintaxe mínima, sem construção complexa e sem morfologia incorporada, portanto a fala de uma comunidade Pidgin é mais variável que de comunidades de línguas em

da linguagem, elas são línguas em contato, criadas pelos filhos de falantes de línguas Pidgin” (GIVÓN, 1984, p. 290)⁶⁰. O pesquisador testa a correlação entre o sistema TAM e organização do relevo discursivo (figura e fundo), conforme o quadro, traduzido e reproduzido abaixo⁶¹:

Figura 2 – Correlação entre tempo, aspecto e modalidade e relevo discursivo.

Traço	Figura	Fundo
tempo	passado	presente, futuro, habitual
sequencialidade	em sequência	fora de sequência, anterior, perfeito
duratividade	compacto/pontual	durativo/contínuo
perfectividade	perfectivo/completivo	imperfectivo/incompletivo
modalidade	realis	irrealis
(atividade)	(ação/evento)	(estado)
(sintaxe)	(cláusula principal)	(cláusula subordinada)

Fonte: Givón, 1984, p. 288.

Givón (1984) enfatiza que essas correlações não são absolutas, mas probabilísticas, que pertencem tipicamente ao discurso narrativo e são menos evidentes na conversação face a face. Elas representam uma base para elucidação da função básica da marcação no sistema TAM. Não há, portanto, segundo o autor, nada logicamente necessário entre as correlações, mas “elas representam fatos cognitivo-perceptual-culturais que dizem respeito ao que os humanos consideram como notável, informativo, saliente, memorável ou excepcional na codificação e comunicação da experiência” (GIVÓN, 1984, p. 289, tradução nossa)⁶².

As concepções de Givón sobre o sistema TAM nas línguas crioulas corroboram o percurso estabelecido nesta tese para a definição dos domínios funcionais do gerúndio. Considerando o sistema TAM como propriedade comum a todas as línguas, isto é, um universal linguístico, é coerente a concepção da existência de um domínio amplo de aspecto

contato. O Pidgin é um código comunicativo restrito, em termos de poder de expressão, tópicos de discussão, velocidade de comunicação e independência do contexto imediato. Dado que as línguas-fonte do Pidgin apresentam variabilidade e uma série de limitações, as crianças nunca tentam adquiri-las, mas extraem seus traços mais estáveis – o léxico – e inventam uma gramática do Crioulo, a partir de suas faculdades universais humanas da linguagem e de comunicação.

⁶⁰ Creole languages are a unique source of data reflecting on language universals, they are contact languages created by children of the speakers of Pidgin languages.

⁶¹ Os termos, em inglês, nas três colunas da tabela, da esquerda para a direita, de cima para baixo são, respectivamente: feature, tense, sequenciality, durativity, perfectivity, modality, activeness, syntax, foreground, past, in-sequence, compact/punctual, perfective/completive, realis, action/event, main clause, background, present, future, habitual, out-of-sequence, anterior, perfect, durative/continuous, imperfective/incomplete, irrealis, state, subordinate clause.

⁶² Rather, they represent the cultural-cognitive-perceptual facts concerning what humans are most likely to consider noteworthy, informative, saliente, memorable or outstanding in the coding and communication of experience.

progressivo, a partir do qual outros domínios funcionais tenham surgido, tornando mais salientes as noções de tempo e modalidade.

As categorias do domínio TAM podem ser mais previsíveis, frequentes e menos complexas (não-marcadas), e podem ser menos previsíveis e mais complexas (marcadas) ou ainda podem apresentar-se de forma mista, com a alternância entre categorias marcadas e não-marcadas, mas não podem estar ausentes nas cláusulas, visto que, sem as categorias TAM, nenhuma sentença pode ser produzida. Essa asserção nos leva a dois outros conceitos givonianos extremamente importantes: a iconicidade e marcação.

Segundo Givón, o compromisso com a afirmação de que a estrutura gramatical não é arbitrária é realçado a partir dos seguintes princípios idealizados: (a) o princípio da correlação icônica – que pode ser desdobrado em duas afirmações: a’ – há uma relação icônica entre forma e significado e a’’ – a forma gramatical se relaciona com função semântica ou pragmática de forma não-arbitrária (icônica); (b) a falácia reducionista da arbitrariedade – “porque a estrutura não é 100% arbitrária, ela deve ser 100% icônica” (GIVÓN, 1995, p. 10, tradução nossa).⁶³ Para o linguista norte-americano, enquanto o surgimento e a consequente mudança de uma estrutura gramatical é sempre funcionalmente motivada, o produto resultante é raramente 100% icônico, ou seja, a estrutura gramatical não é 100% arbitrária, nem 100% icônica. Givón (2001) define a iconicidade em termos escalares – os universais linguísticos não são necessariamente absolutos, mas uma questão de grau ou tendência e as explicações desses universais devem ser consistentes, adaptativas e funcionais. Os princípios icônicos são três:

a) O princípio da quantidade - que prevê a correlação entre quantidade de informação e quantidade de codificação;

b) O princípio da proximidade - que correlaciona proximidade cognitiva de entidades com proximidade de unidades no plano da codificação e

c) O princípio da ordem sequencial - que orienta a ordenação linear semântica e pragmaticamente.

⁶³ “Because structure is not 100% arbitrary, it must be 100% iconic”.

Contudo, como a estrutura tende a ser alterada para dar conta das pressões do uso, Givón (1990) também redefine o “princípio da marcação”⁶⁴, partindo da concepção de que o que é marcado é estruturalmente mais complexo, e o não-marcado é mais simples. O “conceito de marcação” diz respeito, também, à frequência: há formas mais frequentes, não-marcadas, e há formas menos frequentes e marcadas. Givón apresenta três critérios para se avaliar a marcação:

(a) Complexidade estrutural - a estrutura marcada tende a ser mais complexa (ou maior) do que a não-marcada.

(b) Distribuição de frequência - a categoria marcada tende a ser menos frequente do que a não-marcada.

(c) Complexidade cognitiva - a categoria marcada tende a ser cognitivamente mais complexa, em termos de demandar maior atenção, mais esforço mental e tempo de processamento do que a não- marcada.

De acordo com Givón (1995), no que diz respeito ao processamento automático ou cuidadoso (com mais atenção) da informação, a informação previsível, mais frequente e mais recorrente é conseqüentemente processada mais automaticamente e em contextos relativamente livres; informação menos frequente e menos previsível é processada mais conscientemente, prestamos mais atenção na relevância do contexto. Porém, a marcação não diz respeito apenas às categorias linguísticas, mas também aos contextos comunicativos nos quais elas são codificadas. Uma consequência da dependência da marcação do contexto é que explicações da marcação devem ter domínio específico, isto é: as correlações cognitivas, comunicativas, sócio-culturais ou biológicas de marcação podem variar de um domínio para outro. Givón (1991, p. 106) formula também o princípio meta-icônico da marcação, ressaltando, porém, que tal formulação é idealizada: “categorias que são cognitivamente marcadas (i.e., complexas) tendem a ser marcadas estruturalmente (GIVÓN, 1991, p. 106)”.

Tomando-se a afirmação givoniana de que as categorias do domínio TAM são obrigatórias, sem as quais nenhuma sentença pode ser produzida, podemos tomar o domínio funcional TAM como um universal linguístico, isto é, trata-se de um padrão linguístico que ocorre em todas as línguas naturais, marcado morfologicamente ou não, o que justifica o

⁶⁴ Na análise dos resultados, também lançaremos mão do princípio da expressividade, proposto por Dubois e Votre (2012).

mapeamento funcional do gerúndio em Língua Portuguesa a partir das noções aspectuais e temporais. Assumimos, em conformidade com Givón (1984), que um domínio funcional se caracteriza por materializar um feixe de funções relacionadas entre si por sua natureza semântica, pragmática ou discursiva. Em cada domínio, as formas podem se organizar em contextos mais específicos para codificar e salientar uma função mais específica, seja tempo, seja aspecto ou modalidade. O domínio TAM, por exemplo, se organiza de modo diferente nas diferentes línguas, conforme a discussão apresentada pelo linguista, podendo apresentar oposição entre presente, passado e futuro, como o Português, ou oposições mais específicas entre passado e não-passado, como é o caso da língua Bemba, que apresenta quatro divisões para o passado (o passado remoto, o passado ontem, o passado hoje e o passado imediato) e quatro divisões para o não-passado (o futuro imediato, o futuro hoje, o futuro amanhã, o futuro remoto), ou seja, em cada caso, parece-nos mais saliente a codificação da função tempo, em torno da qual aspecto e modalidade se organizam.

A noção de domínio funcional tende a ser ampla a ponto de permitir que traços funcionais de ordem semântica, pragmática e sintática possam se interseccionar para a codificação de funções mais salientes e específicas. Assim, no domínio definido nesta pesquisa como “domínio aspecto-temporal”, há funções específicas como as desenvolvidas pelas orações matrizes (função de natureza predicativa, que salienta, primariamente, o tempo e, secundariamente, o aspecto e a modalidade), como as desenvolvidas pelas orações encaixadas (função de natureza argumental, que salienta, primariamente, a natureza argumental com o verbo da oração matriz ou com um nome – sujeito, objeto direto, objeto indireto, complemento nominal etc, e, secundariamente, as noções TAM) e as desenvolvidas pelas orações justapostas (função de natureza atributiva, que salienta, primariamente, a natureza atributiva a um sintagma nominal da oração matriz e, secundariamente, as noções TAM).

3.2.1 O tempo verbal

Um dos domínios cognitivos mais importantes para as sociedades humanas é a categorização do tempo, que torna possível o registro da história da Humanidade. Segundo

Vendler (1967), as explicações que são dadas sobre o uso tempo nas línguas naturais estão relacionadas ao modo como as línguas materializam em sua estrutura linguística a divisão do tempo. O fato de as línguas codificarem o tempo, por meio de seus elementos morfológicos, é uma forte evidência de que se trata de conceito relevante para os seres humanos, que não está restrito à distinção óbvia entre presente, passado e futuro, mas a um modo particular de uso. A divisão do tempo parece ser tão importante que as línguas humanas dispõem de certa abundância de instrumentos linguísticos (como advérbios, flexões verbais, expressões temporais etc) e uma série de unidades de medida de tempo (ano, mês, dia, hora, minutos, segundos), de forma que sempre há como determinar o tempo cronológico com a exatidão desejável quer pelos instrumentos de medição de tempo, quer pelos meios flexionais e lexicais de que dispõe a língua. Uma discussão sobre tempo, no entanto, não está restrita a essas expressões nem a essas marcas morfológicas, mas também ao modo como o processo verbal se realiza, isto é, ao aspecto.

Quando tratamos da codificação do tempo nas línguas naturais, é comum imaginar-se que eventos, estados e ações se deslocam no tempo da esquerda (passado) para a direita (futuro), seguindo alguns pontos de orientação. É a partir das contribuições de Reichenbach (1947) que os estudos sobre a categoria tempo têm girado sempre em torno de três pontos para uma interpretação linear do tempo: momento do evento (ME), momento de fala (MF) e momento de referência (MR). O autor usou um sistema de retas paralelas para representar os tempos verbais que permite localizar a situação expressa pelo verbo em um diagrama.

O momento de fala, na perspectiva de Reichenbach, é o elemento central em relação ao qual se podem localizar os três tempos verbais básicos: presente, passado e futuro, também chamados de tempos verbais absolutos, que lhe são concomitante, anterior ou posterior, respectivamente. Fleischman (1982) define o momento de fala como aquele ponto em que o falante produz a sentença em questão, é o presente do falante, o aqui-e-agora, que serve como centro dêitico ou ponto zero para o conteúdo proposicional da sentença e pode ou não coincidir com o momento de referência (MR). O momento de referência é uma espécie de cenário temporal em relação ao qual uma situação pode ser localizada. O momento do evento é aquele ponto cuja localização, na linha do tempo, pode ser especificada em relação ao MR e ao MF. Para os tempos absolutos, conforme Fleischman, o MR coincide com o MF; para os

tempos relativos, o MR funciona como um suplente para o MF, estabelecendo por ele mesmo a base para a sequência de eventos.

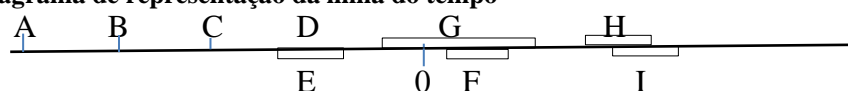
Comrie (1985) também afirma que o tempo pode ser representado como uma linha reta contínua, na qual o passado é representado à esquerda, o futuro à direita e o presente é o marco zero entre um e outro. Então, dizer que um evento é passado é localizá-lo à esquerda desse ponto zero; e dizer que um evento é futuro é afirmar que ele ocorre à direita desse mesmo ponto. Para o autor, uma representação desse tipo é um tanto vaga e parece não ter relação com a análise do tempo como uma categoria linguística, porque deixa em aberto se a linha do tempo é limitada pela esquerda (o passado) ou pela direita (futuro), e qualquer passo que se dê é irrelevante linguisticamente, embora tenha importância filosófica, e não representa o fluxo do tempo, isto é, se o presente é visto como se deslocando ao longo da linha do tempo ou se o tempo é visto como um passado fluindo em direção a um presente estático. Uma representação desse tipo coincide com uma ingênua conceptualização de tempo, mas pode expressar, por exemplo, diferentes estágios da vida humana: primeiro, os seres humanos nascem, atingem a maturidade, envelhecem e morrem. Segundo Comrie (1985), se não tivéssemos um conceito de tempo, seria possível um desenvolvimento natural de modo que os humanos primeiro aparecessem como mortos, depois como pessoas vivas idosas e gradualmente se tornassem jovens e desaparecessem no útero de sua mãe. O que é verdadeiro para muitas culturas é a conceptualização em progresso.

Segundo Comrie (1985), o tempo físico não fornece um ponto de referência para se localizar as situações na linha do tempo, visto que o tempo físico tem um começo, mas não sabemos exatamente em que ponto ele começou, e tem um fim, mas não sabemos qual é a sua localização, o que torna necessário estabelecer alguns pontos de referência arbitrários e a partir deles localizar as situações no tempo. É o caso, por exemplo, do calendário que estabelece o nascimento de Cristo como ponto de referência para contar os anos antes e depois deste ponto, há também a possibilidade de se tomar eventos importantes como ponto de referência: Revolução Francesa, Independência do Brasil, Segunda Guerra Mundial, Fim da Ditadura no Brasil, etc. Desse modo, no que diz respeito ao tempo verbal, o ponto de referência é o momento presente, a partir do qual se localizam as situações que ocorrem no presente momento ou que o incluem, situações que ocorrem antes dele e situações que lhe são subsequentes.

Para Comrie (1985), a ideia de localizar as situações no tempo é uma noção puramente conceptual e comum a todas as línguas, que diferem uma das outras por dois parâmetros: a) o primeiro é o grau de exatidão da localização temporal realizável em diferentes línguas; b) o segundo é o modo como cada situação é localizada no tempo, em particular, o peso atribuído ao léxico e à gramática no estabelecimento de tal localização. Assim, as expressões de localização do tempo podem ser divididas em três classes, de acordo com a sua importância para a estrutura das línguas: a) uma classe composta de expressões lexicais, que são potencialmente infinitas na linguagem e dispõem de meios linguísticos para medir intervalos de tempo e dar-lhes uma especificação exata: em cinco minutos, meia hora etc; b) um conjunto de itens lexicais que expressam uma localização do tempo: agora, hoje, ontem, amanhã; c) as categorias gramaticais, que acabam por ser a menos sensível das três e servem para dividir o tempo em: presente, passado (perfeito e imperfeito), futuro (do presente e do pretérito).

Para Comrie (1985), há dois meios de se tratar uma situação na linha do tempo: a) localizando a situação na linha do tempo em relação a outro ponto, ao qual esse tempo será relativo; b) discutindo o contorno temporal da situação, isto é, se deve ser representado como um ponto no tempo ou como uma extensão na linha do tempo (aspecto). O autor reorganiza a linha do tempo de modo que: as situações pontuais são representadas por pontos e as que não são pontuais (isto é, que têm certa extensão de tempo) são extensões na linha do tempo.

Figura 3: Diagrama de representação da linha do tempo



Fonte: Comrie, 1985, p.6.

A partir da discussão em torno da noção de ponto de referência e da localização da situação de tempo, Comrie (1985) divide o tempo em: *tempo absoluto*, *tempo relativo* e *tempo relativo-absoluto*. Para o autor, tempo absoluto é um termo tradicional um tanto enganoso, que tem sido usado para se referir aos tempos que tomam o momento presente como centro dêitico. É enganoso porque, estritamente falando, é impossível uma referência de tempo absoluto, uma vez que uma situação de tempo é relativa a outras que são estabelecidas como ponto de referência de tempo. O momento presente é apenas um entre uma infinidade de pontos que podem ser escolhidos como referência de tempo, embora desempenhe o papel principal na definição de tempos nas línguas humanas. Assim, Comrie define os tempos

absolutos como aqueles em que uma situação é localizada antes, depois ou no momento presente (momento de fala), tomando-o como ponto de referência.

Já os tempos relativos são definidos por Comrie como aqueles em que o ponto de referência para a localização de uma situação é algum ponto dado pelo contexto e não necessariamente pelo momento presente. Os advérbios de tempo assumem papel decisivo na interpretação entre tempo absoluto e tempo relativo: há advérbios que servem para especificar uma situação de tempo em relação ao momento presente, tais como *hoje*, *ontem* e *amanhã* e há expressões adverbiais que localizam uma situação em relação a alguma referência dada pelo contexto, tais como *em algum dia*, *no dia anterior*, *no dia seguinte*. Contudo, Comrie afirma que a diferença entre *tempo absoluto* e *tempo relativo* não está restrita à oposição *momento presente* x *outro ponto de tempo* tomados como pontos de referência, mas está relacionada à forma, cujo significado especifica o momento presente como ponto de referência (tempo absoluto) ou não especifica se o momento presente pode ser tomado como ponto de referência (tempo relativo), uma vez que, a menos que o contexto exclua, o momento presente pode ser tomado como ponto de referência para tempo relativo. Assim, uma estratégia sugerida pelo autor é a seguinte: se a interpretação de uma aparente referência de tempo absoluto pode ser avaliada como um caso especial de referência de tempo relativo, a estratégia é assumir que o significado básico da forma em questão é uma referência de tempo relativo, com a aparente referência de tempo absoluto, cuja interpretação é contextualmente dependente.

Os tempos verbais relativo-absolutos são assim chamados porque seus significados combinam localização de tempo absoluto de um ponto de referência com localização de tempo relativo de uma situação. Os tempos relativo-absolutos são determinados por ter um ponto de referência antes ou depois ao momento de fala e a situação sendo localizada antes ou depois desse ponto. Um ponto de referência que coincide com o momento de fala simplesmente dá uma referência de tempo absoluta, não uma referência de tempo relativo-absoluta. Em tempos verbais como o mais-que-perfeito, essa noção fica muito clara, visto que primeiro se identifica uma situação no passado, por exemplo, o pretérito perfeito, e depois outra situação de passado em relação a esse passado, o mais-que-perfeito.

3.3.1.1 O tempo presente

O tempo presente pode ser identificado como o ponto zero na linha do tempo. Há de se levar em consideração, contudo, que nem sempre uma situação coincide exatamente com o momento presente, isto é, é possível que ela não ocupe um único ponto, literalmente, na escala de tempo. Em se tratando das construções com gerúndio, há exemplos em que o tempo presente descrito pela oração gerundiva não pode ser concebido como um único ponto na escala de tempo, mas se refere a situações que ocupam um período mais longo que o presente momento. No exemplo a seguir, a perífrase gerundiva descreve uma situação de tempo presente que teve início em algum ponto anterior ao momento de fala e se estende para além dele:

(97) – Só se a quizessem como tema o estudo que *estou fazendo*: o alcoolismo e as doenças contagiosas como motivo do divórcio (E 20 1 DM 71)

Segundo Comrie (1985), uma situação referida por um verbo no presente é, necessariamente, uma situação que inclui o momento presente, se essa situação é parte de uma situação mais ampla que começa no passado ou que se estende para o futuro, trata-se de uma implicatura que depende da interpretação de outros traços da estrutura da sentença e de nosso conhecimento de mundo. Neste caso, é relevante a interpretação aspectual para decidir se uma situação mais ampla deve ser interpretada apenas no momento presente ou não. Se o aspecto progressivo, fundamentalmente, descreve situações que não devem ser interpretadas como pontuais, o uso de uma forma verbal com essa acepção permitir-nos-á interpretar que o presente momento é apenas um dos muitos momentos que a referida situação abarca. No exemplo em questão, a descrição é válida para uma interpretação no presente, mas não coincide, exata e necessariamente, com o estado de coisas descrito, isto é, o enunciador não está fazendo o estudo no momento em que enuncia a referida sentença.

Não podemos, contudo, restringir tal interpretação ao aspecto progressivo. Uma situação descrita no presente, com denotação de habitualidade, pode fazer referência a uma situação mais ampla que inclui o momento presente, tal como:

(98) Meu amigo jornalista escreve crônicas policiais.⁶⁵

⁶⁵ Exemplo gerado para fomentar a discussão.

A interpretação que devemos dar à sentença acima é semelhante a que fizemos no exemplo anterior, descreve uma situação presente, que não coincide necessariamente com o momento presente, mas o inclui inevitavelmente. Segundo Comrie (1985, p. 39, tradução nossa), “sentenças com significado aspectual de habitualidade referem-se não apenas a uma sequência de situações que acontecem em intervalos, em vez disso se referem a um hábito, uma situação característica que abarca todos os tempos”.⁶⁶

3.2.1.2 O tempo passado

O tempo passado codifica uma situação que ocorre à esquerda do ponto zero (o momento presente), seu significado, portanto, é sua localização em um ponto anterior ao momento presente. Essa definição não menciona se a localização de tempo no passado incorpora um extenso período de tempo passado ou até mesmo todo o tempo passado que se estende até o presente ou ainda se essa situação continua no presente ou no futuro, para além do presente. No caso da codificação de tempo por meio das perífrases gerundivas, o tempo passado não pode ser localizado como um ponto fixo, mas pode ser entendido como uma situação contínua, que pode ter as seguintes interpretações:

a) situação de passado que se estende até a referência de presente:

(99) (...) agora deixara de ser estudante, já *estava lendo* nas aulas (E 20 2 MC 95)

b) situação de passado que é cenário de outra situação de passado:

(100) Quando Sete-Sóis chegou a Aldegalega, *estava anoitecendo*. (E 20 2 MC 21)

c) situação de passado que é distante da referência de presente:

(101) – Quando lutei contra piratas turcos *estava* apenas *defendendo* nossos celeiros de trigo, disse Donato Serotino (B 20 2 BI 77)

⁶⁶ Sentences with habitual aspectual meaning refer not to a sequence of situations recurring at intervals, but rather to a habit, a characteristic situation that holds at all times.

d) situação de passado que é futuro em relação à outra situação de passado:

(102) Saiu dali sem dizer a ninguém onde *estava indo* (B 20 2 BI 82)

e) situação de passado que é referência para outra situação de passado:

(103) Preparou a cama de Bernardina Ravasco e após certificar-se de que ela *estava dormindo* trancou a porta do solar dos Ravasco e foi para sua casa. (B 20 2 BI 94)

3.2.1.3 O tempo futuro

O tempo futuro, em termos de análise, é apresentado como aquele que descreve uma situação subsequente ao momento presente, isto é, à direita do ponto zero, no diagrama proposto por Comrie (1985). O autor argumenta que essa definição é uma oposição temporal da simetria de tempo, à semelhança da definição de passado, embora o futuro seja mais especulativo que o passado, já que qualquer previsão que façamos sobre o futuro pode ser alterada por outros eventos intervenientes, incluindo a nossa própria intervenção consciente, o que torna o passado um tempo verbal mais definido que o futuro. Isso o leva a afirmar o seguinte:

pode-se argumentar que enquanto a diferença entre o passado e o presente é certamente uma questão de tempo verbal, a diferença entre o futuro por um lado e passado e presente por outro deve ser tratada como uma questão de modo, em vez de tempo (COMRIE, 1985, p. 44, tradução nossa).⁶⁷

Segundo Comrie (1985), tratar a referência de futuro como modo ou como tempo é uma questão empírica que apenas pode ser respondida com base na investigação de expressão da referência de futuro em grande número de línguas. Pode-se se chamar de futuro, contudo, uma clara predição sobre um estado de coisas futuro que é claramente distinta de uma construção claramente modal:

Portanto *vai chover amanhã* é uma afirmação bem definida sobre um estado de coisas que abarca certo tempo subsequente ao momento presente e sua verdade pode

⁶⁷ one might argue that while the difference between past and present is indeed one of tense, that between future on the one hand and past and present on the other should be treated as a difference of mood rather than one of tense.

ser testada no tempo futuro pela observação se, de fato, chove ou não. Isso pode ser contrastado com *pode chover amanhã*, que é simplesmente uma afirmação sobre um mundo possível em que há chuva amanhã, o valor de verdade dessa afirmação não pode ser avaliado pela observação se chove ou não amanhã (uma vez que tanto a presença quanto a ausência da chuva são compatíveis com *pode chover*) – na verdade, a avaliação da verdade de uma afirmação modal é extremamente difícil, envolvendo a demonstração da existência ou não existência de certo mundo possível que pode não coincidir com o mundo atual (COMRIE, 1985, p. 44, tradução nossa).⁶⁸

Torres (2009) fez um estudo variacionista da codificação de tempo futuro em Língua Portuguesa por perífrases gerundivas, a partir das seguintes regras variáveis: *futuro iminente* – que incorpora o momento de fala e se estende para além dele, apresentando-se sob o ponto de vista do início do evento durativo; o *futuro médio* – que codifica situações que ocorrem à direita do momento de fala, sem definições de início e término da duração do evento, e o *futuro resultativo* – que descreve situações localizadas à direita do momento de fala, mas sob o ponto de vista do término do evento durativo, conforme diagrama a seguir:

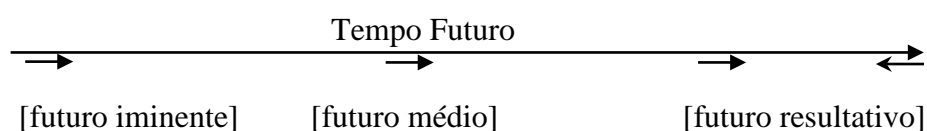


Figura 2: Codificação do tempo futuro por perífrases gerundivas (TORRES, 2009, p. 111)

Vejamos em que consiste cada uma dessas divisões de tempo, segundo Torres (2009).

a) tempo futuro iminente – caracteriza-se pela ocorrência de *continuar* (no presente) juntamente com outro verbo no gerúndio ou pela ocorrência de um verbo auxiliar ou modal + *continuar* (infinitivo) + gerúndio. Descreve ações que incorporam o momento presente e continuam seu desenvolvimento no futuro.

*i) presente + gerúndio – futuro iminente perifrástico simples*⁶⁹

⁶⁸ Thus it will rain tomorrow is a very definite statement about a state of affairs to hold at a certain time subsequent to the present moment, and its truth can be tested at that future time by seeing whether it does in fact rain or not. This can be contrasted with it may rain tomorrow, which is simply a claim about a possible world in which there is rain tomorrow; the truth value of this statement cannot be assessed by observing whether or not it rains tomorrow (since both presence and absence of rain are compatible with may rain) – indeed, evaluation of the truth of such a modal statement is extremely difficult involving demonstrating the existence or non-existence of a certain possible world which may not coincide with the actual world.

⁶⁹ O termo *simples* é empregado pelo autor em oposição a *estendido*, para se referir à complexidade da perífrase (dois ou três verbos).

(104) Com certeza muita gente mesmo muita gente confia na igreja e creio eu que **continua moldando** a sociedade sim.⁷⁰

ii) *verbo auxiliar ou modal (presente) + continuar + gerúndio – futuro iminente perifrástico estendido*

(105) Mas que já existia já existia sempre existiu e **vai continuar existindo**.

b) tempo futuro médio – compreende os casos de ocorrência dos verbos *estar* e *ir* como auxiliares flexionados no presente e qualquer outro verbo no gerúndio. Caracteriza-se por descrever situações futuras sem que se possa perceber a delimitação de início, fim e duração dessas situações, apresentando a seguinte sistematização:

i) *presente + gerúndio – futuro médio perifrástico simples*

(106) Vai acontecer sim eu creio que **vai diminuindo** o gelo né da parte fria e vai aumentar o nível do mar.

ii) *verbo auxiliar ou modal (presente) + infinitivo + gerúndio – futuro médio perifrástico estendido*

(107) Eu acho que no futuro vai ser mais liberado isso porque afinal a igreja **vai ta lutando** de qualquer maneira né?

c) tempo futuro resultativo – descreve situações de tempo futuro sob o ponto de vista do término do evento durativo, caracterizando-se pela ocorrência dos verbos *terminar* ou *acabar* (presente) + gerúndio ou pela ocorrência de um verbo auxiliar ou modal na primeira posição (presente), *terminar* ou *acabar* na segunda posição (infinitivo) e qualquer outro verbo no gerúndio, podendo ser sistematizada como segue:

i) *presente + gerúndio – futuro resultativo perifrástico simples*

(108) Se a providência divina não vier antes a gente **acaba dando** conta do resto e **destruindo** tudo.

⁷⁰ A sequência de exemplos de 103 a 108 foi retirada de Torres (2009).

ii) *verbo auxiliar ou modal (presente)+ infinitivo + gerúndio – futuro resultativo perifrástico estendido*

(109) Eu acho que vai ficar pior sabe eu acho que as pessoas **vão acabar fazendo**.

3.2.1.4 A expressão de tempo verbal nas construções gerundivas

As construções gerundivas têm amplo emprego na Língua Portuguesa e apresentam paradigma verbal bastante diversificado, semelhante às perífrases com infinitivo, desempenhando funções análogas às formas simples do verbo. Vejamos:

I) perífrases gerundivas nos tempos do modo indicativo

a) presente

(110) – Sabe de que **estou rindo**? . (disse ela). (B 19 1 AM 98)

b) pretérito perfeito

(111) – **Estive pensando**, disse Antônio de Souza, – D. João IV acreditava-se perseguido pelo espírito do duque de Bragança, a quem mandara executar em Évora. (B 20 2 BI 103)

c) pretérito imperfeito

(112) Gregório de Matos **estava encostando** à janela observando uma negra que passava na rua, altiva, seminua, descendo a ladeira com um movimento de quadris que lembrava a frase de Galileu eppur si muove. (B 20 2 BI 104)

d) pretérito mais-que-perfeito

(113) três anos inteiros haviam passado desde que partira, estava a abegoaria em abandono, dispersos pelo chão os materiais que não valera a pena arrumar, ninguém adivinharia o que ali se **andara perpetrando**. (E 20 2 MC 74)

e) futuro do presente

(114) enfim lá se retiram os camaristas por uma porta, as damas por outra e nas antecâmaras *ficarão esperando* que termine a função, para que regresse el-rei acompanhado ao seu quarto. (E 20 2 MC 6)

f) futuro do pretérito

(115) Sentou-se na raiz levantada duma oliveira, via-se dali o mar confundido com o horizonte, decerto *estaria chovendo* com força sobre as águas, então encheram-se de lágrimas os olhos de Blimunda (E 20 2 MC 83)

II) perífrases gerundivas no modo subjuntivo

a) presente

(116) Quanto a D. Maria Ana, é de crer que *esteja rogando* os mesmos favores, se porventura não tem motivos particulares que os dispensem e sejam segredo do confessorário. (E 20 2 MC 6)

b) imperfeito

(117) Riu-se de gosto antecipado o mestre, como se *estivesse fazendo* seus próprios planos de navegação carnal e calculando os proveitos da abordagem (E 20 2 MC 23)

c) futuro

(118) A criação do mundo & dos mysterios de nossa redepção repartidos polla somana, pera quãdo a alma não *estiver conversando* no ceo, cuide o q Deos fez por seu amor na terra. (E 16 2 MCM 7)

III) formas do gerúndio composto

VOZ ATIVA

a) gerúndio composto

(119) Augusto, *tendo-se assenhoreado* da Hespanha no seu triunvirato com Marco Antonio e Lepido, ordenou que a península lhe fosse tributaria, pagando a cada anno uma somma determinada (E 19 2 HGC 41)

b) duplo gerúndio (auxiliar no gerúndio + verbo significativo no gerúndio)

(120) & assi deu sono a Adão, & *estãdo dormindo*, lhe tirou hũa costa, & dela fez o corpo de Eva (E 16 2 MCM 81)

VOZ PASSIVA

a) gerúndio composto (verbo ser no gerúndio + particípio de verbo significativo)

(121) *Sendo* assi *crucificado* o Redẽptor do mũdo, crucificarão tãbẽ os dous ladrões (E 16 2 MCM 96).

b) verbo ter no gerúndio + particípio do verbo ser + particípio do verbo significativo

(122) Tomando depois d'isto o exemplo de seus predecessores, D. Affonso III, deitou-se ás conquistas do Algarve, cujo domínio *tendo sido contestado* pelo rei de Leão, D. Affonso, o Sábio, lhe foi afinal reconhecido em toda sua plenitude (E 19 2 HGC 122)

IV) perífrases gerundivas na voz passiva⁷¹

a) presente

(123) Sei que *estamos sendo perseguidos* e compreendo os teus sentimentos, mas a força de nossa família é a do pensamento e do saber (B 20 2 BI 40)

3.2.2 Aspecto

⁷¹ Embora não tenhamos encontrado perífrases gerundivas em outros tempos verbais da voz passiva, sua ocorrência parece ser perfeitamente possível e aceitável na língua, conforme segue: b) perfeito simples (estive sendo perseguido); c) imperfeito (estava sendo perseguido); d) mais-que-perfeito; e) estivera sendo perseguido e) mais-que-perfeito composto (tinha estado sendo perseguido).

Embora a noção de aspecto esteja diretamente relacionada à noção de tempo verbal, uma vez que são duas categorias da língua que têm como base a referência de tempo físico, nas gramáticas de Língua Portuguesa o termo não é muito recorrente. Há, normalmente, preocupação em descrever as categorias flexionais do paradigma verbal modo, tempo, número e pessoa. Considerando-se que o tempo verbal codifica na estrutura da língua o tempo em que se realiza uma situação (evento, ação, processo, estado), a partir de um ponto de referência (geralmente, o momento de fala), uma definição ampla de aspecto verbal diz respeito à extensão de tempo em que essa situação se realiza (com ou sem duração), ou ainda à completude da realização dessa situação (se completa ou como incompleta). Aspecto não diz respeito ao tempo de uma situação em relação a um ponto de referência de tempo, mas trata da constituição temporal interna de uma situação, imprimindo-lhe noções como duração, repetição, começo, desenvolvimento e fim, isto é, refere-se à maneira como o tempo decorre dentro dos limites da realização da situação. Em Língua Portuguesa, os valores aspectuais são provenientes: a) do significado lexical inerente ao verbo; b) da significação da construção verbal no nível sintagmático, isto é, da relação estabelecida com outros elementos oracionais; c) de algumas desinências modo-temporais (como as desinências dos pretéritos imperfeito e de perfeito do indicativo)⁷² e d) de sufixos marcadores de aspecto (como *-ear* em cabecear; *-ecer* em envelhecer, *-ndo* em cantando, *-do* em cantado)

Segundo Comrie (1981), aspectos são diferentes modos de se observar a constituição interna de uma situação, isto é, aspecto diz respeito ao modo como situações e eventos podem ser vistos: como um todo único sem distinção de fases (*aspecto perfectivo*) ou em sua constituição interna (*aspecto imperfectivo*). Para Castilho (1968, p. 14), “o aspecto é a visão objetiva da relação entre o processo e o estado expressos pelo verbo e a ideia de duração ou desenvolvimento”. Aspecto *perfectivo* diferencia-se de aspecto *imperfectivo* justamente pelo fato de o primeiro tomar a situação de fora, em sua inteireza, sem levar em consideração a constituição temporal interna da situação, enquanto o *imperfectivo* toma a situação de dentro e como tal ocupa-se da estrutura interna da situação, cujo emprego é apropriado se a situação prolonga-se no tempo do início ao fim.

⁷² Segundo Costa (2002), nos estudos sobre aspecto, encontra-se a expressão ‘Aktionsart’ (modo da ação), uma categoria supostamente diferente da categoria ‘aspecto’. A diferença entre as duas é justificada pela forma de expressão das categorias na estrutura das línguas, enquanto aspecto seria uma categoria expressa por recursos morfológicos e sintáticos, o modo da ação seria concernente à natureza da entidade, que se apresentaria no lexema verbal – aspecto lexical. Aqui não nos interessa tal separação.

Se uma ação verbal indica uma duração, temos o aspecto *imperfectivo*; se uma ação cumprida, contrária à noção de duração, o aspecto *perfectivo*; se uma ação repetida, o aspecto *iterativo*; se nada disso, vestindo-se o verbo de um tom virtual, indiferente à atualização por qualquer categoria (e no caso interessa-nos a ausência da categoria *aspectual*), teremos o aspecto *indeterminado*. (CASTILHO, 1968, p. 14)

Conforme Comrie (1981), costuma-se afirmar que aspecto *perfectivo* descreve uma situação de curta duração e aspecto *imperfectivo*, uma situação de longa duração. *Perfectividade*, então, está relacionada a ações que são apresentadas como uma totalidade, sem identificação de suas partes, ao passo que *imperfectividade* denota ações em curso, em que se pode identificar sua constituição interna, fases em desenvolvimento:

Outra maneira de explicar a diferença de sentido entre *perfectivo* e *imperfectivo* é dizer que o *perfectivo* olha para a situação de fora, sem necessariamente qualquer distinção da estrutura interna da situação, enquanto que o *imperfectivo* olha para a situação de dentro, e, como tal, está crucialmente relacionado à sua estrutura interna, uma vez que tanto pode olhar para trás em direção ao início da situação, e olhar para frente, para o fim da situação, o que é igualmente adequado se a situação se prolonga no tempo sem começo e sem fim. (COMRIE, 1981. p. 4, tradução nossa)⁷³

Uma definição nesses termos é essencialmente semântica, já que faz referência à estrutura interna de uma situação, sem levar em conta a expressão formal de aspecto na estrutura verbal. Em Língua Portuguesa, a diferença entre pretérito imperfeito e pretérito perfeito simples é fundamentalmente uma diferença *aspectual*, que pode ser apreendida, inclusive, a partir da flexão da desinência modo-temporal. Assim, em nossa língua, a estrutura dos verbos combina as noções de aspecto e tempo, embora não haja morfemas específicos para marcar a distinção entre os tipos de aspecto.

Há que se considerar também que aspecto *perfectivo* não pode ser definido apenas como descrevendo uma situação de duração limitada em oposição a aspecto *imperfectivo* descrevendo uma ilimitada, ambos os tipos *aspectuais* podem ser usados para fazer referência a uma extensão temporal de uma situação, ou seja, formas *perfectivas* podem ser usadas para codificar situações que se prolongam no tempo, ou que incluem fases internas, desde que essa situação seja tomada como um todo. Coan (2003) chama-nos a atenção para o fato de combinações de formas *perfectivas*, por exemplo, com advérbios de tempo *indeterminado* (*sempre, nunca*), expressarem a duração de uma situação que pode ser confundida com

⁷³ Another way of explaining the difference between perfective and imperfective meaning is to say that the perfective looks at the situation from outside, without necessarily distinguishing any of the internal structure of the situation, whereas the imperfective looks at the situation from inside, and as such is crucially concerned with the internal structure of the situation, since it can both look backwards towards the start of the situation, and look forwards to the end of the situation, and indeed is equally appropriate if the situation is one that lasts through all time without any beginning and without any end.

aspecto imperfectivo⁷⁴, sendo, portanto, inadequado dizer que formas perfectivas exclusivamente indicam situações de curta duração, pontuais ou momentâneas, descrevem situação delimitada, sendo também inadequado dizer o oposto para formas imperfectivas. Essa propriedade fica ainda mais evidente em perífrases gerundivas, nas quais formas perfectivas associadas ao gerúndio são compatíveis com uma interpretação durativa, produzindo uma espécie de *perfectivo progressivo*. Comparem-se os exemplos a seguir:

(124) Naquella comarca auia certos pastores, que ***estavam vigiando*** seu gado. (E 16 2 MCM 30)

(124a) Naquela comarca havia certos pastores, que ***vigiaram*** seu gado.

(125) ***Estivemos rondando*** disfarçados de padres, é claro; há guardas à porta e à volta, que não deixam ninguém entrar sem se identificar. (B 20 2 BI 97)

(125a) ***Rondamos*** disfarçados de padres, é claro ...

A diferença entre ***estavam vigiando*** e ***vigiaram*** não está relacionada ao tempo (codificam passado), ao modo (estão no indicativo), número (são plural) ou pessoa (terceira pessoa), mas está relacionada ao aspecto, isto é, a primeira é vista como incompleta, em andamento, com certa extensão interna de tempo, ao passo que a segunda é concebida do ponto de vista da completude da ação, de sua inteireza, como um todo sem distinção de suas partes. Embora se possam perceber as ações ***estivemos rondando*** e ***rondamos*** como completas, há diferentes nuances aspectuais que diferenciam essas construções, visto que a primeira denota progressividade e iteratividade, ao passo que essas noções são excluídas na forma simples. A progressividade também se mantém quando a perífrase gerundiva é construída no modo subjuntivo:

(126) Ali ficou o ladrão, como se a mão de Deus o ***estivesse espalmado*** contra o chão. (E 20 2 MC 9)

⁷⁴ Coan baseia-se em Mateus et al. (1983) que consideram o advérbio, em Português, como um dos processos de expressão da categoria aspecto: “Se admitirmos a idéia de que existe uma forma inicial que pode ser alterada quando conjugada com outras categorias no enunciado, então teremos de falar em aspecto básico e aspecto decorrente do contexto. Isso porque, se é possível que uma forma perfectiva carregue traços como pontualidade ou iteratividade, também deve ser possível que carregue o traço continuidade. Propomos, portanto, que há um significado básico que pode ser mantido no contexto e um significado adicional decorrente da combinação da forma verbal com outras formas gramaticais.” (COAN, 2003, p. 96).

Temos considerado até então, partindo das contribuições de Comrie (1981), a manifestação do aspecto quanto ao modo como uma situação deve ser vista: se situação completa ou incompleta; situação única (sem distinção de fases) ou com constituição interna, o que possibilita a distinção entre perfectivo e imperfectivo. É preciso considerar, também, a semântica aspectual, valores como: pontualidade, duratividade, progressividade, iteratividade, habitualidade e telicidade.

Segundo Comrie (1981), a *duratividade* diz respeito a situações que se prolongam no tempo ou, no mínimo, são concebidas como prolongadas por certo período de tempo em oposição à *pontualidade*, que está relacionada a situações que se realizam momentaneamente. A partir dessa definição, poder-se-ia afirmar que, em situações pontuais, não poderia ser identificada constituição temporal interna de uma situação; portanto, *imperfectividade* e *pontualidade* seriam incompatíveis. Se essa afirmação for considerada verdadeira, pondera o autor, verbos estritamente pontuais, como *cough* (tossir), não poderiam ser empregados como durativos; contudo, uma interpretação *imperfectiva* seria impossível em uma sentença do tipo *he was coughing* (ele estava tossindo) para se referir a uma única tosse, mas seria perfeitamente apropriada para descrever uma série de tosses, ou até mesmo se fossem duas tosses, claramente uma situação durativa. Dessa forma, Comrie sugere os termos *semelfactivo*, para se referir a situações pontuais que se realizam uma única vez, e o termo *iterativo*, para aquelas em que há repetições da situação, não sendo excluídas destas últimas as nuances durativas.

Temos defendido que o gerúndio expressa aspecto progressivo e o exame dos dados comprova que este é o principal traço aspectual associado às construções gerundivas (perifrásticas e não perifrásticas). Contudo, o emprego, no gerúndio, de verbos, cujo significado lexical expressa pontualidade, mantém esse traço evidente em orações reduzidas, em circunstâncias adverbiais, e expressa progressividade associada a outros valores aspectuais nas construções perifrásticas. Vejamos os exemplos a seguir com os verbos *quebrar*, *cair* e *tocar*, tidos como pontuais.

a) pontualidade

(127) – Anda logo com isso, gritou alguém atrás, ***quebrando*** o instante de *aturdimento*. (B 20 2 BI 22)

(128) *Caindo no chão sem sentidos*, teve a desgraça de ficar prisioneiro nas mãos de D. Fernando, de quem todavia pôde obter liberdade, mediante restituição das praças que tomara na Galliza, ficando outra vez marcados pelo rio Minho os limites do norte do reino (E 19 2 HGC 118)

b) pontualidade + iteratividade

(129) Vem às vezes um médico que o examina com precaução, *tocando-lhe com a ponta dos dedos, de longe, medroso*. (B 20 1 CC 98)

c) Progressividade + telicidade

(130) *Noel vai caindo aos poucos* num estado de modorra vizinho do sono. (B 20 1 CC 53)

No que diz respeito à progressividade, Comrie afirma que, em algumas línguas, como o Inglês, a distinção entre significado progressivo e não progressivo por meio de formas progressivas e não progressivas é obrigatória, já em outras, como o Português, Espanhol e Italiano, o emprego de formas exclusivamente progressivas é opcional, visto que formas não progressivas não excluem o significado progressivo. É o que acontece no exemplo a seguir:

(131) D. Maria Ana (...) assim mostrando ou dando a entender que a criança que em seu ventre se *está formando* é tão filha do rei de Portugal como do próprio Deus, a troco de um convento. (E 20 2 MC 18)

(= *que em seu ventre se forma*)

Contudo, o autor difere progressividade de imperfectividade pelas seguintes razões: a) a imperfectividade inclui, como um de seus casos especiais, a habitualidade, isto é, uma situação pode ser vista como habitual sem ser vista como progressiva, como ocorre com formas habituais não progressivas do Inglês *John used to write poems*⁷⁵ e, neste caso, progressividade é semelhante à continuidade, que é definida como uma imperfectividade que não é ocasionada pela habitualidade; b) há situações em que progressividade é compatível com habitualidade, ou seja, uma situação pode ser vista como progressiva e como habitual, de

⁷⁵ Em inglês, utiliza-se a expressão *used to* + infinitivo para descrever situações habituais que ocorriam no passado e que deixaram de ocorrer. A tradução aproximada para o Português é: John costumava escrever poemas / John escrevia poemas.

modo que cada ocorrência individual da situação pode ser vista como progressiva e o total de todas as ocorrências como habitual, é o que ocorre em *John used to be writing poems*.⁷⁶ Em Língua Portuguesa, habitualidade e progressividade são perfeitamente compatíveis, de modo que uma situação pode ser, ao mesmo tempo, progressiva e habitual, expressa ou não por formas progressivas. Vejamos:

(132) Quando Sete-Sóis chegou a Aldegalega, *estava anoitecendo*. (E 20 2 MC 21)

Combinada com o perfeito simples, a situação *estava anoitecendo* é concebida como progressiva, sem traços de habitualidade ou iteratividade, diferentemente da situação seguinte, que cumula os traços aspectuais habitualidade e progressividade.

(133) *Todos os dias, quando Sete-Sóis chegava a Aldegalega, estava anoitecendo*.

Do mesmo modo, a progressividade também é compatível com a iteratividade, conforme o exemplo a seguir, em que a noção aspectual mais saliente parece ser a repetição de uma situação por um período determinado de tempo, em vez de habitualidade:

(134) e que por negligencia d'elle monarcha se commettiam impunemente pelo reino roubos, rapinas, estupros, mortes e sacrilégios; *que a cada passo se estavam violando todos os direitos* (E 19 2 HGC 121)

Nesta pesquisa, as construções com gerúndio têm sido associadas ao *aspecto progressivo*, isto é, mesmo nas construções que expressam *situações perfectivas*, pode ser identificado algum grau de progressividade (continuidade interna da ação). Desse modo, a noção progressividade à qual submeteremos as perífrases gerundivas incorpora não apenas as situações iterativas e habituais, nos moldes definidos por Comrie (1981), mas também situações em que se possa perceber o desenvolvimento interno da construção, a partir da relação com outros elementos presentes da estrutura oracional, como o exemplo que repetimos a seguir:

(135) *D. Urraca, tendo com efeito passado as segundas núpcias com o rei de Aragão, D. Affonso I, enlace muito mal sucedido para ambos, separados por mais de uma*

⁷⁶ John costumava estar escrevendo poemas / John costuma escrever poemas. Ver nota anterior.

vez um do outro e acusada também de afeições ilícitas, accendeu no reino discórdias civis (E 19 2 HGC 114)

A situação *tendo passado as segundas núpcias*, embora seja apresentada como completa, acabada, não exclui a expressão de extensão de tempo (= período do segundo casamento), compatível com o traço de progressividade.

Conforme Comrie, muitas discussões sobre aspecto têm considerado habitualidade essencialmente a mesma coisa que iteratividade, ou seja, a repetição sucessiva de uma dada situação, terminologia que se mostra enganosa por dois motivos: a) a mera repetição de uma situação não é suficiente para que tal situação seja concebida especificamente como habitual (ou, de fato, imperfectiva) – se uma situação é repetida por um número limitado de vezes, cada uma pode ser vista como uma única situação, codificada por formas perfectivas; b) uma situação pode ser expressa por uma forma habitual sem que haja iteratividade. Numa sentença como *O templo de Diana costumava ficar em Éfeso*, não há necessariamente a implicação de que havia várias ocasiões nas quais o templo permanecia em Éfeso, com períodos em que não permanecia.

O traço comum a todas as ocorrências de habitualidade, sejam ou não também iterativas, é que elas descrevem uma situação característica de um período estendido de tempo, tão estendido de fato que a situação é vista não como uma propriedade accidental do momento, mas, precisamente, como um traço característico de um período todo. Se a situação individual é uma que pode ser prolongada indefinidamente no tempo, então não há necessidade para iteratividade ser envolvida (como em *o templo de Diana costumava ficar em Éfeso*), pela qual igualmente não está excluída (como em *o policial costumava ficar no canto por duas horas todo dia*). Se a situação não pode ser prolongada, então a única interpretação razoável vai envolver iteratividade (como em *o velho professor costumava sempre chegar tarde*). (COMRIE, 1981, p. 27-28, tradução nossa)⁷⁷.

As propriedades semânticas de situações *télicas* e *atélicas* são perfeitamente compatíveis com situações progressivas, durativas, mas diferem entre si quanto à estrutura interna do verbo que expressa essas situações: a) as situações *télicas* alcançam um ponto final ou preveem um ponto final de sua realização, isto é, embora seja possível perceber sua duração interna e dividir tal situação em partes, nenhuma dessas partes corresponde à situação

⁷⁷The feature that is common to all habituais, whether or not they are iterative, is that they describe a situation which is characteristic of an extended period of time, so extended in fact that the situation referred to is viewed not as an incidental property of the moment but, precisely, as a characteristic feature of a whole period. If the individual situation is one that can be protracted indefinitely in time, then there is no need for iterativity to be involved (as in *the Temple of Diana used to stand at Ephesus*), though equally it is not excluded (as in *the policeman used to stand at the corner for two hours each day*). If the situation is one that cannot be protracted, then the only reasonable interpretation will involve iterativity (as in *the old professor used always to arrive late*).

descrita pelo alcance desse ponto final; b) as situações *atélicas* são durativas, mas não preveem o alcance desse ponto final e, se dividirmos sua duração interna em partes, qualquer parte será correspondente à situação descrita pelo todo. Nos exemplos as seguir, temos valores aspectuais *télicos* e *atélicos*, respectivamente:

(136) *Honorato agora está atando a gravata, na frente do espelho.* (B 20 1 CC 10)

(137) — *Não faça barulho, o Napoleão está dormindo.* (B 20 1 CC 41)

A ação de *atar a gravata* só será verdadeira quando o ponto final dessa ação for alcançado, isto é, nenhuma parte da extensão temporal interna dessa ação anterior a este ponto corresponde à ação concluída – por isso uma situação *télica*; por outro lado, a ação de dormir é verdadeira em toda sua extensão temporal interna, mesmo que a ação seja interrompida em qualquer estágio – por isso *atélica* (se alguém que estiver dormindo for despertado, será verdadeiro afirmar que ele dormiu). Como situações não são descritas por verbos apenas, mas também por seus argumentos, é preciso considerar toda extensão da sentença para decidir se é *télica* ou *atélica*. Segundo Comrie (1981), a importância particular da distinção entre situação *télica* e *atélica* no estudo do aspecto, quando combinadas com a oposição *perfectivo/imperfectivo*, é que certas deduções lógicas podem ser feitas: formas *perfectivas* referindo-se a uma situação *télica* implicam realização do ponto final dessa situação, mas formas *imperfectivas* não trazem tal implicação. As considerações sobre situações *télicas* e *atélicas* podem ser comparadas com as concepções de Vendler (1967) sobre *achievement* e *accomplishment*.

A proposta de Vendler (1967) para avaliação do aspecto leva em consideração que a distinção entre estados, processos, ocorrências e modo de realização das formas verbais não pode ser feita apenas em termos de tempo, mas deve considerar a ausência ou a presença de outros elementos, objetos e condições que entram em cena, embora não haja dúvidas de que o elemento tempo continua a ser muito importante. A proposta engloba adjuntos, advérbios e complementos para determinar a que categoria um verbo pertence, já que podem alterar seu significado. Em sua tipologia, Vendler leva em consideração que, embora os verbos de uma língua indiquem tempo, o que leva a propor que o conceito de tempo é relevante para uso dos verbos, isso não está limitado apenas à distinção óbvia entre presente, passado e futuro, mas também ao fato de a forma de um verbo pressupor e envolver a noção de tempo. Assim, sua

discussão leva em conta a constituição temporal interna dos verbos, seus sentidos e a sua ocorrência com outros argumentos. A tipologia de Vendler é constituída dos seguintes tipos de verbos: *atividades, accomplishments, achievements e estados*⁷⁸.

Os verbos de *atividade* (como correr, puxar uma carroça...) são processos em curso no tempo, são constituídos de fases sucessivas seguidas que não precisam de um tempo definido ao final do qual a atividade descrita pelo verbo seja completada, isto é, a atividade é verdadeira dentro de um espaço de tempo, não têm um ponto final, um clímax a ser atingido. Se for verdadeiro que alguém *está correndo* ou *puxando uma carroça agora*, se esse alguém parar no momento seguinte, será verdadeiro afirmar que ele correu e que ele puxou a carroça⁷⁹. Para atividades, Vendler propõe o seguinte esquema de definição: “*A estava correndo em um tempo t* significa que o instante de tempo *t* é uma extensão de tempo em que *A* estava correndo”⁸⁰ (VENDLER, 1967, p. 106, itálicos do autor). *Atividades* admitem locuções adverbiais ou advérbios que denotem duração como *por uma hora, durante uma hora*, cabendo a pergunta “por quanto tempo?” para se identificar esse tipo de situação.

Os *accomplishments* (correr uma milha, desenhar um círculo, escrever uma carta) são aqueles que pressupõem um tempo homogêneo, ocorrem em um tempo certo, prosseguem para um término que é logicamente necessário para que a ação descrita pelo verbo seja verdadeira. Se for verdadeiro que alguém *está desenhando um círculo* ou *correndo uma milha agora* e se ele para no próximo momento, não será verdadeiro afirmar que ele desenhou um círculo ou que ele correu uma milha. Para os *accomplishments*, é válido o seguinte: “*A estava desenhando um círculo em um tempo t* significa que *t* é a extensão de tempo em que *A* desenhou o círculo”⁸¹ (VENDLER, 1967, p. 106, itálicos do autor). *Accomplishments* admitem locuções adverbiais como *em uma hora*, que servem para expressar o tempo completo em que a situação ocorreu, sendo impossível distinguir suas fases, visto que é o tempo necessário para que a situação se realize. Se for verdadeiro que alguém correu por uma hora, então deve ser verdadeiro que ele estava correndo em cada fatia de tempo dentro de uma hora, mas se for verdadeiro que um atleta correu uma milha em quatro minutos, não pode ser

⁷⁸ Decidimos não traduzir os termos *accomplishments* e *achievements*, visto que a tradução poderia desvirtuar o conceito dos termos tal como são compreendidos na língua original.

⁷⁹ Esse raciocínio é desenvolvido por Vendler (1967, p. 100).

⁸⁰ Tradução livre de “*A was running at time* means that time instant *t* is on a time stretch throughout which *A* was running”.

⁸¹ Tradução livre de “*A was drawing a circle at t* means that *t* is on the stretch in which *A* drew that circle”.

verdadeiro afirmar que ele correu uma milha em alguma fatia de tempo que forma este período de quatro minutos, embora continue verdadeiro que ele correu.

Os *achievements* (alcançar o topo de uma colina, ganhar uma corrida, encontrar um tesouro) são aqueles verbos que ocorrem em um momento único, eles sugerem o começo ou fim de uma situação, não podem ocorrer numa extensão temporal. Só se pode afirmar que alguém alcançou o topo de uma colina, se, de fato, esse alguém o alcançou e, se ele parar a escalada no meio do trajeto, não será verdadeiro que ele alcançou o topo da colina. Da mesma forma, ganhar uma corrida só será verdadeiro se esse alguém cruza a linha de chegada (também um *achievement*) e essa afirmação não será verdadeira nos instantes de tempo anteriores a isso⁸². Para os *achievements*, Vendler estabelece que: “*A ganhou uma corrida entre t_1 e t_2 significa que o instante de tempo em que A ganhou a corrida está entre t_1 e t_2* ”⁸³ (VENDLER, 1967, p. 106, tradução nossa, itálicos do autor). Para verificar se uma situação é um *achievement*, Vendler propõe perguntas como “*em que hora?, em que momento?*” que evidenciam justamente o momento pontual em que a situação se realiza.

Os *estados* (amar alguém, gostar de alguém etc) são verbos que descrevem situações que são verdadeiras em todos os instantes de tempo de um período de tempo, são situações que duram entre instantes de tempo que vão entre t_1 e t_2 , sem terem seu valor de verdade comprometido e sem possibilidade de distinção de fases. Saber geografia agora não significa que o processo de saber geografia está acontecendo no presente momento, consistindo de fases que se sucedem. Para os estados, a definição esquemática proposta por Vendler é: “*A amou alguém de t_1 a t_2 significa que em algum instante entre t_1 e t_2 A amou essa pessoa*”⁸⁴ (VENDLER, 1967, p. 106, tradução nossa, itálicos do autor).

As definições esquemáticas propostas por Vendler mostram que *atividades* requerem períodos de tempo que não são únicos ou definidos; *accomplishments*, por outro lado, implicam a noção de períodos de tempo exclusivos e definidos; *achievements* envolvem instantes de tempo exclusivos (únicos) e definidos e *estados* envolvem instantes de tempo de indefinidos e não-exclusivos.

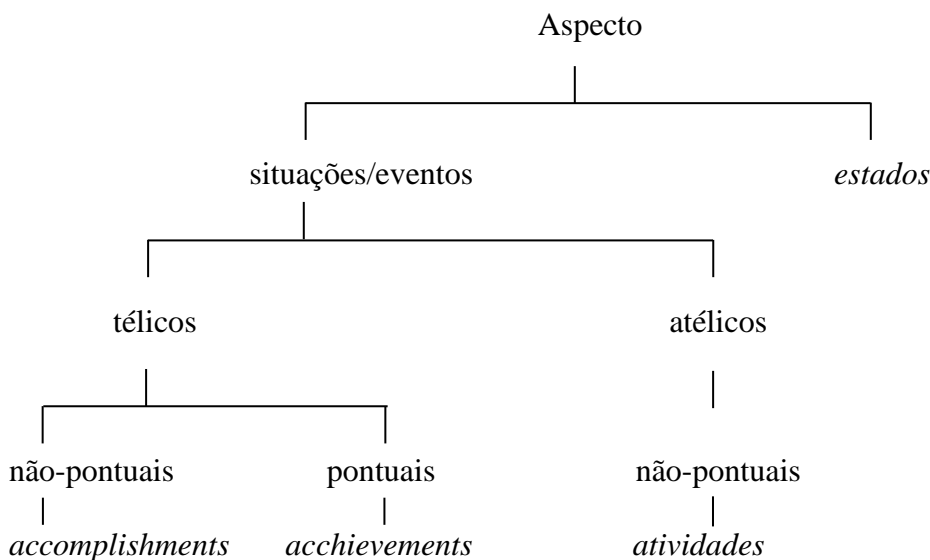
⁸² O raciocínio foi desenvolvido por Vendler (1967, p. 106)

⁸³ *A won a race between t_1 and t_2 means that the time instant at which A won that race is between t_1 and t_2 .*

⁸⁴ *A loved somebody from t_1 and t_2 means that at any instant between t_1 and t_2 A loved that person.*

Considerando a proposta de Vendler (1967), a distribuição das construções gerundivas pode ser feita do seguinte modo: a) construções que denotam estado; b) construções que denotam eventos ou situações. Vejamos a figura a seguir:

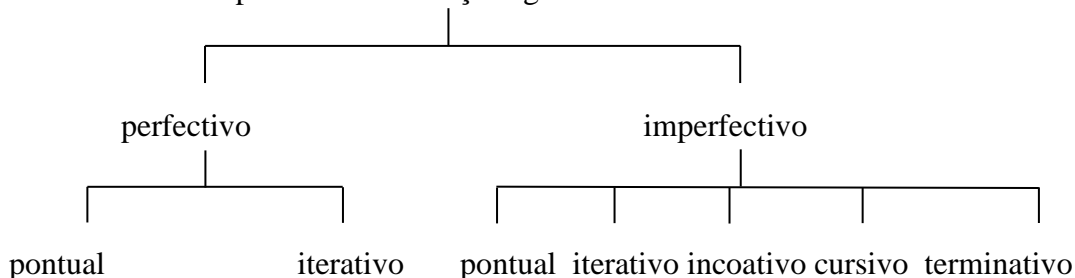
Figura 4 – As noções aspectuais de Vendler (1967).



Fonte: esquema feito a partir da leitura de Vendler.

Tomando-se como base as contribuições de Comrie (1981), podemos distribuir as construções gerundivas, a partir do aspecto perfectivo e imperfectivo, associado a outros valores aspectuais, tais como pontual, cursivo, iterativo, terminativo, do seguinte modo: a) construções perfectivas associadas a aspecto pontual e iterativo; b) construções imperfectivas, associadas a aspecto pontual, iterativo, incoativo, cursivo e terminativo, conforme figura a seguir:

Figura 5 – distribuição das noções aspectuais das construções gerundivas, baseada em Comrie (1981).



Fonte: esquema proposto por este pesquisador, baseado na leitura de Comrie (1981).

3.2.3 A modalidade

Segundo Givón (2001), o quadro proposicional de uma sentença – seus papéis semânticos e gramaticais, o tipo de predicação e transitividade – assim como a atuação dos itens lexicais que preenchem os vários espaços nesse quadro não são afetados pela modalidade ao redor da proposição, já que a modalidade codifica a atitude do falante, em relação à proposição, no que diz respeito à informação proposicional que a sentença encerra: a) o julgamento epistêmico – verdade, probabilidade, certeza, crença e evidência; b) o julgamento avaliativo (deôntico) – desejo, preferência, intenção, habilidade, obrigação e manipulação.

Para o linguista, esses dois subtipos de modalidade não são sempre excludentes, mas se interseccionam em formas específicas, já que a modalidade epistêmica e a deôntica admitem, pelo menos em princípio, gradação. Desse modo, os quatro tipos de modalidade proposicional desempenham forte consequência gramatical e funcional nas línguas humanas. Givón (2001) afirma que a definição de modalidade epistêmica empregada em uma língua natural é mais apropriadamente dada em termos de suas funções cognitivas ou comunicativas, resultado da longa tradição lógica pela qual passaram essas categorias modais, que remonta a Aristóteles. Essa tradição, com sua preocupação com os aspectos epistêmicos da modalidade, seguiu seu curso natural e chegou às noções modais que carregam estreitas semelhanças com as nossas modalidades definidas comunicativamente: pressuposição, asserção *realis*, asserção *irrealis* e negação. Vejamos em que consiste essa equivalência, segundo Givón (2001):

Tradição lógica	equivalência comunicativa
a) verdade necessária	pressuposição
b) verdade factual	asserção <i>realis</i>
c) verdade possível	asserção <i>irrealis</i>
d) não verdade	negação

Givón (2001) afirma que a tradição lógica tratou a modalidade como uma propriedade da proposição destacada de seu contexto comunicativo, embora mais tarde as

exposições tenham sido pragmáticas em vez de semânticas, tratando as modalidades em termos de estados epistêmicos e metas comunicativas dos dois participantes da comunicação: o falante e o ouvinte. Com base nisso, Givón (2001) apresenta uma reformulação das modalidades, que segue Givón (1982b, 1989, 1994, 1995):

a) pressuposição - a pressuposição é dada como certa para ser verdade, por definição, acordo prévio, convenção culturalmente compartilhada, por ser óbvio a todos os presentes na situação de fala ou por ter sido proferida pelo falante e permanecer incontestável pelo ouvinte.

b) asserção *realis* - a proposição é fortemente aceita para ser verdade, mas a contestação do ouvinte é considerada adequada, mesmo que o falante tenha evidências ou outras fortes razões para defender a sua forte crença.

c) asserção *irrealis* - a proposição é fracamente aceita para ser possível, provável ou incerta (subtipos epistêmicos), necessária, desejável ou indesejável (subtipos deônticos), mas o falante não está pronto para sustentar a asserção com evidências e a contestação do ouvinte é prontamente recebida, esperada ou mesmo solicitada.

d) asserção negativa - a proposição é fortemente aceita para ser falsa, porque entra em contradição com a crença explícita ou assumida pelo ouvinte, cuja contestação é antecipada.

O autor critica o fato de a tradição lógica ter baseado a definição entre *realis* e *irrealis* como um contraste entre evento *real* e *irreal*, isto é, asserções com ou sem valor de verdade, respectivamente. Quando *realis* e *irrealis* são definidos em termos cognitivos e comunicativos, o foco do contraste muda de direção: cognitivamente, da verdade lógica para a certeza subjetiva; comunicativamente: da semântica baseada no falante para pragmática interativa, envolvendo a negociação social entre falante e ouvinte.

No que diz respeito à distribuição da modalidade na gramática, Givón afirma que há poucas línguas, nas quais a marcação gramatical de todas as modalidades é totalmente uniforme, com exceção da negação, que é uniformemente marcada em todas as línguas. Assim, o linguista sugere testes de cruzamento linguístico para modalidade, como o que envolve o comportamento referencial dos sintagmas nominais, e agrupa as quatro modalidades em dois tipos:

a) **modalidade factual**: pressuposição e asserção realis.

b) **modalidade não-factual**: asserção irrealis e negação.

Segundo o linguista, no que diz respeito à relação modalidade-tempo-aspecto e com base no teste de referência, as correlações entre modalidade factual e não-factual ficam assim distribuídas:

Modalidade	tempo	aspecto
Factual	passado	perfectivo
	Presente	perfeito/progressivo
Não-factual	futuro	habitual/repetitivo

Nesta pesquisa, consideraremos a proposta de agrupamento das quatro modalidades em modalidade *factual* e *não-factual*, pelos seguintes motivos: a) a divisão tem como base a relação tempo e aspecto, noções que são do interesse desta pesquisa; b) a classificação bipartida das quatro modalidades mostra-se como um eficiente meio de analisar grande volume de dados, cuja avaliação em quatro tipos de modalidades poderia demandar mais tempo e critérios ainda mais refinados para sua classificação e posterior análise.

3.3 A transitividade e o relevo discursivo

Segundo Hopper e Thompson (1980), um grande número de evidências sugere a importância da transitividade nas gramáticas das línguas naturais, uma relação crucial que tem um número de consequências previsíveis na gramática, cujas propriedades são discursivamente determinadas. Partindo da noção tradicional de transitividade, pela qual o termo é entendido como uma propriedade de uma cláusula completa, de modo que uma ação é transferida completamente de um agente a um paciente, os autores estabelecem que a transitividade diz respeito à eficácia com que essa ação se realiza, isto é, está relacionada à

pontualidade ou à telicidade de um verbo, à consciência do agente, à referencialidade do objeto e ao grau de afetação do objeto, por exemplo.

Considerando-se que a noção clássica de transitividade envolve, pelo menos, dois participantes, já que envolve a transferência de ação um participante para outro, os autores propuseram parâmetros de transitividade para medir graus de transitividade das cláusulas. Os parâmetros são:

Figura 6 – Parâmetros de Transitividade

	Alta Transitividade	Baixa Transitividade
(A) Participantes	2 ou mais participante, A e O.	1 participante
(B) Cinese	Ação	Não-ação
(C) Aspecto	Télico	Atélico
(D) Pontualidade	Pontual	Não-pontual
(E) Volição	Volitivo	Não-volitivo
(F) Afirmação	Afirmativo	Negativo
(G) Modo	Real	Irreal
(H) Agentividade	A alto em potência	A baixo em potência
(I) Afetabilidade do Objeto	O totalmente afetado	O não-afetado
(J) Individuação do Objeto	O altamente afetado	O não-individuado

Fonte: Hopper e Thompson, 1980, p. 252.

Cada componente de transitividade revela a efetividade ou a intensidade com que a ação é transferida de um participante para outro: a) nenhuma ação pode ser transferida a menos que dois participantes estejam envolvidos; b) ações podem ser transferidas de um participante para outro, ao passo que estados não podem; c) uma ação vista de seu final, uma ação télica, é mais efetivamente transferida de um participante para outro que uma ação em que não se possa prever o seu final; d) ações cumpridas sem nenhuma fase de transição entre o início e o fim tem maior efeito de transferência entre os participantes que ações que estão inerentemente em processo; e) o efeito da ação no participante paciente é tipicamente mais evidente quando o agente é apresentado como agindo propositalmente; f) ações que são transferidas (polaridade afirmativa) ou não são transferidas (polaridade negativa); g) uma ação irreal ou que é apresentada em um mundo irreal é menos efetiva que uma ação que corresponda ao um evento real; h) um participante com alta agentividade pode transferir a ação de modo mais efetivo que um agente com baixa agentividade; i) o grau com que uma ação é transferida está relacionado ao grau de afetação do objeto e j) uma ação pode ser mais efetivamente transferida para um paciente que é individuado que para um paciente que não é.

São traços de objeto individuado em oposição a um objeto não-individuado: próprio, humano, animado, singular, contável, referencial e definido.

Hopper e Thompson (1980) observaram que as línguas dispõem de estruturas morfossintáticas que refletem o grau de transitividade de uma cláusula e aos quais os parâmetros de transitividade estão correlacionados. Contudo, os autores julgaram necessário especificar uma noção semântico-pragmática que incluísse todos os parâmetros, um princípio pragmático único, isto é, alguma função discursiva universal que estivesse ligada aos componentes de transitividade. Os pesquisadores observaram que os falantes organizam seu discurso de acordo com objetivos comunicativos e com a percepção que têm das necessidades dos ouvintes, isto é, nas diversas situações de interação, muitas partes do que é dito são mais relevantes que outras. Aquela parte do discurso que não contribui de modo imediato para a meta do falante, mas que amplia ou comenta sua meta é chamada de FUNDO (em inglês, *backgrounding*). Por outro lado, o material discursivo que supre o ponto principal do discurso é chamado FIGURA (em inglês, *foregrounding*). Como não conseguimos dar atenção a tudo na mesma medida, na produção do discurso, marcamos, por diferentes meios, a distinção entre trechos mais importantes e outros menos importantes, conforme os objetivos da atividade comunicativa. A organização de nosso discurso em figura e fundo configura o relevo discursivo (*grounding*), que é determinado por traços linguísticos, dentre os quais está a transitividade. Os autores enunciaram a seguinte hipótese: orações que são figura têm mais traços de alta transitividade; já orações que são fundo têm traços de baixa transitividade. No texto, as orações que são figura formam “sua coluna vertebral ou o seu esqueleto”, formam sua estrutura básica; ao passo que as orações que são fundo “dão carne” ao esqueleto, são elementos adicionais à sua coerência estrutural.

Diversas línguas naturais dispõem de mecanismos morfológicos e sintáticos que refletem o relevo discursivo, isto é, servem para avisar ao ouvinte que determinada parte do texto é figura e para a elaboração de paradigmas verbais especializados nessa distinção relacionados a tempo e aspecto. Dentre as estratégias mais comuns para indicar que determinada oração é figura ou fundo está a oposição entre ação completa x ação incompleta, mas os autores afirmam que “o ouvinte infere o relevo discursivo não a partir de um traço

morfossintático, mas de um grupo de propriedades e nenhuma delas é uma característica exclusiva de figura” (HOPPER e THOMPSON, 1980, p. 283-284, tradução nossa).⁸⁵

Em Inglês, as formas gerundivas do verbo (*-ing forms*) sempre indicam ação incompleta; seu uso em nominalizações e na subordinação revelam que elas são invariavelmente fundo. Contudo, não há uma marca específica de figura e uma sentença em Inglês, fora de seu contexto, não pode ser categorizada inequivocamente como uma cláusula do tipo figura ou fundo (HOPPER e THOMPSON, 1980, p. 283, tradução nossa)⁸⁶

Em línguas como o Inglês, asseveram os autores, orações do tipo figura não são marcadas, mas, em vez disso, são indicadas ou interpretadas como tal a partir de uma base probabilística, e a probabilidade de uma oração ser interpretada como figura é proporcional ao seu grau de transitividade (na escalada de transitividade).

Givón (2001) define a transitividade como um fenômeno complexo que envolve os componentes sintático e o semântico e, para tanto, o evento transitivo é definido pelas propriedades semânticas do agente, do paciente e do verbo na oração em que tal evento ocorre: a) agentividade: ter um agente intencional, ativo; b) afetamento: ter um paciente concreto, afetado; c) perfectividade: envolver um evento concluído, pontual. Esses traços semânticos são, em princípio, uma questão de grau. Entende-se por afetação no objeto alguma alteração física nesse objeto, conforme as concepções de Givón (1984): a) objeto criado (*He built a house* = Ele construiu uma casa), b) objeto totalmente destruído (*They demolished the house* = Eles demoliram a casa), c) mudança física no objeto (*She sliced the salame* = Ela fatiou o salame), d) mudança de lugar do paciente (*He rolled the wheelbarrow* = Ele empurrou o carrinho de mão), e) mudança superficial = (*He bathed the baby* = Ele banhou o bebê), f) mudança interna (*They heated the solution* = Eles aqueceram a solução), g) mudança com um instrumento implicado (*He hammered the nail* = Ele martelou o prego), h) mudança com modo implicado (*She smashed the cup* (‘break’ completely) = Ela espatifou a xícara (‘quebrar’ completamente)).

3.3.1 A transitividade e o relevo discursivo nas construções com gerúndio

⁸⁵ The audience infers grounding not from a single morphosyntactic feature, but from a CLUSTER OF PROPERTIES, no single one of which is exclusively characteristic of foregrounding.

⁸⁶ In English, the *-ing* forms of the verbs Always indicate incomplete action; their use in nominalizations and in subordination shows that they are invariably backgrounded. However, there is no single marker of foregrounding, and an English sentence out of its context cannot always be assigned unambiguously to a foregrounded or backgrounded clause-type.

No que diz respeito às orações gerundivas em Língua Portuguesa, objeto desta tese, há de se verificar, de fato, se seu emprego é semelhante ao emprego das formas gerundivas do Inglês no que diz respeito ao relevo discursivo. No que diz respeito à transitividade nas construções gerundivas, as ações são transferidas de modo mais eficaz em construções com gerúndio composto, por ter sujeito correferencial a uma oração principal e expressar uma ação perfectiva. Nas orações perifrásticas em que a perífrase gerundiva é o núcleo de uma oração principal, a transferência da ação não se completa, tendo em vista o caráter progressivo da ação expressa nessas construções. Nas orações reduzidas, temos casos de baixa e alta transitividade. Vejamos os exemplos a seguir.

(139) Este soberano, *achando* o reino n'uma dissolução extrema, e desmantelamento geral das forças (...) em vez de buscar remediar estes males, mais acabou de enfraquecer e destruir o pouco que ainda restava dos laços governativos. (E 19 2 HGC 64)

O gerúndio aí empregado tem sujeito (este soberano) e rege complemento (o reino n'uma dissolução extrema), mas não há transferência de ação e, conseqüentemente, não há afetação do objeto, e a oração em destaque recebe os traços correspondentes à baixa transitividade.

Um dos traços semânticos mais salientes do gerúndio é seu valor aspectual progressivo, cujo emprego, em tese, não é esperado para expressar pontualidade, mas para expressar situações incompletas, que deveriam ser interpretadas como fundo. Por outro lado, a progressividade também pode ter uma interpretação télica, isto é, a ação progressiva pode ser descrita do ponto de vista do seu término e não do seu progresso ou pode expressar uma ação recém-concluída.

(140) No hall, os decoradores trabalham, *terminando* as pinturas das paredes. (B 20 1 CC 22)

(141) *Acabando* de sorver a pitada, o nosso estudante desatou a rir como um doudo. (B 19 1 AM 27)

No que diz respeito às construções com o gerúndio composto (verbo *ser* ou *ter* no gerúndio + particípio do verbo principal), seu emprego expressa situações perfectivas, com transferência ou não de ação.

(142) D. Affonso, **sendo** imediatamente **avisado** por sua irmã, apressou em vir a Zamora, depois de ajustar paz e aliança com o generoso Al-mamon ((E 19 2 HGC 93)

(143) D. Urraca, **tendo** com efeito **passado** as segundas núpcias com o rei de Aragão, D. Affonso I, enlace muito mal sucedido para ambos, separados por mais de uma vez um do outro e acusada também de afeições ilícitas, acendeu no reino discórdias civis (E 19 2 HGC 114)

Os sujeitos do gerúndio composto nos exemplos acima são correferenciais aos sujeitos das orações desenvolvidas (... *apressou...* e ...*acendeu...*, respectivamente). A interpretação que se pode dar à primeira oração *sendo avisado* é de passividade do sujeito (e, portanto, não há transferência de ação) e da oração *tendo passado* é de agentividade do sujeito (em tese, não há razão para interpretarmos a construção *tendo passado as segundas núpcias* como voz passiva). Desse modo, a construção *tendo passado* revela, de forma evidente, a transferência de ação, por um sujeito agente, para um objeto afetado em uma oração que é fundo – há, portanto, elevado grau de transitividade, conforme os parâmetros de Hopper e Thompson (1980) e conforme as propriedades do agente, do verbo e do objeto de Givón (2001). O gerúndio aí empregado ocorre em circunstância adverbial (temporal) a partir da qual outras ações devem ser interpretadas.

A relação entre o relevo discursivo e os parâmetros de transitividade não é categórica, mas é apresentada em termos de tendência por Hopper e Thompson. Dessa discussão, somos impelidos a considerar que há uma hierarquia da função pragmática relevo discursivo sobre os critérios de transitividade, isto é, uma oração não transitiva pode ser figura e vice-versa, porque línguas como o Português dispõem de outros mecanismos semântico-pragmáticos para por em relevo determinadas partes do discurso, inclusive orações completas, como as estruturas topicalizadas e clivadas a seguir:

(144) *Em vindo o padre Bartolomeu Lourenço*, poderá Blimunda, se não tem trabalhos de lavar ou cozinhar que ao tanque a levem ou ao forno a retenham, ou se não prefere assistir a Baltasar passando-lhe o martelo ou a turquês (...) (E 20 2 MC 54)

(145) *E era metendo-se na pele dos heróis de romance que ele se vingava das impertinências dos fregueses do Bazar Continental, das perseguições do gerente e da magreza do ordenado.* (B 20 1 CC 100)

Sendo assim, cabe, também, considerarmos a distribuição do relevo discursivo a partir das considerações de Talmy (1975), que segue mais de perto a Psicologia de Gestalt. Talmy parte do princípio de que figura (*figure*) e fundo (*ground*) são um par de categorias semântico-cognitivas, cuja relevância mostra, em termos de eventos semânticos de movimentos ou localização, que um objeto físico move-se ou é localizado em relação a outro. Em relação a um evento significativo como um todo, cada objeto carrega uma relação distintiva e significativa de figura ou de fundo. Assim, Talmy define o *objeto figura* como “um ponto que se move, ou é conceitualmente móvel, cujo caminho ou localização são concebidos como uma variável de particular valor de uma questão saliente” (TALMY, 1975, p. 419)⁸⁷. Já o *objeto fundo* é definido como “um ponto de referência, que tem uma configuração estática em quadro de referência, em relação ao qual o caminho ou a localização da figura recebe a localização” (TALMY, 1975, p. 419).⁸⁸

Nas definições apresentadas por Talmy, as noções de figura e fundo poderiam ser mal interpretadas, como relacionadas a um evento dentro do qual há um objeto que se move e outro que é estático, mas o que se movimenta é a atenção focalizada no objeto que é figura em relação ao objeto que é fundo, em termos de saliência informacional, como se pode ver nos exemplos retirados do autor:

(146 a) A bicicleta (figura) está perto da casa (fundo).

(146 b) A casa (figura) está perto da bicicleta (fundo).

O autor argumenta que os exemplos acima só podem ser considerados sinônimos se representarem duas formas inversas de uma relação simétrica e especificarem, por exemplo, a distância exata entre os dois objetos, mas não significam a mesma coisa, porque, em (146 a) a casa é localizada dentro de um quadro (que implica a vizinhança, o mundo, etc), e que é usada como ponto de referência para a localização do objeto bicicleta; em (146 b) a

⁸⁷ The FIGURE object is a moving or conceptually movable point whose path or site is conceived as a variable the particular value of which is the salient issue (tradução nossa).

⁸⁸ The GROUND object is a reference-point, having a stationary setting within respect to which the FIGURE's path or site receives characterization (tradução nossa).

significação é reversa, que não ocorre conforme as exigências do mundo familiar e, portanto, é uma sentença diferente de (146 a).

As relações simétricas não alçam, necessariamente, um objeto à condição de figura, porque não se trata apenas de inversão simétrica dos objetos. O autor cita como exemplos as situações seguintes:

(147) Onde está a lâmpada?

a) A lâmpada (figura) está perto da cadeira (fundo).

b) A cadeira (figura) está perto da lâmpada (fundo).*

c) A lâmpada (figura) está sobre a cadeira (fundo).

d) A cadeira (figura) está embaixo da lâmpada (fundo)*

(148) Onde está a cadeira?

a) A lâmpada (figura) está perto da cadeira (fundo).*

b) A cadeira (figura) está perto da lâmpada (fundo).

c) A lâmpada (figura) está sobre a cadeira (fundo).*

d) A cadeira (figura) está embaixo da lâmpada (fundo)

As respostas marcadas com asteriscos indicam que as frases são inaceitáveis porque não são respostas adequadas à questão. Essas categorias são marcadas por meio da prosódia e, em casos de inversão, o contorno melódico ascendente vai indicar que elemento deve ser interpretado como figura.

(149) Onde está a lâmpada?

a) A cadeira (fundo) está perto dela (figura)

Essas considerações são importantes para esta pesquisa, porque estamos avaliando construções que, em tese, teriam baixo grau de transitividade e não poderiam ser avaliadas em termos dos parâmetros de transitividade propostos por Hopper e Thompsom (1980). Assim,

analisaremos a distribuição das construções gerundivas com base na saliência informacional das orações no período oracional.

3.4 O papel da frequência em fenômenos gramaticais

Entre os estudos linguísticos de orientação funcionalista, é bastante conhecida a afirmação de que a gramática é moldada pela língua em uso, isto é, a gramática de uma língua sofre pressões sistemáticas do uso e tem de ser concebida como um sistema adaptativo, sensível a essas pressões, visto que a língua tem fundamentalmente função social.

Um importante mecanismo para se verificar como a gramática de uma língua tem de ser maleável a ponto de absorver as pressões provenientes do uso é a frequência. Segundo Bybee e Thompson (1997), há dois tipos de frequência: frequência simbólica (*token frequency*) e frequência padrão (*type frequency*). Frequência simbólica, por um lado, é a contagem de palavras em um texto ou de frases ou expressões específicas e frequência padrão diz respeito à contagem de diferentes itens lexicais aplicáveis a certo modelo ou padrão. Em outras palavras, a frequência padrão refere-se ao número de itens lexicais distintos que pode ser substituído em uma determinada construção. As autoras discutem o papel da frequência de uso na redução fonética responsável pela mudança e pela gramaticalização de determinados itens, tais como ‘*be going to*’ em /gʌnə/ em Inglês.

São três os efeitos da frequência na sintaxe de uma língua, segundo a hipótese de Bybee e Thompson (1997). O primeiro deles diz respeito à mudança fonética, isto é, se as mudanças fonéticas são resultantes de processos fonéticos que se aplicam ao tempo real em que as palavras são usadas, aquelas palavras que são usadas com maior frequência terão maior oportunidade de serem afetadas por tais processos fonéticos. Se as representações dessas palavras forem mudando gradualmente, de modo que cada alteração tenha um efeito potencial sobre a representação, então as palavras de alta frequência de uso vão mudar em um ritmo mais rápido do que as palavras de baixa frequência. O processamento de sequências frequentemente usadas como bloco único também leva à perda de sua estrutura constituinte interna, cujo efeito é a gramaticalização. A redução fonética e perda da estrutura interna são

acompanhadas por um fenômeno conhecido como opacidade semântica: palavras e frases que são muito utilizadas perdem a sua força semântica.

O segundo está relacionado ao comportamento conservador da forma linguística, ou melhor, ao aumento de sua força lexical (quer de uma palavra ou uma frase), isto é, a alta frequência de uso pode ser associada a um comportamento conservador de formas linguísticas, porque permitem o acesso lexical mais rápido: quanto mais uma forma é usada, mais sua representação é reforçada, tornando-se mais fácil o seu acesso em um próximo uso. Palavras que são reforçadas na memória e de fácil acesso não são susceptíveis de serem substituídas por novas formas criadas por padrão regular, segundo Bybee e Thompson (1997). As autoras citam como exemplo determinados verbos irregulares em inglês que tendem a apresentar padrão regular por analogia aos verbos regulares no passado (-ed), tais como *weep/wept* por *weeped*, *leap/leapt* por *leaped*, já verbos irregulares com alta frequência de uso não apresentam essa mesma tendência, mantendo a irregularidade marcada *keep/kept*, *sleep/slept*.

O terceiro efeito da frequência está relacionado à determinação da produtividade, isto é, à probabilidade de um padrão se aplicar a novas formas. Quanto mais itens lexicais ocorram numa determinada construção, menos provável será essa construção ser associada a um item lexical particular; quanto mais itens essa construção comportar, mais gerais serão os traços que serão estendidos a novos itens, portanto isso garante que a construção será usada com frequência e irá reforçar sua representação esquemática, tornando-a mais acessível para um uso posterior.

Em Língua Portuguesa, a frequência de uso do gerúndio pode estar associada ao processamento de duas de suas principais características funcionais: o aspecto progressivo e sua ocorrência em construções adverbiais. As considerações de Bybee e Thompson (1997) a respeito da frequência são importantes para o mapeamento funcional das construções de gerúndio em Língua Portuguesa, porque pretendemos quantificar as ocorrências de gerúndio nos séculos pesquisados e proceder às seguintes associações: (a) relacionar o número total de ocorrências de gerúndio à sua produtividade em cada domínio funcional; (b) relacionar a produtividade em cada domínio funcional ao relevo discursivo; (c) associar a alta frequência de uso ao reforço cognitivo sintático-semântico de codificação de aspecto progressivo; d) associar as ocorrências de gerúndio aos princípios de iconicidade e marcação.

Desse modo, a observação dos efeitos da frequência sobre os usos do gerúndio em Língua Portuguesa pode ajudar a explicar a ampliação de sua carga funcional, revelar o modo como se deu seu percurso funcional ao longo dos séculos observados, esclarecer, estatisticamente, sua maior produtividade em um domínio ou função em detrimento de outro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS DO CAPÍTULO

Neste capítulo, foram apresentadas as concepções do funcionalismo americano, com as quais trabalhamos nesta pesquisa, bem como discutimos temas relevantes ao estudo das construções gerundivas em Língua Portuguesa como tempo e aspecto. No que diz respeito à categoria tempo, concebemos a noção de tempo verbal como uma categoria linguística que marca os eventos a partir de um sistema de pontos de referência: momento do evento, momento de fala e momento de referência (REICHENBACH, 1947), rediscutida por Comrie (1985). Assim, o momento de fala é o elemento central de referência para se localizar os três tempos verbais básicos – presente, passado e futuro – em torno do qual os enunciados inevitavelmente se organizam para se referirem a situações anteriores (passado), simultâneas (presente) ou posteriores (futuro). As outras codificações de tempo, como o futuro do pretérito e o pretérito mais-que-perfeito, tomam como ponto de referência a ocorrência de outro evento no passado.

Em se tratando de aspecto, as construções gerundivas podem apresentar a seguinte distribuição: a) construções perfectivas associadas a aspecto pontual e iterativo; b) construções imperfectivas, associadas a aspecto pontual, iterativo, incoativo, cursivo e terminativo.

No capítulo seguinte, apresentaremos os procedimentos metodológicos que orientaram esta pesquisa, tais como: os critérios adotados para a composição, caracterização e editoração do *corpus* utilizado na pesquisa; as categorias de análise e o programa estatístico adotado para tratar da relação entre formas e funções.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

*Est modus in rebus (Horácio, Sátiras)*⁸⁹

APRESENTAÇÃO

A descrição do fenômeno em estudo, o teste das hipóteses, o cumprimento dos objetivos pretendidos dependem de procedimentos formais, pensamento reflexivo e método científico adequados. É o que se pretende fazer neste capítulo, quando trataremos das decisões metodológicas que guiaram esta pesquisa, principalmente as que foram tomadas com a finalidade de organizar as amostras do Português europeu e brasileiro, representativas do século XVI ao século XX, das categorias definidas para a análise e do programa estatístico utilizado para verificar a frequência da relação formas e funções.

4.1 A pesquisa linguística com dados de escrita

A Linguística constituiu-se como ciência da linguagem, no campo das ciências humanas, graças às contribuições de Ferdinand de Saussure, linguista genebrino, que organizou os estudos linguísticos, dando-lhes sistematicidade, objeto e método de estudo próprios, que culminaram no surgimento do Estruturalismo em Linguagem na segunda década do século XX. Desde então, vários foram os paradigmas de estudo da linguagem que se desenvolveram, contribuindo sobremaneira para o entendimento dos muitos fenômenos relacionados à linguagem, em razão do avanço teórico nessa área.

Contudo, o sucesso acadêmico desta ciência também está associado às inúmeras pesquisas que são realizadas em línguas naturais do mundo inteiro, a partir de *corpora* representativos dessas línguas. Em Linguística, assim como em outras áreas da ciência, manuseamos grande quantidade de dados, testamos hipóteses, submetemos resultados à avaliação, testamos teorias, abandonamos velhos hábitos e investimos em novas searas, para que essa ciência possa desbravar *mares nunca d'antes navegados*.

⁸⁹ Há medida para todas as coisas (tradução livre).

A pesquisa de natureza funcionalista, que tem como objeto a descrição de uma língua natural, tem de partir da realização concreta dessa língua, isto é, deve tomar como objeto de estudo a língua real, falada e escrita, em situações reais de uso. Evidentemente, a forma mais natural de uso da língua é a modalidade falada em situações não monitoradas, quando o falante deixa de focalizar sua atenção ao *como diz* para expressar livremente o *que diz*. Não raramente, as pesquisas de orientação funcionalista e sociolinguística, que se concentram em fenômenos sincrônicos da linguagem, dão preferência metodológica aos dados provenientes de situações de fala, isso, contudo, não significa afirmar que a língua escrita não possa ser tomada como objeto de estudo, inclusive para estudar os mesmos fenômenos que são explicados a partir da modalidade falada.

Fala e escrita são duas modalidades de uso da língua e, evidentemente, possuem características próprias, mas se utilizam de um mesmo código linguístico e, portanto, são um *continuum* de uma mesma língua, de modo que os textos produzidos em uma língua, sejam falados ou escritos, são situados em algum ponto de uma linha contínua, que pode ser mais próximo ao *polo de fala* (como na conversação espontânea) ou ao *polo da escrita formal*. Koch (2009) afirma que, comumente, se tem apresentado uma visão dicotômica da fala e da escrita, como polos discretos e díspares, que caracteriza a fala como contextualizada, implícita, redundante, fragmentada, incompleta, pouco elaborada etc e a escrita como apresentando as características contrárias. A autora argumenta que essas características não são exclusivas de uma ou de outra modalidade, visto que tais traços foram estabelecidos tendo como ideal um padrão de escrita (de modo que a língua falada costuma ser analisada com uma gramática projetada para a escrita), o que levou a uma visão preconceituosa da fala, ao lhe serem atribuídos adjetivos como descontínua, pouco organizada, rudimentar e pouco planejada, chegando a fala a ser comparada à linguagem rústica das sociedades primitivas ou à linguagem das crianças em fase de aquisição.

Há situações de uso da língua falada que são tão monitoradas a ponto de em muito se aproximar ao grau de monitoramento observado na escrita, como em situações de conferências, palestras e até mesmo situações em que a fala é apenas a realização material de um texto previamente escrito (por exemplo, a fala dos jornalistas que são âncora de telejornais, normalmente, é a leitura de textos previamente escritos). De igual forma, há graus menos intensos de monitoramento da escrita, conforme o gênero, a intenção comunicativa e os sujeitos envolvidos na interação, que exigem maior ou menor monitoramento da língua:

um recado escrito com batom no espelho do banheiro da suíte do casal pode ser mais adequado para expressar bons sentimentos, romantismo, carinho que uma carta, um telefonema, um torpedo. Ainda assim, seria estranho se tal recado fosse escrito numa modalidade formal de uso da língua, a menos que tivesse o objetivo de produzir o efeito contrário: afastamento entre os sujeitos. Por outro lado, não se espera que um parecer técnico seja escrito em linguagem informal e em um papel de embrulho. Fala e escrita se diferenciam, mas não são dicotômicas.

Se não há razão para fala e escrita serem categorizadas como entidades discretas, dicotômicas (ou até mesmo, antagônicas), há razão para se tomar os dados de escrita para explicar fenômenos linguísticos, principalmente os de natureza diacrônica. Em primeiro lugar, a razão mais evidente para se considerar os dados provenientes da escrita está na operacionalização da pesquisa diacrônica, que tem de retroceder no tempo, procurando explicar os fenômenos linguísticos, com base nos remotos registros escritos da língua, já que não há registros de fala anteriores ao século XX, quando surgiram os primeiros mecanismos de gravação da imagem e do som. Essa busca, a depender da natureza do fenômeno em estudo, pode privilegiar os registros escritos de textos que se aproximem mais do polo da língua falada, como as peças de teatro. Esse método é justificável quando a hipótese fundamental do pesquisador é a de que o fenômeno investigado é característico da modalidade falada (por exemplo: quando se sabe que um fenômeno é rechaçado nas gramáticas históricas da língua, se pressupõe que ele ocorria com mais frequência na língua falada, embora não se tenha o registro).

Em segundo lugar, é válida a hipótese de que um fenômeno linguístico, cujo registro foi encontrado na escrita já foi frequente na modalidade falada dessa língua, em algum momento de sua história, mesmo aqueles que se tornaram específicos da modalidade escrita. Assim, estudar os registros escritos de uma língua é também uma maneira de se estudar sua modalidade falada, desde que se faça a ressalva de que tal fenômeno nem sempre é contemporâneo à modalidade falada: a respeito disso, consideremos, hipoteticamente, que de hoje a duzentos anos, um pesquisador, de posse de dados do Português escrito no Brasil, flagrasse o registro da mesóclise. Tal fato teria de ser relativizado para explicar a modalidade falada, afirmando-se que, em algum momento da história do Português do Brasil, a mesóclise foi um fenômeno recorrente, já que se sabe que o fenômeno não ocorre em dados de fala do Português falado no Brasil atualmente.

Em terceiro lugar, nas línguas naturais, normalmente a escrita surge anterior ou contemporaneamente à prescrição gramatical, de modo que os registros escritos, sem normatização específica, tendem a se aproximar da língua falada. Sem dúvida, quanto mais retrocedermos na história, mais adentraremos na estratificação social (que é e sempre foi linguisticamente marcada), de modo que a língua falada por aqueles que tinham acesso à escrita não era semelhante à variedade falada pelo povo em geral, mas representativa da linguagem palaciana, dos homens cultos de então. Ainda assim, podemos pressupor que a escrita, nesses termos, era mais livre e mais próxima à língua falada que a que se submeteu aos rígidos padrões da tradição normativa, isto é, a escrita tendia a revelar o que era e não o que deveria ser. Acrescente-se a isso, o fato de a primeira gramática da Língua Portuguesa ter sido publicada apenas em 1536, mas a produção literária no idioma remonta aos séculos XIV e XV, quando surgiram as primeiras manifestações da poesia lírica galego-portuguesa e da poesia trovadoresca. Em tese, o fenômeno que estamos investigando não sofre restrição da prescrição gramatical, razão pela qual a descrição a partir de dados da língua escrita é perfeitamente viável e adequada.

Por fim, considerando-se a precariedade de registros de oralidade de uma língua natural quando retrocedemos no tempo, qualquer estudo de natureza histórico-descritiva tem de se aventurar pela documentação escrita e, a partir dela, proceder à descrição do fenômeno em estudo, o que deve ser feito a partir de princípios metodológicos explícitos e regulares para o levantamento dos dados. Deve-se ter o cuidado, a depender da natureza do fenômeno que se estuda, se mais representativo da fala e ou mais característico da escrita, conforme as hipóteses construídas, de discutir os resultados encontrados, fazendo as devidas relativizações, para não se fazerem afirmações demasiadamente categóricas. O método indutivo pode ser o mais adequado para se fazer tais generalizações, isto é, partindo-se do exame de dados particulares, suficientemente constatados, podem-se inferir conclusões mais amplas não contidas nas partes examinadas. O objetivo, portanto, é possibilitar a compreensão de fenômenos linguísticos para os quais não há meios de se levantar dados concretos, como é o caso das pesquisas diacrônicas que pretendem descrever fenômenos mais característicos da modalidade falada.

O fenômeno que vimos investigando tem natureza sintático-semântica e discursiva, visto que codifica na estrutura da língua noções temporais e aspectuais e se relacionada com outros elementos no nível sintagmático para formar períodos complexos,

quer por meio de construções perifrásticas, que por meio de orações reduzidas. Assim, a busca pelo emprego do gerúndio em textos que cobrem o período que se estende do século XVI ao século XX não pressupõe que o emprego seja característico da modalidade falada ou específico da modalidade escrita, mas, como qualquer outra forma nominal do verbo, seu emprego cumpre as necessidades funcionais da língua para codificar tempo e aspecto em ambas as modalidades.

4.2 Composição, caracterização e organização do *corpus*

Uma necessidade da pesquisa diacrônica é a seleção de dados específicos com finalidade de explicar o fenômeno em estudo. A seleção justifica-se por muitos motivos, dentre os quais se destaca o fato de não haver, à disposição dos pesquisadores, *corpora* organizados que supram as necessidades de cada pesquisa de caráter diacrônico, visto que, normalmente, essas pesquisas têm interesse em um fenômeno específico, cumprem critérios próprios de seleção e organização dos dados, isto é, não temos, por exemplo, a disponibilização de dados que cubram todas as datas de interesse do pesquisador e que tenham os mesmos critérios de seleção, em cada século. Se alguém deseja pesquisar um fenômeno da Língua Portuguesa no século XVI e quer verificar a produtividade desse fenômeno em cada década, provavelmente terá de fazer a seleção e a transcrição dos textos que representem tal período. A dificuldade aumenta se houver a necessidade de pesquisar por gênero específico, a mesma quantidade textual etc. Desse modo, a pesquisa de caráter diacrônico pressupõe a seleção de dados e critérios bem definidos para tal procedimento.

Nesta pesquisa, já que temos o interesse estatístico na frequência de funções assumidas pelas construções com gerúndio, ao longo dos séculos pesquisados, sobrepôs-se a necessidade de levantar um material representativo da Língua que apresentasse uniformidade, tais como quantidade textual, representatividade em cada século, similaridade de gênero textual etc. A uniformidade dos critérios permite a comparabilidade entre os períodos e entre as variedades do Português europeu e brasileiro.

Vários são os critérios que podem guiar a organização de um *corpus* específico. Dentre os mais comuns estão: variedade dialetal (Português brasileiro e Português europeu),

século (que pode se desdobrar em duas metades ou em décadas), gênero textual, sequência textual, tema ou assunto, dentre outros. A esses critérios somam-se outros não menos importante, tais como: quantidade de documentos (livro, revista etc), quantidade de páginas do documento pesquisado, mancha gráfica (espaço graficamente preenchido pelo texto), quantidade de palavras por página, fonte gráfica etc. Quanto mais precisos forem os critérios, maior será a dificuldade de encontrar registros equivalentes em todos os períodos que se quer pesquisar, mais tempo será necessário para o levantamento dos dados; quanto mais amplos forem os critérios, menor será a possibilidade de comparação de um período com outro e maior será a necessidade de generalização.

Esta pesquisa dedica-se a um fenômeno de natureza sintático-semântica e discursiva, já que tem por objetivo investigar as construções do gerúndio em Língua Portuguesa, mapeando os seus domínios funcionais. Tendo em vista tratar-se de uma pesquisa efetivamente de caráter diacrônico, interessam-nos registros escritos legitimados, que sirvam como dado da língua escrita ao longo de sua história. Desse modo, o *corpus* desta pesquisa é representativo da modalidade escrita do Português europeu e brasileiro, cuja compilação e transcrição foram realizadas por este pesquisador especificamente para esta pesquisa. Para o Português europeu, foram selecionadas amostras provenientes dos séculos XVI, XVII, XVIII, XIX e XX. Em se tratando do Português brasileiro e dos dados escritos disponíveis, foram coletadas amostras a partir do século XIX, período em que, com a vinda da Família Real Portuguesa para o Brasil e a instalação da Imprensa Régia do Brasil, se tem início a produção de livros no Brasil – atividade até então proibida. As amostras coletadas são representativas de cada metade de todos os séculos, conforme os critérios especificados a seguir:

a) fonte do dado - para o Português europeu, foram selecionadas obras digitalizadas e disponíveis para serem baixadas gratuitamente no sítio da Biblioteca Nacional Virtual de Portugal. O acervo digital pode ser acessado a partir do título, autor e ano de publicação. Há também a informação de quantas obras estão disponíveis em cada ano e em cada século, a partir do século XII. Optamos por manter a organização feita pela biblioteca, levando-se em consideração a data da publicação da obra em Lisboa e os critérios de menção por eles adotados, visto que ora se faz referência aos autores, ora aos responsáveis pela edição, ou ainda aos nomes dos que resguardaram a obra antes de ser disponibilizada na biblioteca. Para o Português brasileiro, parte das obras foi baixada da biblioteca virtual do projeto *Caminhos do Romance*, do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade de

Campinas. O projeto tem por objetivo investigar o processo de implantação e consolidação do gênero romanesco no Brasil a partir do exame dos romances em circulação, das práticas de leitura por eles suscitadas e dos espaços em que essas práticas se davam, tomando como ponto de partida meados do século XVIII. As obras também estão organizadas por título e autor, mas é possível ter acesso a todas as obras disponibilizadas em índice alfabético.

b) quantidade de obras – escolhemos uma obra para cada metade do século, evitando que as escolhas tivessem proximidade temporal de até duas décadas, tanto em relação ao Português europeu quanto ao Português brasileiro. As obras escolhidas, necessariamente, foram escritas, originalmente, em Língua Portuguesa, evitando-se as obras traduzidas para o idioma Português.

b) similaridade de gênero – uma seleção com base nas modernas teorias de gênero seria inviável para se ter uma distribuição equânime em todos os séculos. Neste caso, optamos por textos narrativos em prosa que tratassem, de um modo geral, de temáticas variadas: a vida na corte, acontecimentos importantes, fatos históricos, narrativas cavaleirescas, ensinamentos morais e religiosos, retratação da vida social etc. Isto é, esses temas têm em comum seu caráter histórico e a referência à sociedade de então. Para os séculos XIX e XX, optamos pela prosa literária do romance histórico e o novo romance histórico, presentes tanto no Português europeu quanto no Português brasileiro, cuja principal característica é a descrição pormenorizada da sociedade de uma época. Essa decisão se tomou com o objetivo de não se distanciar da similaridade temática e genérica das obras escolhidas para os primeiros séculos.

c) quantidade de páginas – definimos a quantidade de 100 páginas para leitura em cada obra escolhida, partindo-se da primeira página do primeiro capítulo, isto é, desconsideraram-se os elementos pré-textuais, tais como dedicatórias, notas dos editores, pareceres da censura inquisitorial etc. A escolha de uma quantidade específica de 100 páginas pareceu-nos equilibrada, visto que, embora não haja uma hipótese fundamental sobre o número mínimo e o máximo de páginas a serem consultadas, há o interesse estatístico sobre a regularidade e a frequência de ocorrência das construções com gerúndio, que ficaria seriamente comprometido numa moderada representatividade dos dados. Assim, essa quantidade pareceu-nos nem demasiado econômica nem demasiado extensa, resultando num volume textual de 200 páginas por século. A leitura de uma obra inteira tornaria inviável a manutenção da mesma quantidade de páginas e o volume textual aproximado, obedecendo aos

outros critérios de seleção, além de ser imensamente mais demorada. Da mesma forma, escolher obras que tivessem um número de páginas aproximado necessariamente resultaria numa maior diferença de volume textual, por menor que fosse a diferença de quantidade de páginas.

d) mancha gráfica – o critério da mancha gráfica ou mancha textual diz respeito ao tamanho do espaço textual devidamente preenchido nas páginas dos livros e está relacionado à fonte do texto, o que pode resultar em maior ou menor quantidade de palavras por página. Dada a dificuldade de controlar esse critério, o que poderia inviabilizar a pesquisa, decidiu-se apenas controlar a diagramação em uma ou em duas colunas, isto é, para os livros que foram editados em duas colunas, consideraram-se apenas 50 páginas. Esse critério pode ser substituído pela contagem do número de palavras por página, o que também é bastante variável, por estar relacionado à fonte e à mancha textual, sendo talvez o critério mais difícil para se manter isonomia metodológica e o mais penoso de ser executado.

e) representatividade do *corpus* - por não haver um consenso entre os estudiosos no que diz respeito à periodização da Língua Portuguesa, escolhemos as obras com base na organização feita pela Biblioteca Virtual de Portugal, tomando-se a data de publicação da obra em Lisboa e informada na ficha catalográfica. Em se tratando do Português brasileiro, cuja produção literária é recente, não houve necessidade de se preocupar com a periodização. Com efeito, por se tratar de um fenômeno sintático, acreditamos que uma leve diferença entre as datas não interferirá em nossa análise. Apoiamo-nos nas palavras de Said Ali:

Ignora-se a data ou o momento exato do aparecimento de qualquer alteração lingüística. Neste ponto nunca será a linguagem escrita, dada a sua tendência conservadora, espelho fiel do que se passa na linguagem falada. Surge a inovação, formulada acaso por um ou poucos indivíduos; se tem a dita de agradar, não tarda a generalizar-se o seu uso no falar do povo. A gente culta e de fina casta repele-a, a princípio, mas com o tempo sucumbe ao contágio. Imita o vulgo, se não escrevendo com meditação, em todo o caso no trato familiar e falando espontaneamente. Decorrem muitos anos, até que por fim a linguagem literária, não vendo razão para enjeitar o que todo o mundo diz, se decide também a aceitar a mudança. Tal é, a meu ver, a explicação não somente de fatos isolados, mas ainda do aparecimento de todo o português moderno” (SAID ALI, 1921, p.4).

f) recorte do período (século XVI ao XX) – a decisão de coletarmos nossa amostra a partir do século XVI respalda-se em alguns fatos importantes: no século XVI, surge a primeira gramática da Língua Portuguesa, o que caracteriza não apenas o cuidado com a normatização do idioma, mas também as primeiras reflexões sobre os usos da língua, embora o idioma já gozasse de produção literária; esse século coincide com o período de expansão da

língua e do reino português pelo mundo, resultado das investidas nas Grandes Navegações, destacando-se a colonização do Brasil.

Estabelecidos os critérios para seleção e organização do corpus, escolhemos, para o Português europeu, as seguintes obras, uma para cada metade do século:

a) século XVI

CÃPOS, Hermão. BOOSCO DELEYTOSO. Lisboa, 1515.

IOAN, Manoel. Este liurinho contem huas meditações da Criação do mundo & vida de nosso senhor Iesu Christo repartidas polos dias da semana. Lisboa, 1565.

b) século XVII

ARIZ, Pedro de. Historia admiravel do sanctissimo milagre de Sanctarem: que aconteceu na Igreja do Protomartyr Sancto Estevão, em o Sanctissimo Sacramento do Altar. Lisboa: Pedro Crasbeeck, 1612.

RINUCCINI, Giovanni Battista. Historia do capuchinho escoces. Lisboa: Officina de Domingos Carneiro, 1667.

c) século XVIII

FARIA, Manuel Severim de. Notícias de Portugal. 2ª Imp. Lisboa: Off. de Antonio Isidoro da Fonseca, 1740.

FREIRE, Francisco José. Memorias das principaes providencias, que se deraõ no terremoto, que padeceo a Corte de Lisboa no anno de 1755, ordenadas, e offerecidas à Majestade Fidelissima de Elrey D. Joseph I. Nosso Senhor. Lisboa, 1758.

d) século XIX

DULAC, Antonio Maximino. Genuína exposição do tremendo marasmo político em que caíu Portugal. Lisboa: Imprensa Nacional, 1834.

SORIANO, Luiz. História da Guerra Civil e do estabelecimento do governo parlamentar em Portugal compreendendo a história diplomática militar e política deste reino desde 1777 até 1834. Lisboa: Imprensa Nacional, 1866.

e) século XX

OSORIO, Ana de Castro. O direito da mãe: novela - Porto : Civilização, 1925, 229 p.; 19 cm.

SARAMAGO, José. Memorial do Convento. Lisboa: Editorial Caminhos, 1982.

Em se tratando do Português brasileiro, foram selecionadas as seguintes obras para coleta dos dados, uma para cada metade do século:

a) século XIX

MACEDO, Joaquim Manuel de. A MORENINHA. Rio de Janeiro, 1844.

JAGUARIBE FILHO, Domingos José Nogueira. OS HERDEIROS DE CARAMURU – romance histórico. São Paulo: Typografia de Jorge Seckler, 1880.

b) século XX

VERÍSSIMO, Érico. Caminhos Cruzados. Porto Alegre: Editora Globo, 1935.

MIRANDA, Ana. Boca do Inferno. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

As obras escolhidas, portanto, abrangem os períodos a que se costuma chamar de Português Arcaico (ou Clássico) e Moderno⁹⁰, conforme o quadro a seguir:

⁹⁰ Nesta pesquisa, não entraremos na discussão sobre a periodização do Português. Desta forma, o termo “Português contemporâneo”, usado com frequência ao longo desta tese, insere-se no quadro do que os estudiosos chamam de Português moderno, e o adjetivo contemporâneo refere-se, portanto, a dados mais recentes do português falado e escrito, do século XX e início do século XXI.

Quadro 1: Periodização da Língua Portuguesa.

Época	Leite de Vasconcelos	Silva Neto	Pilar V. Cuesta	Lindley Cintra
até sec. IV (882)	pré-histórico	pré-histórico	pré-literário	pré-literário
até aprox. 1200 (1214 – 1216)	proto-histórico	proto-histórico		
até 1385/1420	português arcaico	trovadoresco	galego-português	português antigo
até 1536/1550		português comum	português pré-clássico	português médio
até sec. XVIII	português moderno	português moderno	português clássico	português clássico
até sec. XIX/XX			português moderno	português moderno

Fonte: Mattos e Silva (2006, p. 25)

4.2.1 A transcrição, editoração e sistematização do corpus

Muitas são as fontes gráficas que podem ser encontradas nas diversas publicações ao longo dos séculos. As edições nos primeiros séculos costumavam ser impressas em letras góticas, que apresentavam estilos também variados, cuja leitura parece exigir familiaridade do leitor com textos impressos em tal fonte, peculiaridade que se desfaz em textos do século XIX e XX, cujas fontes não diferem tanto das que normalmente se utilizam nas impressões mais recentes. A propósito, a impressão em letras góticas, mesmo que seja feita em alta qualidade, exige do leitor menos habituado a tal estilo maior esforço para o reconhecimento da combinação das letras, como se pode perceber a partir de alguns estilos de fontes góticas (também chamada gótica medieval), apresentados a seguir. A primeira linha apresenta as letras maiúsculas e minúsculas do alfabeto da Língua Portuguesa respectivamente em fonte *Times New Roman* e as demais apresentam as mesmas letras em estilo gótico, todas em tamanho 12, espaçamento de linhas.

Quadro 2 – Exemplo de letras góticas.

ABCDEFGHIJKLMNOPQRSTUVWXYZ	abcdefghijklmnopqrstuvwyz
ABCDEFGHI JKLMNOPQRST UVWYZ	Abcdefghijklmnopqrstuvwyz
ABCDEFGHI JKLMNOPQRST UVWYZ	abcdefghijklmnopqrstuvwyz
ABCDEFGHI JKLMNOPQRST UVWYZ	abcdefghijklmnopqrstuvwyz
A B C D E F G H I J K L M N O P Q R S T U V W Y Z	abcdefghijklmnopqrstuvwyz
A B C D E F G H I J K L M N O P Q R S T U V W Y Z	abcdefghijklmnopqrstuvwyz
ABCDEFGHI JKLMNOPQRST UVWYZ	abcdefghijklmnopqrstuvwyz
ABCDEFGHI JKLMNOPQRST UVWYZ	abcdefghijklmnopqrstuvwyz

Fonte: <http://www.netfontes.com.br>

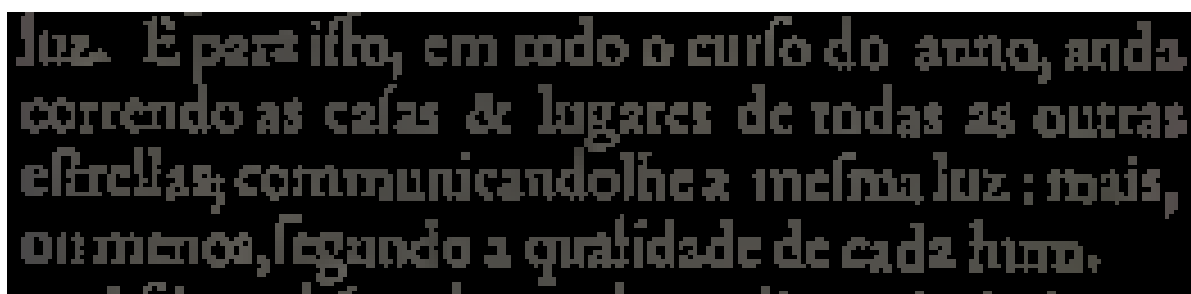
A impressão nos primeiros séculos, contudo, parece misturar mais de uma fonte. Decidimos, então, fazer a transcrição dos dados, utilizando a fonte *Times New Roman* e os subconjuntos do alfabeto latino (latim básico, latim suplementar e latim estendido) e do alfabeto fonético internacional, a partir do comando inserir símbolo do programa de edição de textos *Microsoft Word*. A transcrição dos dados procurou, portanto, assemelhar-se o máximo possível à impressão original, evitando-se as fontes góticas, conforme exemplos a seguir:

a) século XVI



“Eu fendo pecador muy mezquinho desterrado do parayfo terreal das muy doces delleytações pollo pecado dos primeyros padres lançado em ho valle da mezquidade deste mundo padecia enel muitas coysas: y trabalhos:”

b) século XVII



“E para isto, em todo o curso do anno anda correndo as casas & lugares de todas as outras estrellas, communicandolhe a mesma luz: mais ou menos, segundo a qualidade de cada hum.”

c) século XVIII

No dia primeiro de Novembro de 1755, anno eternamente fatal na Historia Portugueza, às nove horas, e quatro minutos da manhã, estando o Ceo limpo, o ar sereno, e o mar em calma, se vio Lisboa surprendida com hum Terremoto dos mais horrorosos, que ou a tradiçãõ conserva, ou descrevem os livros. Seus effeitos provaõ esta verdade; porque em taõ breve tempo deixou reduzidos a ruinas quasi todos os edificios da mesma Cidade, sepultando nos estragos hum grande numero de seus habitantes, especialmente nos Templos, que por ser dia de tanta solemnidade, todos se achavaõ assistidos de numeroso povo.

“No dia primeiro de Novembro de 1775, anno eternamente fatal na Historia Portuguesa, às nove horas, e quatro minutos da manhã, estando o Ceo limpo, o ar sereno e o mar em calma, se vio Lisboa surprendida com hum Terremoto dos mais horrorosos, que ou tradiçãõ conserva, ou descrevem os livros. Seus effeitos provaõ esta verdade; porque em taõ breve tempo deixou reduzidos a ruinas quasi todos edificios da mesma Cidade, sepultando nos estragos hum grande numero de seus habitantes, especialmente nos Templos, que por ser dia de tanta solemnidade, todos se achavaõ assistidos de numeroso povo.”

d) século XIX

Quanto ao que respeita á questão de ser a base e a construcção da actual grammatica portugueza mais *celta* que *latina*, como alguns querem, nada podemos dizer pela nossa parte, pela inteira ignorancia em que estamos da grammatica celta, não devendo causar admiração, que vendo nós quasi todas as nossas palavras derivadas do latim, e serem até muitas d'ellas latinas corrompidas, dando-se com esta mais uma outra circumstancia, tal como a de se poderem arranjar periodos e orações inteiras sem differença alguma entre a construcção portugueza e a latina, como, v. g., a dos bem sabidos versos:

“Quanto ao que respeita à questão de ser a base e a construção da actual grammatica portugueza mais celta que latina, como alguns querem, nada podemos dizer pela nossa parte, pela ignorancia que estamos da grammatica celta, não devendo causar admiração, que vendo nos quase todas as palavras derivadas do latim, e serem até muitas d'ellas latinas corrompidas, dando-se com esta a mais outra circumstancia, tal como a de se poderem arranjar períodos e orações inteiras sem differença alguma entre a construção portugueza e a latina, como, v. g. a dos bem sabidos versos:”

e) Século XX

Sem repararem que a luz do entardecer ia esmorecendo gradualmente, deixando em sombra a salinha elegante em que recebia na intimidade os amigos, Luísa e o Dr. Manuel Faria conversavam com os olhos alongados para o horizonte largo que se desco-

“Sem repararem que a luz do entardecer ia esmorecendo gradualmente, deixando em sombra a salinha elegante em que recebia na intimidade os amigos Luísa e o Dr. Manuel Faria conversavam com os olhos alongados para o horizonte largo”.

No que diz respeito à menção dos exemplos que compõem o *corpus*, utilizamos da seguinte notação:

- a) fonte do dado: Português europeu – E; Português brasileiro – B;
- b) uma dezena referente ao século: 16, 17, 18, 19 e 20;
- c) unidade referente à primeira ou segunda metade do século: 1, 2;
- d) sequência de duas ou três letras em maiúsculas que identificam mnemonicamente o título da obra;
- e) página de onde o dado foi retirado.⁹¹

4.3 As categorias de análise

Os dados serão analisados a partir de grupos de categorias⁹². A organização dessas categorias de análise cumprem os seguintes objetivos: a) verificar a relação entre formas e funções, estatisticamente, considerando os séculos e as duas variedades do Português; b) correlacionar funções assumidas em uma categoria (por exemplo, aspecto) a outras categorias como tempo, circunstância, modalidade, entre outras.

I) valor semântico-sintático das construções gerundivas

Com este grupo, pretendemos classificar as ocorrências de gerúndio na tipologia apresentada no capítulo II e verificar, estatisticamente, como se dá essa distribuição no corpus.

a) gerúndio circunstancial

⁹¹ Como tivemos acesso aos livros digitalizados, a página informada é a que aparece no documento em PDF, exceto para livros do século XX, cuja versão impressa é facilmente encontrada. Essa decisão também se baseou no fato de algumas digitalizações nos primeiros séculos não terem a informação da página impressa no livro.

⁹² O termo categoria é empregado aqui com acepção bastante genérica e diz respeito a uma noção (funcional, formal etc) e as possibilidades de manifestação das construções gerundivas. Inspiramo-nos nas contribuições metodológicas da Sociolinguística Variacionista, que controla grupos de fatores para verificar, estatisticamente, a variação entre formas em competição. Mantivemos o emprego do termo, embora não se trate de uma pesquisa variacionista. A organização dessas categorias possibilitou criar as condições operacionais necessárias para o tratamento estatístico no programa GOLDVARBX.

(150) **vendo** o Redemptor sua madre & o discipulo que elle amava, disse a sua madre, molher eis ahi o vosso filho: & ao discipulo disse: eis ahi a vossa madre. (E 16 2 MCM 97)

b) gerúndio adjetivo (ou adnominal)

(151) Via-se o castelo lá no alto, *as torres das igrejas **dominando** a confusão das casas baixas*, a massa indistinta das empenas. (E 20 2 MC 22)

c) gerúndio coordenado

(152) Gonçalo pegou o punhal **sentindo** o metal frio nos dedos (B 20 2 BI 40)

d) gerúndio imperativo

(153) – Pois é, minha nega – diz ele com delicadeza. – **Vai dando** um forinha, *sim?* (B 20 1 CC 17)

e) gerúndio narrativo

(154) **saindo** o Senhor da agoa, & **orando**, & abriose o ceo e veyo o Spiritu Sancto eem figura de pomba sobre o Senhor. (E 16 2 MCM 58)

f) gerúndio descritivo

(155) Augusto **prossequindo** (B19 1 AM 84)

g) gerúndio conectivo

(156) **Sendo** *afsi*, que nem há, nem aconteceo em todo este Reyno & suas conquistas, coufa digna de mais elegante efcritura (E 17 1 HAM 13)

h) o gerúndio independente

(157) – *Então, **fazendo** compras?* (B 20 1 CC 59)

i) gerúndio perifrástico⁹³.

(158) – (...) **Estou me referindo a ti também**, não faças essa cara. (B 20 2 BI 77)

II) Complexidade estrutural das construções gerundivas

A partir do controle deste grupo, atentaremos para a complexidade estrutural, distribuídas nas duas variedades do Português e sua relação com as funções assumidas.

a) gerúndio simples

(160) Egica, **subindo** ao throno, reuniu logo um concilio, **perguntando**-lhe a maneira de conciliar os dois oppostos juramentos que fizera (E 19 2 HGC 62)

b) gerúndio composto

(161) **Eu fendo pecador muy mezquinho defterrado** do parayfo terreal daf muy doces delleytações pollo pecado dos primeyros padres lançado em ho valle da mezquidade defte mundo padecia enel muitas coysas (E 16 1 BD 9)

c) gerúndio perifrástico simples

(162) **Está anoitecendo** e não tenho tempo a perder. (B 20 1 CC 64)

d) gerúndio perifrástico complexo

(163) – Pois olha, o proprio júri, que foi uma inspiração liberal, vai estando um pouco desacreditado (E 20 1 DM 106)

e) duplo gerúndio

(164) **Estando eu mezquinho pecador ante a muy fremofa dona ouuindo as suas confortofas palauras** y ho meu guyador comigo q' me ajudava e cõfolava de fua parte (E 16 1 BD 19)

⁹³ O gerúndio perifrástico foi inserido aqui para manter uma regra de aplicação para cada ocorrência da construção gerundiva. Foram codificadas neste grupo as ocorrências de gerúndio que funcionam como núcleo da oração principal, já que não poderiam ser classificadas como narrativo, adjetivo etc.

III) Valores circunstanciais associados ao gerúndio

Este grupo classifica as construções gerundivas no domínio aspecto-circunstancial a partir de seus valores circunstanciais, de modo, causa, consequência etc. Esse controle possibilita correlacionar essas ocorrências com outras funções, tais como aspecto, modalidade, variedade do Português etc.

a) acircunstancial⁹⁴

b) modo

c) tempo

d) causa

e) consequência

f) condição

g) concessão

h) final

i) proporcional

j) comparativo

k) conformativo

IV) noção temporal vinculada à construção gerundiva⁹⁵

⁹⁴ Assim como no grupo I, o termo acircunstancial se refere aos casos em que o gerúndio não expressa circunstância, isto é, ocorre no domínio aspecto-temporal. Essa categoria nesse grupo, possibilita a classificação de qualquer ocorrência de gerúndio em cada grupo de categorias.

⁹⁵ Dado que as construções gerundivas podem ocorrer tanto em perífrases gerundivas, com marcas de tempo verbal explícita pelas desinências dos verbos auxiliares, como em orações reduzidas (gerúndio simples), desprovidas dessas marcas, as noções temporais podem vir marcadas formalmente (nas perífrases gerundivas) ou a partir das informações contextuais (nas orações reduzidas) e, neste último caso, podemos falar de anterioridade (e não de passado), cotemporalidade (e não de presente), posttemporalidade (e não de futuro) e atemporalidade.

Este grupo tem por objetivo investigar as noções temporais associadas às construções gerundivas, quer as que apresentem um verbo na forma finita quer as que apresentem um verbo na forma infinita.

- a) presente
 - b) passado
 - c) futuro
 - d) anterioridade
 - e) posterioridade
 - f) cotemporalidade
 - g) atemporalidade
- V) aspecto das construções gerundivas

Este grupo tem a finalidade de investigar, conforme a discussão apresentada no capítulo III, os valores aspectuais associados ao aspecto perfectivo e ao aspecto imperfectivo.

Perfectivo

- a) pontual
- b) iterativo

Imperfectivo

- a) incoativo
- b) cursivo
- c) terminativo
- d) iterativo

e) pontual

VI) modalidade expressa no período oracional

a) Factualidade

(165) & os pastores *tornarãose glocicãdo & louuando* ao Senhor por todas as cousas ouuirão e virão (E 16 2 MCM 32)

b) Não-factualidade

(166) e então subiremos ao ar, com o vento, ou com o sopro dos foles, se o vento faltar, mas torno a dizer, *faltando o éter, falta-nos tudo*. (E 20 2 MC 57)

VII) relevo discursivo

a) figura

b) fundo

VIII) século

a) século XVI

b) século XVII

c) século XVIII

d) século XIX

e) século XX

XIX) fonte dialetal do dado

a) Português europeu

b) Português brasileiro

4.4 A análise estatística

Esta pesquisa interessa-se pelo mapeamento funcional das construções gerundivas e pela quantificação da frequência de uso das formas de gerúndio associadas a outras categorias, tais como aspecto, modo, tempo, por exemplo, distribuídas em cada domínio funcional, uma vez que os níveis de frequência são importantes para revelar as tendências funcionais das construções nos séculos observados. Para tal procedimento, usaremos o programa estatístico GOLDVARBX.

Nas pesquisas sociolinguísticas, o GOLDVARBX (e as suas versões anteriores) tem sido utilizado para avaliar, em termos quantitativos, o efeito de condicionamentos linguísticos e extralinguísticos que interferem nos fenômenos de variação e mudança na língua, isto é, o programa é uma ferramenta que permite descrever os fenômenos em variação, verificando-se a influência dos condicionamentos sociais ou inerentes à língua, para uma posterior interpretação e análise baseadas nas teorias que fundamentam a pesquisa. O pacote estatístico GOLDVARBX opera com um conjunto de arquivos: a) o arquivo de dados – constituído dos códigos referentes aos grupos de categorias (grupos de fatores, na terminologia da Sociolinguística) e das ocorrências dos dados; b) o arquivo de condições – que informa ao programa como ele deve operar, isto é, qual o valor de aplicação da regra (por exemplo, podemos testar estatisticamente o gerúndio simples x o gerúndio perifrástico, considerando-se a influência de todos os outros grupos de fatores); c) o arquivo de células – um arquivo temporário, que processa as informações provenientes do arquivo de condições, para que o processo possa seguir para a rodada estatística e d) o arquivo de resultados – que mostra as correlações entre o valor de aplicação da regra e os demais grupos de fatores por número de ocorrências, percentuais e pesos relativos.

Assim, o programa faz as correlações a partir das informações advindas do arquivo de células, em que estão informadas todas as ocorrências possíveis do fenômeno em estudo e as possíveis combinações dos fatores controlados na pesquisa. Cada uma dessas ocorrências corresponde a uma fração de todas as ocorrências informadas e o programa faz as correlações entre combinações dos fatores controlados na pesquisa e as variáveis, isto é, realiza uma análise multivariada dos dados, partindo do princípio de que um fenômeno

linguístico sofre a influência simultânea da variável dependente (das variantes que compõem a variável dependente) e das variáveis independentes.

À altura das decisões metodológicas assumidas até aqui, surge a seguinte questão: seria adequado utilizarmos um programa estatístico especializado para análise variacionista em uma pesquisa não-variacionista, isto é, em que não há regras variáveis definidas? A resposta, felizmente, é positiva. A decisão mostra-se adequada pelos seguintes motivos: a) esta pesquisa pretende promover o mapeamento funcional do gerúndio em dois domínios funcionais específicos, aspecto-circunstancial e aspecto-temporal, nos quais as construções gerundivas podem associar-se a diferentes noções de tempo, aspecto, modalidade, provenientes de duas variedades dialetais do Português, em diferentes séculos, relação que se quer verificar estatisticamente, em termos de frequência, mediante o controle de categorias de análise bem definidas; b) as categorias de análise foram definidas de modo a permitir a codificação⁹⁶ de ocorrências de quaisquer construções gerundivas e fornecer ao programa os elementos operacionais necessários para correlacionar, estatisticamente, formas e funções, controlando-se as categorias de análise; c) o programa dispõe de mecanismos adequados e confiáveis para testar hipóteses relacionadas a uma categoria em particular, ao grupo de categorias inteiro, desconsiderar um grupo de categorias, sem a necessidade de recodificar os dados, apenas fazendo as alterações necessárias no arquivo de condições⁹⁷; d) interessamo-nos apenas pelas correlações numéricas e percentuais fornecidos pelo programa, que subsidiarão a nossa análise, e não avançaremos para etapas seguintes que fornecem os pesos relativos, cuja interpretação e análise pressupõem a noção de regra variável, com que lida a Sociolinguística, para diagnosticar processos de variação e mudança e e) por fim, a escolha do GOLDVARBX corresponde à identificação e à familiaridade do pesquisador com o programa, já que outros programas estatísticos conhecidos, como o ANOVA e SPSS, poderiam ser usados, mas exigiriam novo esforço para sua operacionalização. Agindo assim, estamos nos alinhando às palavras de Guy e Zilles (2007), segundo os quais

⁹⁶ Chamamos de codificação ao processo de alimentação do programa estatístico, por meio do fornecimento de códigos referentes às ocorrências do fenômeno analisado e ao fatores controlados.

⁹⁷ Como o arquivo de condições fornece as informações necessárias para sejam feitas as rodadas estatísticas, é possível fazer novas rodadas, de diferente natureza, considerando as mesmas informações do arquivo de dados. Exemplo: considerando-se as categorias de análise definidas para esta pesquisa, se quiséssemos verificar a distribuição estatística apenas de dois tipos de gerúndio, o adjetivo e o coordenado, é possível fazê-lo, apenas alterando o arquivo de condições de modo a desconsiderar todas as ocorrências dos outros tipos de gerúndio provenientes do arquivo de dados, isto é, os dados continuam lá, mas não são considerados nessa rodada específica, apenas os que foram definidos no arquivo de condições. Além dessas possibilidades, podemos juntar categorias que tenham naturezas semelhantes, desconsiderar aquelas que se mostraram irrelevantes e assim por diante.

é, sim, possível usar esse método analítico para dados que não são os casos comuns de produções linguísticas variadas, em conversas ou entrevistas, mas quem pretende usá-lo dessa forma deve prestar atenção às exigências e pressupostos do método, e interpretar os resultados em coerência com eles (GUY E ZILLES, 2007, p. 227).

É o que se pretende fazer com essa pesquisa, ao correlacionar as construções gerundivas a categorias de análise bem definidas, cuja associação, em termos de frequência, pode elucidar, estatisticamente, as tendências de uso e as motivações funcionais dessas construções.

CONSIDERAÇÕES FINAIS DO CAPÍTULO

Neste capítulo, foram apresentados os procedimentos metodológicos adotados nesta pesquisa. Primeiramente, demos a conhecer os critérios e as razões para a seleção, organização e transcrição do *corpus*, seguidos da apresentação das categorias de análise e da descrição do programa estatístico a ser utilizado para mensurar a frequência.

No próximo capítulo, apresentaremos a análise das construções gerundivas, considerando os dois domínios funcionais, aspecto-circunstancial e aspecto-temporal, a partir das categorias previamente definidas, das discussões teóricas estabelecidas nos capítulos II e III desta tese.

5 OS DOMÍNIOS FUNCIONAIS DO GERÚNDIO EM LÍNGUA PORTUGUESA

“Longo inter est per praecepta, breue et effícax per exempla (Sêneca)”⁹⁸.

APRESENTAÇÃO

Este capítulo tem por objetivo descrever os domínios funcionais aspecto-temporal e aspecto-circunstancial, expressos pelas construções gerundivas, considerando-se: (a) a discussão empreendida no capítulo II a respeito das construções gerundivas, em que foram especificadas as funções desempenhadas pelo participípio e gerúndio latinos e as funções assumidas, posteriormente, pelo gerúndio, em Português e em algumas línguas neolatinas, e a discussão sobre algumas propostas de classificação; (b) os pressupostos funcionalistas e as noções que interessam aos propósitos desta pesquisa, como as de domínio funcional, marcação, relevo discursivo e papel da frequência, entre outros, discutidos no capítulo III, e (c) as decisões metodológicas apresentadas no capítulo IV, que definiram os parâmetros para a coleta dos dados, a constituição do *corpus* e as categorias de análise.

Desse modo, a análise será orientada, por domínio funcional, a partir dos valores semântico-sintáticos e dos valores circunstanciais das construções gerundivas em cada domínio funcional. Como as concepções funcionalistas motivaram a seleção de grande parte das categorias de análise (tempo, aspecto, modalidade, relevo discursivo) e guiaram a orientação da pesquisa (por domínio funcional), a análise tomará como base o princípio givoniano da marcação, em cada grupo de fatores controlados na pesquisa.

5.1 A descrição funcional do gerúndio por domínio

Para discutirmos a noção de domínio funcional, apropriamo-nos das contribuições de Givón (1984; 2001) sobre o complexo TAM – tempo, aspecto e modalidade – domínio que

⁹⁸ Longo é o caminho ensinado pela teoria; breve e eficaz pelo exemplo (tradução livre).

se manifesta, inevitavelmente, nas estruturas frasais das línguas naturais,⁹⁹ sem o qual nenhuma cláusula pode ser construída, noção que é fundamental para compreendermos o funcionamento das construções gerundivas em Língua Portuguesa.

A descrição funcional do gerúndio por domínios funcionais, considerando-se como pontos de partida os valores semântico-sintáticos, os valores circunstanciais e a complexidade estrutural das construções em ambos, comporta a organização sintática das orações no período oracional em Língua Portuguesa. Assim, os diversos tipos de orações subordinadas e coordenadas foram organizados em dois domínios: um domínio nuclear¹⁰⁰, a que chamamos de domínio aspecto-temporal do gerúndio¹⁰¹, e um domínio satélite, a que chamamos de aspecto-circunstancial do gerúndio.

No domínio aspecto-temporal, manifestam-se a oração matriz¹⁰², as orações que estabelecem com ela uma relação argumental (isto é, integrante) e as orações absolutas. Além dessas orações, categorizamos nesse domínio as orações adjetivas, já que expandem, determinam ou modificam um núcleo nominal, embora não tenham natureza argumental. Vejamos:

a) as orações matrizes – estruturam-se formalmente em perífrases gerundivas e expressam tempo presente, passado ou futuro associado a aspecto – funções próprias do verbo;

⁹⁹ Em Língua Portuguesa, há algumas frases nominais que podem expressar, por exemplo, modalidade deôntica (*Depressa!*), no sentido de ordem ou desejo, e tempo (*A era das Grandes Navegações!*), para se referir a um período de tempo.

¹⁰⁰ Os termos nuclear e satélite justificam-se pelos seguintes fatos: no domínio aspecto-temporal, as orações ocorrem como núcleo do período oracional ou mantêm com este núcleo uma relação argumental; já no domínio aspecto-circunstancial, a relação das orações com este núcleo não é argumental, mas de natureza circunstancial, podendo assumir funções discursivas diversas.

¹⁰¹ A utilização dos termos “domínio aspecto-temporal do gerúndio” e “domínio aspecto-circunstancial do gerúndio” não pressupõe que este domínio seja específico das construções gerundivas, mas diz respeito à organização e distribuição das orações no período oracional da Língua Portuguesa. A especificação “do gerúndio” tem por finalidade enfatizar o teor desta pesquisa que trata apenas das construções gerundivas.

¹⁰² O termo oração matriz implica o reconhecimento das relações de encaixamento e deve ser empregado apenas para os casos de subordinação substantiva. Aqui, contudo, evitamos o termo oração principal, usado pela gramática tradicional, e, por vezes, o termo oração matriz se refere a outros modos de articulação de orações. Não empregamos a nomenclatura de Mattiensen; Thompson (1988), visto que o objetivo principal desta tese não é analisar a articulação de orações, mas outras categorias como tempo, aspecto, modalidade etc expressas nas orações gerundivas.

(167) Castella *foi-se conformando* com a desmembração de Portugal, enquanto que o mesmo D. Affonso Henriques foi pela sua parte ampliando o reino com a aquisição de Sanctarém (E 19 2 HGC 117)

b) as orações encaixadas – estruturam-se formalmente em perífrases gerundivas e estabelecem uma relação de natureza argumental com o verbo da oração matriz – funções de substantivo;

(168) Quanto a D. Maria Ana, é de crer que *esteja rogando* os mesmos favores, se porventura não tem motivos particulares que os dispensem e sejam segredo do confessorário. (E 20 2 MC 6)

c) as orações adjetivas – estruturam-se em perífrases gerundivas e orações reduzidas de gerúndio e realizam as funções desempenhadas pelo adjetivo e locuções adjetivas no período simples – funções de adjetivo.

(169) (...) um convento de franciscanos, como se pode reconhecer pelo hábito de frei António de S. José, *que está abrindo*, de par em par, as portas da igreja. (E 20 2 MC 8)

(170) As crianças *vindo* em correria chamar o medico interromperam a conversa (E 20 1 DM 37)

d) as orações absolutas, formadas por perífrases gerundivas no período simples.¹⁰³

(171) – Ora, tu não *estás falando* sério! (B 20 2 BI 108)

No domínio aspecto-circunstancial, manifestam-se as orações subordinadas adverbiais, que acrescentam à oração matriz as noções de aspecto e circunstância (tempo, modo, causa, consequência etc). Vejamos o exemplo a seguir:

(172) E *em rompendo* a manhã, entrão pelas ruas daquela Villa, com suas ladainhas entoadas a feu modo. (E 17 1 HAM 53).

Havemos de deixar claro ainda que a denominação “domínio aspecto-temporal” não significa exclusividade na codificação das noções temporais e aspectuais, já que também

¹⁰³ Não fizemos referência às ocorrências de gerúndio em orações coordenadas, visto que a coordenação de orações pode ser entre orações matrizes, orações encaixadas etc.

podem ser expressas no domínio aspecto-circunstancial (considerem-se, a esse respeito, as orações subordinadas temporais, como no exemplo acima), mas enfatiza que as noções de tempo são expressas por meio de desinências verbais e são associadas a aspecto, quer por meio do significado lexical do verbo, quer por meio de seu arranjo na estrutura oracional, quer por meio de sufixos verbais. Por outro lado, a noção de circunstância não pode ser expressa fora do domínio aspecto-circunstancial, tendo em vista sua natureza periférica em relação à oração matriz. Além disso, a distribuição das construções gerundivas em dois domínios funcionais, aspecto-temporal e aspecto-circunstancial, foi motivada pelas seguintes razões:

a) é adequada à descrição feita pela tradição normativa, segundo a qual uma oração subordinada exerce a mesma função gramatical que um sintagma exerceria no período simples: uma oração subordinada adverbial exerce função semelhante a que um advérbio ou sintagma adverbial exerce na oração simples; uma oração subordinada substantiva a um sintagma nominal, e assim por diante;

b) concilia as propostas de classificação do gerúndio, apresentadas no capítulo II desta tese, que dividem as ocorrências de gerúndio em: gerúndio circunstancial, gerúndio adjetivo ou adnominal, gerúndio independente (incluindo-se o gerúndio imperativo), gerúndio narrativo, gerúndio descritivo e gerúndio perifrástico, dos quais apenas o gerúndio circunstancial é descrito no domínio aspecto-circunstancial;

c) possibilita-nos uma análise multidirecional do comportamento funcional do gerúndio, guiada não apenas pelas noções de aspecto, tempo e modalidade que formam o complexo TAM para propor os dois domínios funcionais, mas também pela complexidade estrutural das construções gerundivas, pelos valores sintático-semânticos e pelos valores circunstanciais a ela associados, pela frequência com que assumem determinada função, como estão distribuídas ao longo dos séculos pesquisados e nas variedades do Português europeu e brasileiro etc, conforme as categorias de análise previamente definidas;

d) leva em conta a distinção entre encaixamento e articulação de orações, conforme Decat (2001)¹⁰⁴, isto é, entre orações que se integram estruturalmente em outra (que mantém uma relação argumental com a estrutura de outra oração) e orações que não estão

¹⁰⁴ Decat (2001) questiona se a oração subordinada adverbial deve ser postulada como aquela que funciona como advérbio ou sintagma adverbial, o que a tornaria encaixada. Isso teria algumas consequências já que “nem sempre é possível dizer a que tipo de função uma cláusula adverbial serve em outra cláusula, dado o fato de que frequentemente terá, mais que uma função gramatical, uma função discursiva, no sentido de orientar o ouvinte para a mensagem que se quer transmitir, organizando, assim, a forma de discurso” (DECAT, 2001, p. 106).

sujeitas a essa integração sintática, mas estão relacionadas a aspectos da organização do discurso;

e) torna possível estudar, ao mesmo tempo, as construções gerundivas que mantêm relação argumental com outra, as construções gerundivas coordenadas entre si (tanto em estruturas coordenadas como em estruturas subordinadas) e as construções gerundivas de natureza circunstancial (as subordinadas adverbiais), uma vez que

o que importa não é classificar uma cláusula como adverbial ou como subordinada, mas reconhecer a capacidade de ela se combinar com outras, refletindo uma propriedade organizacional básica do discurso em geral, que é a articulação de orações para a formação de discurso coeso e coerente (DECAT, 2001, p. 108).

Definidos os critérios para a organização dos domínios funcionais do gerúndio, passemos a analisar os resultados obtidos nesta pesquisa, que lida com 3910 ocorrências de gerúndio, das quais 1671 estão distribuídas no domínio aspecto-temporal e 2239 estão distribuídas no domínio aspecto-circunstancial.

5.2 O domínio aspecto-temporal do gerúndio

No domínio aspecto-temporal, os valores semântico-sintáticos ocupam relevância funcional de destaque, uma vez que a classificação baseada nesses valores é resultante de uma série de estudos descritivos de que tratamos no capítulo II. Assim, cada ocorrência de gerúndio foi classificada em gerúndio adjetivo, gerúndio coordenado, gerúndio descritivo, gerúndio narrativo, gerúndio conectivo, gerúndio independente e codificada¹⁰⁵ mediante os grupos de categorias escolhidas para análise: a complexidade estrutural, as noções temporais,

¹⁰⁵ O processo de codificação de dados consiste em atribuir um código específico, de natureza mnemônica, referente a cada subcategoria escolhida para análise. Por exemplo, suponha-se que uma ocorrência qualquer de gerúndio tem a seguinte classificação: é um gerúndio adjetivo, simples (em vez de perifrástico), aspecto cursivo, do século XVI, português europeu. Para cada uma dessas classificações, será atribuído um código, que será lido pelo programa estatístico, que cruzará cada ocorrência com outras ocorrências de gerúndio, simples ou perifrástico, do Português europeu ou brasileiro, de quaisquer séculos etc, fornecendo as quantidades específicas de cada uso e a frequência, considerando-se todas as categorias e usos observados.

as noções aspectuais, a modalidade, o relevo discursivo, os séculos e as variedades do Português. Desse modo, nas subseções a seguir, apresentaremos os resultados estatísticos fornecidos GOLDVARBX, quando foram considerados apenas os dados das construções de gerúndio pertencentes ao domínio aspecto-temporal, que resultaram em uma amostra de 371 dados de gerúndio adjetivo, 664 de gerúndio coordenado, 41 dados de gerúndio narrativo, 8 dados de gerúndio independente (incluindo-se o imperativo), 6 de gerúndio conectivo e apenas 4 dados gerúndio descritivo¹⁰⁶. O procedimento de separar os dados de cada domínio justifica-se pelo fato de não estarmos lidando com regras variáveis, mas com formas e funções que ocorrem em um e outro domínio, cuja frequência se quer quantificar e analisar. Além disso, gerúndio perifrástico que ocorre como núcleo complexo da oração matriz não se encaixa em nenhum dos valores semântico-sintáticos conhecidos e, por isso, foram rodados em separado, cujos resultados serão discutidos ao final desta seção.

Na discussão dos resultados, levaremos em conta o princípio da marcação, proposto por Givón (1990, 1995), que pode ser avaliado mediante três critérios: *da complexidade estrutural, da complexidade cognitiva e da distribuição da frequência*. No que diz respeito à complexidade estrutural, esta pesquisa lida com formas simples, menos complexas, com formas perifrásticas, de complexidade mediana, com formas compostas, de complexidade elevada. Em termos de complexidade cognitiva, pode-se lançar mão desse princípio para se referir a funções mais previsíveis, mais frequentes, cujo processamento seria mais automático e relativamente livre, mas devemos deixar claro que as considerações que fizemos em torno do subprincípio da complexidade cognitiva devem ser relativizadas, já que, para se medir a complexidade cognitiva de uma forma linguística, seria necessário submeter essa forma a uma série de testes de processamento cognitivo, como os que se fazem nas pesquisas psicolinguísticas, o que não será feito nesta pesquisa. Além disso, como lidamos com dados históricos, o processamento de determinadas formas e funções pressupõe a familiaridade do interlocutor com essas formas, o que interferirá no tempo e no grau de dificuldade de processamento. Considerem-se os exemplos a seguir:

(173) (...) Não sou mais um daqueles sacerdotes de perna cabeluda *celebrando* a missa com cálice de cornos de touros. (B 20 2 BI 63)

¹⁰⁶ Os dados de gerúndio perifrástico foram contabilizados à parte. A distribuição dos dados desse tipo de gerúndio pode ser visualizada na tabela 1.

(174) Castella *foi-se conformando* com a desmembração de Portugal, enquanto que o mesmo D. Affonso Henriques foi pela sua parte ampliando o reino com a aquisição de Sanctarém (E 19 2 HGC 117)

(175) A alma sancta & amiga do verdadeiro esposo sempre *deve estar sospirando* sempre aparelhada, sempre desejosa da vinda do seu amado (E 16 2 MCM 148)

(176) No anno seguinte voltaram outra vez com maior regularidade e numero, e desembarcando novamente em Gibraltal, ahi se fortificou a expedição e se dispoz definitivamente á conquista da península, *sendo* igualmente *acompanhada* pelo perfido conde Julião (E 19 2 HGC 67)

(177) mas n'esta empreza, se por ventura a tentou, foi por certo mal sucedido, cujos desatres, reunidos com o decurso do tempo, animaram os refugiados nas Asturias a invadirem o paiz mulçumano, *indo-se* successivamente *estendendo* até ganharem Cangas de Onis (E 19 2 HGC 82)

As construções gerundivas destacadas nos exemplos acima têm níveis diferentes de complexidade estrutural e expressam diferentes valores semântico-sintáticos no domínio funcional aspecto-temporal. Com base na complexidade estrutural, o gerúndio simples é a forma não-complexa e todos os outros tipos de gerúndio são formas complexas. Dos 3910 dados de gerúndio encontrados nos domínios funcionais aspecto-temporal e aspecto-circunstancial, 3.100 dados são de gerúndio simples, que equivalem a uma frequência 79.3%; 649 dados são de gerúndio perifrástico simples, equivalentes à frequência de 16.6%; 128 dados são de gerúndio composto, que correspondem à frequência de 3.3%; 18 dados são de duplo gerúndio, referentes à frequência de 0.5% e, por fim, 15 dados são de gerúndio perifrástico complexo, correlacionados à frequência de 0.4%. Vejamos a tabela a seguir.

Tabela 1 – Frequência das construções gerundivas em Língua Portuguesa.

Complexidade estrutural	No domínio aspecto-temporal	No domínio aspecto-circunstancial	No corpus
Gerúndio composto	16/12.5%	112/87.5%	128/3.3%
Duplo gerúndio	4/22.2%	14/77.8%	18/0.5%
Gerúndio simples	1079/34.8%	2021/65.2%	3100/79.3%
Gerúndio perifrástico simples	559/86.1%	90/13.9%	649/16.6%
Gerúndio perifrástico complexo	13/86.7%	2/13.3%	15/0.4%

Total/percentual	1671/42.7%	2239/57.3%	3910/100%
-------------------------	------------	------------	-----------

Fonte: o próprio pesquisador.

Em termos estruturais, o gerúndio simples, como no exemplo (173), é a forma estruturalmente menos complexa, a mais frequente, é, portanto, a forma não-marcada; o gerúndio perifrástico, exemplos (174 e 175), a forma estruturalmente mais complexa, mas de processamento mediano, já que a forma traz na primeira posição um verbo auxiliar em sua forma finita, com marcas de pessoa, tempo e modo, é a forma mais ou menos marcada; o gerúndio composto e o duplo gerúndio, como nos exemplos (176 e 177), por serem formas complexas, compostas de formas nominais, desprovidas das marcas de pessoa, tempo e modo, são formas mais marcadas, cujo processamento requer mais atenção. Contudo, os exemplos (174) e (175), diferenciam-se entre si, em termos de complexidade estrutural, uma vez que uma construção tem apenas dois elementos e a outra têm três elementos e, do mesmo modo, os exemplos (176) e (177), diferenciam-se entre si, uma vez que o exemplo (176) é composto de duas formas nominais diferentes (gerúndio + particípio) e o exemplo (177) é composto de duas formas nominais da mesma natureza (gerúndio + gerúndio). Considerando-se a complexidade estrutural, a frequência e o modo como supomos ser o processamento dessas formas (já que não aplicamos testes de processamento), propomos o seguinte quadro para a distribuição da marcação, em natureza escalar, do menos marcado para o mais marcado:

Quadro 3 - Escala de marcação para a complexidade estrutural do gerúndio em Língua Portuguesa.

	Complexidade Estrutural	Complexidade e cognitiva ¹⁰⁷	Frequência	Escalaridade de marcação ¹⁰⁸
Gerúndio simples	Não	Muito baixa	Alta (79.3%)	---marcado
Gerúndio perifrástico simples	Sim	Média	Média (16.6%)	--+ marcado
Gerúndio perifrástico complexo	Sim	Média alta	Muito baixa (0.4%)	+++ marcado
Gerúndio composto	Sim	Alta	Baixa (3.3%)	++-marcado
Duplo gerúndio	Sim	Muito alta	Muito baixa (0.5%)	+++marcado

Fonte: o próprio pesquisador.

Consideremos, contudo, que a proposição dessa escala de marcação aponta uma tendência do comportamento das construções gerundivas e não tem a pretensão de ser categórica, já que a marcação não diz respeito apenas às categorias linguísticas, mas também

¹⁰⁷ A escala de complexidade cognitiva foi hipoteticamente sugerida com base na experiência do pesquisador com a língua e com os dados em análise.

¹⁰⁸ Os traços + e - referem-se a marcado e não-marcado, respectivamente, mas em natureza escalar.

aos contextos comunicativos nos quais elas são codificadas e a explicação da marcação deve ter um domínio específico, isto é, devem ser feitas as correlações cognitivas, comunicativas e socioculturais, que devem variar de um domínio para outro. Desse modo, a análise das ocorrências de gerúndio neste capítulo, com base no princípio de marcação, será feita a partir de cada grupo de fatores¹⁰⁹, observando-se o comportamento da categoria analisada dentro de domínio e dentro do valor semântico-sintático do gerúndio que estiver sob análise. Ao final, desta seção, retomaremos o princípio da marcação para propor, também em natureza escalar, a distribuição dos valores semântico-sintáticos do gerúndio.

5.2.1 O gerúndio adjetivo

O gerúndio adjetivo é o que mais se aproxima do valor semântico-sintático do particípio presente do Latim, já que o gerúndio adjetivo assumiu as funções por ele expressas em Latim, tanto as que indicavam as qualidades transitórias quanto as que indicavam as qualidades permanentes. Era esperada alta frequência desse tipo de gerúndio no *corpus* pesquisado, mas foi o segundo mais frequente no domínio aspecto-temporal, apresentando uma frequência de uso de 22.3%, que corresponde a 371 dados. Por atribuir qualidades a um nome, o gerúndio adjetivo assume propriamente o papel de atributo, referindo-se ao sujeito ou ao objeto de verbo finito. Vejamos os exemplos a seguir:

(178) Do hospício ao colégio, da Sé ao guindaste, da porta do Carmo à de São Bento, havia gente reunida **observando** (B 20 2 BI 48)

(179) Ali estão os olhinhos frios, o rosto furado de bexigas, o nariz achatado de boxeador, o dente de ouro **brilhando**. (B 20 1 CC 67)

O gerúndio adjetivo *observando* (= que observava) refere-se ao objeto “gente reunida” e descreve uma situação de tempo que é coterporal à que é expressa pelo verbo

¹⁰⁹ Seguiremos a seguinte sequência lógica para estruturar a análise: abriremos uma seção para cada valor semântico-sintático no domínio aspecto-temporal e uma seção para cada valor circunstancial no domínio aspecto-circunstancial. Em cada seção, abriremos uma alínea para analisar cada grupo de fatores, quanto ao princípio da marcação, no valor semântico-sintático ou no valor circunstancial e no domínio. Assim a discussão não apresentará, *a priori*, se esses fatores são marcados ou não-marcados na língua, mas como se comportam no domínio e no valor que está sob análise na seção.

haver, cuja duração se estende no tempo (aspecto cursivo). Já o gerúndio adjetivo *brilhando* (= que brilha) determina um dos sujeitos “o dente de ouro”, também expressa cursividade e cotemporalidade, uma qualidade permanente. Os gerúndios adjetivos acima têm traços diferentes que merecem ser mencionadas: enquanto *brilhando* expressa indubitavelmente uma qualidade duradoura, *observando* refere-se a um termo, determinando-o, mas não é uma qualidade desse termo, descreve uma situação ligada a ele que o determina – o primeiro assume a função do particípio presente e o segundo do ablativo absoluto¹¹⁰. A propósito, enquanto o gerúndio *observando* pode ser deslocado na oração, à maneira de um advérbio, isto é, goza de certa liberdade sintática, o deslocamento do gerúndio *brilhando* fica restrito para antes da expressão que ele determina, embora forme uma construção menos natural, sob o risco de passar a caracterizar outro termo. O deslocamento do gerúndio *observando*, para qualquer posição, é natural e aceitável; o deslocamento do gerúndio *brilhando* para a posição logo após o verbo favorece a formação de uma perífrase e para antes do verbo passa a caracterizar todos os termos que funcionam como sujeito. Vejamos:

(178 a) *Observando*, havia muita gente reunida.

(178 b) Havia *observando* muita gente reunida (?)

(179 a) Ali estão os olhinhos frios, o rosto furado de bexigas, o nariz achatado de boxeador, *brilhando* o dente de ouro (?)

(179 b) Ali *estão brilhando* os olhinhos frios, o rosto furado de bexigas, o nariz achatado de boxeador, o dente de ouro.

(179 c) Ali *brilhando estão* os olhinhos frios, o rosto furado de bexigas, o nariz achatado de boxeador, o dente de ouro.

A característica funcional fundamental do gerúndio adjetivo é a determinação do termo a que se refere: o emprego de *observando* não pode ser confundido com modo ou qualquer outra circunstância – qualquer que seja sua posição na oração, o gerúndio adjetivo, semântica e sintaticamente, fará referência ao termo por ele determinado, nos exemplos em questão, “muita gente reunida” e “o dente de ouro”. Passemos, agora, a discutir os resultados do comportamento do gerúndio adjetivo, a partir das categorias selecionadas para a análise.

¹¹⁰ Veja-se a discussão apresentada no capítulo II.

a) A complexidade estrutural¹¹¹ no gerúndio adjetivo

Tabela 2 – A complexidade estrutural do gerúndio adjetivo.

Complexidade estrutural	Gerúndio adjetivo	Outros valores semântico-sintáticos	Total/percentual no domínio aspecto-temporal
Gerúndio composto	8/50.0%	8/50.0%	16/0.9%
Duplo gerúndio	0/0.0%	4/75.0%	4/0.2%
Gerúndio simples	363/33.8%	712/66.2%	1075/64.6%
Gerúndio perifrástico simples	0/0.0%	557/100.0%	557/33.5%
Gerúndio perifrástico complexo	0/0.0%	13/100.0%	13/0.8%
Total/percentual¹¹²	371/22.3%	1293/77.7%	1664/100.0%

Fonte: o próprio pesquisador.

Os dados revelam que o gerúndio simples, em termos quantitativos, é a forma preferida para expressar o gerúndio adjetivo, uma vez que foram encontrados 363 dados de gerúndio simples e apenas 8 dados de gerúndio composto. O programa estatístico leva em consideração a relação forma-função-categorias de análise em todo o *corpus* e, portanto, atribui um percentual mais expressivo para os 8 dados de gerúndio composto (50%), porque toma como base os 16 dados de gerúndio composto no domínio funcional aspecto-temporal, ao passo que o percentual para os 363 dados de gerúndio simples é apenas de 33.8%, já que no *corpus* foram encontrados 1075 dados de gerúndio simples, dos quais 363 são de gerúndio adjetivo. Vejamos como o gerúndio adjetivo ocorre como gerúndio simples e como gerúndio composto, respectivamente nos exemplos (173) e (176), que repetimos aqui.

(173) – (...) Não sou mais um daqueles sacerdotes de perna cabeluda *celebrando* a missa com cálice de cornos de touros. (B 20 2 BI 63)

¹¹¹ O termo complexidade estrutural carece de mais informações para evitar ambiguidades: controlamos, estatisticamente, um grupo de fatores a que demos o título de complexidade estrutural, para verificar a frequência de uso do gerúndio quanto à forma, em cada valor semântico-sintático e em cada valor circunstancial. Para discutirmos a marcação relacionada a cada grupo de categorias de análise, levamos em conta o subprincípio da frequência no domínio e no valor semântico-sintático em análise, procedimento que será seguido em todo o capítulo. A ambiguidade pode surgir porque propomos uma escala de marcação para a complexidade estrutural do gerúndio (quando levamos em conta a frequência, a complexidade estrutural e cognitiva) e, como veremos mais adiante, uma escala para os valores semântico-sintáticos do gerúndio e para os valores circunstanciais do gerúndio (baseados no subprincípio da complexidade semântica e no subprincípio da frequência). Contudo, em cada grupo de categorias, a marcação será discutida com base na frequência no domínio e no valor em análise.

¹¹² Tínhamos a intenção de verificar a frequência relacionada a outros grupos de fatores, como modo verbal e tipo oracional, que se mostraram pouco relevantes e foram desconsiderados no Goldvard. Os resultados relacionados a eles foram suprimidos – isso explica a diferença de dados na soma total para cada tipo de gerúndio e o esperado para o domínio, conforme informado na tabela 1.

(176) No anno seguinte voltaram outra vez com maior regularidade e numero, e desembarcando novamente em Gibraltal, ahi se fortificou a expedição e se dispoz definitivamente á conquista da península, *sendo* igualmente *acompanhada* pelo perfido conde Julião (E 19 2 HGC 67)

Nos exemplos acima, o que define o gerúndio *celebrando* como adjetivo é sua equivalência semântico-sintática a uma oração adjetiva desenvolvida (que celebra) e a determinação de um núcleo nominal (sacerdotes), comportando-se, semântica e sintaticamente, como adjetivo. De maneira semelhante, o gerúndio composto *sendo acompanhada* equivale a uma oração adjetiva desenvolvida (que foi acompanhada) e determina a expressão “a expedição”.

Aplicando-se o princípio givoniano da marcação, o esperado seria que o gerúndio simples, por ser a forma mais frequente (subprincípio da frequência) e menos complexa (subprincípio da complexidade estrutural) no domínio funcional aspecto-temporal, fosse também a forma não-marcada com valor semântico-sintático de gerúndio adjetivo, mas os resultados mostram que o gerúndio simples é a forma mais marcada e o gerúndio composto a forma não-marcada. Vejamos o quadro seguinte.

Quadro 4 - Aplicação do princípio da Marcação à complexidade estrutural no gerúndio adjetivo.

Complexidade estrutural	No gerúndio adjetivo	No domínio aspecto-temporal
Gerúndio simples	+ marcado	- marcado
Gerúndio composto	- marcado	+ marcado

Fonte: o próprio pesquisador.

Desse modo, pelo subprincípio da complexidade estrutural e pelo subprincípio da frequência, no gerúndio adjetivo, as construções gerundivas contrariam o princípio givoniano da marcação. Atribuímos isso ao fato de as construções com gerúndio composto serem mais definidas quanto a tempo e a aspecto que o gerúndio simples, o que compensaria o esforço cognitivo relacionado ao processamento de sua estrutura complexa. É o que prevê o princípio da expressividade, proposto por Dubois e Votre (2012), um princípio intermediário, regulador, pelo qual formas complexas podem apresentar-se como mais frequentes, por serem mais eficazes, em termos de expressividade, o que reduziria ou anularia o esforço da marcação.

b) As noções temporais no gerúndio adjetivo

Em se tratando das noções temporais, o gerúndio adjetivo teve maior frequência de uso associada à noção de atemporalidade, seguida de cotemporalidade, anterioridade e posterioridade. A noção de atemporalidade não era esperada no domínio aspecto-temporal, já que, por natureza, esse domínio caracteriza-se por manifestar as noções de tempo, aspecto e modalidade. A manifestação do gerúndio adjetivo, como vimos na discussão da complexidade estrutural, se dá por meio do gerúndio simples e do gerúndio composto, razão pela qual as noções temporais atribuídas a esse valor semântico-sintático não estão associadas à manifestação formal de tempo por meio de desinências. A tabela a seguir apresenta a distribuição do gerúndio adjetivo em relação às noções temporais.

Tabela 3 – As noções temporais no gerúndio adjetivo.

Noções temporais	Gerúndio adjetivo	Outros valores semântico-sintáticos	Total/percentual no domínio aspecto-temporal
Anterioridade	18/7.2%	231/92.8%	249/14.9%
Cotemporalidade	331/32.9%	676/67.1%	1007/60.3%
Posterioridade	19/4.7%	388/95.3%	407/24.4%
Atemporalidade	3/37.5%	5/62.5%	8/0.5%
Total/percentual	371/22.3%	1293/77.7%	1664/100/0%

Fonte: o próprio pesquisador.

Empregando-se o princípio da marcação, verificaremos que, no domínio funcional, conforme os totais expressos na tabela acima, a noção de cotemporalidade é a noção não-marcada e a noção de atemporalidade é a noção marcada, as noções de anterioridade e posterioridade são intermediárias (+ ou – marcadas). Já na função de gerúndio adjetivo, a noção de atemporalidade é a noção não-marcada. Isso pode ser explicado pela natureza atributiva do gerúndio adjetivo, isto é, ao se empregar o gerúndio adjetivo para atribuir qualidade a um nome, isso pode ter uma essência atemporal, válida a qualquer tempo, ou cotemporal, válida para aquele momento. No exemplo (178), a noção temporal que se infere do gerúndio adjetivo aí empregado é cotemporal ao tempo presente empregado na oração matriz (sou) e também uma qualidade que, embora duradoura, não tem validade atemporal. Por outro lado, o gerúndio adjetivo *brilhando*, em (177), é um atributo duradouro, uma qualidade atemporal. Vejamos como ficam as noções temporais quanto ao princípio da marcação no gerúndio adjetivo e no domínio funcional aspecto-temporal no quadro seguinte.

Quadro 5 - Aplicação do princípio da Marcação às noções temporais no gerúndio adjetivo.

Noções temporais	No gerúndio adjetivo	No domínio aspecto-temporal
Anterioridade	+ marcado	-+ marcado
Cotemporalidade	- marcado	-- marcado
Posterioridade	+ marcado	+ - marcado
Atemporalidade	- marcado	++ marcado

Fonte: o próprio pesquisador.

c) As noções aspectuais no gerúndio adjetivo

No que se refere às noções aspectuais expressas pelo gerúndio adjetivo, verificamos maior frequência de uso associada a aspecto cursivo, seguido de pontualidade (tanto para aspecto perfectivo quanto para aspecto imperfectivo). A alta frequência dessas noções aspectuais no gerúndio adjetivo está diretamente relacionada às formas estruturais pelas quais esse tipo de gerúndio se manifesta, isto é, o gerúndio composto tende a expressar um fato acabado visto em sua inteireza, portanto, aspecto perfectivo, ao passo que o gerúndio simples tende a expressar, com maior frequência, a noção de cursividade. A tabela a seguir descreve as noções aspectuais relacionadas a gerúndio adjetivo:

Tabela 4 – Os valores aspectuais no gerúndio adjetivo.

	Valores aspectuais	Gerúndio adjetivo	Outros valores semântico-sintáticos	Total/percentual
Perfectivo	Pontual	4/25.0%	12/75.0%	16/1.0%
Imperfectivo	Cursivo	261/23.8%	837/76.2%	1098/66.0%
	Iterativo	10/17.2%	48/82.8%	58/3.5%
	Pontual	96/20.6%	369/79.4%	465/27.9%
	Incoativo	0/0.0%	12/100.0%	12/0.7%
	Terminativo	0/0.0%	15/100.0%	15/0.9%
	Total/percentual	371/22.3%	1293/77.7%	1664/100.0%

Fonte: o próprio pesquisador.

Os exemplos de gerúndio adjetivo a seguir cumulam as noções de *cotemporalidade + cursividade* e *cotemporalidade + pontualidade*, isto é, já que, no primeiro caso, o estado de coisas expresso no gerúndio tem validade temporal condicionada ao evento descrito na oração principal “cintilaram” e se realiza de modo cursivo, e, no segundo caso, o estado de coisas descreve uma situação momentânea e pontual.

(180) Os olhos do alcaide-mor cintilaram ao ver os encapuzados *cercando* a liteira (B 20 2 BI 21)

(181) (...) e a terceira emfim ganha as duas na sublime harmonia de umas bastas madeixas negras, *coroando* um rosto romanticamente palido (...). (B 19 1 AM 60)

Em se tratando do princípio da marcação, a distribuição dos valores aspectuais no domínio funcional obedece à seguinte lógica: a cursividade é a noção não-marcada, a noção de pontualidade associada a imperfectividade é intermediária e as outras noções são marcadas. O esperado é que a noção aspecto cursivo imperfectivo seja a noção não marcada para todos os valores semântico-sintáticos do gerúndio, visto que sua natureza morfológica pressupõe essa noção aspectual. Temos demonstrado, ao longo desta tese, que, embora a noção de cursividade seja inerente ao gerúndio, outras noções aspectuais podem ser adequadamente expressas, como a noção de pontualidade expressa no exemplo (181). O quadro, a seguir, resume a distribuição das noções aspectuais no domínio funcional aspecto-temporal e no gerúndio adjetivo:

Quadro 6 - Aplicação do princípio da Marcação às noções aspectuais no gerúndio adjetivo.

Noções aspectuais	No gerúndio adjetivo	No domínio aspecto-temporal
Pontual perfectivo	-marcado	++marcado
Cursivo	- marcado	- - marcado
Iterativo	+ marcado	++ marcado
Pontual imperfectivo	- marcado	+ - marcado
Incoativo	+ marcado	+ +marcado
Terminativo	+ marcado	+ +marcado

Fonte: o próprio pesquisador.

d) A modalidade no gerúndio adjetivo

Em todo domínio aspecto-temporal, verificou-se alta frequência de modalidade factual, fato que se deve, a nosso ver, à característica dos dados (narrativas históricas), cuja retratação se dá, quase sempre, do ponto de vista da realização do fato, ou seja, como realizado, real, ou como não-realizado e, portanto, não-factual, o que dispensa a avaliação no mundo exterior. A tabela seguinte apresenta a distribuição dos dados de gerúndio adjetivo, considerando a modalidade.

Tabela 5 – A modalidade no gerúndio adjetivo.

Modalidade	Gerúndio adjetivo	Outros valores semântico-sintáticos	Total/percentual
Factual	363/22.3%	1264/77.7%	1627/97.8%
Não-factual	8/21.6%	29/78.4%	37/2.2%

Total/percentual	371/22.3%	1293/77.7%	1664/100.0%
-------------------------	-----------	------------	-------------

Fonte: o próprio pesquisador.

Considerando o princípio da marcação, a modalidade factual é não-marcada no domínio funcional aspecto-temporal, com frequência de 97.8%, mas tem distribuição equivalente quanto à função semântico-sintática de gerúndio adjetivo, com frequência de 22.3% para factual e 21.6% para não-factual. Dos 37 casos de modalidade não-factual no domínio aspecto-temporal, 8 estão associados a gerúndio adjetivo; dos 1627 casos de modalidade factual, 363 estão associados a gerúndio adjetivo.

Quadro 7 - Aplicação do princípio da Marcação à modalidade no gerúndio adjetivo.

Modalidade	No gerúndio adjetivo	No domínio aspecto-temporal
Modalidade factual	- marcado	-marcado
Modalidade não-factual	+ marcado	+ marcado

Fonte: o próprio pesquisador.

e) O relevo discursivo no gerúndio adjetivo

Considerando-se o relevo discursivo, não houve dados de gerúndio adjetivo associado à figura. De fato, considerando-se os dois domínios funcionais, aspecto-temporal e aspecto-circunstancial, há uma tendência, em termos de organização dos domínios entre si, ao aspecto temporal funcionar como figura, e o aspecto-circunstancial funcionar como fundo. Contudo, na relação das orações entre si, o gerúndio adjetivo deve funcionar como fundo, porque sua relevância discursiva é relativa ao termo que ele determina. Do mesmo modo, o relevo discursivo mais saliente recai sobre a oração matriz.

Tabela 6 – O relevo discursivo no gerúndio adjetivo.

Relevo discursivo	Gerúndio adjetivo	Outros valores semântico-sintáticos	Total/percentual
Fundo	371/26.2%	1043/73.8%	1414/85.0%
Figura	0/0.0%	250/100.0%	250/15.0%
Total/percentual	371/22.3%	1293/77.7%	1664/100.0%

Fonte: o próprio pesquisador.

Em termos de marcação, considerando-se o relevo discursivo e os valores semântico-sintáticos do gerúndio, figura tende a ser a estrutura marcada e o fundo a estrutura não-marcada, conforme o quadro a seguir:

Quadro 8 - Aplicação do princípio da Marcação ao relevo discurso no gerúndio adjetivo.

Relevo discursivo	No gerúndio adjetivo	No domínio aspecto-temporal
Fundo	- marcado	+marcado
Figura	+ marcado	- marcado

Fonte: o próprio pesquisador.

f) O século e as variedades do Português no gerúndio adjetivo

Façamos a discussão a respeito da distribuição por século e variedade do Português em conjunto, já que se pode ter a frequência associada aos dois grupos de categorias por meio da ferramenta “cruzamento de tabelas”, do GOLDVABX. Isso se justifica pelo fato de só termos dados do Português brasileiro nos séculos XIX e XX, o que nos permite algum grau de comparabilidade entre as duas variedades. A distribuição do gerúndio adjetivo por século demonstrou um crescimento de uso, em termos de frequência e quantificação dos dados, do século XVI ao século XX, com exceção do século XVII, em que houve um decréscimo de dados, no Português europeu. Vejamos a tabela a seguir:

Tabela 7 – Cruzamento entre século e variedade do Português no gerúndio adjetivo.

		Século XVI	Século XVII	Século XVIII	Século XIX	Século XX	Total/ Percentual
Português Europeu	Gerúndio adjetivo	26/25.0%	19/13.0%	37/20.0%	108/28.0%	93/27.0%	283/24.0%
	Outros valores	77/75.0%	125/87.0%	149/80.0%	280/72.0%	252/73.0%	883/76.0%
	Total/ percentual	103/100%	144/100%	186/100%	388/100%	345/100%	1166/100%
Português Brasileiro	Gerúndio adjetivo	-	-	-	24/19.0%	64/17.0%	88/17.0%
	Outros valores	-	-	-	102/81.0%	315/83.0%	417/83.0%
	Total/ percentual	-	-	-	126/100%	379/100%	505/100%

Fonte: o próprio pesquisador.

Pelo cruzamento dos dois grupos de categorias, deve-se considerar o seguinte: o século XIX concentra maior número de dados no Português europeu, tanto de gerúndio adjetivo quanto nos outros valores semântico-sintáticos; no Português brasileiro, o século XX concentra maior número de dados de gerúndio adjetivo e das outras circunstâncias. Pelo

cômputo do número total de dados de gerúndio no domínio funcional, no Português europeu, o século XVI tem 103 dados; o século XVII, 144 dados; o século XVIII, 186 dados; o século XIX, 388 dados e, o século XX, 345 dados; já no Português brasileiro, o século XIX apresenta 126 dados e o século XX, 379 dados.

Segundo Givón (1995), a marcação não diz respeito apenas às categorias linguísticas, mas também aos contextos comunicativos nos quais elas são codificadas. Sendo assim, considerando-se o princípio da marcação no gerúndio adjetivo e a correlação do século e variedade do Português,¹¹³ em termos de tendência, o gerúndio adjetivo é a categoria não-marcada no século XIX, no Português europeu, e no século XX, no Português brasileiro, ao considerarmos o número total de dados de gerúndio. Vejamos o quadro a seguir:

Quadro 9 - Aplicação do princípio da Marcação ao cruzamento entre século e variedade do Português no gerúndio adjetivo.

		Século XVI	Século XVII	Século XVIII	Século XIX	Século XX
Português Europeu	O gerúndio adjetivo	+ marcado	+ marcado	+ marcado	- marcado	+ marcado
	No domínio funcional	+ marcado	+ marcado	+ marcado	- marcado	+ marcado
Português Brasileiro	O gerúndio adjetivo	-	-	-	- marcado	+ marcado
	No domínio funcional	-	-	-	+ marcado	- marcado

Fonte: o próprio pesquisador.

O programa estatístico mostrou que o gerúndio adjetivo ocorre com maior frequência no século XIX, embora os percentuais não sejam tão distantes entre si, contrariando o que foi definido para o domínio funcional, acompanhando, sob esse aspecto, o que se verificou no Português europeu. Se isso se mantiver, teremos de encontrar razões históricas para tal similaridade, já que não podemos lançar mão do princípio da expressividade, proposto por Dubois e Votre (2012).

5.2.2 O gerúndio coordenado

¹¹³ Normalmente, o princípio da marcação é aplicado a fatores linguísticos, mas se tem tornado uma prática entre os estudiosos estender o princípio para fatores sociais. Andersen (2001) relacionou o princípio a fatores como: prosa x poesia, fala x escrita, estilo casual x formal; Vieira (2014) relacionou o princípio a editoria do jornal: cadernos de esporte x cadernos de política x cadernos de entretenimento.

O gerúndio coordenado, conforme vimos no capítulo II, é assim chamado porque estabelece com a oração a que se coordena uma relação semelhante à desempenhada pelas conjunções coordenadas, isto é, o gerúndio coordenado é responsável por estabelecer a coesão entre as orações, quando não há conjunções coordenativas. Também devem ser categorizadas como gerúndio coordenado as orações coordenadas reduzidas de gerúndio iniciadas por uma conjunção coordenativa. Vejamos os exemplos a seguir:

(182) Gonçalo pegou o punhal *sentindo* o metal frio nos dedos (B 20 2 BI 40)

(183) Esses cornos ficaram anos sem pagar suas dívidas e eu *acorbetando-os* (B 20 2 BI 38)

A sequência de ações “pegou o punhal” e “sentindo o metal” (= e sentiu o metal) estão coordenadas entre si e o responsável por essa coordenação é o gerúndio reduzido *sentindo*, isto é, trata-se ações extensivas a um mesmo sujeito, relatada em terceira pessoa para enfatizar que as ações foram executadas uma seguida da outra. Pode-se perceber que o gerúndio aí empregado não se confunde os outros valores semântico-sintáticos de que vimos tratando nesta pesquisa nem expressa uma circunstância. Já a oração *e eu acorbetando-os* é uma oração coordenada aditiva reduzida de gerúndio, mas a coordenação se deu por meio da conjunção coordenada *e*, não pelo auxílio do gerúndio. Vejamos o comportamento do gerúndio coordenado em relação às categorias de análise controladas nesta pesquisa.

a) A complexidade estrutural

No que diz respeito à complexidade estrutural, o gerúndio coordenado pouco se diferencia do gerúndio adjetivo, mas admite, além do gerúndio simples e do gerúndio composto, o duplo gerúndio, embora a absoluta maioria dos dados seja de gerúndio simples. Do mesmo modo como procedemos com os demais valores semântico-sintáticos, os dados de gerúndio perifrástico foram rodados em separado. A tabela a seguir apresenta os dados de gerúndio narrativo distribuído de acordo com a complexidade estrutural.

Tabela 8 – A complexidade estrutural no gerúndio coordenado.

Complexidade estrutural	Gerúndio coordenado	Outros valores semântico-sintáticos	Total/percentual
Gerúndio composto	7/46.7%	8/53.3%	15/0.9%

Duplo gerúndio	3/75%	1/25.0%	4/0.2%
Gerúndio simples	654/60.8%	421/39.2%	1075/64.6%
Gerúndio perifrástico simples	0/0.0%	557/100.0%	557/33.5%
Gerúndio perifrástico complexo	0/0.0%	13/100.0%	13/0.8%
Total/percentual	664/39.9%	1000/60.1%	1664/100.0%

Fonte: o próprio pesquisador.

Consideremos os exemplos de gerúndio coordenado a seguir, que se estruturam em duplo gerúndio e em gerúndio composto, respectivamente:

(184) mas n'esta empresa, se por ventura a tentou, foi por certo mal sucedido, cujos desatres, reunidos com o decurso do tempo, animaram os refugiados nas Asturias a invadirem o paiz mulçumano, *indo-se* successivamente *estendendo* até ganharem Cangas de Onis (E 19 2 HGC 82)

A coordenação da oração *indo-se successivamente estendendo* ocorre sem auxílio de conjunção coordenativa, cuja coesão se estabelece apenas pelo duplo gerúndio. Do mesmo modo, o gerúndio composto *sendo ungido*, do exemplo (185), na oração “sendo ungido e coroado na igreja de S. Pedro e S. Paulo de Toledo aos 29 de setembro de 672” coordena-se à oração “Á vista de um voto tão geral e energicamente manifestado, Wamba aceitou finalmente”, sendo o elemento responsável por tal expediente sintático.

(185) Á vista de um voto tão geral e energicamente manifestado, Wamba aceitou finalmente, *sendo ungido* e *coroadado* na igreja de S. Pedro e S. Paulo de Toledo aos 29 de setembro de 672, sendo elle o trigesimo rei dos godos (E 19 2 HGC 58)

Ainda que o gerúndio coordenado admita o gerúndio composto e o duplo gerúndio, o gerúndio simples é a forma mais frequente tanto no domínio funcional aspecto-temporal quanto no valor semântico-sintático de gerúndio coordenado. O princípio da marcação, por meio do subprincípio da complexidade estrutural e do subprincípio da frequência, é confirmado no gerúndio coordenado e no domínio funcional aspecto-temporal, visto que o gerúndio simples é o mais frequente e o menos complexo. Vejamos a distribuição da complexidade estrutural no gerúndio coordenado:

Quadro 10 - Aplicação do princípio da Marcação à complexidade estrutural no gerúndio coordenado.

Complexidade estrutural	No gerúndio coordenado	No domínio aspecto-temporal
Gerúndio composto	+ marcado	+ marcado
Duplo gerúndio	+ marcado	+ marcado
Gerúndio simples	- marcado	-marcado

Fonte: o próprio pesquisador.

b) As noções temporais

Consideremos, agora, as noções temporais vinculadas ao gerúndio coordenado. Por não apresentar nenhuma forma perifrástica, o gerúndio coordenado não pode expressar um tempo formal por desinência modo-temporal, mas noções de anterioridade, cotemporalidade e posterioridade. Vejamos os valores quantitativos e percentuais para essas noções na tabela a seguir:

Tabela 9 – As noções temporais no gerúndio coordenado.

Noções temporais	Gerúndio coordenado	Outros valores semântico-sintáticos	Total/percentual
Anterioridade	15/6.0%	234/94.0%	249/14.9%
Cotemporalidade	307/30.5%	700/69.5%	1007/60.3%
Posterioridade	340/83.5%	67/16.5%	407/24.4%
Atemporalidade	2/25.0%	6/75.0%	8/0.5%
Total/percentual	664/39.7%	1000/60.3%	1664/100.0%

Fonte: o próprio pesquisador.

Pode-se perceber que a noção de posterioridade é mais frequente no gerúndio coordenado, com uma frequência de 83.5%, o que equivale a 340 dados, seguida da noção de cotemporalidade, com frequência de 30.5%, o que equivale a 307 dados de gerúndio coordenado. Novamente, lembramos que a frequência é calculada com base em todas as ocorrências associada à noção temporal no domínio funcional. Sob esse ponto de vista, o gerúndio coordenado está associado à posterioridade, o que era esperado para acontecer, já que, para exercer sua função de coordenação a outro termo ou oração, o gerúndio ocorre em posição posterior e tende a manifestar posterioridade, de acordo com Cunha (1986). Vejamos o exemplo a seguir:

(186) tendo reinado dezoito annos, sem que durante elles deixasse de fazer a guerra aos mouros, morreu em 757, *sucedendo* por eleição os godos, D. Fruela ou D. Fruila seu filho (E 19 2 HGC 84)

As noções temporais vinculadas ao gerúndio coordenado confirmam o princípio da marcação, em termos de frequência no domínio funcional e no valor semântico-sintático de gerúndio coordenado, visto que a noção de posterioridade é mais frequente e menos marcada em ambos, conforme o quadro a seguir:

Quadro 11 - Aplicação do princípio da Marcação às noções temporais no gerúndio coordenado.

Noções temporais	No gerúndio coordenado	No domínio aspecto-temporal
Anterioridade	+ marcado	+ marcado
Cotemporalidade	- +marcado	- marcado
Posterioridade	- marcado	+ -marcado
Atemporalidade	+ marcado	+marcado

Fonte: o próprio pesquisador.

c) As noções aspectuais

No que diz respeito às noções aspectuais, o gerúndio coordenado apresenta alta frequência de aspecto imperfectivo pontual, mas também considerável frequência nos tipos aspectuais, sendo o valor semântico-sintático que apresentou maior diversidade de valores aspectuais, conforme se pode observar na tabela a seguir:

Tabela 10 – As noções aspectuais no gerúndio coordenado.

Aspecto	Valores aspectuais	Gerúndio coordenado	Outros valores semântico-sintáticos	Total/percentual
Perfectivo	Pontual	5/31.2%	11/68.8%	16/1.0%
	Iterativo	0/0.0%	0/0.0%	0/0.0%
Imperfectivo	Cursivo	296/27.0%	802/73.0%	1098/66.0%
	Iterativo	15/25.9%	43/74.1%	58/3.5%
	Pontual	337/72.5%	128/27.5%	465/27.9%
	Incoativo	5/41.7%	7/58.3%	12/0.7%
	Terminativo	6/40.0%	9/60.0%	15/0.9%
	Total/percentual	664/39.9%	1000/60.1%	1664/100.0%

Fonte: o próprio pesquisador.

Considerando-se a alta frequência de gerúndio coordenado no domínio aspecto-temporal e a diversidade de valores aspectuais associados a esse tipo de gerúndio, vejamos alguns exemplos de gerúndio coordenado com noções aspectuais de pontualidade, incoatividade, cursividade e terminatividade, nessa ordem, a seguir:

(187) Tulga era muito moço, quando Chidasuindo, que comandava o exercito, não se conformando em estar subordinado a uma creança, se subleveu formalmente,

aponderando-se do throno pela força, sem nada se lhe importar com os anathemas dos concílios, sendo elle o vigésimo oitavo rei (E 19 2 HGC 57).

(188) Ali foi logo reconhecido como rei de Leão, Castella e Galliza, sendo bem conhecido pelo nome de D. Affonso VI, *começando* este seu segundo reinado no anno de 1073, como senhor único de todos os differentes estados que fôra de seu pae (E 19 2 HGC 93)

(189) Esta época foi portanto a da provação, *seguindo-se* a ella o tempo do descanso, depois de consolidado o imperio dos godos (E 19 2 HGC 71).

(190) de sorte que em menos de três annos os árabes tornaram-se senhores de toda a Hespanha, estabelecendo em toda ella a sua auctoridade, *acabando* assim no fim de um tres de existencia o domínio e monarchia dos godos (E 19 2 HGC 68).

O gerúndio coordenado diferencia-se dos demais valores semântico-sintáticos do gerúndio tanto pela diversidade dessas noções quanto pela frequência de ocorrência dessas noções. Pelo princípio da marcação, considerando-se o subprincípio da frequência, o aspecto pontual imperfectivo é não-marcado na função de gerúndio coordenado, mas os dados apontam para um equilíbrio das outras noções aspectuais, com percentuais muito próximos e relativamente altos, como se pode ver na tabela acima. Considerando o subprincípio da frequência, sugerimos uma escala para os valores aspectuais no gerúndio coordenado, na qual o aspecto pontual imperfectivo seria a categoria não-marcada; o aspecto pontual perfectivo, o aspecto imperfectivo cursivo e o aspecto iterativo cursivo seriam categoria marcada; e o aspecto imperfectivo incoativo e aspecto imperfectivo terminativo ocupariam uma posição intermediária.

Quadro 12 - Aplicação do princípio da Marcação às noções aspectuais no gerúndio adjetivo.

Noções aspectuais	No gerúndio coordenado	No domínio aspecto-temporal
Pontual perfectivo	+++ marcado	++marcado
Cursivo	++- marcado	- - marcado
Iterativo	++- marcado	++marcado
Pontual imperfectivo	- - - marcado	+ - marcado
Incoativo	- - +marcado	++marcado
Terminativo	- - +marcado	++marcado

Fonte: o próprio pesquisador.

d) A modalidade

Em se tratando de modalidade, os dados de gerúndio coordenado apresentam percentual bastante expressivo associado à modalidade factual (40.3%), quase o dobro do percentual associado à modalidade não-factual (24.3%), diferenciando-se do gerúndio adjetivo, nesse aspecto, já que segue a tendência do comportamento funcional da modalidade no domínio aspecto-temporal, quando a modalidade factual foi associada a 97.8% dos dados. Em termos quantitativos, a modalidade factual foi associada a 655 dados. A tabela a seguir apresenta essa distribuição:

Tabela 11 – A modalidade no gerúndio coordenado.

Modalidade	Gerúndio coordenado	Outros valores semântico-sintáticos	Total/percentual
Factual	655/40.3%	972/59.7%	1627/97.8%
Não-factual	9/24.3%	28/75.7%	37/2.2%
Total/percentual	664/39.9%	1000/60.1%	1664/100.0%

Fonte: o próprio pesquisador.

Aludimos a alta frequência de modalidade factual às características do *corpus* selecionado para esta pesquisa, que se constitui de narrativas, geralmente de cunho histórico, cujos fatos são apresentados, em sua grande maioria, do ponto de vista da factualidade, de acontecimentos reais, passados, vistos e avaliados como tais, como se pode ver no exemplo a seguir:

(191) Mir, rei dos suevos, que viera em socorro de Hermenegildo, morreu no cerco de Servilha, *sucedendo* seu filho Eborico (E 19 2 HGC 54)

Acionando-se o princípio da marcação, a modalidade factual é não-marcada e a modalidade não-factual é marcada, já que esta última se refere a fatos reais do passado, apresentados como tal. O gerúndio coordenado confirma o princípio da marcação, aplicando-se o subprincípio da frequência.

Quadro 13 - Aplicação do princípio da Marcação à modalidade no gerúndio coordenado.

Modalidade	No gerúndio coordenado	No domínio aspecto-temporal
Modalidade factual	-marcado	-marcado
Modalidade não-factual	+ marcado	+marcado

Fonte: o próprio pesquisador.

e) O relevo discursivo

Quanto ao relevo discursivo, o gerúndio coordenado comporta-se de modo semelhante ao gerúndio adjetivo. De fato, considerando que os valores semântico-sintáticos foram definidos a partir do comportamento funcional do gerúndio simples, em orações reduzidas, do ponto de vista da organização do relevo discursivo, a informação mais saliente para período oracional estará, quase sempre, na oração matriz ou numa oração desenvolvida. Isso se coaduna com a organização das informações no período oracional, segundo concepção da Gestalt, com que trabalha Talmy (1975), e com as concepções de Hopper e Thompson (1981) que correlacionam o relevo discursivo aos parâmetros de transitividade, conforme discutimos no capítulo III desta tese. A tabela a seguir mostra que o gerúndio coordenado comporta-se como fundo, tendo todos os dados associados a essa categoria discursiva.

Tabela 12 – O relevo discursivo no gerúndio coordenado.

Relevo discursivo	Gerúndio coordenado	Outros valores semântico-sintáticos	Total/percentual
Fundo	664/47.0%	750/53.0%	1414/85.0%
Figura	0/0.0%	250/100.0%	250/15.0%
Total/percentual	664/39.9%	1000/60.1%	1664/100.0%

Fonte: o próprio pesquisador.

O exemplo (191), repetido aqui, demonstra como o gerúndio coordenado serve ao propósito discursivo de funcionar como fundo, veiculando de informação secundária ou complementar ao que foi expresso em outra oração que é figura: a informação mais saliente, informação conhecida, é que *Mir, rei do suevos, morreu no cerco de Servilha*, a passo que informação nova, que contribui e dá suporte à informação conhecida, está expressa na oração reduzida de gerúndio (com valor semântico-sintático de gerúndio narrativo).

(191) *Mir, rei dos suevos, que viera em socorro de Hermenegildo, morreu no cerco de Servilha, sucedendo seu filho Eborico (E 19 2 HGC 54)*

Apropriando-se do princípio givoniano da marcação, por meio do subprincípio da frequência, o gerúndio coordenado confirma o comportamento funcional do domínio aspecto-temporal, já que se comporta como a estrutura não-marcada. Vejamos o quadro a seguir:

Quadro 14 - Aplicação do princípio da Marcação ao relevo discursivo no gerúndio coordenado.

Relevo discursivo	Gerúndio coordenado	No domínio aspecto-temporal
Fundo	- marcado	-marcado
Figura	+ marcado	+ marcado

Fonte: o próprio pesquisador.

f) O século e as variedades do Português

Como procedemos em relação ao gerúndio adjetivo, apresentaremos os dados referentes ao século e variedades do Português (europeu e brasileiro) juntos, visto que só há registros do Português brasileiro a partir do XIX.

Tabela 13 – Cruzamento entre século e variedade do Português no gerúndio coordenado.

		Século XVI	Século XVII	Século XVIII	Século XIX	Século XX	Total/ Percentual
Português Europeu	Gerúndio coordenado	16/16.0%	65/45.0%	98/53.0%	241/62.0%	113/33.0%	533/46.0%
	Outros valores	87/84.0%	79/55.0%	88/47.0%	147/38.0%	232/67.0%	633/54.0%
	Total/ percentual	103/100%	144/100%	186/100%	388/100%	345/100%	1166/100%
Português Brasileiro	Gerúndio coordenado	-	-	-	57/45.0%	74/20.0%	131/26.0%
	Outros valores	-	-	-	69/55.0%	305/80.0%	374/74.0%
	Total/ percentual	-	-	-	126/100%	379/100%	505/100%

Fonte: o próprio pesquisador.

Os dados da tabela revelam que há grande concentração de dados de gerúndio no século XIX no Português europeu, e distribuição crescente nos dois séculos do Português brasileiro. Em se tratando do Português europeu, o gerúndio coordenado tem frequência crescente até o século XIX e reduz no século XX, quando os outros valores, juntos, aumentaram sua frequência, o que significa afirmar que não se trata de uma redução de emprego do gerúndio de um modo geral, mas apenas do gerúndio coordenado neste último século. O gerúndio adjetivo também teve redução de uso no século XX na variedade do Português europeu, o que pode representar uma tendência dos tipos de gerúndio (classificados de acordo com seus valores semântico-sintáticos), hipótese que poderá se comprovar ao final da análise desse domínio funcional.

Acionando-se o princípio da marcação, baseado no subprincípio da frequência, a relação entre o gerúndio coordenado e domínio funcional aspecto-temporal, na distribuição por século e variedade do português, apresenta o seguinte comportamento.

Quadro 15 - Aplicação do princípio da Marcação ao cruzamento das categorias século e variedade do Português no gerúndio coordenado.

		Século XVI	Século XVII	Século XVIII	Século XIX	Século XX
Português Europeu	O gerúndio coordenado	+ marcado	-+ marcado	- marcado	- marcado	+ marcado
	No domínio funcional	- marcado	- marcado	- marcado	+ marcado	- marcado
Português Brasileiro	O gerúndio coordenado	-	-	-	-+ marcado	+ marcado
	No domínio funcional	-	-	-	- marcado	- marcado

Fonte: o próprio pesquisador.

O gerúndio coordenado é não-marcado no século XVIII do Português europeu, mas tende a ser marcado nos outros séculos, em maior ou menor grau; já no Português brasileiro, a tendência do gerúndio coordenado é apresentar-se como estrutura marcada.

5.2.3 O gerúndio narrativo

O gerúndio narrativo, conforme exemplo a seguir, é assim chamado porque contribui para o avanço da narrativa, equivalendo a um verbo na forma finita, com certa independência sintática. O gerúndio narrativo narra uma sequência de fatos, que figuram como uma mini-narrativa, em cadeia e da mesma natureza, isto é, o gerúndio narrativo ocorre com outros gerúndios narrativos.

(192) Ambiente familiar não encorajava. (...) Mamãe gorducha, *fazendo* tricô, *falando* em fazer economias, *suspirando* e *queixando-se* da vida. Papai, de barba crescida, *comentando* a alta dos gêneros, a política, a partidinha de pôquer (B 20 1 CC 22).

A sequência de gerúndios, no exemplo acima, traz os elementos de uma pequena narrativa: personagens – mamãe e papai; fatos e atividades que envolvem os personagens e constituem o climax – fazer tricô, suspirar, queixar, comentar; o desfecho – a partidinha de pôquer. Vejamos que a série de acontecimentos sugerida pela sequência de gerúndios refere-se a um dia comum de uma família, como se vê numa crônica ou conto literários. Os dados de

gerúndio narrativo foram submetidos ao crivo das mesmas categorias de análise, para se verificar seu comportamento funcional.

a) A complexidade estrutural

No que diz respeito à complexidade estrutural, todos os dados de gerúndio narrativo são de gerúndio simples, diferenciando-se do gerúndio adjetivo (que apresentou a estrutura de gerúndio composto) e do gerúndio coordenado (que apresentou a estrutura de gerúndio composto e duplo gerúndio). Foram encontrados 41 dados de gerúndio narrativo, que correspondem a 3.8% dos dados de gerúndio simples no domínio funcional aspecto-temporal, conforme tabela a seguir:

Tabela 14 – A complexidade estrutural no gerúndio narrativo.

Complexidade estrutural	Gerúndio narrativo	Outros valores semântico-sintáticos	Total/percentual
Gerúndio composto	0/0.0%	15/100.0%	15/0.9%
Duplo gerúndio	0/0.0%	4/100.0%	4/0.2%
Gerúndio simples	41/3.8%	1034/96.2%	1075/64.6%
Perifrástico simples	0/0.0%	557/100.0%	557/33.5%
Perifrástico complexo	0/0.0%	13/100.0%	13/0.8%
Total/percentual	41/2.5%	1623/97.5%	1664/100.0%

Fonte: o próprio pesquisador.

O gerúndio narrativo, em termos de complexidade estrutural, segue a tendência do subprincípio da complexidade estrutural, proposto por Givón (1995), e se realiza numa estrutura simples, confirmando a tendência do domínio funcional, que apresentou maiores percentuais para o gerúndio simples – são 1075 dados de gerúndio simples, 557 de gerúndio perifrástico simples, 13 de gerúndio perifrástico complexo, 15 de gerúndio composto e apenas 4 de duplo gerúndio. Vejamos o quadro a seguir.

Quadro 16 - Aplicação do princípio da Marcação à complexidade estrutural no gerúndio narrativo.

Complexidade estrutural	No gerúndio narrativo	No domínio aspecto-temporal
Gerúndio simples	+ marcado	- marcado

Fonte: o próprio pesquisador.

b) As noções temporais

No que se refere às noções temporais expressas pelo gerúndio narrativo, considerando a frequência, as noções temporais obtiveram os seguintes percentuais:

anterioridade (6.8%), posterioridade (2.2%) e cotemporalidade (1.5%). Por esse resultado, o gerúndio narrativo, ao contrário do gerúndio coordenado, que teve sua ocorrência associada à posterioridade, parece ter um comportamento funcional mais equilibrado no que diz respeito às noções temporais. A considerarmos a distribuição dos dados de gerúndio coordenado, em termos absolutos, isto é, sem considerarmos a relação com todos os outros dados no domínio aspecto-temporal, há uma tendência de esse tipo de gerúndio ser associado a anterioridade (17 dados) e cotemporalidade (15 dados), conforme a tabela a seguir:

Tabela 15 – As noções temporais no gerúndio narrativo.

Noções temporais	Gerúndio narrativo	Outros valores semântico-sintáticos	Total/percentual
Anterioridade	17/6.8%	232/93.2%	249/14.9%
Cotemporalidade	15/1.5%	992/98.5%	1007/60.3%
Posterioridade	9/2.2%	398/97.8%	407/24.4%
Atemporalidade	0/0.0%	8/100.0%	8/0.5%
Total/percentual	41/2.5%	1623/97.5%	1664/100.0%

Fonte: o próprio pesquisador.

Considerando-se o princípio da marcação, em termos do subprincípio da frequência, o gerúndio narrativo tende a manifestar-se como estrutura mais frequente e menos complexa a noção de anterioridade, ao contrário do que ocorre no domínio funcional aspecto-temporal, cuja noção não-marcada é a cotemporalidade.

Quadro 17 - Aplicação do princípio da Marcação às noções temporais no gerúndio narrativo.

Noções temporais	No gerúndio narrativo	No domínio aspecto-temporal
Anterioridade	- --marcado	+-marcado
Cotemporalidade	+--marcado	--marcado
Posterioridade	++-marcado	+-marcado
Atemporalidade	+++ marcado	-+marcado

Fonte: o próprio pesquisador.

c) As noções aspectuais

No que diz respeito aos valores aspectuais associados ao gerúndio narrativo, foram encontradas as noções de aspecto pontual, associado a aspecto perfectivo, e as noções de aspecto cursivo, iterativo e pontual, associadas a aspecto imperfectivo. Considerando apenas os números, o aspecto cursivo está associado ao maior número de dados (28 dados), que corresponde a 2,6% da expressão de aspecto cursivo no domínio funcional aspecto temporal; já a noção de aspecto pontual associada à imperfectividade teve 7 dados, que

correspondem a 1,5% da expressão dessa noção no domínio funcional. Foi bastante expressiva a noção de aspecto pontual associada à perfectividade, com 4 dados, que correspondem a 25.0% de frequência, uma vez que a noção de pontualidade associada à perfectividade só está presente em 16 dados no domínio funcional, cuja frequência é apenas 1.0%. É que se vê na tabela a seguir.

Tabela 16 – As noções aspectuais no gerúndio narrativo.

Aspecto	Valores aspectuais	Gerúndio narrativo	Outros valores semântico-sintáticos	Total/percentual
Perfectivo	Pontual	4/25.0%	12/75.0%	16/1.0%
	Iterativo	0/0.0%	00/0.0%	0/0.0%
Imperfectivo	Cursivo	28/2.6%	1070/97.4%	1098/66.0%
	Iterativo	2/3.4%	56/96.6%	58/3.5%
	Pontual	7/1.5%	458/98.5%	465/27.9%
	Incoativo	0/0.0%	12/100.0%	12/0.7%
	Terminativo	0/0.0%	15/100.0%	15/0.9%
	Total/percentual	41/2.5%	1623/97.5%	1664/100.0%

Fonte: o próprio pesquisador.

No exemplo (192) acima, todos os gerúndios narrativos ali empregados expressam a noção de aspecto imperfectivo cursivo, associado à cotemporalidade. Já no exemplo a seguir, a noção que se tem associada ao gerúndio narrativo é pontualidade, uma vez que “despregar” é uma ação única, pontual. Vejamos:

(193) Auida Ioseph a licença de Pilatos, foi se ao Monte Calvario, & *despregando* o corpo do Senhor com muita reuerencia, de crer he que o poserão no regaço da triste madre, & senhora nossa. (E 16 2 MCM 107)

Apropriando-se do princípio da marcação, a distribuição das noções aspectuais no gerúndio narrativo e no domínio aspecto-temporal apresenta-se, conforme o quadro seguinte.

Quadro 18 - Aplicação do princípio da Marcação às noções aspectuais no gerúndio narrativo.

Noções aspectuais	No gerúndio narrativo	No domínio aspecto-temporal
Pontual perfectivo	- -marcado	+ +marcado
Cursivo	+ -marcado	- -marcado
Iterativo	+ -marcado	+ + marcado
Pontual imperfectivo	+ -marcado	+ - marcado
Incoativo	+ +marcado	+ +marcado
Terminativo	+ +marcado	+ +marcado

Fonte: o próprio pesquisador.

d) A modalidade

Em se tratando da modalidade, o gerúndio narrativo tem comportamento diferente dos demais valores semântico-sintáticos do gerúndio, já que os dados associados à modalidade não-factual tiveram percentual mais expressivo que a quantidade de dados associada à modalidade factual, de 10.8% e 2.3%, respectivamente, como se pode ver na tabela a seguir.

Tabela 17 – A modalidade no gerúndio narrativo.

Modalidade	Gerúndio narrativo	Outros valores semântico-sintáticos	Total/percentual
Factual	37/2.3%	1590/97.7%	1627/97.8%
Não-factual	4/10.8%	33/89.2%	37/2.2%
Total/percentual	41/2.5%	1623/97.5%	1664/100.0%

Fonte: o próprio pesquisador.

Isso se explica do seguinte modo: o programa estatístico faz a correlação entre o número de dados gerúndio narrativo associados à modalidade não-factual, isto é, 04 dados com o total de dados associados à modalidade não-factual no domínio, ou seja, 37 dados no total; do mesmo modo, correlaciona os dados de gerúndio narrativo associados à modalidade factual, 37 dados, com o total de dados associados à modalidade factual, 1627 dados. Desse modo, a relação entre 4/37 é mais relevante que a relação 37/1627, o que explica o percentual mais expressivo para modalidade não-factual, embora tenha menos dados no total, de modo que os percentuais devem ser relativizados.

Ao se aplicar o princípio da marcação, no gerúndio narrativo, a modalidade não-factual é marcada e a modalidade factual é marcada, confirmando o que se verifica no domínio funcional aspecto-temporal, em que a modalidade factual é não-marcada e a modalidade não-factual é marcada, conforme o quadro seguinte.

Quadro 19 - Aplicação do princípio da Marcação à modalidade no gerúndio narrativo.

Modalidade	No gerúndio narrativo	No domínio aspecto-temporal
Factual	- marcado	-marcado
Não-factual	+ marcado	+ marcado

Fonte: o próprio pesquisador.

e) O relevo discursivo

A respeito do relevo discursivo e o comportamento das construções gerundivas com valor semântico-sintático de gerúndio narrativo, o gerúndio narrativo comporta-se como fundo, seguindo a tendência das demais construções gerundivas no gerúndio adjetivo e coordenado e do domínio aspecto-temporal. Embora o gerúndio narrativo tenha equivalência de um verbo na forma finita e refira-se a situações que se sucedem, fatos que se justapõem à informação mais saliente já foi codificada por meio de uma estrutura verbal finita, a que o gerúndio narrativo se ajusta como se pode ver nos exemplos (192) e (193), nesta seção. A tabela a seguir mostra a distribuição do gerúndio narrativo em relação ao relevo discursivo.

Tabela 18 – O relevo discursivo no gerúndio narrativo.

Relevo discursivo	Gerúndio narrativo	Outros valores semântico-sintáticos	Total/percentual
Fundo	40/2.8%	1374/97.2%	1414/ 85.0%
Figura	1/0.4%	249/99.6%	250/15.0%
Total/percentual	41/2.5%	1623/97.5%	1664/100.0%

Fonte: o próprio pesquisador.

Os dados da tabela revelam que dos 41 dados de gerúndio narrativo, 40 ocorrem em situações discursivas de fundo, ao passo que apenas 01 ocorre como figura. Assim, as construções gerundivas são não-marcadas, quando associadas a fundo no gerúndio narrativo e no domínio aspecto-temporal, e marcadas, quando figura, tanto no gerúndio narrativo, quanto no domínio aspecto-temporal, conforme o quadro a seguir:

Quadro 20- Aplicação do princípio da Marcação ao relevo discursivo no gerúndio narrativo.

Relevo discursivo	No gerúndio narrativo	No domínio aspecto-temporal
Fundo	- marcado	-marcado
Figura	+ marcado	+ marcado

Fonte: o próprio pesquisador.

f) O século e as variedades do Português

Avaliando-se a distribuição dos dados de gerúndio narrativo através dos séculos, nas variedades do Português brasileiro e europeu, a grande maioria dos dados está concentrada na variedade europeia (27 dos 41 dados referentes a esse tipo de gerúndio), cuja concentração está no século XVI, que apresentou 18 dos 27 dados, ficando os outros 9 dados divididos nos séculos XVII (5 dados) e XIX (4 dados). Curiosamente, no Português brasileiro, os dados se concentram apenas no século XX (14 dados). As duas variedades do Português

apresentem percentuais de frequência muito semelhantes, 2.0% e 3.0 % de gerúndio narrativo, conforme a tabela abaixo.

Tabela 19 – Cruzamento entre século e variedade do Português no gerúndio narrativo.

		Século XVI	Século XVII	Século XVIII	Século XIX	Século XX	Total/ Percentual
Português Europeu	Gerúndio narrativo	18/17.0%	5/3.0%	0/0.0%	4/1.0%	0/0.0%	27/2.0%
	Outros valores	85/83.0%	139/97%	186/100%	384/99%	345/100.0%	1139/98%
	Total/ percentual	103/100%	144/100%	186/100%	388/100%	345/100%	1166/100%
Português Brasileiro	Gerúndio narrativo	-	-	-	0/0.0%	14/4.0%	14/3.0%
	Outros valores	-	-	-	126/100%	365/96.0%	491/97.0%
	Total/ percentual	-	-	-	126/100%	379/100%	505/100%

Fonte: o próprio pesquisador.

Em relação ao princípio da marcação, considerando-se o subprincípio da frequência, no Português europeu, o gerúndio narrativo é não-marcado no século XVI e marcado nos demais séculos; no Português brasileiro, o gerúndio narrativo é não marcado no século XX e marcado no século XIX. É o que se vê no quadro seguinte:

Quadro 21 – Aplicação do princípio da Marcação ao cruzamento entre século e variedade do Português no gerúndio narrativo.

		Século XVI	Século XVII	Século XVIII	Século XIX	Século XX
Português Europeu	O gerúndio narrativo	-marcado	+ marcado	+ marcado	+ marcado	+ marcado
	No domínio funcional	-marcado	-marcado	-marcado	-marcado	-marcado
Português Brasileiro	O gerúndio narrativo	-	-	-	-marcado	+ marcado
	No domínio funcional	-	-	-	-marcado	-marcado

Fonte: o próprio pesquisador.

Para os valores semântico-sintáticos de gerúndio descritivo, gerúndio conectivo e gerúndio independente (incluindo-se o imperativo), faremos a discussão dos dados em uma única tabela, visto que esses tipos de gerúndio apresentaram poucos dados.

5.2.4 O gerúndio descritivo

O gerúndio descritivo refere-se a situações estáticas, não a uma sequência de ações que se realizam no tempo, mas equivale a uma frase nominal descritiva. É o gerúndio que ocorre nas explicações entre parênteses, das legendas de figuras, quadros, fotografias etc. É um tipo de gerúndio independente, mas de natureza descritiva. Categorizamos em separado, porque pensávamos encontrar um maior número de dados desse tipo de gerúndio, mas só encontramos 4 dados de gerúndio descritivo. Vejamos os exemplos a seguir:

(194) Queira o meu Deos (*dizendo* ifto deu ao filho hum grande abraço) que pois em tão ditoza pobreza hei sabido semelhante a vòs, que em prolongar os meus abatimêtos até o martyrio, seja parecida a elle. (E 17 2 HCE 79)

Como se pode ver no exemplo acima, a situação descrita entre parênteses é um comentário, observado pelo narrador, que decidiu inseri-lo a título de informação para o entendimento da narrativa. Os dados de gerúndio descritivo são apresentados na tabela seguinte.

Tabela 20 – As categorias de análise no gerúndio descritivo.

Categorias de análise	Subcategorias de análise	Gerúndio descritivo	Outros valores semântico-sintáticos	Total/percentual
Complexidade estrutural	Gerúndio composto	0/0.0%	15/100.0%	15/0.9%
	Duplo gerúndio	0/0.0%	4/100.0%	4/0.2%
	Gerúndio simples	4/0.4%	1071/99.6%	1075/64.6%
	Gerúndio perifrástico simples	0/0.0%	557/100.0%	557/33.5%
	Gerúndio perifrástico complex	0/0.0%	13/100.0%	13/0.8%
Noções temporais	Anterioridade	0/0.0%	249/100.0%	249/14.9%
	Cotemporalidade	3/0.3%	1004/100.0%	1007/60.3%
	Posterioridade	0/0.0%	407/100.0%	407/24.4%

		Atemporalidade	1/12.5%	7/87.5%	8/0.5%
Aspecto	Perfectivo	Pontual	0/0.0%	16/100.0%	16/1.0%
		Imperfectivo	Cursivo	3/0.3%	1095/99.7%
	Iterativo		0/0.0%	58/100.0%	58/3.5%
	Pontual		1/0.2%	464/99.8%	465/27.9%
	Modalidade	Incoativo	0/0.0%	12/100.0%	12/0.7%
Terminativo		0/0.0%	15/100.0%	15/0.9%	
Relevo discursivo	Factual	4/0.2%	1623/99.8%	1627/97.8%	
	Não-factual	0/0.0%	37/100.0%	37/2.2%	
Século	Fundo	3/0.2%	1411/99.8%	1414/85.0%	
	Figura	1/0.4%	249/99.6%	250/15.0%	
Variedade do Português	Século XVI	0/0.0%	103/100.0%	103/6.2%	
	Século XVII	1/0.7%	142/99.3%	143/8.6%	
	Século XVIII	0/0.0%	185/100.0%	185/11.1%	
	Século XIX	2/0.4%	508/99.6%	510/30.6%	
	Século XX	1/0.1%	722/99.9%	723/43.4%	
Total/percentual	Português europeu	2/0.2%	1158/99.8%	1160/69.7%	
	Português brasileiro	2/0.4%	502/99.6%	504/30.3%	
		Total/percentual	4/0.2%	1660/99.8%	1664/100.0%

Fonte: o próprio pesquisador.

Os dados da tabela sugerem que o gerúndio descritivo tem maior frequência de uso associada à noção temporal de cotemporalidade e atemporalidade, aspecto cursivo, modalidade factual, fundo, com distribuição equânime nas duas variedades do Português. É o que se percebe no exemplo abaixo, em que o gerúndio empregado cumula as noções cotemporalidade, aspecto cursivo e funciona como fundo.

(195) Laurentina rumina a sua miséria: as figuras dos credores desfilam uma a uma em sua mente. A viúva Mendonça, pequenina, *fazendo caretas*. O italiano do armazém, de cara grande e vermelha. (B 20 1 CC 99)

Em termos de marcação, os dados de gerúndio descritivo acompanham a tendência do comportamento funcional das outras formas de gerúndio no domínio funcional, nas seguintes categorias: complexidade estrutural (o gerúndio simples é não-marcado em ambos), aspecto (aspecto cursivo é não-marcado em ambos e o aspecto pontual é marcado em

ambos), modalidade factual (não-marcado em ambos), relevo discursivo (figura é marcado em ambos).

Por outro lado, a cotemporalidade é marcada no domínio funcional e não-marcada no gerúndio descritivo; o século XX é não-marcado, mas, no gerúndio descritivo, o século XVII é apresentado como a categoria não-marcada. Considerando-se os dados juntos, o Português europeu é não-marcado, porque concentra a maior parte dos dados, e o Português brasileiro marcado no domínio funcional, mas o inverso acontece no gerúndio descritivo.

Quadro 22- Aplicação do princípio da Marcação às categorias de análise no gerúndio descritivo.

Categorias	No gerúndio descritivo	No domínio aspecto-temporal
Gerúndio simples	- marcado	- - marcado
Cotemporalidade	+- marcado	- - marcado
Atemporalidade	- - marcado	++ marcado
Cursivo	- - marcado	-+ marcado
Pontual	++ marcado	-+ marcado
Factual	-- marcado	-- marcado
Fundo	-- marcado	-- marcado
Figura	++ marcado	++ marcado
Século XVII	- - marcado	++ marcado
Século XIX	++ marcado	-+ marcado
Século XX	++ marcado	-- marcado
Português europeu	++ marcado	-- marcado
Português brasileiro	-- marcado	++ marcado

Fonte: o próprio pesquisador.

5.2.5 O gerúndio conectivo

O gerúndio conectivo foi introduzido aqui, porque encontramos em nosso *corpus* determinados tipos de gerúndio que pouco se assemelhavam aos outros tipos de gerúndio de que temos conhecimento. A função fundamental do gerúndio conectivo é estabelecer a coesão da oração por ele introduzida com a oração ou discurso anterior, isto é, retoma essa parte do discurso para que o texto prossiga. É o caso do exemplo a seguir:

(196) *Sendo* assim, bem-vinda sejas à casa dos Sete-Sóis. (E 20 2 MC 65)

Não houve muitos casos de gerúndio conectivo, encontrando-se apenas 06 dados em todo o *corpus*, conforme a tabela a seguir.

Tabela 21 – As categorias de análise no gerúndio conectivo.

Categorias de análise		Subcategorias de análise	Gerúndio conectivo	Outros valores semântico-sintáticos	Total/percentual
Complexidade estrutural		Gerúndio composto	0/0.0%	15/100.0%	15/0.9%
		Duplo gerúndio	0/0.0%	4/100.0%	4/0.2%
		Gerúndio simples	6/0.6%	1069/99.4%	1075/64.6%
		Gerúndio perifrástico simples	0/0.0%	557/100.0%	557/33.5%
		Gerúndio perifrástico complex	0/0.0%	13/100.0%	13/0.8%
Noções temporais		Anterioridade	0/0.0%	249/100.0%	249/14.9%
		Cotemporalidade	4/0.4%	1003/99.6%	1007/60.3%
		Posterioridade	0/0.0%	407/100.0%	407/24.4%
		Atemporalidade	2/25.0%	6/75.0%	8/0.5%
Aspecto	Perfectivo	Pontual	0/0.0%	16/100.0%	16/1.0%
		Imperfectivo	Cursivo	3/0.3%	1095/99.7%
	Iterativo		0/0.0%	58/100.0%	58/3.5%
	Pontual		3/0.6%	462/99.4%	465/27.9%
	Incoativo		0/0.0%	12/100.0%	12/0.7%
	Terminativo		0/0.0%	15/100.0%	15/0.9%
Modalidade		Factual	6/0.4%	1621/99.6%	1627/97.8%
		Não-factual	0/0.0%	37/100.0%	37/2.2%
Relevo discursivo		Fundo	6/0.4%	1408/99.6%	1414/85.0%
		Figura	0/0.0%	250/100.0%	250/15.0%
Século		Século XVI	0/0.0%	103/100.0%	103/6.2%
		Século XVII	3/2.1%	140/97.9%	143/8.6%
		Século XVIII	2/1.1%	183/98.9%	185/11.1%
		Século XIX	1/0.2%	509/99.8%	510/30.6%
		Século XX	0/0.0%	723/100.0%	723/43.4%
Variiedade do Português		Português europeu	6/0.5%	1154/99.5%	1160/69.7%
		Português brasileiro	0/0.0%	504/100.0%	504/30.3%
		Total/percentual	6/0.4%	1658/99.6%	1664/100.0%

Fonte: o próprio pesquisador.

Considerando-se os percentuais provenientes da tabela, o gerúndio conectivo tem uso associado à atemporalidade, cursividade, factualidade, fundo, e teve registro apenas no Português europeu. Para que a coesão se estabeleça entre a porção textual anterior e a oração

conectada pelo gerúndio conectivo, é necessário que a situação relatada no discurso anterior seja válida (portanto, atemporal e factual), deve se estender no tempo (cursiva) e deve servir de pano de fundo (cenário) para que outra situação seja interpretada.

Em termos do princípio da marcação, o gerúndio conectivo segue a tendência do domínio aspecto-temporal nas seguintes categorias: complexidade estrutural (o gerúndio simples é não-marcado em ambos); modalidade (a modalidade factual é não-marcada em ambos); relevo discursivo (fundo é a categoria não-marcada em ambos e figura a categoria marcada em ambos), variedade do Português (não-marcado no Português europeu). Contudo, o gerúndio conectivo diferencia-se do comportamento das construções gerundivas no domínio funcional aspecto-temporal nas seguintes categorias: aspecto (aspecto cursivo é marcado no gerúndio conectivo e não-marcado no domínio, aspecto pontual é marcado no domínio e não marcado no gerúndio conectivo); século (é marcado no século XVII e não-marcado no século XIX). O quadro seguinte apresenta essas informações.

Quadro 23- Aplicação do princípio da Marcação às categorias de análise no gerúndio conectivo.

Categorias	No gerúndio conectivo	No domínio aspecto-temporal
Gerúndio simples	- marcado	- marcado
Cotemporalidade	+ marcado	- marcado
Atemporalidade	- marcado	+ marcado
Cursivo	+ marcado	- marcado
Pontual	- marcado	+ marcado
Factual	- marcado	- marcado
Fundo	-marcado	-marcado
Figura	+ marcado	+ marcado
Século XVII	- marcado	+ marcado
Século XVIII	+ marcado	+marcado
Século XIX	+ marcado	- marcado
Português europeu	- marcado	- marcado
Português brasileiro	+ marcado	+ marcado

Fonte: o próprio pesquisador.

5.2.6 O gerúndio independente

Para o gerúndio independente, seguimos a proposta de Mória e Viotti (2004) que caracterizam o gerúndio imperativo como gerúndio independente, já que encontramos um único dado de gerúndio imperativo, e incorporamos a esse grupo os gerúndios interrogativo e exclamativo, da tipologia de Campos (1980). Assim, os termos gerúndio interrogativo e gerúndio exclamativo foram evitados porque a exclamação e a interrogação são necessidades da situação discursiva e não um valor semântico-sintático suficiente para estabelecer uma classificação à parte. Os exemplos a seguir são de gerúndio interrogativo e imperativo em construção interrogativa, categorizados como gerúndio independente.

(197)– *Dormindo?*, perguntou Maria Berco. (B 20 2 BI 57)

(198) – Pois é, minha nega – diz ele com delicadeza. – *Vai dando* um forinha, sim? (B 20 1 CC 17)

Os resultados referentes ao gerúndio independente, apresentados na tabela a seguir, sugerem que o emprego do gerúndio independente está associado ao tempo presente e à cotemporalidade, pontualidade, factualidade e figura e teve sua distribuição no século XX e no Português brasileiro. Vejamos como se configura essa distribuição.

Tabela 22 – As categorias de análise no gerúndio independente.

Categorias de análise	Subcategorias de análise	O gerúndio independente (e imperativo)	Outros valores semântico-sintáticos	Total/percentual	
Complexidade estrutural	Gerúndio complexo	0/0.0%	15/100.0%	15/0.9%	
	Duplo gerúndio	0/0.0%	4/100.0%	4/0.2%	
	Gerúndio simples	6/0.6%	1069/99.4%	1075/64.6%	
	Gerúndio perifrástico simples	2/0.4%	555/99.6%	557/33.5%	
	Gerúndio perifrástico complexo	0/0.0%	13/100.0%	13/0.8%	
Noções temporais	Passado	0/0.0%	196/100.0%	196/11.8%	
	Presente	2/0.6%	342/99.4%	344/20.7%	
	Futuro	0/0.0%	26/100.0%	26/1.6%	
	Anterioridade	0/0.0%	50/100.0%	50/3.0%	
	Cotemporalidade	5/0.8%	656/99.2%	661/39.7%	
	Posterioridade	1/0.3%	378/99.7%	379/22.8%	
	Atemporalidade	0/0.0%	8/100.0%	8/0.5%	
pe	Perfectivo	Pontual	0/0.0%	16/100.0%	16/1.0%
	Imperfectivo	Cursivo	3/0.3%	1095/99.7%	1098/66.0%

	Iterativo	0/0.0%	58/100.0%	58/3.5%
	Pontual	5/1.1%	460/98.9%	465/27.9%
	Incoativo	0/0.0%	12/100.0%	12/0.7%
	Terminativo	0/0.0%	15/100.0%	15/0.9%
Modalidade	Factual	8/0.5%	1619/99.5%	1627/97.8%
	Não-factual	0/0.0%	37/100.0%	37/2.2%
Relevo discursivo	Fundo	3/0.2%	1411/99.8%	1414/85.0%
	Figura	5/2.0%	245/98.0%	250/15.0%
Século	Século XVI	0/0.0%	103/100.0%	103/6.2%
	Século XVII	0/0.0%	143/100.0%	143/8.6%
	Século XVIII	0/0.0%	185/100.0%	185/11.1%
	Século XIX	0/0.0%	510/100.0%	510/30.6%
	Século XX	8/1.1%	715/98.9%	723/43.4%
Variedade do Português	Português europeu	1/0.1%	1159/99.9%	1160/69.7%
	Português brasileiro	7/1.4%	497/98.6%	504/30.3%
	Total/percentual	8/0.5%	1656/99.5%	1664/100.0%

Fonte: o próprio pesquisador.

No que diz respeito à complexidade estrutural, 06 dados ocorrem em gerúndio simples e 02 dados em gerúndio perifrástico complexo. Desse modo, no que diz respeito às noções temporais, o tempo presente foi mais frequente, além da cotemporalidade, já que temos formas perifrásticas que codificam o tempo por meio de desinências modo-temporais, diferenciando-se do que ocorreu com os outros tipos de gerúndio, que não apresentaram formas perifrásticas. No exemplo a seguir, o gerúndio independente é codificado por uma forma perifrástica:

(199) – O Zé Maria não é pai de ninguém, *está ouvindo*? Toca pra fora, seu explorador! (B 20 1 CC 28)

Classificar o gerúndio perifrástico empregado acima como interrogativo seria inadequado, porque não se trata, verdadeiramente, de uma sentença interrogativa, que tem por objetivo obter uma resposta adequada sobre um determinado assunto desconhecido. Em vez disso, temos a ocorrência de uma oração que tem função na situação discursiva mais ampla em que está inserida, isto é, sua função é discursiva, extraoracional, tem como objetivo retomar ou reforçar a atenção do ouvinte para o discurso que está sendo construído. Diferencia-se, substancialmente, do gerúndio independente a seguir:

(200) *Lendo* essas coisas, meu filho... Ele ficara vermelho. (B 20 1 CC 56)

Temos acima uma oração, com características de exclamação, para mostrar certa surpresa a respeito de um determinado estado de coisas. Equivale a uma oração desenvolvida (você lê essas coisas, meu filho! ≈ você está lendo essas coisas, meu filho!), mas pode ser estruturada numa forma infinita porque a situação discursiva é suficiente para esclarecer quem pratica a ação e quem se surpreende com isso. A independência, portanto, se dá no nível sintático, mas não no nível pragmático-discursivo. Além disso, a oração no gerúndio apresenta-se como a parte mais saliente da construção, portanto, é figura em relação ao comentário a respeito desse estado de coisas (ele ficara vermelho).

No que diz respeito ao aspecto codificado pelo gerúndio imperativo, não encontramos variedade de codificação das noções aspectuais, mas apenas situações, como *vai dando um forinha* e *está ouvindo*, que codificam situações pontuais (equivalem a *saia* e *ouviu*) e situações cursivas como *lendo* e *dormindo*, conforme exemplificamos acima.

Lançando-se mão do princípio da marcação, com base no subprincípio da frequência, o gerúndio conectivo segue a tendência do domínio funcional aspecto-temporal nas seguintes categorias: complexidade estrutural (o gerúndio simples é não-marcado), noções temporais (a cotemporalidade é não-marcada e a posterioridade é marcada), modalidade (a modalidade factual é não-marcada). Já nas categorias relevo discursivo (fundo é não-marcado no domínio e marcado no gerúndio independente), século (no século XVIII, o gerúndio independente é não-marcado), variedade do Português (a variedade europeia é marcada no domínio e não-marcada no gerúndio independente e a variedade brasileira é marcada no domínio e não-marcada no gerúndio independente). É o que resume o quadro a seguir:

Quadro 24- Aplicação do princípio da Marcação às categorias de análise no gerúndio independente.

Categorias	No gerúndio independente	No domínio aspecto-temporal
Gerúndio simples	- marcado	- marcado
Cotemporalidade	- marcado	- marcado
Posterioridade	+ marcado	+ marcado
Presente	+/- marcado	- marcado
Cursivo	+ marcado	- marcado
Pontual	- marcado	+ marcado
Factual	- marcado	- marcado
Fundo	+ marcado	- marcado
Figura	- marcado	+ marcado
Século XIII	- marcado	+ marcado
Português europeu	+ marcado	- marcado

Fonte: o próprio pesquisador.

5.2.7 O gerúndio perifrástico

Como o gerúndio perifrástico pode ocorrer como núcleo da oração matriz ou oração principal, sua distinção dos outros tipos de gerúndio, por natureza, deve partir de sua complexidade estrutural e não de seu valor semântico-sintático. O gerúndio perifrástico pode ocorrer, ainda, como núcleo de uma oração adjetiva, substantiva ou adverbial, mas isso não está relacionado ao valor sintático, como veremos mais a frente. Isso foi levado em consideração para verificarmos o comportamento funcional do gerúndio perifrástico simples (dois verbos) x o gerúndio perifrástico complexo (três verbos), considerando-se as mesmas categorias de análise. Foram encontrados 572 dados de gerúndio perifrástico, dos quais 559 são de perifrástico simples e 13 são de perifrástico complexo, que apresentamos na tabela a seguir.

Tabela 23 – As categorias de análise no gerúndio perifrástico.

Categorias de Análise		Subcategorias de Análise	Gerúndio perifrástico simples	Gerúndio perifrástico complexo	Total/percentual
Noções Temporais		Passado	186/97.0%	4/2.1%	190/35.1%
		Presente	316/97.5%	8/2.5%	324/59.9%
		Futuro	26/96.3%	1/3.7%	27/5.0%
Aspecto	Perfectivo	Pontual	3/100.0%	0/0.0%	3/0.5%
		Imperfectivo	Cursivo	492/97.4%	13/2.6%
	Iterativo		17/100.0%	0/0.0%	17/3.0%
	Pontual		31/100.0%	0/0.0	31/5.4%
	Incoativo		7/100.0%	0/0.0%	7/1.2%
	Terminativo		9/100.0%	0/0.0%	9/1.6%
Modalidade		Factual	543/97.8%	12/2.2%	555/97.0%
		Não-factual	16/94.1%	1/5.9%	17/3.0%
Relevo discursivo		Fundo	322/98.2%	6/1.8%	328/57.3%
		Figura	237/97.1%	7/2.9%	244/42.7%
Século		Século XVI	40/95.2%	2/4.8%	42/7.3%
		Século XVII	50/100.0%	0/0.0%	50/8.7%
		Século XVIII	49/100.0%	0/0.0%	49/8.6%
		Século XIX	70/97.2%	2/2.8%	72/12.6%

	Século XX	350/97.5%	9/2.5%	359/62.8%
Variedade do Português	Português europeu	306/98.7%	4/1.3%	310/54.2%
	Português brasileiro	253/96.6%	9/3.4%	262/45.8%
	Total/percentual	559/97.7%	13/2.3%	572/100.0%

Fonte: o próprio pesquisador.

No que diz respeito à expressão de tempo na estrutura oracional, o gerúndio perifrástico simples foi o mais utilizado tanto para passado (97.0%), quanto para presente (97.5%) e futuro (96.0%), ao passo que o gerúndio perifrástico complexo teve baixa frequência em todo *corpus*. Isso indica que não há nenhuma restrição estrutural nas perífrases gerundivas para a expressão de tempo, fato que deve estar associado à manifestação do aspecto, já que o maior número de dados de gerúndio perifrástico está associado a aspecto cursivo, tanto na forma perifrástica simples quanto na forma perifrástica complexa, sendo, inclusive, o único valor aspectual associado ao gerúndio perifrástico complexo. Ainda que os dois tipos de gerúndio sejam antigos na língua, cuja ocorrência tem registros no século XVI, o gerúndio perifrástico simples já goza, a essa altura da história da língua, de considerável frequência (temos 40 casos de gerúndio apenas neste século), ao passo que o gerúndio perifrástico complexo entra na língua timidamente (com apenas 02 ocorrências nos séculos XVI e XIX e 09 no século XX). É possível afirmar que, em termos de frequência, o gerúndio perifrástico expressa cursividade, mas o número de dados referentes a aspecto pontual e iterativo foi mais expressivo que em relação a aspecto incoativo e terminativo.

Consideramos, também, o tipo de oração em que o gerúndio perifrástico ocorre e encontramos dados de gerúndio dos dois tipos de gerúndio perifrástico, exceto do perifrástico complexo nas orações adverbiais. A oração matriz foi que apresentou maior número de ocorrências (261 dados), seguida das orações adjetivas (139 dados) e coordenadas (79 dados) no *corpus*.

Tabela 24 – Os tipos de oração e o gerúndio perifrástico.

Tipo de oração	Gerúndio perifrástico simples	Gerúndio perifrástico complexo	Total/percentual
Adverbial	10/100.0%	0/0.0%	10/1.7%
Absoluta	17/94.4%	1/5.6%	18/3.1%
Coordenada	78/98.7%	1/1.3%	79/13.8%
Substantiva	64/98.5%	1/1.5%	65/11.4%
Adjetiva	137/98.6%	2/1.4%	139/24.3%

Matriz	253/96.9%	8/3.1%	261/45.6%
---------------	-----------	--------	-----------

Fonte: o próprio pesquisador.

As situações descritas em nosso *corpus*, no que diz respeito à modalidade, são frequentemente factuais. Tanto em dados de gerúndio simples, como de gerúndio perifrástico, os dados referentes à modalidade *factual* são estatisticamente mais frequentes que em relação à modalidade *não-factual*. Não podemos falar em tendência de comportamento funcional do gerúndio perifrástico, tendo em vista que quase a totalidade dos dados de perifrástico simples manifestam a modalidade *factual* e há apenas 16 dados relativos à modalidade *não-factual*, de um total de 559 dados. Do mesmo modo, dos 13 dados de gerúndio perifrástico complexo, apenas 1 dado está associado à modalidade *não-factual*.

No que diz respeito ao relevo discursivo, o gerúndio perifrástico tem distribuição equiparável entre *figura e fundo*. Como os dados se dividem quase equanimemente entre essas duas categorias, não se pode definir se haveria uma tendência de uma das formas perifrásticas exercer a função de *figura* ou de *fundo*. Como não há restrições para que ocorra como núcleo de outras orações, isso pode ter contribuído para tal distribuição, tendo em vista que a ocorrência do gerúndio perifrástico em oração matriz corresponde a 45% de frequência.

Não houve registro de gerúndio perifrástico complexo nos séculos XVII e XVIII, mas encontramos 02 dados no século XVI e 02 dados no século XIX e 09 no século XX, quando entram os dados do Português brasileiro. Foram encontrados muitos dados de gerúndio perifrástico simples em todos os séculos pesquisados, verificando-se uma crescente tendência de uso nos séculos mais recentes, que incorporam o Português brasileiro. Ainda assim, pode-se verificar que 4 dos 13 dados de gerúndio perifrástico complexo e 306 dos 559 de gerúndio simples ocorrem em dados do Português europeu, número que se mostra bastante significativo, para desmitificar a ideia de que os portugueses não usam gerúndio. A propósito, o gerúndio perifrástico complexo ocorre no Português brasileiro apenas no século XX, quando no Português europeu, há registros já no século XVI, como se pode verificar pelo exemplo abaixo:

(201) A alma sancta & amiga do verdadeiro esposo sempre *deve estar sospirando* sempre aparelhada, sempre desejosa da vinda do seu amado (E 16 2 MCM 148)

Aplicando-se o princípio da marcação, com base nos subprincípios da complexidade estrutural e da frequência, o gerúndio perifrástico simples é não-marcado em

todas as categorias analisadas, ao passo que o gerúndio perifrástico complexo é marcado, considerando-se apenas os dados de gerúndio perifrástico no *corpus*. O quadro a seguir apresenta a distribuição da marcação entre as categorias.

Quadro 25- Aplicação do princípio da Marcação às categorias de análise no gerúndio perifrástico simples e gerúndio perifrástico complexo.

Categorias	No gerúndio perifrástico simples	No gerúndio perifrástico complexo	No domínio aspecto-temporal
Passado	- marcado	+ marcado	-+ marcado
Presente	- marcado	+ marcado	-- marcado
Futuro	- marcado	+ marcado	++ marcado
Pontual perfectivo	- marcado	+ marcado	++ marcado
Cursivo	- marcado	+ marcado	-- marcado
Iterativo	- marcado	+ marcado	++ marcado
Pontual imperfectivo	- marcado	+ marcado	-+ marcado
Incoativo	- marcado	+ marcado	++ marcado
Terminativo	- marcado	+ marcado	++ marcado
Factual	- marcado	+ marcado	-- marcado
Não-factual	- marcado	+ marcado	++ marcado
Fundo	- marcado	+ marcado	-- marcado
Figura	- marcado	+ marcado	++ marcado
Século XVI	- marcado	+ marcado	++ marcado
Século XVII	- marcado	+ marcado	++ marcado
Século XVIII	- marcado	+ marcado	++ marcado
Século XIX	- marcado	+ marcado	-+ marcado
Século XX	- marcado	+ marcado	-- marcado
Português europeu	- marcado	+ marcado	- -marcado
Português brasileiro	- marcado	+ marcado	- +marcado

Fonte: o próprio pesquisador.

No início desta seção, apresentamos uma escala de marcação para as construções gerundivas, baseados na sua complexidade estrutural, na frequência de uso nos dois domínios funcionais e na suposição de como seria o processamento dessas formas, uma vez que não aplicamos testes de processamento. Por essa escala, o gerúndio simples é o menos marcado e o duplo gerúndio o mais marcado.

Do mesmo modo, propomos que os valores semântico-sintáticos do gerúndio sejam distribuídos em uma escala de marcação. Como a definição desses tipos de gerúndio se deu a partir de sua natureza semântica e de seu comportamento sintático, tendo como base o gerúndio simples, a escala deve se apropriar da complexidade cognitiva (seu processamento) e da sua frequência. Como não aplicamos testes de processamento cognitivo, sugerimos que a

escala seja feita em termos dos critérios empregados para a definição e reconhecimento dos valores semântico-sintáticos do gerúndio e em termos de frequência de uso no domínio.

Assim, acreditamos que o tipo de gerúndio que se define sintática e semanticamente tem definição e reconhecimento mais rápido, fácil e previsível que o tipo de gerúndio que se define apenas sintaticamente; por outro lado, o tipo de gerúndio que se define sintaticamente tem definição e reconhecimento mais previsível que o tipo que se define semanticamente. Assim, consideremos para definição e reconhecimento os critérios em termos escalares: sintático + semântico; só sintático; só semântico. Esses critérios, contudo, devem ser associados à frequência de ocorrência dos tipos de gerúndio no *corpus*: muito alta, alta, baixa e muito baixa. O cruzamento desses critérios sugere a seguinte escala de marcação para os valores semântico-sintáticos do gerúndio no quadro a seguir.

Quadro 26 – Escala de marcação para os valores semântico-sintáticos do gerúndio em Língua Portuguesa.

Valor semântico-sintático	Definição e reconhecimento		Frequência no <i>corpus</i>	Escala de Marcação
	Mais sintático	Mais semântico		
Gerúndio adjetivo	Sim	Sim	Alta (22.3%)	- -marcado
Gerúndio coordenado	Sim	Não	Muito alta (39.9%)	- -marcado
Gerúndio independente e imperativo	Sim	Sim	Muito baixa (0.5%)	- +marcado
Gerúndio conectivo	Sim	Sim	Muito baixa (0.4%)	- +marcado
Gerúndio narrativo	Não	Sim	Baixa (2.5%)	++marcado
Gerúndio descritivo	Não	Sim	Muito baixa (0.2%)	++ marcado

Fonte: o próprio pesquisador.

Por essa escala de marcação, o gerúndio adjetivo e o gerúndio coordenado seriam categorias não-marcadas, o gerúndio independente, o gerúndio imperativo e o gerúndio conectivo ocupariam uma posição intermediária, e o gerúndio narrativo e o gerúndio descritivo, categorias marcadas. Passemos, agora, à análise do domínio aspecto-temporal.

5.3. O domínio aspecto-circunstancial do gerúndio

Nesta seção, analisaremos a frequência de uso das construções gerundivas no domínio aspecto-circunstancial. Conforme nos afirmam os gramáticos, o gerúndio em Língua Portuguesa é proveniente do caso ablativo em Latim, traço funcional que parece favorecer a ocorrência de gerúndio no domínio aspecto-circunstancial e inibir a ocorrência das construções com gerúndio no domínio aspecto-temporal, tendo em vista que o gerúndio já exprimia circunstâncias na língua latina, uma vez que se declinavam os adjuntos adverbiais no caso ablativo, de que provém o emprego do gerúndio nas línguas neolatinas.

Assim, este domínio caracteriza-se por apresentar orações gerundivas que codificam noções circunstanciais semelhantes as que codificam os advérbios nas orações simples, caracterizando a situação expressa pelo verbo na oração matriz, por meio da circunstância em que essa situação se desenvolve. Na classificação das circunstâncias que dão nome às orações adverbiais, a tradição normativa apoia-se, sintaticamente, no fato de que “as orações subordinadas adverbiais funcionam como adjunto adverbial de outra oração e vêm, normalmente, introduzidas por uma conjunção subordinativa não integrante” (CUNHA, 1986, p. 562) e classifica essas orações de acordo com a conjunção subordinativa ou locução conjuntiva que as inicia. Como nosso objetivo não é discutir a nomenclatura gramatical, tampouco sugerir outra classificação, apoiar-nos-emos nesses mesmos critérios para a identificação das circunstâncias expressas pelas construções gerundivas neste domínio: i) o critério sintático – as orações gerundivas funcionam como adjunto adverbial de outra oração; e ii) o critério semântico – a noção semântica que a circunstância encerra.

Na discussão dos resultados, apoiar-nos-emos no princípio da marcação, proposto por Givón (1990, 1995), que tem suporte nos subprincípios da frequência, da complexidade estrutural e da complexidade cognitiva para verificar, com base nos contextos discursivos, qual forma/estrutura pode ser considerada não-marcada e marcada. A escala de marcação que propusemos na seção anterior levou em conta a complexidade estrutural, a complexidade cognitiva e a frequência no *corpus* coletado, tanto para as construções gerundivas quanto para os valores semântico-sintáticos assumidos, que repetimos aqui.

Quadro 3 - Escala de marcação para a complexidade estrutural do gerúndio em Língua Portuguesa.

	Complexidade estrutural	Complexidade e cognitiva	Frequência no <i>corpus</i>	Escalaridade de marcação
Gerúndio simples	Não	Muito baixa	Alta (79.3%)	- - - marcado ¹¹⁴
Gerúndio perifrástico simples	Sim	Média	Média (16.6%)	--+ marcado
Gerúndio perifrástico complexo	Sim	Média alta	Muito baixa (0.4%)	+++ marcado
Gerúndio composto	Sim	Alta	Baixa (3.3%)	+ +-marcado
Duplo gerúndio	Sim	Muito alta	Muito baixa (0.5%)	+++marcado

Fonte: o próprio pesquisador.

A distribuição em natureza escalar tem a pretensão de adequar-se ao pressuposto de que a marcação, embora seja apresentada como uma categoria binária, não pode ser determinada em termos absolutos, uma vez que é dependente do contexto, e uma estrutura pode ser marcada em um contexto e não-marcada em outro. Segundo Givón (1990), a marcação dependente do contexto não cria problemas para dois critérios da estrutura marcada (baixa frequência e complexidade cognitiva), pois se surgirem eventuais problemas, isso nos forçará a categorizar não apenas o contraste linguístico, mas também o contexto onde eles se realizam, como marcado e não-marcado. Ao se considerar a distribuição dessas construções por domínio funcional, verifica-se que a lógica da frequência se inverte. Vejamos a tabela abaixo.

Tabela 25 – distribuição da frequência das construções gerundivas nos domínios funcionais e no *corpus*.

Complexidade estrutural	No domínio aspecto-temporal	No domínio aspecto-circunstancial	No <i>corpus</i>
Gerúndio composto	16/12.5%	112/87.5%	128/3.3%
Duplo gerúndio	4/22.2%	14/77.8%	18/0.5%
Gerúndio simples	1079/34.8%	2021/65.2%	3100/79.3%
Gerúndio perifrástico simples	559/86.1%	90/13.9%	649/16.6%
Gerúndio perifrástico complexo	13/86.7%	2/13.3%	15/0.4%
Total/percentual	1671/42.7%	2239/57.3%	3910/100%

Fonte: o próprio pesquisador.

¹¹⁴ Os traços + e – referem-se a marcado e não-marcado, respectivamente, mas em natureza escalar.

A alta frequência de formas complexas como o gerúndio composto e o duplo gerúndio no domínio aspecto-circunstancial pode ser explicada pela própria natureza do domínio funcional, isto é, há restrições sintáticas para que o gerúndio composto e o duplo gerúndio ocorram como núcleo da oração matriz ou como argumento desta, mas não há restrições para sua realização no domínio aspecto-circunstancial, expressando uma circunstância. O mesmo raciocínio é válido para o gerúndio simples, exceto no que diz respeito à complexidade estrutural. Assim, em termos de frequência, no domínio aspecto-circunstancial, o gerúndio composto e o duplo gerúndio são formas complexas estruturalmente, mas não-marcadas. Para explicar essa distorção do que prevê o princípio da marcação, Dubois e Votre (2012) sugerem um princípio regulador, intermediário, que se materializa no discurso e tem consequências na estrutura linguística: o princípio da expressividade. A formulação do princípio é enunciada do seguinte modo:

Quadro 27 – correlação entre o princípio da marcação e o princípio da expressividade.

Princípio da marcação	Princípio da expressividade
a) O princípio da marcação é cognitivamente motivado em termos de esforços associados às tarefas de codificação b) Um elemento marcado será mais elaborado e mais longo. c) Um elemento marcado será menos frequente. d) Um elemento marcado exigirá mais esforços de codificação.	a) O princípio da expressividade é cognitivamente motivado em termos da expressividade e da eficácia, o que equilibra as tarefas de codificação. b) Um procedimento discursivo marcado pode ser menos elaborado e menos longo. c) Um procedimento discursivo marcado pode ser mais frequente. d) Um procedimento discursivo marcado pode reduzir ou anular o esforço da marcação.

Fonte: Dubois e Votre (2012, p. 69).

O princípio da expressividade foi pensado para dar conta de funções discursivas e retóricas, cuja natureza pode contrariar a lógica da complexidade estrutural e da complexidade cognitiva. Contudo, havemos por bem lançar mão desse princípio para explicar fenômenos de natureza semântico-sintática, como o que vimos investigando, que lida com formas de complexidade diferentes e que ocorrem em domínios diferentes. Além disso, os mesmos parâmetros de análise usados para investigar os usos do gerúndio nos dois domínios funcionais, em termos de frequência de uso, auxiliam-nos a verificar a tendência ao equilíbrio discursivo (princípio da expressividade) ou ao que prevê o princípio da marcação.

Nas subseções a seguir, que trazem como título a circunstância expressa pelas orações gerundivas no domínio aspecto-circunstancial, serão analisadas as categorias

complexidade estrutural, noção temporal, noção aspectual, modalidade, século e variedade do Português associadas a essas orações. Excluímos da análise o relevo discursivo, visto que as orações do domínio funcional aspecto-temporal funcionam como fundo ou cenário para a oração matriz.¹¹⁵ Há se de considerar que a discussão não tem por objetivo se alongar na definição e ou características semântico-sintáticas que nos levam a reconhecer as circunstâncias, mas em torno das categorias em análise. Foram encontrados dados nas circunstâncias de modo, tempo, causa, consequência, condição, concessão, finalidade, proporcionalidade, comparatividade e conformidade, que serão discutidos nessa ordem, nas subseções subsequentes. A sequência de apresentação dos dados é a seguinte: em cada grupo de categorias (grupo de fatores) analisado em cada circunstância, apresentaremos números e percentuais relativos à circunstância em oposição aos demais valores circunstanciais encontradas no *corpus*. Essa lógica é seguida pela pesquisa variacionista e é o modo como o programa estatístico Goldvarb fornece os resultados. Assim, todos fatores associados a uma circunstância são testados em oposição às outras juntas, binariamente. Passemos à análise desses resultados.

5.3.1 Modo

O traço semântico mais consistente da circunstância de modo é indicar a maneira como uma ação foi realizada. Aplicando-se essa definição, foram encontrados 908 dados de

¹¹⁵ É possível estudar o relevo discursivo numa perspectiva escalar, visto que há orações que não são figura nem fundo, o que não é objetivo desta pesquisa. Decat (2001), por exemplo, apresenta funções textual-discursivas para as orações adverbiais que têm níveis de saliência discursiva diferentes:

- a) **Fundo/moldura**: “Agradecemos a breve estadia e saímos a tecer comentários sobre os últimos fatos **assim que a tempestade passou**” (*apud* DECAT, 2001, p. 151);
- b) **Fundo/guia**: “então **quando eu voltei... eh em oitenta e quatro... tá?** O tipo de crime... da cidade havia mudado um pouco a característica”(*apud* DECAT, 2001, p. 155);
- c) **Ponte de transição/retomada**: “aí ele falou “olha... mas a sua bexiga tava muito cheia... deita aí de novo pra gente dar uma conferida nesse:...nesse exame” ... **quando eu deitei...** ele falou pra mim assim...” (*apud* DECAT, 2001, p. 156);
- d) **Reparos**: “eu lembro que **no/quando eu amanheci o dia chegando em Vitória (...)** quando eu amanheci **eh num sábado de manhã que eu ia contar para os pais dela... no sábado e no domingo contar para os meus pais** eu falei (...)” (*apud* DECAT, 2001, p. 157);
- e) **Tópico**: “**Enquanto as ciências sociais e humanas tornam-se também ciências da educação**, importa reconhecê-lo, sem preconceitos, elas confirmam, desenvolvem e sugerem até mesmo ideais de ruptura que se vão delineando dentro das correntes pedagógicas mais inovadoras.”(*apud* DECAT, 2001, p. 160).

gerúndio na circunstância de modo, que equivalem a 40.6% de frequência dessa circunstância no domínio funcional, conforme o exemplo a seguir.

(202) Perto de Virgínia uma senhora idosa assesta a luneta com uma imponência fidalga para os pares que passam *dançando*. (B 20 1 CC 88)

Vejamos, agora, como se comportam as construções gerundivas em relação às categorias escolhidas para análise.

a) Complexidade estrutural

No valor circunstancial de modo, em termos de complexidade estrutural, houve apenas 2 ocorrências de gerúndio composto, que equivalem a 1,8% de frequência; 2 de duplo gerúndio, que correspondem a 14,3%; 4 de gerúndio perifrástico simples, que correspondem a 4.4% e 900 de gerúndio simples, que equivalem a 44,5% de frequência das circunstâncias de modo. A tabela a seguir apresenta a distribuição dos dados de gerúndio no domínio aspecto-circunstancial no que diz respeito à circunstância de modo.

Tabela 26 – A complexidade estrutural na circunstância de modo.

Complexidade estrutural	Modo	Outros valores circunstanciais	Total/percentual
Gerúndio composto	2/1.8%	110/98.2%	112/5.0%
Duplo gerúndio	2/14.3%	12/85.7%	14/0.6%
Gerúndio perifrástico simples	4/4.4%	86/95.6%	90/4.0%
Gerúndio perifrástico complexo	0/0.0%	2/100.0%	2/0.1%
Gerúndio simples	900/44.5%	1121/55.5%	2021/90.3%
Total/percentual	908/40.6%	1331/59.4%	2239/100.0%

Fonte: o próprio pesquisador.

No que diz respeito à complexidade estrutural, as construções gerundivas confirmam o princípio da marcação, a partir dos subprincípios da frequência e da complexidade estrutural, já que a forma menos complexa e mais frequente no domínio aspecto-temporal, o gerúndio simples, é também a forma mais frequente na circunstância de modo, e as formas mais complexas e menos frequentes no domínio são também as formas menos frequentes na circunstância, como se pode verificar no quadro a seguir.

Quadro 28 - Aplicação do princípio da Marcação à complexidade estrutural do gerúndio na circunstância de modo.

Complexidade estrutural	Modo	No domínio aspecto-circunstancial
Gerúndio simples	- marcado	- marcado
Gerúndio composto	+ marcado	+ marcado
Duplo gerúndio	+marcado	+ marcado

Fonte: o próprio pesquisador.

A complexidade estrutural tem sido um critério tradicional na discussão linguística de marcação e a tendência é que os três subprincípios ou critérios de marcação coincidam, como se deu com a circunstância de modo.

b) Noções temporais

Quanto às noções temporais associadas às circunstâncias de modo, foram encontrados 814 dados relacionados à cotemporalidade, 74 dados associados à posterioridade, e 12 dados relacionados à anterioridade, que equivalem à frequência de 71.3%, 30.2% e 1.5% respectivamente. Em se tratando das noções de tempo manifestadas por desinências modo-temporais, encontramos 4 dados de presente e 02 dados de passado, que equivalem à frequência de 15.4% e 2.7%, respectivamente. Esses valores são apresentados na tabela a seguir.

Tabela 27 – As noções temporais na circunstância de modo.

Noções temporais	Modo	Outros valores circunstanciais	Total/percentual
Passado	2/7.4%	25/92.6%	27/1.2%
Presente	4/15.4%	22/84.6%	26/1.2%
Futuro	0/0.0%	10/100.0%	10/0.4%
Anterioridade	12/1.5%	775/98.5%	787/35.1%
Cotemporalidade	814/71.3%	327/28.7%	1141/51.0%
Posterioridade	74/30.2%	171/69.8%	245/10.9%
Atemporalidade	1/33.3%	2/66.7%	3/0.1%
Total/percentual	908/40.6%	1331/59.4%	2239/100.0%

Fonte: o próprio pesquisador.

Considerando-se o princípio da marcação, esperava-se que a circunstância de modo associada à cotemporalidade fosse não-marcada, já que, para fazer referência ao modo como se desenvolve a ação verbal expressa na oração principal, a noção de cotemporalidade exigiria menos esforço para seu processamento, que se daria de forma mais natural. As construções gerundivas seguem a premissa do princípio da marcação tanto no domínio

funcional quanto na circunstância de modo no que diz respeito às noções temporais, uma vez que a noção de cotemporalidade é menos complexa e mais frequente. Vejamos o quadro a seguir que especifica a aplicação do princípio da marcação.

Quadro 29 - Aplicação do princípio da Marcação às noções temporais do gerúndio na circunstância de modo.

Noções temporais	Modo	No domínio aspecto-circunstancial
Passado	+ marcado	- marcado
Presente	-+ marcado	+ marcado
Futuro	+ marcado	+ marcado
Anterioridade	+ marcado	-+ marcado
Cotemporalidade	- marcado	- marcado
Posterioridade	-+ marcado	+ marcado
Atemporalidade	-+ marcado	+ marcado

Fonte: o próprio pesquisador.

Segundo Givón (1990), em linguagem e em cognição, a complexidade cognitiva não é identificada pela presença ou ausência de um único traço, mas com base em um protótipo¹¹⁶ que agrupa um conjunto de traços centrais da categoria. Assim, o quadro acima, como outros apresentados neste capítulo, sugere uma escala de marcação para as noções temporais na circunstância de modo, segundo a qual, a cotemporalidade é a noção não-marcada de um lado; de outro, o futuro, o passado e a noção de anterioridade são as noções mais marcadas e, numa zona intermediária, o presente e as noções de posterioridade e atemporalidade apresentam-se como categorias + ou – marcadas.

c) Noções aspectuais

Em se tratando das noções aspectuais associadas à circunstância de modo, foram encontrados 514 dados de gerúndio na circunstância de modo associados à cursividade, 319 à pontualidade, 61 à iteratividade e 7 à incoatividade e terminatividade. Esperava que a noção de cursividade fosse a mais produtiva em termos de frequência, visto ser a noção que mais caracteriza o traço de progressividade atribuído às construções gerundivas, mas a noção aspectual mais frequente foi iteratividade, como se pode ver na tabela seguinte.

¹¹⁶ Para mais informações sobre a teoria dos protótipos, consulte-se Rosh (1975). De acordo com a autora, há categorias que exibem melhor uma estrutura prototípica, ou seja, há bons e maus exemplos - os membros mais representativos, aqueles que os falantes evocam primeiro ao escutar ou ver o nome de uma categoria são os membros centrais ou prototípicos (melhores exemplos), em torno dos quais, os demais se organizam.

Tabela 28 – Os valores aspectuais na circunstância de modo.

Aspecto	Valores aspectuais	Modo	Outros valores circunstanciais	Total/percentual
Perfectivo	Pontual	0/0.0%	73/100.0%	73/3.3%
	Iterativo	0/0.0%	3/100.0%	3/0.1%
Imperfectivo	Cursivo	514/41.3%	730/58.7%	1244/55.6%
	Pontual	319/41.6%	447/58.4%	766/34.2%
	Iterativo	61/75.3%	20/24.7%	81/3.6%
	Incoativo	7/28.0%	18/72.0%	25/1.1%
	Terminativo	7/14.9%	40/85.1%	47/2.1%
	Total/percentual	908/40.6%	1331/59.4%	2239/100.0%

Fonte: o próprio pesquisador.

O percentual de 75.3% atribuído, pelo programa estatístico, às construções gerundivas associadas a aspecto iterativo imperfectivo na circunstância de modo revela que, dentre as circunstâncias, a de modo é a não-marcada para essa noção aspectual (em detrimento ao percentual de 24.7% atribuído a todos os outros valores circunstanciais juntos), embora tal noção seja marcada no domínio funcional, com percentual de frequência de 3.6%. Ainda assim, o alto percentual atribuído à cursividade (41.3%) e à pontualidade (41.6%) sugerem que essas noções devem ser interpretadas como não-marcadas, ou, intermediariamente, como +ou- não-marcadas, visto que o percentual se aproxima ao do domínio funcional. Assim, pelo princípio da marcação, considerando-se o subprincípio da frequência, as noções aspectuais ficam distribuídas, conforme o quadro a seguir:

Quadro 30 - Aplicação do princípio da Marcação às noções aspectuais do gerúndio na circunstância de modo

Noções aspectuais	Modo	No domínio aspecto-circunstancial
Cursivo	-+ marcado	- marcado
Pontual	-+ marcado	-+ marcado
Iterativo	- marcado	+ marcado
Incoativo	+ marcado	+ marcado
Terminativo	+ marcado	+ marcado

Fonte: o próprio pesquisador.

Pelo princípio da marcação, as noções aspectuais de incoatividade e terminatividade confirmam a tendência do domínio aspecto circunstancial, como noções marcadas, assim como a noção aspectual de pontualidade, como uma noção intermediária, aplicando-se o subprincípio da frequência.

d) Modalidade

Em relação à modalidade associada às construções gerundivas na circunstância de modo, a modalidade factual foi a que se mostrou mais frequente no domínio funcional aspecto-temporal e na circunstância de modo. Dos 908 dados de gerúndio na circunstância de modo, 863 estão associados à modalidade factual, o que corresponde a um percentual de 42% em detrimento aos 45 dados de modalidade não-factual na mesma circunstância correspondentes a 24.6% de frequência.

Tabela 29 – A modalidade na circunstância de modo.

Modalidade	Modo	Outros valores circunstanciais	Total/percentual
Factual	863/42.0%	1193/58.0%	2056/91.8%
Não-factual	45/24.6%	138/75.4%	183/8.2%
Total/percentual	908/40.6%	1331/59.4%	2239/100.0%

Fonte: o próprio pesquisador.

Empregando-se o princípio da marcação, a modalidade factual, pelo subprincípio da frequência, é não-marcada no domínio funcional aspecto-circunstancial e na circunstância de modo. Em termos de complexidade cognitiva, as situações factuais, reais e definidas parecem ser processadas mais facilmente e com menor esforço que situações não-factuais, cujo processamento requer mais atenção ao contexto extra-discursivo em que tais situações ocorrem. Assim, na circunstância de modo, as construções gerundivas confirmam o princípio da marcação, seguindo a tendência do que ocorre no domínio funcional, conforme o quadro a seguir:

Quadro 31 - Aplicação do princípio da Marcação à modalidade do gerúndio na circunstância de modo.

Modalidade	Modo	No domínio aspecto-circunstancial
Factual	- marcado	- marcado
Não-factual	+ marcado	+ marcado

Fonte: o próprio pesquisador.

e) Século e variedade do Português

Quanto à distribuição por séculos e por variedade do Português, as construções gerundivas que expressam a circunstância de modo apresentaram, no Português europeu, maior número de dados nos séculos XVI, XIX e XX e, no Português brasileiro, apresentaram maior concentração de dados no século XX. Em cada século e em cada variedade, os percentuais relativos à circunstância de modo, em detrimento às outras circunstâncias juntas,

demonstram que o modo é a circunstância mais frequente em todos os séculos. No domínio funcional aspecto temporal, essa circunstância tem percentual de uso de 40.6%, em detrimento ao percentual de 59.4% distribuído entre todas as outras circunstâncias. Comparando-se as duas variedades do Português, a circunstância de modo apresenta no Português brasileiro percentual bem superior ao do Português europeu, e bem expressivo se comparada às outras circunstâncias, mas, em termos quantitativos, o Português europeu apresenta 336 dados para essa circunstância frente aos 279 dados do Português brasileiro, nos dois últimos séculos. A tabela a seguir demonstra essa distribuição:

Tabela 30 – Cruzamento entre século e variedade do Português na circunstância de modo.

		Século XVI	Século XVII	Século XVIII	Século XIX	Século XX	Total/percentual
Português Europeu	Modo	121/45%	74/33%	98/25%	124/31%	212/45%	629/36%
	Outras circunstâncias	145/55%	149/67%	292/75%	278/69%	257/55%	1121/64%
	Total/percentual	266/100%	223/100%	390/100%	402/100%	469/100%	1750/100%
Português Brasileiro	Modo	-	-	-	108/44%	171/71%	279/57%
	Outras circunstâncias	-	-	-	139/56%	71/29%	210/43%
	Total/percentual	-	-	-	247/100%	242/100%	489/100%

Fonte: o próprio pesquisador.

Em termos do princípio da marcação, considerando-se o subprincípio da frequência, a circunstância de modo é não-marcada em relação às outras circunstâncias, e o século XX é o que apresenta maior frequência de dados de gerúndio associados à circunstância de modo nas duas variedades do Português, o que era esperado, já que houve aumento no número de dados de gerúndio ao longo dos séculos e a circunstância de modo foi bastante frequente nos séculos anteriores.

Quadro 32 - Aplicação do princípio da Marcação ao cruzamento das categorias século e variedade do Português na circunstância de modo.

		Século XVI	Século XVII	Século XVIII	Século XIX	Século XX
Português Europeu	Modo	-marcado	+ marcado	+ marcado	+ marcado	- marcado
	Outras circunstâncias	+ marcado	+ marcado	+ marcado	+ marcado	+ marcado
Português Brasileiro	Modo	-	-	-	+marcado	- marcado
	Outras circunstâncias	-	-	-	+marcado	+marcado

Fonte: o próprio pesquisador.

O quadro acima deve ser lido em duas direções: marcação/não-marcação para a circunstância, considerando-se os séculos e as variedades por um lado, e a marcação/não-marcação da circunstância em relação às outras circunstâncias no século e na variedade.

5.3.2 Tempo

Esta circunstância acrescenta a ideia de tempo à situação que se realiza na oração matriz, localizando-se como anterior, simultânea ou posterior a ela. Empregando-se tal conceito, foram identificadas 473 ocorrências de tempo, que equivalem à frequência de 21.1% dessa circunstância no domínio funcional, como no exemplo a seguir:

(203) *Sorrindo*, parece ainda mais moço. (B 20 1 CC 89)

Passemos à análise dessas construções, baseados nas categorias que foram elencadas e nos percentuais fornecidos pelo programa estatístico Goldvarbx.

a) Complexidade estrutural

Em se tratando da complexidade estrutural das construções gerundivas associadas à noção circunstancial de tempo, foram encontrados 399 dados de gerúndio simples, 46 dados de gerúndio composto, 9 de duplo gerúndio e 19 de gerúndio perifrástico simples, que

equivalem à frequência 19.7%, 41.1%, 64.3% e 21.1%, respectivamente. Os dados estão explicitados na tabela seguinte:

Tabela 31 – A complexidade estrutural na circunstância de tempo.

Complexidade estrutural	Tempo	Outros valores circunstanciais	Total/percentual
Gerúndio composto	46/41.1%	66/58.9%	112/5.0%
Duplo gerúndio	9/64.3%	5/35.7%	14/0.6%
Gerúndio perifrástico simples	19/21.1%	71/78.9%	90/4.0%
Gerúndio perifrástico complexo	0/0.0%	2/100.0%	2/0.1%
Gerúndio simples	399/19.7%	1622/80.3%	2021/90.3%
Total/percentual	473/21.1%	1766/78.9%	2239/100.0%

Fonte: o próprio pesquisador.

Considerando-se a frequência, os dados revelam, quanto à complexidade, que o duplo gerúndio e o gerúndio composto são as formas preferidas para expressar a circunstância de tempo no domínio aspecto-temporal, contudo o duplo gerúndio configura-se como a forma mais frequente, menos-marcada e mais complexa, contrariando o princípio da marcação. Vejamos o quadro a seguir:

Quadro 33 - Aplicação do princípio da Marcação à complexidade estrutural do gerúndio na circunstância de tempo.

Complexidade estrutural	Tempo	No domínio aspecto-circunstancial
Gerúndio simples	++marcado	-marcado
Gerúndio perifrástico simples	--marcado	+marcado
Gerúndio composto	--marcado	+marcado
Duplo gerúndio	--marcado	+marcado

Fonte: o próprio pesquisador.

Para explicar a distorção quanto ao princípio da marcação, visto que a forma estruturalmente mais simples revela-se a forma menos frequente e marcada, acionamos o princípio da expressividade, proposto por Dubois e Votre (2012), que atua como um equilíbrio para o princípio da marcação. Na circunstância de tempo, as noções temporais mais frequentes foram as de anterioridade (32%) e cotemporalidade (16%), compatíveis, respectivamente, com o gerúndio composto e duplo gerúndio. Assim, do ponto de vista da expressividade, é mais eficaz, para expressar essas noções, a forma complexa do que a forma simples, que exige mais esforço cognitivo para localização do tempo. Vejamos um exemplo de duplo gerúndio associado à noção de cotemporalidade.

(204) Entrou o Anjo em forma humana, *estando a senhora rezando*, & disse lhe. Deos te salue cheia de graça, o Senhor he contigo, benta es tu entre todas as molheres (E 16 2 MCM 21)

Para explicitar que a “reza” e “entrada do anjo” ocorrem ao mesmo tempo e as ações de rezar e entrar são praticadas por sujeitos diferentes, mas ao mesmo tempo, a forma complexa é mais expressiva, porque explicita tal noção e especifica quem pratica a ação, que se fosse empregado um gerúndio.

(204a) Entrou o Anjo em forma humana, *rezando a senhora...*

Como houve 14 ocorrências de duplo gerúndio no domínio funcional aspecto-temporal e 9 deles estão associados à circunstância de tempo, essa forma é apresentada como a mais frequente. A respeito da noção anterioridade, consideraremos o exemplo (205) na alínea seguinte, que trata das noções temporais associadas à circunstância de tempo.

b) Noções temporais

No que diz respeito às noções temporais associadas à circunstância de tempo no domínio aspecto-circunstancial, foram encontrados 263 dados de gerúndio associados à anterioridade, que correspondem à frequência de 33.4%, 184 dados à cotemporalidade, cuja frequência foi 16.0%, e 15 dados de posterioridade, que equivalem à frequência de 7.5%. Também foram encontrados 4 dados de passado, 3 dados de presente e 4 dados de futuro, que correspondem, respectivamente, à frequência de 14.8%, 11.5%, 40.0%. Vejamos os dados na tabela a seguir:

Tabela 32 – As noções temporais na circunstância de tempo.

Noções temporais	Tempo	Outros valores circunstanciais	Total/percentual
Passado	4/14.8%	23/85.2%	27/1.2%
Presente	3/11.5%	23/88.5%	26/1.2%
Futuro	4/40.0%	6/60.0%	10/0.4%
Anterioridade	263/33.4%	524/66.6%	787/35.1%
Cotemporalidade	184/16.1%	957/83.9%	1141/51.0%
Posttemporalidade	15/6.1%	230/93.9%	245/10.9%
Atemporalidade	0/0.0%	3/100.0%	3/0.1%

Fonte: o próprio pesquisador.

Na circunstância de tempo, os dados podem ser avaliados em duas perspectivas: a) quanto à manifestação formal de tempo, por meio de desinências do verbo auxiliar nas construções gerundivas perifrásticas, em que o tempo futuro foi estatisticamente mais relevante e mais frequente, já que encontramos dados de passado, presente e futuro e b) quanto à manifestação de noções temporais (por meio do gerúndio simples, composto e duplo gerúndio), quando se tem a noção de anterioridade como a segunda mais frequente. Isso se explica pelo fato de, nessa circunstância, termos o gerúndio composto como a segunda forma mais frequente para expressar a noção circunstancial de tempo, forma que, normalmente, expressa tempo decorrido e, portanto, anterioridade. É o que se vê no exemplo seguinte:

(205) *E assi tendo chegado o octavo dia* circuncidaram o menino, poseraolhe o nome de IESU (E 16 2 MCM 35).

A alta frequência associada a tempo futuro na circunstância de tempo é decorrente do fato de termos encontrado poucos dados de tempo futuro no domínio circunstancial (10 dados no total), bem menos que a quantidade total de dados de presente (27 no total) e passado (27 no total), ou seja, neste universo de 10 ocorrências de futuro, 4 estão associadas à circunstância de tempo, ficando as outras 6 ocorrências distribuídas entre as outras circunstâncias, o que leva o programa estatístico a atribuir um percentual mais expressivo a essas ocorrências. No exemplo a seguir, temos uma ocorrência de tempo futuro na circunstância de tempo.

(206) Sua Magestade he servido, que V. Excellencia ordene aos Minifros, que fe achaõ encarregados na inspecção dos Bairros de Lisboa, que *logo que nelles forem descobrindo mantimentos*, vaõ remettendo as relações de todo os que acharem ao Marquez de Alegrete (E 18 2 MPT 103)

Empregando o princípio da marcação, pelo subprincípio da frequência, o tempo futuro como a categoria não-marcada, a anterioridade como a categoria intermediária, e as outras noções como categorias marcadas.

Quadro 34 - Aplicação do princípio da Marcação às noções temporais do gerúndio na circunstância de tempo:

Noções temporais	Tempo	No domínio aspecto-circunstancial
Passado	++marcado	++marcado
Presente	++marcado	++marcado

Futuro	--marcado	++marcado
Anterioridade	+-marcado	+-marcado
Cotemporalidade	++marcado	--marcado
Posterioridade	++marcado	++marcado

Fonte: o próprio pesquisador.

c) Noções aspectuais

Em se tratando das noções aspectuais vinculadas à noção circunstancial de tempo, foram encontrados, para aspecto perfectivo, 26 dados de pontualidade e, para aspecto imperfectivo, 214 dados de pontualidade, 182 dados de cursividade, 10 dados de iteratividade, 9 de incoatividade e 32 de terminatividade. Em termos de frequência, a noção aspectual mais expressiva foi a de terminatividade (68.1%), como se pode ver na tabela seguinte.

Tabela 33 – As noções aspectuais na circunstância de tempo.

Aspecto	Valores aspectuais	Tempo	Outros valores circunstanciais	Total/percentual
Perfectivo	Pontual	26/35.6%	47/64.4%	73/3.3%
	Iterativo	0/0.0%	3/100.0%	3/0.1%
Imperfectivo	Cursivo	182/14.6%	1062/85.4%	1244/55.6%
	Pontual	214/27.9%	552/72.1%	766/34.2%
	Iterativo	10/12.3%	71/87.7%	81/3.6%
	Incoativo	9/36.0%	16/64.0%	25/1.1%
	Terminativo	32/68.1%	15/31.9%	47/2.1%
	Total/percentual	473/21.1%	1766/78.9%	2239/100.0%

Fonte: o próprio pesquisador.

Ao se empregar o princípio da marcação, verificaremos que as noções aspectuais, associadas à noção circunstancial de tempo, apresentam tendência contrária ao que acontece no domínio funcional aspecto-temporal, em termos de frequência, já que os valores aspectuais mais frequentes na circunstância estão associados à pontualidade e terminatividade. Novamente, acreditamos que isso esteja ligado ao fato de o gerúndio composto ter sido uma forma mais frequente na circunstância, cujas noções de pontualidade e terminatividade são mais compatíveis, como no exemplo (205) acima. Assim, em termos do princípio da marcação, as noções aspectuais associadas à circunstância de tempo ficam distribuídas do seguinte modo:

Quadro 35 - Aplicação do princípio da Marcação às noções aspectuais do gerúndio na circunstância de tempo:

Noções aspectuais	Tempo	No domínio aspecto-circunstancial
--------------------------	--------------	--

Cursivo	+ marcado	- marcado
Pontual	- marcado	+ - marcado
Iterativo	+ marcado	+ marcado
Incoativo	- + marcado	+ marcado
Terminativo	- marcado	+ marcado

Fonte: o próprio pesquisador.

d) Modalidade

Em termos de modalidade associada à circunstância de tempo nas construções gerundivas, foram encontrados 464 dados de modalidade factual, que correspondem a 22.6% de frequência, e apenas 9 dados de modalidade não-factual, que equivalem a uma frequência de 4.9% e seguem a tendência do domínio funcional aspecto-temporal, cujos dados de modalidade factual apresentam frequência de 91.8%. É o que se pode perceber na tabela seguinte.

Tabela 34 – A modalidade na circunstância de tempo.

Modalidade	Tempo	Outros valores circunstanciais	Total/percentual
Factual	464/22.6%	1592/77.4%	2056/91.8%
Não-factual	9/4.9%	174/95.1%	183/8.2
Total/percentual	473/21.1%	1766/78.9%	2239/100.0%

Fonte: o próprio pesquisador.

Aplicando-se o princípio da marcação, as construções gerundivas, na circunstância de tempo, estão associadas à modalidade factual, que é a noção modal não-marcada no domínio funcional aspecto-circunstancial, uma vez que é mais frequente e a menos complexa, por se referir a situações reais e factuais. Assim, com o valor circunstancial de tempo, as construções gerundivas, a exemplo do que ocorreu com a circunstância de modo, também confirmam o princípio da marcação, conforme quadro seguinte:

Quadro 36-Aplicação do princípio da Marcação à modalidade do gerúndio na circunstância de tempo.

Modalidade	Modo	No domínio aspecto-circunstancial
Factual	- marcado	- marcado
Não-factual	+ marcado	+ marcado

Fonte: o próprio pesquisador.

e) Século e variedade do Português

Considerando o século e a variedade do Português, as construções gerundivas que expressam a circunstância de tempo distribuem-se de modo bastante equânime no Português europeu, no que diz respeito à quantidade de dados, exceto no século XIX, que apresentou quantidade mais expressiva de dados. No Português brasileiro, o século XIX apresentou praticamente o dobro do número de dados encontrados no século XX, na circunstância de tempo. Contudo, ao compararmos os dois últimos séculos, verifica-se que, no Português europeu, são encontrados 182 dados de gerúndio na circunstância de tempo, ao passo que, no Português brasileiro, esse número é de 103 dados. Vejamos como estão distribuídos os dados de gerúndio referentes à circunstância de tempo.

Tabela 35 – Cruzamento entre século e variedade do Português na circunstância de tempo.

		Século XVI	Século XVII	Século XVIII	Século XIX	Século XX	Total/percentual
Português Europeu	Tempo	66/25%	55/25%	67/17%	112/28%	70/15%	370/21%
	Outras circunstâncias	200/75%	168/75%	323/83%	290/72%	399/85%	1380/79%
	Total/percentual	266/100%	223/100%	390/100%	402/100%	469/100%	1750/100%
Português Brasileiro	Tempo	-	-	-	71/29%	32/13%	103/21%
	Outras circunstâncias	-	-	-	176/71%	210/87%	386/79%
	Total/percentual	-	-	-	247/100%	242/100%	489/100%

Fonte: o próprio pesquisador.

Em termos de princípio de marcação, há um equilíbrio na distribuição dos dados de gerúndio na circunstância de tempo nas duas variedades do Português, com uma leve tendência para aumento da frequência no século XIX. O quadro a seguir pressupõe que a circunstância é não-marcada no século XIX, para ambas as modalidades.

Quadro 37 - Aplicação do princípio da Marcação ao cruzamento das categorias século e variedade do Português na circunstância de tempo.

		Século XVI	Século XVII	Século XVIII	Século XIX	Século XX
Português Europeu	Tempo	+marcado	+ marcado	+ marcado	- marcado	+ marcado
	Outras circunstâncias	- marcado	- marcado	- marcado	- marcado	- marcado

Português Brasileiro	Tempo	-	-	-	-marcado	+ marcado
	Outras circunstâncias	-	-	-	-marcado	-marcado

Fonte: o próprio pesquisador.

A circunstância de tempo apresenta-se como a categoria não-marcada no século XIX, nas duas variedades, mas as outras circunstâncias, juntas, apresentam percentual muito expressivo, sendo, portanto, não-marcadas, se comparadas à circunstância de tempo.

5.3.3 Causa

O traço semântico mais saliente na noção circunstancial de causa é sua essência causativa, isto é, provocar um determinado fato ou apresentar-se como o motivo que determina um acontecimento, conforme o exemplo 206. Aplicando-se essa definição, foram encontrados 442 dados de causa que correspondem à frequência de 19.7% no domínio funcional, os quais serão analisados nas alíneas seguintes.

(207) *Sentindo-se velho e alquebrado*, entregou aos seus genros a fiscalização de seus bens (...) (B 19 2 HC 95).

a) Complexidade estrutural

A circunstância de causa foi uma das que apresentou maior diversidade de complexidade estrutural das construções gerundivas, tendo sido encontrados dados em todos os tipos de construções. Foram encontrados 366 dados de gerúndio simples, 47 de gerúndio composto, 27 de gerúndio perifrástico simples, 1 dado de gerúndio perifrástico composto e 1 dado de duplo gerúndio. O programa estatístico apresentou o maior percentual para o gerúndio perifrástico composto, visto que, no domínio aspecto-circunstancial, foram encontrados apenas 2 dados e um deles corresponde a essa circunstância. Como o percentual é calculado a partir da relação causa x outras circunstâncias, foi obtido um percentual de 50%, que merece ser relativizado, isto é, esse percentual teria maior expressividade se estivéssemos analisando duas funções, o que não é o caso das noções circunstâncias estudadas no domínio que são em número de dez. Por esse raciocínio, o percentual mais expressivo é de gerúndio

composto, de 42%, que corresponde a 47 dos 112 dados encontrados no domínio funcional, conforme os dados da tabela abaixo:

Tabela 36 – A complexidade estrutural na circunstância de causa.

Complexidade estrutural	Causa	Outros valores circunstanciais	Total/percentual
Gerúndio composto	47/42.0%	65/58.0%	112/5.0
Duplo gerúndio	1/7.1%	13/92.9%	14/0.6%
Gerúndio perifrástico simples	27/30.0%	63/70.0%	90/4.0%
Gerúndio simples	366/18.1	1655/81.9%	2021/90.3%
Gerúndio perifrástico complexo	1/50.0%	1/50.0%	2/0.1%
Total/percentual	442/19.7%	1797/80.3%	2239/100%

Fonte: o próprio pesquisador.

Aplicando-se o princípio da marcação, a partir do princípio da complexidade estrutural e da frequência, o esperado era que a forma menos complexa (gerúndio simples) fosse a forma mais frequente e a forma mais complexa fosse a forma menos frequente, mas, na circunstância de causa, forma menos complexa, o gerúndio simples, foi menos frequente e, a forma complexa, o gerúndio composto, foi mais frequente. O subprincípio da complexidade estrutural e o subprincípio da frequência foram confirmados para o duplo gerúndio e gerúndio perifrástico simples, que são formas complexas e menos frequentes na circunstância. Quanto ao gerúndio perifrástico complexo, há de relativizar-se o alto percentual, uma vez que só há duas ocorrências desse tipo de gerúndio no domínio funcional aspecto-circunstancial. O quadro a seguir apresenta a configuração da complexidade estrutural na circunstância:

Quadro 38 - Aplicação do princípio da Marcação à complexidade estrutural do gerúndio na circunstância de causa.

Complexidade estrutural	Causa	No domínio aspecto-circunstancial
Gerúndio composto	-marcado	+marcado
Duplo gerúndio	+marcado	+marcado
Gerúndio perifrástico simples	-marcado	+marcado
Gerúndio simples	+marcado	-marcado
Gerúndio perifrástico complexo	-marcado	+marcado

Fonte: o próprio pesquisador.

A explicação para o fato de as formas complexas terem-se apresentado como as formas mais frequentes e não-marcadas para a circunstância de causa tem respaldo no princípio da expressividade proposto por Dubois e Votre (2012). Propomos, em conformidade com os autores, que a complexidade estrutural e cognitiva atribuída a essas construções

complexas são neutralizadas, pelas seguintes razões: a) a expressão da circunstância de causa pelas perífrases gerundivas é mais livremente processada, porque essas construções trazem um verbo na forma finita, a quem se pode atribuir a autoria da causa; b) a noção circunstancial de causa expressa por gerúndio composto exige menos atenção para o processamento porque apresenta a causa como fato concluído, definido, realizado. Esse equilíbrio que diminui o esforço cognitivo compensa a complexidade da estrutura, conforme se pode perceber nos exemplos seguintes, que trazem as circunstâncias de causa em perífrase gerundiva e em gerúndio composto.

(208) E como hei-de eu acreditar que tudo isso é verdade, *se tu vais explicando coisas que eu não posso ver com os meus olhos*, perguntou Baltasar (E 20 2 MC 48).

(209) A festa *tendo-se acabado* recolheram á senzala pelo portão (...). (B 19 2 HC 68).

b) Noções temporais

Quanto às noções temporais associadas à circunstância de causa, foram encontrados 334 dados de gerúndio para anterioridade, 88 dados para cotemporalidade, 8 dados para posterioridade, 8 dados para passado e 4 dados para presente. Nossa hipótese era de que a circunstância de causa fosse associada com mais frequência à anterioridade, visto que a causalidade, frequentemente, antecede o escopo da consequência, na sequenciação do tempo, o que foi comprovado pelos dados. As noções de tempo foram analisadas em relação ao tempo expresso na oração matriz, mas nem sempre a relação de causa e consequência se estabelece com a oração matriz, pode se dar entre orações subordinadas. Por outro lado, como a noção de causa associou-se a diferentes construções gerundivas, houve também a manifestação de tempos verbais absolutos, como presente e passado. Vejamos a tabela abaixo:

Tabela 37 – As noções temporais na circunstância de causa.

Noções temporais	Causa	Outros valores circunstanciais	Total/percentual
Anterioridade	334/42.4%	453/57.6%	787/35.1%
Cotemporalidade	88/7.7%	1053/92.3%	1141/51.0%
Posterioridade	8/3.3%	237/96.7%	245/10.9%
Atemporalidade	0/0.0%	3/100.0%	3/0.1%
Passado	8/29.6	19/70.4%	27/1.2%
Presente	4/15.4	22/84.6%	26/1.2%
Futuro	0/0.0%	10/100.0%	10/0.4%

Total/percentual	442/19.7%	1797/80.3%	2239/100.0%
-------------------------	-----------	------------	-------------

Fonte: o próprio pesquisador.

Empregando-se o princípio da marcação, a partir do subprincípio da frequência, a noção de anterioridade é não-marcada na circunstância de causa e tem nível intermediário de marcação no domínio funcional aspecto-circunstancial; já a de cotemporalidade é marcada na circunstância e não-marcada no domínio. O quadro abaixo especifica os níveis de marcação para as noções temporais.

Quadro 39- Aplicação do princípio da Marcação às noções temporais do gerúndio na circunstância de causa.

Noções temporais	Causa	No domínio aspecto-circunstancial
Anterioridade	--marcado	--marcado
Cotemporalidade	++marcado	--marcado
Posterioridade	++marcado	+marcado
Passado	-+marcado	++marcado
Presente	+marcado	++marcado

Fonte: o próprio pesquisador.

Novamente, acionamos o princípio da expressividade para explicar o fato de a noção de anterioridade ser não-marcada, divergindo da tendência apresentada no domínio funcional. Cognitivamente, é mais fácil processar a noção de causa quando antecede, no tempo, o fato por ela desencadeado do que a causa apresentada como uma noção cotemporal ou posterior. Poder-se-ia questionar o porquê de o passado não ter sido selecionado para ser a categoria não-marcada, em vez de anterioridade. Isso se justifica, estatisticamente, pela baixa frequência das perífrases gerundivas, que podem codificar formalmente o passado, frente à alta frequência de gerúndio composto associado à circunstância de causa, que manifesta a noção de anterioridade em relação à consequência.

c) Noções aspectuais

No que se refere aos valores aspectuais associados à circunstância de causa, a quantidade mais expressiva de dados está relacionada à pontualidade no aspecto perfectivo (39 dados) e à cursividade (279 dados) e à pontualidade (116 dados) no aspecto imperfectivo. Nossa hipótese era que, na circunstância de causa, houvesse maior frequência de dados no aspecto perfectivo, já que a circunstância de causa pressupõe efeito ou consequência, o que seria mais evidente quando resultado de situações ou eventos perfectivos, sem distinção de

fases, que são causa. A tabela seguinte apresenta os resultados referentes à circunstância de causa.

Tabela 38 – Os valores aspectuais na circunstância de causa.

Aspecto	Valores aspectuais	Causa	Outros valores circunstanciais	Total/percentual
Perfectivo	Pontual	39/53.4%	34/46.6%	73/3.3%
	Iterativo	1/33.3%	2/66.7%	3/0.1%
Imperfectivo	Cursivo	279/22.4%	965/77.6%	1244/55.6%
	Pontual	116/15.1%	650/84.9%	766/34.2%
	Iterativo	2/2.5%	79/97.5%	81/3.6%
	Incoativo	3/12.0%	22/88.0%	25/1.1%
	Terminativo	2/4.3%	45/95.7%	47/2.1%
	Total/percentual	442/19.7%	1797/80.3%	2239/100%

Fonte: o próprio pesquisador.

Aplicando-se o princípio da marcação, com base no subprincípio da frequência, a distribuição das noções aspectuais na circunstância de causa obedece à seguinte lógica: o aspecto perfectivo pontual é não-marcado, o aspecto cursivo e pontual imperfectivos e o aspecto iterativo perfectivo de marcação intermediária e os demais valores aspectuais são marcados. O quadro a seguir mostra a distribuição escalar das noções aspectuais associadas à circunstância de causa.

Quadro 40 - Aplicação do princípio da Marcação às noções aspectuais do gerúndio na circunstância de causa.

Noções aspectuais	Causa	No domínio aspecto-circunstancial
Pontual perfectivo	--marcado	++marcado
Iterativo perfectivo	+-marcado	++marcado
Cursivo	+-marcado	--marcado
Pontual imperfectivo	+-marcado	+-marcado
Iterativo imperfectivo	++marcado	++marcado
Incoativo	+-marcado	++marcado
Terminativo	++marcado	++marcado

Fonte: o próprio pesquisador.

O aspecto perfectivo pontual associado à noção de causa contraria a tendência no domínio funcional aspecto-circunstancial, mas se coaduna com as outras categorias estudadas nesta circunstância, confirmando o princípio da expressividade, isto é, uma circunstância de causa, que ocorre com o traço de tempo anterioridade e associada a aspecto perfectivo pontual é processada mais livremente e com menor esforço, sendo, portanto, essas categorias não-marcadas.

d) Modalidade

Em se tratando da modalidade na circunstância de causa, foram encontrados 428 dados de modalidade factual, que correspondem à frequência de 20.8%, e 14 dados de modalidade não-factual, que se referem à frequência de 7.7%, conforme a tabela seguinte.

Tabela 39 – A modalidade na circunstância de causa.

Modalidade	Causa	Outros valores circunstanciais	Total/percentual
Factual	428/20.8%	1628/79.2%	2056/91.8%
Não-factual	14/7.7%	169/92.3%	183/8.2%
Total/percentual	442/19.7%	1797/80.3%	2239/100.0%

Fonte: o próprio pesquisador.

Quanto ao princípio da marcação, modalidade factual é esperada para ser mais frequente, já que se refere a situações passadas, reais, factuais, cujo processamento se dá de forma mais livre, requer menos atenção, portanto, mais frequente e menos complexa, nos termos de Givón (1990). O quadro a seguir mostra a distribuição da modalidade associada à circunstância de causa.

Quadro 41 - Aplicação do princípio da Marcação à modalidade do gerúndio na circunstância de causa.

Modalidade	Causa	No domínio aspecto-circunstancial
Factual	- marcado	- marcado
Não-factual	+ marcado	+ marcado

Fonte: o próprio pesquisador.

A modalidade factual confirma o princípio da marcação e se ajusta às outras categorias que contribuem para a ocorrência da circunstância de causa, uma vez que a modalidade factual é mais facilmente associada a fatos passados, definidos, que estão associados a aspecto perfectivo.

e) Século e variedade do Português

A distribuição dos dados de gerúndio que expressam a circunstância de causa por século e variedade do Português revela que, no Português europeu, os séculos XVI e XX apresentam menor número de dados e menor percentual, se comparados aos séculos XVIII e XIX que concentram o maior número de ocorrências e maior percentual. No caso do Português brasileiro, o maior número de dados de gerúndio associado à circunstância de causa

está concentrado no século XIX, que apresenta percentual e número quatro vezes maior que o século XX. Ao compararmos os últimos dois séculos nas duas variedades, podemos verificar que o Português europeu apresenta 871 dados de gerúndio, dos quais 171 são de circunstância de causa, ao passo que o Português brasileiro apresenta para o mesmo período 489 dados de gerúndio, dos quais 52 são da circunstância de causa, desmitificando a ideia de que se usa na variedade brasileira mais gerúndio que na variedade europeia, o que não é válido para todos os contextos.

Tabela 40 – Cruzamento entre século e variedade do Português na circunstância de causa.

		Século XVI	Século XVII	Século XVIII	Século XIX	Século XX	Total/percentual
Português Europeu	Causa	46/17%	53/24%	120/31%	95/24%	76/16%	390/22%
	Outras circunstâncias	220/83%	170/76%	270/69%	307/76%	393/84%	1360/78%
	Total/percentual	266/100%	223/100%	390/100%	402/100%	469/100%	1750/100%
Português Brasileiro	Causa	-	-	-	42/17%	10/4%	52/11%
	Outras circunstâncias	-	-	-	205/83%	232/96%	437/89%
	Total/percentual	-	-	-	247/100%	242/100%	489/100%

Fonte: o próprio pesquisador.

Aplicando-se o princípio da marcação, em termos de frequência, em natureza escalar, a circunstância de causa apresenta-se como a categoria menos marcado no século XVIII na variedade do Português europeu e no século XIX na variedade do Português brasileiro, conforme o quadro seguinte.

Quadro 42 - Aplicação do princípio da Marcação ao cruzamento entre século e variedade do Português na circunstância de causa.

		Século XVI	Século XVII	Século XVIII	Século XIX	Século XX
Português Europeu	Causa	--marcado	--marcado	++marcado	++marcado	++marcado
	Outras circunstâncias	++marcado	++marcado	--marcado	--marcado	--marcado

Português Brasileiro	Causa	-	-	-	--marcado	++marcado
	Outras circunstâncias	-	-	-	--marcado	--marcado

Fonte: o próprio pesquisador.

5.3.4 Consequência

O traço semântico mais notável nesta circunstância é a expressão de um efeito ou consequência que foi causado em outra oração, conforme exemplo abaixo.

(210) Com este concerto se acabou o primeiro combate, *deixando a Ionna goftoza & fatiffeita* (E 17 2 HCE 67)

Considerando a definição dessa circunstância, passemos a analisar os 131 dados de gerúndio encontrados no domínio aspecto-circunstancial, que correspondem à frequência de 5.9%.

a) Complexidade estrutural

Em relação à complexidade estrutural das construções gerundivas na circunstância de consequência, foram encontrados 131 dados, dos quais 118 são de gerúndio simples, 8 de gerúndio perifrástico simples e 4 de gerúndio composto. Em termos de frequência, o gerúndio perifrástico simples foi o que teve maior percentual (8.9%), seguido do duplo gerúndio (7.1%) e gerúndio simples (5.8%). Outra vez, lembramos que o percentual é calculado com base no número total de ocorrências no domínio funcional, ou seja, dos 14 dados de gerúndio composto, 1 dado está associado à circunstância de causa e os outros 13 estão distribuídos em todas as outras circunstâncias. A tabela seguinte apresenta a distribuição dos dados de gerúndio, quanto à complexidade estrutural, na circunstância de causa.

Tabela 41 – A complexidade estrutural na circunstância de consequência.

Complexidade estrutural	Consequência	Outros valores circunstanciais	Total/percentual
Gerúndio composto	4/3.6%	108/96.4%	112/5.0%
Duplo gerúndio	1/7.1%	13/92.9%	14/0.6%

Gerúndio perifrástico simples	8/8.9%	82/91.1%	90/4.0%
Gerúndio perifrástico complexo	0/0.0%	2/100.0%	2/0.1%
Gerúndio simples	118/5.8%	1903/94.2%	2021/90.3%
Total/percentual	131/5.9%	2108/94.1%	2239/100.0%

Fonte: o próprio pesquisador.

Aplicando-se o princípio da marcação, o gerúndio perifrástico simples é a categoria não-marcada para a circunstância de consequência; ao passo que o gerúndio composto é a categoria marcada. Numa posição intermediária, adotando-se a marcação em natureza escalar, estão o duplo gerúndio e o gerúndio simples. Vejamos o quadro a seguir.

Quadro 43 - Aplicação do princípio da Marcação quanto à complexidade estrutural do gerúndio na circunstância de consequência.

Complexidade estrutural	Consequência	No domínio aspecto-circunstancial
Gerúndio composto	+marcado	+marcado
Duplo gerúndio	+marcado	+marcado
Gerúndio perifrástico simples	-marcado	+marcado
Gerúndio simples	+/-marcado	-marcado
Gerúndio perifrástico complexo	+marcado	+marcado

Fonte: o próprio pesquisador.

Apenas o gerúndio composto confirma o princípio da marcação, em termos de frequência e complexidade estrutural, ao apresentar-se como categoria marcada para a circunstância de consequência, o que é perfeitamente adequado visto que esta estrutura complexa é não-marcada para a circunstância de causa e não poderia figurar como categoria não-marcada para duas circunstâncias de significado contrários entre si. Por outro lado, o gerúndio perifrástico simples, também uma estrutura complexa, apresenta-se como a categoria não-marcada, com percentual de frequência muito próximo ao gerúndio simples. Acionamos o princípio da expressividade, proposto por Dubois e Votre (2012), para propor que a estrutura complexa é não-marcada para esta circunstância em virtude de ser, juntamente com o gerúndio simples, a que mais se associou ao aspecto cursivo e à posterioridade na circunstância de consequência, que são categorias não-marcadas para a circunstância de consequência, como veremos nas alíneas seguintes. Isso explica o fato de o gerúndio simples apresentar-se como categoria intermediária, com tendência à categoria não-marcada.

b) Noções temporais

Quanto às noções temporais associadas à consequência, a noção de posterioridade apresentou 119 dados; a de posterioridade, 5 dados; a anterioridade, tempo presente e tempo futuro, 2 dados cada e a de tempo passado, 1 dado. Nossa hipótese era a de que as noções de posterioridade e tempo futuro apresentassem o maior número de dados e maior percentual de uso, tendo em vista que a consequência é resultado de alguma situação (a causa) que a antecedeu e, se essa situação antecedente ocorre em um tempo passado ou presente, a situação consequente só poderia ocorrer no tempo futuro (para as perífrases) ou posterior (no caso das construções com gerúndio simples). A tabela abaixo apresenta a distribuição dos dados de gerúndio quanto às noções temporais associadas à consequência.

Tabela 42 – As noções temporais na circunstância de consequência.

Noções temporais	Consequência	Outros valores circunstanciais	Total/percentual
Passado	1/3.7%	26/96.3%	27/1.2%
Presente	2/7.7%	24/92.3%	26/1.2%
Futuro	2/20.0%	8/80.0%	10/0.4%
Anterioridade	2/0.3%	785/99.7%	787/35.1%
Cotemporalidade	5/0.4%	1136/99.6%	1141/51.0%
Posterioridade	119/48.6%	126/51.4%	245/10.9%
Atemporalidade	0/0.0%	3/100.0%	3/0.1%
Total/percentual	131/5.9%	2108/94.1%	2239/100.0%

Fonte: o próprio pesquisador.

Aplicando-se o princípio da marcação, a noção de posterioridade surge na circunstância de consequência como a categoria não-marcada, contrariando a tendência do que ocorre no domínio funcional, mas confirmando o que é esperado para a circunstância, já que a noção de posterioridade deve ser a mais frequente para enfatizar a noção de consequência, que ocorre após outra situação que é causa.

Quadro 44 - Aplicação do princípio da Marcação às noções temporais do gerúndio na circunstância de consequência.

Noções temporais	Consequência	No domínio aspecto-circunstancial
Anterioridade	+marcado	--marcado
Cotemporalidade	+marcado	--marcado
Posterioridade	-marcado	+--marcado
Passado	+marcado	++marcado
Presente	+marcado	++marcado
Futuro	+--marcado	++marcado

Fonte: o próprio pesquisador.

Vejamos, nos exemplos a seguir, que a noção de posterioridade, no gerúndio simples, e futuro, no gerúndio perifrástico, são compatíveis com a noção de consequência, como facto prospectivo:

(211) Os foguetes continuavam a subir para o céu e estouravam lá em cima, *provocando* ecos atrás da igreja. (B 20 1 CC 27)

(212) e atrás do caixão segue o duque de Cadaval velho, por ser mordomo-mor da rainha, cuja, se tem entranhas de mãe, *estará chorando o seu filho* (...) (E 20 2 MC 67)

Por outro lado, também é esperado que as noções de cotemporalidade e anterioridade, bem como a de tempo passado, comportassem-se como categorias marcadas para esta circunstância, visto que é menos natural uma situação de consequência que aconteça em um tempo anterior ou simultâneo.

c) Noções aspectuais

Em relação às noções aspectuais associadas à circunstância de consequência, destacamos os seguintes valores aspectuais: no aspecto imperfectivo, o valor cursivo identificado em 82 ocorrências, que correspondem à frequência de 6.6%; o valor pontual foi associado a 38 dados, que equivalem à frequência 5.0%; o valor de incoatividade ocorreu em 02 dados, cuja frequência corresponde a 8.0%; já o valor pontual associado à perfectividade ocorreu em 3 dados, cuja frequência foi de 4.1%. Nossa hipótese era que os dados de gerúndio na circunstância de consequência estivessem relacionados a aspecto cursivo para evidenciar a duratividade da consequência no tempo, mas o percentual mais significativo fornecido pelo programa estatístico foi para o valor de incoatividade, que faz referência ao início da noção de consequência. Os dados são especificados na tabela a seguir.

Tabela 43 – Os valores aspectuais na circunstância de consequência.

Aspecto	Valores aspectuais	Consequência	Outros valores circunstanciais	Total/percentual
Perfectivo	Pontual	3/4.1%	70/95.9%	73/3.3%
	Iterativo	0/0.0%	3/100.0%	3/0.1%
Imperfectivo	Cursivo	82/6.6%	1162/93.4%	1244/55.6%
	Pontual	38/5.0%	728/95.0%	766/34.2%
	Iterativo	4/4.9%	77/95.1%	81/3.6%
	Incoativo	2/8.0%	23/92.0%	25/1.1%
	Terminativo	2/4.3%	45/95.7%	47/2.1%
	Total/percentual	131/5.9%	2108/94.1%	2239/100.0%

Fonte: o próprio pesquisador.

Aplicando-se o princípio da marcação, pelo subprincípio da frequência, o aspecto cursivo e o incoativo apresentam-se como categorias não-marcadas para a circunstância de consequência, para evidenciar o efeito progressivo da consequência.

Quadro 45 - Aplicação do princípio da Marcação às noções aspectuais do gerúndio na circunstância de consequência.

Noções aspectuais	Consequência	No domínio aspecto-circunstancial
Pontual perfectivo	+marcado	++marcado
Iterativo perfectivo	+marcado	++marcado
Cursivo	-marcado	--marcado
Pontual imperfectivo	+marcado	-+marcado
Iterativo imperfectivo	+marcado	++marcado
Incoativo	-marcado	++marcado
Terminativo	+marcado	++marcado

Fonte: o próprio pesquisador.

As noções de tempo posterioridade e o valor aspectual cursivo são compatíveis entre si e com a circunstância de consequência, o que deve figurar como baixa complexidade cognitiva no processamento dessa circunstância.

d) Modalidade

A respeito da modalidade das construções gerundivas na circunstância de consequência, foram encontrados 127 dados de modalidade factual, cuja frequência correspondente é 6.2%, e 4 dados de modalidade não-factual. Por se tratar do valor circunstancial de consequência, era esperado que a modalidade factual fosse a mais frequente e usual. É o que se vê na tabela seguinte.

Tabela 44 – A modalidade na circunstância de consequência.

Modalidade	Consequência	Outros valores circunstanciais	Total/percentual
Factual	127/6.2%	1929/93.8%	2056/91.8%
Não-factual	4/2.2%	179/97.8	183/ 8.2%
Total/percentual	131/5.9%	2108/94.1%	2239/100.0%

Fonte: o próprio pesquisador.

Considerando o princípio da marcação, a modalidade factual apresenta-se como a menos complexa, processada com menos esforço, mais frequente e, portanto, a categoria não-marcada. A modalidade factual tem confirmado o princípio proposto por Givón em todas as circunstâncias analisadas. Veja-se o quadro seguinte.

Quadro 46 - Aplicação do princípio da Marcação à modalidade do gerúndio na circunstância de consequência

Modalidade	Consequência	No domínio aspecto-circunstancial
Factual	-marcada	-marcada
Não-factual	+marcada	+marcada

Fonte: o próprio pesquisador.

Como a circunstância de consequência foi associada, mais frequentemente, à noção de tempo posterior e a aspecto cursivo e incoativo, poder-se-ia esperar que ela fosse associada à modalidade não-factual, mas isso não se concretizou nos dados analisados, que também apresentaram expressivo percentual de incoatividade, que marca o início da situação de consequência, mais compatível com a modalidade factual.

e) Século e variedade do Português

Na distribuição dos dados de gerúndio que expressam consequência, fazendo-se o cruzamento entre século e variedade do Português, os dados revelam que, no Português europeu, há certa restrição da expressão dessa circunstância no século XVI, com apenas 06 dados, e considerável aumento nos séculos seguintes, tendo sido o século XVIII o que apresentou o maior número de dados. Já no Português brasileiro, o século XIX tem o dobro da quantidade de dados encontrados no século XX, embora os números referentes à circunstância de consequência sejam pouco expressivos na variedade brasileira, apenas 12 dados frente aos 61 dados encontrados na variedade europeia, considerando-se os dois últimos séculos.

Tabela 45– Cruzamento entre século e variedade do Português na circunstância de consequência.

		Século XVI	Século XVII	Século XVIII	Século XIX	Século XX	Total/ Percentual
Português Europeu	Consequência	6/2%	14/6%	38/10%	29/7%	32/7%	119/7%
	Outras circunstâncias	260/98%	209/94%	352/90%	373/93%	437/93%	1631/93%
	Total/ percentual	266/100%	223/100%	390/100%	402/100%	469/100%	1750/100%
Português Brasileiro	Consequência	-	-	-	8/3%	4/2%	12/2%
	Outras circunstâncias	-	-	-	239/97%	238/98%	477/98%

	Total/ percentual	-	-	-	247/100%	242/100%	489/100%
--	------------------------------	---	---	---	----------	----------	----------

Fonte: o próprio pesquisador.

Aplicando-se o princípio da marcação, a partir do subprincípio da frequência, no Português europeu, a circunstância de consequência tem maior frequência da e apresenta-se como a categoria não-marcada no século XVIII e, no Português brasileiro, a circunstância é não-marcada no século XIX, conforme quadro a seguir.

Quadro 47 - Aplicação do princípio da Marcação ao cruzamento entre século e variedade do Português na circunstância de consequência.

		Século XVI	Século XVII	Século XVIII	Século XIX	Século XX
Português Europeu	Consequência	+marcado	+marcado	-marcado	+marcado	+marcado
	Outras circunstâncias	-marcado	-marcado	-marcado	-marcado	-marcado
Português Brasileiro	Consequência	-	-	-	-marcado	+marcado
	Outras circunstâncias	-	-	-	-marcado	-marcado

Fonte: o próprio pesquisador.

5.3.5 Condição

O traço semântico mais significativo nesta circunstância é exprimir um estado de coisas que deve ser tomado como condição necessária para que outra situação se realize ou seja impedida de se realizar, como se pode ver no exemplo seguinte.

(213) (...) e então subiremos ao ar, com o vento, ou com o sopro dos foles, se o vento faltar, mas torno a dizer, *faltando o éter*, falta-nos tudo. (E 20 2 MC 57)

Guiados por essa definição e pelas categorias que selecionamos para análise, passemos a descrever os resultados fornecidos pelo Goldvarx para os 144 dados de gerúndio na circunstância de condição, equivalentes à frequência de 6,4%.

a) Complexidade estrutural

Na circunstância de condição, foram encontrados 136 dados de gerúndio simples, que correspondem a 6.7% de frequência; 6 dados de gerúndio composto, que equivalem a 5.4% de frequência, e 1 dado de gerúndio composto e 1 dado de gerúndio perifrástico complexo, cuja frequência, respectivamente, equivalem a 7.1% e 50%. Dos dois dados de gerúndio perifrástico complexo encontrados no domínio aspecto-circunstancial, um corresponde à circunstância de causa, como vimos, e outro à circunstância de condição, o que explica os percentuais tão altos. Vejamos como se distribuem os dados de condição na tabela abaixo.

Tabela 46 – A complexidade estrutural na circunstância de condição.

Complexidade estrutural	Condição	Outros valores circunstanciais	Total/percentual
Gerúndio composto	6/5.4%	106/94.6%	112/5.0%
Duplo gerúndio	1/7.1%	13/92.9%	14/0.6%
Gerúndio simples	136/6.7%	1885/93.3%	2021/90.3%
Gerúndio perifrástico simples	0/0.0%	90/100.0%	90/4.0%
Gerúndio perifrástico complexo	1/50.0	1/50.0%	2/0.1%
Total/percentual	144/6.4%	2095/93.6%	2239/100.0%

Fonte: o próprio pesquisador.

Empregando-se o princípio da marcação, pelo subprincípio da frequência e da complexidade estrutural, o gerúndio simples apresenta-se como a categoria não-marcada, já que é menos complexa e é mais frequente. Como há apenas 1 dado de duplo gerúndio e 1 dado de gerúndio perifrástico complexo, seu percentuais devem ser relativizados e como são estruturas complexas, atribuímos que sejam estruturas marcadas. Vejamos o quadro a seguir.

Quadro 48 - Aplicação do princípio da Marcação à complexidade estrutural do gerúndio na circunstância de condição.

Complexidade estrutural	Condição	No domínio aspecto-circunstancial
Gerúndio composto	+ -marcado	+ -marcado
Duplo gerúndio	+marcado	+marcado
Gerúndio simples	-marcado	-marcado
Gerúndio perifrástico complexo	+marcado	+marcado

Fonte: o próprio pesquisador.

O gerúndio composto apresenta-se como uma categoria intermediária para a circunstância de condição, apresentando frequência muito próxima da categoria não-marcada, embora seja estruturalmente complexo.

b) Noções temporais

No que se refere às noções temporais associadas à circunstância de condição, foram encontrados 130 dados com a noção de anterioridade, que equivalem a 16.5%; 8 dados com a noção de cotemporalidade, cuja frequência é de 0,7%; 3 dados de posterioridade, que correspondem à frequência de 1.2%; 2 dados de tempo passado, que equivalem à frequência de 7.4% e 1 dado de atemporalidade, que corresponde à frequência de 33.3%. Assim como interpretamos, de modo relativo, a alta frequência atribuída ao gerúndio perifrástico complexo nas circunstâncias de modo e de condição, que correspondem a um único dado, devemos relativizar a alta frequência atribuída à noção de atemporalidade, que toma como referência um total de ocorrência de 3 dados no *corpus*. Nossa hipótese era a de que as noções temporais de anterioridade e de passado fossem as mais frequentes na circunstância de condição, já que essa noção pressupõe que a situação por ela descrita seja satisfeita para que outra situação seja realizada. Como lidamos com narrativas do passado, essas noções têm mais probabilidade de ocorrer. Vejamos a distribuição das noções temporais na circunstância de condição.

Tabela 47 – As noções temporais na circunstância de condição.

Noções temporais	Condição	Outros valores circunstanciais	Total/percentual
Presente	0/0.0%	26/100.0%	26/1.2%
Passado	2/7.4%	25/92.6%	27/1.2%
Futuro	0/0.0%	10/100.0%	10/0.4%
Anterioridade	130/16.5%	657/83.5%	787/35.1%
Cotemporalidade	8/0.7%	1133/99.3%	1141/51.0%
Posterioridade	3/1.2%	242/98.8%	245/10.9%
Atemporalidade	1/33.3%	2/66.7%	3/ 0.1
Total/percentual	144/6.4%	2095/93.6%	2239/100.0%

Fonte: o próprio pesquisador.

Segundo o princípio da marcação, a noção de anterioridade, expressa no gerúndio simples, apresenta-se como a categoria não-marcada. Do ponto de vista da complexidade cognitiva, as noções atemporalidade, anterioridade, cotemporalidade e posterioridade aparentam ser mais complexas que as noções temporais formais (passado, presente e futuro), que se manifestam por desinências, por exigirem mais atenção para seu processamento. Contudo, a alta frequência de gerúndio simples na circunstância contraria tal suposição. Como as noções de tempo passado e anterioridade foram as mais expressivas (desconsiderando-se a frequência de 33.3% ao dado de atemporalidade), fica claro que, para esta circunstância, o que

é mais saliente é sua localização como referência de tempo (uma referência condicional) para que outra situação aconteça. Vejamos o quadro seguinte.

Quadro 49 - Aplicação do princípio da Marcação às noções temporais do gerúndio na circunstância de condição.

Noções temporais	Condição	No domínio aspecto-circunstancial
Anterioridade	-marcada	--marcado
Cotemporalidade	+marcada	--marcado
Posterioridade	+marcada	+--marcado
Passado	+marcada	++marcado

Fonte: o próprio pesquisador.

c) Noções aspectuais

A respeito das noções aspectuais vinculadas à circunstância de condição, os dados de gerúndio revelaram que: no aspecto perfectivo, foram encontrados 4 dados com o valor de pontualidade, cuja frequência atribuída é 5.5%, e 1 dado de iteratividade, cuja frequência correspondente é 33.3%; no aspecto imperfectivo, foram encontrados 79 dados para cursividade, com frequência de 6.4%, 57 dados de pontualidade, com frequência 7.4%, 1 dado de iteratividade e 2 dados de terminatividade, cujas frequências são de 1.2% e 4.3%, respectivamente. Vejamos a distribuição dos dados na tabela subsequente.

Tabela 48 – Os valores aspectuais na circunstância de condição.

Aspecto	Valores aspectuais	Condição	Outros valores circunstanciais	Total/percentual
Perfectivo	Pontual	4/5.5%	69/94.5%	73/3.3%
	Iterativo	1/33.3%	2/66.7%	3/0.1%
Imperfectivo	Cursivo	79/6.4%	1165/93.6%	1244/55.6%
	Pontual	57/7.4%	709/92.6%	766/34.2%
	Iterativo	1/1.2%	80/98.8%	81/3.6%
	Incoativo	0/0.0%	25/100.0%	25/1.1%
	Terminativo	2/4.3%	45/95.7%	47/2.1%
	Total/percentual	144/6.4%	2095/93.6%	2239/100.0%

Fonte: o próprio pesquisador.

A aplicação do princípio da marcação, pelo princípio da frequência, para as noções aspectuais vinculadas à circunstância de condição revela que o valor pontual e o valor cursivo são as categorias mais frequentes, desconsiderando-se o percentual de 33.3% para 1 dado de aspecto perfectivo iterativo.

Quadro 50 - Aplicação do princípio da Marcação às noções aspectuais do gerúndio na circunstância de condição.

Noções aspectuais	Condição	No domínio aspecto-circunstancial
Pontual perfectivo	+marcado	++marcado
Iterativo perfectivo	+marcado	++marcado
Cursivo	-marcado	--marcado
Pontual imperfectivo	-marcado	-+marcado
Iterativo imperfectivo	+marcado	++marcado
Terminativo	+marcado	++marcado

Fonte: o próprio pesquisador.

d) Modalidade¹¹⁷

Em relação à modalidade associada à circunstância de condição nas construções gerundivas, foram encontrados 47 dados de modalidade factual e 97 dados de modalidade não-factual. Nossa hipótese era de que a circunstância de condição teria maior frequência vinculada a dados de modalidade não-factual, uma vez que essa circunstância exige que algumas condições sejam satisfeitas para que a situação escopo da condição se realize. Os dados comprovaram essa hipótese, como se pode ver na tabela seguinte.

Tabela 49 – A modalidade na circunstância de condição.

Modalidade	Condição	Outros valores circunstanciais	Total/percentual
Factual	47/2.3%	2009/97.7%	2056/91.8%
Não-factual	97/53.0%	86/47.0%	183/8.2%
Total/percentual	144/6.4%	2095/93.6%	2239/100.0%

Fonte: o próprio pesquisador.

Pela aplicação do princípio da marcação, a modalidade factual é menos complexa, mais frequente e não-marcada no domínio funcional e a modalidade não-factual mais complexa, menos frequente e marcada. Vejamos o quadro seguinte.

¹¹⁷ As condicionais podem ser estudadas, quanto à modalidade, sob o escopo da factualidade, eventualidade e contra-factualidade, conforme Neves (1999): a) condicionais factuais/reais – aquelas que são concebidas como reais (o enunciado da prótase é concebido como real, portanto, o enunciado da apódose também será concebido como real); b) condicionais contrafactuais/irreais – que comunicam uma falsidade segura, repousam sobre a não-realidade, estados de coisas não-existentes; e c) condicionais eventuais/potenciais – que são construções cuja prótase repousa sobre a eventualidade. Se a condição é satisfeita, o enunciado da apódose é tido como certo. Embora essas subdivisões sejam do nosso interesse, não foi possível contemplá-la nesta pesquisa, tendo em vista grande número de categorias em análise.

Quadro 51 - Aplicação do princípio da Marcação à modalidade do gerúndio na circunstância de condição.

Modalidade	Condição	No domínio aspecto-circunstancial
Factual	+marcada	-marcada
Não-factual	-marcada	+marcada

Fonte: o próprio pesquisador.

Na circunstância de condição, essa lógica se inverte, visto que essa circunstância expressa uma situação, que deve ser tomada como referência temporal e aspectual para que outra situação se realize ou seja impedida de se realizar. A situação que toma essa condição como referência é uma situação prospectiva e eventual e, como tal, pode ou não se realizar, o que explica a vinculação da modalidade não-factual a esta circunstância. Há, portanto, uma recompensa cognitiva para a interpretação da circunstância, um equilíbrio discursivo, para ficarmos na esteira do princípio da expressividade, proposto por Dubois e Votre (2012).

e) Século e variedade do Português

Ao se fazer o cruzamento dos dados de gerúndio que expressam a circunstância de condição, considerando-se o século e as variedades do Português, percebe que, no Português europeu, o século XVIII é o mais produtivo em construções gerundivas associadas a essa circunstância, tendo sido encontrados 50 dados, que correspondem a um percentual de 13% dos 128 dados da variedade europeia; em seguida, temos o século XX como o segundo a apresentar maior número de dados, 40 ocorrências, que equivalem a percentual de 9%. Nos séculos XVI e XVII, houve pequena quantidade de dados de gerúndio expressando condição, se compararmos a outros séculos. Já no Português brasileiro, o século XIX foi o que apresentou o maior número de dados, 11 dados, cuja frequência é de apenas 4%. Considerando-se os dois últimos séculos nas duas variedades, temos 16 dados para o Português brasileiro em detrimento aos 63 dados do Português europeu, situação comparável às outras circunstâncias que vimos analisando, em que os dados da variedade europeia são mais numerosos que os da variedade brasileira:

Tabela 50 – Cruzamento entre século e variedade do Português na circunstância de condição.

		Século XVI	Século XVII	Século XVIII	Século XIX	Século XX	Total/percentual
Português Europeu	Condição	12/5%	3/1%	50/13%	23/13%	40/9%	128/7%
	Outras circunstâncias	254/95%	220/99%	340/87%	379/94%	429/91%	1622/93%

	Total/ percentual	266/100%	223/100%	390/100%	402/100%	469/100%	1750/100%
Português Brasileiro	Condição	-	-	-	11/4%	5/2%	16/3%
	Outras circunstâncias	-	-	-	236/96%	237/98%	473/97%
	Total/ percentual	-	-	-	247/100%	242/100%	489/100%

Fonte: o próprio pesquisador.

Aplicando-se o princípio da marcação, por meio do subprincípio da frequência, a circunstância de condição aparece com o mesmo percentual nos séculos XVIII e XIX, no Português europeu configurando-se como categoria não-marcada, ao passo que, no Português brasileiro, é quem a circunstância configura-se como não-marcada no século XIX. Vejamos o quadro seguinte.

Quadro 52 - Aplicação do princípio da Marcação ao cruzamento entre século e variedade do Português na circunstância de condição.

		Século XVI	Século XVII	Século XVIII	Século XIX	Século XX
Português Europeu	Condição	+marcado	+marcado	-marcado	-marcado	+marcado
	Outras circunstâncias	-marcado	-marcado	-marcado	-marcado	-marcado
Português Brasileiro	Condição	-	-	-	-marcado	-marcado
	Outras circunstâncias	-	-	-	-marcado	-marcado

Fonte: o próprio pesquisador.

Nas subseções seguintes, que tratam das circunstâncias de concessão, finalidade, proporcionalidade, comparatividade e conformatividade, que apresentaram menor número de dados em nosso *corpus*, apresentaremos os dados e os percentuais relativos a cada categoria em uma única tabela, uma vez que lidamos com grande número de categorias, que gerariam tabelas com poucos dados. Manteremos, contudo, tabelas com a comparação entre as duas variedades do Português, quando houver dados para as duas variedades.

5.3.1.6 Concessão

O traço semântico desta circunstância é indicar uma concessão ou contraste, a partir da qual uma situação se realiza, contrariando as expectativas, conforme o exemplo seguinte.

(214) (...) de tanto dormir com Blimunda, e com ela quase todas as noites ter dares e tomares da carne, começava a haver em Baltasar um luzeiro espiritual de dupla visão, que, *não dando para mais profundas penetrações*, é quanto basta para observações sumárias como esta (E 20 2 MC 77)

No que diz respeito à complexidade estrutural das construções gerundivas associadas à circunstância de concessão, foram encontrados apenas 67 dados, que correspondem à frequência de 3.0%. Desses dados, 58 são de gerúndio simples, 5 de gerúndio composto e 4 de gerúndio perifrástico simples, que equivalem, respectivamente, aos percentuais de 2.9%, 4.5% e 4.4%. Em se tratando das noções temporais associadas a essa circunstância, as noções de anterioridade e cotemporalidade foram as que apresentaram maior quantidade de dados, com 40 e 24 dados expressando tal noção temporal, cuja frequência é 5.1% e 2.1%, respectivamente. No que diz respeito às noções aspectuais, 50 dos 67 dados estão associados ao valor de cursividade e 11 ao valor de pontual, no aspecto imperfectivo. Em relação à modalidade, a grande maioria dos dados refere-se à modalidade factual, tendo sido encontradas 64 ocorrências com esse valor modal. Vejamos a distribuição dos dados na tabela abaixo.

Tabela 51 – Categorias analisadas na circunstância de concessão.

Categorias de análise	Subcategorias de análise	Concessão	Outros valores circunstanciais	Total/percentual
Complexidade estrutural	Gerúndio simples	58/2.9%	196397.1%	2021/90.3
	Gerúndio composto	5/4.5%	107/95.5%	112/5.0%
	Duplo gerúndio	0/0.0%	14/100.0%	14/0.6%
	Gerúndio perifrástico simples	4/4.4%	86/95.6%	90/4.0%
	Gerúndio perifrástico complexo	0/0.0%	2/100.0%	2/0.1%
Noções temporais	Passado	1/3.8%	25/96.2%	26/1.2%
	Presente	2/7.4%	25/92.6%	27/1.2%
	Futuro	0/0.0%	10/100.0%	10/0.4%

	Anterioridade	40/5.1%	747/94.9%	787/35.1%
	Cotemporalidade	24/2.1%	1117/97.9%	1141/51.0%
	Posterioridade	0/0.0%	245/100.0%	245/10.9%
	Atemporalidade	0/0.0%	3/100.0%	3/0.1%
Valores aspectuais	Pontual perfectivo	1/1.4%	72/98.6%	73/3.3%
	Iterativo perfectivo	1/33.3%	2/66.7%	3/0.1%
	Cursivo	50/4.0%	1194/96.0%	1244/55.6%
	Pontual	11/1.4%	755/98.6%	766/34.2%
	Iterativo	1/1.2%	80/98.8%	81/3.6%
	Incoativo	2/8.0%	23/92.0%	25/1.1%
	Terminativo	1/2.1%	46/97.9%	47/2.1%
Modalidade	Factual	64/3.1%	1992/96.9%	2056/91.8%
	Não-factual	3/1.6%	180/98.4%	183/8.2%
	Total/percentual	67/3.0%	2172/97.0%	2239/100.0%

Fonte: o próprio pesquisador.

Empregando-se o princípio da marcação, o gerúndio simples apresentou-se como a categoria não-marcada, menos complexa estruturalmente, e mais frequente (se considerada a relação entre número de dados e percentual) frente às outras categorias, confirmando o que prevê o princípio da marcação quanto a frequência e complexidade estrutural. No que diz respeito às noções temporais, o tempo presente e a noção de anterioridade apresentaram frequência expressiva, do que se apreende que o tempo presente é a categoria não-marcada frente às outras noções temporais, mas a noção de anterioridade ocupa posição intermediária com tendência à não-marcação na circunstância, embora seja menos frequente no domínio funcional. Quanto às noções aspectuais, foram mais frequentes as noções de incoatividade e cursividade do aspecto imperfectivo, com percentual mais alto para a primeira. Sugerimos que a noção de cursividade apresenta uma posição intermediária, com tendência a ser não-marcada, assim como no domínio, embora a incoatividade tenha apresentado percentual mais expressivo. Se considerássemos as noções binariamente, como prevê originalmente o princípio givoniano, o valor aspectual cursivo seria não-marcado em detrimento aos outros valores aspectuais. Quanto à modalidade, a modalidade factual apresenta-se como a mais frequente e, portanto, menos marcada. Vejamos o quadro seguinte.

Quadro 53- Aplicação do princípio da Marcação às categorias de análise do gerúndio na circunstância de concessão.

Categorias	Concessão	No domínio aspecto-circunstancial
Gerúndio simples	- marcado	-- marcado
Gerúndio composto	+marcado	++marcado

Gerúndio perifrástico simples	+marcado	++marcado
Presente	-marcado	++marcado
Passado	+marcado	++marcado
Cotemporalidade	+marcado	+ - marcado
Anterioridade	-+marcado	++marcado
Pontual perfectivo	+marcado	++marcado
Iterativo perfectivo	+marcado	++marcado
Cursivo	-+marcado	-- marcado
Pontual imperfectivo	+marcado	-+ marcado
Iterativo imperfectivo	+marcado	++ marcado
Incoativo	-marcado	++ marcado
Terminativo	+marcado	++ marcado
Factual	-marcado	--marcado
Não-factual	+ marcado	++marcado

Fonte: o próprio pesquisador.

Na distribuição dos dados associados à circunstância de concessão, a partir do cruzamento das duas variedades do Português e dos séculos pesquisados, verifica-se o seguinte: dos 67 dados da circunstância de concessão, 54 são provenientes do Português europeu, distribuídos pelos cinco séculos pesquisados e os outros 13 distribuídos nos dois séculos do Português brasileiro; tanto no Português europeu, quanto no Português brasileiro, o maior número de dados ocorre no século XX. Os dados da tabela seguinte explicitam a distribuição das construções gerundivas por século e variedade do Português.

Tabela 52 – Cruzamento entre século e variedade do Português na circunstância de concessão.

		Século XVI	Século XVII	Século XVIII	Século XIX	Século XX	Total/percentual
Português Europeu	Concessão	5/2%	8/4%	10/3%	6/1%	25/5%	54/3%
	Outras circunstâncias	261/98%	215/96%	380/97%	396/99%	444/95%	1696/97%
	Total/percentual	266/100%	223/100%	390/100%	402/100%	469/100%	1750/100%
Português Brasileiro	Concessão	-	-	-	5/2%	8/3%	13/3%
	Outras circunstâncias	-	-	-	242/98%	234/97%	476/97%
	Total/percentual	-	-	-	247/100%	242/100%	489/100%

Fonte: o próprio pesquisador.

Empregando-se o princípio da marcação, a circunstância de concessão é não-marcada no século XX no Português europeu e no Português brasileiro. A circunstância de

concessão é marcada em relação às outras circunstâncias juntas, conforme se pode verificar no quadro seguinte.

Quadro 54 - Aplicação do princípio da Marcação ao cruzamento entre século e variedade do Português na circunstância de concessão.

		Século XVI	Século XVII	Século XVIII	Século XIX	Século XX
Português Europeu	Concessão	+marcado	+marcado	+marcado	+marcado	- marcado
	Outras circunstâncias	- marcado	- marcado	- marcado	- marcado	- marcado
Português Brasileiro	Concessão	-	-	-	+marcado	-marcado
	Outras circunstâncias	- marcado	- marcado	- marcado	- marcado	- marcado

Fonte: o próprio pesquisador.

Estamos considerando a circunstância como categoria marcada em relação às outras circunstâncias juntas, tendo em vista o baixo percentual de ocorrência da circunstância, apenas 3.0%.

5.3.7 Finalidade

Esta circunstância exprime a finalidade, o objetivo ou a intenção por que foi realizada uma situação expressa na oração matriz, como no exemplo abaixo.

(215) (...) o qual nomeará logo para elles os Juizes certos que lhe parecer; e estes os sentenciarão também verbalmente, *impondo aos Reos a pena de trabalharem com braga nas obras da mesma cidade*, a que tem dado hum taõ geral escandalo (E 18 2 MPT 130)

Foram encontrados 40 dados de gerúndio associados à circunstância de finalidade, que equivalem à frequência 1.8% em relação a 98,2 das outras circunstâncias juntas. Em se tratando da complexidade estrutural do gerúndio nessa circunstância, foram encontrados 33 casos de gerúndio simples e 7 casos de gerúndio perifrástico simples, que correspondem, respectivamente, a 1.6% e 7.8%.

Em relação às noções temporais, foram encontrados 3 dados de presente e 1 de futuro, cuja frequência equivale a 11.5% e 10%, respectivamente; 9 dados associados à noção de cotemporalidade, com frequência de 0.8%, 23 dados relacionados à noção de posterioridade, com frequência 9.4%, 3 dados de anterioridade, 0.4% de frequência, e 1 caso de atemporalidade, com frequência de 33.3%. Nossa hipótese era a de que essa noção circunstancial de finalidade fosse vinculada à noção de posterioridade, visto que a finalidade é decorrente de outra situação que lhe é anterior no tempo. Pode-se afirmar que os dados confirmam a hipótese, já que o percentual de 33.3% atribuído à noção de atemporalidade refere-se a uma única ocorrência dessa noção temporal vinculada à finalidade, em todo o domínio, o que se torna pouco representativo.

No que diz respeito às noções aspectuais vinculadas à noção de finalidade, foram encontrados apenas dados de aspecto imperfectivo: 28 ocorrências com valor cursivo e frequência de 9.4%; 9 com valor pontual e frequência de 1.2%; 2 com valor incoativo e frequência de 8.0%, e apenas 1 dado com valor terminativo e frequência de 1.6%.

Com relação à modalidade, encontramos 33 dados de gerúndio com a circunstância de finalidade associados à modalidade factual, cuja frequência corresponde a 1.6%, e 7 dados associados à modalidade não-factual, cuja frequência equivale a 3.8%. Como a circunstância de finalidade pode não ocorrer, porque depende de outros fatores no mundo real, essa circunstância é associada mais frequentemente à modalidade não-factual.

Tabela 53 – Categorias analisadas na circunstância de finalidade.

Categorias de análise	Subcategorias de análise	Finalidade	Outros valores circunstanciais	Total/percentual
Complexidade estrutural	Gerúndio simples	33/1.6%	1988/98.4%	2021/90.3%
	Gerúndio composto	0/0.0%	112/100.0%	112/5.0%
	Duplo gerúndio	0/0.0%	14/100.0%	14/0.6%
	Gerúndio perifrástico simples	7/7.8%	83/92.2%	90/4.0%
	Gerúndio perifrástico complexo	0/0.0%	2/100.0%	2/0.1%
Noções temporais	Passado	0/0.0%	27/100.0%	27/1.2%
	Presente	3/11.5%	23/88.5%	26/1.2%
	Futuro	1/10.0%	9/90.0%	10/0.4%
	Anterioridade	3/0.4%	784/99.6%	787/35.1%
	Cotemporalidade	9/0.8%	1132/99.2%	1141/51.0%

	Posterioridade	23/9.4%	222/90.6%	245/10.9%
	Atemporalidade	1/33.3%	2/66.7%	3/0.1%
Valores aspectuais	Pontual perfectivo	0/0.0%	73/100.0%	73/3.3%
	Iterativo perfectivo	0/0.0%	3/100.0%	3/0.1%
	Cursivo	28/2.3%	1216/97.7%	1244/55.6%
	Pontual	9/1.2%	757/98.8%	766/34.2%
	Iterativo	0/0.0%	81/100.0%	81/3.6%
	Incoativo	2/8.0%	23/92.0%	25/1.1%
	Terminativo	1/2.1%	46/97.9%	47/2.1%
Modalidade	Factual	33/1.6%	2023/98.4%	2056/91.8%
	Não-factual	7/3.8%	176/96.2%	183/8.2%
	Total/percentual	40/1.8%	2199/98.2%	2239/100%

Fonte: o próprio pesquisador.

Ao se empregar o princípio da marcação, verificamos que há inversão quanto ao que prevê o subprincípio da complexidade estrutural, visto que o gerúndio simples, a forma mais simples, é a categoria marcada para circunstância de finalidade em detrimento ao gerúndio perifrástico simples, forma mais complexa, que se apresentou como a categoria não-marcada e mais frequente, que são, respectivamente, categorias não-marcada e marcada no domínio funcional. Acionamos, novamente, o princípio da expressividade para explicar o fato de uma categoria complexa ser mais frequente: atribuímos à situação específica desta categoria o fato de finalidade expressa por uma perífrase ficar mais definida que a expressa apenas por gerúndio simples, o que facilitaria o processamento da circunstância.

A esse propósito, vejamos que, no exemplo (215), pode surgir a dúvida se A oração “...*impondo* aos Reos a pena de trabalharem com braga nas obras da mesma cidade...” seria o modo como a sentença será aplicada ou com que finalidade será. Categorizamos tal situação como finalidade, visto que a oração anterior (estes os sentenciarão também verbalmente) já traz um advérbio de modo, o que reforçaria a circunstância de finalidade na oração iniciada por gerúndio. A mesma dificuldade não se justifica quando a oração é construída com perífrases gerundivas, como no exemplo seguinte, cuja noção de finalidade não se confunde com outra.

(216) *E para que alguma coisa se fosse adiantando entretanto*, estendeu a mão à esmola, primeiro a um fidalgo que de boa maré lha deu, depois, por distração, a um frade mendicante que passava exibindo uma imagem e oferecendo-a ao ósculo devoto, com o que João Elvas acabou por largar o que tinha recebido. (E 20 2 MC 36)

Quanto ao valor aspectual, na circunstância de finalidade, o valor aspectual cursivo é a categoria não-marcada e mais frequente, assim como ocorre no domínio funcional. Há, contudo, uma tendência ao valor aspectual incoativo manifestar-se como categoria não-marcada, já que sua frequência foi relativamente alta. Quanto à modalidade, na circunstância de finalidade, a modalidade não-factual mostra-se como mais frequente e não-marcada. Isso pode estar associado à frequência da noção de posterioridade, que, embora se apresentando como categoria de marcação intermediária, favorece uma interpretação não-factual, uma vez que a interpretação temporal de posterioridade, assim como a de tempo futuro, é compatível com a modalidade não-factual.

Quadro 55 - Aplicação do princípio da Marcação às categorias de análise do gerúndio na circunstância de finalidade.

Categorias	Finalidade	No domínio aspecto-circunstancial
Gerúndio simples	+marcado	-- marcado
Gerúndio perifrástico simples	-marcado	++marcado
Presente	-marcado	++marcado
Passado	+marcado	++marcado
Cotemporalidade	+marcado	+ - marcado
Posttemporalidade	+ - marcado	+ - marcado
Atemporalidade	+marcado	++marcado
Pontual perfectivo	+marcado	++marcado
Iterativo perfectivo	+marcado	++marcado
Cursivo	-+marcado	-- marcado
Pontual imperfectivo	+marcado	-+ marcado
Iterativo imperfectivo	+marcado	++ marcado
Incoativo	-marcado	++ marcado
Terminativo	+marcado	++ marcado
Factual	+marcado	--marcado
Não-factual	-marcado	++marcado

Fonte: o próprio pesquisador.

Comparando-se as duas variedades do Português, novamente, a variedade europeia apresenta maior número de dados, quando se observam os dois últimos séculos da história da língua, com 10 dados para o Português europeu e apenas 6 dados para o Português brasileiro. O gerúndio com valor de finalidade foi pouco expressivo nas duas variedades, correspondendo a percentuais de 1% para a variedade brasileira e 2% para a variedade europeia, que teve maior frequência de uso dessa circunstância no século XVII, conforme os dados da tabela seguinte.

Tabela 54 – Cruzamento entre século e variedade do Português na circunstância de finalidade.

		Século XVI	Século XVII	Século XVIII	Século XIX	Século XX	Total/percentual
Português Europeu	Finalidade	7/3%	12/5%	6/2%	6/1%	4/1%	35/2%
	Outras circunstâncias	259/97%	211/95%	384/98%	396/99%	465/99%	1715/98%
	Total/percentual	266/100%	223/100%	390/100%	402/100%	469/100%	1750/100%
Português Brasileiro	Finalidade	-	-	-	1/0.4%	4/2%	5/1%
	Outras circunstâncias	-	-	-	246/99.6%	238/98%	484/99%
	Total/percentual	-	-	-	247/100%	242/100	489/100%

Fonte: o próprio pesquisador.

Lançando-se mão do princípio da marcação, a circunstância de finalidade apresenta-se como categoria não-marcada para no Português europeu, no século XVII e, para o Português brasileiro, o século XIX, como se pode verificar no quadro a seguir.

Quadro 56 - Aplicação do princípio da Marcação ao cruzamento entre século e variedade do Português na circunstância de finalidade.

		Século XVI	Século XVII	Século XVIII	Século XIX	Século XX
Português Europeu	Finalidade	+marcado	-marcado	+marcado	+marcado	+marcado
	Outras circunstâncias	-marcado	-marcado	-marcado	-marcado	-marcado
Português Brasileiro	Finalidade	+marcado	+marcado	+marcado	-marcado	+marcado
	Outras circunstâncias	-	-	-	-marcado	-marcado

Fonte: o próprio pesquisador.

Considerando-se o subprincípio da frequência, a circunstância de finalidade apresenta-se como uma categoria marcada em relação às outras circunstâncias, cuja frequência no domínio foi de apenas 1.8%.

5.3.8 Comparação

O traço semântico fundamental da circunstância de comparação é estabelecer uma comparação com a ação indicada pelo verbo da oração matriz. Aplicando-se essa definição, foram encontrados 16 dados de gerúndio, cuja frequência é 0.3% no domínio aspecto-circunstancial, conforme o seguinte exemplo.

(217) E ergueu o livro no ar, na ponta dos dedos, *como se estivesse segurando uma proveta* onde se agitasse uma colônia de micróbios. (B 20 1 CC 73)

No que diz respeito à complexidade estrutural das construções gerundivas na circunstância de comparação¹¹⁸, no domínio aspecto-circunstancial, foram encontrados 9 dados de gerúndio perifrástico simples, com frequência de 10%, 2 dados de gerúndio composto, com frequência de 1.8%, e 5 dados de gerúndio simples, com frequência de 0.2%.

Quanto às noções temporais vinculadas à circunstância de comparação, houve 2 dados de passado, com frequência de 7.4%; 6 dados de presente, com frequência de 23.1%, 7 dados de cotemporalidade, com frequência de 0.6%, e 1 dado de posterioridade, com frequência de 0.4%. O esperado era que houvesse alta frequência da circunstância de comparatividade associada à cotemporalidade, visto que é mais natural se comparar situações que têm a mesma localização no tempo. Os dados apontam uma preferência pelo tempo presente em tais situações, o que está associado às perífrases gerundivas que codificam a circunstância de comparação. Em relação aos valores aspectuais, foram encontrados 14 dados com valor cursivo, que correspondem à frequência de 1.1%, e 2 dados de iterativo, que equivalem à frequência de 2.5%. Quanto à modalidade, todos os dados foram associados à modalidade factual.

Tabela 55 – Categorias analisadas na circunstância de comparação.

Categorias de análise	Subcategorias de análise	Comparação	Outros valores circunstanciais	Total/percentual
Complexidade estrutural	Gerúndio perifrástico simples	9/10.0%	81/90.0%	90/4.0%
	Gerúndio composto	2/1.8%	110/98.2%	112/5.0%
	Duplo gerúndio	0/0.0%	14/100.0%	14/0.6%

¹¹⁸¹¹⁸ A comparação é uma questão de grau na Nomenclatura Gramatical Brasileira. Aqui, não levamos em conta a questão do grau, mas apenas o estabelecimento da comparação.

	Gerúndio simples	5/0.2%	2016/99.8%	2021/90.3%
	Gerúndio perifrástico complexo	0/0.0%	2/100.0%	2/0.1%
Noções temporais	Passado	2/7.4%	25/92.6%	27/1.2%
	Presente	6/23.1%	20/76.9%	26/1.2%
	Futuro	0/0.0%	10/100.0%	10/0.4%
	Anterioridade	0/0.0%	787/100.0%	787/35.1%
	Cotemporalidade	7/0.6%	1134/99.4%	1141/51.0%
	Posterioridade	1/0.4%	244/99.6%	245/10.9%
	Atemporalidade	0/0.0%	3/100.0%	3/0.1%
Valores aspectuais	Pontual perfectivo	0/0.0%	73/100.0%	73/3.3%
	Iterativo perfectivo	0/0.0%	3/100.0%	3/0.1%
	Cursivo	14/1.1%	1230/98.9%	1244/55.6%
	Pontual	0/0.0%	766/100.0%	766/34.2%
	Iterativo	2/2.5%	79/97.5%	81/3.6%
	Incoativo	0/0.0%	25/100.0%	25/1.1%
	Terminativo	0/0.0%	47/100.0%	47/2.1%
Modalidade	Factual	16/0.8%	2040/99.2%	2056/91.8%
	Não-factual	0/0.0%	183/100.0%	183/8.2%

Fonte: o próprio pesquisador.

Ao se aplicar o princípio da marcação para circunstância de comparação, verifica-se que há uma distorção entre o que prevê o princípio para a estrutura da categoria marcada, que deve ser mais complexa e menos frequente, já o gerúndio perifrástico simples, uma estrutura complexa, apresentou-se como categoria mais frequente nessa circunstância. Esse fato pode ser explicado pelo que prevê o princípio da expressividade, isto é, a estrutura é mais complexa apenas do ponto de vista estrutural, porém, mais simples do ponto de vista cognitivo, uma vez que seria menos árduo estabelecer a comparação entre dois elementos por meio de verbos finitos, o que só é possível, entre as construções gerundivas, por meio das perífrases - a propósito, veja o exemplo (217). Assim sendo, é natural que a forma complexa mais frequente seja o gerúndio perifrástico simples e não o gerúndio perifrástico complexo, que teria o mesmo efeito, mas seria uma construção muito mais longa, ou o gerúndio composto e duplo gerúndio, que são desprovidos de um verbo finito. Por outro lado, a estrutura simples criaria um empecilho para estabelecer a comparação.

No que diz respeito às noções temporais, o presente foi a categoria mais frequente e não-marcada, em detrimento às outras noções, e a noção de cotemporalidade apresentou-se como categoria marcada, contrariando a tendência observada no domínio funcional. Por outro lado, a noção de posterioridade e o tempo passado acompanharam a tendência do domínio,

apresentando-se como categorias marcadas. Atribuimos esse comportamento quanto ao princípio ao fato de a estrutura mais frequente ter sido o gerúndio perifrástico simples, que codifica um tempo verbal absoluto (presente, passado, futuro), ao passo que as outras construções expressam uma noção temporal. Vejamos o quadro seguinte.

Quadro 57 - Aplicação do princípio da Marcação às categorias de análise do gerúndio na circunstância de comparação.

Categorias	Comparação	No domínio aspecto-circunstancial
Gerúndio simples	+ marcado	- marcado
Gerúndio composto	+ marcado	+ marcado
Gerúndio perifrástico simples	- marcado	+ marcado
Passado	+ marcado	+ marcado
Presente	- marcado	+ marcado
Cotemporalidade	+ marcado	- marcado
Posterioridade	+ marcado	+ marcado
Cursivo	- marcado	- marcado
Iterativo imperfectivo	- marcado	+ marcado
Factual	- marcado	- marcado
Não-factual	+ marcado	+ marcado

Fonte: o próprio pesquisador.

Comparando-se as duas variedades do Português, ainda que se tenham encontrado poucos dados nas duas variedades, a variedade europeia concentra o maior número de ocorrências, com 11 dados em detrimento dos 3 dados encontrados na variedade brasileira, quando se observam os séculos XIX e XX juntos.

Tabela 56 – Cruzamento entre século e variedade do Português na circunstância de comparação.

		Século XVI	Século XVII	Século XVIII	Século XIX	Século XX	Total/percentual
Português Europeu	Comparação	1/0.3%	1/0.4%	0/0.0%	6/1%	5/1%	13/1%
	Outras circunstâncias	265/99.7%	222/99.6%	390/100%	396/99%	464/99%	1737/99%
	Total/percentual	266/100%	223/100%	390/100%	402/100%	469/100%	1750/100%
Português Brasileiro	Comparação	-	-	-	1/0.4%	2/1%	3/1%
	Outras circunstâncias	-	-	-	246/99.6%	240/99%	486/99%
	Total/percentual	-	-	-	247/100%	242/100%	489/100%

Fonte: o próprio pesquisador.

Acionando-se o princípio da marcação, por meio do subprincípio da frequência, os séculos XIX e XX apresentam maior número de dados, e a circunstância de comparação têm tendência a ser a categoria não-marcada no Português europeu para esses séculos, ao passo que no Português brasileiro, no século XX, percebe-se tal tendência. Tendo em vista a pequena quantidade de dados, só podemos falar em tendência dessas categorias na circunstância de comparação, conforme quadro seguinte.

Quadro 58 - Aplicação do princípio da Marcação ao cruzamento século e variedade do Português na circunstância de comparação.

		Século XVI	Século XVII	Século XVIII	Século XIX	Século XX
Português Europeu	Comparação	+marcado	+marcado	+marcado	-marcado	-marcado
	Outras circunstâncias	-marcado	-marcado	-marcado	-marcado	-marcado
Português Brasileiro	Comparação	+marcado	+marcado	+marcado	+marcado	-marcado
	Outras circunstâncias	-	-	-	+marcado	-marcado

Fonte: o próprio pesquisador.

5.3.9 Proporcionalidade

O traço semântico mais evidente nesta circunstância é expressar uma situação que ocorre simultaneamente à situação descrita na oração matriz, mas que mantém entre si uma ligação lógica entre elas em termos de intensidade. Vejamos um exemplo.

(218) Succedeo-lhe seu filho o grande D. Affonso Henriques que, com animo tão esforçado, tanto dilatou os limites desta Monarchia, de que veio a ser primeiro Rei titular; o qual, passando da Beira á Estremadura, e da Estremadura ao Alemtejo, levando tudo adiante de si, *á proporção que ia conquistando, ia doando terras* (E 19 1 GEP 89)

Foram encontrados 6 dados de construções gerundivas associados à circunstância de proporção, todos na variedade do Português europeu, divididos, por séculos do seguinte modo: séculos XVI e XVII, dois dados cada; séculos XVIII e XIX, 1 dado cada; e nenhum

dado no século XX. Quanto à complexidade estrutural, encontramos 4 dados de gerúndio simples, que equivalem à frequência de 0.2%, e 2 dados de gerúndio perifrástico simples, que correspondem a 2.2% de frequência. No que diz respeito às noções temporais, houve 2 dados associados à anterioridade, 2 dados à posterioridade, 1 dado à cotemporalidade e 1 dado a tempo presente. Esperávamos que os dados referentes a essa circunstância ocorressem com maior frequência na noção de cotemporalidade, para marcar a proporcionalidade de uma situação em referência à outra, mas os poucos dados se dividiram em quase todas as noções temporais. Em se tratando do aspecto, todos os dados são associados ao valor aspectual de cursividade, cuja frequência equivale a 0.5%. Vejamos os dados na tabela abaixo.

Tabela 57 – Categorias analisadas na circunstância de proporção.

Categorias de análise	Subcategorias de análise	Proporção	Outros valores circunstanciais	Total/percentual
Complexidade estrutural	Gerúndio simples	4/0.2%	2017/99.8%	2021/90.3%
	Gerúndio composto	0/0.0%	112/100.0%	112/5.0%
	Duplo gerúndio	0/0.0%	14/100.0%	14/0.6%
	Gerúndio perifrástico simples	2/2.2%	88/97.8%	90/4.0%
	Gerúndio perifrástico complexo	0/0.0%	2/100.0%	2/0.1%
Noções temporais	Passado	0/0.0%	26/100%	26/1.2%
	Presente	1/3.7%	26/96.3%	27/1.2%
	Futuro	0/0.0%	10/100.0%	10/0.4%
	Anterioridade	2/0.3%	785/99.7%	787/35.1%
	Cotemporalidade	1/0.1%	1140/99.9%	1141/51.0%
	Posterioridade	2/0.8%	243/99.2%	245/10.9%
	Atemporalidade	0/0.0%	3/100.0%	3/0.1%
Valores aspectuais	Pontual perfectivo	0/0.0%	73/100.0%	73/3.3%
	Iterativo perfectivo	0/0.0%	3/100.0	3/0.1%
	Cursivo	6/0.5%	1238/99.5%	1244/55.6%
	Pontual	0/0.0%	766/100.0%	766/34.2%
	Iterativo	0/0.0%	81/100.0%	81/3.6%
	Incoativo	0/0.0%	25/100.0%	25/1.1%
	Terminativo	0/0.0%	47/100.0%	47/2.1%
Modalidade	Factual	3/0.1%	2053/99.9%	2056/91.8%
	Não-factual	3/1.6%	180/98.4%	183/8.2%
Século	Século XVI	2/0.8%	264/99.2%	266/11.9%
	Século XVII	2/0.9%	221/99.1%	223/10.0%
	Século XVIII	1/0.3%	389/99.7%	390/17.4%
	Século XIX	1/0.2%	648/99.8%	649/29.0%

	Século XX	0/0.0%	711/100.0	711/31.8
Variedade do Português	Português europeu	6/0.3%	1744/99.7%	1750/78.2
	Português brasileiro	0/0.0%	489/100.0%	489/21.8%
	Total/percentual	6/0.3%	2233/99.7	2239/100%

Fonte: o próprio pesquisador.

Ao se aplicar o princípio da marcação, na circunstância de proporção, o gerúndio simples apresentou-se como a categoria marcada e o gerúndio perifrástico simples como a categoria não-marcada. Ao que nos parece, é mais árduo construir uma oração gerundiva nesta circunstância por meio de gerúndio simples, sob o risco de não ficar evidente a relação lógica de proporção, como se pode perceber no exemplo (219), abaixo, em que se interpretou como circunstância proporcional o trecho *lidando em ha lide & perigo desta vyda* (= a proporção que luta na lida e perigo desta vida), a partir da qual o oração *a vitoria he feyta mays forte & mays nobre dos caualleiros de xpo* (= a vitória é feita mais forte e mais nobre dos cavaleiros de Cristo) deve ser interpretada.

(219) E per taaes ledes & combatimentos q' os caualleiros de jfũrpo am com os em mygos infernaões hufando efto faz effe há cauallaria mays percebuda pa lidar & pera fe guardar & a vitoria he feyta mays forte & mays nobre dos caualleiros de xpo *lidando em ha lide & perigo desta vyda* (E 16 1 BD 52)

Desse modo, o princípio da expressividade é adequado para explicar o fato de termos uma estrutura complexa como mais frequente e não-marcada.

Quadro 59 - Aplicação do princípio da Marcação às categorias de análise do gerúndio na circunstância de proporção.

Categorias	Proporção	No domínio aspecto-circunstancial
Gerúndio simples	+ marcado	- marcado
Gerúndio perifrástico simples	- marcado	+ marcado
Presente	-marcado	+marcado
Anterioridade	+marcado	+marcado
Cotemporalidade	+marcado	- marcado
Posterioridade	+marcado	+ marcado
Cursivo	-marcado	- marcado
Factual	+ marcado	- marcado
Não-factual	- marcado	+ marcado
Século XVI	+ marcado	+ marcado
Século XVII	- marcado	+ marcado

Século XVIII	+ marcado	+ marcado
Século XIX	+ marcado	- marcado
Século XX	+ marcado	- marcado
Português europeu	- marcado	- marcado
Português brasileiro	+ marcado	+ marcado

Fonte: o próprio pesquisador.

Em vista aos poucos dados referentes à circunstância de proporcionalidade, esta deve ser vista como uma categoria marcada, menos frequente, em detrimento das outras circunstâncias.

5.3.10 Conformidade

Semanticamente, a circunstância de conformidade evoca uma regra, um modelo, uma referência, a partir de que a situação expressa na oração matriz se realiza ou deve ser interpretada, como no exemplo seguinte.

(220) – mas *como eu ia dizendo*, agora estão falando sobre um assunto que conheço como ninguém: a Terra do Cão (B 20 2 BI 36).

Todos os dados de gerúndio na circunstância de conformidade são de gerúndio perifrástico simples, que correspondem à frequência de 0,3% em relação às outras circunstâncias, e se realizam no tempo passado (4 dados, cuja frequência é de 14,8%) e tempo presente (2 dados, cuja frequência é de 7,7%), com aspecto imperfectivo cursivo, cuja frequência relativa aos 6 dados é de 0,5%, e correspondem à modalidade factual, com frequência de 0,3%. É o que se vê na tabela seguinte.

Tabela 58 – Categorias analisadas na circunstância de conformidade.

Categorias de análise	Subcategorias de análise	Conformidade	Outros valores circunstanciais	Total/percentual
Complexidade estrutural	Gerúndio simples	0/0.0%	2021/100.0%	2021/90.3%
	Gerúndio composto	0/0.0%	112/100.0%	112/5.0%
	Duplo gerúndio	0/0.0%	14/100.0%	14/0.6%
	Gerúndio perifrástico simples	6/6.7%	84/93.3%	90/4.0%
	Gerúndio perifrástico	0/0.0%	2/100.0%	2/0.1%

	complexo			
Noções temporais	Passado	4/14.8%	23/85.2%	27/1.2%
	Presente	2/7.7%	24/92.3%	26/1.2%
	Futuro	0/0.0%	10/100.0%	10/0.4%
	Anterioridade	0/0.0%	787/100.0%	787/35.1%
	Cotemporalidade	0/0.0%	1141/100.0%	1141/51.0%
	Posterioridade	0/0.0%	245/100.0%	245/10.9%
	Atemporalidade	0/0.0%	3/100.0%	3/0.1%
Valores aspectuais	Pontual perfectivo	0/0.0%	73/100.0%	73/3.3%
	Iterativo perfectivo	0/0.0%	3/100.0%	3/0.1%
	cursivo	6/0.5%	1238/99.5%	1244/55.6%
	pontual	0/0.0%	766/100.0%	766/34.2%
	Iterativo	0/0.0%	81/100.0%	81/3.6%
	Incoativo	0/0.0%	25/100.0%	25/1.1%
	terminativo	0/0.0%	47/100.0%	47/2.1%
Modalidade	Factual	6/0.3%	2050/99.7%	2056/91.8%
	Não-factual	0/0.0%	183/100.0%	183/8.2%
	Total/percentual	6/0.3%	2233/99.7%	2239/100.0%

Fonte: o próprio pesquisador.

Ao se aplicar o princípio da marcação, verifica-se que a circunstância de conformidade, a exemplo que se percebeu em outras circunstâncias, contraria o princípio da marcação ao apresentar como categoria mais frequente e não-marcada uma estrutura complexa. Consideramos que a circunstância de conformidade impõe restrições para o gerúndio simples, uma vez que não foi encontrado nenhum dado nessa estrutura em nenhuma das variedades. A esse respeito, o exemplo (220) não poderia ser expresso numa forma simples, ainda que provido de uma conjunção subordinativa conformativa, mas poderia ser expresso por um verbo na forma finita ou em construção composta. Vejamos:

(220a) – mas *como dizendo*, agora estão falando sobre um assunto que conheço como ninguém: a Terra do Cão (*).

(220b) – mas *como dizia*, agora estão falando sobre um assunto que conheço como ninguém: a Terra do Cão.

(220c) – mas *como temos dito*, agora estão falando sobre um assunto que conheço como ninguém: a Terra do Cão.

Essa restrição parece se emparelhar com o princípio da expressividade, ao pressupor que formas complexas podem ser alçadas à condição de categoria não-marcada, para manter o equilíbrio discursivo. Como não houve ocorrências em outras estruturas, não

podemos lançar mão desse princípio, já que temos uma manifestação categórica da noção de circunstância numa estrutura complexa, mas, ainda assim, aventamos a hipótese de que o gerúndio perifrástico é a categoria mais frequente e não-marcada, já que outras formas podem expressar essa circunstância. Do mesmo modo, todos os dados da circunstância de conformidade apareceram vinculados à noção de aspecto cursivo e na modalidade factual, categorias não-marcadas e mais frequentes no domínio funcional. Considerando isso, também defendemos que essas categorias são não-marcadas na circunstância de conformidade. Vejamos como ficam as categorias quanto ao princípio da marcação no quadro seguinte.

Quadro 60 - Aplicação do princípio da Marcação às categorias de análise do gerúndio na circunstância de conformidade.

Categorias	Conformidade	No domínio aspecto-circunstancial
Gerúndio perifrástico simples	- marcado	+ marcado
Passado	-marcado	+ marcado
Presente	+marcado	+ marcado
Cursivo	-marcado	- marcado
Factual	- marcado	- marcado

Comparando-se as duas variedades, os 6 dados de gerúndio são divididos do seguinte modo: ocorrem 02 dados no português europeu, 1 no século XVII e outro no século XX, e 4 dados no Português brasileiro, todos no século XX.

Tabela 59 – Cruzamento entre século e variedade do Português na circunstância de conformidade.

		Século XVI	Século XVII	Século XVIII	Século XIX	Século XX	Total/percentual
Português Europeu	Conformidade	0/0.0%	1/0.4%	0/0.0%	0/0.0%	1/0.2%	2/0.1%
	Outras circunstâncias	266/100%	222/99.6%	390/100%	402/100%	468/99.8%	1748/99.9%
	Total/percentual	266/100%	223/100%	390/100%	402/100%	469/100%	1750/100%
Português Brasileiro	Conformidade	-	-	-	0/0.0%	4/2%	4/1%
	Outras circunstâncias	-	-	-	247/100%	238/98%	485/99%
	Total/percentual	-	-	-	247/100%	242/100%	489/100%

Fonte: o próprio pesquisador.

Aplicando-se o princípio da marcação, pelo princípio da frequência, o Português brasileiro favorece a circunstância de conformidade, em detrimento ao Português europeu, e a circunstância é não-marcada, no século XX, nessa variedade, em detrimento ao século XIX, visto que é o único século que contém dados nas duas variedades. Em relação ao Português europeu, a circunstância é não-marcada nos séculos XVII e XX, em detrimento aos outros séculos, conforme sugere o quadro a seguir.

Quadro 61 - Aplicação do princípio da Marcação ao cruzamento entre século e variedade do Português na circunstância de conformidade.

		Século XVI	Século XVII	Século XVIII	Século XIX	Século XX
Português Europeu	Conformidade	+marcado	-marcado	+marcado	+marcado	-marcado
	Outras circunstâncias	-marcado	-marcado	-marcado	-marcado	-marcado
Português Brasileiro	Conformidade	+marcado	+marcado	+marcado	+marcado	-marcado
	Outras circunstâncias	-	-	-	-marcado	-marcado

Fonte: o próprio pesquisador.

Consideremos que essas afirmações no que diz respeito ao século e à variedade da língua devem ser relativizadas, tendo em vista a pouca quantidade de dados na circunstância de conformidade.

Como o princípio da marcação orientou a discussão dos resultados em cada categoria de análise e em cada circunstância, cabe para esta etapa da análise a elaboração de uma escala de marcação para as circunstâncias aqui analisadas, com base nos princípios propostos por Givón e no comportamento funcional das construções gerundivas nessas circunstâncias com os dados de gerúndio. Aplicando-se o subprincípio da frequência, as circunstâncias podem ser agrupadas em quatro grupos: a) frequência alta – modo, tempo, causa; b) frequência média – consequência e condição; c) frequência baixa – concessão e finalidade e d) frequência muito baixa – proporção, comparação e conformidade. Pelo princípio da complexidade cognitiva, aventamos considerar três grupos: a) baixa complexidade – modo, tempo e causa; b) média complexidade – finalidade, comparatividade e conformatividade e c) alta complexidade – concessão. Esses dois critérios resultariam na seguinte escala de marcação para as circunstâncias:

Quadro 62 – Escala de marcação para os valores circunstanciais do gerúndio.

Circunstância	Subprincípio da complexidade cognitiva	Subprincípio da distribuição de Frequência	Escala de Marcação
Modo	Baixa	Muito alta	--marcado
Tempo	Baixa	Alta	--marcado
Causa	Baixa	Alta	--marcado
Consequência	Baixa	Média	-+marcado
Condição	Baixa	Média	-+marcado
Concessão	Alta	Baixa	++marcado
Finalidade	Baixa	Baixa	++marcado
Proporcionalidade	Alta	Muito baixa	++marcado
Comparatividade	Média	Muito baixa	++marcado
Conformatividade	Média	Muito baixa	++marcado

A divisão da complexidade cognitiva das circunstâncias partiu da natureza das próprias circunstâncias, o que explicaria, em termos, a frequência no domínio funcional aspecto-circunstancial, e foram baseadas nos seguintes argumentos:

(i) as circunstâncias de baixa complexidade cognitiva não exigem do interlocutor cálculos lógicos e ou semântico-discursivos para sua identificação. Trata-se de circunstâncias que expressam a organização do mundo biossocial (o tempo, a causa, a consequência, a condição), o modo de ser das coisas (o modo), a finalidade das coisas (finalidade), e estão associadas, mais intimamente, às experiências da vida em sociedade;

(ii) as circunstâncias de média complexidade exigem do interlocutor o conhecimento de um determinado estado de coisas, mas, diferentemente das circunstâncias de baixa complexidade, esse conhecimento não está, necessariamente, associado à organização do mundo biossocial, não é uma extensão da vida em sociedade, mas modelos sociais que vão surgindo (a comparação, a conformidade) que são comparados ou tomados como exemplos;

(iii) circunstâncias de alta complexidade, que exigem do interlocutor não apenas o reconhecimento de um estado de coisas, mas um cálculo semântico-discursivo ou lógico para que um segundo estado de coisas seja reconhecido: a proporção e concessão.

Na esteira desses argumentos, a escala de marcação resultaria em três níveis: a) as circunstâncias não-marcadas: modo, tempo, causa; b) as circunstâncias intermediárias: consequência, condição e finalidade e c) as circunstâncias marcadas: concessão, proporção, comparação e conformidade.

Uma escala de marcação, contudo, choca-se com o teor do princípio de marcação, cuja origem remonta à linguística estruturalista, praticada pela Escola Linguística Praga, e seguiu as formalizações na Fonologia estrutural, admitindo categorias que se contrapõem a partir da presença/ausência de uma propriedade, assim como se faz a oposição dos fonemas de uma língua e como se estabelece a noção de valor do signo linguístico. Contudo, há de se levar em consideração que os fenômenos de natureza semântico-sintática ou textual-discursiva parecem fugir a lógica bipartida da presença/ausência de traços, principalmente se admitirmos, e devemos admitir como manda o princípio, que uma categoria pode ser marcada em um domínio e ser não-marcada em outro, isto é, devemos considerar o contexto de uso da categoria em análise. Não se pode pensar em domínios discursivos como entidades discretas, que se localizam em polos opostos, mas em contínuos que têm ligações entre si. Do contrário, só poderíamos testar o princípio em dados provenientes da conversa informal espontânea em um polo e da escrita formal culta em outro. Se assim fosse, quem se ocuparia dos estágios intermediários?

Se é válido que as categorias devem ser testadas a cada novo contexto, também deve-se admitir uma escalaridade entre elas, isto é, há categorias que podem ser mais ou menos marcadas, são intermediárias e menos previsíveis quanto aos princípios de marcação. É o que pretendemos ao avaliar categorias em conjunto, como os valores aspectuais, as noções temporais, a complexidade estrutural etc. Obviamente, poder-se-ia eleger pares de categorias e testar os princípios de marcação em cada par, mas essa empreitada seria demais onerosa para lidar com grande número de dados e de categorias. Assim, defendemos que as categorias podem ser testadas em conjunto e em natureza escalar, desde que os resultados sejam discutidos à luz do que preveem os subprincípios da complexidade estrutural, complexidade cognitiva e da frequência e pelo princípio da expressividade.

Para o domínio aspecto-circunstancial, precisamos considerar, também, que as construções gerundivas não se restringem a expressar as circunstâncias associadas a aspecto, mas também são frequentemente empregadas para estabelecer os elos coesivos entre as orações do período, como se pode perceber nos exemplos a seguir.

(223) quando veyo a noute, q não o acharão, perguntarão aos parentes & amigos:
& não lhe **dando** nouas dele, **vendo** a Virgem perdida aquella joya diuina, cuja valia ella tam bém conhecia, **tendo** aquella espada que o sacto Simeõ lhe disse, *sempre atrauessada no*

coração: tornarão a Hierusalem sua busca & a cabo de três dias o acharão no templo assetado no meyo dos Doutores ouuindoos & perguntando-lhe. (E 16 2 MCM 53)

No exemplo acima, há dois períodos composto de orações (na terminologia da tradição normativa) que estão coordenados entre si: (i) *quando veyo a noute, q não o acharão, perguntarão aos parentes & amigos:* (ii) *& não lhe dando nouas dele, vendo a Virgem perdida aquella joya diuina, cuja valia ella tam bém conhecia, tendo aquella espada que o sacto Simeão lhe disse, sempre atrauessada no coração: tornarão a Hierusalem sua busca & a cabo de três dias o acharão no templo assetado no meyo dos Doutores ouuindoos & perguntando-lhe.* Os gerúndios *dando, vendo e tendo* expressam circunstâncias de causa, mas também mantêm a coesão do período composto, estabelecendo relação de sentido entre as orações gerundivas e a oração principal “*tornaram a Jerusalém*”. Além disso, esse excesso de gerúndio parece imprimir certa elegância ao texto, principalmente por manter o paralelismo sintático em construções que funcionam como cenário no qual uma construção mais saliente se realiza. Contudo, as construções com gerúndio parecem cumprir outras funções não menos importante para a tessitura textual. Considerem-se os exemplos a seguir:

(224) (...) *E sendo chegado o tẽpo de nossa redempção, a quinta feira pola manhã bespora de sexta feira em q’ o Señor auia de padecer, estando em Betania em casa de Magdalena & de Marta, disserãlhe seus discípulos: õde q’res Sñhor q’te aparelhemos a pascoa? (E 16 2 MCM 63)*

(225) *E tendo acabada a ceia do cordeiro, & tendo já o diabo metido no coração de Iuda Escariote q o vendesse, sabendo que o padre eterno entregara tudo em suas mãos, & q saira de Deos tomãdo carne humana e tornava a Deos ressurgindo & subindo aos ceos. Aleuantouse da mesa & tirou a vestidura, cingindo-se com hũa toalha, deitãdo agoa em hũa bacia, começou a lauar os pés de seus discípulos (E 16 2 MCM 66)*

O excesso de gerúndio em um mesmo período oracional cumpre ainda a função de manter a narrativa em suspense, mantendo vivo na memória discursiva do leitor o tópico discursivo, associando às orações que ocorrem no domínio circunstancial as noções de progressividade de uma ação ainda em curso. Observe-se que, em Português contemporâneo, as ocorrências de gerúndio composto, tais como *sendo chegado o tẽpo, tendo acabada a ceia, tendo o diabo metido no coração...*, costumam ocorrer apenas com o particípio passado

chegado o tempo, acabada a ceia, metido no coração para se referir a eventos que terminam para que outros tenham início.

Por outro lado, o emprego do gerúndio nesse domínio funcional parece contribuir para a evolução da narrativa, visto que as construções com gerúndio que são circunstanciais à oração principal são, na maioria dos casos, fundo ou cenário para o evento ou ação que ocorrem na oração principal. Esse fenômeno foi estudado exaustivamente por Hopper e Thompsom (1980). Segundo os autores, os usuários de uma língua constantemente necessitam projetar seus enunciados de acordo com suas metas comunicativas, suas percepções, e com as necessidades do ouvinte e, desse modo, muitas partes do que é dito são mais relevantes que outras. Aquela parte do discurso que não contribui imediatamente para a meta do falante, mas que dá suporte, amplia ou comenta a meta do falante, é chamada de Fundo (*background*). Por outro lado, o material que supre o ponto principal do discurso é conhecido como Figura (*foreground*). As orações que são figura formam a coluna vertebral ou esqueleto do texto, formam sua estrutura básica, são, portanto, orações que estão ordenadas em uma sequência temporal e qualquer mudança na ordem de algum elemento da sequência sinaliza uma mudança na ordem de eventos do mundo real. Por outro lado, as orações que são fundo revestem o esqueleto do texto, isto é, são orações que não estão ordenadas uma em relação às outras e podem ser movidas com respeito às porções que são figura, por isso, são adicionais às sequências de ações do texto. Vejamos o exemplo a seguir:

(226) E cuidou, que *estando* a Senhora *arrebatada* naquela altíssima cõtêplação, acordou ao choro do menino Iesu: & *reuerêceãdo* como a Deos, & *amãdoo* como filho de sua entranhas, o tomou em seus braços & lhe deu de mamar, & o enuolueo em panos pobres mas limpos, & o pos na manjedoura, porque outro berço & outro leito não auia aly. (E 16 2 MCM 30)

Note-se no exemplo acima que as ações que são mais salientes na narrativa são as sequências *acordar com o choro, tomar em seus braços, dar de mamar, envolver em panos e por na manjedoura*, mas o cenário em que essas ações se realizam é descrito por meio de orações gerundivas que denotam estados e ações duradouras, que permanecem continuamente enquanto as sequências de ações e eventos mais salientes se realizam.

CONSIDERAÇÕES FINAIS DO CAPÍTULO

Neste capítulo, discutimos o comportamento das construções gerundivas em dois domínios funcionais, o aspecto-temporal e o aspecto-circunstancial, a partir de grupos de categorias. A organização dos domínios funcionais levou em consideração as ponderações feitas por Givón (1984, 2001) a respeito do complexo funcional TAM, que preveem a materialização das noções de tempo, aspecto e modalidade na estrutura oracional nas línguas naturais. A análise em cada categoria, em cada domínio, apoiou-se nos percentuais e números fornecidos pelo programa estatístico Goldvarbx, que foram interpretados à luz do princípio funcionalista da marcação, proposto por Givón (1990, 1995).

No domínio aspecto-temporal, a partir da correlação entre as construções gerundivas e as categorias definidas para análise, os valores semântico-sintáticos do gerúndio, responsáveis podem ser agrupados numa escala de marcação, na qual figuram, em um polo, como categorias não-marcadas, o gerúndio adjetivo e o gerúndio coordenado; no outro polo, figuram como categorias marcadas o gerúndio narrativo e o gerúndio descritivo, ficando uma zona intermediária em que estão localizados o gerúndio independente, o gerúndio imperativo e o gerúndio conectivo, conforme o quadro subsequente.

Quadro 63 – Distribuição dos valores semântico-sintáticos do gerúndio na escala de marcação.

Categorias não-marcadas	Categorias intermediárias	Categorias marcadas
gerúndio adjetivo e gerúndio coordenado	gerúndio independente, gerúndio imperativo e gerúndio conectivo	gerúndio narrativo e gerúndio descritivo

Fonte: o próprio pesquisador.

Do mesmo modo, no domínio aspecto-circunstancial, a partir da correlação entre as construções gerundivas e as categorias de análise e aplicando-se o princípio da marcação proposto por Givón, os valores aspecto-circunstanciais do gerúndio podem ser reunidos numa escala de marcação, na qual o polo de categorias não-marcadas agrupa os valores de modo, tempo e causa; o polo oposto, de categorias marcadas, agrupa os valores proporcionalidade, comparatividade e conformidade; restando uma zona de marcação intermediária para os valores circunstanciais de consequência, condição, concessão e finalidade, conforme o quadro a seguir.

Quadro 64 – Distribuição dos valores circunstanciais gerúndio na escala de marcação.

Categorias não-marcadas	Categorias intermediárias	Categorias marcadas
Modo, tempo e causa	consequência, condição, Concessão e finalidade	proporcionalidade, comparatividade e conformatividade.

Fonte: o próprio pesquisador.

Por fim, considerando-se apenas a forma das construções gerundivas, também propusemos uma escala de marcação, baseados nos princípios da complexidade estrutural, da complexidade cognitiva e da frequência, que estão especificadas no quadro seguinte.

Quadro 65 – Distribuição da complexidade estrutural do gerúndio na escala de marcação.

Categorias não-marcadas	Categorias intermediárias	Categorias marcadas
Gerúndio simples	Gerúndio perifrástico simples e gerúndio perifrástico complexo	Gerúndio composto e duplo gerúndio

Fonte: o próprio pesquisador.

Por sua natureza escalar, a distribuição apresentada acima não teve a pretensão de ser categórica, mas a de sistematizar a tendência do comportamento funcional do gerúndio, mediante às categorias escolhidas para análise, quando examinado à luz do princípio da marcação, e pode ter comportado diferente a depender do contexto discursivo em que as formas/funções/valores forem empregadas. Agindo assim, estamos comprometidos com o que prevê o princípio da marcação, pelo qual uma categoria pode ser marcada em um domínio e não-marcada em outro.

6 CONCLUSÕES

Ex præteritis præsentia æstimantur (Quitiliano).¹¹⁹

Esta tese tratou das construções gerundivas, a partir de dados provenientes dos séculos XVI, XVII, XVIII, XIX e XX, das duas variedades do Português, que foram coletados e transcritos, pelo pesquisador, para essa finalidade, a partir de um conjunto de parâmetros, que tinham por objetivo criar uma amostra representativa e equânime para cada século. Em se tratando do Português brasileiro, os dados foram compilados a partir do século XIX, período em que teve início a produção de livros no Brasil, com a instalação da imprensa régia, após a vinda da família real portuguesa, atividade até então proibida.

Foram encontrados 3.910 dados de gerúndio, que se realizam na estrutura de gerúndio simples, gerúndio perifrástico simples, gerúndio perifrástico complexo, gerúndio composto e duplo gerúndio. Essas construções foram estudadas em dois domínios funcionais, o domínio aspecto-temporal, com 1.671 dados, no qual se expressam os valores semântico-sintáticos de gerúndio adjetivo, gerúndio coordenado, gerúndio independente, gerúndio imperativo, gerúndio conectivo, gerúndio narrativo e gerúndio descritivo e, o domínio aspecto-circunstancial, com 2.239 dados, no qual se expressam os valores circunstanciais de modo, tempo, causa, consequência, condição, concessão, finalidade, proporção, comparação e conformidade.

Em cada domínio funcional, os dados foram avaliados a partir dos seguintes grupos de categorias: complexidade estrutural, valores semântico-sintáticos, valores circunstanciais, noções temporais, noções aspectuais, modalidade, relevo discursivo, século e variedade do Português. Em cada grupo, foram especificadas subcategorias, que serviram como parâmetros para a análise do comportamento funcional do gerúndio. Os dados foram submetidos ao programa estatístico Goldvarbx e foram avaliados a partir dessas categorias e dos pressupostos do Funcionalismo, principalmente, do princípio da marcação, proposto por Givón (1990, 1991).

Considerando-se a marcação em natureza escalar, a partir dos subprincípios da complexidade cognitiva e da frequência, a escala propõe que, no domínio funcional aspecto-temporal, o gerúndio adjetivo e o gerúndio coordenado apresentam-se como categorias não-

¹¹⁹ Pelo passado se deve julgar o presente.

marcadas, o gerúndio independente e o gerúndio conectivo como categorias intermediárias, e o gerúndio narrativo e o gerúndio descritivo como categorias marcadas. No domínio funcional aspecto-circunstancial, ao se aplicar os mesmos subprincípios, a escala propõe que as circunstâncias de modo, tempo, causa são categorias não-marcadas, as circunstâncias de consequência, condição e finalidade são categorias intermediárias, e as circunstâncias de concessão, proporção, comparação e conformidade são circunstâncias marcadas.

Para propor uma escala de marcação para a complexidade estrutural das construções, foram aplicados os subprincípios da complexidade estrutural, da complexidade cognitiva e da frequência, que resultaram na seguinte escala: a) o gerúndio simples é a categoria não-marcada; b) o gerúndio perifrástico simples e o gerúndio perifrástico complexo são categorias intermediárias e c) o gerúndio composto e o duplo gerúndio são categorias marcadas.

Esta pesquisa optou por descrever as construções gerundivas, por domínio funcional, orientando-se pelo domínio TAM – tempo, aspecto e modalidade, proposto por Givón (1984). Essa orientação não nos permitiu direcionar nosso olhar para outros comportamentos funcionais das construções de gerúndio, que também carecem de estudos mais aprofundados para dar conta, por exemplo, de: a) articulação de orações gerundivas, quer no domínio aspecto-temporal, quer no domínio aspecto-circunstancial; b) relação das construções gerundivas com outros elementos da estrutura oracional, tais como o gerúndio com sujeito, o gerúndio regendo complementos etc.

Ao escolhermos a orientação seguida nesta pesquisa, o propósito fundamental era não descartar construções, visto que fomos buscar os traços funcionais do gerúndio ainda no Latim, verificando como esses traços passaram para as línguas românicas. Assim, partimos do século XVI, com um olhar multidirecional para a forma, para o valor semântico-sintático, para o valor circunstancial, testando-se grupos de categorias, para tornar possível o mapeamento funcional do gerúndio nos dois domínios que propomos aqui. A partir dessa organização, outros desdobramentos podem ser feitos, como os que sugerimos no parágrafo anterior.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Napoleão M. de. **Gramática Latina**. São Paulo: Saraiva, 1980.
- ALMEIDA, Nilson T. de. **Gramática de Língua Portuguesa para concursos, vestibulares....** São Paulo: Saraiva, 2011.
- BARBOSA, Jeronymo Soares. **Gramática Philosophica da Língua Portuguesa**. 2 ed. Lisboa: Lisboa. 1830.
- BECHARA, E. **Moderna Gramática Portuguesa**. 37^a ed. Ver. e amp. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2003.
- BRANDÃO, Cláudio. **Sintaxe Clássica Portuguêsa**. Belo Horizonte: Imprensa da UFMG, 1963.
- BYBEE, Joan L.; HOPPER, PAUL (eds.) . **Frequency and the emergence of linguistic structure**. Amsterdam: John Benjamins, 2001.
- BYBEE, Joan L. Mechanisms of change in grammaticization: The role of frequency. In B. D. Joseph and J. Janda (eds.) **The Handbook of Historical Linguistics**. Oxford: Blackwell, 2003, p. 602-623.
- BYBEE, Joan L.; THOMPSON, S. Three Frequency Effects in Syntax. **Proceedings of the Twenty-Third Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society: General Session and Parasession on Pragmatics and Grammatical Structure**. 1997. p. 378-388.
- CAMPOS, Odette A. de Sousa. **O gerúndio no português – estudo histórico descritivo**. 1972 (Tese de doutoramento) FFLCH, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- _____. **O gerúndio no Português**. Rio de Janeiro: Presença, 1980.
- _____. O gerúndio românico: estudo histórico-descritivo. **ALFA**, Nº. 18/19, 1973, p. 383-402
- CASTILHO, Ataliba T. **Introdução ao estudo do aspecto verbal na Língua Portuguesa**. 1968. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade de São Paulo – USP, Marília, São Paulo, 1968.
- COAN, Márluce. **As categorias tempo, aspecto, modalidade e referência na significação dos pretéritos mais-que-perfeito e perfeito: correlações entre função(ões)-forma(s) em tempo real e aparente**. 2003. Tese (Doutorado em Linguística) – Curso de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.
- COMRIE, Bernard. **Aspect**. 3 ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1981.
- _____. **Tense**. 4 ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.
- COSTA, Sônia B. B. **O Aspecto em Português**. São Paulo: Contexto, 2002.

CUNHA, Celso F. **Gramática da Língua Portuguesa**. 11ª ed. Rio de Janeiro: FAE, 1986.

DARDANO, Maurizio; TRIFONE, Pietro. **Grammatica italiana con nozioni di linguistica**. Bologna: Zanichelli, 1995.

DECAT, Maria B. N. A articulação hipotática adverbial no português em uso. In.: DECAT, Maria B. N. et ali. **Aspectos da gramática do Português: uma abordagem funcionalista**. Campinas: Mercado de Letras, 2001.

DUBOIS, S.; VOTRE, S. J. Análise modular e os princípios subjacentes do funcionalismo linguístico. In.: VOTRE, S.J. (org.) **A construção da gramática**. Niterói: Editora da UFF, 2012.

FLEISCHMAN, Suzanne. **The future in thought and language**. New York: Cambridge University Press, 1982.

GIVÓN, Talmy. **On Understanding Grammar**. New York: Academic Press, 1979a.

_____. **Discourse and Syntax: Discourse and Syntax**. New York: Academic Press, 1979b.

_____. Tense – Aspect – Modality. In: **Syntax: a functional – typological introduction**. Vol. 1, Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1984

_____. **Syntax: a functional - typological introduction**. V. II. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1990.

_____. Markeness in Grammar: distributional, communicative and cognitive correlates of syntactic structure. **Technical Report**. Nº 90/8. University of Oregon, 1990b.

_____. **Functionalism and grammar: a prospectus**. University of Oregon, 1991a.

_____. **Functionalism and Grammar**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1995.

_____. **Syntax: an introduction**. Vol 1. Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins Company, 2001.

GUY, Gregory R.; ZILLES, Ana. **Sociolinguística Quantitativa: instrumental de análise**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

HOPPER, Paul; THOMPSON, Sandra. Transitivity in Grammar and Discourse. **Language**. V. 56, Baltimore, 1980, p. 251-299.

ILARI, Rodolfo. **Linguística Românica**. São Paulo: Ática, 1992.

KOCH, Ingedore G. V. **O texto e a construção dos sentidos**. São Paulo: Contexto, 2009.

LOBO, Maria. On gerund clauses of Portuguese dialects. I Congreso Internacional de Linguística, Léxico y gramática. Lugo, 25 - 28 de setembro, 2000.

MATEUS, Maria Helena M. et ali. **Gramática da Língua Portuguesa**. Coimbra: Livraria Almedina, 1983. (p.104-153)

MATTOS e SILVA, Rosa Virgínia. **O Português Arcaico**: fonologia, morfologia e sintaxe. São Paulo: Contexto, 2006.

MAURER JR., Theodoro Henrique. **O Problema do Latim Vulgar**. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1962.

MENON, O. P. S. *Gerundismo?*. **Lingua(gem)**, V. 1, N. 2, 2004 (p. 191-236)

MÓIA, Telmo; VIOTTI, Evvani. Differences and similarities between European and Brazilian Portuguese in the use of the «gerúndio». **Journal of Portuguese Linguistics**, V. 3, Nº1, 2004, p.111-139.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Texto e Gramática**. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. As construções condicionais. In._____(org). **Gramática do Português Falado**. Volume VII. Novos Estudos. Campinas : Editora da Unicamp, 1999, p. 497-544.

NICHOLS, Johanna. Functional theories of grammar. **Annual Review Anthropology**. California: University of California, 1984. (p.97-117).

PEREIRA, Eduardo Carlos. **Grammatica histórica**. 9ª edição. São Paulo: Nacional, 1935. 597p. (contém Prólogo datado de 1915).

_____. **Grammatica expositiva**. São Paulo: Weiszflog Irmãos, 1907.

PEZATTI, Erotilde G. O Funcionalismo em linguística. In.: MUSSALIN, Fernanda; BENTES, Anna C. (orgs) **Introdução à Linguística**: fundamentos epistemológicos. São Paulo: Cortez, 2004.

PINTZUK, S. **Programas VARBRUL**. Tradução de Ivone Isidoro Pinto. Rio de Janeiro: UFRJ, 1988.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. **Nueva Gramática de la lengua española: manual**. Madrid: Espasa Libros, 2010.

REICHENBACH, Hans. **Elements of Symbolic Logic**. New York: Macmillan Company, 1947.

ROSCH, Eleanor. Cognitive Representations of Semantic Categories. **Journal of Experimental Psychology**, 1975.

SACCONI, Luiz Antônio. **Nossa Gramática**: teoria e prática. 7ª ed. São Paulo: Atual, 1985)

SAID ALI, Manuel. . **Grammatica historica da lingua portugueza**. 2ª ed. São Paulo: Melhoramentos, 1921.

SILVEIRA BUENO, Francisco da. **Gramática Normativa da Língua Portuguesa**. São Paulo: Saraiva, 1958.

SIMÕES, José da Silva. **Sintatização, discursivização e semantização das orações de gerúndio no português brasileiro**. 2007 (Tese de doutoramento) FFLCH, Universidade de São Paulo, São Paulo.

TALMY, Leonard. Figure and Ground in Complex Sentences. **Proceedings of the First Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society**, 1975, p. 419-430.

TORRES, Fábio Fernandes. **O gerúndio na expressão de tempo futuro: um estudo sociofuncionalista**. 2009 Dissertação (Mestrado em Linguística) - Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal Ceará, Fortaleza, 2009.

VENDLER, Zeno. Verbs and Times. In: **Linguistics in philosophy**. New York: University Press, 1967. (p.97-121).

REICHENBACH, Hans. **Elements of Symbolic Logic**. New York: Macmillan Company, 1947.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

FÁBIO FERNANDES TORRES

OS DOMÍNIOS FUNCIONAIS DO GERÚNDIO EM LÍNGUA PORTUGUESA
VOLUME II

FORTALEZA

2014

SUMÁRIO

	APRESENTAÇÃO	03
	NORMAS PARA TRANSCRIÇÃO E NOTAÇÃO DOS DADOS	04
	LISTA DAS OBRAS TRANSCRITAS.....	05
	CORPUS DAS OCORRÊNCIAS DE GERÚNDIO NO PORTUGUÊS: DO SÉCULO XVI AO SÉCULO XX.....	06
1	Português europeu.....	06
1.1	Século XVI – primeira metade	06
1.2	Século XVI – segunda metade	17
1.3	Século XVII – primeira metade.....	25
1.4	Século XVII – segunda metade.....	34
1.5	Século XVIII – primeira metade	44
1.6	Século XVIII – segunda metade	60
1.7	Século XIX – primeira metade	77
1.8	Século XIX – segunda metade	87
1.9	Século XX – primeira metade.....	123
1.10	Século XX – segunda metade.....	138
2	Português brasileiro	171
2.1	Século XIX – primeira metade	171
2.2	Século XIX – segunda metade	180
2.3	Século XX – primeira metade.....	190
2.4	Século XX – segunda metade.....	206

APRESENTAÇÃO

O presente material foi coletado pelo pesquisador para compor o corpus de análise nesta tese. Ele representa um vasto material, representativo das ocorrências de gerúndio no Português europeu e brasileiro, referente aos séculos XVI, XVII, XVIII, XIX e XX, cujos trabalhos de seleção, organização, transcrição e edição foram etapas desta pesquisa. O objetivo desta publicação é facilitar a consulta aos leitores desta tese e fornecer material para outros pesquisadores que necessitem de registros diacrônicos da Língua Portuguesa. Sob esse aspecto, as transcrições procuram, sempre que possível, registrar as ocorrências de gerúndio precedidas e seguidas de contexto linguístico imediato¹, de modo a termos uma leitura de todo o período oracional.

A seguir, apresentamos as normas usadas para a transcrição e notação dos dados, a lista das obras escolhidas para tais procedimentos e, por fim, o corpus, organizado por variedade dialetal da Língua Portuguesa, europeu e brasileira, por século e por obra, cuja enumeração de ocorrência recomeça a cada obra escolhida.

¹ Estamos chamando de contexto linguístico imediato as porções textuais que preenchem as exigências argumentais do período oracional em que o dado ocorre.

NORMAS PARA TRANSCRIÇÃO E NOTAÇÃO DOS DADOS

As normas para a transcrição do material para compor o corpus foram as seguintes:

a) a transcrição procurou ser conservadora, no que diz respeito a representação grafêmica dos textos nos séculos pesquisados, utilizando-se os mesmos grafemas ou os mais aproximados possíveis, por meio do menu inserir símbolos do editor de textos *Microsoft Word*.

b) mantivemos a representação ortográfica vigente em cada obra, os destaques em itálico ou em negrito, citações em Latim ou em língua estrangeira, as abreviações, os trechos entre aspas etc, mesmo que tal representação fosse variável na obra transcrita.

c) não modificamos as palavras escritas juntas ou separadas, acatando-se o modo como elas se apresentam em cada obra transcrita, mesmo que se trate de registro variado do termo.

d) foram mantidos os acentos tônicos ou a ausência deles, as marcas de nasalizações, as abreviações das palavras e expressões, do mesmo modo como se apresentam na obra transcrita, conforme exemplos: cãtares, ymagem de De's, livráraõ, amiude etc.

e) a notação, conforme se verá após cada ocorrência transcrita, obedeceu à seguinte lógica: fonte do dado: Português europeu – E; Português brasileiro – B; uma dezena referente ao século: 16, 17, 18, 19 e 20; unidade referente à primeira ou segunda metade do século: 1, 2; sequência de duas ou três letras em maiúsculas que identificam mnemonicamente o título da obra; página de onde o dado foi retirado.

f) os critérios para seleção das obras, quantidade de obras, quantidade de páginas, representatividade do *corpus* foram descritos no capítulo 4 do volume I.

LISTA DAS OBRAS TRANSCRITAS

Português europeu

CÃPOS, Hermão. **Boosco Deleytoso**. Lixboa, 1515.

IOAM, Manoel. **Este liurinho contem huas meditações da Criação do mundo & vida de nosso senhor Iesu Christo repartidas polos dias da somana**. Lixboa: per Manoel Ioam, 1565.

ARIZ, Pedro de. **Historia admiravel do sanctissimo milagre de Sanctarem**: que aconteceu na Igreja do Protomartyr Sancto Estevão, em o Sanctissimo Sacramento do Altar. Lisboa: Pedro Crasbeeck, 1612.

RINUCCINI, Giovanni Battista. **Historia do capuchinho escoces**. Lisboa: Officina de Domingos Carneiro, 1667.

FARIA, Manuel Severim de. **Notícias de Portugal**. 2ª Impressão. Lisboa: Oficina Antonio Isidoro da Fonseca, 1740.

FREIRE, Francisco José. **Memorias das principaes providencias, que se deraõ no terremoto, que padeceo a Corte de Lisboa no anno de 1755, ordenadas, e offerecidas à Majestade Fidelissima de Elrey D. Joseph I Nosso Senhor**. Lisboa, 1758.

DULAC, Antonio Maximino. **Genuína exposição do tremendo marasmo político em que caú Portugal**. Lisboa: Imprensa Nacional, 1834.

SORIANO, Luz. **História da Guerra Civil e do estabelecimento do governo parlamentar em Portugal comprehendendo a história diplomática militar e política d'este reino desde 1777 até 1834**. Lisboa :Imprensa Nacional, 1866.

OSORIO, Ana de Castro. **O direito da mãe**: novela. Porto: Civilização, 1925.

SARAMAGO, José. **Memorial do Convento**. Lisboa: Editorial Caminhos, 1982.

Português brasileiro

MACEDO, Joaquim Manuel de. **A Moreninha**. Rio de Janeiro, 1844.

JAGUARIBE FILHO, Domingos José Nogueira. **Os Herdeiros de Caramuru** – romance histórico. São Paulo: Typografia de Jorge Seckler, 1880.

VERÍSSIMO, Érico. **Caminhos Cruzados**. Porto Alegre: Editora Globo, 1935.

MIRANDA, Ana. **Boca do Inferno**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

CORPUS DAS OCORRÊNCIAS DE GERÚNDIO NO PORTUGUÊS: DO SÉCULO XVI AO SÉCULO XX

1. Português europeu

1.1 Século XVI – primeira metade

CÃPOS, Hermão. **Boosco Deleytoso**. Lixboa, 1515.

1. Eu fendo pecador muy mezquinho desterrado do parayfo terreal daf muy doces delleytações pollo pecado dos primeyros padres lançado em ho valle da mezquidade deste mundo padecia enel muitas coysas (E 16 1 BD 9)
2. fendo eu mezquinho pecador em tal estado hia muyto amiude andar & espaçar per huñ câpo muy fremoso cõprido d muytas cruas e frores d boo odor (E 16 1 BD 9)
3. E andando eu per a q'lle câmpo ouuyndo os doces câtares das aues e myrando as fremofas frolles & o muy gracioso odor das cruas & das frolles dizia muytas vezes ao fenhor d's fenhor: amerceate d' my quẽ me liurara destas treuoas d' morte (E 16 1 BD 9)
4. E porem nõ deues teer em pouco os teus pecados: pero confyrando que ele he piadoso nõ queyras desfesperar aue temor da tua fraqueza (E 16 1 BD10)
5. fenhor rogo te por de' q' me digas quẽ es que tam grande cuydado as do meu bem & elle me respondeu dizendo nõ me conheces: & eu lhe disse certo que nõ vy nõ outra criatura femelhauel ate (E 16 1 BD 10)
6. amanfey as tuas tentações que non fosses vencido & orey ao fenhor d's merecêdo amy e aty (E 16 1 BD 11)
7. & há pedra priciofa q' tẽ em a coroa q' há a ral propriadade q' queima há maõ do homẽ q a tiuer apertado: po q he graciosa aa vista demostra q' a justiça queima os maõs corregendoos & faz prazer aos boõs (E 16 1 BD 12)
8. & o meu boõm gruiador me tomou forçofamente: & e levoume confygo dandome sempre boa efpérancea (E 16 1 BD 13)
9. Hyndo nos per a q'll deferto achamos huña cafa de tres câtos muy fremosa & muy bem lavada (E 16 1 BD 13)
10. Depoys que me esto disse ho meu guiador começou haquella dona muy fremosa a dizer em voz muy doce & muy alta dizendo viinde a my todos aquelles que fodes ã trabalho & tristeza (E 16 1 BD 15)
11. & começou ella a fallar com muy doces palauras dizẽdo há meu filho poys tu es ally triste & desejas consolaçam por que non desejas mayor & melhor cõfolaçom que pode fer achada (E 16 1 BD 16)

12. Esta consolação he daquella que he o melhor consolador que seer pode ho qual he Deos de toda consolação que conforta os homens em toda tribulação he da se da parte delle nom for posto embargo demandado com desejo consolação humanal & terreal (E 16 1 BD 16)

13. Porê tu meu filho cree e guarda bem aquello que disse o salvador andando em ho mundo que não há hy alguim que leixar casar ao irmaãos ou padre ou madre ou herdades que non recebem tanto agora eneste tempo (E 16 1 BD 16)

14. E em o teu coração he a ymagem de De's: & tu a descooraste encriandose ao pecado mas tu reforma esta imagem fazendo noua a tua mente & a tua alma (E 16 1 BD 17)

15. E dizendo a muy fremosa dona esto d' misericordia madalena começou dizer em voz alta oo maria madalena de bẽ aaventurado merecimento (E 16 1 BD 17)

16. E depois que fores renouando & pfeyto da tua natureza em que foste criado serás ygalado aos anjos de d's (E 16 1 BD17)

17. Outrossy cõfola d's ho homẽ com o beijo da sua boca per q se ajunta o esprito do homem cõ ho esprito de d's allí como pede há esposa que he ha alma deuota dizêdo ã os cãtares beijeme ho senhor cõ o beijo de sua boca per q se demonstra ho ajutamẽto do esprito do homẽ com esprito de d's (E 16 1 BD 18)

18. Estando eu mezquinho pecador ante a muy fremosa dona ouuindo as suas confortosas palavras y ho meu guyador comigo q me ajudava e cõfolava de sua parte (E 16 1 BD 19)

19. Estando há muy graciosa dõzela vestida ã pãos verdes cõ cruces douro de q falley (E 16 1 BD 19)

20. Tu mizquinho que perdiste a vida nom te enganes nem te afaagues dizendo que o senhor deos nom seera yrado per a sempre pensando que a pena do inferno avera fim (E 16 1 BD 21)

21. Eu te digo q não tomes vaã esperãça dizendo que os merceamentos de d's som sobre todas as suas obras (E 16 1 BD 21)

22. nom lhes fera yrado por sempre: mas he yrado contra elles castigado os como padre a filhos per alguim tempo per os correger (E 16 1 BD 21)

23. affy como o brauo leomnom queda cercar buscando alguẽ que destrua este acende os seus dardos de fogo contra my ha morte da alma entra pelas frestas do meu corpo. (E 16 1 BD 22)

24. Depoys que eu mizquinho pecador ouue ditas pallauras logo a graciosa donzella me olhou com doayro confortoso mostrando que se doya de my (E 16 1 BD 22)

25. & assim como ho sol com o seu esprador allumea aaquelles que teem sua face tornada pera elle bem affy a luz d' jefu cristo resplandecente he ha todos dando largamẽte a sua caridade mas a cada huim toma parte della segundo o teu desejo (E 16 1 BD23)

26. Geralmête aquelles que per fua propia vontade escolhem as treuas do pecado mas taes como este affy como cegos andam apalpano as paredes & caem em muytas covas (E 16 1 BD 23)
27. Aquelles que temem o fenhor d's guardam os feus mandados & am paciencia ataa que elle olhe fobre elles dizendo fenon fazermos peendencia cayremos em ha fanha de deos (E 16 1 BD 23)
28. fe obedeceres ao fenhor deos que te chama per a tua faude & te chegares a el com dfejo & com prazer he ho feguires cõ todo o teu coraçom engeytando todas as coufas: & aprendendo te a elle foo tu aueras eftas confolações e deleytações (E 16 1 BD 23)
29. La eftes leixarõ todas as coufas do fegre he apartarõ fe deles & morarom em os defertos viuam apoftados de virtude fazêdo vida folitaria he affefeguada (E 16 1 BD 24)
30. & affy como os angos conuerfaromm em aterra feruindo & louuando a deos ho fenhor que eftaua em meyo delles & alguũs viuam foos & alguũs juntamête poucos ou muytos oueram groria perdurauel (E 16 1 BD 24)
31. E viuêdo tu affy em ho ermo cõ taaes comeres o fono nõ podera eftouarte da oraçom (E 16 1 BD 24)
32. Ellas fom as riquezas daquelles q fantamête fazê vida folitaria & outroffy calçã & andam fobre as ondas do fegre fem perigo indo ho fenhor ante elles por feu guyador mas em ha cidade veem a nos outros pa nos vifitar & fe os veemos pdemos o fillencio fallãdo cõelles(E 16 1 BD 24)
33. & alguũas vezes him' aas portas dos foberuofos pa os vifitar affim como elles fazê a nos: entram pellas portas pĩtadas recebêdo palauras d' pfaço q' dizê de nos fervidores (E 16 1 BD 24)
34. affy ho laurador anda com feu arado cantando allelluia e lououres ao fenhor deos (E 16 1 BD 25)
35. E o fegoador que anda fuando com os fálmo' toma folgança & aquelle q' anda podando ha vide canta alguãa coufa dos fálmos de dauí (E 16 1 BD 25)
36. Despois que aquelle groriofo barom ouue ditas as razoões auedes ouuidas começou de dizer cantando ã alta voz muy graciofa: oo morada do deferto verde & frolida com as froles de jhũxpo (E 16 1 BD 25)
37. & talha a q'l q'r q' a acha antefy & tu nom feêdo hufado pera lydar queres fayr da camara em que viues vyçofo pera ha aaz da batalha he da foõbia pera o fol (E 16 1 BD 25)
38. (...) q'he ho diaboo affy como Icombia no erro girando em redor de ty afeytãdote perate tomar & pera te deftroyr (E 16 1 BD 25)
39. E efto quero fazer demonftrãdo os autos & ha vivenda dos homês que viuẽ pacificamente e affefeguados em vida folitaria (E 16 1 BD 27)

40. E muitas vezes acorda estorruinhado com temor que ha da luz cuydando que he de manhaa (E 16 1 BD 27)

41. E depoy q' he alleuantado do leyto afentasse logo & encofta feu corpo a hum malaenturado efcano & ho fem coraçom aas mentiras todo envolto enelas. Penfando como vendera fuas mercadorias: ou como ganhara feu cõpanheyro: ou alguũ orfam: ou como demandara a molher do feu vezinho pera fazer maldade: ou como fara alguũma demanda: ou preyto contra dereyto fo encobrimento de justiça: ou penfa como corrõpera algũa coufa da prol comunal ou dalguũa peffoa priuada (E 16 1 BD 27)

42. & fica fryo e geado com defefperaçom & per esta maneira affy como muy maliciofo mesteiral ante da luz esta ordindo atea dos negocios que entende obrar de dia em que enuolua fy mefmo e outros (E 16 1 BD 27)

43. Leuantafe leuemente do leyto & tanto que he leuantado laça de fy apreguiça cobyçando de cantar com as oras da folgança ao fenhor deos que he abridor de fua boca & rogalhe com deuoçam q' abra fua boca para fayrem della os louores das matinas (E 16 1 BD 28)

44. E porque nom confya nenhuũa coufa das fuas proprias forças: & ha temor dentro em fy do maes & dos perigos q' fom prestes enesta prefente vida porem roga aficadamente ao fenhor que venha pera ho defender & ajudar dizendo affy .Domine labia mea apertes (E 16 1 BD 28)

45. & fõspira com com toda fua mente & com todo o feu coraçõ defejando ho feu fenhor deos que mora em os altos ceos (E 16 1 BD 28)

46. E eftando elle affy enesta prefente vida que he lugar de feu enterramento cuyda e pẽfa com a groria celleftrial quea fua propria terra & morada & logo começa de leer alguũas liçom de coufas oneftas (E 16 1 BD 29)

47. ou em toda maneyra fe trabalha de fazer ou dizer alguũa coufa em fua propria defhoneftidade ou dano acheo remordẽdolhe a conciẽcia ho coraçom & muytas vezes o medo faz rõper fuas pallauras que não as diz acabadas nem como deue. (E 16 1 BD 29)

48. E depoy leixa os negocios por acabar tornafe encubertamente pera fua casa: E furtaffe dantre os feus criados affy como de feus emigos efcondẽdofe deles tẽporariamente (E 16 1 BD 29)

49. E depoy que ali esta tanto que naçe o fol começa muy ledo cantar e rezar os lououres do fenhor com fua piedofa boca & fe per ventura há çerca delle corre alguũa agua fazendo fo pequeno & brando ou alguũas aues cantam doçemente (E 16 1 BD 29)

50. Quando eu mezquinho pecedor ouuy & pare mentes enestas coufas que dõ francifco folitario dizia hia crefcendo em no meu coraçom defejo da vida do hermo & auorrecimento da vida das cidades (E 16 1 BD 29)

51. & logo me refpondeo a muy graciofa donzella dizẽdo efpera em ho fenhor ca todas as fuas carreyras (E 16 1 BD 29)

52. E esta a cerca d'lle ha compãha dos louuaminheyros q' o tem cercado affy como aazem redor & acompãha dos familiares & dos fergentes rozes com grande fom e arroido apoftando ha meffa & anda a baixella d' prata pelo paaço em has maaos dos feruidores (E 16 1 BD 30)

53. & em a compãha dos feruos mezquinhos eftam nuus tremêdo (E 16 1 BD 30)

54. mas o malauenturado fee com ha fronte abaixada & com os olhos agrauados com as fobrancelhas fobre elles & ho nariz enurugado & as queixadas amarellas allimpando dos beyços q' tê apeguados & vifcofos com agrufura das viãdas que comeo. (E 16 1 BD 30)

55. E esta penfando ã os enguanos que ha de fazer & nom fãbe per qual parte fe torne (E 16 1 BD 31)

56. E o feu beuer he do vinho que fazem das parreiras montefes que naçem em nos outeiros ha fua frente ou ha fua façe & ho feu coraçõ em hufando destas viandas he graciofo em deos em os homeês (E 16 1 BD 31)

57. E affy pallã ho folytario feu tẽpo ledõ & afeffeguado auendo as noytes prazivys & os dyas em vagar & folguaça (E 16 1 BD 31)

58. E elle fee liure & fem temor he nom esta penfando nehuũs affeytamêtos cõtra outrem nã fe teme deos fazerem contra elle (E 16 1 BD 31)

59. & logo a dona muy efantofã refpondeo aefto muy toffe dizendo. O fenhor d'os parelho ha fua cadeyra real ã juizo & elle julgara o mũdo da terra ã ygualdade e os poobos ã juftiça (E 16 1 BD 32)

60. E logo ho nobre folytario hermytam começou a tornar aa razom que havia começada da vyda folitaria he da vyda do negoçeador & morador ãtre as jêtes dizendo em esta guylã em quanto o negoçeador esta em feu jentar vayfe efcorreguãdo ho dia & fugẽ as oras (E 16 1 BD 32)

61. ... he o fenhor da cafa q' he capitã daquella batalha vayfe como chegado tremendo. (E 16 1 BD 32)

62. E todos os outros feridos cõ vinho nã fe podẽ teer bem fobre feus pees & vaaom fe aballãdo as cabeças & ho corpo (E 16 1 BD 32)

63. Quando eu muy pecador minguaado destas coufas parey mentes enefto que ho nobre folytario dylle açendeufe em ho meu coraçom defejo de leixar os negoços do mundo & fazer vida aparta & braauei ao fenhor dizendo Oo fenhor d'os leuãtate & nã te efqueças de my q' lã muy pobre d' virtudes meu fenhor d'os (E 16 1 BD 33)

64. E logo a muy espãtofa dona respõdeo a efto dizêdo ho fenhor deos feera conhecido fazêdo juizo & ho pecador he cõpreendido ã as obras de fuas maãos (E 16 1 BD 33)

65. Eftando eu pecador efpatado & temorofo começou ho muy nobre tornar a feu fallamêto da vyda q' faz a q'lle que viue apartado da vida q' viue ã ho fegre & diffe affy (E 16 1 BD 33)

66. Per contrayro faz o folitario ca elle nôm faz arreuatadas suas obras mas vendo elle como o curso do tempo fuge & cobiçado feer ãho parayfo (...) torna outra vez aas prezes (E 16 1 BD 33)
67. E depoyz deyto quando se vay faindo ho dia ho folitario penfando em as treuas & escuridom que se chegua demanda ao fenhor deos ajudoyro do lume celeftrial (E 16 1 BD 34)
68. Mas o negociador mizquynho quãdo he ora de vefpora faa elle da fua cafa & anda pella cidade toda parte ca lhe he forçado que affy o faça & anda calçando ho lugar & ho lodo conuerfando com aquelles que acha & fuando & trabalhando & ardendofe & afogandofe (E 16 1 BD 34)
69. & entom reza fuas comperrras roguando ha piedade acoftumada do fenhor deos antes que se acabe há luz do dya (E 16 1 BD 34)
70. E fallando em foma todos os dias o negociador q' mora antre as jentes esbulha os viuos & o folytario que mora em ho hermo rogua ao fenhor deos pelos mortos & pollos viuos (E 16 1 BD 34)
71. E comecey a braadar ao fenhor deos dizendo fenhor amerceate de my (E 16 1 BD 34)
72. & logo ho muy noble folytario & deuoto hermitã tornou a feu fallamento do folitario & do ocupado dizendo affy . Depoyz que vem a noyte vayfe o negociador pera fua cafa (E 16 1 BD 35)
73. E proua todas as maneyras d' luxurias he trabalha pera hufar das luxurias que tem presentes mouendo ho feu corpo mal auenturado & com ho coraçom vago hufa das luxurias que nom tem ã no presente penfando enellas (E 16 1 BD 35)
74. & se vee alguãas coufa em fonho muytas vezes vee taes coufas femelhante aas obras que faz vigiando & aynda mais bem auenturado he ho folitario (E 16 1 BD 35)
75. porem comecey a bradar ao fenhor deos dizendo fenhor deos tira a minha alma: & o meu corpo do carçer da morada dantre as jentes pera eu confeffar & louuar ho teu nome (E 16 1 BD 36)
76. Mas conforteme com as palauras da groriofa donzella esperando polla myfericordia de deos noffo fenhor há fayr do conto daqueles q' em pecado eftam & vyr ao conto dos amadores do fenhor (E 16 1 BD 36)
77. Eftando eu pecador affy espãtado & temerofe & defejando ha vida apartada pera fayr da vida maa & piriguofa tornou o muy noble folitario hermitam há feu fallamento (E 16 1 BD 36)
78. Os quaães (...) ca viueram per alheo mãdamento & há feu proprio perygo morrerõ & trabalhãdo p' outros fezerom pecados pera fy meefmos (E 16 1 BD 37)
79. & os outr' am de colher deleitaçoões pera auerõ tormẽtos & penas aos quaaes elles empeeçerom fazêdolhes prazer & lhes aparelharõ licença de pouco tempo p. a pecar em aparelhando p. a fy meefmos morte p' durauel. (E 16 1 BD 37)

80. E çertamente eu tenho & julgo q' todo homem ocupado em os negocios do mûdo he mizquinho mas aquelle que he ocupado & negociador fo poder de outrẽ & vyuẽdo com outrem he duas vezes mizquinho por que elle ha fua mizquidade & nom ha fruyto nem proveyto della (E 16 1 BD 37)

81. & non acalça nenguũ há boa mente fe for ocupado em negocios & eu non comtendo nẽ digo que ho hermo da ao homẽ boa mente & boa vontade & cõtendo que ha vida apartadada ã ho hermo cõferua & guarda & ajuda muyto ha mente & há boa vontade (E 16 1 BD 38)

82. E pofto q' a vida cõtẽpratiua caya do lume da cõtẽpraçõ nõ padece nẽ fofre porẽ ã nẽhũa maneira d' cayr ã treuas de pecado: ou p'guiça de bẽ obrar mas retẽfe em luz de boa obra fazendo alguã coufa de bem (E 16 1 BD 38)

83. ca eu tynha por perda & por quebranto fazer eftas coufas leixãdo de aproveitar aos outros (E 16 1 BD 39)

84. affy como dizia ho apoftolo paulo eu meefmo defejaua feer aparatado de jefu crifto pollos me' yrmaos a efto em adeo mais huũ doutor que hy eftaua dizẽdo efto que diffe lam paulo fe pode entender per efta guifa que elle polla faude dos yrmaãos defejaua feer tirado do fegredo das fuas orações (E 16 1 BD 40)

85. E logo há muy efantofa dona refpõdeo contra my dizendo oo barom linguoaz & pallaurofo nõ feera bem aderẽçado em há terra (E 16 1 BD 40)

86. (...) mas loguo a muy piadoza donzella me confortou com fuas doces pallauras dizendo peccador trabalhe de obrar bẽ fortemente come barom (E 16 1 BD 40)

87. Pois dime tu peccador fallando daqueles de que he feyta mẽçom q' fe trabalhã ajudar & reger he aproueitar aos outros viuendo antre a gentes quantas vezes penfã tu ho paftor foy perdido por feo officio & quantas vezes em acheguando elle & leguando a ovelha que andaua vaguar fogida cayo elle ã o laço (E 16 1 BD 42)

88. E em yndo de pos ella pera há fazer tornar quantas vezes penfã que cayo o paftor quantas vezes crees tu que o tifico bem faaom: & bem vallente em vifitando os doentes cayo em enfermidade vezes ho foterrador dos mortos recebeo em fy anjo de morte pello achegamento delles (E 16 1 BD 42)

89. Nom te enguanes pẽfãdo q' nom fom tã grandes as pecõhas he os cajooes do coftume (E 16 1 BD 42)

90. Entom refpondeo don feneca dizẽdo eu diffe: & digo q' há vida apartada & folgada fem letras he morte & fepultura de homem viuo (E 16 1 BD 42)

91. Ou acontece aaqueles que bufcam feo mantymto per mercadorya do pooço he p' negocios das gẽtes trauindo os negocios do mundo per auerem em q' fe mãtenhã (E 16 1 BD 42)

92. & ambos fendo moços conuerfamos ã eftudo mas ha fim de noffos eftudos foy muy defuairada affy como fe moftrou p. obra (E 16 1 BD 43)

93. (...) fiquey muy triste com grãde temor q' auia de non fer eu pera poder fazer tal vyda mayormente seendo eu envelhecido em na conuerfaçom do mundo com muy grande carregado de pecados (E 16 1 BD 43)
94. (...) há muy espantofa dona recodio contra my cõ estas pallauras ho fenhor deos fera conhecido fazendo juizos & o pecador fera compreendido em as obras das fuas maos (E 16 1 BD 43)
95. (...) mas logo a muy graciosa dõnzella me confortou affy como auia de costume dizendo affy . Tu fenhor d's salvaras os homens (E 16 1 BD 43)
96. Trabalhar d'ueras & correr feruentemente vigiãdo: ca há ora da morte que nom he certa em quanto a chaga he regente. (E 16 1 BD 43)
97. Estando eu pecador muy coyado com muytas chagas d' pecados nouas e velhas & muy antyguas & muy acostumados ã guifa q' me padecia q' nom podia começar aq'lla vida q' pẽfaua pa em meuda d' me' pecados (E 16 1 BD 43)
98. Mas poys que affy he hos homeẽs esto nom fazem he os males deles nom viuem per seu juizo mas per aquello que o poboo julga por bem porem andam raftejdofe per caminhos defuiados affy como andando per treuas seguindo as peguadas alheas muytas vezes entram ã caminhos periguofos (E 16 1 BD 44)
99. E esto nom pode pẽfar seendo maço bo cuydeo & penfeo seendo velho configo mefmo (E 16 1 BD 44)
100. mas tu pecador ha que aueo ha mays cõtrayra parte escolhendo ho caminho de vida cõtrayra aafaluaçom teẽs mays que trabalhar (E 16 1 BD 44)
101. E braadey ao fenhor d'os dizẽdo fenhor d's auuẽtame segũdo ha sua misericordia & guardarey os testemũhos da sua boca (E 16 1 BD 44)
102. & logo a muy espantofa dona recodio cõtra my dizẽdo os auerfarios do seõor d's ho temerõ (E 16 1 BD 44)
103. mas a muy graciosa donzella me cõfortou dizẽdo o senhor d's he amerçoador & misericordiofo de coraçom (E 16 1 BD 45)
104. E hum so dos outres ajuntados em ho meu nome: hy so eu no meo delles disse ho fenhor concordando conelle fallou o nobre hermitam dom francifco (...) (E 16 1 BD 45)
105. primeyramente deve ho homẽ aueer ante os seus olhos quãdo ouuer de tomar a carreira d' vida nom seja guiado pela cobyça tomãdo aq'lla vida que q' cobyçar (E 16 1 BD 45)
106. & fezerom de fy efcarno & ryfo ao poboo tornando atras do que começaram & este conselho tomey eu dos filosofos (E 16 1 BD 45)
107. E per artificio sãvia eu assenhorarme dos sentydos meus ã guifa que nom sentiam aquello que sentiã ho trouue em costume prouãdo per fy mefmo (E 16 1 BD 46)

108. (...) fe este foo remedio achey ã ha neçeffidade q' ã nos arroydo das çidades fazya a my meefmo p ymaginaçõ hermo & apartamento q'nto podia em minha cuydaçom vëçendo a fortuna per meu emgenho (E 16 1 BD 46)

109. (...) nom ha a quem fe mostre em os boofcos nem ha pera quem fe afeyte antre as efpinhas nem ha hi aquem faça emguano fe nom aos peixes tomãdoos com ho anzollo & aos aues tomandoas com cõ vilco ou cõ ho laço (E 16 1 BD 46)

110. E dalguñas coufas duuidam lembramdofe daquello he efcrito em ho falmo quem he aquelle que entede os pecados (E 16 1 BD 46)

111. E lembrãdo ho follitario dos dizeres das efcrituras q' ameaçam de huã parte & da efpërãça doutra parte nõ he certo de fy meefmo nem sabe fe he dino do amor d's ou de odyo (E 16 1 BD 47)

112. & badrey ao fenhor d's dizêdo fenhor enuia a tua mão do alto (E 16 1 BD 47)

113. E logo recodio cõtra my há muy efpantofa dona dizendo fenhor d's quando fe leuatarẽ os pecadores (E 16 1 BD 47)

114. mas logo a muy graçiofa donzella me acorreo cõ feu conforto affy como auia de coftume dizêdo affy cõfessẽfe ao fenhor d's as fuas misericordias (E 16 1 BD 47)

115. affy tu pecador que ãda em os negoçios do fegre q' foy muy grandes tormentas & tempeftades & ondas de grãde mar fe braadares ao fenhor d's leixando a fua maa vida he fazendo peedença. O fenhor d's que he fol de juftiça te allomeara (E 16 1 BD 47)

116. E logo dom feneca comcordou cõ efto que dom fam jeronimo auia dito dizêdo affy coufa leda & de grande prazer he ao homẽ feer configo (E 16 1 BD 48)

117. & çertamente ha vida apartada faz ho homẽ cadeyra emperyal em que o fenhor deos rey da gloria rege emperialmente ho reyno da alma hordenando enefta todas as coufas brandamẽte (E 16 1 BD 48)

118. Eu digo que cadeyra real enflamada fom os monges & os hermitaães & os outros que moram em huã lugar que fe trabalhã de feruir ao fenhor deos & nom andam defcorrendo per outros lugares (E 16 1 BD 49)

119. E com efto acordou o nobre monge & abade fam bernardo dizendo affy verdadeyramente a crauftra he parayfo ally affy fom os prados verdes das efcrituras (E 16 1 BD 49)

120. (...) ca tu veeras alli huã que lee em os fantos lyuros & outro q' efta em fantas oraçoões & outro veras chorar por feus pecados & outro que efta louando o fenhor deos com grande allegria (E 16 1 BD 49)

121. & logo a muy efpantofa dona recudio contra my: dizendo affy fenhor deos virtudes deos de yfrael entẽde pera vifitar todas a gẽentes & nom te amerçees de todos aquelles que obram maldade (E 16 1 BD 49)

122. Mas logo a muy graçiofa donzella me cõfortou dizendo ho fenhor deos follta os prefos ho fenhor deos allumea os çegos (E 16 1 BD 49)

123. Mas q' aproueyta ha entrada foo dos lugares que trazem as aguas que correm pollo hermo: que ajudam as matas andando p. ellas que aproueita feer & andando pellos montes fe ho coraçõ do homem ho segue tal he ã qual era nas çidades (E 16 1 BD 50)

124. Mas aquelle que fazer vida apartada ou viuer em ho hermo primeyramente deve alleixar ho feu coraçom em na cafa & ãte todas as coufas ho deve lâçar de fy rogãdo ao fenhor deos muy humildofamête que lhe praza d' criar enelle coraçõ limpo (E 16 1 BD 50)

125. E entõ cõ efto trefparia as coufas efcõdidas: & os lugares de dentro apartados & fegredos da vida folitaria ca fe homẽ vay aa vyda folitaria nom mudãdo feu coraçom tal vida como quer que feja o hermo (E 16 1 BD 50)

126. E logo a espãtofa dona recondyo contra my dyzendo o fenhor choue fobre os pecadores laços e o fogo & ho enxufre & os efpritos das tormêtas (E 16 1 BD 51)

127. mas logo me confortou a muy laborofa donzela dizendo affy allomea aquelles que feem ã treeuas dos pecados (E 16 1 BD 51)

128. E emtra aa vida apartada cõ coraçõ limpo criado d' nouo & perfeuera enella obrando aquellas coufas que a ella perteẽçẽ (E 16 1 BD 51)

129. & fentiras qual he aquella dulçura que os santos homeês recebem quando relembram dos pecados & maees que paflarõ viuêdo em o fegre & do prazer q' am & que eferom que lhes ha de vyr perdurauel (E 16 1 BD 51)

130. E efa batalha nõ he viſta per homeês mortaaes: mas per muy grãde ofte de caualaria celeftial que eftam aguardando aquela batalha q' ha o folitario com os enemigos (E 16 1 BD 51)

131. E o fenhor jhũ xpo q' eſta alli por mayoral oolhãdo aq'lla batalha outro fe veeras & fentiras ha folgança dos folpiros profundos (E 16 1 BD 51)

132. E fentiras qual he aquella brãdeza & dulçura das lagremas que caaem da muy pura fonte o coraçõ & veeras quaees fom as vigillias do caualleiros de jhũ xpo que vigiam cãtãdo & rezãdo falmos ã as torres de jherufalem & em cadaſayfes de fyom q' he ha fanta igreja vigiando & vellando cõtra há ofte de babillonia que he os contryaros do mundo & dos diaboos (E 16 1 BD 51)

133. E veeras os caualleiros de jfũrpo cantar toda há noyte cantares eſprituaaes guardando o çerco he ofte ã lugar alto & bem guarnido (E 16 1 BD 51)

134. E per taaes ledes & combatimentos q' os caualleiros de jfũxpo am com os em mygos infernaães huſando eſto faz eſſe há cauallaria mays percebuda pa lidar & pera fe guardar & a vitoria he feyta mays forte & mays nobre dos caualleiros de xpo lidando em ha lide & perigo deſta vyda (E 16 1 BD 52)

135. Para mentes irmão q' prazer & allegria he auer folaz conestas coufas presentes vençendo & lydando com os enmygos & esperar outras coufas melhores depouys desta vida folitaria & apartada dos homeës (E 16 1 BD 52)

136. E leixando os enfadamentos & faltidios dos homeës em hos perigos das cidadesem que he ho infernos dos viuos (E 16 1 BD 52)

137. ...tãto que esto dyffe ha muy piadofa donzella logo ho muy graçiosos folitario cõcordãdo conella diffê affy irmao meu em xpo sabe por çerto que effa cõfortofa donzella te comfelha com verdadeyros remedios (E 16 1 BD 53)

138. E pouys q' tu pecador as tal padre & tal juiz & tal testemunha conuem a faber jhũxpo que he presente a todas as tuas obras nõ as tu mester aquella testemunha q' comfelham alguës filosofos dizendo que deue o homem há imaginar & fingyr que sempre esta em presença dalgũ nobre.. (E 16 1 BD 53)

139. E per esta maneyra ho coraçõ humanal auezaffe aas coufas celestriaães & fallando affy há meude cõ jhũxpo conçebe feuzza enelle (E 16 1 BD 53)

140. E eu nom digo coufa q' nõ seja de creer ca tenho q'algũ folitario pode sobir a tal graao pella misericordia do senhor que vyuendo aynda sobre terra ouuira ho coro dos anjos cantar ã os çeoos (E 16 1 BD 54)

141. ...todo ho meu coraçõ começou aarder com fanha que auia contra my por que tãto tardava morãdo em as çidades & villas em os negoços do mundo (E 16 1 BD 54)

142. E quando eu mefquinho pecador ouuy estas palauras aguillom muy agudo pungio ho meu coraçom sentyndo me daquella magoa de que ella fallaua: mas a muy piadofa donzella abrãdou a minha door com suas pallauras dizẽdo homẽ apressãdo muyto he coufa aproueitofa pera ty d' te lembrares das tuas maldadaes encubertas (E 16 1 BD 54)

143. (...) conestas pallauras abrãdou ho põgimento forte do meu coraçom ficãdo em elle door & temor cõ esperãça boa. (E 16 1 BD 54)

144. & sem descriçom nõ aueras de esguardar os q' passam pellas praças se te olha alguem affy como marauilha marauilhãdote daq'lle que vai tostemẽte & esteve quedo olhãdote: & daquelle q' olhou te affy contra ty fallãdo alguãa coufa muy passo aa orelha de seu cõpanheiro (E 16 1 BD 55)

145. & muytas vezes te esqueçeras de ty mefmo he poeras o teu coraçom alleuantãdo sobre sy em as coufas çelestriaaes: & penfaras em aquello que se faz em ho paraifo (E 16 1 BD 55)

146. ...& cõ esto lygeiramẽte sayame pellos matos & pellos lugares verdes em ha ribeira das aguas q' correm cõ foõ rogindo pa poder perder a graueza & ho canfamẽto corpo & do esprito (E 16 1 BD 56)

147. Ouvindo eu muy coitado pecador estas coufas que dizia ho beẽto follitario nõ soube que diffese nõ que braadey ao seõor ã meu coraçõ dizẽdo seõor leuãtate & ajudame liurame pollo teu groriofo nome q' he jhũ saluador (E 16 1 BD 56)

148. ... mas logo a muy cõfortofa donzella tãgeo o meu coraçom cõ feu dedo dizendo me affi homẽ pecador tem mentes enefito q' diz a minha yrmaa (E 16 1 BD 56)

149. Quanta ergo he há delleytaçom & há fegurança da vida do follitario que reconta os maees he os temores que pallou ha ja grande tempo quanto prazer he ao homem que chegou a dous caminhos & em huũ delles tinha prestes a morte he esteue pemfando qual delles escolheria (E 16 1 BD 58)

150. E leixou ho da parte feeetra que era mortal nom ho sabendo elle ca esto ha ho homem naturalmente q' quãto mayor: & mays prestes foy ho mal de que se lembra do passado tanto há mayor prazer (E 16 1 BD 58)

151. ...& os que foram liures das paifooes sem avendo esperança de ser foltos: & os vçedores das lides muyto ameude & com prazer recõtam as estoreas dos perigoos que passarõ (E 16 1 BD 58)

152. Mas logo que era comprido de tristeza entendendo que auia grande embargo dos meus pecados pera auer tam grãde bem de que nom era mereçedor: & porem comecey a braadar ao senhor deos confiando da sua misericordia (E 16 1 BD 58)

153. E cõ grãde coita do meu coraçom olhey a muy cõfortofa dõnzella esperãdo della confolaçom affy como auia ã costume (E 16 1 BD 58)

154. Calloufe dom feneca & ho fages follitario tornou a sua razom dizendo verdadeiramente affy he (E 16 1 BD 59)

155. E parando mentes callado ao acabamento das razões poucas vezes vy alguũ que nom diffefe: & determinhaffe oufadamẽte que effa coufa d' noff vyda mizquinha era melhor que aquella bemaumenturança dizendo ledamente cõ sandiçe (E 16 1 BD 59)

1.2 Sécuro XVI – segunda metade

IOAM, Manoel. Este liurinho contem huas meditações da Criação do mundo & vida de nosso senhor Iesu Christo repartidas polos dias da somana. Lixboa: per Manoel Ioam, 1565.

1. A criação do mũdo & dos mysterios de nossa redepção repartidos polla somana, pera quãdo a alma não estiver conversando no ceo, cuide o q Deos fez por seu amor na terra. (E 16 2 MCM 7)

2. estava deos em si mesmo, o padre ab eterno entendendo se a si, & a todas as coisas as cousas em si, gerando eternalmente o seu vnigenito filho verbo eterno, comunicãdo-lhe sua mesma essência, poder e bondade (e 16 2 mcm 8)

3.o padre e o filho estando ab eterno amandole sperão eternalmente o Spiritu Sancto, amor do padre & do filho: ao qual ab eterno cõmunicã sua mesma essência, poder, saber & bondade. (E 16 2 MCM 10)

4. ou mãdou os deitar por Sam Miguel (como o mesmo apostolo diz) no cẽtro da terra em fogos & penas eternas, onde estão atromentãdo a si & a aos malauêturados. (E 16 2 MCM 16)

5. Os Anjos bõs, o segundo acto & obra q tiuerão, foi de grãde humildade, & de grãde agradecimeto , conhecẽdo q todos os bes q tinhão receberão do criador e q a conservação deles dependia do mesmo Deos, coformãdo sua vontade cõ o divino beneplácito.(E 16 2 MCM 17)
6. foi essa obra de tâta perfeição tão aceita diante do sumo Deos, q lhes deu lume de gloria & sêdo os seus entedimetos cõfortados & alevantados co este diuino lume, virão a Deos per clara visam, ficarão suas võtades inflamadas no seu diuino amor e fruindo de sua pura essêcia.(E 16 2 MCM 17)
7. Avia cinco mil annos q o mũdo era criado, & todos os homes q morriaõ deciao suas almas, hũas ao inferno, pera nelle ficare perpetualmente: outras ao purgatório, & ao limbo, esperando a vinda do filho de Deos ao mundo q os avia de resgatar. (E 16 2 MCM 19)
8. & a Virgem chamase Maria: Entrou o Anjo em forma humana, estando a senhora rezando, & disse lhe. Deos te salue chea de graça, o Senhor he contigo , benta es tu entre todas as molheres (E 16 2 MCM 21)
9. Toruouse a Virgem ouuindo isto, & cuidava q saudação seria esta. (E 16 2 MCM 21)
10. Desapareceo o Anjo, & naquele mesmo instante, a Sanctissima Trindade formou do mais puro sangue das entranhas da Virgem o corpo sanctissimo de Christo, & juntamente criou sua alma sanctissima, & infundio no corpo & infundindoa a criou, & juntamête naqlle mesmo instãte o filho de Deos, verbo eterno, segunda pessoa da SãctissimaTrindade vnio e ajuntou esta humanidade a sua pessoa divina. (E 16 2 MCM 23)
11. & aquelle Senhor q enche todo lugar sem mudar lugar nẽ fazer mudança vnio & ajuntou a si esta natureza humana. ficando assi a virgẽ prenhe de deos, tendo no seu vêtre um filho, que juntamente era Deos e era homem, que tinha duas naturezas diuina e humana ajũtadas a so posto divino (E 16 2 MCM 23)
12. & Isabel foi shea do Spirito Sancto, & dando hũa grande voz disse: benta es tu entre todas as molheres (E 16 2 MCM 24)
13. & de hũa geração em outra me chamarão bemaenturada: porque fez em mĩ grãdes cousas aquelle Senhor, que he poderoso: deume certa dignidade infinita, fazendome madre fezme virgem & madre porque he todo poderoso (E 16 2 MCM 26)
14. Aceitou & recebeo a Israel seu servo, lembrandose da sua misericórdia: assi como tinha dito a nossos padres, principalmente a Abraham. (E 16 2 MCM 27)
15. chegou a Belem já noute: & não achando lugar na estalagem onde pousar recolheose a huNa lapa. (E 16 2 MCM 29)
16. cuidou eu que a Senhora chegando se aquella bemaenturada hora, em q o sol da justiça auia de nascer no mundo q o seu rosto resplandecia de maneira que como diz o Euangelista Ioseph não a conhecia. (E 16 2 MCM 29)
17. & estando assi toda absorta em Deos, pario ao mesmo Deos feito homẽ (E 16 2 MCM 29)

18. E cuidou, que estando a Senhora arrebatada naquela altíssima cõtêplação, acordou ao choro do menino Iesu: & reuerêceão como a Deos, & amãdo como filho de sua entranhas, o tomou em seus braços & lhe deu de mamar, & o enuolueo em panos pobres mas limpos, & o pos na manjedoura, porque outro berço & outro leito não auia aly. (E 16 2 MCM 30)
19. Naquella comarca auia certos pastores, que estavam vigiando seu gado & o Anjo do Senhor se pos junto deles & hũa claridade que Deos criou estranha, aquela noute o cercou, & eles ouuerão grãde medo (E 16 2 MCM 30)
20. Supitamête apareceo com o Anjo hũa multidão de caualeiros celestiais louuãdo e dizêdo: gloria seja a Deos nas cousas altas, & na terra paz aos homeNs de boa vôtade. (E 16 2 MCM 31)
21. & vindo com muita pressa, acharão Maria gloriosa, & o menino Iesu posto em hũa manjedoura: vendo isto os pastores conhecerão, & creram a maravilha q lhe foi dita deste menino. (E 16 2 MCM 31)
22. & os pastores tornarãose glocifcãdo & louuando ao Senhor por todas as cousas ouirã e virã (E 16 2 MCM 32)
23. E assi tendo chegado o octavo dia circuncidaram o menino, poseraolhe o nome de IESU (E 16 2 MCM 35)
- 24: entrarão em Hierusalẽ dizendo: õde esta o Rei do Iudeus que agora nasceo: vimos a sua estrella em Oriente, & vimolo adorar. (E 16 2 MCM 36)
25. Herodes Rei Tirano ouuindo isto toruouse: & estava a cidade já tão profanada que Hierusalem se toruou jûtamente com ele (E 16 2 MCM 37)
26. Partirãose os Magos de Herodes, & a estrella que virã em Oriente HIA diante deles guiandoos atee que chegarão onde estaua o Senhor. (E 16 2 MCM 38)
27. vendo a estrella alegrarãose cõ grãde prazer: e vendo estar fixa sobre o presépio, entraram dentro & acharam o menino iesu com a gloriosa Maria sua Madre: e deitando se por terra o adorarão & abrindo seus tesouros, lhe oferecerão ouro, encêço e mirra (E 16 2 MCM 38).
28. Mandou Deos a Moises no Levitico capitulo xii que todo filho primogenito fosse apresentado ao Senhor e que os pays os remissê, dãdo por eles cinco ciclos que então corrião e dando de offerta hum cordeiro ou hum par de aues. (E 16 2 MCM 40)
29. O sacto Simeõ (q' segũdo alguns foi sacerdote) tomou o menino Iesu nos seus braços, & dãdo muitas graças a Deos disse Agora deixa yr o teu seruo em paz, assi como mo tinhas prometido. (E 16 2 MCM 44)
30. A Virgẽ gloriosa & o santo Ioseph estavam maravilhados, ouuindo essas cousas do menino Iesu. (E 16 2 MCM 44)
31. Esta nunca saya do tempo, seruindo noute e de dia cõ jejüs e orações, dando graças a Deos: & falava do menino Iesu a todo q esperauão a Redêpção de Israel, dizêdo que este era o verdadeiro Missias (E 16 2 MCM 44)

32. & cada hũa o queria leuar pera sua casa, & lhe dauão mil abraços, não sabendo quão bem o empregavão. (E 16 2 MCM 49)
33. daqui se pouoarão aqueles desertos de Egipto de Narcoritas, & de sanctos monges, que sendo homens e viuêdo na terra, viuiõ vida de Anjos (E 16 2 MCM 50)
34. Herodes vêdo q' tardavam os Magos quisera logo execultar sua cruel tirania: mas segundo algũs escrevem, sendo dado capitulos ao Emperador de Roma, foi chamado. (E 16 2 MCM 50)
35. & vendo q fora escarnecido dos Magos, com grande yra mãdou matar todos o meninos de Belem, & sua comarca, de dous ãnos para baixo. (E 16 2 MCM 50)
36. Dahi a poucos annos morreu Herodes, foi dar cõta das suas crueldades, auendo sete annos q o Senhor estaua no Egipto (E 16 2 MCM 51)
37. Aleuantouse Ioseph, & dizêdo à Virgẽ o que se passaua, tornou-se cõ ella, & cõ o menino Iesu a terra de Israel: & ouuindo que Archela o filho de Herodes regnaua em Iudea ouue medo de yr ao seu regno & sendo amoestado em sonhos foi se à prouincia da Galilea e Morava na cidade de Nazaret. (E 16 2 MCM 52)
38. & chegando a idade de doze ãnos, foi a Virgem e o santo Ioseph a Hierusalem no templo solene da páscoa, assi como costumauã fazer todos os annos. (E 16 2 MCM 52)
39. & acabados os dias da festa, deixou-se ficar o menino Iesu em Hierusalem não o sabendo a Virgem nem o santo Ioseph (E 16 2 MCM 52)
40. quando veyo a noute, q não o acharão, perguntarão aos parentes & amigos: & não lhe dando nouas dele, vendo a Virgem perdida aquella joya diuina, cuja valia ella tam bém conhecia, Tendo aquella espada que o sacto Simeõ lhe disse, sempre atrauessada no coração: tornarão a Hierusalem sua busca & a cabo de três dias o acharão no templo assetado no meyo dos Doutores ouuindoos & perguntando-lhe. (E 16 2 MCM 53)
41. e estando o grande Baptista junto ao Jordão, pregando penitência aos peccadores e baptizando: foi a mesma innocencia antre peccadores a Sam Ioan que o baptizasse (E 16 2 MCM 58)
42. & saindo o Senhor da agoa, & orando, & abriose o ceo e veyo o Spiritu Sancto eem figura de pomba sobre o Senhor. (E 16 2 MCM 58)
43. O Redemptor vendo, que o demônio tocava na honra de seu padre eterno, disselhe vaite Satanas. (E 16 2 MCM 60)
44. Feita esta tamanha obra de humildade, como foi yr o Redemptor, como q fosse peccador, receber o baptismo de penitencia das mãos de Sam Ioão, & fazêdo esta obra tão estremada de abstinência, jejũando quarenta dias sem comer de dia nem de noute, soffrendo & dissimulando as tentações do demônio, sendo já tempo que a doctrina respondesse ao exemplo da vida começou a pregar estas palavras (E 16 2 MCM 60)

45. porque os profetas & sanctos fizeram milagres pedindo, Christo nosso Senhor mandando, como verdadeiro Deos que era. (E 16 2 MCM 60)
46. E criou Deos baleas grandes, criou na terra diuersos animais, & diuersas aues que voassem pelo ar e bem dixee essas criaturas, dizendo. Crecei & multiplicai. (E 16 2 MCM 62)
47. E sendo chegada o tẽpo de nossa redempção, a quinta feira pola manhã bespora de sesta feira em q' o Señor auia de padecer, estando em Betania em casa de Magdalena & de Marta, disserãlhe seus discipulos: õde q' res Sñhor q' te aparelhemos a pascoa? (E 16 2 MCM 63)
48. Mas sendo já hora, foise o Senhor com os doze Apostolos ao cenaculo, onde lhe tinham aparelhado a pascoa. & assentando a mesa disse-lhes. Com grande desejo, desejei comer esta pascoa cõ vos outros antes que padeça. (E 16 2 MCM 65)
49. sabendo o Senhor, Iesu que era chegada sua hora, em q' auia de passar deste mudo ao padre, como amasse aos seus que eram espalhados pelo mudo amou ate o fim (E 16 2 MCM 65)
50. E tendo acabada a ceia do cordeiro, & tendo já o diabo metido no coração de Iuda Escariote q' o vendesse, sabendo que o padre eterno entregara tudo em suas mãos, & q' saira de Deos tomãdo carne humana e tornava a Deos ressurgindo & subindo aos ceos. Aleuantouse da mesa & tirou a vestidura, cingindo-se com hũa toalha, deitãdo agoa em hũa bacia, começou a lavar os pés de seus discipulos (E 16 2 MCM 66)
51. lavando assi os pes a S. Pedro & a Iudas, & aos mais discipulos tornou a tomar a vestidura q' despira e tornou a sentar eN seu lugar (E 16 2 MCM 66)
52. E dando a comer o seu sagrado corpo a seus discipulos, e a beber seu sanctissimo sangue, q' dahi a poucas horas auia de derramar pelo gênero humano. (E 16 2 MCM 66)
53. Alevantou-se em tão o Señor & seus discipulos cõ ele, e foisse alẽ do rio dos Cedros, a hũa quinta q' se chama Gethsemani, q' esta ao pe do monte das Oliueti & pelo caminho foi continuãdo o sermão. (E 16 2 MCM 71)
54. Tornado a seus discipulos achou os dormindo (E 16 2 MCM 76)
55. & vindo a seus dicipulos, acordou os & disse lhes q' eram chegados os que o vinha prender (E 16 2 MCM 76)
56. O tribuno e os soldados prenderãoo Señor atãdolhes as mãos detrás (E 16 2 MCM 77)
57. Tendo Deos criado tantas cousas, quis criar o homẽ, pera que criara tudo (p. 78)
58. Esta imagem e semelhança de Deos, de duas maneiras se entende: he Deos hum em essencia, & trino em pessoas: entendendo o padre, gera o filho: amando-se o padre & o filho, espirão o Spirito Sancto (E 16 2 MCM 79)
59. E formou Deos o corpo de Adão do limo da terra, & criou sua alma de nada & juntamente criandoa a infundiu no corpo q' criara de terra (E 16 2 MCM 80)

60. Estando assi Adão no paraiso terreal troxe Deos diante de Adão todas as animarias q criara na terra e todas as aues do ceo, pera q pois erã suas as chamasse com quisesse (E 16 2 MCM 81)
61. & assi deu sono a Adão, & estãdo dormindo, lhe tirou hũa costa, & dela fez o corpo de Eva (E 16 2 MCM 81)
62. Auêdo inueja da vida que viuiam. & da gloria que esperauão: determinou de os tentar & derribar como o fez (E 16 2 MCM 83)
63. por que vos mãdou Deos que não comesseis de todas as frutas do paraiso? Respõdeu a molher: de todas comemos, tirando da q' esta no meio do paraiso. (E 16 2 MCM 83)
64. caindo nesta culpa, perderam a justiça original, em que forã criados, perderam a inocência & paz em q' viuião (E 16 2 MCM 84)
65. Veyo Deos mais como um pay misericordioso q' como um juiz riguroso; e ouuindo Adão & Eva sua voz esconderão se detrás de hũas arvores (E 16 2 MCM 84)
66. Em amanhecendo ajuntaram se os principes dos sacerdotes, os doutores da lei, & muitos judeus & leuaram o Señor de casa de Caifas a casa de Pilatos: o qual vendo Iudas desesperou: & tornãdo o dinheiro que por elle lhe deram, se enforcou (E 16 2 MCM 89)
67. Dizendo os fariseus a Pilatos, que o Señor era Galileo, mãdou que o leuassem a el Rey Herodes, q' naqueles dias era vindo a Ierusalem (E 16 2 MCM 89)
68. E Pilatos, cõfessando a innocencia do Senhor, desejãdo de o liurar, disse aos judeus. Se soltaria ao Senhor, ou a hum ladrão homicida a que chamauão Barrabas, mas os judeus forã taes, que escolherão Barrabas (E 16 2 MCM 90)
69. Sendo ja hora de terça (que pela nossa conta he das seis ate às noue horas) mandou Pilatos açoutar o Senhor (E 16 2 MCM 90)
70. & pondo giolhos no chão, escarnecião dele dizendo: Deos te salue Rei dos Judeus (E 16 2 MCM 91)
71. Parecendo a Pilatos ja os judeus seriam contentes, mandou q' tirassem o Señor assi fora e disse lhes. Eis aqui o homẽ. (E 16 2 MCM 91)
72. Muitas molheres iam chorando: o Senhor a cabeça para ellas & disse-lhes. Filhas de Ierusalem, chore sobre mim, mas chorai sobre vos mesmas & sobre os vossos filhos (E 16 2 MCM 93)
73. & chegando assi ao monte Calvario deram lhe a beber vinho misturado com mirra, & com fel, prouando o, não quis beber (E 16 2 MCM 94)
74. & aleuantando a cruz em alto, cõ o Senhor nella pregado, meteram o pee da cruz em hũ buraco, & atocharãono pera que não caisse. (E 16 2 MCM 94)

- 75: Sendo assi crucificado o Redẽptor do mũdo, crucificarão tãbẽ os dous ladrões (E 16 2 MCM 96).
76. Senhor vendo que era ja era tempo de misericordia, disse a primeira palaura da Cruz. Padre perdoai a estes que não sabem o fazem (E 16 2 MCM 95)
77. & virandose ao Redẽptor disselhe. Senhor lembraiuos de mĩ quando vos virdes em vosso regno (E 16 2 MCM 96)
78. vendo o Redemptor sua madre & o discipulo que elle amava, disse a sua madre, molher eis ahi o vosso filho: & ao discipulo disse: eis ahi a vossa madre. (E 16 2 MCM 97)
79. & sendo quase hora de noa (q' pela nossa conta he meio dia te as tres horas) clamou o Señor cõ grande voz dizendo. Deos, Deos meu, por que me deseparaste. (E 16 2 MCM 99)
80. Alguns dos que ali estavam vendo o que o Señor dissera: Helli Helli lamazabactani cuidarão que chamara por Elias (E 16 2 MCM 99)
81. & era sede tamanha que dando lhe vinagre o bebeo, & que achando hum ladrão a par de si o salvou. (E 16 2 MCM 100)
82. Os Iudeus vendo que o Señor disse hey sede, tomarão hũa esponja, & molhada em vinagre, atada em hũa cana, chegarão na à sua boca (E 16 2 MCM 100)
83. Iesu eterno, doce esposo de minha alma, ja falaste com vosso divino padre, rogando por vossos matadores (...) ja vos queixastes a vosso padre, mostrando vosso desamparo (...) ja falaste com as escrituras, & Sacramẽtos, dizendo que tudo era acabado (E 16 2 MCM 101)
84. & acabando de dizer esta palaura, inclinando a cabeça espirou. (E 16 2 MCM 102)
85. De fee temos que o seu spirito vnido a sua divindade deceo aos infernos, & comũmente se tem q' acabando de espirar, foi beatificar os sanctos que estauão no limbo, tãtos mil annos auia, esperando por elle com tamanhas saudades, & com tão longos desejos (E 16 2 MCM 103)
86. muitos corpos de sanctos q' ate então dormirão, resurgirão em corpos gloriosos, & vindo a sancta cidade, aparecerão a muitos, testificando que este era o verdadeiro messias (E 16 2 MCM 104)
87. O centurio & os que estavão cõ elle vendo estas cousas, & principalmente que assi clamando espirasse dizia. Verdadeiramẽte este homem he justo & filho de Deos: & tornando per a cidade, vinha ferindo seus peitos. (E 16 2 MCM 104)
88. & acabando de morrer a alma do bemaumentado Dimas deceo ao limbo, onde ja estaua a alma do Senhor vnida a sua divindade, & se comprio o lhe dissera na cruz (E 16 2 MCM 105)
89. E chegando os caualeiros ao Senhor, não quebraram as pernas, por q' viram que ja era morto. (E 16 2 MCM 105)

90. Sendo ja tarde veio hum homẽ rico q' se chamaua Ioseph, de nobre geração, tinha hum grande officio na corte (E 16 2 MCM 106)
91. Auida Ioseph a licêça de Pilatos, foi se ao Monte Calvario, & despregando o corpo do Senhor com muita reuerencia, de crer he que o poserão no regaço da triste madre, & senhora nossa. (E 16 2 MCM 107)
92. E tomando a gête darmas necessaria, poserão a guarda conveniente. (E 16 2 MCM 109)
93. Repousou o seu spirito decendo ao limbo, vnido a sua divindade, onde segundo comum, esteve beatificando os sanctos padres desde o momento q espirou na cruz ate o momento de sua sancta ressurreição (E 16 2 MCM 110)
94. Parece q' o Señor resurgio em rompendo a alua, vindo com todas aquellas sanctas almas, q' no limbo estavã muito dos quais resurgirão tâbẽ. (E 16 2 MCM 119)
95. A primeira que o Euangelho conta foi a Maria Magdalena, depois às Marias, depois a Sam Pedro, & depois aos onze discipulos, não estando ahi Sam Thome, depois estando todos juntos (E 16 2 MCM 120)
96. Assi gastou o Señor quorenta dias , aparendo muitas vezes a seus discipulos, ensinando os, & confirmandoos na fee, encendendo os no amor, cõ sua doce conversação. (E 16 2 MCM 120)
97. Assi apareceu o Senhor muitas vezes a seus discipulos depois de sua sancta Resurreição: comeo com eles, conversou com eles falando do regno do ceos: abrindo-lhe o entendimento pera que entendessem as escrituras, enchendo os de fee, desesperança & de amor (E 16 2 MCM 121)
98. E aos quarenta dias, estando presente sua sacaratissima madre & seus apóstolos & todos os seus discipulos, subiu do mõte Oliueti aos ceos, em sua propria: leuando consigo todos aqueles sanctos que tirara do limbo (E 16 2 MCM 121)
99. Estando assi, vierão dous Anjos em vestiduras alvas, & disseram lhe. Varões da Galilea que estais olhando pera o ceo: (E 16 2 MCM 122)
100. Tornou-se então a Senhora, & os discipulos, do monte Oliueti pera Ierusalem (que era perto) & vierão ao cenaculo do mõte Siõ & ahi se deixaram estar perseverando ã continua oração (E 16 2 MCM 122)
101. Aleuantaiuos mortos, vinde ao juizo: resurgindo então todos, & com os que ja foram resucitados, sera o que o Senhor diz per Sam Mateus (E 16 2 MCM 122)
102. Diz Isaias falando de Ierusalem celestial: não teras mais sol pera te alumiar de dia nem o resplendor da lũa te alumiará. (E 16 2 MCM 129)
103. Ahi esta aquelles esforçados caualeiros a que a ygreja chama resplandescente exercito dos mártires, q desprezãdo a vida temporal, banharão suas estolas no sangue do cordeiro. (E 16 2 MCM 133)

104. aquellas atalaias de Siõ, mões, & irmirões & frades: que quando a outra gête dormia, eles velauão, orãdo & cantando lououres ao Deos do ceo (E 16 2 MCM 133)

105. Sam Ioão no Apocalipsi, querendo significar (ao nosso modo de falar) a gloria desta Senhora diz. (E 16 2 MCM 136)

106. & estando assi os entêdimentos vendo a Deos claramête a vôtade está vnida e abraçada com o mesmo Deos, está fruindo & gozãdo daquele summo bem, ve alma a Deos no mesmo Deos (E 16 2 MCM 138)

107. O corpo está gozando da humanidade de Christo (E 16 2 MCM 138)

108. Assi todos os mais sentidos estão em seu acto perfectissimo, gozãdo de seus objectos (E 16 2 MCM 133)

109. Desta maneira vira a ti aquella Señor, cujas dilicias sam estar com os filhos dos homês, este que esta à porta batendo, aparelhado a entrar se lhe abrirem: este que está queixando se que tem a cabeça chea de orvalho. (E 16 2 MCM 143)

110. A alma sancta & amiga do verdadeiro esposo sempre deve estar sospirando sempre aparelhada, sempre desejsa da vinda do seu amado (E 16 2 MCM 148)

1.3 Século XVII – primeira metade

ARIZ, Pedro de. Historia admiravel do sanctissimo milagre de Sanctarem: que aconteeo na Igreja do Protomartyr Sancto Estevão, em o Sanctissimo Sacramento do Altar. Lisboa: Pedro Crasbeeck, 1612.

1. E para isto, em todo o curso do anno anda correndo as casás & lugares de todas as outras estrellas, comunicando-lhe a mesma luz: mais ou menos, segundo a qualidade de cada hum (E 17 1 HAM 9)

2. Todavia, fezhe Deos merce, dotar seu entendimêto de tão grande luz, tão incorruptiuel: q' em o discurso de sua vida, andou habituando os mais altos tribunaes deste reyno. Entendêdo no gouerno deles de maneyra, como outro fol, cõ sua luz, pelos orbes celestes, se anda comunicando. (E 17 1 HAM 9)

3. ...& achara, q' nascêdo em Coimbra (patria minha) de tão nobres auoengos, q' na montanha de Asturias, são senhores de hũ dos mais antigos Trõcos dos Fidalgos de Solar conhecido, que da nobreza Gótica se gloriam (E 17 1 HAM 9)

4. Que fendo Capitão mor do mar daquellas partes, cafou cõ a herdeyra da antigua Cafã de Venero. Per cujo filho, cafando na cafã de Salazar & pelo filho deste na Cafã de Selosrio, entrãrão tambẽ no sangue de V.S Iluftrifs. as nobreza destas duas Cafas (E 17 1 HAM 10)

5. E de q' fahirão para o restãte de Hespanha, muytas peffoas (...) q' parentandose com suas famílias iluftes de senhores grãdes: não foram hauidos delles por seus inferiores, na limpeza de sangue, & na antiguidade de sua fidalguia (E 17 1 HAM 10)

6. E sendo V. S. Ilustrifs. este per natureza: ella e a Fortuna o enriquecerão tão dos principaes Dões (...) & sem V. S. o procurar, não grangear; o forão leuantado aos mayores cargos & dignidades deste reyno (E 17 1 HAM 11)
7. E o q' mais he, q' atee na qualidade particular, correspondente cõ o nome de Pedro (...) parece (se assi me he licito falar) q' estamos vendo em V. S. Ilustrifs. (E 17 1 HAM 11)
8. Como também para que se acabe de saber pelo mundo a Catholica excellencia da pureza da Fee, com que Deos quis enriquecer este nosso Portugal. Conferuando nelle, tantas centenas de anos, hua tão clara demonstração desta verdade (E 17 1 HAM 13)
9. A qual, como vigilante sentinella, esta naquele lugar continuamente despertando os entendimentos, obrigando as vontades, estimulando os pensamentos de todos os Catholicos: & accusando perpetuamente, ante o tremêdo tribunal, a todos os incredulos & duvidosos na crença de sua infalivel verdade (E 17 1 HAM 13)
10. Sendo assi, que nem há, nem aconteeo em todo este Reyno & suas conquistas, cousa digna de mais elegante escriptura (E 17 1 HAM 13)
11. E não sera temeridade afirmar, que nesta averiguação, entendemos, os que a estauamos fazendo, algũs mysterios q' nos parecerão dignos de confideração, para melhor & mais infalivelmente se poder aueriguar esta verdade (E 17 1 HAM 14)
12. ...ela imaginava, que para sua necessidade, lhe não negaria o conselho que mais proueitoso lhe fosse. Pedindolhe, que la por sua arte, lhe aconselhasse algum remedio, que abrandasse o ódio com que seu marido a tratava (E 17 1 HAM 19)
13. Inuencão particular do Demonio, que Deos permite para o justo castigo dos desordenados appetes, com que ordinariamente, ou se fazê, ou se procuraõ, encubriendoos com honrada causa dos ciúmes (E 17 1 HAM 19)
14. A molher, que angustiada se via, cada vez mais com o que padecia, entendendo que tinha tão perto o remedio de seus trabalhos lhe prometeo o segredo (E 17 1 HAM 19)
15. E quando recebesse (...) a tirasse da boca inteira, & a escondesse em a beatilha com q' estaua tocada: fingindo que na boca a tinha já consumida (E 17 1 HAM 19)
16. Fez a molher o que a Iudia aconselhou: ministráraõlhe o Sanctissimo Sacramento, mas fingindo que o consumia, dentro da boca, com tanta industria se houve, que pode guardar a sagrada partícula inteira (E 17 1 HAM 21)
17. E mais sendo contra o Sanctissimo Sacramento da comunhão, que os de sua nação & ley tanto o aurrelsem, & blaffemão: como as calamidades de nossos tempos estão claramente demonstrando (E 17 1 HAM 22)
18. Com este contentamento, se pôs logo em caminho da casa de Iudia, leuado comsigo, o que hua & outra tanto desejauão (E 17 1 HAM 22)

19. Donde deuiam tomar auifo os que ministraõ este Sanctifsimo Sacramento, quando metem a sagrada partícula na boca dos que o recebem: vigiando bem, que não aconteça outro caso semelhante a este (E 17 1 HAM 22)
20. Mas Deos, querendo conuerter tamanha maldade & abominação de feu fanto Nome, em mayor gloria fua, & em mais proveito noffo: fazendo então a este Reyno & ao mundo todo, mayores mercês, quando mais nelle o eftauão ofedendo: ordenou que paffando aquella mefquinha, pela rua, (...) quando hia leuar a fagrada partícula à Iudia: algũas peffoas que aly eftauão (...) virão claramente que muytas gotas de fangue fresco cahião do panno (E 17 1 HAM 23)
21. & tornandofe muito enuergonhada & corrida a fua cafa, donde primeyro sahira; tomou o panno (...) meteu em hũa arca (E 17 1 HAM 27)
27. E paffado o primeyro fonno, acordarão muy perturbados, porque abrindo os olhos virão naquela cafa, grandes reflandores (E 17 1 HAM 27)
28. E applicando mais os fentidos ao que poderia fer aquella novidade: acharão outra muyto mayor de hũ cheyro fuavifsimo, & muſica celeftial, q' lhes parecia, q' continuamẽte fem ceſſar, eftaua fazẽdo alegre companhia a fua arca de roupas (E 17 1 HAM 27)
29. E contando ella, em breues & timidias palavras, toda a verdade, logo fe leuantãrão (E 17 1 HAM 28)
30. & em meyo a tãta perturbação, fe poſerão em giolhos muy humilhados, quaſi de todo fora de feus fentidos; não acabando de crer que eftauão acordados: & feus olhos podião alcançar ver o que eftauão vendo (E 17 1 HAM 28)
31. E aſſi entre temor & delação, enleuados, estiveram confiderando tão grande marauilha: eſpantados & com razão attonitos & palmadados: parecendolhe que toda a Gloria de Deos, de que aos Pregadores tinhão já ouuido tantas marauilhas, tinhão então em fua cafa (E 17 1 HAM 32)
32. E de aſſi fer, tendofe por muy indignos, fe proſtraram em terra (E 17 1 HAM 32)
33. ... O qual tornou logo em fua companhia, & ouuindo naquela camara a muſica, que não menos que celeftial parecia (...) conuocou o Parocho toda vizinhança (E 17 1 HAM 32)
34. & com toda veneração abrirão a arca: & buſcando com a decência neceſſaria, achãrão dentro della a Particula da fagrada Hoſtia, tocada de algumas gotas de ſangue (E 17 1 HAM 32)
35. & nunca viſto, como tão grande marauilha eftaua pedindo (E 17 1 HAM 33)
36. & fe viſitauam hũs aos outros, dandofe entre ſi alegres aluoradas (E 17 1 HAM 33)
37. ... foy aquelle ſanctifsimo Milagre venerado & ſolemnizado, com danças, & feſtas, cantigas, & muitos outros ſinaes de eſpiritual alegria: andando todos, em toda a Villa, como de feu juízo alienados: fazendo publicamente pelas ruas muytos exceſſos de eſpiritual cõtentamento (E 17 1 HAM 34)

38. Pois he muy prouauel, ou quasi fem duuida, que confiderando elles, as duas turpifsimas qualidades, de Iudia maluada, & feiticeyra, que na Hiftoria lhe atribuem (como adiante mostraremos) não poderia ella ficar liure de algũas populares afrontas (E 17 1 HAM 34)

39. E quãdo foffe aufente, muy prouauel he que a fúria popular, com tanta razão indignada, rõperia com palauras injuriofas, lançandolhe mil maldições, & ameaçandoa com cruéis castigos: execrando com furibundas palauras tamanha maldade. Desejando todos, para o castigo della, todas as fúrias infernaes indignadas (E 17 1 HAM 36)

40. ... que bem verificada & verdadeira fe vio em todos elles a benção de Deos, que elle em feu primeyro Rey, lançou a feus descendentos neste Reyno, chamando-lhe, Reyno fanctificado ao mefmo Deos, puro na fancta Fee, & pola pidedade do mefmo Reyno dele amado: dizendo: Erit mihi Regnum Sanctificatum, fide purum, & pietate dilectum (E 17 1 HAM 36)

41. E tornãdo ao fio de noffa Hiftoria, de que mo apartey, não fem algũa razão de contingencia de efpiritual confolação & neceffario auifo (E 17 1 HAM 36)

42. ... moveofe hũa grãde queftão & duuida entre os presentes: defejando e procurando cada hũm deles, que o fanto milagre do Corpo do Senhor se collocaffe em o lugar que mais decente lhes parecia (E 17 1 HAM 37)

43. Mas acudindo freguefes da mefma igreja de são Eftevão, onde Deos fora seruido fazerfe tão fanta maravilha, os quaes como diz a relação antigua & verdadeira, naquele tempo, erão homens bem intencionados (E 17 1 HAM 37)

44. & infiltirão por fultentar fua opinião; que fizeram com que toda eíta duuida ceffaffe, não querendo consentir que aquella fua Igreja foffe esbulhada de tão grande thefouro, (...) permitindo q' nella fe obraffe para todo o mundo tão alta merce (E 17 1 HAM 38)

45. & mostrado o Sanctiffimo Milagre o poferão dentro em hũs bolos de cera bela: parecendo-lhe que nella, por fer limpa, & pura, & pouco sojeita a corrupção, fe conferuaria melhor a Sagrada Particula (E 17 1 HAM 38)

46. Grande efpaffo de tempo eíteue a fagrada partícula guardada, naquella igreja, dentro daquella bemaumenturada cera: & sempre venerada & adorada com grande delação & alegria efpiritual de todo aquelle pouo, como coufa tão mifteriofa, & tão diuina. Renouando tambem cada anno eíta delação algũas vezes: abrindo o Sacratio, para o pouo fe valer daquella diuina Reliquia em fuas necefsidades, de eferilidades, tribulações e mortaes enfermidades. Até que paffados algũs anos, sendo neceffario, para algũas occafões femelhantes a eítas que diziamos, aproueytaremfe da vifta do Sanctiffimo Milagre, que na cera eítua enferrado (E 17 1 HAM 39)

47. Quando para iffo foram abrir o Sacratio onde eítua guardado (coufa marauilhofa & eítupenda) acharão a fagrada Hoftia, fegundo diz a Hiftoria antigua, chamandolhe Corpo do Senhor, não dentro da mefma cera metida como dantes eítua: fenão em hũa pequena ambula de criftal, ou vidro muy transparente, enferrada (E 17 1 HAM 40)

48. ... mas começa no pee tão larga como hũa pataca de oyto reales de prata, das nouas: & logo vay adelgaçando até acabar em hũ bocal eítreyto, da forma que adiante vay retratada ao natural em hũa eítampa (E 17 1 HAM 40)

49. Outros ao Minino Iefu fobre o globo do Mundo pofto, lançandolhe com fua diuina mão a fagrada benção. (E 17 1 HAM 41)
50. Outros o mefmo pofto em figura de fua Payxao, quando Pilatos o mostrou aos Iudeus, dizendo, Ecce Hommo. (E 17 1 HAM 41)
51. E outros fobindo aos Ceos: & nelle gloriofo & triumphante (E 17 1 HAM 41)
52. Em fim erão tantas as Imagês, em que cada hũ delles lhe parecia que eftaua vendo o Sanctififimo Milagre, que a variedade delas, o fez de tão multiplicados efpanfos & admirações (E 17 1 HAM 41)
53. Ou o que tudo eftauão vendo, erão coufas imaginadas, ou em sonhos representadas. (E 17 1 HAM 41)
54. ...& o grande numero de teftemunhas, de todo efte Reyno, & ainda de muytas partes da Chriftandade, que em hũa conformidade & vnião constantemente eftauão afirmando, a euidência clara daquella grande marauilha: a foy fazendo pouco & pouco, muyto creiuel: atribuindolhe, como propri, o nome cômum de todos os Milagres: chamãdolhe, o MILAGRE, por excellência. (E 17 1 HAM 42)
55. E tudo caufa hũa reuerencia & veneração tão grande, que como coufa de fobrenatural mageftade, perturba a vilta, (..) confunde e enlea; em quanto em fua presença o eftão confiderando (E 17 1 HAM 42)
56. Mas da hy em diante, crefcendo os Milagres, crefceo a delação, fe ordenou no mefmo dia hũa Prociffão muyto folene pela Villa, com muitas feftas & alegrias: continuandose a delação d'aly em diante (E 17 1 HAM 47)
57. E elles, & o fanto Milagre de cada vez mais, com auantajados paffos, fe hão acrescentando, em as demonftrações do contentamento de cada hum (E 17 1 HAM 47)
58. ...& o leuauão fora da Villa, pedindo per fua inuocação a Deos, a temperança do tempo, de que tinham grande neceffidade (E 17 1 HAM 48)
59. O mefmo coftumam fazer em noffos tempos em as neceffidades cômûs da temperança do tempo, & doenças contagiofas: leuando o Sanctififimo Milagre em Prociffão pela Villa com muyta cera, & luminárias (E 17 1 HAM 48)
60. & a certos paffos muytos altares (...) & mulicas de varios instrumentos & vozes fonorofas, cantando villancetes & verfos a prepofto com muytas danças. (E 17 1 HAM 49)
61. E que fora Deos feruido, que eftando, ao partir da Prociffam, o Ceo & o ar ardentiffimos, & o Sol abrazando tudo, foy tal a mifericordia diuina (...) que antes que fe recolheffe a Prociffam, foy tanta agua, que do mefmo Ceo (...) Deos mandou (...) (E 17 1 HAM 50)
62. Continuando fempre as varias formas & figuras em que a muytos parecia que então o vião. Como inda hoje experimētamos todas as vezes que no lo deyxão ver. (p. 50)

63. E eu particularmente posso afirmar, q' estando o vendo os anos passados, em companhia de hum abbade meu amigo, ambos juntamente, a cada hum pareceo que o víamos em varia figura. (E 17 1 HAM 50)
64. E o anno de seiscentos & cinco, em dias de facto Esteuam, o estive vêdo muy particularmente, & per espalho de hũa hora & meya, com hũa vara do Paleo na mão (E 17 1 HAM 50)
65. E inda q' procurey velo, por diante per onde todos ordinariamente o vem; e pelos lados, & per detras, per onde somente os que aly estauamos seruindo, o podiam ver. (E 17 1 HAM 51)
66. E depouys, leuado ao Sacratio, estando o Prior da igreja para o meter nelle, no lo deu a adorar & beijar, a cada hum dos que leuauamos o Paleo. (E 17 1 HAM 51)
67. (...) metendo cada hum a mão em sua consciencia, & com ella, & com o estado de vida & inclinação natural que tem, conferir a particular figura em que o vio (E 17 1 HAM 52)
68. (...) se vem oferecer o fante Milagre: partindo de suas casafas ante manhaã, em hũa grande & bem ordenada Procifsão (E 17 1 HAM 53)
69. E em rompendo a manhaã, entrão pelas ruas daquella Villa, com suas ladainhas entoadas a seu modo (E 17 1 HAM 53)
70. (...) que quando antes que amanheça, ouvem aquelles clamores, entre delação & alegria fabricados: os quaes rōpendo os ares, & corações de todos; esclarecendo hũs & outros juntamente, com aquella rustica melodia (E 17 1 HAM 53)
71. (...) me contou o Prior (...) que vindo os annos passados os mesmos lauradores (...) pedir Sol ao sancto Milagre, tão confiados se mostrarão, q' dizendolhe algũas pessoas no caminho, que era ir têtar a Deos pedirlhe Sol, indo elles allagados com aguas tam continuas, (...) elles respondião, que elles tinham por certo alcançar do sancto Milagre o sol que pediam (E 17 1 HAM 54)
72. & nam deyxando de continuar com sua confiada simplicidade, afsi lhe aconteceu como elles o desejuam & pediam (E 17 1 HAM 54)
73. (...) costumão fazerlhe o próprio seu, o nome comum de todos os outros males, chamandolhe fomite o Mal (E 17 1 HAM 56)
74. (...) que por ser tão grande Milagre, teueffe tambem por próprio o nome comum dos outros milagres: chamandofe o Milagre. (E 17 1 HAM 56)
75. (...) conforme ao que achamos escripto em o principio da antiga relação de sua Historia, dizendo, Incipit Miraculum (E 17 1 HAM 56)
76. (...) grandes letrados, & Varões infignes em virtude & prudência: prouando todos Theologicamente, a afsitencia da divindade Sacramental (E 17 1 HAM 57)

78. Sendo coufa tão grande , & tão marauilhofa: & tão necessaria a confirmação & publicação della, como a obftinação & dureza dos incredulos & hereges nos eftão moftando (E 17 1 HAM 57)

79. Contafe que (...) que hum Prelado defte Reyno, varão virtuoso & letrado; parendolhe (como he bem que pareça) efte fancto Milagre coufa tão grande (...) quanto mais nefte penfamento fe occupaua (E 17 1 HAM 58)

80. E afsi, com efte intento, tomou em fuas mãos a miſteiofa Ambula, afli como eftá engaftada: & querendo experimentar a dureza & qualidade della: tanto q' lhe tocou com algũa violencia (dizem) que logo fairão algũas gotas de fangue (E 17 1 HAM 58)

81. Iſto fe conta vulgarmente naquela terra, per tradição que dos antigos fe foy derivando de huns em outros, em ſubſtancia do caſo todos conformes (E 17 1 HAM 59)

82. Mas o que fe ſabe de certo & ſem duuida algũa he, que ſendo Arcebiſpo deſta cidade de Liſboa hum varão em fangue illuſtre (...) o qual, querêdo fazer outra ſemelhante experiêcia, na ſagrada cera, em que a diuina Particula, vertendo ainda fangue, fora guardada (E 17 1 HAM 59)

83. Mas porque atentando elle bem no que fazia, vio que aquella gotta de cera Sagrada que ſe derretia, era de cor de fangue como pizado, & ſe derretia, como que eftaua fervendo fangue (E 17 1 HAM 60)

84. Como poſſo eu fer boa teſtemunha, que indo àquella Villa a certo negocio, fuy adorar o Sanctiſſimo Milagre (E 17 1 HAM 61)

85. (...) & o advertimos ao Reuerendo Prior que no la eftaua moſtrando, q' tambem a vio (E 17 1 HAM 61)

86. Sendo afsi, que em todas as outras diligencias & experiêcias, que já tínhamos feytas no Sancto Milagre (E 17 1 HAM 61)

87. E andando nefte deſejo occupado, tanto me deyxe levar dele, que não me dando por fatiſfeito (...) determinei o anno ſeiſcentos & ſeis acabar de concluir eſta empreita. (E 17 1 HAM 61)

88. O qual vzando de ſua natural benignidade, me fez eſta merce em hũa petição, que iſto lhe fiz: mandando no deſpacho della, & dando licença ao Prior da meſma Igreja de Santo Elteuão de Sanctarem (E 17 1 HAM 63)

89. & por elle affentada a hora de noſſo contentamento, eſteuemos eſperando por ella com grande alvoroço (E 17 1 HAM 64)

90. E ſendo efte, per natureza & criação, foubes como tal, recebernos, & em melhor de noſſo intêto cõtentarnos. Mandando logo tocar o fino, a ſemelhantes miniſterios deſtinado: & cõuocando os Sacerdotes, q' naquele acto miniſtraſſẽ & foſſẽ presentes (E 17 1 HAM 64)

91. E juntos todos na Igreja, mādou fechar as portas della, como he coftume; & entoando hymnos apropriados, fe foy com nofco ao Sacratio do Altar mor: onde em mais alto dele, o Sanctififimo milagre eſta aguardando (E 17 1 HAM 65)
92. & entre ella & a parede da Igreja, fe faz o corredor: per onde, de hũa & outra parte, fe vão fubindo algũs degraus de pedra (E 17 1 HAM 65)
93. E fendo adorada per todos os que eſtavamos prefentes, mandou que hum & hum paſſaſſem per junto della (E 17 1 HAM 66)
94. Forão todos hum & hum paſſando, agiolhandodofe, & offerecendofe per hum breue eſpaſſo ao fanctififimo Milagre (E 17 1 HAM 66)
95. E eu, & meus companheyros eſtiuemos ſempre com as varas do Paleo, & outros com tochas acezas nas mãos, mais chegados que todos, vendo particularmente o fanctififimo Milagre, & considerando dele os altififimos miſterios que em ſy encerra. Eſpeculando, o mais que noſſos entendimentos poderão alcançar; a architectura da Cuſtodia... (E 17 1 HAM 66)
96. ... E applicando mais os olhos, lhe pareceo que via dentro nella, o Cordeyrinho de S. Ioão, aſſentado, com ſua cruz e bandeirynha, como ordinariamente fe pinta. (E 17 1 HAM 67)
97. E logo mais acima dentro da meſma ambula, continuadas com as gottas que diziamos, fe hão cõtinuando algũas nodoas & malhas (E 17 1 HAM 67)
98. ...aſi como fe variauo em nõs os affectos do animo; fe variaſſe tambem a noſſos olhos a forma da parte da Sagrada Particula, aſi como nos parecia que a eſtauamos vendo (E 17 1 HAM 69)
99. Acabado iſto, nos recolhemos todos, leuando comigo para a poufada hũ liuro eſcripto de mão (E 17 1 HAM 69)
100. ... mas acheylhe tantos erros & faltas (...) que não me dey por ſatiffeyto com o que delle pude comprender: parecendo-me, que no Original antigo (...) deuia eſtar mais ccrta em tudo eſta hiſtoria (E 17 1 HAM 70)
101. Eſtando meus cõpanheyros cõ cada ſua uela aceza nas mãos de hũa & outra parte (...) eſtiue particularmẽte cõfiderãdo tudo muyto de uagar, & cõ muyta quietação: & muyto bem meudamẽte rafcunhado & retratado ao próprio, a Cuſtodia, a ſagrada Ambula...(E 17 1 HAM 73)
102. ... todos eſtiuemos muy manſamẽte vêdo, fe aquella Ambola de crifal era transparente: ou fe auia dẽtro della algũa matéria corpórea (E 17 1 HAM 77)
103. ... quando nella (diz a Hiſtoria) appareceo metida diuinamente a Sagrada Particula, fazendo o meſmo do ſangue, que então eſtaua derramado (E 17 1 HAM 78)
104. E o Prior de S. Chriſtouão, q' em todo eſte tẽpo eſteue ſempre alumiando com um vella aceza, tambem foy teſtemunha deſtas meudezas que nõs aueriguamos & experimentamos (E 17 1 HAM 80)

105. Ainda que, fegundo elle depouys confeffou, & affirmou cõ juramento, esteue vendo na fagrada Ambola, hũas vezes CHRISTO refurgido (E 17 1 HAM 80)

106. (...) que os Padres do Moſteiro de ſam Domingos da dita Villa, fizeram pela clauſtra do dito Moſteyro, duas Prociffões, leuando nella o Sanctifsimo Sacramento, pela manhaã à Miſſa do dia, hũa: outra à Veſpera, eſtando muyto Pouo na Igreja (E 17 1 HAM 84)

107. E à derradeira Prociffão, acabando de enferrar o fanctifsimo Sacramento no Sacrario do Altar Mòr, differão ao Pouo, que ſe não foſſe, que querião mostrar o Milagre do Sanctifsimo Sacramento (E 17 1 HAM 84)

108. (...) vieram todos a ofertarſe(...) eſtando o dito Milagre recebido, & approuado fõmente na Igreja de ſanto Eſteuão da dita Villa (E 17 1 HAM 85)

109. Fomos ao cartorio antigo, onde eſtão todas as eſcripturas antiguas daquella Igreja: affirmãdonos, que ſe eſta q' pedíamos, hauia no mundo, aly hauia de eſtar (E 17 1 HAM 87)

110. & elle meſmo diſpoem com ſapiência com ſuauidade todas as couſas: comprehendendoas todas cada hũa per ſy, em tudo, conforme a quantidade de ſua Graça, que elle diſtribue per todos liberalmente, como a cada hum mais lhe conuem. Não dezprezindo aos neceſitados que o amarem de todo ſeu coração, & o buſcarem, ſem faltar couſa algũa. Infundindo tambem em os Patriarchas & Prophetas (E 17 1 HAM 96)

111. (...) o meſmo Eſpirito Santo, alumiou os corações dos doze apoſtolos, penetrandolhos inuiſuamente. Os quaes, como tochas acezas, alumiarão todo Mundo, & poſerão paz entre todos aquelles, que andando como Ovelhas erradas defencaminhados (...) (E 17 1 HAM 96)

112. Em o qual, entre outras couſas, ſe contem, q' Noſſo Senhor IESV CHRISTO, querendofe partir deſte mundo para o Padre Eterno, & EſTANDO CEANDO cõ os Doze Apoſtolos, inſtituiu o ſeu Magnifico Sacramêto (E 17 1 HAM 98)

113. Ao que a Iudia, aconselhada & iduzida pelo Demônio, reſpondeo, dizendolhe: ſe quiſeres alcançar remedio que pedes, finge-te enferma (E 17 1 HAM 98)

114. Então ficando ella fõ, tirou o Sacroſanto Sacramento da boca onde o tinha, & enuolueo em hum panno que conſigo trazia: determianando a coyhada leualo à maluada Iudia (E 17 1 HAM 99)

115. E não ſabêdo o marido a cauſa de tal marauilha, perguntou a molher q' couſa era aquella (E 17 1 HAM 100)

116. E leuarão o Corpo do Senhor da dita Arca atee a Igreja, com grandifsima honra: vendo todos eſtar o Corpo de CHRISTO em hũa parte do panno, cõ algum ſangue nelle meſmo (E 17 1 HAM 100)

117. Mas os Fregueſes de Sancto Eſteuao, (...) tirarão toda a duuida que hauia, não querendo conſentir que a dita Igreja ficaffe priuada de deſte ſeu dote (E 17 1 HAM 101)

118. (...) a qual inda agora ſe guarda na meſma Igreja, entre as Relíquias della: & eſta aparecendo na cera o Sangue quaſi negro (E 17 1 HAM 101)

119. E ao Terceyro, chama illuftrifsimo: querendolhe dar efte honroso titulo, por fer o Rey q' então viuia (E 17 1 HAM 104)

120. & muy jũto ao anno em que fe começou naquela Villa a fazer Procifsão solene, leuando o Sanctifsimo Milagre pelas ruas della: como das mefmas palauras fe entende (E 17 1 HAM 104)

121. Pois he coufa muy ordinaria, quando acontece algum Milagre: intituiem os animos deuotos, algũa noua demonftração de fua alegria (...) efcreuendofe logo a cauza dellas (E 17 1 HAM 105)

122. Os quaes todos affirmarão que virão com cõ feus olhos efte Sanctifsimo Milagre, (...) & confiderarão bem o alto myfterio que eftauão vendo. (E 17 1 HAM 106)

123. E depouys, ficarão concluindo configo, & afsim publicarão per efcrito & per palavra, em pũlpito, & em conuerfação: dizendo, & affirmando que as varias aparências eram verdadeyras (E 17 1 HAM 106)

124. E conforme a ifto, o Doutor Frãcifco Suarez, (...) efcrevendo, fobre o mefmo lugar de S. Thomas diz q' fe não pode negar acontecerẽ muytas vezes eftas apparências (E 17 1 HAM 108)

125. & nõs ã outro lugar referiremos, muyto cedo: trazendo mas de trezẽtos exemplos, fe pode ver claramente. Confiderando bem & poderando todas as circumftancias, que no proceffo de cada hum deles acontecerão (E 17 1 HAM 109)

126. ... Pois em todos os outros (como veremos) ou teuerão fim as visões que Deos nelles permittio, aparecendo hũa fõ vez (E 17 1 HAM 110)

127. E afsi em hũa mefma figura, de hũa Particula ensanguentada, como ella na verdade he, fe varião os objectos dos que a eftão vendo, em varias imagẽs, sendo ella hũa fõ (E 17 1 HAM 110)

128. Coufa tão rara, tão certa, & tão própria da Omnipotencia diuina, que querendo hum Padre da Companhia, declarar o modo admirauel (E 17 1 HAM 110)

1.4 Sécuro XVII – segunda metade

RINUCCINI, Giovanni Battista. **Historia do capuchinho escoces**. Lisboa: Officina de Domingos Carneiro, 1667.

1. Ao oitavo dia do feu nafcimento, foi bautizado o menino, com demonftração de alegria, & pondolhe na pia do Bautifmo o nome de Iorge. (E 17 2 HCE 22)

2. Morreo o pay, deyxando a Iorge de poucos anos (E 17 2 HCE 23)

3. ... & ainda que Iorge nefte tempo não tinha mais que oito anos, fe resolveo a mãy a tiralo de caza, parecendolhe, que a fua prefença lhe embaraçaria o gofto das segundas bodas, ou renovãdolhe as memorias do primeiro marido, ou pertubandolhe a paz com o novo efpozo (E 17 2 HCE 23)

4. Tomada esta resolução, lhe deputou rendas, & criados pera o mandar pera França, destinandolhe entre estes, hum velho de juízo, & de suspeito, pera lhe affiltir e governar (E 17 2 HCE 24)
5. No dia da partida, dandolhe a mãy os braços com muytas lagrimas, depoy de lhe significar fua dor, (...) lhe disse, que se lembrasse que pera terra de Catholicos (...) & que estimasse sempre muito aquelle velho, que o acompanhava, tendoo por criado pera o serviço, & por pay pera o confelho (E 17 2 HCE 24)
6. Andando no estudo, tomou amizade particular cõ dous moços Francezes de bom sangue & limpos costumes, os quais se cõpadeção muito de que a Iorge lhe faltasse a joya da graça, sendo taõ cabal nos dotes da natureza (E 17 2 HCE 26)
7. Comunicarão os dous Francezes ao pay a obstinação do menino, & desejando o bom fidalgo, fazer pera a Fé hum bom lanço, animou aos filhos a persistirem na empreza, dizêdolhe, que continuassem em conquistar o Escocês (E 17 2 HCE 27)
8. Neste tempo chegou o pay, & apartandose com o menino pera debaixo da sombra de um Platano, deu o ultimo combate A aquelle predestinado coração (E 17 2 HCE 28)
9. ... & que sobre tudo advertisse, que tomando outra resolução, ficava perdendo a sua caza (E 17 2 HCE 30)
10. Ouvio o Ayo esta resposta, & entendendo que com Iorge não havia de acabar nada cõ a brandura, o ameaçou com a mãy (E 17 2 HCE 30)
11. Tornoulhe a escrever mudando de estilo, & pedindo com muytas caricias que a visse, porque suas lagrimas, necessitavão muito desta mezinha (E 17 2 HCE 32)
12. A este petição não quiz diferir o menino penetrando as traças da mãy, & temendo os perigos da jornada (E 17 2 HCE 32)
13. Vendose Ionna desobedecida, chea de uma grande indignação, passou logo apertadas ordens, pera que a Iorge se lhe tirassem as rendas, & o deyxassem os criados (E 17 2 HCE 32)
14. Apenas teve noticia desta crueldade o fidalgo, que havia sido instrumêto da sua conversão, quando o foy logo buscar pera sua caza, fallandolhe desta sorte Se vos engeitou vossa mãy, eu vos recebo por meu filho segurandovos que na successão do Ceo ão se conhece differença de sangue, nem se contãom os grãos de parentesco (E 17 2 HCE 33)
15. Acabando Iorge os seus estudos, em que sahio eminente, se foy a Roma, adonde tomou o habito de Capucho (E 17 2 HCE 33)
16. Nesta sagrada Religião teve na virtude em breve tempo grande nome, & pouco depois o teve tambem no púlpito, porque applicandose às letras divinas, sahio grande pregador (E 17 2 HCE 34)
17. Passados muitos annos, procurou Ionna pello filho, & dizendolhe algũs Hereges, q' haviam vindo a Italia, q' Iorge estava feito Capucho da Ordẽ Franciscana, & vivia na Marca de

Ancona, estranhando a novidade do vocábulo, pediu q' lhe explicassem qual era a vida dos Capuchos (E 17 2 HCE 34)

18. Com estas novas se recolheu Ioanna à sua câmara, adonde foltando as redeas às lagrimas, chorou com toda demonstração, a sua infelicidade (E 17 2 HCE 34)

19. Resolveuse a mandar tirar ao filho a vida, pera lavar com o seu sangue a sua injuria; mas tomando depois melhor conselho, acentou consigo o mandado chamar por hum seu irmão (E 17 2 HCE 35)

20. Fechada a carta a deu a seu filho, mandando logo, a acompanhado de alguns criados (E 17 2 HCE 36)

21. Tomou postas, & avistouse com elle, sendo esta a primeira vez que estes dous irmãos se viaõ, & se falavão (E 17 2 HCE 37)

22. Indo a darlhe a carta da mãy, reparou muyto Archangelo em aceitála, dizendo ao fidalgo, que os Religiosos Capuchinhos, não tinham interesses particulares, nem outra vontade mais (E 17 2 HCE 37)

23. Não se vio em Archangelo demonstração de algum alvoroço cõ a novidade deste successo fo disse ao fidalgo pondolhe os olhos. *Dou a Deos muitas graças de q' seja viva minha mãy* (E 17 2 HCE 38)

24. Pouco tempo depois chegou ao Duque Urbino (que amava muito a Archangelo) esta nova, & veio com toda a pressa buscar o fidalgo Escoces, levando no seu coche (p. 38)

25. ... & resolveuse, que tratasse de convertelo, ficando por conta da Cõmunidade o ajudalo com orações (E 17 2 HCE 39)

26. Tratou o quanto pode o fidalgo de persuadir ao Capuchinho, o quanto lhe convinha lhe deyxar aquella vida, & restituirse a sua pátria, lembrando-lhe (depois da perda da caza, & muyto mais da honra) as continuas lagrimas da mãy (E 17 2 HCE 39)

27. Archangelo fallou ao Escoces nesta occasião com tanto espirito, mostrandolhe o erro da sua Seita (E 17 2 HCE 40)

28. Disse o fidalgo ao irmão (abraçando ambos com muytas lagrimas) que elle confessava que hia errado, & que queria ser Catholico (E 17 2 HCE 40)

29. Soou logo esta nova por toda a Cidade, & chegando ao Duque se veio ao Convento a abraçar o Escoces (E 17 2 HCE 40)

30. Voltandose dalli para o Palacio, seguido de um grande concurso, que lhe dava muitos vivas, se gaitou toda aquella noite em varias festas (...) dizendose ao Escoces, que todas aquellas demonstrações de gofio, eraõ fo hũa sombra do que se fazia por elle (E 17 2 HCE 41)

31. Chegouse enfim o dia, em que o fidalgo se havia de partir pera Alberdone, & despedindose do Duque, lhe deu este Principe (depois de renovar os abraços) em hũa cadea de ouro, hũ

crucifixo de preço, segurandolhe o feu amor, & prometendo-lhe o feu patrocínio (E 17 2 HCE 42)

32. & pondofe o Escocês a caminho, depois de varias jornadas que fez por terra, & por mar, chegou â preferência da mãy, que em o vendo lhe perguntou fe vinha com elle o feu Iorge ? (E 17 2 HCE 43)

33. Apertou Ioanna com o pōto, & entêdendo que Iorge não vinha, nem lhe respondera (...) deu queixas contra aquelle filho, concluindo o feu discurso com eftas palavras (E 17 2 HCE 43)

34. Acabando de dizer ifto, poz os olhos na terra, com trifte femblante, & turbada vista (E 17 2 HCE 44)

35. Apenas tinha pegado no fono, quando a mãy pegando em hũa vela, o tornou a bufcar, chea de hũa indignação (E 17 2 HCE 44)

36. ...& vendo qu tinha pendente a imagem de hum Crucifixo, veio a entender, que também este filho fe fizera Catholico (E 17 2 HCE 45)

37. Correo logo a cortina da cama com huma grande fúria, rompendo neftas razoens: *Traidor este é o fruto dos vofsos caminhos* (E 17 2 HCE 45)

38. O fidalgo ferido com aluz da candeia, & affombrado com as palavras da mãy, fe levantou da cama, & cobrindofe com hũa capa de gram fe defceo do leyto, fallando a Ioanna desta sorte: *Senhora fede servida de me reftituir effa cadea* (E 17 2 HCE 46)

39. Tomaia (lhe disse a mãy, lançandoa na terra com furor, & com desprezo) *que bem merece levar configo a prizão quem perdeo a liberdade* (E 17 2 HCE 46)

40. Sem responder naquella occasiaõ a menor palavra, fe fahio o fidalgo do feu apozêto, deixando logo (com a caza da mãy) a Cidade de Aberdone (E 17 2 HCE 47)

41. ... porque o Summo Põtifice Gregorio Decimoquinto, tendo noticia do feu grande talento, o nomeou por Millionario de Inglaterra, & Escocia (E 17 2 HCE 47)

42. Recebendo o Escoces as Bullas Apoftolicas, as aprefentou a Rainha que mostrou festejar effa eleição, poftou que o sentimento de faltar em feu púlpito hum tão grande Prègador (E 17 2 HCE 47)

43. & dispondofe a jornada em breves dias, fe embarcaram todos em Calès, & com felice viagem, aportarão em Londres (E 17 2 HCE 49)

44. Aqui foubes Archangelo do difgofto da mãy, & do defterro do irmaõ, a quem logo mandou chamar, efcrevendolhe hũa carta, & pedindolhe com todo o encarecimento que tanto que lha deffem partiffe (E 17 2 HCE 50)

45. No mefimo instanre em que lhe chegou a carta, fe poz o fidalgo a caminho, & aviftando em Londres com o irmão (E 17 2 HCE 50)

46. ...acentou Archangelo com o irmão ir a Aberdone converte a mãy, & mandandoo adiante passou de Inglaterra a Escocia (E 17 2 HCE 51)
47. Chegando a Monumusco, donde então estava Ioanna, sentio hum grande abalo no seu coração (E 17 2 HCE 51)
48. Havia Archangelo, antes de chegar a Alberdone, escrito huma carta pera li mesmo, porque tinha acentado com o irmão não se dar logo a conhecer co a mãy, senão entrar a falarlhe, fingindose um amigo de Iorge, que vinha das partes da Italia (E 17 2 HCE 52)
49. mandou Archangelo recado â mãy que lhe queria falar & mandando ella subir, lhe deu a carta, falando desta maneira. *Senhora, eu venho da Italia, & trago a vofas Senhora esta carta de feu filho Capuchinho* (E 17 2 HCE 52)
50. Admirada Ionna deste não esperado successo, pos os olhos no fingido Italiano, & estendendo a mão para receber a carta lhe disse. Este papel he do mais ingrato filho que cobrem as estrelas (E 17 2 HCE 53)
51. Ouvindo Archangelo estas razoens, lhe replicou com toda modestia. Tenho hum grande pesar de haver trazido a V. Senhora couza, que lhe podesse dar algũ disgosto (E 17 2 HCE 53)
52. Neste tempo já começava Ionna a ler a carta, & vendo que o filho lhe encomendava muito o portador, lhe respondeu com grande pressa *Quanto a V. Senhora vê he de Iorge, & mandando eu que o sirvão nesta caza, nenhũa couza lhe oferecerei, que seja minha, tendo particular gosto em que esse Capucho se não moster tão ingrato cos os amigos, como o tem sido com a mãy* (E 17 2 HCE 54)
53. Disse a mãy que ella nam sentia tanto que seu filho se fizesse Papista, como sentia o haverse feito Capuchinho afrontando tanto o seu sangue com este habito (E 17 2 HCE 55)
54. ... pondo depois os olhos nelle acrescentou. *Vossa Senhora fala com tanta segurança, que me faz duvidar se he Catholico?* (E 17 2 HCE 55)
55. Depois da cea se recolheu Archangelo no seu aposento, adonde passou toda noite em oração, pedindo Deos com grande eficácia, que o ajudasse naquela empreza (E 17 2 HCE 57)
56. Levantouse ao sexto dia muito cedo, & passeando pelo pateo olhou pera hũa porta, que ali estava: lembrouse logo q' sendo menino vira sobre esta porta hum pöbal; & achandoo então menos sem advertir perguntou por elle a hum criado (E 17 2 HCE 58)
57. O homem, que ou pella muita idade, ou por algũa doença, era quase surdo mostrandolhe que nam percebera a pergunta, lhe perdeu com cortesia que alcaste a voz (E 17 2 HCE 58)
58. Estava Ioanna vestindose neste tempo junto a janela, & ouvindo o que Archangelo perguntava suspença com a novidade sentio logo no seu coração, hum natural alvoroço (E 17 2 HCE 59)

59. Mandou com toda a preça chamar a Archangelo por hum criado e vëdoo entrar pella sua câmara, lhe fez com grande alegria, esta pergunta. *Dizeime meu fidalgo, quanto tempo ha que estais nesta caza?* (E 17 2 HCE 59)
60. & agora estava eu acentando o darlhe a V. Senhoria as graças e beijarlhe as mãos pellos favores (E 17 2 HCE 59)
61. & nam podendo acabar a oraçam, oprimida pelas lagrimas, correo ao filho dandolhe os braços (E 17 2 HCE 60)
62. Enxugando os olhos disse a Archangelo com alguns suspiros. *Bem certa estou, que fois meu Iorge, mas quero ouvido de vossa boca* (E 17 2 HCE 61)
63. & nam podendo acabar a oraçam, oprimida das lagrimas, correo ao filho dandolhe abraços (E 17 2 HCE 61)
64. Exclamou Ionna ao Ceo, tomandoo por testemunha, & disse ao filho, que pera aperfeiçoar à sua grande dita, fô lhe faltava o velo restituído à sua antiga fé (E 17 2 HCE 62)
65. Pedio depois fulto a Archangelo, que lhe nam falasse a deixar a fé de Calvino dizendolhe, que ele afirmava tanto que seguia, que nam queria mudala (E 17 2 HCE 62)
66. Vendo Archangelo a mãy tam obftnada, fe empregou cõ o irmão convertido (que foi logo chamalo) na conversam dos Hereges, & seara do Evangelho, ajuntando a este trabalho muitos jejuns (E 17 2 HCE 63)
67. Reparou muito nisto Ioanna, & fazendo ao filho desta repentina mudança, hũa amorosa queixa lhe respondeo (E 17 2 HCE 64)
68. & que por isto era força, que os seus desejos nam podendo fair d'alma, lhe confumifsem o corpo (E 17 2 HCE 64)
69. A estas palavras se turvou a mãy fumamente, & abrasandolhe o rostro, queria protestar que se continuasse o silencio (E 17 2 HCE 64)
70. & estivesse presente às disputas, & que sendo arbitro de hũas, & outras rezoens, escolheria o que melhor estivesse (E 17 2 HCE 65)
71. Pareculhe bem a Ionna a proposta, & chamando o praticante (que quis primeiro excusarse, se começou a disputa (E 17 2 HCE 65)
72. Com este concerto se acabou o primeiro combate, deixando a Ionna goftoza & fatiffeita (E 17 2 HCE 67)
73. Aparecerão logo ambos, sendo Archangelo o primeiro, que começou a batalha, dizendo ao predicante, que desejava ver a promessa (E 17 2 HCE 67)
74. Ouvindoo Ioanna lhe disse toda confufa. *Não tendes vós logo sufficiencia pera ensinar esta caza* (E 17 2 HCE 68)

75. Diante dos olhos do predicante abriu a Escritura, & buscando a Epistola de S. Paulo aos Romanos, fez que visse a mãe no Capitulo primeiro como o Doutor da gentes dava a Deos graças, de que a Fé Romana se dilatasse com tanto sequito por todo o mundo (E 17 2 HCE 70)

76. Esta clareza quis escurecer aquelle embusteiro dizendo, que nam negava que a Fé Romana no tempo dos Apostolos fora verdadeira (E 17 2 HCE 71)

77. Aqui se emudeceo este perverfo homem, & vendose sem nenhum alento, pera restituir este ultimo golpe, deixou a disputa, & mais a caza (E 17 2 HCE 71)

78. converteuse finalmente Ionna, & com ella toda a caza, a quem Archangelo (preparandose logo hum Altar) absolveo da excomunhão, & ministrou os Sacramentos (E 17 2 HCE 73)

79. Disse Archangelo missa, em que comungou toda caza, & despedindose da mãe, o dia da partida depois de lhe dar os braços, derramandose de ambas as partes muitas lagrimas, lhe falou desta maneira (E 17 2 HCE 74)

80. Confiscaraõlhe todos os bens, deixandoa em tão miseravel estado, que ganhava pellas mãos, o seu sustento (E 17 2 HCE 75)

81. Soube Archangelo da tyrannia do fisco, por aviso da mãe, & temendo que com este aperto vacillasse na Fé, se parto para Reyno de França (E 17 2 HCE 75)

82. Vendose em París, se resolveo a ir ver a mãe a Aberdone, & chegando às portas de Manumusco, entrou com hum faco de ervas, fingindose de Hortelão, & apregoando ervagem (E 17 2 HCE 76)

83. Chegoufe à porta com grande temor, advertindo se o espreitava algũa pessoa; apressandolhe Ionna hũas ervas (E 17 2 HCE 76)

84. Poslhe Ioanna os olhos; & ficando affombrada com o muito alvoroço, deu incondideradamente hum grande grito (E 17 2 HCE 77)

85. Acautelandose logo do perigo, disse ao filho, que entrasse por hum postigo secreto, que estava em hum beco vizinho (E 17 2 HCE 77)

86. Pareci me que vião os meus olhos, & estava cega, sendo somente ar, tudo o que me apetecia o meu desejo, & lograva o meu coração (E 17 2 HCE 78)

87. Queira o meu Deos (dizendo isto deu ao filho hum grande abraço) que pois em tão ditoza pobreza hei sabido semelhante a vòs, que em prolongar os meus abatimẽtos até o martyrio, seja parecida a elle. (E 17 2 HCE 79)

88. & abrindose a porta com violencia, entrãrão por ella os cõmissarios d'ElRey, sobre as materias da Religião (E 17 2 HCE 80)

89. Declararãõ logo, que vinham a ver se havia ali algum Sacerdote Catholico, & encontrando com Archangelo, lhe perguntarãõ q' viera fazer aquela caza? (E 17 2 HCE 80)

90. Dandolhe Archangelo equivocadas repostas, se fahio com grande cautela, deixando a mãy, & mais a pátria (E 17 2 HCE 80)

91. Deixando segunda vez o grãde Reyno de Escocia, seguiu Archangelo o largo caminho de Italia, adonde chegou com felice fortuna (E 17 2 HCE 81)

92. Deu occasiãoa esta terceira jornada de Archangelo, hũa grande tempestade de perseguições, que os Hereges, fizeram levantar contra os Catholicos, queixandose ao Rey da Gram Bretanha (que era neste tempo o infelice Carlos Eduardo, de lastimoza memoria) da escandalosa publicidade, com que muitos escocizes, desprezando os Editos Reaes, professãvãõ a Fê Catholica, com grave injuria da Igreja Anglicana. (E 17 2 HCE 83)

93. Resolveuse o Rey a dar satisfacção a esta queixa, mandando aos seus ministros apertadas ordens, em que prohibia com graves penas, o exercicio da nossa Fé, em todas as terras da Coroa, encarregandolhe juntamête o cuidado, que deviãõ ter de castigar todas aquellas pessoas, que depois da primeira proibição, haviãõ delinquido nesta materia (E 17 2 HCE 83)

94. ... porque os Catholicos, que melhor livrãõ, se viraõ despojados dos bens, & desterrados das pátrias, obrigandoos os hereges, cujo ódio senam contentou com este castigo, a meteremse pelas brenhas, pera livrarem as vidas (E 17 2 HCE 84)

95. & parendolhe que ouvia em Roma os tristes balidos, que davam em escocia estas afligidas ovelhas, tratou de remedialas, mandandolhe pastor, que lhe assistisse cõ a consolação, & que as apacentasse com a doutrina. (E 17 2 HCE 85)

96. Nam teve este negocio mais dilacção, que aquella que era necessaria para se descobrir Millionário, de cuja virtude se fiãse hũa empreza de tanta importãcia, & fazendose por ordem do Pontifice apertadas inquirições sobre esta matéria, a poucos passos se veio a topar com o nosso Escoces, por concorrem nelle todas as partes, que se requeriaõ pera aquella Missãõ (E 17 2 HCE 86)

97. Neste Convento, donde era entãõ prelado o nosso escoces, foi buscado com a carta do seu Gêral, em que o avizava da nova Missãõ pera o que estava eleito, encomendandolhe com todo encarecimento, que tanto que lhe chegasse este avizo, senam detivesse na Ripa hum só instante (E 17 2 HCE 87)

98. ... recebeo com extraordinaria alegria, a felice nova da sua naõ esperada Missãõ, tendo esta circumstancia por ditozo auspicio do seu bom successo. (E 17 2 HCE 88)

99. Posto a caminho pera Roma, concluhio em poucos dias esta jornada, & chegando ao seu Convento, depois de tomar a bênção aos seus Superiores, se foi logo beijar o pé ao Summo Pontifice (E 17 2 HCE 89)

100. ... & dandolhe a Apostolica benção, que Archangelo recebeo com reverente humildade, o despedio cheio de consolações, & de valores (E 17 2 HCE 91)

101. Dos pés do Pontifice se voltou o nosso Millionario pera o seu Convento, & delle se partio pera Cidade de Liorne, levando nomeado por seu companheiro o Padre Fr. Epiphanio de Escocia (E 17 2 HCE 91)

102. & donde o seu entendimento era passar ao Reyno de Escocia pello de França, donde lhe ficava mais facil o entrar no de Inglaterra, entendendo que não poderia ter tam cedo outra occasiaõ, que favorecesse tanto os seus designios, se resolveo a dar naquela embarcaçã, felice principio à sua jornada (E 17 2 HCE 92)

103. Chegada emfim a occasiaõ da partida de Archangelo, levou a ancora o navio que o levava, & largando as velas ao vêto, aquelle grande Deos, que favorecesse sempre as nobres boas empresas (E 17 2 HCE 93)

104. Depois de se despedir dos seus Religiozos, cõ palavras cheas de hum grande agradecimento, se partio pera Paris, esperando achar naquela grande Emporio do mundo, alguns senhores da Gram Bretanha, com os quaes podesse mais facilmete passar de França a Inglaterra (E 17 2 HCE 94)

105. ...& dizendo Missã neste convento, logo no outro dia depois de sua chegada, o conheceo por estrangeiro hum Capitão Escoces, que allistia naquela igreja, com outros fidalgos na mesma nação (E 17 2 HCE 95)

106. & depois de laudarem Archãgelo, com demonstrações de agrado, & de respeito, gastarã com elle a maior parte da menham, conversando sobre as infelicidades da patria (E 17 2 HCE 96)

107. Quando lhe referiraõ as crueldades, que os Hereges uzavaõ com os Catholicos, se eterneceo de maneira, que nam pode reprimir as lagrimas, mas enxugandoas logo, confolou os seus naturaes, fallandolhe desta sorte. Tenho grande confiança na Divina Misericorida (E 17 2 HCE 97)

108. Depois destas praticas se despedio o nosso Missionario daqueles senhores, agradecendolhe com religiosa modestia, o haverem uzado cõ elle, de tanta cortesia, & mostrando que fizera della hũa grande estimaçam (E 17 2 HCE 98)

109. Dífelhes que na primeira idade sendo Calvinista, se fizera Catholico na Corte de França. (E 17 2 HCE 98)

110. Que a mãy recebera cõ toda a desconsolaçam esta nova & que era o reduzir à sua antiga crença, o chamãra à pátria, pertendendo obrigalo a vir com hũa carta, que escreveo chea de lagrimas, & de faudades (E 17 2 HCE 99)

111. Que Archangelo nos annos de menino, resistira aos apertados rogos, & amorosas violencias da mãy com hum valor de varã. (E 17 2 HCE 99)

112. Que chegando á mãy dahy a muitos annos estas novas, intentara mandarlhe tirar a vida, mas que parecendolhe, que a sua crueldade obrigãra ao filho tomar aquella rezoluçam... (E 17 2 HCE 100)

113. Com este intento se foi a Palacio, & avizandose à Rainha que lhe queria falar o nosso Missionario, o mandou logo entrar, esperandoo com toda aquella alegria, a que dava lugar a Magestade (E 17 2 HCE 103)

114. & depois de lhe gratificar com breves, & religiozas palavras as mercês, que elle, & sua mãy havião recebido da sua Real grandeza, se quis logo despedir, mas a Rainha o deteve, praticando com elle algum tẽpo sobre os motivos daquella Missãõ, & ajudando a sentir os infortunios de sua pátria. (E 17 2 HCE 103)

115. Crescendo contudo os rogos, & petiçoens de todas as Senhoras da corte, a fim de dar à Rainha aquelle gofsto, se resolveo a obedecer & a pregar (E 17 2 HCE 105)

116. Animouos cõ hum fõngular fervor a buscarem fõ os bens do Ceo, provandolhe com eficazes razoens cheas de eloquentes palavras, que fõ destes se havia de fazer todo o cazo, procurandose â culta de todo fangue (E 17 2 HCE 106)

117. Altamente discorreo Archãgelo sobre estas materias naquele sermão, que acabou com hum religioso, & discreto cumprimẽto, que fez ao Rey e à Rainha Regente, & a toda a Corte, deixado a todos admirados, compũgidos, & faudozos. (E 17 2 HCE 106)

118. Pouco depois de meyo quarto de hora se foy despedir de suas magestades, oferecendo-lhe as suas oraçoẽs, & segurandolhe, que por divida, & por inclinaçam havia de servir a França em toda a vida, & em todaa a parte. (E 17 2 HCE 107)

119. Vendo o nofso Millionario, que o tempo o convidava a seguir a sua derrota, deixou à Paris, & partiuse pera Calès (E 17 2 HCE 107)

120. Chegando a este porto desprio o habito de Capucho, diffarçandose com o traje, & galas de secular, & fendo este sacrificio (como elle confessava) o do seu maior merecimento, pella grande mortificaçaõ, que padecia nesta troca; & fazendo logo diligencias por embarcaçam, achou um navio Ingres, que voltava a Lõdres, cujo Capitam era Catholico (E 17 2 HCE 107)

121. He crível, que declarrasse aquelle Capitam, supposta a sua Fè, quem era, & ao que hia, por que ouvindoo lhe offereceo cõ boa lugar nam fõ pera elle, senam pera o Padre Epiphanio de Efcocia seu companheiro naquella Missãõ. (E 17 2 HCE 108)

122. Com o estrondo dos mares, & gritos dos passageiros nam havia official, que se ouvisse mandando, nem marinheiro, que atinasse com que fazia obedecendo; & enfurecendose por instantes a tempestade, todos creram que se perdião, chorando o padecerem o naufrágio qualí á vista do porto (E 17 2 HCE 110)

123. Quem poderá duvidar, pondo os olhos neste sucefso, de q' não há no mundo dita com segurança, & que ainda aquella, que se funda com a melhor tençaõ, he muitas vezes a que se encontra cõ a maior contrariedade? (E 17 2 HCE 110)

124. opozse com tudo o elemẽto mais leve, a hum intento tão fanto, & de tal forte, que tendo andado mais de trezentas legoas de terra sem achar o menor obstaculo, apenas tem agora andado duas legoas de mar, quando o ameaça o maior perigo (E 17 2 HCE 111)

125. mas bem se pode, que aquella altíssima Providencia, que lhe dispoz a jornada, lhe quiz acrescentar o merecimento, dando a padecer naufrágios, & infortunios (E 17 2 HCE 111)

126. apos os mastros alijãrãõ às ondas as fazêdas, pera que ficando aquella embarcação mais bojante, podessẽ mais facilmente rezisttir á fúria dos ventos & â braveza dos mares (E 17 2 HCE 112)

127. Não valendo essas diligencias, que fazião já com pouca esperança, tomãrãõ outra resolução, se util à vida, escandaloza à natureza, & foi o lançarem ao mar alguns dos passageiros, que lhe parecião mais inúteis, procurando assim aliviar a não, pera não çoçobrar a tempestade (E 17 2 HCE 113)

128. Pareceo bem esse alvitre entre aquelle labiryntho de gritas & confuzoens, & de lagrimas, & tratando de o por em execução, como o medo da morte, he grande inventor de traças, temendo muitos que cahissẽ nelles as fortes, tratarãõ de divertir o alvitre (E 17 2 HCE 114)

129. differam os inventores desta barbara crueldade, que aquelles Religiosos tinham por timbre o sacrificarem as vidas pera salvaçam dos homens, & que sendo isto assim como era, nam feria nenhum desacerto o daremlhe occasiam pera oferecerem a Deos naquele trabalho, este sacrificio (E 17 2 HCE 115)

130. Acrescentãrãõ a isto, que pello menos convinha, que por elles se começassẽ, porque como amavãõ menos a vida, nam sentiriam com tanto estremo aquelle dano, & que assim com o menor culto, ficavam servindo à nao de alivio, & mais de exemplo (E 17 2 HCE 115)

131. impugnãrãõ outros, que eram mais Christãos, & mais zelosos, dizendo, que aqueles Padre hiaõ pera Escocia a fazer a Deos grandes serviços na converção das almas (E 17 2 HCE 116)

132. ... que se lançassẽ as fortes, ficando de fóra os frades, porque fazendose o contrario se faria ao Ceo em hũa so acção, muitas injurias (E 17 2 HCE 116)

133. & preparandose as fortes pera se lançarem, excluindoos dellas, se opoz Archangelo a esta rezoluçam, fallando desta maneira (...) (E 17 2 HCE 117)

134. & sendo isto assim, como he, não tem duvida, que fareis hum grande agravo àquelle zelo, com que de tão remotas partes, vim a tratar do vossõ remedio (E 17 2 HCE 118)

135. (...) e custãdo na morte certa mais o receio, q' o golpe, de melhor partido parece que ficavam naquela occasiaõ, os que anticipavaõ a ultima desgraça (E 17 2 HCE 121)

136. De todos os passageiros a quem se deram as fortes, Epiphanio foi o primeiro que a tirou ficando livre (E 17 2 HCE 121)

137. Não deu lugar a tempestade a continuar com os mais, porque neste tempo se efforçou de forte, que lhe não podendo rezistir o navio, corria levado da furia do vento, a bufcar já sem nenhum remedio, o seu ultimo dano, que achou junto a ilha de VVich topando na cabeça de hum penhasco nascido naquelles mares, pera occasionar este infortúnio (E 17 2 HCE 121).

1.5 Século XVIII – primeira metade

FARIA, Manuel Severim de. **Notícias de Portugal**. 2ª Impressão. Lisboa: Oficina Antonio Isidoro da Fonseca, 1740.

1. Querendo Salomaõ encarecer, quanto importava ao Rey, e ao Reyno haver muita gente nelle, diz no cap. 4 de fuas Parabolas (...). Que he o mesmo que dizer: a grandeza dos Reyf está na multidaõ do povo (...). (E 18 1 NP 29)
2. Tratando primeiramente da lavoura, e Agricultura, he de notar, que para por esta via fetirarem della muitas riquezas, he necessario haver muita gente. (E 18 1 NP 30)
3. (...) no tempo que os Arabes estavaõ Senhores deste Reyno, por fer então habitado de muitos Mouros, que lançados de todas as mais partes de Espanha, se foraõ recolhendo nelle, todos os montes se viaõ cubertos de vinhas (...). (E 18 1 NP 30)
4. (...) os naturaes (...) fazem (as campinas) abundar de trigo, mostrando a experiencia contra o proverbio (...). (E 18 1 NP 31)
5. (...) inventando cada hum novas coufãs, fica aos outros mais facil aperfeiçoarem a arte (...). (E 18 1 NP 31)
6. (...) por esta cauza se chamaraõ pannos de Arràs, tomando o nome da principal Cidade (...). (E 18 1 NP 31)
7. (...) não sendo os frutos da terra (...), procuraõ os mercadores levar os frutos, e obras, que nas patrias tem de sobejo a outras partes, onde as taes coufas faltaõ; e trazerem dellas as que se não daõ nas fuas terras; o que não pode fer, se não havendo abundancia de gente, que se possa occupar nestes tratos (...). (E 18 1 NP 32)
8. (...) os soldados faõ ordinariamente a gente superflua na Republica, não havendo destes muitos, não pode haver exercitos grandes (...). (E 18 1 NP 33)
9. (...) as Ilhas (...) estavaõ ainda cobertas do mar Oceano, do qual se foraõ descobrindo pouco, e pouco (...). (E 18 1 NP 34)
10. E assim não sómente deste tempo por diante não creceu a gente neste Reyno (...), mas além disto se foy despolvoando com as muitas armas cheyas de gente (...). (E 18 1 NP 35)
11. (...) a nossa nação Portugueza (...) se foi diminuindo (...) por os Portuguezes se irem de sua patria a povoar, e fundar tantas Cidades (...). (E 18 1 NP 35)
12. E passando ElRey D. João I à tomada de Ceita com mais de 20U. homens, e ElRey D. Afonso V. as empresas de Africa com exercitos de 30U. homens, no tempo delRey D. Sebastiaõ era já tão pouca a gente, que com levar os mais dos soldados por força, não pôde ajuntar mais, que onze mil Portuguezes. (E 18 1 NP 36)
13. Donde claro se mostra não sómente, que há falta de gente em Portugal, mas que a primeira causa della faõ as Conquistas; pois do tempo dellas a esta parte se foi sentindo esta diminuiçaõ. (E 18 1 NP 36)
14. (...) muitos (...) se fazem vadios andando pedindo esmola pelas Cidades (...). (E 18 1 NP 36)

15. (...) fendo as herdades de muitas folhas, ficaõ de ordinário as três partes dellas por femear, faltando por estas cauza os muitos frutos (...) por isto se embarca tanta gente para fora da Barra, obrigando-os a necessidade a ir buscar terras (...). (E 18 1 NP 37)
16. (...) juntando-se muitos Morgados numa só pessoa, ella sómente cafa, as mais famílias ficaõ extinctas. (E 18 1 NP 37)
17. (...) com esta uniaõ dos Morgados se ficaõ extinguindo as Cafas (...) e faltando a gente nobre para a defençaõ da falta da Nobreza. (E 18 1 NP 37)
18. (...) a grandeza (...) vay em tanto excessõ, que poucos faõ os Fidalgos, que podem cafar uma filha, e quasi nenhum duas, como se disse no Capitulo das Corres do Estado da Nobreza a ElRey Noffõ Senhor (II.) pedindo-lhe remédio para esse danno, por ser gravissimo (...). (E 18 1 NP 37)
19. E assim destas colonias louva muito João Botero aos Portuguezes, dizendo, que elles fõs entre todos os povos da Europa se fouverão aproveitar das Colonias; e levando a gente (...) povoarão a Madeira (...). (E 18 1 NP 38)
20. Porèn na conquista da India não succedeo assim; porque estando tantas mil leguas distante de Portugal (...) foi necessario tirar-se do Reino muita gente tornando pouca (...). (E 18 1 NP 38)
21. Com tudo o contrario se seguio, povoando-se pelos noffõs tantas terras (...),fendo coufa notória, que a navegaõ da India se intentou para o comercio, e não para conquista. (E 18 1 NP 39)
22. Mas fendo a India taõ longe de Portugal (...) não podia servir para conservaõ deste Reino (...). (E 18 1 NP 39)
23. Prorèm estas razoens politicas forão vencidas da Providencia Divina, que obra suas açoens contra as causas naturaes, para mostrar, que não necessita de noffõs meyo para produzir seus effectos ; e enfim querendo, que se promulgasse a Fè naquellas Provincias, ordenou, que os noffõs Reys (...) aprovassem esta Conquista , e com milagres evidentes, ficarão os Portuguezes quasi senhores de todos os mares do Oriente, e dos principaes pòrtos de suas Costas, ganhando fama immortal com o soberano esforço, que nestas heroicas empresas mostraraõ, e pregando-se o Sagrado Evangelho por este meyo a todas aquellas Gentes com grande gloria de Deos (...). (E 18 1 NP 39)
24. Mas andando o tempo (...), se foraõ perdendo as praças mais distantes (...). (E 18 1 NP 39)
25. Deste modo ficou o Estado mais proporcionado tendo menos Fortalezas (...). (p. E 18 1 NP 40)
26. Pelo que està hoje a India (...) mais defensavel, se houver nella milicia paga; porque tirando o tempo do Veraõ (...), os invernos ficaõ na terra, sem terem quem lhes dê de comer, chegando muitos a pedir esmola pelas ruas (...). (E 18 1 NP 40)
27. Pelo que obrigados huns de necessidade (...), se passaraõ muitos annos atrasados à terra firme a servir os Reys Gentios daquellas Provincias; os quaes dando-lhes soldos aventejados,

vieraõ a ter muito mayor numero de Portuguezes em feu serviço, do que ElRey de Portugal tinha nas suas armadas (...). (E 18 1 NP 40)

28. Com este mao exemplo se foraõ muitos viver nas mesmas povoaçoens dos Gentios, acrefcentando-as em opulencia, como foi a de Meliapor, e outras (...). (E 18 1 NP 40)

29. (...) podemos dizer, que muitos pòrtos das Coftas da India se povoaraõ de Portugueses (...) muitos delles se intitularaõ Reys (...) todos elles acabaraõ as vidas miseravelmente, castigando-os Deos com grande rigor (...). (E 18 1 NP 40)

30. Este defamparo dos foldados da India, pofto, que sempre se experimentou, atègora se não tem remediado, e enquanto se não atalhar, havendo naquelle Eftado huma milícia com numero certo de Companhias com seus capitaens, e pagas affinaladas, não pode deixar de se seguir este danno graviffimo: que he pedir-nos a India sempre gente (...). (E 18 1 NP 41)

31. Pelo que chegando esta foldadesca já não difimada à India, e não achando provimento algum, com que se sustente, huns inficionados do mal da viagem, outros do grande defamparo, probreza, e miseria (...) vaõ quasi todos parar ao Hospital, onde se diz, que muitas vezes fallecem mais de 600 (...) homens (...): de maneira, que desta foldadesca (...) se perde a maior parte, sendo a cauza o defamparo (...). (E 18 1 NP 41)

32. (...) estes andaõ divididos, comerceando, e militando. (E 18 1 NP 42)

33. Pelo que he impossivel defendermos na India taõ grande numero de Cidades, e Fortalezas, que necessitaõ de muitos mil foldados; sendo os nossos sempre poucos, e bizonhos, e sem nenhuma ordem. (E 18 1 NP 42)

34. E assim havendo milicia certa, e escolhida, poderà o Eftado da India tornar a florecer (...). (E 18 1 NP 42)

35. sustentando-se della, não fò o que a cria, mas os que a (...) tecem, tingem (...) e a levam de hum lugar para o outro. (E 18 1 NP 43)

36. (...) que se introduzaõ no Reyno estas mechanicas (...), fazendo, que destas nossas laãs se teçaõ no Reyno os mesmos pannos, que os Estrangeiros tecem dellas nos seus (...). (E 18 1 NP 44)

37. Por que disto se nos seguirãõ duas grandes utilidades (...) a segunda, que não dependerá da vontade dos Estrangeiros trazerem nos esta mercadoria, de que totalmente necessitamos, e por-lhe os preços à sua vontade tendo-a nós em nossa casa. (E 18 1 NP 44)

38. Isto se pòde ordenar fazendo, que se lavrem neste Reino as beatas (...). (E 18 1 NP 45)

39. Agora no principio se poderà fazer conduzindo com prêmios alguns officiais, mandando-os vir de Londres (...), fazendo assentar este trato nos lugares, que parecem mais convenientes (...). (E 18 1 NP 45)

40. Diz o Escolano na historia de Valença, que não havendo em Espanha (...) nem assucar, nem arroz, os Mouros (...) trouxeraõ cà estas fementes (...). (E 18 1 NP 45)

41. He o ferro de Portugal o melhor do mundo, delle se lavrarão as mais prezadas escopetas pedidas pelos principes, e que se lhe offerenciaõ por peças de muita estima, sendo-nos taõ necessarias estas armas (...). (E 18 1 NP 46)
42. Não é menos importante o lavor do linho (...), exercendo o noffo a todos os de Alemanha (...). (E 18 1 NP 46)
43. E sendo estas coufas taõ necessarias para a navegaçaõ (...) vamos buscar estas coufas às terras dos noffos inimigo, dandonolas Deos em noffa casa. (E 18 1 NP 46)
44. O mesmo se poderà tornar agora a fazer dando privilégios, e commodos aos Officiaes, que nisto se occupassem. (E 18 1 NP 46)
45. (...) dando-nos Deos esta tinta taõ excellente neste Reyno, não se tece nelle um covado de graá; e os Estrangeiros nos tornaõ a vender o que he proprio noffo, a mais f obido preço, podendo nõs vendello a elles. (E 18 1 NP 47)
46. (...) pãõ do Brasil (...) pastel das Ilhas, (...) sendo quasi mercadorias estanques, nõs as damos em matéria simples a todas as naçoens (...), podendo nõs ufar dos mesmos tratos (...). (E 18 1 NP 47)
47. (...) hum Oleiro (...) vendo a bondade do barro da terra, começou a lavar louça vidrada branca (...); e imitando-o outros Officiaes (...) não somente está o Reyno cheyo desta louça, mas vay muita de carregação para fóra da Barra. (E 18 1 NP 47)
48. (...) fundindo muito, vem a fer o mantimento muito barato (...). (E 18 1 NP 48)
49. (...) o povo Romano se foy multiplicando em grande maneira, porque affim como as abelhas crecem com se lhe tirarem das colmeyas os novos exames cada anno; da mesma maneira acontece tirando-le de hum povo grande Colonia (...). (E 18 1 NP 48)
50. A primeira se responde negando fer todo Alentejo de terra infructifera (...). (E 18 1 NP 49)
51. O mesmo se vê na Estremadura de castella, cujas terras não servindo mais (...) dão grossissimas rendas aos senhores daquelles lugares. (E 18 1 NP 50)
52. (...) mandando S. Magestade, que Deos guarde, fabricar nelle hum grande Palacio (...) se achou huma notavel copia de agoa, parecendo impossivel, que a houvesse em tal chaneca. (E 18 1 NP 50)
53. (...) com ElRey ficaõ os novos vassallos, os novos tributos, e fizas, e o novo crescimento de todas as coufas, que se nos taes povos cria, e juntamente se ficará conseguindo o effeito da multiplicação da gente, de que tratamos. (E 18 1 NP 51)
54. (...) e pela utilidade, que disto se segue ao Senhorios das terras, fer taõ notorias; que lhes não fica sendo gasto, se não beneficio grande de sua fazenda. (E 18 1 NP 51)
55. Exemplo seja a povoação da Casa Branca, que o Conde de Sabugal D. Duarte de Castello-Branco fez numa herdade sua, que tinha junto à Aviz, a qual dividio em Courellas, e dando-a a

varios foreiros com obrigaçã de certo foro (...) veio a fazer huma povoaçã de alguns cem vizinhos (...). (E 18 1 NP 51)

56. O Conde D. Estevaõ de Faro (...) mandou fazer esta divisã, e edificando cada morador fua cafa, e dando-lhe certas Courellas de terra, fez uma nova Villa, que intitulou Faro de Alentejo, de que tomou o titulo, sem perder nada de fua fazenda, ates acrescentando muito nella. (E 18 1 NP 51)

57. E porque o lavrador da herdade fe queixava, que estes vizinhos lhe podiaõ fazer danno ao feu gado, e fearas, lhe pozeraõ claufulas no aforamento, que queixando-fe o lavrador do tal foreiro, lhe derrubariaõ as kafas, sem por iffo lhe tornarem nada. (E 18 1 NP 52)

58. Pelo que fe com taõ grandes encargos aceita a gente do campo fazer uma cafa à fua culta; quantos haverá, que aceitem a commodidade de quem lhas quizer dar, e juntamente acrescentando-lhe terras para as poderem cultivar? (E 18 1 NP 52)

59. (...) fe dando este privilegio, a maior parte das grandes herdades (...) fe veraõ povoadas (...). (E 18 1 NP 52)

60. Difto fe queixava Plinio em feu tempo dizendo, Latifundia perdidire Italiam (...). (E 18 1 NP 52)

61. (...) mandando ElRey D. Fernando computar as terras de femeadura (...) haveria paõ de fobejo para toda a gente (...). (E 18 1 NP 53)

62. (...) fazendo-fe estas novas povoaçoes, de força fe conseguirà esta cultivaçã, lavrando cada um a fua terra (...). (E 18 1 NP 53)

63. (...) os que daqui melhor efcaçaõ, he fazendo-fe mendigos (...). (E 18 1 NP 53)

64. Pelo que o melhor remedio de todos he acudir a este mal em feu principio, recolhendo estes Orfaõs (...). (E 18 1 NP 54)

65. (...) hà muitos Collegios (...), onde estes Orfaõs fe criaõ (...) tendo dentro dos mefmo Colegios apofentos, onde vivem (...) os Mefres (...). (E 18 1 NP 54)

66. (...) Orfaõs (...) creando-fe em boa doutrina (...) ficariaõ fendo de grande utilidade à Republica. (E 18 1 NP 54)

67. Pelo que convèm, que fe procure o feu remédio, applicando todos os meynos, que pòde haver para estas Orfãs do povo fe calem porque (...) ficafè alcançando o intento da multidaõ da gente com a multiplicaçã dos matrimonios. (E 18 1 NP 55)

68. Porque desta maneira haverà muitos mais cafamentos para as mulheres Nobres, e Fidalgas, para as quaes neste noffo tempo se achaõ muy pocos; porque fe vaõ ajuntando em huma fõ peffoa muitas Kafas (...). (E 18 1 NP 56)

69. (...) como cada um tem muitas mulheres, fica havendo grande falta dellas (...). (E 18 1 NP 58)

70. E sua Magestade proveo em parte a estes inconveniente (...), mandando que se fizesse huma ley, para que os dotes não passassem de 12U. cruzados, não entrando nesta conta as legitimas (...). (E 18 1 NP 58)
71. Por tanto importa, que as penas sejaõ para os outros filhos (...), dando-se muito mais a um, que aos outros. (E 18 1 NP 59)
72. Pelo que não se achando então outros dotes de mayor quantia, forçado será que se aceitem estes (...). (E 18 1 NP 59)
73. (...) deste modo se ficaõ accomodando muitas destas Donzellas sem culto de seus pays, nem DelRey. (E 18 1 NP 59)
74. (...) a natureza a defendeu, armando-as de espinhos (...). (E 18 1 NP 60)
75. Por tanto hum dos mayores castigos, com que Deus ameaçava antigamente seu povo, era dizendo-lhe, que deixaria aquella Republica sem capitaens (...). (E 18 1 NP 61)
76. Com a Caridade offercem os particulares a vida propria pelo bem commum de todos, que he o mayor acto desta virtude, com reftificou Nosso Senhor no Evangelho, dizendo: (...). (E 18 1 NP 61)
77. Com a prudência se usa destas virtudes a seu tempo, aproveitando-se das occasioens, e escolhendo fítiosaventejados (...) ou fortificando-os para se defender. (E 18 1 NP 61)
78. (...) tendo os homens todos hum só principio (...) ficaraõ superiores aos outros (...). (E 18 1 NP 61)
79. Porque como os nossos Reys alcançaraõ pelas armas o Senhorio delle, libertando quasi toda a Provincia das mãos dos Mouros (...), e defendendo-os dos Reys vizinhos (...), pozeraõ toda a honra na gloria Militar, dando nova Nobreza aos do povo, que faziaõ feitos affinalados nella, e os nobres acrescentando-os a mayores estados, de maneira, que raro são os senhores de Vassalos, que hoje há em Portugal, que não tivessem este heroico principio (...). (E 18 1 NP 61)
80. (...) creavaõ todos seus filhos com grande parfimonia (...); dando os mesmos Reys aos outros exemplo nesta materia. (E 18 1 NP 62)
81. (...) estando as forças de Portugal na occasiaõ (...) obrigaõ nos fica tambem a todos de trabalhar (...). (E 18 1 NP 62)
82. Mas porque a terra se divide em terrestre, e marítima, fallaremos primeiro da da terra, como mais principal, discorrendo pelos mayores officios do exercito, dando particular noticia de cada hum (...), seguindo nesta matéria os nossos historiadores, e particularmente o Regimento da guerra, que fez ElRey D. Afonso V. conformando-se com os estilos antigos deste Reyno. (E 18 1 NP 63)
83. Estes cavalleiros da guarda no tempo da guerra andavaõ no Exercito com o seu Guarda Mor armados (...) seguindo a Pessoa delRey, segurando-o (...). (E 18 1 NP 63)

84. (...) conforme o ministerio (...) se lhes dava o nome, com que se diferenciavaõ huns dos outros, chamando (...) rei private ao Veador da Cafa (...). (E 18 1 NP 64)
85. (...) aquelles Reys foraõ usando destes seus Estribeiros Mòres (...) nas coufas de guerra. (E 18 1 NP 64)
86. Este officio de Condestable exercitarão com estas leis, e costumes o Conde de Arrayolos D. Alvaro Pires de castro servindo a ElRey D. Fernando, e depois a ElRey D. Joaõ I. sendo ainda defensor do Reyno (...). (E 18 1 NP 65)
87. (...) D. Joaõ Marquez de Monte-Mòr (...), o qual exercitou o officio acompanhando ElRey Affonso V. nas guerras de Castella (...) que nas mais preminencias do cargo corriaõ com o Duque de Guimaraens seu Irmaõ. (E 18 1 NP 65)
88. Porque des do tempo delRey D. Joaõ II. Para cá se foi mudando a ordem da Milicia, de maneira, que tirando as preminencias das Cortes, em que hà Levantamentos dos Reys, ou Juramentos dos Principes, nos quaes os Condestables tem o estoque diante dos Reys, e em outras prerogativas semelhantes de honra naõ se deu caso em que exercitaffem a juridiçaõ dos Exercitos. (E 18 1 NP 65)
89. Todas as penas, que por via de graça, ou merce mandar ElRey pagar no exercito aos condenados, perdoando-se-lhe a pena principal; assim mesmo a carceragem, e armas, que se tomarem aos que forem presos na cadeia do seu Ouvidor, e as decimas dos prifoneiros do Exercito, que sendo fugidos depois de huma noite, e dia, faõ tornados ao campo. (E 18 1 NP 67)
90. (...) exercitou este officio Vasco Martins de Soufa Chichorro, acompanhando a ElRey D. Alfonso V. em as guerras de Castella (...). (E 18 1 NP 68)
91. Ordenou ElRey D. Afonso V. que os homens de armas Escudeiros, que serviaõ a cavallo nos Exercitos, fossẽm reduzidos à Capitania de hum Capitaõ, que os repartisse por Coudeis, dando a cada Coudel vinte: pelo que chamaraõ ao Capitaõ desta gente, e Coudeis, Coudel Mòr. (E 18 1 NP 69)
92. Como o Coudel Mòr por o Regimento da guerra ficava capitaneando a gente de cavallo; depois se veio a encarregar ao Coudel Mòr a execuçaõ das leys (...). (E 18 1 NP 70)
93. (...) mandava ElRey por doze Adaiz tirar informaçoens com juramento do Adail, que estava para se fazer, e afirmando elles, que tinha as quatro qualidades requisitas, lhe dava ElRey espada, cavallo, e armas, e mandava a hum Rico Homem, que lhe cingisse a espada sem pelçoçada (...), e olhando para o Oriente dava com a espada dous golpes em cruz dizendo: (...) e o mesmo fazia para as outras tres partes do Mundo. (E 18 1 NP 70)
94. Depois metia a espada na bainha, e ElRey lhe metia na maõ huma bandeira dizendo, que lhe outorgava, que fosse Adail, dalli em diante. (E 18 1 NP 70)
95. Nos Exercitos do Reyno havia tambem Adail Mòr, que ia com alguns ginetes diante do arrayal descobrindo o campo, como se vê da historia delRey D. Afonso V. o qual parece, que foy o primeiro, que introduzio este officio, trazendo-o de Africa (...). (E 18 1 NP 71)

96. (...) chamando outros doze Almocadens, punhaõ duas lanças no chaõ ao comprimento (...), dizendo as palavras, que já referimos do Adail, tendo a lança feita na maõ. (E 18 1 NP 71)
97. Vindo depois ElRey D. João I. por as alteraçõens, que em tantos annos teve no Reyno, não deu contia aos Fidalgos, mas fõmente soldo; até que depois seguindo a ufança antiga, pòs de contia a cada Fidalgo mil livras para a lança de sua peõsoa (...). (E 18 1 NP 72)
98. A outra gente de cavallo se fazia de todos os povos do Reyno, mandando cada lugar o numero de moradores, que confõrme à fazenda, que tinhaõ, eraõ obrigados a ter Cavallo, e armas. (E 18 1 NP 72)
99. Porém conhecidamente foy crescendo com a multiplicaçãõ (...). (E 18 1 NP 74)
100. Este número de gente cuidaõ alguns, que foi diminuindo, porque crescendo grandemente as noõs Conquistas, foy necessãrio dividir se a gente Portuguesa por ellas (...). (E 18 1 NP 74)
101. Assentando o arrayal, mandava se posseõem atentas, e que marchando fosseõ sempre as batalhas (...). (E 18 1 NP 75)
102. E sendo achado algum profioneiro fugido, havendo mais de um dia, e noite desaparecido a seu senhor, feria de quem o achasse ; e haveria o Marichal a dizima delle; e sendo achado dentro no primeiro dia, e noite recuperadas, feriaõ dadas a seus primeiros Senhores, mas passado deste termo, ou recuperando as depois dos inimigos asterem postas em salvo, ficariaõ dos que as tomasseõ. (E 18 1 NP 75)
103. (...) em Africa se alcançaraõ muitas vitorias contra o poder dos Reys de Marrocos, Xarifes, e Reys de Fèz em tempo delRey D. Manoel, sendo todas estas naçoens bellicosas, e praticas na guerra. (E 18 1 NP 76)
104. (...) ficaraõ os noõs vencedores, sendo os contrãrios quasi dobrados em numero (...) temos por nõs a cauza justa, defendendo a legitima successãõ dos noõs Reys Portuguezes (...). (E 18 1 NP 78)
105. (...) o favor de Deos (...) não fõmente nos conserva, mas ainda nos faz superiores a estes contrãrios, dando-nos delles gloriosas vitorias. (E 18 1 NP 78)
106. (...) he muito para confiderar, que havendo Rey em Portugal, todos os Exercitos Castelhanos (...) foraõ desbaratados. (E 18 1 NP 78)
107. (...) D. Garcia (...) se foi só seguindo o alcance. (E 18 1 NP 79)
108. (...) por isso fortificaraõ os Castelhanos tanto a Ciudad Rodrigo, temendo-se das noõs entrepresas (...). (E 18 1 NP 79)
109. (...) estando huma praça com bom prefidio, não pòde ser entrada por hum grande Exercito (...). (E 18 1 NP 79)
110. (...) havendo Rey em Portugal, tinhaõ conhecido os Castelhanos claramente, que não podiaõ sair com esta empresa (...). (E 18 1 NP 79)

111. Porque dizendo-lhe o Duque de Alva (...) que melhor fora vilas fazer a Belèm, repondeo ElRey: (...). (E 18 1 NP 79)
112. (...) entando com o exercito contra o Cardenal (...), El Reyno todo se avia de emplear en su defenfa, nombrando por General para la guerra el Duque de Bargaça (...). (E 18 1 NP 80)
113. Este juizo delRey D. Filippe foy taõ acertado, que fõ com ele alcançou a fua pretençaõ fem difficuldade, eftando dantes defconfiado della. (E 18 1 NP 80)
114. Porque deixando ElRey D. Henrique o Reyno fem Rey (...) faltou no Reyno a cabeça (...). (E 18 1 NP 80)
115. (...) Prior do Crato: o qual vendo, que tinha huma fentença contra fi fobre a fuccefaõ (...) fe fez levantar tumultuariamente em Santarém (...). (E 18 1 NP 80)
116. (...) faltando ao Prior do Crato a authoridade publica (...) não pode (...) fazer mais refiftencia (...). (E 18 1 NP 80)
117. (...) D. Fillipe (...) não teve confiança de fair com a empresa de Portugal, havendo nelle Rey, como temos dito, fenaõ vendo-o fem cabeça, e dividido. (E 18 1 NP 81)
118. O reyno de Aragão não fendo mayor , antes menor, que o de Portugal, os Reys de Castella tiveraõ muitas vezes guerras com elle, feguindo a empresa com taõ grandes Exercitos (...) fendo os Exercitos dos Aragoneses muito inferiores, fempre Aragão fe confervou inteiro (...). (E 18 1 NP 81)
119. Pelo que não perderaõ o Reyno pela força dos Castellanos, fenaõ pela divifaõ, queentre fi tiveraõ, levantando tres Reys juntos dous irmaõs (...) por iffo fendo cativo o Rey Chico pelos Castelhanos duas vezes, os Reys Catholicos o tornaraõ logo a pôr em fua liberdade (...), elle entrou em Granada, e dentro da Cidade fe eftiveraõ por muito tempo degollando, affaltando-fe, e dando-fe batalhas (...) eftando-fe já taõ consumidos da guerra civil (...) não tinham já em todo o Reyno mais de 300 cavallos, começando-fe as parcialidades com 20U000. (E 18 1 NP 81)
120. O Reyno de Navarra (...), fe confervou por mais de 500. Annos; fendo affim que não fomite os Reys de Castella, mas tambem os de Aragão lhe fizaraõ guerra no mefmo tempo (...). (E 18 1 NP 81)
121. O que não querendo fazer D. Joaõ de la Brit caçado com Dona Catharina Rainha proprietária delle, defamparou o Reyno, e fe foi para França, dando licença aos de Pamplona (...). (E 18 1 NP 82)
122. (...) entrou Navarra na Coroa de Castella, tendo-fe até então defendido de muitos mayores Exercitos (...). (E 18 1 NP 82)
123. Pelo que fendo efa maxima verdadeira (...); e em poder he tamanha, que reynando ElRey D. Afonfo III guerreou Portugal juntamente contra todos os Reynos da Efpanha (...). (E 18 1 NP 82)

124. E no delRey D. Joaõ III fustentou a India, fazendo-lhe guerra ao mesmo tempo tres governadores (...). (E 18 1 NP 82)
125. Pelo que tendo Portugal Rey, não há que temer nenhum poder estranho (...). (E 18 1 NP 82)
126. Mudando-se com o tempo a ordem da Milicia antiga deste Reyno, e ficando fõmente os officios mayores (...) pretendeo ElRey D. Monoel melhorar, e affentar por lista a gente (...); e ElRey D. Sebastiaõ trabalhou mais nesta materia, fazendo um largo Regimento (...). (E 18 1 NP 82)
127. (...) que cada Domingo faiffem ao campo a se exercitar, confõrme as armas, que cada hum trouxeffe, havendo premios para os mais dêftros (...). (E 18 1 NP 83)
128. (...) o Conde de Borba, a quem ElRey querendo socorrer, em cinco dias ajuntou no Algarve passante de 20U000 homens de pè, e de cavallo, como se refere na mesma Chronica (E 18 1 NP 83)
129. ElRey D. Joaõ V attendendo à grande falta que havia de cavallos por todo o Reyno, deo a Superintendencia Geral de todas as Coudelarias de Portugal ao Duque D. Jayme (...). (E 18 1 NP 84)
130. E com esta diligencia não deixando hir armas para fõra, houve naquelle tempo grande abundancia dellas em todo Portugal. (E 18 1 NP 86)
131. (...) governando D. Diogo (...), se tornou a refazer a mesma Casa antiga (...). (E 18 1 NP 87)
132. Porém depois da entrada dos Mouros, sendo o poder dos Reys Christaõs muito pequeno, e não podendo resistir sempre no campo, se recolhiaõ às cidades (...). (E 18 1 NP 88)
133. No Regimento da guerra (...) se ordenava, que os Alcaides fossem Fidalgos (...), e fallecendo algum, lhe succedeffe o parente mais chegado (...). (E 18 1 NP 88)
134. (...) e podia prover o Alcaide pequeno com seus Escrivaens, escolhendo os dos apresentados da Villa (...). (E 18 1 NP 8)
135. E sendo muitas destas Fortalezas dannificadas do tempo, D. Joaõ aperfeiçãoou esta obra de todo (...). (E 18 1 NP 89)
136. ElRey D. Joaõ I começou a fortificar os pórtos de Lisboa, e Suteval, fazendo no Tejo (...) a Torre Velha (...). (E 18 1 NP 89)
137. A mesma diligencia fez em Setuval, edificando a Torre de Outaõ (...). (E 18 1 NP 90)
138. Porém começando o descobrimento de Guinë, e vendo ElRey D. Joaõ II os Reys vizinhos (...) começou a tratar de segurar mais a entrada da Barra de Lisboa (...). (E 18 1 NP 90)
139. (...) ordenou D. Sebastiaõ no Regimento (...), que nos lugares mais commodos (...), houeffe perpetuas vigias, as quaes elegem (...) os Capitaens Mõres (...); começando huma

pela manhã, e entrando outro ao meyo dia ; e que vendo vèlas ao mar, fizeffem final com fumos, (...) dando tantos fumos aos fachosm quanto foffem os Navios (...); vendo Navios ao mar (...); e faindo gente em terra, deffem final com arcabuzes (...). (E 18 1 NP 91)

140. Este poder fe foi fempore accrefcentando até o tempo delRey D. Dinis, havendo nefte entre meyo alguns Almirantes, fegundo parece das hiftorias do Reyno. (E 18 1 NP 91)

141. Ao outro dia vestindo-fe de festa hia da Igreja ao Paço o mefmo Almirante bem acompanhado, e ElRey recebendo o em Sala publica, lhe metia um hum anel no dedo da maõ direita (...). (E 18 1 NP 92)

142. Os direitos, que tinha o Almirante, eraõ a quinta parte do que cabia a ElRey de todas as prefas que tomava aos inimigos, tirando navios, armas (...). (E 18 1 NP 92)

143. (...) faltando elles, entãõ poderia ElRey eleger para o officio quem lhe appareceffe; e que indo ElRey em Exercito por terra, feriaõ obrigados os Almirantes a acompanhallo, mandando-lho ElRey, e de outro modo naõ.(E 18 1 NP 92)

144. (...) fallecendo algum dos ditos homens, dava ao Almirante outo mefes de tempo, para prover o tal lugar. (E 18 1 NP 93)

145. (...) executava fuas fentenças fem appellaçaõ, tirando em cafo de morte (...). (E 18 1 NP 94)

146. E affim fe foy confervando em fua defcendencia por outras fucceffoens. (E 18 1 NP 94)

147. Porèm fendo a embarçaõ presa de 26 toneis para baixo, eraõ do Patraõ da Galè , que a tomava, e os Alcades tinhaõ huma amarra; mas os prifioneiros, e dinheiro eraõ delRey. (E 18 1 NP 95)

148. (...) levava fõmente o quinto, ficando fempore a ElRey os navios (...). (E 18 1 NP 95)

149. Com tudo andando ElRey D. Fernando de Portugal de guerra com Caftellam armou 32 galès (...). (E 18 1 NP 95)

150. Mas quem poz mayor numero de vèlas no mar foy ElRey D. Joaõ I o qual fendo ainda defenfor do Reyno, mandou vir da Cidade do Porto huma armada de 35 vèlas (...). (E 18 1 NP 96)

151. (...) como o comercio das terras fe foy abrindo, affim fe foy accrefcentando este poder (...). (E 18 1 NP 96)

152. (...) fe fez no Porto de Lisboa a mayor parte de Armada (...). Sendo a obra das bemarçaõens (...) a melhor do mundo, como confeffão os Elftrangeiros. (E 18 1 NP 97)

153. (...) entrando no governo de Portugal el Rey D, Fellipe o Prudente, e vendo o muito que tinha despendido do patrimõnio Real com fua pretençao, introdufio nefte Reino (...) o tributo novo do Confulado (...). (E 18 1 NP 98)

154. A Capitania Mòr desta Armada (...) se foi provendo de tres em tres anos (...) no fazer destas Armadas houve grandes intercadencias, ficando muitos annos as Coftas do Reyno (...). (E 18 1 NP 98)

155. Porém continuando-se estas Armadas (...) ficaraõ as Coftas do Reyno seguras (...). (E 18 1 NP 98)

156. Vasco Fernandes Cefar andando com uma fufta em guarda do eftreito, pelejou, e tomou feis galçotas de Mouros. (E 18 1 NP 98)

157. Porque sendo notorio, que todas naçoens do Norte, não se fustentaõ mais (...) havendo para illo de paffar forçofamente pelo Eftreito, ficavaõ os noffos senhoreando todos estes Navios Marcantis (...), pois tendo os noffos Galoens a retirada segura nos Portos do Algave (...) ficavaõ senhores do Eftreito: o que se hoje se fizer, ferà de mayor proveito (...). (E 18 1 NP 99)

158. (...) porque o poder dos Piratas hia cada vez crescendo mais, communicando ElRey esta materia com o Emperador no anno de 1522 se affentou pelos Confelheiros mais práticos (...) que as noffas Coftas maritimas se defendeffem nesta fórma. (E 18 1 NP 99)

159. (...) além destes, andariam quatro Galeoens correndo a Cofta mais ao mar (...). (p. E 18 1 NP 100)

160. E para se isto inteiramente cumprir, mandava que nenhum navio português podeffe partir deste Reyno às fuas Conquiftas, sem primeiro o fazer a faver ao Provedor dos Armazens, estando em Lisboa (...); e nas outras partes, aos Capitaens (...) segundo este Regimento (...) sendo da Jurisdicçaõ deste Reyno (...), sendo comprehendidos nella, tinhaõ graves penas. (E 18 1 NP 101)

161. E aos que fizeffem navios de alto bordo (...) lhes concedia tambem as prezas, justificando depois, que fãiffem em terra (...). (E 18 1 NP 101)

162. Mas acontecendo a esta boa ordem o que he ordinário nos decretos dos Principes (...) se lhes tornou a proibir a licença. (E 18 1 NP 101)

163. (...) muitos annos a esta parte andavaõ os noffos navios de comercio feitos continuas prezas dos Coffarios, ordenando a Companhia da Bolfa do Brazil para que todas as embarçaõens mercantis vão juntas (...). (E 18 1 NP 102)

164. (...) Joaõ Botero (...) dizendo que havendo em Eſpanha tantas Commendas (...) por particulares respeitos se deixa perder este meyo (...). (E 18 1 NP 102)

165. Foraõ as Ordens militares de Aviz (...), que tirannicamente tinhaõ occupado aos Christaõs, militando contra os inimigos da Fé (...). (E 18 1 NP 102)

166. (...) fizeraõ com muito valor, ajudando a lançar fõra os Arabes (...). (E 18 1 NP 103)

167. Os Cavalleiros (...) floreceraõ em Castella com grande nome pellejando valerosamente contra os infieis: e sabendo como ElRey D. Afonfo Henriques estava cercado (...), o vieraõ

socorrer (...) ElRey D. Afonfo os recebeo em Portugal, fazendo-lhes muitas doaçoes (...). (E 18 1 NP 103)

168. Pelo que se fica demonstrando, que ao menos estes dous eraõ dos primeiros nove; e parece que tornando-se para a pátria, ajuntarão a si outros Cavalleiros como em Confraternidade, e soldados seus, que os ajudavaõ a pelajar com os Mouros, estando ainda a Milicia sem a confirmação Apostolica (...). (p. E 18 1 NP 104)

169. Depois extinguido-se a Ordem do Templo, ElRey D. Diniz fundou dos bens que, ella tinha em Portugal (E 18 1 NP 104)

170. (...) sendo Mestre della, lhe applicou em Cõmendas todos os bens Ecclesiasticos (...). (E 18 1 NP 105)

171. (...) com tudo estando no Reyno tem obrigação de acompanharem os Reys (...). (E 18 1 NP 105)

172. Porém vindo a defcahir com o tempo este seu exercicio (...), se ordenou (...) que as quatro Ordens Militares fossem obrigadas a ter (...) 340 lanças (...) (E 18 1 NP 105)

173. Porém vindo depois ElRey D. Manuel acrescentou muito a ordem de Christo com as Comendas, que de novo impetrou do Papa Leão X. e guardou a condição, com que se concederaõ, dando-as aos que serviaõ contra infieis: o que depois não se guardando com tanta observancia até o tempo delRey D. Sebastião, querendo elle justificar taõ larga concessão de rendas ecclesiasticas, vendo juntamente os grandes dannos (...) ordenou reformar de novo os Estatutos das ditas Ordens (...) por virtude dos quaes ordenou, que o provimento das Commendas se fizesse da fõrma seguinte (...) contando os homes de cavallo (...) não contando por homem de cavallo, senão o que fosse de 18 annos compridos. (E 18 1 NP 106)

174. (...) concorrendo dous iguaes no tempo, fosse preferido o que tivesse servido com mais cavallos. (E 18 1 NP 106)

175. Assim mesmo na guerra do mar ordenou ElRey se podessem tambem ganhar as Commendas, contando os que as servissem os meses (...). (E 18 1 NP 107)

176. (...) Commenda de São João da Malta (...) sendo certa, para trazer todos os Morgados (...) nesta Milicia à sua custa, sendo providos por suas antiguidades? (...). (E 18 1 NP 107)

177. (...) como se ordena naquelle ultimo capitulo acima referido; pondo-lhes por condição, que antes de tomarem posse dellas, as sirvaõ primeiro (...). (E 18 1 NP 108)

178. Sendo a Nobreza das Familias a coufa mais prezada nas Republicas Politicas, he justamente a menos conhecida (...). (E 18 1 NP 109)

179. Familia (...), que trazendo seu principio de huma pessoa, se vai continuando, e estendendo de filhos a netos (...). (E 18 1 NP 109)

180. A antiguidade se mostra nas Familias contando nellas pelos tempos passados muitos grãos (...), e conforme a melhor opiniaõ, tanto val huma idade moralmente fallando, como 34 annos de tempo. (E 18 1 NP 109)

181. Sendo duas Familias antigas (...) que haja della mais antiga memória por chronicas (...). (E 18 1 NP 110)
182. Porèm dando depois ElRey D. Fernando o I. Leaõ esta Provincia a D. Garcia seu filho, entraraõ outros muitos de novo com sua Corte (...). (E 18 1 NP 110)
183. (...) ficando no Reyno, deraõ principio a algumas Linhagens delle (...). (E 18 1 NP 110)
184. Tornaraõ a entrar novas Familias de Castella em tempo delRey D. Afonso V quando fe veyo daquelle Reyno, deixando a pertençaõ, que tinha delle por parte de Excellente Senhora. (E 18 1 NP 110)
185. Pelo que estando uma Familia Titulada (...), fica preferida à outra mais antiga (...). (E 18 1 NP 111)
186. (...) crefcendo o numero de gente, e faltando nomes finguiares para cada hum, vieram a ser muitos homens de hum mefmo nome. (E 18 1 NP 112)
187. (...) acrescentaraõ os sobrenomes, ajuntando o nome dos pays aos feus (...). (E 18 1 NP 112)
188. (...) vindo os Godos, e extinguindo quafi de todo os Romonos nella, fe tornaraõ a introduzir os nomes proprios finguiares fem sobrenomes alguns (...). (E 18 1 NP 112)
189. (...) daqui vieraõ os Apellidos de muitas linhagens, indofe depois continuando em feus fuceffores. (E 18 1 NP 113)
190. A estas terras chamavaõ Solares, derivando o nome da palavra (...), que quer dizer terra (...). (p. 113)
191. (...) Simaõ Gonçalves obedecendo, lhe foi beijar a maõ pela mercê. (E 18 1 NP 114)
192. (...) conhecendo cada soldado a sua bandeira (...) podeffem acudir a ellas (...). (E 18 1 NP 114)
193. E o Satyrico fignifica pelo mefmo termo ter fahido da idade juvenil, dizendo: (...). (p. E 18 1 NP 115)
194. (...) quando o predeceffor era muy infigne, ufavaõ feus defcendentes da tal figura, como empreza, fegundo fe vê de Virgilio, fallando de Aventino filho de Hercules. (E 18 1 NP 115)
195. (...) multiplicando-fe as Legioens, foy neceffario dar-lhes tambem novos nomes, e infignias. (E 18 1 NP 115)
196. (...) naõ efcolheram estes nomes (...) denotando em cada hum delles algum bom penfamento. (E 18 1 NP 115)
197. (...) Claudiano allude ao mefmo, dizendo da Legiaõ invicta. (E 18 1 NP 116)

198. (...) vindo depois a professarem a milicia os filhos (...), ufavam sempre das próprias insignias, e depois que se perdeu o Imperio Romano, se ficou continuando o mesmo uso, pondo segundo aquella imitação cada hum no escudo (...), denotando sempre com esses hieroglyphicos alguma coufa de valor (...). (E 18 1 NP 116)
199. As que trazem outros animaes, faç: os Carreiros hum Gatto caçando, os Garros uma Onça, os leons entre sete Estrellas dous libeos negros armados de prata, alludindo à fidelidade destes animaes, os Oforios dous Touros, os de Valdès hum Elefante. (E 18 1 NP 116)
200. E fenhoreando-se estes das Provincias do Imperio, introduziram seus costumes nos povos (...). (E 18 1 NP 117)
201. (...) conclue Scipião Amirato, dizendo que destas simples pinturas argue a antiguidade das armas (...). (E 18 1 NP 117)
202. E sendo certo, que em Castella (...) se tomaraõ as Cruzes (...), podemos ter por conjectura provavel (...) que nas que se ofereceraõ neste Reyno semelhantes, se deu principio às que cá se trazem. (p. 119)
203. (...) trazendo a mesma cruz seu filho D. Afonso (...) partiu a Cruz em cinco escudos, pondo dentro de cada hum trinta circulos (...). (E 18 1 NP 119)
204. (...) atravessou quatro cordoens no escudo (...) fazendo de outro cercadura (...). (E 18 1 NP 119)
205. (...) toda Espanha corria pelo grande poder dos Mouros, que contra os christãos vinham, como por mostrarem o valor de suas pessoas, para o que saíam da pátria a buscar semelhantes empresas, quando cá havia paz, e particularmente a Castella, como testifica o Conde D. Pedro dizendo (...). (E 18 1 NP 120)
206. Conta D. Mauro Ferrer na vida do Apostolo Santiago, que trazendo os Discipulos do santo seu Apostolico Corpo (...) se estavaõ fazendo na praia humas grandes festas pela celebração do casamento de hum principal Senhor da terra de Maya, e que o Cavallo, em que andava, se mereo pelo mar até chegar ao navio; deixando suspensos a quantos o viaõ (...). (E 18 1 NP 123)
207. (...) vendo que ElRey tomava armas novas por memoria deste feito, fazia cada hum o mesmo. (E 18 1 NP 123)
208. (...) usando do vocábulo, par, que não somente significa igual, mas tambem dous, sendo as Arruelas de pares, as feis montavaõ por doze. (E 18 1 NP 125)
209. (...) ficaraõ com a vitoria de se não sogetarem à parte contraria, e conservando sua lealdade. (E 18 1 NP 128)
210. (...) hum limoeiro com hums limoens de ouro, alludindo à celebre Albergaria de Payo Delgado (...). (E 18 1 NP 128)
211. (...) Lucenas trazem hum Sol, alludindo ao nome da luz (...). (E 18 1 NP 128)

212. (...) os Correias da Sylva trazem uma pelle de leão, alludindo fer própria morada de Leão a fylva (...). (E 18 1 NP 129)

1.6 Século XVIII – segunda metade

FREIRE, Francisco José. **Memorias das principaes providencias, que se deraõ no terremoto, que padeceo a Corte de Lisboa no anno de 1755, ordenadas, e offerecidas à Majestade Fidelissima de Elrey D. Joseph I Nosso Senhor.** Lisboa, 1758.

1. e que ninguém houve, que dèsse a ler aos vindouros as grandes Providências, que sahiraõ, para naõ se dobrar a noffa calamidade, sentindofe de tanto mal os feus naturaes efeitos (E 18 2 MPT 31)

2. Nós agora movidos do zelo de bom Cidadão a favor dos que depois de nós vierem, he que emendaremos esta falta, instruindo-os em tudo o que naqueles dias de confusão obrou a piedade de ElRey, allistido de feu Ministerio Politico (E 18 2 MPT 32)

3. No dia primeiro de Novembro de 1775, anno eternamente fatal na Historia Portuguesa, às nove horas, e quatro minutos da manhã, estando o Ceo limpo, o ar sereno e o mar em calma, se vio Lisboa surpreendida com hum Terremoto dos mais horrorofos, que ou tradição conserva, ou descrevem os livros (E 18 2 MPT 32)

4. Seus effeitos provaõ esta verdade; porque em taõ breve tempo deixou reduzidos a ruinas qualí todos edificios da mefma Cidade, seputando nos estragos hum grande numero de feus habitantes, especialmente nos Templos, que por ser dia de tanta solemnidade, todos se achavaõ allistidos de numerofo povo. (E 18 2 MPT 32)

5. Ao mefmo tempo embraveceo-se o mar com tanta furia, que levantando-se em montes de agua, entrou pela fos do Tejo; e de repente fez com que inudasse as suas duas margens em distancia de até onde nunca havia chegado (E 18 2 MPT 32)

6. O povo, que fugindo da Terra, esperava a fylo neste elemento, achou nelle sua perdição. (E 18 2 MPT 33)

7. que ficaraõ todos sem acordo, e por salvarem suas vidas , deixaraõ ao defamparo a Cidade, fugindo para os Campos (E 18 2 MPT 33)

8. Daqui veyo aterse improvifadamente em alguns edificios fagrados, e profanos hum incêndio taõ arrebatado, que fazendo-se irremediável em huma Cidade deferta, devorou della todo o Bairro mais baixo, e grande parte do Alto (E 18 2 MPT 33)

9. e foy vermos prefervadas do mais leve damno as preciosíffimas vidas de Suas Magestades, de toda a sua Real Familia, achando-se ainda a Corte no Paço de Belem (E 18 2 MPT 34)

10. Desta especial misericordia do Senhor irado claramente conhecemos, que o feu Decreto espantoso não fora para nos aniquilar, mas para nos advertir, salvando-nos aquelles, os quaes fõ eram instrumentos proporcionados de noffa confervação (E 18 2 MPT 34)

11. Dobrada prova deste beneficio do Ceo era observar o magnanimo coração de elRey em dias de tanto defacordo, não perdendo aquella heroica e immutavel constancia, que tanto se distingue entre as suas Reais virtudes (E 18 2 MPT 34)
12. Por isso desde logo como Rey [que entre nós he synonymo de Pay] principiou a cuydar no remedio às nossas infelicidades com tal senhorio em feu animo, como se não estivesse vendo, nem sentindo vivamente a perda de tantas vidas (E 18 2 MPT 34)
13. Distinguia com resignação religiofa o mal, que era irremediável, daquele, que podendo-se ainda impedir, devia ser objeto de sua paternal Providencia; e assim ao mesmo tempo, que adorava a mão de Deos irritado, não perdia instante em focorrer seus vassallos, impedindo os funestos effeitos do mal, a que os mortaes não podiaõ dar remedio (E 18 2 MPT 34)
24. Quem naqueles dias visse Lisboa com as suas ruas alastradas de mortos, e cobrindo com suas ruinas a outro mayor numero de cadáveres, justamente devia temer, que pela corrupção desta se seguisse ao terremoto o flagelo da peste (E 18 2 MPT 34)
25. Muito mais se augmentava o temor com a confideração do tempo invernofo; porque não podendo as aguas ter a sahida para o mar, facilmente se fariaõ contagiofas as que se estagnavaõ, impedidas pelas ruinas (E 18 2 MPT 35)
26. A hum, e outro mal occorreo logo a Piedosa Providencia de elRey, mandando expedir diversas Ordens, para se evitar taõ justo receyo. (E 18 2 MPT 35)
27. ... os quaes distribuidos pelos Bairros da Cidade, dessem prompto remedio a enterrar os mortos, ora obrigando (se preciso fosse) ora persuadindo a todos hum officio taõ recommendado pela Religiaõ (E 18 2 MPT 35)
28. Ao Eminentissimo Cardeal Patriarca, que defcança em gloria foy igual Aviso, para que mandasse a todos os Parocos da Corte, e seus Suburbios, que sahindo logo em Procifsoes publicas, tomassem nellas por motivo de suas Practicas persuadirem ao povo hum exercicio taõ piedoso para os mortos, como util para os vivos (E 18 2 MPT 35)
29. Porém como para huma necessidade tal, e que estava pedindo o mais prompto remedio, não poderia bastar hum povo, a quem a perda de tudo o que mais amava, reduzira a confusão extrema (E 18 2 MPT 35)
30. ordenou-se, que as Tropas estivessem prontas a prestar auxilio, que pedissem as pessoas encarregadas ou de dar sepulturas aos cadáveres, ou sahida às aguas mortas, defentulhando as praças, e ruas (E 18 2 MPT 35)
31. Respondeo a esta Providencia o desejado efeito; porque em breves dias nos vimos defassombrados do susto, vendo os lugares públicos já sem horror, que causava o espetaculo de tantos mortos (E 18 2 MPT 35)
32. Taõ grande beneficio deveo-se especialmente aos Religiosos, desempenhando bem nesta acção taõ pia as indispensaveis obrigações do feu Ministerio (E 18 2 MPT 36)

33. Satisfeita a Religião com a sepultura aos mortos, entrou logo a caridade a focorrer os vivos, para que a fome em tempo de tal perturbação, e penúria não fizesse acabar aquelles, que vendose com vidas, se julgavam felices entre tantas miserias (E 18 2 MPT 36)

34. Para este efeito foraõ postos Editaes públicos a beneficio do quotidiano alimento do povo, mandando-se nelles, que não se alterassem os preços dos viveres, que corriaõ antes da calamidade (E 18 2 MPT 37)

35. E porque esta estava pedindo ainda mayores Providencias, não ló deu ElRey livre de quaisquer direitos todo o pescado, mas enviou diversos Fidalgos a varias terras, a fim de que dellas remetessem mantimentos, para cuja condução facil, e prompta mandou dar todos os meynos possíveis, afinando até os lugares certos da venda deles em sitios favoráveis à grande dispersão do povo (E 18 2 MPT 37)

36. para não negociarem com as miserias do próximo aquelles homens, peste da Republica, que vivem de monopólios, chegando aos ouvidos de S. Magestade as extorções, que nisto suportavam os pobres, gemendo à violencia de comercio taõ iniquo, não houve remedio, que nesta materia esquecesse, e remedio, que custou aos culpados pezado, mas merecido castigo (E 18 2 MPT 37)

37. de maneira que todo o estado de pessoas, que entaõ se viraõ na rara fortuna de menos pobres, abrindo suas casas, e celeiros, deram abrigo, e sustento aos miseraveis famintos (E 18 2 MPT 37)

38. Deraõ em suas portarias o quanto tinhaõ; e sabemos de certo, que para valerem aos pobres, cortaraõ muito do seu próprio sustento; e cada hum se alegrava, vendo que para obra taõ tanta lhe faltava o preciso alimento (E 18 2 MPT 37)

39. Entre todas as necessidades, a dos feridos, e doentes, que Deos preservara da morte entre tantas ruinas, estava chamando, mais que outras, pelo prompto remedio (E 18 2 MPT 39)

40. Todos experimentaraõ com liberalidade a piedosa grandeza de ElRey, sendo assistido de promptos remedios, Cirurgiães, e Enfermeiros (E 18 2 MPT 39)

41. Hum exemplo taõ raro, como era para fazer tanta emulação, teve logo quem o seguissse em todas as Senhoras da Corte, ocupando-se, como à contenda, em taõ pidedoso exercicio (E 18 2 MPT 40)

41. Vimos a huns levar a seus ombros muitos feridos às publicas enfermarias, e a outro servir nellas com cuidadosa assistencia, que estavaõ pedindo as leys da fraternidade, e as circunstancias da occasião (E 18 2 MPT 40)

42. Religiões houve, que santificaraõ mais seus Conventos, recebendo nelles, e curando a hum grande numero de taes necessitados (E 18 2 MPT 40)

43. ... piedade que evitou muitas mortes, e consolou aquelles miseraveis, vendo que, não obstante suas culpas, até elles eraõ objecto do criativo coração de seu Principe, enternecido com suas lastimas (E 18 2 MPT 41)

44. Para executarem as Providencias, que deyxamos descriptas, necessitava-se gente de trabalho, especialmente daquella, que compoem o ínfimo corpo da plebe; porem quasi toda havia desertado a Cidade, buscando suas pátrias, huns pelo temor de novo castigo Divino, outros por se pouparem ao trabalho (E 18 2 MPT 41)
45. Promptamente se occorreo a este mal, expedindo-se Cartas Circulares a todos os Corregedores das Comarcas do Reino, para que fizessem guardar as estradas (E 18 2 MPT 41)
46. Consolava-se o povo consternado, experimentando em seu beneficio effeitos taõ uteis da vigilância do seu Principe; mas ao mesmo tempo vivia em continua confusão, e fulto, causado pelos facinorosos, que sahindo das cadêas arruinadas, cometiaõ aquellas ações deshumanas, que em dias de tanta reconciliação com Deos não se deviaõ esperar até das suas calterizadas consciencias (E 18 2 MPT 42)
47. Porem elles, como gente habituadas em iniquidades, vendo os Templos, e as casas desertas, taes roubos, sacrilegios executaraõ (E 18 2 MPT 42)
48. Muitos foraõ os que padeceraõ a ultima pena, morrendo suspenso em diversos pastibulos, que para o mesmo fim se levantaraõ em varios litios da Cidade (E 18 2 MPT 43)
49. A este fim baixou logo hum Decreto, em que S. Magestade mandava, que aquelles roubos, de cujos donos notoriamente constasse pela evidencia dos factos, não havendo parte que se opuzesse, fossem sem demora entregues a seus legítimos senhores (E 18 2 MPT 43)
50. Purificada a Cidade desta peste política, passou-se a livralla de outros contágios, que sendo sempre nas Republicas enfermidades perigosas, são mortaes em tempos calamitosos. (E 18 2 MPT 44)
51. em que se mandava aos Ministros dos Bairros, que inquirissem com toda exacção de officio, e costumes dos habitadores de seus districtos; e que achando nelles vagabundos, e mendigos, com idade, e saude capaz de servir ao publico, fossem presos e mandados trabalhar com braga nos defentulhos, e mais obras da Cidade (E 18 2 MPT 44)
52. Não era para esperar, que em dia de tanta reconciliação com Deos houvesse quem não humilhasse a cabeça à poderosa mão do Senhor indignado. Antes proseguisse em suarebeldia, fomentando o publico escandalo com a conservação de suas concubinas (E 18 2 MPT 45)
53. O Ministerio sempre vigilante vio logo ao longe, que estas vozes eraõ espalhadas por espiritos sediciosos, que assim se queriaõ valer da credulidade do vulgo, para que desamparando todos suas casas, e igrejas vizinhas, elles entaõ a seu salvo podessem saquear (E 18 2 MPT 45)
54. O povo vendo com seus olhos trocados as profecias em embustes, coheceu a leveza da sua credulidade, alegrou-se com os castigos aos maquinadores, e não sabia como engrandecesse a provida vigilancia de seu Monarca (E 18 2 MPT 46)
55. A ordem da escritura, que vamos seguindo, faz, com que demos em classes separadas Providencias, que se executaraõ a hum mesmo tempo. (E 18 2 MPT 47)

56. ...entregues à actividade de D. Rodrigo de Refende, Almirante do Reino, e outros, a cujo zelo não deve pouco a nossa gratidão, trabalhando muito pelo nosso socorro, quando mais nos opprimia a espantosa calamidade (E 18 2 MPT 47)
57. em que ElRey mandou, que os Officiaes Commandantes das Fortalezas não deixassem sahir do Rio, nem passar para a banda além algum barco, ou navio, exceptuando so aquelles, que apresentassem seu passe (E 18 2 MPT 47)
58. Com esta cautela passou-se logo a fazer diversas diligencias por todos os navios, que se achavaõ ancorados, inquirindo com exacção, que equipagem trouxeraõ...(E 18 2 MPT 47)
59. Destas, e de todas as demais Resoluções, que tem dado Argumento a estas Memorias, claramente se vê, que a Politica, a Piedade, e a Justiça, sendo virtudes, que raras vezes se unem nos Ministerios, hoje vivem no governo destes Reinos em amizade estreita (E 18 2 MPT 48)
60. Para evitar este justo receyo teve ordem o General Marques de Tancos de mandar logo logo cobrir as Costas daquele Reino com cinco Companhias de Cavallaria, animando assim os habitantes delle, dos quaes grande parte havia desertado, espavorida com os effectos lastimosos de hum tão grande trabalho (E 18 2 MPT 49)
61. que os Negociantes daquelas partes aflombrados com a novidade, defamparariaõ seus correspondentes no Reino, e lhes negariaõ as remessas de seus gêneros, dando por perdido o commercio com Lisboa (E 18 2 MPT 50)
62. Não nos demoremos mais nesta Providencia, por não nos fazermos fastidiosos, repetindo miudamente o mesmo que já deixamos escrito (E 18 2 MPT 50)
63. No mesmo dia, em que foy expedida esta ordem, se passou igualmente outra para o Maquez Estribeiro mór, ordenando-lhe, que sem demora, mandasse marchar par a Corte os Regimentos das Praças de Cascaes, Peniche e Setubal (E 18 2 MPT 51)
64. escreveo ElRey a todos os Donatarios, avisando-os de ser preciso, para completar o seu Exercito, levantar gente dentro em suas Terras. (E 18 2 MPT 52)
65. A este fim entrou ElRey a dar-lhes todos os meyo conducentes para o seu alojamento interino, facilitando-lhes tudo o que para elle conduziße (E 18 2 MPT 52)
66. e foy mandar-se, que dentro da Cidade, e seu Suburbios não se podessẽ alterar as casas, logens, e armazẽs os preços dos alugueres, em que antes andavam, e menos fazer destas propriedades, ou de terreno para barracas exorbitante aforamento, cominando-se penas gravissimas contra todos os que concorressẽ paara huns contratos indignos daquella caridade fraterna (E 18 2 MPT 53)
67. Para mostrar ElRey o quanto à sua paternal piedade eram abominaveis humas taes violencias franqueou todas as madeiras do Reyno , que viessem para a Corte, mandando, que gozassẽ do mesmo privilegio concedido à Companhia geral do Graõ Pará, e Maranhão, assim nos direitos de entrada, como de sahida (E 18 2 MPT 53)
68. A' vista de tão util, e liberal Providencia alegrava-se o povo em seus males, vendo que assim poderia com maior commodidade fazer seus alojamentos (E 18 2 MPT 53)

69. Por outra parte fazia-se impraticavel a armação de tantos fornos, quantos estava pedindo as ruinas de huma Grande cidade, e o alojamento de um povo infinito (E 18 2 MPT 54)
70. E porque os fabricantes poderia defanimar-se, não vendo logo a esses gêneros o desejado confumo, quis S. Magestade animallos, mandando comprar por conta da sua Real Fazenda toda a telha, tijolo, e cal, que não achasse compradores (E 18 2 MPT 54)
71. Com estes focorros entrou o povo a fazer suas acomodações interinas, as quaes foram isentas da jurifdição do Juizo das Propriedades, procedendo a respeito dellas de plano, e sem custas (E 18 2 MPT 54)
72. Serviraõ de Parochias os Templos, que ficaraõ ilefos, facilitando ElRey, e o Eminentíssimo prelado todas as dificuldades, que obstavaõ à prompta execução dos louvores de Deos (E 18 2 MPT 55)
73. Nelles se verá em classe determinada como logo no mez da fatalidade se passaram sobre taõ ponderável materia diversos Avisos, e se fizeraõ as mais zelofas diligencias, mandando-se para este fim examinar as varias Igrejas (E 18 2 MPT 55)
74. E porque nesta parte os ânimos ainda aterrados do susto faziaõ, com que o effeito não respondeffe ao anfiõso desejo de ElRey, repetiaõ-se os Avisos, em que estavaõ reluzindo as religiosas qualidades, que saõ o character mais vivo de hum Principe Portuguez (E 18 2 MPT 56)
75. Deste modo com as poucas Igrejas, a quem perdoara o terremoto, o incêndio, se hiaõ remediando as destruidas (E 18 2 MPT 56)
76. Foy a primeira a Santa Igreja Patriarcal, levantando no sitio, em que a hoje a vemos, hum edificio accomodado a taõ illustre e numeroso Corpo (E 18 2 MPT 56)
77. Sabia este religioso Principe, que por se ter arruinado, ou reduzido a cinzas grande parte dos Conventos da Corte, andava disperfo, e correndo a mesma desgraça do povo, hum confideravel numero de Espofas de Christo (E 18 2 MPT 56)
78. Entre tanta miseria publicanenhuma foy tanto objeto da sua paternal Providencia, como o de remediar este forçoso escandalo, restituindo à claufura, que entaõ era possível, aquellas, que já haviaõ renunciado o Mundo. (E 18 2 MPT 57)
79. se escreveraõ Cartas Circulares aos Prelados das Religiões, que tem em sua obediência Mosteiros das Religiofas, para que sem demora evitaassem o publico escandalo, recolhendo todas as suas suditas a hum lugar claufurado (E 18 2 MPT 57)
80. E aquellas, que tivessem parentes, ou pessoas do seu conhecimento, de cuja louvável vida constasse ao certo, essas poderiaõ interinamente ficar em sua companhia, fazendo de suas casas claufuras, em quanto não tornassem para seus Conventos (E 18 2 MPT 57)
81. ordenou o mesmo Senhor, que se alugassem à custa da sua Real Fazenda, encarregando a execução de todas essas diligências a Lucas de Seabra da Silva, seu Desembargador do Paço (E 18 2 MPT 58)

82. Fez-se esta mudança não fô com todas as cautelas, e comodidades, que estava pedindo o estado, e sexo das Conduzidas, mas com a piedosa grandeza de quem as mandava (E 18 2 MPT 59)

83. Já em outro lugar deixamos prevenido, que o methodo, que seguimos nestas Memorias, faz com que separemos humas Providencias de outras, sendo certo, que quasi todas se deraõ, e executaraõ a hum mesmo tempo. (E 18 2 MPT 60)

84. Impedio esta escandalosa defordem, ordenando ao mesmo chanceller Mór, que mandasse fazer com toda a brevidade o que preciso fosse, para as ditas Religiosas se enclausurassem na Cerca do seu Mosteiro (E 18 2 MPT 61)

85. Igual beneficio experimentou o observantissimo Convento da Capuchas do Santo Crucifixo, mandando-lhe confertar allim a igreja, como o dormitório, que padecera ruina, para nelle se recolherem; convidando a esta prompta piedade o santo exemplo, que deraõ ao povo (E 18 2 MPT 61)

86. Põde nellas mais o amor à observanca, que é a vida, soffrendo com o mayor recato dentro de seus muros as incommodidades do Inverno, que faziaõ mais penosa a geral confternação (E 18 2 MPT 61)

87. Mas sempre confessemos, que o exemplo taõ generoso, que nos deraõ todos os Conventos reformados, fora em grande parte fomentado pelo zelo de ElRey, concorrendo com prontas, e pagas esmolas para suas acomodações (E 18 2 MPT 62)

88. Em igual divida de perpetuas orações pelo prospero Reinado de S. Magestade estaõ as illustres Religiosas do Real Mosteiro do Santos; porque constando ao mesmo Senhor, que necessitavam de acomodação, por ter padecido o Convento de alguma ruina, avisou-se ao Marquez Presidente da Mesa da Consciencia, para que socorresse aquella urgente necessidade, mandando fazer no sitio chamado do Prado huma decente accomodação (E 18 2 MPT 62)

89. outras muitas Providencias, que se deraõ logo nos primeiros dias, e nos primeiros dias, e nos mezes seguintes à fatal confternação; damo-lhes agora fim este lugar, compreendendo em huma classe distincta diversas Refoluções avulsas (E 18 2 MPT 63)

90. Ainda o incêndio lavrava, e os tremores successivos arrazavaõ muitos edificios, e já se expediaõ os Avisos, chamando-se ao Paço os Presidentes do Tribunaes, e Vedores da Fazenda Real, e intimando-lhes as ordens necessarias, para que com o focorro das Tropas, gente do troço, artilheiros e instrumentos precisos podessem dar o possivel remedio à confternação de Lisboa, salvando os seus edificios mais necessarios ao governo da Republica (E 18 2 MPT 63)

91. e abataraõ-se as paredes arruinadas de diversos Bairros, principalmente do Rocio, impedindo-se ao fogo o fazer mayores estragos (E 18 2 MPT 63)

92. Em fim não se perdia instante em valer ao povo por meyo de outras muytas Providencias, as quaes por não fermos nimiamente miúdos, deixamos em silencio, remetendo o leitor para as Provas destas Memorias (E 18 2 MPT 64)

93. Porem devendo o publico tanto cuidado ao Ministerio Político, em nada lhe ficou taõ devedor, como no prompto restabelecimento dos Tribunaes (E 18 2 MPT 64)

94. Sendo todo o argumento destas Memorias retratar a folida Religião de hum Rey Portuguez, tempo he já de darmos a este retrato os toques mais vivos, mostrando desta virtude huma prova de mayor pezo (E 18 2 MPT 65)

95. como S. Magestade claramente via, que o piedoso Senhor ainda olhava para o seu Imperio com olhos benignos, preservando de tanto estrago, não fô a sua importante vida, e de toda a sua Real Familia, mas a de quasi todos os aquelles vassallos, cuja morte faria a Republica mais sensível seu golpe, quiz agradecido render a Deos as graças devidas (E 18 2 MPT 65)

96. Para segurar dellas o desejado effeito, dobrou o merecimento, offerecendo-as ao Filho misericordioso pela poderosa mão de sua grande Mãe. (E 18 2 MPT 65)

97. Logo na Dominga Segunda de Novembro do mesmo fatal anno se effectuou esta piissima Resoluçã, a qual se extendeo não só às Camaras do Reino, mas a todos os Bispos delle, recomendando-lhes, que em semelhante dia mandassem todos os annos fazer a mesma Procissão, precendendo o jejum na sua vespera (E 18 2 MPT 66)

98. Como para todos os males, que os mortaes padecem, tem os Ceos Santos, aos quaes comunicou Deos a graça de serem contra elles especies Defensores, sendo S. Francisco de Borja hum dos particulares contra o terremoto, quiz S. Magestade igualmente fazer um obsequio distincto (E 18 2 MPT 66)

99. Mandou por seu Ministro na Corte de Roma supplicar a S. Santidade, que lhe nomeasse a este Santo por Protetor do seus Reinos, e Dominios, obrigando a todas as Igrejas deles, onde houvesse coro, cantar no dia da sua Festa huma Missa solemne (E 18 2 MPT 66)

100. Desta supplica avisou o mesmo Senhor ao Senado da Camara desta Cidade, ordenando-lhe, que em quanto o mundo durasse assistisse à Missa solemne (E 18 2 MPT 67)

101. e porque se vio, que a gente era pouca para taõ difficuloso trabalho, accrescentando muito mais foldados, se fez prompto hum grande numero de trabalhadores (E 18 2 MPT 68)

102. em breve tempo a Capital do Reino, que podia com sua nova reedificação tirar proveito da mesma desgraça, versheia sem aquella devida regularidade, e grandeza, que lhe estaõ promettendo os magnânicos espiritos do seu Principe (E 18 2 MPT 69)

103. Delles já vamos gozando os effeitos, não só nas fabricas do novo Arsenal, e Praça do Commercio, de que já admiramos princípios magníficos (E 18 2 MPT 69)

104. Esta Ley por ser cheya de equidade, e pela materia alegrar a todos, foy lida com applausos da politica, e da justiça, avaliando-se por huma das graças de mayor pezo, que até agora fizera ElRey ao seu povo (E 18 2 MPT 69)

105. Esta muito tem, que agradecer a taõ illustres Personagens, e com especialidade àquelle, que distinguindo-se no zelo de sua Nação, e no amor à folida gloria de seu Principe, deixara de seu Ministerio huma fama, que sempre será dos bons invejada (E 18 2 MPT 70)

106. Evitar a peste, que ameaça a corrupção dos cadáveres, sendo inumeráveis, e não havendo vivos para os sepultarem pela precioitada, e geral deferença dos moradores de Lisboa (E 18 2 MPT 73)

107. Sua Magestade manda remetter a V. Excellencia minutados os Avifos inclufos, para que V. Excellencia os diftribua na mayor brevidade pelos Defembargadores dos Aggravos, e Cafã da Suplicaçãõ, que julgar mais capazes: encarregando V. Excellencia a cada hum delles hum dos bairros della Cidade, e fubordinando-lhenãõ fo os Miniftros ordinãrios dos mefmos Bairros, mas tambẽm os Bachareis, que forem neceffarios para vencer dividido taõ laftimofõ trabalho (E 18 2 MPT 74)

108. Tambẽm ordena o mefmo Senhor, que V. Excellencia nomee logo outro Miniftro para cada hum dos Julgados do Termo, e os mais que forem neceffarios, para logo partirem a eftabelecerem-fe nos mefmos Julgados; e fazendo nelles fixar em todas as partes publicas o Edital inclufo (E 18 2 MPT 74)

109. E julgando V. Excellencia, que he neceffario mais alguma providencia aos ditos refpeitos, V. Excellencia a darã fem dilaçãõ, fazendo-a depois prefente a S. Magestade (E 18 2 MPT 75)

110. Se houver de fazer eftampar logo o Edital inclufo, S. Magestade acha, que efte fera o meyo de o divulgar mais prontamente, deixando com tudo a V. Excellencia tomar o partido, que lhe permitirem as circumftancias do tempo (E 18 2 MPT 75)

111. S. Magestade he fervido, que logo que V. m. receber efte, dividindo a fua laftimofã comiffãõ com os Miniftros, e Bachareis, que no feu Bairro achar mais capazes da Real confiança em hum taõ urgente negocio, paffẽ a ocorrer o defentulho das cafãs (E 18 2 MPT 76)

112. tendo V.m. entendido, que no cafo de fer neceffaria coacçãõ, não deve exceptuar peffõa alguma (E 18 2 MPT 76)

113. Ao Marquez Eftribeiro mór fe tem avifado, para que faça coadjuvar a V. m. com as Tropas, que couberem no poffivel por hora, tendo-fe mandado vir mayor numero dellas da Provincia do Alentejo, e de Cafcaes, Peniche, e Setubal (E 18 2 MPT 77)

114. faça V. m. eftabelecer no feu Bairro hum lugar fechado, ou guardado com fentinelas, no qual fe ajuntem todos os mantimentos, que fe forem achando nas ruinas para do mefmo depofito fe repartirem, de forte que remedeem até onde chegarem, a neceffidade de mantimentos, que fe deve precaver neftes primeiros dias: advertindo V. m. que primeiro fe devem repartir o ditos aos que trabalharem (E 18 2 MPT 77)

115. Tambẽm V. m. darã providencia, para que com materiais das ruinas fe fabriquem logo no feu Bairro os fornos, que fe puderem fabricar nelles Forneiros, e Padeiras (E 18 2 MPT 77)

116. E nefte conformidade exhorta S. Magestade a todos os feus vaffalos de todo, e qualquer eftado que fejaõ, para que imitando a religiofiffima piedade, com que o Senhor tem procurado o remedio das calamidades, que tanto tem ferido o feu paternal, e piiffimo coraçãõ (E 18 2 MPT 79)

117. e aos fuffragios dos feus mefmos conjunctos por parentefcos, e viñhanças: confiando de taõ fieis, e catholicos vaffalos, que não feja neceffaria a coacçãõ para cumprirem taõ fantas, e indifpenfaveis obras de mifericordia (E 18 2 MPT 79)

118. ao mesmo tempo ocorre porém, que considerando-se uma grande parte do povo de Lisboa entre as actuais ruínas, e sendo tão numeroso o referido povo, he muito para temer, que em toda circunferencia da Capital do Reino, exhale tão nocivos vapores (E 18 2 MPT 80)

119. Nesta consernação lembra também destinar batelões, ou barcos grandes, os quaes fazendo-se primeiro os necessarios Assentos dos obitos, cumprindo-se, que a piedade christã pratica em semelhantes casos, levem os corpos algumas legoas fóra da Barra (E 18 2 MPT 80)

120. Sendo S. Magestade informado da inteira deserção, que tem abandonado a Cidade de Lisboa aos effeitos da presente calamidade: e considerando, que prudentemente se póde recear, que não baltem todas as Providencias, que o mesmo Senhor tem dado pelos seus Ministros, para vencerem o terror, de que se acham penetrados os habitantes mesma cidade para voltarem a ella com mais pessoas, que aliás seriam conduzidas pela piedade christã a cooperarem para vencer o mayor perigo, que nos está ameaçando a falta de sepultura dos cadaveres (E 18 2 MPT 82)

121. mandar Vossa Eminencia ordenar a todos os Parocos da Corte, Suburbios, e Vizinhanças della, que sahindo logo com Procissões publicas, tomem nellas por motivo as suas, persuadirem aos povos, que parecendo, que Deos nosso Senhor tem suspenso o castigo que nos avisou, he necessario, quer procuremos conservar estes effeitos da sua Divina Misericordia (E 18 2 MPT 83)

122. ...sendo estas obras tão christãs, e heroicas, que ainda no caso de haver nellas o perigo de algumas pessoas, que já se não pode recear prudentemente, deveria cada hum de nós não só expor, mas sacrificar voluntariamente a vida para aplacar a Deos, contribuindo para salvar a pátria (E 18 2 MPT 83)

123. O mesmo considera S. Magestade, e que será conveniente, que V. Eminencia o faça persuadir pelos Ministros graduados da S. Igreja Patriarcal, incluindo os Principaes della (E 18 2 MPT 83)

124. Ultimamente me manda S. Magestade participar a V. Eminencia, que também considera, que para efficacia deste remedio contribuirá muito prohibir V. Eminencia as Exhortações, que livremente, e sem licença andaõ fazendo muitos Clérigos Seculares (E 18 2 MPT 83)

125. Sendo presente a S. Magestade o zelo do serviço de Deos, e do mesmo Senhor, com que os Religiosos da obediência de V. P. R. tem edificado a Cidade de Lisboa nas obras de misericordia, exercitadas na publica, e indispensavel necessidade, que nos achamos de dar sepultura aos cadáveres humanos, e aos corpos irracionais, que se acham entre as lastimosas ruínas da mesma Cidade, antes que a corrupção deles, inficionado o ar, difunda por elle hum contagio, que constitua outra maior consernação (E 18 2 MPT 84)

126. E Sabendo o mesmo Senhor, que com estes santos fins, se tem visto os Religiosos mais authorisados com enxadas às costas, e nas mãos trabalhando com devotissimo fervor: Me manda S. Magestade louvar, e agradecer a V. P. R. o muito que estas religiosas, e utilissimas diligencias tem edificado aos seus vassallos de outros estados (E 18 2 MPT 84)

127. Esperando das virtudes, e obsevancia da Comunidade, a que V. P. R. preside, que só não affrouxará no fervor, de que S. Magestade foy informado, mas que elle crescerá mais, até de todo cessarem as duas urgentes calamidades da falta de sepultura dos mortos, e do progresso

que ainda estão fazendo os incêndios: dirigindo-se a mesma Comunidade dentro dos limites da Paroquia, em que he situada, a focorrer as necessidades, que requerem os mais prompto remedio: e cooperando para isso de acordo com os Ministros. (E 18 2 MPT 85)

128. Manda ElRey nosso Senhor, que Nicoláo Luiz da Silva, que serve de Escrivão do Povo, e Antonio Rodrigues de Leão, que já servio o lugar de Juiz do Povo, levantem ambos vara para com o Juiz do Povo actual convocarem afim os vinte e quatro actuaes, como os que tiverem fervido na mesma Casa dos Vinte e quatro, emcarregando-os de convocar cada officio os seus respectivos artífices, afim de concorrerem em causa commua com os Estados Ecclesiasticos (E 18 2 MPT 85)

129. Porém havendo alguns particulares, que se mostram remissos a tão urgentes obrigações, os sobreditos poderão proceder contra elles até pena de prisão, dando depois conta a S. Magestade (E 18 2 MPT 86)

130. Fazendo presente a V. Magestade o aviso de V. Excellencia de 7 do corrente, em que se contém a relação dos uteis trabalhos, que se haviaõ feito pelas ordens de V. Excellencia nos defentulhos da Cidade até o referido dia: Foy ao mesmo Senhor muito agradável o adiantamento (E 18 2 MPT 86)

131. E ha por bem, que V. Excellencia mande continuartaõ proveitofas obras, não fo nos lugares apontados por V. Excellencia, mas também nos outros, que V. Excellencia achar que he conveniente. Ficando S. Magestade na intelligencia do bem, que o tem servido o Tenente Manoel da Costa Barros e Brito, debaixo da Inspeção de V. Excellencia. (E 18 2 MPT 87)

132. Sua Magestade he servido, que V. Excellencia encarregue os Desembargadores Vereadores do Senado, e os mais ministros, que V. Excellencia julgar, que sao necessarios, de receberem às portas da Cidade todos os mantimentos, que vierem de fóra della: fazendo no modo possível que os ditos mantimentos sejam distribuidos pelos doze Bairros por um rateyo. (E 18 2 MPT 88)

133. que os ditos Ministros devem logo ajustar em conferência, conforme as povoações, ou os estados presentes de cada hum dos ditos Bairros: obrando a este respeito de acordo com os Desembargadores (E 18 2 MPT 88)

134. Sua Magestade he servido, que logo V. m. receber este, dividindo a sua lastimosa commissão com os Ministros, e Bachareis, que no seu Bairro achar mais capazes da Real confiança em hum tão urgente negócio, passe a occorer o defentulho das casas (E 18 2 MPT 89)

135. Tendo V. m. entendido, que no caso de ser necessaria coacção, não deve exceptuar pessoa alguma; porque não admite excepções hum caso de tão grande necessidade publica (E 18 2 MPT 89)

136. Ao Marquez Estribeiro mór se tem avisado para coadjuvar a V. m. com as Tropas, que couberem no possível por ora, tendo-se mandando vir mayor numero dellas da Provincia de Alentejo, Calcaes, Peniche, e Seteubal (E 18 2 MPT 90)

137. ...faça estabelecer no seu Bairro hum lugar fechado, ou guardado com sentinellas, no qual se ajuntem todos os mantimentos, que se forem achando nas ruinas, pra do mesmo depofito se

repartirem, que remedeem, até onde chegarem, a necessidade de mantimentos, que se deve precaver nestes primeiros dias: advertindo a V.m., que primero se deve repartir os ditos mantimentos aos que trabalharem (E 18 2 MPT 90)

138. ...para que V. Excellencia o mande fixar logo nas portas da Cidade, e difundir nella, e no seu Termo pelo mayor numero de copias, que couber no possível, em quanto não houver meyo para estampar, attendendo o mesmo Senhor à brevidade, que requer a urgência da actual calamidade (E 18 2 MPT 91)

139. Extendendo tambem por ora o mesmo beneficio à respectiva suspensão de todos os outros direitos, que até aqui se pagavaõ de todos os comestiveis, que entraõ pelas portas da Cidade (E 18 2 MPT 92)

140. Sua Magestade he servido ordenar, que V. m. mande vir todos os barcos, que puder achar prontos, excepto dous, que deixará nesse porto, com toda família, e mais mantimentos, fazendo-os transportar nos barcos de peçar, trazendo os barqueiros também mantimentos para sua sustentação (E 18 2 MPT 92)

141. se apresentaraõ ao Marquez de Abrantes, Védor da Fazenda dos Armazens, cominando gravíssimas penas a todos os que fraudarem a referida ordem (E 18 2 MPT 92)

142. remetendo-me V. Excellencia as sobreditas relações assim como se forem expedindo, e deixando notificados os senhores, e administradores do referidos Celeiros para deles não disporem de coufa alguma sem ordem de V. Excellencia (E 18 2 MPT 93)

143. a quem o mesmo Senhor confere por este a mais ampla jurisdição, que necessaria for sobre os Ministros, e Officiaes de Justiça, Auxiliares, e Ordenanças do referido Termo, para executarem tudo o que os ditos respeitos lhe for ordenado por V. Excellencia, servindo este aviso de portaria (E 18 2 MPT 93)

144. No dia 24 de Novembro, havendo cessado o receyo da fome, se permittio aos donos dos Celeiros venderem a terça parte dos seus frutos. (E 18 2 MPT 94)

145. E constando depois, que no Reino não só havia falta, mas grande abundancia, se deu inteira liberdade a estes gêneros (E 18 2 MPT 94)

146. Mandará V. Excellencia saber logo dos Ministros que achaõ encarregados dos respectivos Bairros, de todos os Armazens, que nelles houver, de trigos, farinhas, arroz, bacalhao, legumes, e mais viveres, ordenando-lhes, que logo se remettaõ de tudo o referido exactas relações, as quaes V. Excellencia participará, assim como as for recebendo, a dous Vereadores do Senado da Camara(...) (E 18 2 MPT 96)

147. e para que não havendo nos navios, e barcos, que S. Magestade tem mandado portar, e ancorar naquellas duas praias, os gerenos que forem procurados, possam dirigir as partes aos respectivos Armazens, para nelles acharem os viveres que necessitarem (E 18 2 MPT 96)

148. Também S. Magestade he servido, que V. Excellencia nomee outro Vereador, o qual examine todo o paõ, e legumes, que se acharem nas Tercenas, fazendo deles arrecadação para os mesmos fins (E 18 2 MPT 96)

149. Sua Magestade he servido ordenar, V. m. mande logo fazer uma distincta relação de todas as bestas de carga, e carros, que houver em todas as Villas, e lugarejos do Termo de Lisboa, e sete legoas ao redor da mesma Cidade, passando V. m. as ordens necessarias para o dito efeito a todas as Justiças das mesmas terras (E 18 2 MPT 98)

150. para que V. Excellencia mande pôr duas rondas mais numerosas, que as circumstancias do tempo permitem, nas prayas do Terreiro do Paço e da Ribeira, onde S. Magestade manda vender o pão, e todos os outros comestiveis ao povo, para evitarem alguma defordem, que nelle se possa originar da concorrência, em que quereraõ todos comprar ao mesmo tempo: ordenando V. Excellencia aos Commandantes das sobreditas rondas, que procurem exhortar o mesmo povo, significando-lhe, que tem necessidade de se apressarem, e de fazerem confusão (E 18 2 MPT 99)

151. Sendo presente a S. Magestade, que neste porto de Belem, e delle até o de Lisboa, se achão diferentes navios carregados de comestiveis, ou deles providos em quantidades, que excedem a necessidade do sustento das sua equipagens: He o mesmo Senhor servido, que V. Senhoria mandando-os visitar, e pondo-se em arrecadação todos os mantimentos, que nelles se acharem com avaliações dos preços comuns, e ordinarios, que até agora valeraõ, os faça extrahir para os Armazens, que puder fazer prontos para a guarda dos mesmos mantimentos, os quaes se iraõ dando por escritos de João Lucas de Barros, Escrivão da Cozinha do mesmo Senhor, na parte que deles vier para Real Oxaria, reservando-se o mais para delle dispor às ordens de S. Magestade (E 18 2 MPT 100)

152. Sendo também presente ao mesmo Senhor a sacrilega impiedade, com que os diversos malfeitores tem sahido de bordo de navios a despojar as cascas, e os Templos, e refugiando-se nelles outros malfeitores com cabedaes, que puderaõ roubar (E 18 2 MPT 101)

153. He S. Magestade outrossim servido, que V. Senhoria mande dar busca em todos os referidos navios, sem excepção de pessoa alguma, das que nelle se acharem; e que encontrando-se roubos, sejaõ postos em arrecadação, e os Reos deles presos, remetidos ao lugar seguro (E 18 2 MPT 101)

154. Sendo certo, que V. Senhoria não poderá deixar de necessitar de alguns Militares para a segurança das referidas diligencias, os pedirá ao Illustrissimo, Excellentissimo Senhor Marquez Etribeiro Mor (E 18 2 MPT 101)

155. O mesmo Senhor manda remetter a V. Senhoria a copia da Portaria junta, para que V. Senhoria na conformidade della, e precendendo as diligencias de visitas, e buscas, mande desembaraçar os navios, e barcos de pescadores, que achar neste termos (E 18 2 MPT 102)

156. Sua Magestade he servido, que V. Excellencia ordene aos Ministros, que se achão encarregados na inspecção dos Bairros de Lisboa, que logo que nelles forem descobrindo mantimentos, vaõ remettendo as relações de todo os que acharem ao Marquez de Alegrete (E 18 2 MPT 103)

157. Chegando à noticia de S. Magestade, que as Padeiras, Tendeiras, Artifices, e homens de ganhar, abusando impiamente da calamidade actual, tem extorquido ao povo preços exorbitantes pelos gêneros de indispensavel necessidade, que lhe vendem, e pelos serviços que lhe fazem, obrando em tudo o referido contra a Ley de Deos, e do Reino, e contra a

Providencia, com que o mesmo Senhor tem ordenado, que em nada se alterassem os preços correntes no mez de Outubro próximo passado (E 18 2 MPT 103)

158. e cada hum dos sobreditos, (...) mas também feroẽ condemnados a trabalharem em ferros por tempo de quatro mezes nas obras dos defentulhos da Cidade, naõ excedendo a extorfaõ de dez tostões (E 18 2 MPT 105)

159. Sua Magestade he servido, que V. Senhoria faça suspender todo o desembarque de comestiveis dos navios para a terra immediatamente, fazendo descarregar todos pela via da Alfandega (E 18 2 MPT 105)

160. Sendo presente a V. Magestade, que a Praça de Calcaes tem uma Companhia de Artilheiros, que consta de oitenta homens, e que so quatro entraõ em guarda: He o mesmo servido ordenar, que V. Excellencia os mande recolher, para fazer o serviço mais regular (E 18 2 MPT 105)

161. Sua Magestade he servido, que as dillengias, a que haõ de assistir os Officiaes do Auxiliares e Ordenanças do Termo, sejam expedidas com toda a possível brevidade, entendendo-se V. Excellencia com o Duque Regedor das Justiças (E 18 2 MPT 106)

162. Sua Magestade he servido, que V. Excellencia me remetta as Ordens, ou Editaes, em que se fundou a absolvição geral dos direitos dos comestiveis, e até do bacalhao: reduzindo-se as Ordens do mesmo Senhor por mim affinado em 3. (E 18 2 MPT 107)

163. e à suspenção dos direitos daquelles comestiveis, que entraõ pelas portas da Cidade, para assim se animarem, e favorecerem os pobres do Termo, e visinhanças de Lisboa, que costumam conduzir, e não havendo a mesma razaõ para se absolver dos mesmos direitos os outros gêneros, que casualmente entraram pela barra; e que para entrarem naõ necessitam de outro estímulo, que naõ o seu proprio interesse (E 18 2 MPT 107)

167. os quaes S. Magestade ordena, que até segunda ordem refidaõ ineffectivel, e continuamente nas referidas Praças, assim de manhã, como de tarde, defocupando-se para esse effeito de toda, e qualquer outra diligencia, e tendo cada hum deles lugar certo, e invariavel, onde os possam achar os Officiaes (E 18 2 MPT 108)

168. He o mesmo Senhor servido, que V. Excellencia lhes ordene, que logo lhas enviem sem maior dilação, para V. Excellencia as participar aos referidos Vereadores em beneficio do povo, como foy ordenado pelo dito Senhor, e ao Provedor da Alfandega a bem da arrecadação dos Direitos Reaes, constando que entraraõ por fraude os gêneros, que forem achados nos respectivos Armazens (E 18 2 MPT 109)

169. Sendo presente a V. Magestade, que de bordo dos navios se estaõ continuamente fazendo travellias dos mantimentos contra as Leys Divinas e Humanas, e sem arrecadação dos Direitos, que se devem dos ditos mantimentos, e que os Guardas, que estaõ nos ditos navios, não impedem a extracção (E 18 2 MPT 109)

170. He o mesmo Senhor servido ordenar, que V. m. faça ir a todos os navios(...) mandando V. m. para ter conta dos Direitos hum Official da Alfandega, que melhor lhe parecer, e mandar proceder contra os que continuarem em semelhantes transgressoes (E 18 2 MPT 109)

171. Remetto a V. Excellência a conta, que deu o Defembargador Francisco Galvão da Fonseca, para que pondo-a na preferença de ElRey meu Senhor, resolva o que for servido sobre a materia de que trata (E 18 2 MPT 110)

172. Fazendo presente a S. Magestade o Aviso, que V. Excellencia me dirigio no dia de hontem com o do Vereador do Senado Francisco Galvão da Fonseca, em que referio a V. Excellencia no mesmo dia, que não havia bacalhao na Ribeira; e que os quatro navios do mesmo gênero tinhaõ pela maior parte descarregado fóra da postura ao seu livre arbitrio: me manda o mesmo Senhor responder a V. Excellência, que ambos estes dous casos haviaõ tido muitas antecipadas Providencias nas suas Leys, e Ordens (E 18 2 MPT 111)

173. Avisey a V. Excellencia, que ordenasse a todos os, e a cada hum dos Ministros, que se achaõ principalmente encarregados da inspecção dos Bairros de Lisboa, que lhes remettestem as relações de todos os generos comestiveis, que cada hum dellles achasse no seu districto, para assim os poderem os ditos Vereadores manifestar às partes, que os necessitassem: acrefcendo as outras Providencias do dia 22, e 26, conteudas nos Avisos expedidos no dia 22 do corrente (E 18 2 MPT 112)

174. O segundo caso; porque além de não haver nunca S. Magestade dispensado as Leys, que prohibem os navios romperem as suas cargas sem bilhetes da Alfandega, e fóra da postura, sendo-lhe presentes as transgressões, com que estavaõ vendendo os generos a bordo dos mesmos navios, havia mandado obviar esta desordem pelo sobredito Aviso de 22 corrente (E 18 2 MPT 112)

175. Fazendo presente a S. Magestade o Aviso, que V. Excellência me dirigio na data de 22 do corrente sobre a alteração, que o Senado da Camara havia feito no Edital do dia 10, pelo pregoõ com que excedeo os preços, a que foraõ vendidos os generos comestiveis do mez de outubro proximo pretérito, e principalmente o bacalhao, e a manteiga: E havendo o mesmo Senhor mandado, que o referido Senado lhe consultasse, como consultou, a razão, que teve para o sobredito procedimento: Foy S. Magestade servido resolver, que o Senado da Camara não podendo interpretar, ou alterar as precedentes Ordens Regias, sem pedir declaração dellas ao mesmo Senhor, no caso que necessaria fosse; muito menos o podia fazer a respeito dos ditos generos alfandegados, que não são sujeitos às posturas da Camara para lhe alterar os preços definidos pelo Edito Regio; ordenado S. Magestade, que revogando o nullo pregoõ, que fez lançar na sobredita fórma fizesse logo lançar outro (E 18 2 MPT 113)

176. O que manda S. Magestade me manda participar a V. Excellencia, para que o assim fique entendendo, com declaração de que contra as pessoas, que delinqüiraõ depois o dito pregoõ nullo, e antes de ser retratado pelo novo pregoõ, que se deve lançar, não haja procedimento senão em termos habeis; atendendo-se à fé publica, que o referido pregoõ nullo deve ter para o povo, em quanto não ouvir outro bando contrario (E 18 2 MPT 114)

177. Sendo presente a V. Magestade, que os Assentistas desta Corte tem continuado no mau provimento das Tropas, fazendo o paõ incapaz de se receber, nem de o poderem comer os soldados sem prejuizo de suas vidas, e faltando com a palha a seus tempos devidos, de forte que tem ficado sem ella os soldados, não lhes servindo de emenda as Advertencias de V. Excellencia, e as que mais tanto lhe tem feito: He o mesmo Senhor servido, que V. Excellencia mande castigar com toda a demonstração, que lhe parecer merece taõ escandaloso provimento em deservico do mesmo Senhor, e de Suas Tropas: mandando V. Excellencia advertir ao Vedor Geral, para que repetidas vezes faça visitar o Assento, e fornos, como tem obrigação,

declarando-lhe, que será responsável de qualquer outra defordem, que comettaõ os ditos Assentistas (E 18 2 MPT 115)

178. Sua Magestade attendendo a haverem cessado os motivos das guardas, que até agora vedaraõ as estradas desta Provincia: He servido, que V. Excellencia ordene a todos os Ministros, e officiaes de Guerra, que levantem as ditas guardas, e que o trafito dos viandantes se reduza ao estado antecedente até segunda ordem do mesmo Senhor. O qual sendo informado de que em algumas terras della Provincia se dificulta a a extracção de trigos (...) he o mesmo Senhor outrossim servido que esta liberdade se publique pro bandos e editaes, para que por meyo delles cesse todo abuzo, que se pretende fazer da prohibicção antecedente. O que participo a V. Excellencia de ordem de S. Magestade, para assim o ficar entendendo, e fazer o executar. (E 18 2 MPT 116)

179. He o mesmo Senhor servido, que V. Senhoria passe ao mesmo Convento com o Contador Geral (...) e elejaõ o melhor cômodo assim para assistencia dos enfermos, como para a referida Vedoria, sem contudo fazer oppressão ao mesmo Convento: dando V. Senhoria as Providencias necessarias, para que com o Almoxarife, Escrivaõ, e Serventes possa logo tratar de matéria taõ importante (E 18 2 MPT 117)

180. Sua Magestade sendo informado da impossibilidade, que há no Hospital Real de todos os Santos para receber doentes que lhe concorrem; e da disposicção, que sempre se acha no religioso animo de V. P. para exercitar para executar os atos meritorios aos olhos de Deos: me manda significar a V. P. (E 18 2 MPT 118)

181. Sua Magestade attendendo à falta, que V. Senhoria representou, que havia no Hospital Real de todos os Santos, para se recolherem os doentes, que nelle se curaõ com o reparo necessario: He servido , que V. senhoria, conservando, e recebendo, no dito Hospital, e mais lugares, que actualmente se occupaõ por conta delle, os doentes de febres, e de outras enfermidades semelhantes, se sirva para a cura de todos os feridos presentes (E 18 2 MPT 119)

182. Sendo presente a S. Magestade o Aviso, que V. Excellencia me dirigio em 18 do corrente sobre a falta de commodos para se curarem os enfermos do Hospital Real: Foy o mesmo Senhor servido approvar o parecer de V. Excellencia (E 18 2 MPT 119)

183. Fazendo presente a S. Magestade o Aviso, que V. Excellencia me dirigio na data de 24 do corrente, sobre se acharem concluidas as quatro enfermarias térreas: Foy o mesmo Senhor servido conformarse com o parecer de V. Excellencia (E 18 2 MPT 120)

184. he Sua Magestade servido ordenar, que só passem os homens doentes para as novas Enfermarias, principiando pelos os que se achaõ nas Casas de D. Antaõ da Almada (E 18 2 MPT 121)

185. Sua Magestade attendendo com a sua Real clemência à urgente necessidade, que padecem os presos do Limoeiro, que nelle se achaõ doentes por falta de camas para descansarem nas suas enfermidades; mandou ordenar ao Tenente General da Artilharia do Reino, que das barracas, e camas que se acham naqueles Armazens, dê à ordem de V. Excellencia aquellas que necessarias forem (E 18 2 MPT 122)

186. E sendo presente a S. Magestade, que devendo servise a Enfermaria, que está na Caza das Audiencias, pela entrada principal da Relaçãõ, se acha nella huma parede, que necessita de

pequenos reparos (...) he o mesmo Senhor servido, que V. Excellência mande fazer os sobreditos reparos pelo Mestre Pedreiro (E 18 2 MPT 123)

187. Sendo presente S. Magestade, que todos os criados de escada abaixo, galegos e homens de trabalho, que serviaõ nesta Corte, e suas vizinhanças, tem desertado em tumultos, pella preocupação, de que não haverá com que se lhe pague(...) abusando da calamidade, que tem ferido a Capital do Reino: (E 18 2 MPT 124)

188. He o mesmo Senhor servido ordenar, que V. m. requerendo por este todos os Ministros de Justiça, e Officiaes dos Auxiliares, e Ordenanças, e cominando-lhe irremessível perda dos seus postos, faça guardar as estradas, e barcas de passagem (E 18 2 MPT 124)

189. E sendo pessoa das profissões acima referidas, feroõ logo reconduzidas em levas à sua propria custa (E 18 2 MPT 125)

190. Nesta conformidade se escreveraõ Cartas Circulares a todos Corregedores das Comarcas do Reino, expedindo-se-lhes por Correyos na mayor diligencia de posta (E 18 2 MPT 125)

191. Na cidade de Lisboa se espalhou hum grande numero de ladrões, taõ deshumanos, e sacrilegos, que abusando da calamidade, com que Deos Senhor nosso nos avifou no dia primeiro do corrente, accrescentaraõ a consternação do povo justamente espavorido, persuadindo-o, a que se retirasse para longe(...) cometerem a seu salvo os muitos roubos, e sacrilegios, com que despojaram as casas, e os Templos, passando para essas partes carregados dos mesmos roubos, e sacrilegios (E 18 2 MPT 126)

192. E não podendo estes deixar de fazer no piissimo animo de ElRey nosso Senhor a mayor impressaõ: He servido, que V. m. logo que receber esta, não fo faça diligencia por examinar todos quantos viandantes passarem pelas terras da sua jurisdicção (E 18 2 MPT 127)

193. e ainda pelos particulares dos seus districtos lacem maõ de todos os viandantes, que não se legitimarem de forte, que exclua toda a suspeita, levando-os via recta ao Ministro Letrado, que ficar mais visinho, para qualificar a cauza da apprehensaõ: remetendo-se os prezos que se acharem com roubos, a esta Corte à ordem do Duque Regedor das Justiças (E 18 2 MPT 127)

194. E tendo V. m. entendido, que S. Magestade faz para este caso cumulativa todas as jurisdicções dos Magistrados, sem excepção das terras de Donatarios, por mais privilegiadas que sejaõ, os quaes poderaõ também entrar nas terras da jurisdicção da Coroa. Assim o participará V. m. a todos os Magistrados, que deprecar, significando-lhe, que vão logo passando esta Ordem Real aos que lhe seguirem, e aos mais por onde lhe constar (E 18 2 MPT 127)

195. E expedindo-se estas requisitorias por expressos à toda diligencia à custa dos bens do Confelho, e das fizes, onde não houver, o que tudo o mesmo Senhor ha por bem recomendado (E 18 2 MPT 127)

196. Nesta conformidade se escreveraõ Cartas Circulares a todos Corregedores das Comarcas do Reino, expedindo-se-lhes por Correyos na mayor diligencia de posta (E 18 2 MPT 127)

197. Sendo-me presente, que na Cidade de Lisboa, e suas vizinhanças se tem cometido depois da manhã do dia primeiro do corrente execrandos, e sacrilegos roubos, profanando-se os

Templos, affaltando-fe as cafas, e violentando-fe nas ruas as peffoas, que por ellas procuravaõ falvar-fe das ruinas dos edificios, com geral escandalo não fó da piedade chrifta, mas até da humanidade: E confiderando, que femelhantes delictos pela fua torpeza, fazendo-fe indignos do favor dos meynos ordinários requerem antes indispensavelmente hum prompto, e fevero castigo, que faça cefçar logo taõ horroroso escandalo: Sou fervido, que todas as peffoas, que houverem fido, e forem comprehendidas nos sobreditos crimes, fendo autuadas em proceffos fimplesmente verbaes (E 18 2 MPT 128)

198. e as fentenças por elles proferidas feraõ executadas irremiffivelmente dentro do mefmo dia, em que fe proferirem (...) quaesquer que ellas fejaõ, porque todas fou fervido derogar para efte effeito fomite, ficando aliás fempre em feu vigor (E 18 2 MPT 129)

199. Sendo-me prefente, que na Cidade de Lisboa, e fuas vizinhanças, graffa hum grande numero de homens vadios, que não bufcando os meynos de fubfiftirem pelo feu honesto, e louvável trabalho, vivem viciofamente na ociofidade às culpas de terceiros com transgressão das Leys Divinas, e Humanas: E confiderando as offenfas a Deos, do meu Real ferviço, e do bem commum dos meus vaffalos, que fequem da tollerancia de femelhantes homens: Sou fervido a excitar a inviolável, e exacta obfervação dos Regimentos, e Leys estabelecidas para a policia dos Bairros da mefma Cidade; ordenando, que todos os Corregedores, e Juizes do crime, cada hum nos feus respectivos deftrictos, examine logo prompta, ecuidadofamente com preferencia a qualquer outro negocio (E 18 2 MPT 129)

200. (...) o qual nomeará logo para elles os Juizes certos que lhe parecer; e eftes os fentenciarãõ tambem verbalmente, impondo aos Reos a pena de trabalharem com braga nas obras da mefma cidade, a que tem dado hum taõ geral escandalo (E 18 2 MPT 130)

201. Sendo neceffários para obras do meu Real ferviço, e bem commum dos meus vaffalos, feraõ pedidos ao mefmo Duque Regedor das Justiças, que os mandará entregar com as neceffarias cautelas; e vencerá cada hum delles quatro vitens por dia para o feu fufmento, pagos pela repartição onde fe empregarem. (E 18 2 MPT 130)

202. Porém não fe empregando nas sobreditas obras, fe poderaõ conceder aos particulares, que os pedirem para os defentulhos, e obras de feus edificios, affinando termo de os apresentarem, quando houverem acabado o tempo de ferviço, a que tiverem fido condemnados (E 18 2 MPT 130)

1.7 Século XIX – primeira metade

DULAC, Antonio Maximino. **Genuína exposição do tremendo marasmo político em que caíu Portugal.** Lisboa: Imprensa Nacional, 1834.

1. cessando porem a causa, cessam os seus effeitos; voltão gradualmente para o seu curso ordinário (E 19 1 GEP 15)

2. Alludo àquelle humor bilioso que, levedando pouco a pouco pelo fermento das suas paixões aversas, exacerbando-se tanto mais quanto mais acre era a sua fermentação, rompeo impetuosamente pela violencia do seu choque, cresceo, exaltou-se (E 19 1 GEP 16)

3. Sendo este acesso todo d' irritação, deve ser o seu tratamento todo com almantes, e destes são os melhores os que sortirão melhor effeito em igual caso da sua aplicação, que passo a referir (E 19 1 GEP 16)
4. e procurar semelhantemente os seus filhos desgarrados, desengana-los dos seus erros, consola-los dos seus padecimentos, alivia-los dos seus males, fazendo triunfar a humanidade em toda parte onde fez triunfar a justiça (E 19 1 GEP 18)
5. Recorrendo os campos, vê-se que os miseráveis aldeãos, incorporados em guerrilhas, ou dispersos em bandos, forão os que cometterão as maiores atrocidades (E 19 1 GEP 19)
6. Passando ás Villas, encontram-se entre muitos occutamente fieis, muitos realmente infieis, mas muitos desses infieis, que verdadeiramente pouco menos idiotas, e pouco mais sabições que os das aldeas, tão servis de character, quão versateis d'opiniões; tão mudaveis de systemas quão nulos de politica, acomodando as suas caras á feição dos papeis (E 19 1 GEP 20)
7. Chegando ás cidades é que se achão os principaes motores da Facção revolucionaria (E 19 1 GEP 20)
8. Muitos porém amáo nelle o que delle tem, ou esperão; o que ceva os seus interesses, ou favorece a sua ambição, cujo objeto cessando, cessa o seu amor (E 19 1 GEP 20)
9. apaguem-se as suas cinzas fumegantes com esse perdão de cima, que dê a todos os offendidos debaixo o exemplo com a lição de perdoar a todos os seus ofensores; que desengane pela prática os enganados pela doutrina, mostrando que o Throno e o Altar da Monarchia Constitucional são o Throno e o Altar da verdadeira Religião (E 19 1 GEP 23)
10. Foi tal a sua clemencia que, tendo-se certificado que dous Senadores conspiravam contra elle, os advertio de renunciar aos seus designios, e os converteo ao seu dever, concedendo-lhes o que desejavão, chegou até a admitti-los á sua meza (E 19 1 GEP 24)
11. O segundo, fechado no seu palácio, de que o horror, e o terror guardava as portas, imolava dentro, ou assignava fóra as suas desgraçadas victimas, não poupando, nas suas sanguinárias vinganças, nem aos mais respeitaveis Cidadãos, nem os mais próximos parentes (E 19 1 GEP 24)
12. O segundo, quando tudo pôde, tudo quis, até o nome de Deos, e Senhor. Convidando uma vez os principaes Senadores de Roma, os fez conduzir por uma grande sala armada de preto, alumuada por tochas fúnebres (E 19 1 GEP 24)
13. e quanto aos segundos, posto que muito sérios, não conhecendo específicos fortes, que sejam convenientes á muita fraqueza do mesmo doente, limitar-me-ei a indicar aqui, por regime interino o mais proprio ao seus estado actual (E 19 1 GEP 27)
14. á proporção que por elle melhora a agricultura territorial, por ella melhora o mesmo enfermo politico, a que se alude, e vai adquirindo forças para os mais tratamentos de que precisão seus mais achaques (E 19 1 GEP 28)
15. e sendo especialmente debaixo daquele respeito que me proponho considera-la, tratarei principalmente de como deve dispôr-se esta proporção (E 19 1 GEP 28)

16. e com a mesma irresistibilidade mostrei, pelos meus achados, como sendo os varios fundos e agencias, que concorrem para a produção da dita agricultura de varios donos (E 19 1 GEP 29)

17. Tendo assim declarado a materia do primeiro Tomo de minha Obra, mais interessante por mais abundante de princípios políticos, resta agora declarar a materia do segundo, mais curiosa por abundar mais de factos historicos (E 19 1 GEP 31)

18. Tornando depois ao meu primeiro assumpto, o da agricultura, analisei da fecundidade natural dos diversos ramos (E 19 1 GEP 31)

19. Para sobre isso prevenir o argumento, que se poderia tirar da limitação do nosso continente contra a extensão destas vanagens, antecipei a minha resposta áquella objecção, mostrando primeiro como, nas suas proporções, os Paizes mais limitados as tinham alcançado em maior grão (E 19 1 GEP 32)

20. Sendo o que é como nacional o que mais toca, e como nacional o que foi como domestico, procurei juntar juntar este maior grão de sensação áquella de convicção, mostrando o pouco que tem os Portuguezes d'invejar ao solo estrangeiro (E 19 1 GEP 32)

21. Para isso, bosquejando ainda outro leve esboço historico das mais famosas invasões do continente do seu domicilio, desde a dos Phenicios, que forão os primeiros a demandar esta região Hesperica, e desde os Carthagineses, que mais se coadunárão com os seus naturaes, e mais se consolidarão no seu assento, continuei pela dos Romanos (E 19 1 GEP 32)

22. e prosseguindo pelas bordas do Norte e do Sul que, depois de tão oprimidas, pela força dos mesmos Romanos, se aproveitárão da sua fraqueza para dissolver o seu Imperio (E 19 1 GEP 33)

23. e pra confirma-lo igualmente por outros grandes exemplos alheios, citei outros grandes casos alheios de igual degradação, e regeneração nacional, apontando o que delles mais lhe convem imitar, segundo as suas mais análogas circunstancias (E 19 1 GEP 34)

24. e tendo, como este Aeronauta, cahido ao Mar, deve procurar sua salvação para a terra. (E 19 1 GEP 34)

25. É estupenda a progressão das suas riquezas, porque foi estupenda a progressão da sua agricultura, cujo primeiro ramo, á proporção que desenvolveo as suas forças, as foi comunicando a todos os mais da sua indústria e commercio (E 19 1 GEP 35)

26. O author de l'intéret des nations de l'Europe, referindo se a M. Davenant, Estadista Inglez, que tinha passado boa parte de sua vida a fazer estes cálculos, diz, Tom. I e Cap. VIII. da sua Obra, que em 1698 o rendimento geral da mesma Nação não passava de 44 milhoes de libras esterlinas (E 19 1 GEP 35)

27. não se tendo passado Bill algum para tapadas de baldios, durante o reinado de Guilherme III, e apenas um, debaixo de Anna, passaram-se dezessete ditos debaixo do de Jorge I (E 19 1 GEP 36)

28. Os proprietários dos fundos pecuniários (moneyed man) são como meros passageiros a seu bordo: cujo pensamento desenvolvendo Ganish, Tom. II, Liv. III, do seu já citado Essai, observa que os primeiros aderem essencialmente ao solo donde tirão a sua subsistência, e participando inevitavelmente da sua boa ou má fortuna, identificam-se intimamente com seu interesse (E 19 1 GEP 38)
29. que, os segundos, podendo levar tudo consigo, capital, ou indústria, não podem ter o mesmo affecto patriótico, porque não tem o mesmo apego individual (E 19 1 GEP 38)
30. subdividi o primeiro fundo em dous, a saber, um simples, consistindo meramente no chão, nú e crú de quaisquer bemfeitorias para sua cultura, a que conservi o nome de territorial, e outro composto, consistindo nestas bemfeitorias, que são, ou podem ser muitas, e de varias especies (E 19 1 GEP 40)
31. Remontando á origem das cousas distinctas por esses princípios, supponha-se que o proprietário do primeiro fundo simplesmente territorial, não querendo, ou não podendo reduzi-lo á cultura pelos mais avanços prediais (E 19 1 GEP 41)
32. É o que vou a fazer, aproveitando-me para isso dos trabalhos já feitos pelo Conde Chaptal (E 19 1 GEP 41)
33. Principiando o dito Conde por estimar a superficie da França de uns 52 equitaros a divide em 85 departamentos (...) sendo a sua população segundo os últimos censos, a que se refere, de 29.927.388 almas. (E 19 1 GEP 42)
34. Calculando 6.555.000 hectares dessa superficie occupados por caminhos, estradas, ruas, praças, passeios, ribeiros, rios, montes, rochedos esteris, etc, julga a metade do resto de 45.445.000 ditos, empregados em terras lavradas (E 19 1 GEP 42)
35. Antes de entrar em materia observa Mr. Chaptal que tendo, em 1815, o Ministro da Fazenda mandado aos Departamentos Commissários especiaes, encarregados de indagar, e averiguar o rendimento imponível da França, o acharão, sobre as bases em que se fundarão, e incluindo os das ditas casas, de 1.626.000.000 francos, mas que procedendo se ao seu apuramento pelo producto medio do arpenre (cousa de meio hectaro) se reduziria a 1.486.244.653 ditos e desceria mesmo a 1.323.138.877 ditos, proporcionando se o dos Cantões (E 19 1 GEP 44)
36. Deixando porém estas estimativas, cujo meio termo é 1.478.461.176, passarei ao calculo que delle fez o mesmo Mr. Chaptal, citando seus artigos, e as avaliações do seu novo meio termo imponível (E 19 1 GEP 44)
37. Começando pela avaliação do Solo Francez, que diz formar o primeiro capital da sua agricultura, mas cujo preço varia ao infinito segundo a sua qualidade, situação, põe em primeiro lugar as terras lavradas (E 19 1 GEP 44)
38. Passando desses fundos, que chama os principaes, aos secundários da agricultura Franceza, estima, a saber, os 406.000.000 hectares de castanhaes (...) (E 19 1 GEP 44)
39. Orçando em 399.000 hectares a superficie dos seus paúes e tanques, diz que o seu valor varia ao infinito (E 19 1 GEP 47)

40. Prescindindo dos mais hectares ocupados com pedreiras, mina, etc, cujo produto pertence ao diverso ramo da classe industrial, passa para os rurais (E 19 1 GEP 47)
41. Englomerando Mr. Captal no seu coompto todo o valor territorial da agricultura franceza, comprehende na denominação de capital innominavel todo que distingui pelo de fundos territoriaes e d'avanços prediais (E 19 1 GEP 48)
42. se não lhes juntassem outros que dessem a vida a todos, os quaes outros elle também os distingue no seu mappa, não pela denominação de primitivos e annuaes, que adoptei de outros Auctores, mas pela separação das suas especies, que passo a declarar, fazendo da primeira a dos primitivos (E 19 1 GEP 48)
43. Avaliando as sementes, desde a quinta até a decima parte da totalidade de cada espécie de colheita, a que proporciona cada espécie de sementeira pelos preços abaixos designados (E 19 1 GEP 51)
44. Tendo suposto 3 milhoes de habitações rurais, a que attribuo toda a agencia dos campos, e cuja população estima de 12 milhoes de proprietários d'ambos os sexos, e de todas as idades, julga necessário um assalariado por cada 2 dos mesmos casaes (E 19 1 GEP 51)
45. e avaliando o seu salario em 120 fr. que, por meio termo, arbitra a cada hum d'ambos s sexos (E 19 1 GEP 51)
46. Passando a examina-los, observa que os da terra se classificão em duas especies principaes, uma das quaes serve para o sustento dos homens e dos animaes, e a outra para as precisões da indústria, pertencendo á primeira classe os cereais (E 19 1 GEP 55)
47. Tendo avaliado retro o capital das aves de penna em 51.600.000, caucula agora o seu produto anual pelo seu renovo(...) ajudando-lhe mais 10.000.000 ditos pelo valor dos patos e gansos (E 19 1 GEP 57)
48. Estima a postura annual dos ovos, a 30 cent. a dúzia, em 39.000.000 fr., mas deduzindo dessa quantia a necessaria para reprodução da sua especie, reduz sua monta a 38.700.000 ditos, e acrescentando-lhe o resultado desta reprodução em frangos, que, a preço de 1fr. 50 cent. o par, avalia em 8.000.000.00 fr leva tudo a 46.700.000 fr. (E 19 1 GEP 58)
49. Estimando em 20 fr. o produto geral do leite de cada vaca, por meio termo do seu maior, e menor valor e abundancia, leva essa addição pelo numero de 3.909.959 ditas (E 19 1 GEP 58)
50. Calculando em 12 milhoes as ovelhas parideiras, e em 11 milhoes de cordeiros o seu parto anual, reserva duas terças partes para suprir os que se vendem ou morrem, e avaliando em 2 fr. cada hum dos da outra terça parte, em numero de 3.666.666, leva essa addição a 7.333.333 (E 19 1 GEP 58)
51. Tendo calculado em 399.000 hectaros a superficie dos tanques e paúes, observa que esta sorte de propriedade serve para muitos usos, quaes os das pastagens dos bois (E 19 1 GEP 59)

52. e por todas as informações que pude alcançar sobre esta materia, não julgo esta avaliação exagerada, incluindo-se principalmente na sua monta a da pesca dos tanques e paúes (E 19 1 GEP 60)
53. Para completar o quadro dos mais produtos da agricultura especialmente destinado ao sustento dos homens, e dos animaes, referindo-se a avaliações anteriores estima as fructas dos seus pomares e hortas, com as das arvores dispersas, em 64.620.000 (E 19 1 GEP 60)
54. Para esta suposição, observando a grande diferença que faz a herva fresca, comida no lugar da sua produção, pela muita água que a contem (E 19 1 GEP 61)
55. Formando sobre isso tabellas das forragens secas, que consomem anualmente em França seus já numerados animaes cavalaes, vacuns, (...) estima a sua monta em 40.848.358.150kg (E 19 1 GEP 62)
56. Pelo que toca ás forragens provenientes dos prados naturaes e artificiaes, presidindo d'algumas, que também se dão de comer em verde, principalmente aos gados que se querem engordar (...) que pela sua quantia deitão a somma de 680.805.965fr (E 19 1 GEP 63)
57. Findando summariamente o seu quadro pelos varios produtos dos mais hectaros distincta, ou promiscuamente assignados no seu mappa retro, só diversifica o das vinhas, estimando-o pelo inventario dos seus hectaros (E 19 1 GEP 63)
58. Para omittir de tudo quanto dá algum rendimento ao agricultor, tendo incluído na avaliação que fez dos gados entregues aos açougues o valor das suas pelles, estima agora separadamente as dos cavalos que morrem em 770.000 (E 19 1 GEP 64)
59. Mas advertindo, e advertindo bem que, sendo tudo produto bruto, hão delle sahir as despesas da sua produção, somadas retro em 3.334.005.515 (E 19 1 GEP 65)
60. A Assembléa Constituinte, que creou a sua contribuição, cuidou suprir áquella falta annunciando que a taxa em que tinha fixado o seu importante não passaria da sexta parte do liquido producto do seu continente (E 19 1 GEP 65)
61. A Assembléa Legislativa, que succedeo á Constituinte, composta por inteiro de Membros novos, mas convencida da inexacção da suposta proporção entre a mesma contribuição, e a taxa tixada para sua repartição, tentou remediar-lhe, declarando-a restricta da sexta para quinta parte do sobredito rendimento. (E 19 1 GEP 66)
62. Prosseguindo Ganilh na materia, observa que nenhuma daquelas baixas satisfez por então, nem aquietou inteiramente os povos (E 19 1 GEP 67)
63. fez a mesma França; progressos que tanto mais facilitarão o assento quanto mais alargárão as bases da sua dita contribuição; reservando porém o magnifico quadro, que delle fez o citado Barão Dupin (E 19 1 GEP 68)
64. He bem obvio á menor reflexão que, compondo-se os capitaes dessa agricultura de varios avanços chamados territoriaes, prediaes, e primitivos, que todos concorrem á sua produção pelo auxilio, e a intervenção dos annuaes, cada um dos proprietários desses fundos tem seu igual direito fundado no seu commum produto (E 19 1 GEP 69)

65. e ainda que emendando o notado desconcerto, que não advertio o Conde Chaptal, do capital de suas vinhas por 1.977.000 hectares com o seu rendimento por 1.613.939 ditos, se acrescentasse a este consequente a diferença que, pela própria estimação, lhe falta (E 19 1 GEP 71)

66. não deixou elle de comprehede-los no seu computo, por serem necessários á agencia da agricultura, e terem importado um capital, que deve entrar na conta dos seus fundos, mas deduzindo o que por tão boas razões não se deduzio (p. E 19 1 GEP 71)

67. Para espargir ainda maior luz na minha demonstração, passando do concreto ao discreto do meu assumpto, ou do todo às partes de que se trata, guiado sempre por Mr. Chaptal, applicarei a minha prova ao produto (E 19 1 GEP 72)

68. Por exemplo, o já citado Simonde de Sismondi, partindo d'outros princípios, ou referindo-se a outros dados diz (...) que o mencionado dizimo leva a terça parte do rendimento de uma vinha (E 19 1 GEP 73)

69. Mas estes mesmo cálculos de Mr. Simonde, ou seus achados, pelo pouco que diferem, e por muito que diferissem dos Mr. Chaptal, tornão e tornarião bem evidente aquillo em que concordão ambos, com todos os Economistas políticos, que mais se despende nos amanhos de um predio rustico, maior é a sua produção, e que, não repartindo aquella despeza, não se pode repartir este produto (E 19 1 GEP 73)

70. Em 1º lugar, extinguindo o dito Decreto a natureza dos bens chamados da Corôa, e a jurisprudência porque se regulavão, declarava revogáveis, e revogadas todas as doações feitas pelos Senhores Reis (E 19 1 GEP 76)

71. abole outro sim todos os foraes dados ás terras pelos mesmos senhores Reis, ou seus Donatarios, e todos os seus foros (...) até os seus laudêmios, reputando tudo tributos, ou contribuições particulares, e como tal, improprio a constituir o patrimônio de qualquer individuo, família ou corporação; e abolindo também do mesmo modo os Prazos da Corôa (E 19 1 GEP 76)

72. (...) gozavão de dízimos abolidos pelo Decreto de 30 de julho anterior (...) sendo igualmente os predios assim havidos por umas e outras compensações reputados proprios dos seus novos possuidores, como se os tivessem comprado á Fazenda pública; estatuinto finalmente que nenhuma pertença oposta á sentença geral deste Decreto se possa tomar conhecimento judicial (E 19 1 GEP 77)

73. e como uma propriedade vale outra proporcional ao seu dito capital, ou no seu juro, não pode haver duvida de que, não tendo o cedente recebido do cessionário na primeira espécie o pode justamente exigirna segunda: nem de que, tendo-o sempre assim exigido, tenha sempre o mesmo direito de exigi-lo por si (E 19 1 GEP 78)

74. do que segue que, sendo um unico individuo, ou corporação o unico proprietário de todos os ditos fundos, o é também de todos os seus produtos (salva sempre a mesma restricção) mas que sendo varios os seus proprietários, varios devem ser os quinhões dos seus frutos (E 19 1 GEP 81)

75. Comparando os fundos territoriaes com os pecuniários nos direitos da sua retribuição proporcionaes aos valores dos seus capitaes, nos casos da sua cessão a um chamado foreiro, ou mutuário, acha-se que não se tem mais acção o cedente de um que o outro fundo para agravar os seus juros (E 19 1 GEP 80)
76. Liquidando-se pois estas propriedades individuaes, surgem os limites, dentro dos quaes cada hum dos proprietários deve restringir o uso do que é seu, para não usar do alheio. (E 19 1 GEP 82)
77. e devastão pelas suas assolações; e não só terras, e mais terras de imensa extensão mas privilégios, isenções, direitos e regalias taes que chegavão a igualar os Magestaticos, formando assim com uns Estados em outros Estados, e reduzindo os da soberania a mui poucos (E 19 1 GEP 85)
78. os grandes Proprietarios dos seus Reinos, os Mouros convertidos á fe, e até os Servos do Fisco, não podendo dipôr de nada de suas applicações, o podião e fazião para estas da quinta parte dos seus bens, concorrendo cada um, segundo a devoção de suas partes (E 19 1 GEP 85)
79. Quantos porém aos atrazos que produzirão na civilização moral dos seus Povos taes instituições, com as da organização social em diversas classes de nobres (E 19 1 GEP 86)
80. Porém, não havendo entre elles tropas regulares, o poder de sua força não era ajudado do da sua disciplina (E 19 1 GEP 87)
81. Afonso IV, o bravo Affonso, Rei de Castella e de Leão, depois de vencer seus rivaes, (...) não tendo filhos varões, procura segurar sua successão em tres thalamos dignos das suas tres filhas ainda donzellas. (E 19 1 GEP 88)
82. O Senhor Conde Henrique, ao tomar posse dos seus novos domínios, achou nelles muitas doações que lhe convinha respeitar, e achando tambem muitas terras maninhas, para povoar e cultivar (...) as repartio largamente pelas ditas Corporações de mão morta (E 19 1 GEP 88)
83. Succedeo-lhe seu filho o grande D. Affonso Henriques que, com animo tão esforçado, tanto dilatou os limites desta Monarchia, de que veio a ser primeiro Rei titular; o qual, passando da Beira á Estremadura, e da Estremadura ao Alemtejo, levando tudo adiante de si, á proporção que ia conquistando, ia doando terras (E 19 1 GEP 89)
84. Ardendo o Senhor D. Affonso Henriques, depois da tomada de Santarem (della fallarei mais adiante) de puxar as suas conquistas até as costas do mar, incluindo nellas esta Capital prosseguia o seu intento com senhorar-se dos seus arredores (E 19 1 GEP 91)
85. Tinha já investido e tomado o Castello de Cintra, quando pondo-se um dia a observar dahi o mar, divisou improvisadamente uam poderosa Armada de 150 velas (E 19 1 GEP 91)
86. Recebendo a informação de que erão uns 14 mil homens de forças combinadas d'Allemanha, de França, e d'Inglaterra que, debaixo das insignias de Cruzados, ião á Conquista da Terra Santa (E 19 1 GEP 91)

87. e se aparelhárão em seu auxilio; para o que, fazendo estes estrangeiros adiantar sua frota, e assentando o seu arraial pela bouda do Poente, nos sítios onde depois se erigirão o Convento de São Francisco. (E 19 1 GEP 91)

88. quereno o vencedor repartir os muitos despojos della pelos seus auxiliaores, o recuzarão bizarramente; mas não se deixando o efferente execer em brio, brindou uns com ricos presentes (E 19 1 GEP 91)

89. Todos os mais seus Augustos sucessores, em quanto tiverão que dar, derão, ou por impulso da sua bondade, ou por surpresa da sua boa fé; e assim , por um ou outro modo, quase todo o seu Reino se achou repartido por Donatarios, escapando pouco aos últimos, Seculares, do que escapára aos primeiros (E 19 1 GEP 92)

90. Alguns escritores dos nossos dias, como Auctor da citada Memoria para a Historia da Agricultura de Portugal, referindo se boamente a pia tradições Monarchaes, ou a Chronicas adulatórias, tem pretendido que as mencionadas doações tinham produzido, no principio da Monarchia, grandes vantagens para sua povoação (E 19 1 GEP 93)

91. vivendo ainda os Monges (Benedictinos) em todo o rigor dos trabalhos monásticos, como meros jornaleiros, só se recolhião aos seus Mosteiros nas horas de repouso (E 19 1 GEP 93)

92. Com a mais sã crítica o Auctor das Variedades sobre os objetos relativos ás artes, etc. achando a causa da sua mesma maior população e cultura na sua melhor defesa natural, e proteção militar, acrescenta, Tom. 2, p. 280; mas que nos contem maravilhas os escritores (E 19 1 GEP 93)

93. não foi assim que o fizerão os Brabanções, quando cobrirão os seus estereis areas de fertilissimas searas, e muito menos os Hollandezes, quando alargando os limites do seu domínio sobre o senhorio dos seus mares, dos seus imundos chacos de reptis formarão nitidissimos viveiros de plantas e gados (E 19 1 GEP 94)

94. Tencionava concluir o meu assumpto neste Capitulo, mostrando que o que me referi mais particularmente aos Mosteiros, e Conventos se refere igualmente ás Catedraes e Collegiadas (E 19 1 GEP 98)

95. mas elogio infelizmente confeiçoado de taes temperos que, mais se lhe toma gosto, mais se lhe acha o travo da sátira; polo que, não se podendo julgar do merecimento da obra por tal louvor do seu panegirista, resta o ver como se abona o seu Auctor por alguns dos seus artigos reactivos ao meu assumpto, que passo a analisar (E 19 1 GEP 99)

96. Depois de dizer que tendo seus fundadores vindo de Claraval, erão filhos de um pai cujo maior dissabor, nos princípios da sua vida monastica, foi achar-se muito débil para os trabalhos do campo (E 19 1 GEP 100)

97. Para melhor refutação deste artigo, dividindo-o em 2, mostrarei no 1º que nem tão fraco era o tal pai como o faz tal filho, nem taõ fortes erão os taes fundadores, que podessem desbravar taes desertos (E 19 1 GEP 100)

98. mas logo acrescenta que o pezar que disso o fez recorrer a Deos, pedindo-lhe forças para não ter mais a confusão de ser delles distinguido por indulgencia alguma (E 19 1 GEP 100)

99. que quando se achavão occupados em alguma tarefa em que não se podia meter por menos hábil, ou menos práctico, compensava esta falta cavando a terra, cortando lenha, carregando com ella ás costas, e fazendo sempre ou cousas tão penosas como qualquer outro (E 19 1 GEP 101)

100. Quanto á segunda parte do artigo, relativo aos desertos desbrados, mesmo Baillet, fallando da maneira com que o Santo fundou Claraval, que de filial de Cister veio a ser cabeça de toda a ordem Cisterciense, diz que sahindo elle de cruz alçada, com 12 discipulos, representando o Apostolado, conforme o costume desse tempo, andou primeiro vagueado ao Deos dará, sem destino de lugar fixo para o seu estabelecimento (E 19 1 GEP 101)

101. habitantes criativos, que, tocados da fadiga do Santo, e seus companheiros (...) os assistiram das suas esmolos, e ajudarão com seus braços n'uma empreza, que aliás lhe teria sido inexequivel; tanto assim que tendo depois ido o mesmo Santo receber a benção do Bispo de Chalons, achou, na sua volta, a sua pequen Comunidade reduzida ao ultimo desalento e miseria (E 19 1 GEP 101)

102. Nas sapientíssimas reflexões que fez sobre a materia sujeita, na XVIª das suas Dissertações, publicadas em 1829 pela Academia Real das Sciencias (Tom. IV, part. 11ª) apurando os textos, e aclarando os sentidos das doações feitas aos Cistercienses de Alcobaça, oppõem os mais irrefragáveis testemunhos ás mais vãs conjecturas de que a terra dos seus coutos se achassem desertas e despovoadas, nos tempos da fundação do seu Mosteiro (E 19 1 GEP 103)

103. e todo o mais erão tão anjos, tão sóbrios, e fugraes no seu sutento que, contentando-se com pão, hortaliças e legumes para si, só procuravão obter cousas melhores, e mais substanciaes para regular os inumeráveis hospedes e peregrinos (E 19 1 GEP 104)

104. Por musarabes, palavra derivada por corrupção e syncope das Latinas = Mixti Arabes = se entendião os muitos Christãos, que vivião em meio dos mais numerosos dissidentes de varias Seitas e castas, sendo livres de observar a sua Religião, com tanto que não em tendessem com o dominante (E 19 1 GEP 104)

105. conjecturar que naqueles afortunados tempos bastaria nomear qualquer Monge para se ficar entendendo que era um varão seguidor do caminho estreito, etc., induziria no perigo de se dar louvores a este, ou áquelle que não os merecessem, de cujas acepções apontando alguns casos, em que não era de esperar se alargasse tanto, os desculpa, dizendo = o que não admira, vista a fraqueza humana; e mais abaixo, descobre a leveza das suas primeiras conjecturas, confessando que era facil discernir, em tal distancia de tempos, e escassez de noticias, que bem poucas daquella era chegarão até nós (E 19 1 GEP 105)

106. descontando o que nos seus ditos tem semblante de meras patranhas, pouco resta a acreditar de verdadeiras façanhas (E 19 1 GEP 105)

107. Suppondo, com a mesma carencia de palavras, que dos seus muitos trabalhos campestres resultarão muitas granjas e quintas, as derão, continua elle, por Carta de Foral, impondo aos seus Colonos, ou Caseiros, por principaes condições, as pagarem o quarto do pão (E 19 1 GEP 106)

108. como também pagarião o quarto do linho no estendedouro, da azeitona no olival, e o quinto do fruto das arvores que houvessem de plantar, concluindo dahi o muito que elles animavão a lavoura, pois faziam a justa differença das terras cultivadas para as incultas (E 19 1 GEP 106)

109. Se a isto se acrescentar que elles provião os Lavradores de instrumentos, e utensílios necessários, adiantando sementes, administrando-lhes gratuitamente os sacramentos, acudindo-lhes com todo o preciso nas suas necessidades, só quem estiver cego os tratará por opressores (E 19 1 GEP 106)

110. Mas estes, talvez, é que serão os hospedes e peregrinos regalados com cousas melhores, e mais substanciaes, e aquelles os mortificados com pão, legumes e hortaliças; sendo assim o factó certo, será duvida em pouco, só na equivocação dos nomes (E 19 1 GEP 107)

111. em uma palavra: tudo quer o Chronista obrigado ao seu Mosteiro, e nada de obrigação para os seus Monjes, nem sequer a de administrar os Sacramentos a quem lhes paga os taes dízimos, e todo mais a seu arbítrio, encolerizando-se até exasperar contra quem ousasse escrever uma palavra em contraíro (E 19 1 GEP 108)

112. Acabo com tudo este Capitulo que teria sido muito extenso, se nelle tivesse notado quanto achei de notável na Obra que comentei, protestando quo aquella paixão que anima seu auctor contra quem segue as minhas opiniões, me não animou, a mim, na refutação das suas (E 19 1 GEP 109)

113. Presidindo da origem dos Dízimos na lei judaica, só direi que a sua instituição na Lei nova parece derivar-se do oferecimento voluntario que, no Seculo VI, fizerão os fieis de certa porção do seu rendimento (E 19 1 GEP 110)

114. (...) mas que, variando por partes conforme a devoção d'alguns, passarão, de costumes irregulares, a formar Leis comuns no principio do Século VIII (E 19 1 GEP 110)

115. onde os grandes proprietá, rios, por inclinação do gênio, (...) e fogão de viver a maior parte do anno nas suas herdades, presidir aos seus trabalhos, cotejar as suas despesas, apurar os seus lucros; e accomodando as suas precisões aos generos de sua produção, empregão suas economias no aumento de suas augmento das suas lavras (E 19 1 GEP 111)

116. em prova do que basta citar aqui o irrefragavel testemunho que já citei á pag. 132 do Iº Tomo das minhas Vozes dos Leaes Portuguezes, testemunho do seu mais sábio agrônomo, mais curioso indagador dos seus productos, mais acreditado avaliador dos seus achados, testemunho do celebre Arthur Young, que depois de correr, a penna na mão, quatro mil milhas de sua Patria, examinando, ponderando, calculando tudo, rematava suas observações pela seguinte relação do seu resultado (E 19 1 GEP 112)

117. é tal a differença do effectivo ao significativo da sua taxa que chega de uma quinta a uma sexagésima parte dos fructos sujeitos á sua exacção, sendo do primeiro termo os que se exigem em certos Districtos para certas Commendas de Malta (...) e havendo entre estes extremos muitos intermedios variaveis desde o $\frac{1}{10}$ mais ordinário até $\frac{1}{20}$, $\frac{1}{30}$ e até mesmo $\frac{1}{40}$ mais raros (E 19 1 GEP 113)

1.8 Século XIX – segunda metade

SORIANO, Luz. **História da Guerra Civil e do estabelecimento do governo parlamentar em Portugal compreendendo a história diplomática militar e política d^aeste reino desde 1777 até 1834**. Lisboa :Imprensa Nacional, 1866.

1. ... mas vencidos também os godos pelos sarracenos, têm de retirar para as montanhas, onde formam o pequeno reino das Asturias, e depois os de Oviedo e Leão, indo em todo este tempo crescendo progressivamente o poder do clero, tendo também logar o aparecimento do governo feudal, o augmento do poder dos senhores, servindo-lhe de correctivo o poder do povo com o estabelecimento das comunas ou conselho (E 19 2 HGC 29)

2. Fundada a monarchia portuguesa, mostra-se o engrandecimento e decadência dos estados do clero e da nobreza (...) e como é que as côrtes, querendo estabelecer as suas prerrogativas, decaíram, e por fim se annullaram na elevação da casa de Bragança ao throno, ficando a monarchia sem princípios fixos: resultando de tudo isto o engrandecimento do poder real, facil foi o marquez de Pombal estabelecer o governo absoluto, que também a seu turno caiu em 1820, mas restabeleceu-se em 1823 (E 19 2 HGC 29)

3. Entretanto é fóra de nosso plano entrar aqui no difficil e inextricavel dédalo de saber se o Portugal de hoje deve ou não olhar-se como sendo a antiga Lusitania (E 19 2 HGC 30)

4. e finalmente se os actuaes portugueses, apesar das grandes vicissitudes e extraordinarias transformações por que tem passado esta parte da peninsula ibérica, se devem ou não considerar como sendo legítimos filhos dos povos a que antes, e durante a occupação dos romanos, se dava o nome de lusitanos (E 19 2 HGC 30)

5. deixaremos aos sábios académicos, antiquarios e philologos a mais ampla liberdade para nos dizerem tudo quanto quizerem a tal respeito, decidindo semelhantes questões por meio das suas excellentes memorias e opiniões n^oelas emitidas (E 19 2 HGC 30)

6. paiz cujos limites orientaes se estendiam muito mais do que hoje, pois entravam muito pela Castella Velha e Nova, seguindo uma linha desde Samora, pouco mais ou menos, até Villa Nova de la Serena, na distancia de umas doze léguas de Madrid, e d^aali seguindo a corrente do Guadiana até o mar (E 19 2 HGC 31)

7. emitiremos nossa opinião, sem comtudo a sustentarmos, confessando a impossibilidade em que nos achâmos de nos conformarmos com o parecer daqueles (E 19 2 HGC 31)

8. é forçoso admitir a sua total ou quase total dispesão, ou, se antes assim se quizer, entreçamento de especies umas com outras, que sucessivamente o vae cada vez mais afastando do seu primitivo typo e origem, constituindo um outro differente povo (E 19 2 HGC 32)

9. filhas das novas instituições que aceitaram, depois de terem dado de mão ás que eram próprias e naturaes, não podem deixar de também os constituir outros, moralmente falando (E 19 2 HGC 32)

10. pela nossa parte estamos pouco dispostos para lhes dar credito, e nem disso nos peza cousa alguma, por considerarmos os acontecimentos de tão afastadas eras como inúteis para illustração do presente, servindo apenas de ostentar conhecimentos fantásticos, e entreter uma estéril curiosidade (E 19 2 HGC 32)

11. Quanto ao que respeita à questão de ser a base e a construção da actual grammatica portugueza mais celta que latina, como alguns querem, nada podemos dizer pela nossa parte, pela ignorancia que estamos da grammatica celta, não devendo causar admiração, que vendo nos quase todas as palavras derivadas do latim, e serem até muitas d'ellas latinas corrompidas, dando-se com esta a mais outra circumstancia, tal como a de se poderem arranjar períodos e orações inteiras sem diferença alguma entre a construção portugueza e a latina (E 19 2 HGC 33)
12. Tenhamos para nós como certo, que a base e a construção da actual grammatica portugueza se devem considerar como mais latinas que celtas, reputando por desejos de celebridades os que têm seguido ou seguem a opinião contraria (E 19 2 HGC 33)
13. Deixando pois á escolha de cada um abraçar como quizer o que sobre taes assumptos julgar mais acertados (E 19 2 HGC 33)
14. porque a antiga Lusitânia prolongava-se muito pelo nascente, além dos seus actuaes limites, correndo por entre Douro e o Guadiana até ir entestar com a província Tarraconense (E 19 2 HGC 33)
15. a antiga Lusitania comprehendia uma parte das Castellae Velha e Nova, indo até Merida; mas não comprehendia as províncias do Douro, Minho e Trás os Montes, que lhe ficavam fóra dos seus limites, sendo estes os Guadiana pela parte até meio dia (p. E 19 2 HGC 33)
16. Auctores ha que affirmam ser o sabeismo, ou o culto dos astros (talvez a mais antiga das idolatrias) a religião professada pelos povos da Hespanha antes do estabelecimento dos fenícios, sendo estes os que introduziram n'ella, e portanto na Lusitania, o culto de Hercules Tyrio ou Lybico (E 19 2 HGC 34)
17. Em tempos posteriores é fora de toda duvida que os lusitanos foram adoptando as formas de polyteismo, introduzidas entre elles pelos conquistadores (E 19 2 HGC 35)
18. Consequentemente adoravam a Marte, a Hercules e a Minerva, suppondo-se que também o Sol e Lua, cujo o culto se acredita ser o mais antigo (E 19 2 HGC 35)
19. Eram dados a agouros, e por isso ao exame das visceras das vitimas, enunciando por ellas os seus prognósticos (E 19 2 HGC 35)
20. Entre os seus sacrificios favoritos figurava o de cortarem as mãos aos prisioneiros: as suas, escorrendo ainda o sangue das visceras dos animaes sacrificados, onde para este fim as mettiam, levavam diante dos altares para solemnizarem os seus juramentos (E 19 2 HGC 35)
21. Entretanto forçoso é dizer que os primordios da Lusitania, como acontece a todas as mais nações, não têm monumentos que os abonem, nem escripturas que os testifiquem, achando-se por conseguinte envoltos em trevas (E 19 2 HGC 35)
22. Dando pois de mão ao que tem este caracter, tendo como tal a fundação de Setubal por Tubal, neto de Noé, bem como a de Lisboa, ou Ulyssea, por Ulysses, etc., passaremos a falar das instituições políticas dos antigos lusitanos (E 19 2 HGC 36)

23. Independente pois uma das outras tribos, regendo-se por leis proprias, e confederando-se quando os casos de guerra a isso obrigava, o seu governo parece ter sido democrático (E 19 2 HGC 36)
24. Em tempo de guerra a eleição de um chefe, a quem se confiava o supremo poder, trazia consigo a reunião e obediência das diferentes tribos para marcharem debaixo de seu comando aos combates, acabando aquella autoridade terminada que fosse a luta (p. E 19 2 HGC 36)
25. É de grande obscuridade, e não de menor monta a incerteza que há relativamente ao estabelecimento entre nós das colonias phocenses, etolicas e epiroticas, de que fazem rapida menção alguns historiadores gregos e latinos, entre os quaes figuram Herodoto e Plinio, sendo muito menos incertas as noticias que existem acerca da invasão de um povo de origem phenicia, tal como o cartaginez (E 19 2 HGC 37)
26. A primeira expedição d'estes povos a Hespanha foi provavelmente feita no meado do século vi, antes da era de Christo, limitando-se os seus primeiros estabelecimentos na península a emporios ou feitorias em pontos da costa marítima (E 19 2 HGC 37)
27. Crescendo depois em opulência e mettendo-se em contestações com os povos indígenas, foram dilatando seu poder, e por tal modo que ao romper a primeira guerra punica, levantada entre Carthago e Roma, no anno de 264 antes de Christo, achavam-se já senhores de uma grande parte da Hespanha (E 19 2 HGC 37)
28. O exito d'esta infeliz guerra , que teve logar no anno 241 antes de Christo, foi desastrosa para a primeira d'estas duas cidades, dando occasião a que muitos povos buscassem emancipar-se do do jugo dos cartagineses (E 19 2 HGC 37)
29. e quando este grande general levou a guerra ao centro da Italia, contava no seu exercito, organizado pro elle na Hespanha, um consideravel corpo de lusitanos, que com elle partilharam os trabalhos da passagem dos Pyreneos e dos Alpes, indo por fim quinhoar a gloria dos illustres feitos (E 19 2 HGC 37)
30. Apesar da longa duração d'este domínio, ignoraram-se todavia as modificações que determinou nos costumes, usos, lingua e legislação dos lusitanos, havendo todavia bastante razão para suppor que algumas das instituições dos carthaginezes passaram para entre nós (E 19 2 HGC 38)
31. Desde 195 até o anno 147 antes da nossa era houve muitas sublevações da parte dos lusitanos contra os seus novos senhores, inquietando com ellas os pretores, ou pro-pretores Appio Claudio Nero, Porcio Catão, (...) (E 19 2 HGC 38)
32. Tres valentes capitães conduziram os lusitanos n'estas gloriosas lutas, tornando-se celebres os nomes de Apimano, Cesarão e Cathero (E 19 2 HGC 39)
33. Sergio Sulpicio Galba, tendo desbaratado os lusitanos, e querendo vingar-se da perda que sofreu, conseguiu por meio de enganadoras promessas de paz e amizade, reunir os povos de tres cidades mais belicosas, não longe do Tejo, induzindo a que viessem desarmados, como prova de confiança na lealdade da grande nação romana (E 19 2 HGC 39)

34. e tendo elles annuido a isto, de improviso lhe caiu em cima com suas cohortes, passando desapiedadamente à espada (E 19 2 HGC 39)
35. Viriato, tendo a dita de escapar a tão horrenda traição, jurou pelos manes das victimas vingar uma tal atrocidade (E 19 2 HGC 39)
36. Sendo apenas filho de um pastor, e retirando-se aos bosques para se subtrahir ao jugo dos opressores de sua pátria, resolveu, no anno de 604 de Roma, resistir-lhe abertamente, pondo-se á frente de seus compatriotas, que depois de serem batidos, se constituíram por fim vencedores, derrotando completamente o exercito de Vetilio (p. E 19 2 HGC 39)
37. O pretor Plautio e Claudio Unimano, tiveram a mesma sorte, reputando-se muito feliz ter escapado a igual destino o consul Fabio Emiliano (E 19 2 HGC 39)
38. Finalmente o seu sucessor Serviliano, depois de numerosos combates, viu-se obrigado a tratar com Viriato, reconhecendo-o por amigo e aliado da republica (E 19 2 HGC 39)
39. Não o podendo vencer pelas armas, os romanos puderam comprar os traidores Dictaleão, Aulaces e Minuro, que o assassinaram no proprio momento em que os mesmo romanos pareciam quererem tratar com elle sobre negócios de paz, correndo então o anno de 613 de Roma, ou 140 antes da era vulgar (E 19 2 HGC 40)
40. Passando a Roma, abraçou com calor o partido de Mariom, o que fez com que Sylla, apenas vencedor, o metesse logo nas suas primeiras listas de proscição (E 19 2 HGC 40)
41. Desde então os partidistas de Sylla tiveram n'elle um terrível adversário; tomando-lhe a maior parte da Hespanha, e passando a invadir a Gallia Narbornense (E 19 2 HGC 40)
42. estabeleceu negociações com Sertorio, elevando-se assim a sua reputação a tal ponto, que d'ella tiveram ciúmes os próprios senadores, que junto d'elle vieram a refurgiar-se, espalhando a fama de que tentaram contra sua vida (E 19 2 HGC 40)
43. Julgando Perpna, um dos seus generaes, que por tal indisposição podia já sem perido tentar assassiná-lo, assim o praticou com outros seus companheiros n'um banquete para que o convidaram, succedendo isto no anno de 679 de Roma (E 19 2 HGC 40)
44. Perpna porém, em vez da recompensa que esperava, só achou a morte, mandando-lhe Pompeu cortar a cabeça (E 19 2 HGC 41)
45. a guerra contra os romanos ainda continuou por parte dos lusitanos, sendo Julio Cesar o que lhe poz termo (E 19 2 HGC 41)
46. Foi então que elle combateu mais especialmente os habitantes do monte Herminio, que obrigou a vir para as planícies, fazendo também várias excursões pelas costas do mar desde Cadiz até á Corunha (E 19 2 HGC 41)
47. Derrotando-os junto a Munda, ficou desde então senhor de toda a peninsula, sendo por esta occasião, segundo se crê, que as varias cidades da Lusitânia deu differentes, recebendo então Mertola (E 19 2 HGC 41)

48. Augusto, tendo-se assenhoreado da Hespanha no seu triunvirato com Marco Antonio e Lepido, ordenou que a península lhe fosse tributaria, pagando a cada anno uma somma determinada (E 19 2 HGC 41)
49. O mesmo Augusto repartiu em seguida a Hespanha em três províncias, que foram a Terraconense, a Betica e a Lusitânia, deixou-a governar pelo senado, e por isso se denominou senatorial, denominando-se outras imperiais (E 19 2 HGC 42)
50. Durante o espaço de quatro séculos, ou até ao mesmo tempo da invasão dos barbaros, a Lusitania continuou a formar uma província do império romano, nada se sabendo ao certo da sua historia em especial, esquecida diante da historia romana, constando apenas que no tempo de Valentiniano se subdividira em Lusitania e Vettonia (E 19 2 HGC 42)
51. Durante esse longo dominio dos romanos, vieram para a Lusitania os magistrados annuaes que de Roma saiam para suas diferentes províncias, vem conhecido pelo nome de côsules, presidentes, pretores, questores, pro-consules, pro-pretors, etc., magistrados, que as governavam, supprindo os casos omissos, ou moderando a dureza das leis (E 19 2 HGC 42)
52. até que por fim a Constituição de Antonino Caracala acabou com todas as diferenças de direitos que havia no império romano, ficando todos os cidadãos sendo iguaes a tal respeito, quer residissem em Roma quer fóra d'ella (E 19 2 HGC 42)
53. Com a dominação dos romanos os lusitanos receberam também os vícios de um governo caduco, e com tanta mais rasão com quanta elles mesmos se forão também tornando romanos na língua, costumes, gosto, usos, genio e maneiras (E 19 2 HGC 42)
54. As virtudes militares foram desprezadas por falta de occupação das armas, seguindo-se a isto os males da ociosidade e de um luxo que corrompeu os seus primitivos costumes (E 19 2 HGC 43)
55. esses a quem quizeram imitar, estando por fim reduzidos a fracos e viciosos, constituídos em escravos dos imperadores, também n'isto os transformaram em seus iguaes, de modo que o culto, que d'antes prestavam aos seus antigos deuses, o prestavam por fim a homens com quem estavam vivendo (E 19 2 HGC 43)
56. Por este modo a conquista dos romanos aniquilando-lhes todo o gremem da sua independência, os dispoz a receberem sem grande resistência qualquer outro jugo estranho (E 19 2 HGC 43)
57. Effectivamente no fim do anno 406 entraram nas Gallias os alanos, os vândalos e os suevos, povos vindos da península scandinava (E 19 2 HGC 43)
58. em 28 de setembro, segundo uns, ou pela conta de Idacio em 13 de outubro de 409, foi franqueada, não obstante a resistência das tropas do imperador Honorio, a passagem dsos Pyreneos aos ditos barbaros, ou fosse por traição ou por descuido das referidas tropas, ficando desde então senhores da Espanha (E 19 2 HGC 43)
59. Lançadas as sortes para a repartição das terras, coube a Galliza (incluindo Braga e desde ahi até ao Douro) a uma parte dos vândalos (E 19 2 HGC 43)

60. Foram todos estes barbaros dados tão pouco á paz, que só da guerra viviam, chegando a destruírem-se uns com os outros mutuamente, desde que nada mais podiam expoliar aos natuaraes do paiz (E 19 2 HGC 43)
61. Ermerico, levado da ambição de estender as suas conquistas, viera desde o Douro até ao Mondego; mas Attaces o derrotou e o venceu, sendo por aquella occasião destruída a antiga cidade de Coimbra (E 19 2 HGC 44)
62. Foi o mesmo Attaces o que, encantado pella beleza das margens do Mondego, e da amenidade dos seus campos, fundou a actual Coimbra no local onde hoje a vemos, dando-lhe o nome da cidade que destruíra (E 19 2 HGC 44)
63. Occupado andava Attaces com estas obras, quando soube que Hermenrico, não perdendo as esperanças de recuperar de novo as terras que perdera, vinha da parte do Douro com poderoso exercito sobre a nova cidade (E 19 2 HGC 44)
64. Attaces, saindo-lhe ao encontro, novamente o derrotou e venceu com toda sua cavalaria, indo-lhe no alcance até ás margens do Douro (E 19 2 HGC 44)
65. Querendo o noivo commemorar a referida aliança e mostrar-se por ella agradecido, mandou pôr nas suas bandeiraso retrato de sua esposa, mettida em um vaso, tendo uma serpe ou um dragão, de um lado, e do outro um leão, avançando para ella (E 19 2 HGC 44)
66. Cidasunda ali se vê com os olhos no céu e as mãos levantadas para Deus, como dando-lhe graças pela ter constituído medianeira entre o pae e o esposo, unindo-os pelos vínculos do sangue e da amizade (E 19 2 HGC 44)
67. Attaces, coberto de gloria pelas victorias que ganhára, buscando alargar, tanto quanto podesse, seus estados pela conquista das terras, sujeita ainda aos romanos, foi morto em sanguinolenta batalha (E 19 2 HGC 44)
68. Os restos, escapados d'esta batalha, vieram refurgiar-se na Galliza, juntando-se a Hermenrico (E 19 2 HGC 44)
69. Na mesma occasião do destroço dos alanos, teve logar o dos vândalos silingos pelo vencedor Wallia, passando depois os vândalos em 429 da Hespanha para Africa (E 19 2 HGC 45)
70. O comercio prosperou mais; fizeram-se importantes trabalhos de obras publicas, abrindo-se estradas e levantando-se monumentos (E 19 2 HGC 45)
71. que do anno de 420 em diante os alanos appareceram confundidos com os suevos, pelas rasões que já se viram, ficando estes ultimos de 429 em diante absolutos senhores da paiz (E 19 2 HGC 45)
72. o nascimento e a morte de Jesus Christo trouxeram para o genero humano com a nova fé e pureza de sua religião, também se tinha estendido á Hespanha, sendo o apostolo S. Tiago, filho de Zebedeu, ou S. Thiago o Maior, segundo nos dizem os chronistas, o que primeiro a veiu pregar aos Hespanhoes, fundando na cidade de Cesarea Augusta a celebre igreja de Nossa Senhora do Pilar (E 19 2 HGC 45)

73. O chronista Luiz Lopes é quem nos conta este caso nas suas Excellencias de Saragoça, dizendo ter succedido a 12 de outubro do anno de 38 (E 19 2 HGC 45)
74. mas o suevos, que também o eram, abraçaram o christianismo com a sua entrada na Hespanha, seguindo todavia os erros de Ario até o anno de 559 (E 19 2 HGC 46)
75. Todavia pouca fé nos merece tal inscripção, tendo para nós que melhor será seguir o que a tal respeito diz a Monarchia Lusitana (E 19 2 HGC 46)
76. Os godos, tendo deixado a quase ilha da Scandinava, que geralmente se olha como sua primitiva pátria, tinham desde muito tempo frequentes communições com os romanos, e com elles travavam, ora como vencidos, ora como vencedores, e ora como aliados, resultando-lhes d'isto um começo de civilização, e com ella a sua conversão ao arianismo (E 19 2 HGC 46)
77. Alarico, seu chefe, desgostoso pela fraca recompensa recebida pelos importantes serviços que prestára ao imperio romano, defendendo-o contra os hunos, invadiu a Italia por sua propria conta, ameaçando tomar Roma (E 19 2 HGC 46)
78. Para evitar a catástrofe, o imperador Honorio lhe cedeu as Gallias e a Hespanha, para onde o mesmo Alarico partiu; mas sendo repentinamente atacado pelos romanos na sua passagem pelos Alpes, contra elles se voltou e venceu, retrocendendo para Italia, que devastou, até ir morrer em Napoles (E 19 2 HGC 46)
79. Foi eleito em seu logar no anno de 411 Ataulpho, que na Hespanha foi olhado como sendo o primeiro rei godo (E 19 2 HGC 46)
80. Tendo desposado a irmã do imperador Honorio, Galla Placida, marchou depois para tomar contra das províncias do império, cedidas a Alarico, seu antecessor (E 19 2 HGC 47)
81. passou portanto ás Gallias, e havendo estabelecido a sede do seu governo em Narbonna, d'alli se dirigiu para a Hespanha, de que já estavam senhores os vândalos, suevos e alanos, os quaes, vivendo entre si desunidos, e até mesmo como inimigos, não se lhe poderam oppor (p. E 19 2 HGC 47)
82. Por este modo se estabeleceram os godos na Hespanha, ocupando ao principio a parte meridional d'ella (E 19 2 HGC 47)
83. Ataulpho, estabelecido em Barcelona, tomou o partido de gosar em paz o fructo de suas conquistas, mas isto não agradou ao seu exercito, que por esta causa o matou no anno de 415, elegendo em seu logar como segundo rei godo a Sigericho, que no fim de sete dias teve a mesma sorte, sendo Wallia eleito em seu logar como terceiro rei (E 19 2 HGC 47)
84. Tendo-se comprometido este chefe a combater em auxilio aos romanos, foi já com este compromisso que elle venceu e matou Attaces, desbaratando completamente na Andaluzia os alanos, que elle comandava (E 19 2 HGC 47)
85. Poucos tempos depois d'isto foi o mesmo Wallia morrer em Barcelona, sendo eleito em seu logar como quarto rei Theodoredos (E 19 2 HGC 47)

86. Diz-se que por causa da sua residência nas províncias meridionais da península ficaram ellas tendo o nome Vandalitia, d'onde mais tarde se formou o de Andaluzia (E 19 2 HGC 48)
87. Estes novos barbaros, tendo imposto um tributo a Theodosio o Moço, imperador do oriente, remontaram as origens do Danubio, e atravessando o Rheno, vieram lançar-se nas Gallias (E 19 2 HGC 48)
88. Ætio, que as commandava em nome dos romanos, e Morovêo, rei dos Francos, com Theodoro, rei dos godos, reunindo todos n'um só exercito as suas forças, deram aos hunos uma terrivel batalha nas planicies de Champagne (E 19 2 HGC 48)
89. Este príncipe, alias habil e intrepido, offendido com as aggressões que contra os seus estados praticaram os suevos, contra elles se dirigiu, vencendo-os e derrotando-os, assenhorando-se por fim de Braga, capital dos seus estados (E 19 2 HGC 48)
90. D'aqui passou depois á Lusitania, que igualmente submeteu, fazendo o mesmo á Betica um dos seus capitães chamado Cyrila (E 19 2 HGC 48)
91. Desde então os godos quase se podiam dizer senhores de toda a península, porque dominando na Catalunha e na Betica, submetidos por elles os suevos, e exercendo uma especie de protectorado nos territorios que por sua ajuda ainda estavam governados pelos romanos, eram effectivamente os godos os árbitros de toda ella (E 19 2 HGC 48)
92. Foi este mesmo Eurico quem lhe succedeo como setimo rei, sendo também elle quem ultimou o que seu irmão começara, isto é, foi elle quem abertamente atacou os romanos ao mesmo tempo nas Gallias e na Península, expulsando d'esta ultima definitivamente, constituindo-se por este modo senhor de toda ala de direito, pois o já estava sendo de facto, exceptuando apenas aquella parte da Galliza, que seu irmão deixara ficar governada pelos suevos, seus aliados (E 19 2 HGC 49)
93. Eurico não foi so conquistador, mas teve igualmente a gloria de dar um notável codigo a sua pátria, occupando-se para este fim em recolher num só corpo de leis todas as publicadas por elle e pelos seus predecessores (E 19 2 HGC 49)
94. Não obstante os laços de parentesco com este soberano, caiu-lhe por tal fôrma em ódio, que entre elles se travou uma batalha perto de Poitiers, em que Alarico morreu, supondo alguns que ás próprias mãos de Clovis (E 19 2 HGC 49)
95. Sendo este muito novo, os godos elegeram o bastardo, cuja eleição foi logo altamente condemnada por Theodorico, por se não poder conformar em ver seu neto excluido do throno (E 19 2 HGC 49)
96. Desde já observaremos aqui, que parecendo ser a realeza de pura eleição dos godos, a sua hereditariedade se tinha introduzido já entre elles (E 19 2 HGC 49)
97. Alarico, filho d'este, e oitavo rei que fôra, tinha morrido combatendo, e os godos, preterindo não obstante seu filho legitimo, foram ainda buscar um rei á sua mesma descendência, elegendo seu filho illegitimo, Gesalico, que foi o nono rei dos visigodos (E 19 2 HGC 50)

98. ...Theodorico, rei dos ostrogodos, reputando uma offensa para os seus a quebra d'este principio na pessoa do seu neto, resolveu-se a vingá-la por meio das armas, como praticou (E 19 2 HGC 50)
99. ...é um fato que o exercito dos ostrogodos foi posto em campo para o fazer valer, buscando afugentar Gesalico do throno, de que elle alliás se mostrou pouco digno (E 19 2 HGC 50)
100. Fugindo cobardemente aos seus adversarios, de Barcelona passou para a Africa, nas vistas de pedir soccorro aos vândalos, alcançando o qual, voltou para as Gallias, onde tendo organizado um exercito, com elle foi no fim de um anno sitiá a mesma cidade de Barcelona, para em frente d'ella ser novamente batido, e obrigado por mais outra vez a fugir, sumindo-se por maneira tal, que uns o fazem morto por uma partida de ostrogodos, nas maos da qual caíra, dizendo outros que elle se refugiara nas Gallias (E 19 2 HGC 50)
101. O mesmo Theodorico confirou depois d'isto o governo da Hespanha a Theudis, que fôra seu escudeiro, encarregando-o da educação de seu neto, o jovem Alarico (p. E 19 2 HGC 50)
102. Querendo este, depois de adulto, segurar para os seus estados a boa harmonia com o rei dos francos, casou com Clotilde, filha de Clovis, casamento que em vez de ser penhor de paz, foi de facto um germen de discordias, porque sendo ella catholica, e o marido ariano, quando ella orava, este a mandava insultar e maltratar (E 19 2 HGC 50)
103. (...) de modo que Childeberto, rei de Paris, seu irmão, sendo por ella rogado para lhe prestar socorro, mandando-lhe para o conseguir um lenço tinto no seu proprio sangue, segundo se diz, de prompto acudiu em seu exilio, trazendo comsigo de reforço mais tres dos seus irmãos (E 19 2 HGC 50)
104. Reunidos todos os quatro contra o rei dos visigodos, fugiu este da batalha, e vindo a Barcelona para trazer comsigo os seus tesouros, quando já estava ocupada por seus inimigos (E 19 2 HGC 51)
105. Ao proprio Theudis veiu também fazer guerra o já citado Chideberto, que para este fim atravessou os Pyreneos, e foi sitiá Cæsarea Augusta (Saragoça), devastando todo o paiz que atravessou (E 19 2 HGC 51)
106. Preoccupado finalmente por uma devota procissão de penitência, em que os sitiados se viam de fatos brancos, cobertos de cilícios e pés descalços, retrocedeu para as Gallias, experimentando consideráveis perdas nas gargantas dos Pyreneos (E 19 2 HGC 51)
107. Tendo-se este monarca occupado constantemente em fazer a felicidade dos seus súbditos durante os dezessete annos de seu reinado, foi não obstante assassinado em seu palacio de Barcelona no anno de 548 por um mendigo que era, ou se fingia ser insensato, ferindo-o mortalmente com um golpe de espada (E 19 2 HGC 51)
108. Esta morte sofreu elle com resignação, perdoando ao assassino a pena de um crime que elle mesmo confessara, segundo contam alguns historiadores, ter igualmente commettido, matando o chefe da nação (E 19 2 HGC 51)

109. Para lhe suceder como decimo segundo rei foi eleito pelos godos Theudiselo, o mesmo que perseguira Childeberto na passagem dos Pyreneos; mas a escolha foi tão desgraçada, não se distinguindo o novo rei, depois que subiu ao throno, senão por vícios e crueldades (E 19 2 HGC 51)

110. Mas não sendo a escolha d'este individuo reconhecida por muitas cidades da Hespanha, foi por fim morto em Emerita Augusta (E 19 2 HGC 52)

111. (...) e ao qual os romanos, que elle havia chamado do imperio do Oriente em seu auxilio contra Agila, fizeram uma cruel guerra, chegando a assenhorar-se do litoral da Betica (E 19 2 HGC 52)

112. morreu de molestia em Toledo no anno de 567, sendo elle o decimo quarto rei dos godos (E 19 2 HGC 52)

113. Este soberano, conhecendo ao segundo anno de eleito, que difficilmente podia um só monarca governar ao mesmo tempo a Hespanha e as províncias que os godos tinham nas Gallias, pediu á nação que seu irmão Leogevildo participasse com elle da realeza (E 19 2 HGC 52)

114. Do primeiro matrimonio, tinha já este príncipe dois filhos, Hermenegildo e Recaredo, entre os quaes, depois de ter vencido os romanos, apaziguando o reino, e fortalecido a autoridade real, dividiu o governo de seus estados, dando Servilha a Hermenegildo para sua residência, a Recaredo uma cidade da Celtiberia, ficando elle pela sua parte em Tolledo (E 19 2 HGC 52)

115. Envolvido nas fochas da propagação, o catholicismo fôra pro então humilde e obediente; mas tendo ganhado força e proselytos entre os poderosos do paiz, tornou-se indocil e intolerante, tendo por fim excluir forçosamente o arianismo (E 19 2 HGC 53)

116. Ingunda era catholica, e tendo podido converter seu marido ao catholicismo, ficou só por este facto constituido chefe da facção catholica, papel que elle abraçou com todo calor e energia, porque não só se aliou aos romanos, inimigos de seu pae e que este tinha combatido, reduzindo-os a não terem mais que um canto da Luzitania, mas fez aliança com Mir, rei dos suevos filho de Theodomiro, que era catholico (E 19 2 HGC 53)

117. Todavia Leogevildo, conhecendo muito a tempo o perigo d'estes manejos, reuniu exercito com que surpreendeu os suevos, quando vinham juntar-se a seu filho, obrigando o seu rei a auxilia-lo no cerco que foi pôr a Servilha (E 19 2 HGC 53)

118. Mas Leogevildo, não tendo coração para expor a cidade ás funestas consequencias de ser tomada á força viva, reduziu-se a bloquea-la, e tão apertadamente o fez, que seu filho reconhecendo a impossibilidade de prolongar por mais tempo a defesa, fugiu d'ali para ir asyalar em Cordova (E 19 2 HGC 53)

119. Entretando Hermenegildo, comprando a preço de dinheiro o general que lhe levava o socorro, reduziu novamente seu filho a uma outra fuga (E 19 2 HGC 53)

120. Asylando-se n'uma igreja, e servindo-se do intermédio de seu irmão Recaredo mandou pedir perdão a seu pae, que effectivamente lhe perdoou, contentando-se sómente em o despojar das insigneas reaes (E 19 2 HGC 53)
121. Todavia esta clemencia paterna não corrigiu Hermenegildo, que recorreu a novas intrigas, reuniu um exercito, e á frente d'elle levantou o estandarte da revolta, avançando até a Eextremadura hespanhola, indo occupar Merida (E 19 2 HGC 54)
122. Leogevido novamente lhe saiu ao encontro, e não so o obrigou a retroceder para Valencia, mas o perseguiu de tal modo, que os subelevados se debandaram, abandonando o seu chefe (E 19 2 HGC 54)
123. Apesar de todos os crimes de seu filho, ligando-se a todos os inimigos de seu pae para o vencer e desthronar (E 19 2 HGC 54)
124. Leogevido ainda lhe quiz perdoar, e vendo que o catholicismo tinha sido a causa de todas estas desordens, incubiu um bispo ariano de ir novamente catechisar Hermenegildo, o qual, bem longe de se converter, rompeu as invectivas contra o bispo, dando isto causa a que seu pae n'um arrebatamento de cólera o mandasse decapitar (E 19 2 HGC 54)
125. Não tinha o pae como rei o direito de punir um súbdito, que rebelando-se chamara em seu favor todos os inimigos do estado? (E 19 2 HGC 54)
126. Mir, rei dos suevos, que viera em socorro de Hermenegildo, morreu no cerco de Servilha, sucedendo seu filho Eborico (E 19 2 HGC 54)
127. Leogevido marchou contra o usurpador, que derrotou e venceu, mandando-o por fim metter n'um convento da Lusitania (E 19 2 HGC 54)
128. Por este modo ficou definitivamente senhor da Galizza, que assim juntou aos seus estados no anno de 585, não fazendo caso das pretensões de Malarico ao throno de rei dos suevos (E 19 2 HGC 55)
129. Mudanças de tal ordem nunca se podem fazer sem agitação n'um estado; mas Recaredo as superou pela sua prudencia e firmeza, vencendo igualmente os romanos (E 19 2 HGC 55)
130. Este soberano, a quem os historiadores hespanhoes chamam o bom rei Recaredo, morreu no anno de 601, sucedendo seu filho Liuva, decimo oitavo rei, a quem os assassinos tiram a vida, no fim de dois annos de reinado, tendo apenas vinte annos de idade, e promettendo ser tão bom rei quanto seu pae (E 19 2 HGC 55)
131. Wterico, o promotor d'este crime, foi eleito em seu lugar, sendo o decimo nono rei (E 19 2 HGC 55)
132. Cruel, e buscando fazer reviver a seita de Ario, o povo se sublevou contra elle, atacou-o em seu palacio onde o matou, arrastando-lhe pelas ruas o cadáver, que por fim foi sepultado fora das ruas de Toledo (E 19 2 HGC 55)

133. Tendo combatido os romanos com vantagem e apaziguado algumas revoltas no paiz dos vascões, morreu em Toledo, victma de moléstia, no anno 612, tendo apenas reinado dois annos (E 19 2 HGC 55)

134. Durante seu reinado submeteu os vascoes e os asturianos, que se lhe revoltaram, combatendo também com vantagem os romanos, que diligenciavam retomar a Bética e a Lusitania (E 19 2 HGC 56)

135. Fazendo florescer a religião, o commercio e as letras nos seus estados, morreu em Toledo em 621, dizendo uns que por ter sido envenenado, e outros por haver tomado em muito a dose de um remedio que os medicos lhe os receitaram (E 19 2 HGC 56)

136. Por não haver homem sem defeito, faz a este rei a censura de violentar os judeus e abraçar o christianismo, de que resultou saírem muitos para fóra da Hespanha, levando grossos cabedais (E 19 2 HGC 56)

137. Este soberano reforçou as leis (...) e expulsou os romanos inteiramente do Algarve, tendo assim durado setenta annos a sua nova estada na peninsula para onde do oriente tinha sido chamados por Athanagildo (E 19 2 HGC 56)

138. Suinthila pensava em tornar a corôa hereditaria na sua família, querendo associar ao governo seu filho Recimiro, apesar de ser creança, aludindo assim como já tinha feito outros antecessores (E 19 2 HGC 57)

139. Era então governador das Gallias godas um certo Sisenando, que aproveitando-se d'aquelas circunstancias para subir ao throno, chamou para este fim em seu auxilio Dagoberto, rei dos franceses (E 19 2 HGC 57)

140. Vindos este até Cæsarea Augusta, Suinthila leh saiu ao encontro; mas no momento do combate, viu-se abandonado pelo seu exercito, que proclamou o seu rival, tendo elle por esta causa de procurar a sua salvação na fuga (E 19 2 HGC 57)

141. Passando a simples particular, pouco tempo durou depois d'isto, morrendo de moléstia tranquillamente em Toledo (E 19 2 HGC 57)

142. Sisenando, vigésimo quinto rei dos godos, Contando Recimiro por vigésimo quarto, querendo desviar toda a irregularidade de que pudesse ser acusada a sua eleição, reuniu um concilio nacional em Toledo, que não só lh'a aprovou, mas até declarou Suinthila indigno da Corôa (E 19 2 HGC 57)

143. Foi n'este mesmo concilio (o quarto toledano), presidido por Santo Izidoro, que se redigiu o famoso corpo de leis chamado Forum Judicum, e em hespahol Fuero Juzgo, sendo esta a mais notável cousa do reinado de Sisenando, que segundo se crê, morreu de morte natural (E 19 2 HGC 57)

144. Tulga era muito moço, quando Chidasuindo, que comandava o exercito, não se conformando em estar subordinado a uma creança, se subleveu formalmente, aponderando-se do throno pela força, sem nada se lhe importar com os anathemas dos concílios, sendo elle o vigésimo oitavo rei (E 19 2 HGC 57)

145. Santo Idelfonso, que era seu contemporâneo, diz que este joven príncipe morrêra de moléstia no anno de 641, deixando o campo livre a Chidasuindo, que no fim de sete annos de reinado associou ao throno seu filho Rescevido, que no anno de 652, em que morreu seu pae, ficou reinando só, sendo elle o vigesimo nono rei (E 19 2 HGC 58)

146. mas a este acto elle com um raro exemplo de abnegação e desinteresse, recusando obstinadamente a realza para a qual fôra eleito (E 19 2 HGC 58)

147. Então um dos eleitores se lhe apresentou diante com a espada na mão, e pondo-lh'a sobre o pescoço lhe disse: se não promettes aceitar, esta espada fará justiça á tua teima (E 19 2 HGC 58)

148. Á vista de um voto tão geral e energicamente manifestado, Wamba aceitou finalmente, sendo ungido e coroado na igreja de S. Pedro e S. Paulo de Toledo aos 29 de setembro de 672, sendo elle o trigesimo rei dos godos (E 19 2 HGC 58)

149. Alem d'isto, o conde de Nimes, Hilderico, julgando ser essa uma ocasião favorável para se levantar com a Gallai gothica, constituindo-se com ella em soberano independente, também se sublevou (E 19 2 HGC 58)

150. Este porém, ganhando secretamente ao partido o conde Ranosino, que comandava em Terragona, com mais alguns chefes da referida província, sublevou-se igualmente com a Catalunha, e atravessando os Pyreneos, foi-se proclamar rei em Narbonna, reunindo em volta de si todos os descontentes que havia na Gallia gothica (E 19 2 HGC 59)

151. Misericordioso depois da vitória, generoso concedeu a vida a todos os rebeldes á sua pessoa, mandando livre para o seu paiz todos os estrangeiros (E 19 2 HGC 59)

152. Voltando em tempo opportuno das Gallias para a Hespanha, veiu entrar depois em Toledo como verdadeiro triumphador (E 19 2 HGC 59)

153. Mahomet, perseguido em Méca, sua pátria, tinha-se retirado para Medina, e havendo ali augmentado prodigiosamente o numero de seus discípulos, d'elles fez por fim outros tantos soldados (E 19 2 HGC 60)

154. Enquanto elle pela sua parte batia os persas e os romanos, os seus sectários haviam rapidamente conquistado a Syria e o Egypto, e estendendo o seu poder desde as margens do Eufhrates até as costas do Oceano Atlantico, altivos dominavam por toda parte setentrional da Africa, de que de fato estavam senhores, e portanto da Mauritania, exceptuando apenas Ceuta, com os territorios vizinhos (E 19 2 HGC 60)

155. Wamba fez então armar todos os seus navios, e atacando com elles os dos sarracenos, teve a fortuna de lhes tomar ou incendiar a maior parte d'elles (E 19 2 HGC 60)

156. Alguns julgaram que esta primeira tentativa dos mouros não foi inteiramente um acto espontaneo, dizendo que fora Ervigio quem os chamara contra a pátria (E 19 2 HGC 60)

157. Aproveitando-se poys d'este ato em que o pozera, fez-lhe assinar um acto, pelo qual designava a elle Ervigio para o seu successor, e depois de feito este acto lhe mandou raspar a cabeça e vestir um habito de monge (E 19 2 HGC 61)

158. No dia seguinte, quando Wamba se viu em tal estado, ficou admirado; mas achando-se rapado e só por este facto inhabil para tornar ao throno, desgraça que o teve por irremediável, como era pratica entre os godos, resignou-se á sua sorte, e confirmando livremente o que se lhe tinha pela traição e manha, foi effectivamente passar o resto dos seus dias n'um convento, perto de Burgos, morrendo no anno de 683 (E 19 2 HGC 61)

159. Pelo que fica dito vê-se que Wamba foi um príncipe digníssimo do throno e muito mais digno de viver entre outros, e alcaçar dos seus súbditos melhores recompensas, que as que lhe deram, correndo também para isso os cuidados, que empregou par reprimir a ambição (E 19 2 HGC 61)

160. Ervigio, trigesimo primeiro rei dos godos, tendo assim roubado a corôa a Wamba em 680, reuniu um concilio nacional em Toledo, que foi o decimo segundo toledano, no qual foi aprovada a sua nomeação, desobrigando os grandes do juramento de fidelidade, que tinham prestado a Wamba (E 19 2 HGC 61)

161. Ervigio, tendo derogado muitas leis, publicadas por seu antecessor, e dado liberdade a muitos senhores, punido em virtude d'ellas, entregando os bens de que tinham sido desapossados, e finalmente querendo assegurar a tranquilidade do reino, procurou para este fim um apoio na família do rei desapossado, dando em casamento sua filha Cixilona a Egica, sobrinho de Wamba, exigindo de seu genro a única promessa, a de defender sempre, quaisquer que fossem as circunstancias em que se achasse, a sua molher e seus parentes contra os inimigos (E 19 2 HGC 61)

162. Pouco tempo conservou Ervigio a corôa depois d'este facto, morrendo aos 15 de novembro de 687, designando seu genro para lhe suceder, como sendo a pessoa mais digna que para isso conhecia (E 19 2 HGC 62)

163. Effectivamente Egica foi quem lhe sucedeu como trigésimo segundo rei dos godos, principiando logo o seu reinado por esquecer a promessa que fizera ao sogro, repudiando Cixila, sua mulher, dizendo alguns que por conselho de Wamba seu tio, que ainda então vivia (E 19 2 HGC p. 62)

164. Egica, subindo ao throno, reuniu logo um concilio, perguntando-lhe a maneira de conciliar os dois oppostos juramentos que fizera (E 19 2 HGC 62)

165. Desde então o rei, aproveitando-se d'esta decisão, despojou de seus bens os parentes de sua mulher, e os perseguiu por todas as maneiras ao seu alcance (E 19 2 HGC 62)

166. Diversos e encontrados são os juízos que os historiadores têm feito de Witiza, a quem uns olham como sendo um execrável tyranno, e outros como sendo calumniado e representado com o dito character de tyranno pelos escriptores parciaes de Roma (E 19 2 HGC 62)

167. Acrescenta-se além d'isto que a mulher de Favila se tornara alvo das vistas amorosas de Witiza, o qual pelas suas proprias mãos lhe matara o marido, descarregando uma fortíssima paulada, a fim de não lhe por embaraço aos seus criminosos intentos (E 19 2 HGC 63)

168. Quando Theodoredos, apesar de seu desvio da corte, o rei pode por fim agarrá-lo, mandando-lhe tirar os olhos. Roderico, ou D. Rodrigo, como assim também lhe chamam,

filho do mesmo Theodored, imitando o exemplo de Pelagio, seu primo, evitou também pela fuga o cair nas mãos do perseguidor da sua família (E 19 2 HGC 63)

169. Não respeitando pois nem a vida, nem os bens, nem a honra dos subditos Witiza teve de reprimir no reino muitas sublevações, que contra elle apareceram (E 19 2 HGC 64)

170. Atacado por D. Rodrigo, o filho de Theodored, cujo partido engrossára prodigiosamente, Witiza foi por elle vencido e morto; outros ha porém que dizem ter morrido de molestia no duodecimo anno do seu reinado, ficando-lhe dois filhos ainda creanças, que foram Eba e Sisebuto (E 19 2 HGC 64)

171. Este soberado, achando o reino n'uma dissolução extrema, e dismantelamento geral das forças (...) em vez de buscar remediar estes males, mais acabou de enfraquecer e destruir o pouco que ainda restava dos laços governativos, não lhe servindo de exemplo a desgraça que elle proprio acarretára sobre seu antecessor (E 19 2 HGC 64)

172. Pela nossa parte também o assim o reproduziremos, porque a historia não se compõe só de verdades, havendo também occasiões em que se vê obrigada a transmitir o que está na crença publica (E 19 2 HGC 64)

173. Florinda entrava no numero das damas da rainha, e D. Rodrigo, vendo-a mettida n'um banho, por ella se tornou perdidamente amoroso (E 19 2 HGC 65)

174. Não podendo conseguir de bom grado o que d'ella pretendia, recorreu á violencia, obtendo por este meio o que nem pelos protesto de amor, nem pelos seus instantes rogos lhe fôra permittido alcançar (E 19 2 HGC 65)

175. Detestando o monarcha a quem servia, e não se julgando com forças bastantes para desthronar, pediu socorro aos mouros, aliados naturaes de todos os descontentes, prometendo-lhes ajuda-los na sua passagem pella Hespanha, sendo elle o proprio que abria o caminho (E 19 2 HGC 66)

176. E com effeito, franqueando-lhe as portas de Ceuta (praça que só depois de sete séculos foi novamente submettida ao dominio da penincla por um rei portuguez), e colocando-se elle mesmo á frente de mil e quinhentos homens, atravessou o estreito (E 19 2 HGC 66)

177. No meio de tudo isto pareceu facil a D. Rodrigo a destruição da revolta, mandando contra ella um parente seu por nome de Sancho, á frente de um exercito, que levantára á pressa, o qual foi de prompto derrotado pelos mouros junto de Tarifa, sendo morto o seu commandante o sobredito Sancho (E 19 2 HGC 67)

178. Os vencedores, correndo na cola dos vencidos, levaram sua destruição até Sevilha, que saquearam, retirando-se carregados de despojos opimos, passando depois para Africa (E 19 2 HGC 67)

179. No anno seguinte voltaram outra vez com maior regularidade e numero, e desembarcando novamente em Gibralta, ahi se fortificou a expedição e se dispoz definitivamente á conquista da peninsula, sendo igualmente acompanhada pelo perfido conde Julião (E 19 2 HGC 67)

180. D. Rodrigo, aindaque abandonado pela nação, diz ainda ter juntado um exercito de cem mil homens, á frente dos quais se collocou, marchando com elles ao encontro dos mouros (E 19 2 HGC 67)

181. (...) o irmão de Witiza, a quem elle fizera bispo de Toledo, tinha um importante comando no exercito de D. Rodrigo, e que nos mais forte combate, atraçoando também o rei e a pátria, se passára para o infieis, e que reunindo-se ao conde Julião, atacou de flanco o exercito de D. Rodrigo (E 19 2 HGC 67)

182. e aterrado não menos pela terrivel traição e defecção do bispo Oppas, começaram a fraquejar, seguindo-se depois a fuga, á qual o rei com seus cavaleiros debalde procurou obstar (E 19 2 HGC 67)

183. de sorte que em menos de três annos os árabes tornaram-se senhores de toda a Hespanha, estabelecendo em toda ella a sua auctoridade, acabando assim no fim de um tres de existencia o domínio e monarchia dos godos (E 19 2 HGC 68)

184. Quanto ao conde Julião não se sabe qual fosse o seu ulterior destino, ignorando se sobreviveu á desgraça da sua patria e em que categoria ficou entre os mouros (E 19 2 HGC 68)

185. O seu nome porém, coberto por tão feia mancha, não perecerá jamais, transmitindo-se de geração em geração, sempre infamado, tanto pela maldição dos contemporâneos, como da posteridade (E 19 2 HGC 68)

186. Tendo-se na peninsula tornado tão memorável o imperio dos godos, o qual depois de desmantelado, foi a pouco e pouco ressurgindo, até que por fim prevaleceu novamente no paiz, justo é que digamos agora alguma coisa sobre a origem de seu governo (...) vistoque dos godos é que a monarchia portugueza recebeu também o seu governo, legislação e costumes, sendo igualmente de raça goda, por sua mãe Thereza, o primeiro rei portuguêz (E 19 2 HGC 68)

187. É um facto que os primeiros effeitos da conquista de qualquer paiz por exercito estrangeiro são sempre os recíprocos e terriveis ódios, que repellem todas as ideas de boa harmonia entre o conquistador e o conquistado; mas com o tempo vão estas repugnâncias por tal modo desaparecendo (E 19 2 HGC 69)

188. Não admira pois que nos primeiro tempos das invasão os romanos nos pintassem estes povos com as mais negras cores, accusando-os de selvagem e homens ferozes, e portanto, segundo o costume geral, dando-lhes o nome de barbaros (E 19 2 HGC 69)

189. Ciosos da sua liberdade e independência, e detestando os romanos pela sua humilhação e subserviência, não só receiaram alliar-se ao principio com elles, mas até condenavam suas práticas e usos (E 19 2 HGC 69)

190. o tempo foi com a doçura do nosso ameno clima, amaciando cada vez mais, como já dissemos, rigidez dos seus costumes, e podendo calar no seu espirito, e vencer n'elles a sua natural repugnacia, trouxe-os por fim a melhor acordo, confundindo-se os conquistados com os conquistadores (E 19 2 HGC 69)

191. e trocando mais tarde a idolatria pela religião christã, combinaram a dureza e a rudez dos seus costumes, com a polidez e boa rasão das leis romanas; abandonando a sua vida errante, fixaram os seus lares no paiz da conquista, misturando-se por essa fórma com os antigos habitantes, e por conseguinte passando de vencedores a compatriotas (E 19 2 HGC 70)

192. Emquanto hereges, não se mostraram intolerantes; mas bem pelo contrario souberam ganhar o coração dos vencidos, respeitando, com muitas das suas leis, as suas crenças religiosas (E 19 2 HGC 70)

193. ... damos graças a Deus Todo Poderoso, e ao nosso glorioso rei Amalarico, rogando á divina clemencia, que o conserve por largos annos para que nos dê licença de fazer o que convém ao culto da fé (E 19 2 HGC 70)

194. assim tinha ido crescendo o clero nas Hespanhas, durante as multiplicadas oscilações do estado, medrando em pureza de costumes, em severidade da disciplina (E 19 2 HGC 71)

195. A comunhão catholica, que é o único meio de conservar a unidade da fé, serviu n'aquelle tempo para manter a pureza dos costumes e da disciplina, fazendo de todos os bispostestemunhas e censores da vida civil e religiosa de cada um (E 19 2 HGC 71)

196. Esta época foi portanto a da provação, seguindo-se a ella o tempo do descanso, depois de consolidado o imperio dos godos (E 19 2 HGC 71)

197. Depostas as armas, e resolvidos os godos a adoptarem a vida quieta e fixa no terreno, cuidaram logo em acautelar as rebeliões e usurpações ao throno, determinando a fórma e a cerimonia para eleição do rei, feita pelo voto das ordens distinctas do estado (E 19 2 HGC 72)

198. Sendo a guerreira a sua principal feição, já se vê que na escolha do rei o mais valente havia de ser sempre o preferido, e não poucas vezes os chefes, que o elogiavam, tomavam para si o direito de o exterminar, ou de o depor, e de eleger outro, chegando mesmo a haver usurpadores, que, sem esperar o voto da nação, se apoderavam do poder por meio da violencia (E 19 2 HGC 72)

199. Se o direito do mais forte era respeitado n'aquelles tempos, não admira que, constituidos em chefes de tribos muitos indivíduos, estes contrabalaçassem, e até mesmo anulassem a autoridade real, depondo-a, para elegerem depois quem os aprouvesse (E 19 2 HGC 72)

200. Eis-aqui pois os nobres d'aquelles tempos, e os que tanto imperio tiveram na nação gothica, a qual, sendo toda guerreira, como já dissemos, por força havia de ser governada militarmente, constituindo-se os generaes, e o supremo chefe do estado forçosamente em depositários de toda auctoridade e de todo o poder (E 19 2 HGC 72)

201. (...) postoque os poderes políticos continuassem a ser exercidos pelo rei e pelos magnates, havendo côrtes, ou antes assembleas, nas quaes entravam os condes e os duques como governadores de diferentes cidades e províncias (...) constituindo também a curia palatina (E 19 2 HGC 72)

202. E porque Suinthila quiz associar ao throno o seu filho Racemiro, habilitando-o para lhe succeder, foi deposto, sendo muito feliz em acabar tranquilamente a vida (E 19 2 HGC 73)

203. Parece ter sido a justa reciprocidade que, tendo dado quinhão aos seculares nos negócios da igreja, os clérigos vieram a tomar posse no negocio do estado (E 19 2 HGC 73)
204. Operou-se esta grande mudança logo que el-rei Recaredo abraçou o catholicismo, devendo-se talvez a ella a inteira fusão dos godos com os hespanhoes, acabando-se assim a disparidade que até então dividia uns com os outros (E 19 2 HGC 74)
205. Este apoio o julgou elle ter nos catholicos, aceitando o christianismo ortodoxo, e fazendo que os senhores o imitassem (E 19 2 HGC 74)
206. No mez de maio de 586, ou segundo os outro 590, se abriu este grande concilio nacional, comparecendo n'elle o rei com todos os bispos e muitos cleros (E 19 2 HGC 74)
207. Em seguida apresentou por escrito a sua protestação de fé (...) recheada com erudição de um theologo, e ostentando em cada período o entusiasmo de um recém-convertido (E 19 2 HGC 75)
208. Após el-rei todo o clero ariano, cuja ceita elle até ali seguia, e os senhores godos, abjuraram também os seus erros e confessaram a verdade da fé catholica, assignando todos a sua confissão (E 19 2 HGC 75)
209. Recaredo, não contente com o que tinha feito, quis encetar as funções de rei catholico, auctorizando o concilio para comminar penas, prohibir o que não se deve fazer (E 19 2 HGC 75)
210. Por outro lado acreceu também que, sendo a nomeação ou eleição dos bispos feitas pelos principes, entenderam estes que o espirito aulico devia predominar nos eleitos, e que frequentando estes assiduamente a corte, a sua condescendência não podia ser duvidosa para com as vontades e desejos do imperante (E 19 2 HGC 75)
211. Com estas vistas e crenças pozeram os reis godos a maior diligencia em convocar os concílios, já com relação a toda nação e já com relação a toda província, confessando pela sua parte os bispos serem convocados pela voz e mandado do rei (E 19 2 HGC 75)
212. o governo dos godos ficou desde então por diante propodendo não pouco para teocracia, constituindo-se aquelles concílios em juizes dos reis, formulando-se n'elles as leis da sua elevação ao throno e o cerimonial da sua enthronisação (E 19 2 HGC 76)
213. A historia d'aquelle tempo oferece incessantes casos de conspirações contra os reis, uma bem, outras mal succedidas, sendo muito notável achar-se sempre o clero da parte do vencedor, excluindo os legítimos soberanos e sempre condescendentes para justificar quantas usurpações se lhe apresentavam (E 19 2 HGC 76)
214. Sisenando, usurpando o throno a Suinthila, convocou no anno 622, o quarto concilio toledano, o qual não só justificou a violencia, mas até excumulgoou o rei deposto (E 19 2 HGC 76)
215. Chintila, successor de Sisenando, convocou o quinto e sexto concilio toledano, julgando que por este meio se conservaria mais seguro ao throno, mediante seu apoio (E 19 2 HGC 76)

216. Seu filho Recesvindo, temeroso ainda da usurpação de seu pae, convocou o oitavo concilio toledano, o qual, acomodando-se aos intentos do príncipe, aboliu o capitulo segundo (E 19 2 HGC 77)

217. Ervigio, desthronando pela fraude o rei Wamba, convocou o décimo segundo concilio toledano, que de prompto o justificou da pérvida conduta que tivera (E 19 2 HGC 77)

218. Vê-se portanto que em todos os negócios publicos se deu ao clero uma funesta superioridade, da qual elle se serviu para no decimo setimo concilio toledano, celebrado em 694, rasgar as condições de sua primeira admissão, ordenando que nos primeiro tres dias em que se haviam de tratar de materias da fé e disciplina, não fossem os seculares admittidos no concilio (E 19 2 HGC 78)

219. a tolerância dos invasores para com elles foi tal, que fizeram ordenar um código, compilado do romano, conhecido geralmente pelo nome de Breviário-ariano, publicado na cidade de Aire na Gasconha aos 2 de fevereiro de 506, estendendo-se a sua observância em outros paizes por muito mais tempo do que se observou na Hespanha, porque em 657 o aboliu Recesvindo, substituindo o código visigothico, de que resultou confundir-se por este meio a legislação goda com a romana (E 19 2 HGC 78)

220. os indivíduos que nas suas mão, os tinham similhante governo, eram os que administravam a justiça no seu districto; dos inferiores recorria-se para os duques ou condes, admittindo-se também n'alguns casos recurso para os bispos (E 19 2 HGC 80)

221. O códex legum ou lex Wisigothorum, é escripto em latim, contendo doze livros, subdivididos em differentes títulos á maneira de Justiniano (E 19 2 HGC 80)

222. Sendo o mais philosophico e bem ordenado dos da meia idade, muitos jurisconsultos lhe têm feito decididos elogios (E 19 2 HGC 80)

223. Já vimos como a desmoralisação de costumes que levára o imperio romano á sua total decadência, conduzíra o dos godos á sua ultima ruina, passando os vícios dos reis a contagiar todos os demais indivíduos das diferentes classes da sociedade (E 19 2 HGC 80)

224. As cidades eram habitadas por uma raça hybrida, resultante da aliança entre o antigos colonos romanos, os restos dos carthaginezes e os indígenas, vindo-se com estes misturar depois os godos, os alanos e os vândalos (E 19 2 HGC 81)

225. Mousa expedira para a Hespanha como seu logar tenente a Tarik-Bem-Zeyad, cujo exercito era geralmente formado de berberes ou africanos, que os arabes tinham certo ciúme ou rivalidade, sendo Tarik um chefe berber (E 19 2 HGC 81)

226. Mas Tarika não podia nem quiz mesmo obedecer, porque tendo atacado e batido os godos, que se tinha reunido em Ecija, sobre as margens de Xenil, era evidente que sua demora lhes daria logar a reorganizarem-se e a expo-lo assim a perder os fructos de sua victoria (E 19 2 HGC 81)

227. Entretanto Mousa, desembarcado em Algeciras, esforçou-se por eclipsar a gloria de Tarik, e tendo-se assenhoreado de Carmona, tomou Sevilha (E 19 2 HGC 81)

228. Remontando o curso do Guadiana, Mousa chegou a Merida, que igualmente tomou, dirigindo-se para Toledo, depois de outras mais conquistas (E 19 2 HGC 81)

229. N'aquella cidade destituiu o comando das suas tropas a Tarik, com quem depois se reconciliou ou fingiu reconciliar-se, dando-lhe outra vez o referido comando, de que resultou habilita-lo no prosseguimento das novas conquistas (E 19 2 HGC 82)

230. Mas Tarik e Mousa, tendo feito suas representações ao califa Abd-el-Meleck, este mandou chamar a ambos, ficando entretanto governando a Hespanha Abdelazir, filho de Mousa, sendo depois morto por ordem de Solimão, successor de Abd-el-Meleck (E 19 2 HGC 82)

231. Já no tempo de Witiza Pelagio se fôra refugiar nas serranias da Cantabria, ou na celebrada serra da Covadonga, e para esse mesmo ponto se dirigiu igualmente depois daquella batalha, reunindo em volta de si todos os christãos, que para lá também foram buscar abrigo (E 19 2 HGC 82)

232. Dizem alguns que Alahor, no apogeu da gloria dos seus subordinados, buscára tentar fortuna para além dos Pyreneos, invadindo a França pela Gallia Narbonnense (E 19 2 HGC 82)

233. mas n'esta empreza, se por ventura a tenou, foi por certo mal sucedido, cujos desatres, reunidos com o decurso do tempo, animaram os refugiados nas Asturias a invadirem o paiz mulçumano, indo-se successivamente estendendo até ganharem Cangas de Onis (E 19 2 HGC 82)

234. Sem dúvida por algum desastre, recebido n'estas suas incursões, tiveram de negociar com os mouros, figurando entre os reféns, que lhe deram como garantia de suas promessas, o illustre Pelagio, o qual escapando-se em Cordova, foi reanimar a coragem dos cristão á frente dos quaes se colocou (E 19 2 HGC 82)

235. Alahor mandou contra elle um exercito comandado por Alkamarh; mas pelagio esperando-o em embuscada com suas forças, a maior parte dos quaes se esconderam na famosa caverna de Covadonga, o derrotou completamente, ficando os mouros tão sentidos das perdas que ali tiveram (E 19 2 HGC 83)

234. um dos capitães de Mousa e Tarik, homem digno por muitos títulos, o qual depois de ter organizado a administração publica na península e fundado n'ella uma marinha de guerra, cujo chefe teve o nome de amir-el-ma, ou príncipe da agua, d'onde manifestadamente vem o nome de almirante, passou de novo a conquistar a Gallia Narbonnense, como affeituou, e remontando o curso Rhodano, saqueou todo o paiz até Borgonha (E 19 2 HGC 83)

235. Avançando depois pelo Garona até á Aquitania, foi por certo a Tolosa (E 19 2 HGC 83)

236. A este amir outros lhe succederam, todos elles teimosos em dirigir as suas armas contra a França, e exultando destas prolongadas lutas fortificar-se cada vez mais, e successivamente engrandecer-se o reino das Asturias (E 19 2 HGC 83)

237. D. Affonso I, não podendo conter a defensiva, estendeu o reino das Asturias até á Biscaya, e voltando-se de pois para o oeste, veio sobre a Galliza, constituindo-se o terror dos muçulmanos (E 19 2 HGC 84)

238. tendo reinado dezoito annos, sem que durante elles deixasse de fazer a guerra aos mouros, morreu em 757, succedendo por eleição os godos, D. Fruela ou D. Fruila seu filho (E 19 2 HGC 84)

239. Defendendo-se valentemente dos serracenos, este rei teria feito por muito mais tempo a felicidade dos seus subditos a não ser o seu genio violento (E 19 2 HGC 84)

240. e esta povoação foi a que com o tempo se constituiu a capital da monarchia, dando-lhe exclusivamente o seu nome (E 19 2 HGC 85)

241. Aurelio tinha uma irmã chamada Adosinda, que outros dizem ser filha de D. Affonso I, a qual casara com o senhor chamado Silo, sendo este o que fôra eleito pelos godos como successor de Aurelio (E 19 2 HGC 85)

242. Algumas desordens na Galliza, as unicas que alteraram a paz d'este reinado, foram prontamente sossegadas, morrendo Silo em 783, nove annos depois de ter occupado o throno (E 19 2 HGC 85)

243. a magnanimidade e clemencia d'este soberano brilharam n'aquella epocha de barbaridade e ignorância, pois D. Bermudo, associando ao seu governo o filho de D. Froila I (E 19 2 HGC 85)

244. enquanto o moço D. Affonso não alcançava ter por si o affecto de seus subditos, n'elle renunciou a corôa apenas o viu n'este caso, voltando á vida eclesiástica, o que não só era o contrário aos cânones recebidos na Hespanha, mas igualmente ao seu estado de casado (E 19 2 HGC 85)

245. começou no terceiro anno do reinado de Affonso II, denominado o Casto, por não ter tomado estado durante seu longo reinado por mais de meio século, a tornar-se novamente hostile aos muçulmanos, recommençando a guerra em 798, durante a qual o mesmo D. Affonso II dizem ter feito hastear triumphantes as suas bandeiras desde as margens do Douro até o Tejo, tomando aos Muros Lisboa (E 19 2 HGC 85)

246. Famoso este soberano na paz e na guerra, foi elle quem transferiu a capital dos seus estados para Oviedo, que adornou com igrejas e paços reais, trocando o titulo de rei das Asturias pelo de rei de Oviedo (E 19 2 HGC 86)

247. O que era inteiramente prohibido era a entrada dos christãos nas mesquitas dos mouros e o dizerem mal de Maomet, sendo-o igualmente a construção de novas igrejas e o pôr-se embaraço aos que porventura quisessem abraçar o islamismo (E 19 2 HGC 85)

248. No que toca ao governo civil, permitiu-se-lhes igualmente regerem-se pelas suas leis, seguindo as praticas do seu foro, tendo para este fim, não só os ministros inferiores, mas até o supremo magistrado com o titulo de conde (E 19 2 HGC 86)

249. Este cargo porem não era vitalício, vendo-se eleitos alguns d'estes condes, sendo ainda vivos os seus antecessores (E 19 2 HGC 86)

250. Além d'isto os mesmos christãos tinham também os seus juizes e advogados como era preciso para expedição dos processos, devendo portanto advertir-se que muitos dos insultos feitos aos christãos, vieram das provocações que elles mesmo faziam aos moutros (E 19 2 HGC p. 86)

251. Nem admira que isto assim acontecesse, vendo-se affluirem a Cordova, no tempo em que brilhava a litteratura arabe como capital do imperio seraceno (E 19 2 HGC 87)

252. Tributos havia que se pagavam aos mezes e por cabeça, havendo também outros de character certo e extraordinário, alem dos que se pagavam ás igrejas e mosteiros (E 19 2 HGC 87)

253. A D. Ramiro succedeu seu filho Ordonho I, sendo este soberano o que ganhou aos mouros a batalha de clavijo, e o que engradeceu novamente o reino de Oviedo, tomando Coria, Salamanca e outra povoações desde 850 até 866, em que morreu (E 19 2 HGC 87)

254. As expedições d'este soberano, a quem justamente se deu o titulo de Grande, tiveram logar desde 877 até 901, vindo a morrer em 910, depois de ter melhorado a administração interior dos seus estados, que reparou, levantando importantes fortificações nas fronteiras d'elles e aos quaes fixara definitivamente os limites (E 19 2 HGC 88)

255. Seguiu-se-lhe seu filho D. Garcia, o primeiro que tomou o titulo de rei de Leão, o qual morreu em 913, sucedendo-lhe seu irmão Ordonho II em 914, reinando dez annos (E 19 2 HGC 88)

256. Subiu ao throno D. Froila II, que apenas reinou um anno e dois mezes, sucedendo-lhe em 925 D. Affonso IV. (E 19 2 HGC 88)

258. Por abdicação de D. Affonso IV subiu ao throno no anno de 931 D. Ramiro II, estendendo-se por meio d'elle as suas conquistas, que conservou e povoou, dotando ao mesmo tempo algumas igrejas, entre as quaes se contra o mosteiro de Lorvão, que d'elle teve duas doações (E 19 2 HGC 88)

259. (...) por isso teve que em 984 o rei de Leão teve de abandonar a sua recente capital, e até mesmo Ostorga, retirando-se novamente ao abrigo das serras, por não se se julgar capaz de se oppor em campo aberto aos inimigos do nome christão (E 19 2 HGC 88)

260. Até este ponto as forças contrabalançavam-se entre os contendores, que ora vencedores, ora vencidos por um largo espaço, perdendo ou recuperando sucessivamente terras e fortalezas (E 19 2 HGC 89)

261. A D. Ramiro III succedêra-se D. Bermudo II, em cujo reinado continuaram a sentir-se os pesados desastres das armas christãs, correndo as dos mussumulmanos victoriosas e altivas por Leão, Castella e Galliza, cujo campos foram por toda parte, até a beiramar, terrivelmente talados e devastados, parando Almansor, o auctor de todos esses males, pelo lado do sertão (E 19 2 HGC 89)

262. O reinado do dito Bermudo, apelidado o Gotoso, foi portanto uma epocha de continuada amargura, tanto para elle como para os seus subditos, vendo-se os territórios christãos por toda parte assolados pelos infieis (E 19 2 HGC 89)

263. e as mais belas cidades por elles igualmente dismanteladas, tal como Leão, destruída por Almasor, que no anno de 987 fez o mesmo a Coimbra, que deixou inteiramente deserta, mandando-a elle mesmo repovoar de serracenos, passados sete annos (E 19 2 HGC 89)

264. Morrêra o terrivel Almansor no anno de 1002, depois de uma crua batalha dada contra os mesmos christãos, e em que a victoria ficou indecisa para uns e outros, sucedendo-lhe seu filho Abd-el-Malek Al-modhaffer, o qual pela sua parte continuou a guerra em que seu pae se empenhara contra os reis de Leão (E 19 2 HGC 89)

265. guerras civis, que deram em resultado o acabamento da dynastia dos Ommyadas, mas igualmente destruíram em 1016 a unidade do imperio arabe, que dividindo-se por esta causa em pequenos estados independentes, taes como Sevilha, Toledo, Merida, Saragoça, Cordova e Badajoz, mais facilmente poderam ser batidos pelas armas dos christãos (E 19 2 HGC 90)

266. Foi esta honrosa lide a causa da sua morte, porque tendo passado o Douro em 1027, e vindo por cerco a Vizeu, foi mortalmente ferido por um virote, arremessado pelos sitiados, quando discorria em volta dos muros da cidade (E 19 2 HGC 90)

267. Levado á sua tenda n'ella expirou dentro de pouco tempo, correndo já o anno de 1028 (E 19 2 HGC 90)

268. A isto se oppoz com vigor seu cunhado, D. Fernando I, rei de Castella, saindo-lhe ao encontro com um exercito, reforçado por outro de seu irmão Garcia (E 19 2 HGC 90)

269. ali se travou uma batalha, em que se praticaram gentilezas de armas, e na qual o mesmo D. Bermudo III foi morto ás mãos de seu proprio cunhado D. Fernando I, segundo affirmam uns, ou ás de D. Garcia, segundo dizem outros, acabando n'elle por tão desastrada maneira a dynastia varonil dos antigos reis de Leão (E 19 2 HGC 90)

270. Desde que Luiz, rei da Aquitania, e filho de Carlos Magno bateu os arabes na França, onde se pretendiam estabelecer, como já vimos, perseguindo-os para aquém do Pyreneos, e tomando-lhe Pamplona em 806, as terras, que então conquistara, forão organizadas por elle n'um governo ou província, dependente da Aquitania, como o nome de Gothia, governo que não progrediu na sujeição da França, passando em vez disso para as Asturias, que para ali mandava os seus respectivos governadores (E 19 2 HGC 91)

271. O mesmo rei de Navarra D. Garcia D. Sancho, dividiu por sua morte os seus estados pelos seus três filhos, sucedendo-lhe a Navarra D. Garcia, o mais velho d'elles, o condado de Aragão ficou com D. Ramiro, emquanto que o de Castella, com parte adquirida no reino de Leão ficou com D. Fernando (E 19 2 HGC 91)

272. Eis que pois el-rei D. Fernando I de Leão, apelidado o Magno, que por morte e falta de succeção de el-rei D. Bermudo, e também por ser casado com a infanta D. Sancha, irmã e herdeira do mesmo D. Bermudo, veiu a suceder-lhe na outra parte de Leão em que o falecido reinara, reunindo assim nas mãos de um só soberano os dois estados de Leão e de Castella (E 19 2 HGC 91)

273. O mesmo D. Fernando I, aproveitando-se habilmente das dissensões e guerras civis do imperio de cordova, augmentou consilideravelmente os seus domínios á custa dos infiéis, que invadiu, apossando-se em 1057 de Vizeu, Lamego, Tarouca e outro logares fortes, inclusivamente Coimbra, que no seguinte anno lhe rendeu, constituindo em condado o districto d'esta cidade (E 19 2 HGC 92)

274. D. Fernando Magno, seguindo o exemplo de seu pae (mas mal exemplo pelas funestas consequencias que teve) dividiu também por sua morte os seus estados entre o seus três filhos, dos quaes D. Affonso lhe succedeu no reino de Leão, D. Sancho no de Castela, e D. Garcia no de Galliza, que então parecia se estender até Mondego (E 19 2 HGC 92)

275. Os filhos de D. Fernando Magno, cuja morte tivera lugar em 1065, desviando-se reciprocamente, recorreram ao emprego das armas, de que resultou ser D. Affonso vencido e obrigado por seu irmão a cogula de monge no convento de S. Facundo, d'onde pôde fugir para Toledo, acoitando-se á proteção do generoso Al-mamon (E 19 2 HGC 92)

276. O mesmo D. Sancho, pretendendo privar sua irmã D. Urraca do senhorio de Zamora, que D. Sancho passeiava só e descuidado em frente aos muros da cidade, tomou a resolução de sair da barreira a toda brida, e indo encontrar-se com o rei de Castella, o derrubou de uma lançada, recolhendo com tal rapidez á cidade, que não pode ser alcançado (E 19 2 HGC 92)

277. D. Affonso, sendo imediatamente avisado por sua irmã, apressou em vir a Zamora, depois de ajustar paz e aliança com o generoso Al-mamon (E 19 2 HGC 93)

278. Ali foi logo reconhecido como rei de Leão, Castella e Galliza, sendo bem conhecido pelo nome de D. Affonso VI, começando este seu segundo reinado no anno de 1073, como senhor único de todos os differentes estados que fôra de seu pae (E 19 2 HGC 93)

279. e sendo já morto o amir Al-mamon, pôde em 1085 tomar Toledo, cidade que, abaixo de Cordova, era a mais importante da Hespanha (E 19 2 HGC 93)

280. Derrotados estes, de continuo chamaram de Africa para seus auxiliares os mouros almoravides, nova ceita de mafoma, recentemente levantada na Berberia, cujas as armas vencedoras n'aquelle paiz tão fataes se tornaram para o christãos da Hespanha, não o sendo menos para os que para cá os chamaram, e a quem reduziram á condição de vencidos, obrigando-os assim a um arrependimento tardio, que frequentemente os levou a aliarem-se com os christãos (E 19 2 HGC 93)

281. D. Affonso VI foi em 1093 pô o cerco a Santarem, que tomou aos mouros, seguindo-se depois Lisboa e Cintra, de que resultou estender então as fronteiras do reino até a margem direita do Tejo (E 19 2 HGC 93)

282. Sendo godos os reis das Asturias, goda a sua corte, e godos igualmente todos os principaes senhores de seus estados, bem como o restando de seus subditos, é bem fácil de ver que tanto seu governo, como a sua legislação não podiam ser differentes das que tinha recebido de seus maiores (E 19 2 HGC 94)

283. Uma das inovações ocorridas, e seguramente de grande importância, foi a succeção da corôa, que sendo electiva até o século x, começou desde então perder esta qualidade tomar a

de hereditariedade, chegando, como acima se viu, a haver casos dos reis disporem dos seus estados como se fossem patrimônios seu, dividindo-os entre os seus filhos (E 19 2 HGC 94)

284. Os concílios continuaram a ser convocados pelos reis para a determinação dos negocios graves, sendo compostos de bispos e magnates, não permitindo as circunstancias do paiz que a sua convocação fosse tão geral (E 19 2 HGC 94)

285. Concilios ou juntas que fossem, sendo presididos pelo rei, não podem deixar de olhar-se por outra maneira, que não seja a de se terem na conta de serem de verdadeiras assembleias nacionais, exercendo como taes as funcções da soberania (E 19 2 HGC 95)

286. Foi no concilio de Leão em 1020 que se estabeleceu o regimento d'estas assembléas, determinando-se que em primeiro logar se tratassem de negocios eclesiásticos, depois os do rei e da politica, seguindo-se os do povo e, por ultimo os do cidadãos, salvos os casos em que se convocavam para um fim determinado, como o da coroação e enthronisação do novo soberano, acto que sempre se fazia com a maior pompa e solemnidade até mesmo a cerimonia de unção (E 19 2 HGC 95)

287. Nas proprias doações ou escripturas regias, começaram-se também a admittir os homens de inferior condição, os quaes assignavam como testemunhas, enquanto os prelados e os magnates assinavam confirmando (E 19 2 HGC 95)

288. O certo é que o clero e os bispos adquiriram pela sua parte maior auctoridade e poder durante o imperio dos reis de Leão do que tinham anteriormente, recebendo d'elles altos e elevados empregos, alheios não poucas vezes das funcções do seu ministério (E 19 2 HGC 96)

289. Concorreram também muito para o augmento da auctoridade sacerdotal as largas doações feitas aos bispos, tanto pelos reis, como pelos senhores, consistindo em terrenos e fructos, não sendo menos generosos para com os mosteiros e igrejas que bem lhe pareciam (E 19 2 HGC 96)

290. Foi por este meio que se fundaram muitas d'essas igrejas e mosteiros, que desde então appareceram dotados de largas e exorbitantes rendas, tendo-se taes fundações como obra meritoria para com Deus e um excellente meio de remissão de pecados e supprimento da pennitencia canônica (E 19 2 HGC 96)

291. não me admira que os reis e todos os poderosos olhassem como prova de boa moral e maxima de grande virtude, o de fazer ás igrejas desmedidas doações, d'onde accumulção das riquezas se viu reunir a grande importância politica de que os bispos e os prelados, incluindo os das ordens regulares, já ali se desfructavam (E 19 2 HGC 96)

292. e foram também grandes as vantagens concedidas aos mosteiros, o que muito concorreu para sua grande multiplicidade, figurando em Portugal como os mais notáveis os do districto do Porto e Coimbra (E 19 2 HGC 96)

293. Até o final do século XI não tiveram regra fixa, observando alguns a que S. Fructuoso lhes dera até que no concilio de Coiança se sujeitaram á de S. Bento (E 19 2 HGC 97)

294. Os fundos d'estas casas eram terras com escravos ou colonos, que se direito não estavam ligados ao terreno, estavam-no pelo menos de facto, tudo isto por effeito das doações que lhe fizessem os bispos, os reis, os grandes, e até mesmo o povo e os mouros, reconhecendo sempre algum padroeiro particular (E 19 2 HGC 97)

295. Muitas d'estas casas começaram por pequenas igrejas ou ermidas, que o proprietario de uma terra levantava para n'ellas assistirem aos officios religiosos os seus respectivos colonos ou escravos, e tomando o nome titular a invocação de um santo, a ellas se anexavam as pequenas povoações vizinhas (E 19 2 HGC 97)

296. Algumas vezes succedia que os presbyteros que ali officiavam eram os mesmos proprietarios dos respectivos terrenos, os quaes, tomando o habito de monge, e agregando a si algum companheiros, davam por este modo logar á formação de um novo mosteiro ou asceterio. (E 19 2 HGC 97)

297. eram frequentes vezes levados a esta fundação os proprietarios seculares do terrenos, que em tal caso faziam que se considerassem como propriedade do fundador, perpetuando-se depois por testamentos ou successão nas suas respectivas famílias (E 19 2 HGC 97)

298. O decurso do tempo fez extinguir muitas d'estas casas, de outras formaram-se parochias, sendo a maior parte d'ellas absorvidas também pelos grandes mosteiros (E 19 2 HGC 97)

299. Estes, aindaque cedendo terreno aos ecclesiásticos, houvessem tomado para si um papel de segunda ordem nos negocios do estado, comtudo as honras e as riquezas de que haviam gosado no antigo imperio dos godos continuaram a ser d'esta classe o exclusivo apanágio (E 19 2 HGC 98)

300. Tendo os reis de Leão de ganhar á ponta da espada o terreno do seu imperio sobre o do imperio dos mouros, claro está que os homens eminentes da carreira militar, e que poderosamente os auxiliavam em similhante empreza, reunindo também com esta uma outra circumstancia de não menor importância (...) não podiam ficar esquecidos na côrte (E 19 2 HGC 98)

301. Foi por isso que esses homens eminentes se viram frequentemente chamados pelos reis, a fim de com elles deliberarem sobre os mais importantes negocios do estado, o que fizeram assinando e confirmando os respectivos diplomas (E 19 2 HGC 98)

302. Entre estes porém sobressaiam e tinham o primeiro logar os condes, alguns dos quaes residiam na côrte, fazendo corpo com magnates (E 19 2 HGC 98)

303. mas pela maior parte governavam diversos districtos com auctoridade de vice-reis, como se vê da que por D. Fernando Magno foi dada a Sisnando, quando o deixou governando o districto de Coimbra (E 19 2 HGC 98)

304. Este facto, de nós bem conhecido, prova exuberantemente, que assim como no antigo tempo dos visigodos os reis de então se viram obrigados a dar aos condes uma tão illimitada jurisdicção, porque tendo de se recolher á capital de seu reino, forçoso era que deixasse nos seus mais afastados districtos, delegados seus (E 19 2 HGC 98)

305. Uma outra entidade nobre appareceu n'esta segunda época, foi a de alvazil, denominação mourisca, que outras vezes se substitui pela de consul, expressões que o já citado conde D. Sisnando também arrogou para si, parecendo assim que a autoridade d'esta nova entidade era a mesma que os condes e os duques tinham, dando-se muitas vezes á mesma pessoa ora o nome de duque, ora o nome de conde, ora o de avazil, ora o de cosul (E 19 2 HGC 99)

306. Estas eram exactamente as visigothicas, citadas a cada passo, tanto nas juntas ou concílios, como nas escripturas de contrato e decisão de litígios, onde muitas vezes se citam especificamente as leis do código visigothico, designando título e livro, código que veio acabar no fim do século XI, sendo então substituído pelo direito romano (p. E 19 2 HGC 100)

307. não era possível que o valor dos chefes, immediatos ao rei, por tantas vezes provado nos campos e nas batalhas, tivesse uma consideração muito inferior á do mesmo rei, de quem frequentes vezes se constituíam rivaes, competindo com elle e igualando de facto as suas attribuições e poder (E 19 2 HGC 100)

308. Tal é a origem dos chamados fóros de Leão, e outros que se foram estendendo ás Asturias e Galliza (E 19 2 HGC 100)

309. Estas penas, inclusivamente as do homicídio, eram pecuniárias e formavam uma boa parte das rendas do fisco, pertencente a sua cobrança ao saião do rei, havendo além d'estes, outros mais tributos, pertencentes ao soberano (E 19 2 HGC 100)

310. nos seus estados assumiam as mesmas funções e auctoridade, e assignando igualmente debaixo da fórma de regnante, deram-se por fim o cuidado de alçar a hereditariedade de seus estados (E 19 2 HGC 101)

311. pelo menos com relação aos grandes senhores, o governo feudal, não tendo rei á sua parte mais que um feudo, de consideração e regalia maior que a dos seus condes, muitos dos quaes se levantavam contra elle, como já fizemos ver (E 19 2 HGC 101)

312. Este foi estabelecido com o andar dos tempos, e pela força das cousas, e aquelle foi compilado pela auctoridade do homem sobre os costumes e a tradição, e quando o governo feudal já rapidamente caminhava para sua decadência, dando logar ao estabelecimento da realza feudal (E 19 2 HGC 101)

313. E consta finalmente que, estabelecido geralmente o governo feudal, e acostumando-se cada senhor a respeitar os direitos do senhor vizinho, para este igualmente lhe respeitar os seus, havendo uma como confederação feudal, cessou a necessidade da força particular (E 19 2 HGC 102)

314. e com ella acabaram todas as doces atenções de que os villãos tinham até ali sido o objeto, convertendo-se para estes o governo feudal em calix de amargura, bebido debaixo do jugo de ferro (E 19 2 HGC 102)

315. e quando acabou, é seguramente o que ninguém poderá fazer, porque começou pouco a pouco, indo-se organisando até ao seu mais completo estado, segundo as circumstancias occorrentes, e do mesmo modo se foi também perdendo, d'onde veio que alguém lhe suppozesse uma origem immemorial (E 19 2 HGC 102)

316. ficou consagrada a obra da instituição, pertencendo ao seu ulterior desenvolvimento unicamente ao tempo e aos costumes, que trouxeram consigo o engrandecimento e a independência dos senhores (E 19 2 HGC 102)

317. menos nos últimos quarenta e seis annos d'este período, nos quaes Filippe Augusto e seu filho, reconquistando quase todos os feudos dos normandos, e chamando á obediência os grandes vassallos, foram trocando o governo feudal n'uma monarchia (E 19 2 HGC 102)

318. No tempo dos godos a primeira divisão das pessoas civis era a de servos e ingênuos, entendendo-se por este segundo termo tanto os homens livres como os libertos (E 19 2 HGC 103)

319. Já se vê que os godos admittiam a escravidão, não sendo a este respeito menos crueis que os romanos (E 19 2 HGC 103)

320. Os escravos não eram proprios para contratar por seu motu proprio, não tendo ordem dos senhores, nem a sua voz podia valer em juízo, quando fossem autores (E 19 2 HGC 103)

321. Os senhores, perdendo pouco em elevar estes á condição de libertos, lisonjeavam-se com o titulo de patronos (E 19 2 HGC 104)

322. A isto acrescia mais que a liberdade por elles dada podia ser com essas restricções, chegando mesmo a estado de poder ser revogada (E 19 2 HGC 104)

323. A vantagem que os libertos conseguiam dos patronos, e a obrigação da milícia a certa classe de cidadãos, fizeram com os homens ingênuos, mas pobres, buscassem o patrocínio dos poderosos d'elles haverem as armas e o sustento de que precisavam, formando assim uma comitiva ou equipagens nas expedições da guerra, sujeitando-se á uma condição semelhante a dos libertos (E 19 2 HGC 104)

324. e d'este facto resultou achar-se desde então o povo com o rebanho sem pastor, ou nas povoações onde os mouros dominavam, ou nas montanhas para onde muitos tinham fugido, sendo-lhes em qualquer um dos casos forçoso buscar em si e nos seus próprios remedio para os males que ameaçavam (E 19 2 HGC 105)

325. Os nobres, afugentados dos seus lares para refugiarem-se nas Asturias, tinham forçosamente perdido uma grande parte do seu orgulho senhorial, achando-se sem fortuna, nem meios de os sustentar (E 19 2 HGC 105)

326. Os membros da classe servis, que n'esta luta de sangue se mostrassem fieis á pátria e aos bons senhores, indo-se ligar aos refugiados, ou sós, ou com seus ditos senhores, forçosamente haviam de ser considerados e afagados (E 19 2 HGC 105)

327. Do reforço a tudo isto veiu finalmente o inevitavel esquecimento da rigorosa observância das leis, usos e costumes do antigo imperio dos godos, como não podia deixar de ser no meio do cataclysmo geral, que lançara tudo n'um incerto e tumultuário, obrigando todos a uma crua e incessante guerra, com seculos de duração (E 19 2 HGC 106)

328. já nos antigos documentos do século IX, especialmente nas doações feitas ás igrejas, se encontram assignadas como testemunhas pessoas de inferior condição, como já dissemos, porque quanto aos prelados e magnates, esses assignavam confirmando (E 19 2 HGC 107)

329. Assim se uniram elles e se associaram, aparecendo por ultimo em muitas terras, creadas por sua escolha, autoridades proprias, e uma força sua, e uma força sua, d'onde se derivaram as comunas, chamados depois conselhos, alguns dos quaes, sendo poderos, e tendo-se como taes feito respeitar, não podiam deixar de ser consultados aobre os negocios do estado (E 19 2 HGC 107)

330. Quando nos princípios do século XI D. Affonso retomou aos mouros a cidade de Leão, para nunca mais lhe cair nas mãos, achando-a devastada e arruinada, cuidou logo em a reparar e povoar, e n'ella celebrando o concilio em 1020, viu-se obrigado, seguramento com o resultados das causas acima enumeradas, á publicação de um código accomodado aos costumes (...), passando trinta annos depois para a Galiza (E 19 2 HGC 108)

331. Entretanto o código visigothico, e a colleção do cânones de differentes concílios, continuaram sempre a formar a principal legislação porque n'aquelle tempo se regeram os christãos, que nunca se poderam aliar, nem confundir com os conquistadores, formando um só povo por meio de casamentos, como succedeu aos godos (E 19 2 HGC 108)

332. Se por um lado a politica dos mouros, senhores da peninsula, levou a carregar os christãos de tributos (...) também por outro os induziu a permitir á maior parte das terras, que se lhe submeteram, o serem governadas pelas suas proprias leis, e julgadas pelos seus mesmo juizes, tanto na parte civil, como na criminal, em tudo quanto não interessava algum mouro, ou não respeitava a cobrança d'aquelles impostos, exceptuando porém a pena de morte, que para se executar necessitava da confirmação do respectivo alvazil ou governador mouro (E 19 2 HGC 108)

333. D'este modo se viu a estabelecer o mais extenso poder municipal, que se podia conceber, dando logar em tempos mais posteriores a que todas as vilas tivessem força, picota e tronco, como instrumentos de jurisdicção e imperio, conservando-se ainda hoje os dois ultimos, que são o pelourinho e a cadeia (E 19 2 HGC 108)

334. É claro pelo que fica dito que foi no meio da dissolução geral das antigas sociedades e instituições, entre combates e lutas com os serracenos, que se foi levantando e engrandecendo o poder do povo, poder novo e desconhecido nas historias e tradições da monarchia gothica (E 19 2 HGC 109)

335. Os concelhos assim estabelecidos eram outros tantos senhores feudatários, que, como quaisquer outros, podiam alistar soldados, arma-los e dar-lhes chefes e pendão; nomear juizes, quando o rei não tinha reservado para si de os por da sua propria mão, mandando-os de fóra; convocar o povo, ordenar obras do bem commum, etc., devendo os concelhos assim levantados entenderem-se para com o rei nas mesmas circumstancias de respeito e fidelidade, que os mais senhores (E 19 2 HGC 110)

336. finalmente a facilidade com que os reis privavam as terras dos seus privilégios, dando-as a senhores especiaes, mesmo quando lhes tinham prometido de nunca saírem do seu senhorio, e impetrando até da sé apostolica relaxação do juramento com as semelhantes promessas haviam sito firmadas (E 19 2 HGC 111)

337. Quando os almoravides vieram de Africa para se assenhorearem da península, o mesmo D. Affonso VI resolveu opor-se-lhes, chamando para este fim em seu auxilio a D. Sancho, rei de Aragão (...) não poupando até a chamar do meio dia da França muitos cavalleiros de alto nascimento (E 19 2 HGC 112)

338. Os exércitos arabe e christão encontraram-se com effeito, jogando a sanguinolenta batalha de Sacralias, aos 23 de outubro de 1086; mas os christãos perderam-na, vendo-se o monarcha de Leão abandonar o campo, fugindo com bem pouco dos seus (E 19 2 HGC 112)

339. o segundo teve mais ao diante com a de D. Tareja, bastarda do mesmo D. Affonso VI, que outros dão como legitima, o condado que com o nome de Portugal elle se deu em dote, desmembrando da Galliza o respectivo território, que desde o rio Minho se estendia até Lisboa (E 19 2 HGC 113)

340. e o conde Raymundo, machando em seu socorro, viu inteiramente roto o seu campo, e entrado pelos inimigos, que o desbarataram (E 19 2 HGC 113)

341. todavia em 1106 se diz ter existido um tratado secreto entre os dois cunhados e primos, Raymundo e D. Henrique, pelo qual se vê não somente a intenção da independencia d'este, mas igualmente a ideia de ampliar os seus estados, adquirindo Toledo e o seu districto, depois da Morte de D. Affonso VI (E 19 2 HGC 113)

342. Apesar d'isto, as suas diligencias fallaram completamente, tanto pelo fallecimento do conde Raymundo, succedido em 1107, como pelo fallecimento do Monarcha Leão, verificado em junho de 1109, cujos estados elle mesmo declarou pertencerem a sua filha legitima, D. Urraca, com a circumstancia porém de que, passando as segundas núpcias, seu neto e filho d'ella, D. Affonso Raimundes, ficaria reinando na Galliza (E 19 2 HGC 114)

343. D. Urraca, tendo com effeito passado a segundas núpcias com o rei de Aragão, D. Affonso I, enlace muito mal succedido para ambos, separados por mais de uma vez um do outro e accusada também de affeições illicitas, accendeu no reino discórdias civis (E 19 2 HGC 114)

344. D'estas discordias se pretendeu aproveitar o conde D. Henrique para conseguir as suas vistas de independencia e engrandecimento, ligando-se ora com uns, ora com outros dos descontentes (E 19 2 HGC 114)

345. ella se apresentou tranquila, sem vestigios alguns de reação, não pondo difficuldade em reconhecer a supremacia senhorial de sua irmã, a rainha D. Urraca, quando na reunião dos prelados, nobres e deputados das camaras municipaes (E 19 2 HGC 114)

346. assignou depois d'ella, e até mesmo depois de sua irmã mais velha, a infante D. Elvira, casada com o conde de Tolosa, o respectivo documento ou acta da reunião, na qual é notável não se encontrar um só nobre ou bispo de Portugal, sendo tamanho o numero dos que ali se concorreram por parte das outras províncias da Monarchia de Leão (E 19 2 HGC 114)

347. D. Tareja só figura n'aquelle documento, assignando e jurando em seu nome, e no de seus filhos, sem dizer cousa alguma quanto aos seus subditos (E 19 2 HGC 115)

348. É por este modo que já então se divisavam e se delineavam os primeiros esboços para a definitiva separação da monarchia, circumstancia com que também appareceu reunida a do titulo, que a mesma D. Tareja para si tomou, depois da morte de seu marido, empregando sempre o de rainha, quando anteriormente usava apenas o de infans, infatessa e comitessa (E 19 2 HGC 115)

349. D. Tareja, não lhe permittindo quietação o espirito, rompeu finalmente com sua irma D. Urraca, e postoque com os sucessos varios, a rainha de Portugal pôde em 1121 concluir um vantajoso tratado com a rainha de Leão (E 19 2 HGC 115)

350. D. Tareja, no meio de suas ligações com aquelle individuo, antepondo o válido ao seu proprio filho, D. Affonso Henriques, na direcção e manejo dos negocios públicos, fez com este rompesse em 1128 a obediencia e deveres de filho para com sua mãe, pegando as armas contra ella, e vencendo-a no campo de S. Mamede, junto de Guimarães (E 19 2 HGC 115)

351. Apellando n'esta sua empreza para a sorte das armas, teve em 4 de julho de 1137 de se conformar com uma paz toda desfavoravel para si (E 19 2 HGC 116)

352. Desde então D. Affonso Henriques voltou-se inteiramente para as conquistas do sul do reino, e penetrando no Alemtejo, ganhou a celebre batalha de campo de Ourique, aos 25 de julho de 1139, derrotando completamente os mouros (E 19 2 HGC 116)

353. Tamanhas foram as vantagens moraes d'esta acção, que com ella tem andado sempre ligada até hoje a fundação da monarchia, valendo para o general que a vencêra o titulo de rei, com que espontaneamente, e ébrio pela sua gloria alcançada, o victoriára o seu mesmo exercito (E 19 2 HGC 116)

354. certo é que desde esta epocha D. Affonso Henriques usou constantemente o titulo de rei, que algum tempo antes já tinha começado a empregar, titulo que não só se lhe supõe ratificado pela nação por meio das côrtes de 1143, mas até, no mesmo anno, por seu primo D. Affonso VII, que n'esta mesma qualidade o reconheceu, ficando por conseguinte ultimada a emancipação de Portugal de Castella (E 19 2 HGC 116)

355. Finalmente acresce que sendo principio fundamental da monarchia dos godos a eleição dos reis, não é para admirar que D. Affonso Henriques recorresse também a este meio de sancção nacional, accomodando-se aos antigos usos (E 19 2 HGC 116)

356. que os monarchas christãos procuravam, com toda a devoção e fervor, applicar as iras, ou ter por si o apoio da côrte de Roma, que muitas vezes se vira legitimando as mais flagrantes usurpações, ou destituindo do throno a legitimidade mais bem fundada dos reis, absolvendo os povos dos mais solemnes juramentos para com elles (E 19 2 HGC 117)

357. Não era possível que D. Affonso Henriques, cujas idéas de politica o tornaram por algumas vezes pouco escrupuloso em recorrer á estrategia das supresas na arte da guerra, dando pouco peso á conduta franca como general em campo aberto; não era possível, repetimos, que tendo tambem algumas vezes em pequena conta o pontual desempenho das obrigações contrahidas, desprezasse a grande conveniencia que lhe podia trazer a valiosa protecção da côrte de Roma (E 19 2 HGC 117)

358. Com estas vistas escreveu elle em dezembro de 1143 uma carta ao papa Inocencio II, offerecendo o reino em homenagem á santa sé, mediante um senso annual e perpetuo de quatro onças de oiro, pagamento que elle mal satisfez, e peor dos seus sucessores, seguindo-se sómente d'aqui pretensões aos papas para se ingerirem nos negocios d'este reino, cujos monarchas na sua elevação ao throno chegaram a receber até a confirmação de Roma (E 19 2 HGC 117)

359. Castella foi-se conformando com a desmembração de Portugal, enquanto que o mesmo D. Affonso Henriques foi pela sua parte ampliando o reino com a aquisição de Sanctarém (...) seguindo-se-lhe a sujeição dos castellos de Almada e Palmella (E 19 2 HGC 117)

360. A côrte de Roma, que antes d'estas conquistas hesitara em dar a D. Affonso Henriques o titulo de rei, e a seus estados o nome de reino, empregando, em vez d'estas, as palavras ambíguas de dux, e terra, veiu então a saccionar o que o tempo tinha já exuberantemente feito, confirmando por fim aquelle desejado titulo na pessoa de D. Affonso Henriques por bulla do papa Alexandre III (E 19 2 HGC 118)

361. D. Affonso Henriques havia conseguido os seus fins, a nacionalidade portugueza achava-se já definida e caracterizada, recebendo d'elle por todos os modos possíveis aquelle grau de energia e de força de que para semelhante fim carecia (E 19 2 HGC 118)

362. Novas tentativas fez ainda este monarcha de aumentar seus estados á custa dos de Leão, invadindo pessoalmente com prospero resultado a Galliza, voltando para Portugal, assenhoreadas que teve algumas terras daquella província (E 19 2 HGC 118)

363. Na primavera de de 1169 acometteu elle Badajoz, que, sendo prontamente socorrida por seu genro D. Fernando II de Leão, occasionou-lhe esta empreza a quebradela de uma coxa (E 19 2 HGC 118)

364. Caindo no chão sem sentidos, teve a desgraça de ficar prisioneiro nas mãos de D. Fernando, de quem todavia pôde obter liberdade, mediante restituição das praças que tomara na Galliza, ficando outra vez marcados pelo rio Minho os limites do norte do reino (E 19 2 HGC 118)

365. D. Affonso Henriques, a quem alguns têm dado o nome de Grande Affonso, faleceu finalmente em Coimbra, aos 6 de dezembro de 1185, na idade de setenta e seis annos, tendo reinado cincoenta e sete (E 19 2 HGC 118)

366. todavia não duvidando lançar-se na conquista do Algarve, tomou Silves, ajudado por uma frota de cruzados em 1189 (E 19 2 HGC 119)

367. Uma nova invasão de almohades, outra nova ceita de Mafoma, devastou e desaprovou o reino, seguindo-se-lhe de mais a mais pestes (E 19 2 HGC 119)

368. D. Sancho I, vendo devastados e abandonados os campos, entregou-se com todo o empenho ao cuidado de sua povoação e cultura, rompendo matos e arroteando terras virgens (E 19 2 HGC 119)

369. D. Sancho I, tendo encetado a luta do poder real com o clero, na pessoa dos bispos de Coimbra e Porto, e notificado igualmente por Innocencio III para pagar á santa sé o senso

estipulado por seu pae, não teve forças para resistir ás exigencias que se lhe faziam, tendo em tal caso de satisfazer na totalidade do atrazo em que semelhante pagamento se achava (E 19 2 HGC 119)

370. Este rei, que faleceu aos 27 de março de 1211 com cinquenta e sete annos de idade, tendo reinado vinte e seis, augmentou em sua vida as doações feitas por seu pae ás differentes ordens militares, favorecendo a de S. Thiago (E 19 2 HGC 119)

371. Nos seus dois ultimos annos de vida D. Sancho I perdeu a coragem com que até ali sustentava as prerrogativas da corôa no meio de suas contestações com o clero, fazendo-se absolver pouco antes de seu fallecimento pelo arcebispo de Braga da excomunhão que lhe fora lançada pelo arcebispo de Coimbra (E 19 2 HGC 120)

372. O reinado de D. Affonso II, é celebre pela amplitude que deu ao systema municipal, fixando-lhe e regulando-lhe a sua organização, alem de confirmar muitos dos antigos privilegios que seu pae e avô tinham concedido a muitas camaras (E 19 2 HGC 120)

373. A sua legislação municipal é com effeito digna de memoria, e não menos a sua politica, procurando abranger por meio de leis geraes, e a chamar a um centro as camaras (E 19 2 HGC 120)

374. a nobreza também mais tarde entrou no numero dos descontentes, sendo o principal artigo das accusações que esta lhe fazia o ter rejeitado casamentos proprios de um grande rei (E 19 2 HGC 121)

375. e que por negligencia d'elle monarcha se commettiam impunemente pelo reino roubos, rapinas, estupro, mortes e sacrilégios; que a cada passo se estavam violando todos os direitos (E 19 2 HGC 121)

376. expediu o papa Innocencio IV uma bulla, aos 24 de julho de 1245, pela qual D. Sancho II foi destituído do throno de Portugal, transferindo-se a administração e o governo do reino para as mãos de seu irmão, o conde de Bolonha, que em França tinha casado com a princesa Mathilde (E 19 2 HGC 121)

377. D. Sancho ainda pretendeu resistir por meio das tropas com que o socorrêra D. Fernando, o Santo, rei de Casella e de Leão, mas vendo que nada aproveitava com isso, pelos escrúpulos que os executores da bulla pontifficia mettiam nas consciências, finalmente retirou-se para Toledo com grandes riquezas (E 19 2 HGC 122)

378. Foi depositado no jazigo dos reis da Hespanha que era na sé d'aquella mesma cidade, tendo reinado vinte e cinco annos (E 19 2 HGC 122)

379. Apesar de escudado na referida bulla, algumas más vontades achou n'elle, e principalmente no alcaide mór de Celorico, o notório Martim de Freitas, resistindo ambos a entregar as suas fortalezas ao novo soberano, tendo por ellas dado homenagem a el-rei D. Sancho (E 19 2 HGC 122)

380. Tomando depois d'isto o exemplo de seus predecessores, D. Affonso III, deitou-se ás conquistas do Algarve, cujo dominio tendo sido contestado pelo rei de Leão, D. Affonso, o Sábio, lhe foi afinal reconhecido em toda sua plenitude (E 19 2 HGC 122)

381. Tendo este soberano casado com a rainha D. Brites, ainda em vida de sua primeira mulher, a condessa de Bolonha, D. Mathilde, para quem se mostrou ingrato, o papa Alexandre IV o excomungou por esta causa, excomunhão de que elle não fez causa, perseverando em viver com a dita rainha por todo o tempo em que viveu a mesma Mathilde (E 19 2 HGC 123)

382. o santo rei de Castella e Leão, D. Fernando, tomou aos mouros a cidade de Sevilha, sendo n'esta empreza ajudado por muitos senhores protuguezes, commandados pelo mestre de Aviz, D. Martinho Fernandes, indo entre elles Rodrigo Forjaz (E 19 2 HGC 123)

383. Tendo Portugal se achado no reinado que se acaba de ver chegado aos limites do que presentemente os vemos, pergunta-se agora qual foi a forma de governo que recebeu na sua fundação (E 19 2 HGC 124)

384. A resposta compreendendo idéas complexas, não é facil de dar-se de prompto a similhante pergunta, cuja solução é aliás de bastante interesse para os estudos históricos (E 19 2 HGC 124)

385. Não tendo Portugal direito patrio constituído, quando tomou o caracter de reino independente, nem instituições proprias ou costumes differentes do que recebêra de Leão, quando d'esta monarchia se separara, é claro que as leis e usos d'aquelle paiz haviam forçosamente de passar para o nosso (E 19 2 HGC 124)

386. Com efeito a corôa tornou-se hereditaria desde os primeiros tempos da monarchia, como já o era em Leão, passando successivamente de paes a filhos, vendo-se apenas alterada esta pratica em D. Sancho II, que morrendo por fim sem successão, veiu ella passar para as mãos de D. Affonso III, seu irmão e legítimo successor (E 19 2 HGC 124)

387. A elevação de um monarcha ao throno do seus maiores era sempre acompanhada de um acto de aclamação, em que os estados do reino lhe prestavam juramento de preito e homenagem, retribuindo-lhe o rei com o de observar e guardar os fóros da nação (E 19 2 HGC 124)

388. Os negocios mais graves do estado ainda, como no tempo dos godos, se encontram decididos n'uma cúria palatina, ou concelho de prelados e grandes, que nos documentos d'aquella epocha vem designados pelos nomes de palati majores, próceres, barones, rici-homines, e outros que assignavam confirmando as doações e escripturas antigas, onde os reis estipulavam (E 19 2 HGC 124)

389. quando o systema feudal, tendo da França invadido a Hespanha, forçosamente havia de trazer para esta muitas das suas instituições (E 19 2 HGC 125)

390. As largas doações, feitas segundo o estylo do tempo, por D. Affonso Henriques e pelos seu successores ao clero secular e regular, fóra do respeito pelo seu character sagrado lhe era devido, foi quem lhe deu todo aquelle poder e preponderancia politica, que o consituiram igual ao da sua mesma classe em Leão e Castella, rivalizando logo com o poder dos reis (E 19 2 HGC 125)

391. Os nobres e os homens de arma dos primeiros reis, recebendo tambem da sua generosidade os vastos domínios e as largas terras conquistadas aos mouros, mediante certas

obrigações para com o soberano, constituíram igualmente o poder no estado pelas riquezas que conquistaram (E 19 2 HGC 125)

392. n'aqueles tempo remotos só a propriedade rustica representava poder, e quem tinha aquella possuía necessariamente este, sendo como tal forçoso contempla-lo (E 19 2 HGC 125)

393. Consequentemente a nobreza, bem como o auto clero, incluindo os mestres das ordens militares e os abbades donatários, gosando de todos os direitos senhoriaes, como possuidores de largas terras, nas quaes cobravam tributos, levantavam tropas, dando-lhe general e pendão, e administravam a justiça (E 19 2 HGC 125)

394. O systema municipal, nunca esquecido entre nós desde o tempo dos romanos, também não podia deixar de ser bem acolhido, como effectivamente o foi, pelos primeiros reis portugueses, que o generalizaram no paiz, olhando-o como o principio da vida e energia social (E 19 2 HGC 125)

395. de modo que assim como a guerra dos reis das Asturias e Leão contra os mouros trouxe comsigo o desaparecimento da classe dos servos, transformando-a na dos colonos adscripto, assim tambem a fundação da monarchia portugueza trouxe comsigo o desaparecimento d'estes mesmos colonos, ficando portanto livres todos os portugueses (E 19 2 HGC 126)

396. Porconsequinte este facto, de tamanha magnitude, operou-se desde o século XI ao XIII, suppondo-se que entre outras causas que para isto houve, deveria ser a mais efficiente o converter em asylos de culpados muitos dos concelhos que se queriam povoar, porque exceptuando-se nos seus respectivos foraes algumas especies de criminosos, nunca n'esta excepção se incluem os colonos fugidos aos seus senhores (p. E 19 2 HGC 126)

397. Eis-aqui por mais um dos grandes beneficios, que indirectamente trouxe comsigo a concessão dos foraes, constituindo de fato livres todos os portugueses, e alem d'isto dando ao povo das mais consideraveis terras o direito de representação em côrtes (E 19 2 HGC 127)

398. e se ampliou o numero de nobres pelas doações repetidas dos reis, e sempre por elles reproduzidas, a grande quantidade de donatarios, incluindo a do municípios, não podiam deixar de ser ouvidos em conselho geral (E 19 2 HGC 127)

399. Por outro lado o rei, julgando-se apenas um feudo, posto que de maior importância que os demais, e o primeiro entre os seus pares, não podia escrupulisar em os convocar e attender para taes reuniões a que não se oppunham caprichos de autoridade (E 19 2 HGC 127)

400. É certo que os elementos politicos de que acima se trata começaram a ser entre nós consultados desde 1211 nos negocios de interesse geral, e particularmente na sancção e derrama dos tributos, chamando-se á sua reunião consilium generale ou côrtes (E 19 2 HGC 127)

401. desde que as condições acima mencionadas se deu a existencia dos três braços, que os primeiros reis para ellas aparelharam, perpetuando-se depois entre nós pelos costumes e tradições (E 19 2 HGC 128)

402. Os eleitores eram todos aquelles, que costumavam andar na vereação e governança da terra, e os eleitos eram sempre pessoas das mais principaes d'ella, tanto em haveres, como em nobreza, reunindo com isto a morigeração e a boa linha da conducta. (E 19 2 HGC 128)

403. Os mesmo eleitores vinham munidos de uma procuração, que apresentavam ao desembargo do paço, que as fazia legalisar pelo procurador da corôa, ficando as procurações guardadas na secretaria de estado (E 19 2 HGC 128)

404. Reunidos os tres braços n'uma só sala, em que el-rei apparecia com grande aparato e cerimonial, subindo ao throno, era um arcebispo ou bispo, quem de um estrado grande do lado direito recitava a oração de proposição com referencia aos motivos da convocação (E 19 2 HGC 129)

405. Seguia-se depois d'isto o juramento, findo o qual um rei de armas mandava separar para as conferencias os tres braços em nome de el-rei (E 19 2 HGC 129)

406. Sendo concordes os tres estados, assignavam todos, e quando só dois o eram prevalecia ainda assim a sua decisão (E 19 2 HGC 129)

407. Argumentos de consideração se apresentam por uma e outra parte, mas a melhor opinião parece ser a que taes cortes eram effectivamente deliberativas, moderando o poder do rei, e exercendo com elle parte da soberania (E 19 2 HGC 129)

1.9 Século XX – primeira metade

OSORIO, Ana de Castro. **O direito da mãe**: novela. Porto: Civilização, 1925.

1. Sem repararem que a luz do entardecer ia esmorecendo gradualmente, deixando em sombra a salinha elegante em que recebia na intimidade os amigos Luísa e o Dr. Manuel Faria conversavam com os olhos alongados para o horizonte largo (E 20 1 DM 9)

2. Pegando-lhe na mão, o médico dizia a Luísa febrilmente, na voz ansiada de quem vem esgotando os argumentos convencentes numa longa discussão:

– Se nos amamos, Luísa, se tua vida e a razão de minha existência, os teus gostos são os meus gostos (E 20 1 DM 9)

3. – Por que recusas amar-me livremente, corajosamente, como eu sou capaz de amar-te, afrontando de cabeça erguida todos os preconceitos sociais? (E 20 1 DM 10)

4. – Dize antes que estás presa aos preconceitos duma sociedade que despresa e como tua escrava preferes martirizar-te e martirizar-me inultimente... – concluiu com tristeza, largando a mão que conservara entre as suas e desviando a cabeça magoadamente (E 20 1 DM 10)

5. Levantando-se num gesto de desespero e de fadiga moral, ficou em frente da porta de vidros aberta sobre a varanda (E 20 1 DM 10)

6. – Que nos importa os outros?!... E voltando de novo a assentar-se murmurou com ar desolado de quem se sente incapaz de vencer uma vontade alheia, que resiste magoada e contrariada a um desejo, correspondendo ao seu proprio desejo: (E 20 1 DM 11)

7. – Não lhe chames covardia – respondeu Luísa com vehemencia. E logo caindo em si: – Ou antes sim! (E 20 1 DM 11)

8. Olhando com a surpresa de quem vem dum mundo completamente diverso, Luisa respondeu:

– Isso nem chega a ser um sonho, é uma loucura, Manuel (E 20 1 DM 12)

9. – Se soubesses como és injusto duvidando do meu amor!...(E 20 1 DM 12)

10. – A vida não se lhe pode vencer atacando-a de frente, como um toiro furioso, é preciso sominá-la com muita fê e muita coragem. Saibamos esperar! (E 20 1 DM 13)

11. – Murmurava, já vencido na sua impetuosa vontade, com um interesse muito carinhoso, beijando-lhe os dedos que deixara abandonados na suas mãos (E 20 1 DM 14)

12. Que loucura, meu amigo! – dizia-lhe sorrindo, docemente. (E 20 1 DM 14)

13. – E desde esse dia que te fiquei pertencendo pelo coração reconhecido, pela simpatia de ideias e pensamentos... (E 20 1 DM 15)

14. – (...) só sei que foste infeliz no casamento que te fizeram, abusando da ingenuidade de criança (E 20 1 DM 15)

15. – (...) Pensando em fazer-me feliz contribuiu para minha desgraça condicionando a herança com a clausula de que a fortuna seria partilhada entre os dois no caso de não casarmos, como ela desejava (E 20 1 DM 16)

16. – (...) A minha sogra, que conhecia a minha mãe de solteira e eram ainda vagamente aparentadas, como sucede a todas as famílias conhecidas, levava a ideia de casar o filho com uma senhora da província, tudo concorrendo para que eu fosse a escolhida (E 20 1 DM 16)

17. – E nesse ponto tinha razão... – Murmurou o médico, relanceando os olhos por baixo do luxo discreto daquela sala, que era a moldura correspondente á graça assistocrática da dona (E 20 1 DM 17)

18. (...) o médico quebrou o enleio, dizendo:

– Olha, Luísa, o outro dia ao sair daqui, pensando no mome da tua terra, que ouvi por acaso, concluí que somos uma espécie de patrícios (E 20 1 DM 17)

19. – (...) A minha avó então foi-me tirar da aldeia, onde ficava entregue a uma vida sem cuidados nem conforto, e levou para a vila, acabando de me criar com todos os seus bons cuidados (E 20 1 DM 19)

20. Luísa, seguindo com uma estranha curiosidade a narrativa dificilmente recordada, interrogou:

– O nome dessa gente que levou sua mãe?

21. – (...) O que me lembra é que a minha avó chorava muito pela filha e que foi ela que me criou à custa do seu trabalho, fazendo doces para vender na vila e aldeias arredores, porque tinha sido criada num convento e tinha muitas especialidades e receitas...Ainda me lembro muito bem de comer alguns – terminou rindo. (E 20 1 DM 19)
22. – Não sei! Nunca vi. A minha avó tinha-lhe ódio, acusando-o de ser culpado da morte da filha e nunca de me deixou ir vê-lo (E 20 1 DM 20)
23. – Não! A avó criou-me á custa do trabalho, vendendo doce, como te disse, que eu, já maiorzinho, ia vender ás casas ricas da vila e arredores (E 20 1 DM 20)
24. – E eu sinto-me feliz porque já sei que foste o meu sonho de criança – e continuou, sorrindo – porque nós, as raparigas de provincia somos muito ingenuas e idealistas (p. E 20 1 DM 21)
25. – (...) pensava que eu não te esqueceria nunca de mim, que um dia, homem celebre, me irias buscar... Um romance á Julio Diniz, estás vendo! (E 20 1 DM 21)
26. Estremecendo com violência o médico respondeu:
- Ah, se penso! Com horror (E 20 1 DM 22)
27. Levantando-se de novo, numa grande excitação nervosa, deu alguns passos no gabinete e voltando continuou, numa voz imperiosa, quase junto de Luisa que olhava ansiava (E 20 1 DM 23)
28. – No primeiro momento talvez, depois compreenderiam o bem que fazias aos teus filhos purificando-os para vida num ambiente duma alta moralidade (E 20 1 DM 24)
29. – E nós não sofremos? Queres poupar os outros sacrificando-nos? (E 20 1 DM 24)
30. – (...) Sou medico e os médicos, Luísa, estudando indiferentemente a vida e a morte acostumam-se a desprezar igualmente uma e outra (E 20 1 DM 25)
31. A pouco e pouco a sua voz tornava-se mais persuasiva, mas aquecida num fogo duma paixão que transbordava das suas proprias palavras, atraindo Luisa, que elevada se levantava também: (E 20 1 DM 25)
32. – É por esse teu amor tão grande que ainda mais te amo... – dizia Luisa baixo, esforçando-se por mostrar uma serenidade que era trahida pelo nervosismo dos seus gestos e das palavras (E 20 1 DM 26)
33. As crianças algazarravam fóra chamando a mãe, tendo encontrado na visita de Marta de Menezes, que entrara com Leonor da Fonseca e a filhinha, julinha o pretexto para uma grande expansão da alegria (E 20 1 DM 27)
34. Desprendendo-se dos braços que a cingiam docemente, Luisa deu a volta ao comutador electrico inudando a sala com a luz branca cahindo do tecto atravez da porcelana coalhada das lampadas e respondeu ao apelo, chamando para a salinha da sua preferencia as amigas e as crianças que as anunciavam (E 20 1 DM 27)

35. E sorrindo para Manuel:

– Estávamos às escuras sem ter dado conta disso! (E 20 1 DM 27)

36. Marta de Menezes, duma elegancia sobria e equilibrada, não parecendo nem mais nova nem mais velha do que realmente era, tinha o ar insinuante das inteligencias que se impõem por uma obra realizada (E 20 1 DM 27)

37. Na confusão alegre dos cumprimentos as crianças continuavam na insistencia de pedidos que vinham fazendo: (E 20 1 DM 28)

38. Ao descobrirem o medico, as crianças correram para ele, sendo Carlinhos o primeiro que lhe saltou ao pescoço: (E 20 1 DM 28)

39. – Vejam a injustiça destes meninos – comentava o Dr. Manuel de Farias a rir, sob a catadupa de beijos do pequeno e acariciando as meninas que juntava no mesmo abraço: (E 20 1 DM 29)

40. Saltando seu colo e correndo para os braços da mãe, que se sentara conversando com as senhoras, o Carlinhos respondeu:

– Não to agradeço, não!

41. – Meu Deus!... Este menino não tem juízo – ralhava a mãe docemente, córando, um pouco enleada (E 20 1 DM 29)

42. Entre-olhando-se, Marta perguntou a Luisa: – É verdade o que diz o pequeno? (E 20 1 DM 30)

43. As crianças que não largavam o medico, diziam-lhe, querendo arrasta-lo para fóra da sala:

– venha, venha, ande!... (E 20 1 DM 31)

44. – Eu já vou ter com vocês – condescendia o medico – vão acendendo as luzes e arrumando as cadeiras. Em tendo a sessão preparada chamem-me... (E 20 1 DM 31)

45. – Eu cá estou a olhar para ela – respondeu a Joanhinha pegando na mão da pequena de quem o irmão gostava muito, mas exigindo a mais completa submissão, no seu instintivo orgulho de homem (E 20 1 DM 32)

46. – Eu tinha oito anos e a Luisa dez... Não calcula como era engraçada, com um ar de mulher pequena, protegendo-me contra a trupe endiabrada dos rapazes...(E 20 1 DM 32)

47. – Cabeçuda, teimosinha... isso sim, foste sempre. Já em pequena, em amarrando para um lado, não havia volta a dar-te... (E 20 1 DM 33)

48. – Ah, mas o doutor não pode caucular as extravagancias que se contavam de Marta, mantendo numa surpresa contínua o prachismo preconceituoso da província!... (E 20 1 DM 34)

49. – Seriadamente, Luisa, eu não sei o que eram essas extravagancias que me criavam uma fama que desconhecia – dizia Marta rindo (E 20 1 DM 34)

50. (...) O que sempre pretendi foi viver a minha propria vida, alargando, quando possível a área que a sociedade nos dera por homenagem (E 20 1 DM 35)

51. – E no meio de tudo o que me faz olhar-te com admiração, Marta, é que, tendo tu conseguido realizar na vida essa felicidade raríssima, tens a generosidade de dedicares o teu tempo, o teu tempo e a sua energia á defesa dos infelizes (E 20 1 DM 36)

52. As crianças vindo em correria chamar o medico interromperam a conversa (E 20 1 DM 37)

53. E levaram-no numa grande camaradagem alegre, anunciando: que a Sra. D. Leonor puzera o cinematografo a funcionar e estava uma coisa linda (E 20 1 DM 37)

54. – (...) É superior ás minhas forças o fazer-lhe a vontade, tomando uma resolução imediata e definitiva (E 20 1 DM 37)

55. – E quem sabe se o melhor mesmo não será sempre pôr os assuntos de parte, deixando ao tempo o encargo de os resolver?! (E 20 1 DM 37)

56. – E no entanto, se não te defendes, atacando imediatamente a questão jurídica, como te disse o Henrique, corres o risco de seres privada de todos os meios de defeza, inclusivamente da tutoria e guarda dos teus filhos (E 20 1 DM 38)

57. – (...) E se houver separação com o fundamento de adulterio da mulher, ele continuará a ser sempre o administrador do casal, recebendo a mulher apenas uma mesada correspondente á sua meação (E 20 1 DM 39)

58. – tirando da carteira um pequeno papel, Marta leu – Artigo 1204 – podem ser causa legitima da separação de pessoas e bens: (E 20 1 DM 40)

59. – Aparece em casa a cahir de bêbedo, é jogador, arruinando-se de dia para dia...(E 20 1 DM 41)

60. – (...) O Henrique entende que tu debes começar por atacar, defendendo o teu direito de mãe, depois se verá sobre o direito de mulher (E 20 1 DM 42)

61. – Vocês desculpem – entrou dizendo Maria Valente – encontrei a porta aberta e fui-me guiando por esta luz, como nos contos de fadas (E 20 1 DM 42)

62. – A porta estava aberta? – perguntou Luisa sobressaltada, levantando-se para cumprimentar (E 20 1 DM 42)

63. Sem reparar na preocupação que as suas informações causaram ás duas senhoras, Maria Valente, alta, angulosa, sem beleza e sem graça feminina nas maneiras, pouco se preocupando com a elegância exterior do seu trajo modesto e duma simplicidade máscula, disse para Luisa:

– Esta visita não é para si, não mo agradeça!...

64. – Está bem, estimo-a e não lha agradecerei – respondeu sorrindo amavelmente (E 20 1 DM 42)

65. – Embora no nosso país não haja um grande escrupulo em admitir os filhos naturais, teem a seu desfavor o estarem sempre na contingência de ter que defender e julgar os actos dos pais e especialmente das maes, tirando-lhes todo o prestígio que as divinisa (E 20 1 DM 45)

66. – (...) Mas o que é mais interessante é que a rapariga nunca deixou de trabalhar e de ganhar dinheiro, sendo ela que sustentava a casa nas ocasiões frequentes em que ele não tinha trabalho (E 20 1 DM 46)

67. – Para onde vai com essa pressa? – Entrou dizendo Henrique de Castro. (E 20 1 DM 48)

68. – E então, Marta, o que há? – perguntou Henrique cumprimentando carinhosamente a mulher (E 20 1 DM 49)

69. Voltando para a sala, Luisa veio junto do advogado e apertando-lhe a mão, nervosamente, disse-lhe:

– Estou resolvida a tudo para defender meu direito de mãe (E 20 1 DM 49)

70. – Sem poder resistir desatou a soluçar, aliviando numa crise de lagrimas a tensão dos nervos (E 20 1 DM 49)

71. Ouvindo as vozes das crianças que se aproximavam com Leonor e com o medico, Luisa limpou as lagrimas, aparentando uma calma que era bem o contrario do que sentia a sua pobre alma perturbada de emoções (E 20 1 DM 50)

72. Os anos de Carlinhos foram o pretexto para se reunirem no palacete de Buenos Aires os amigos mais íntimos de Luisa, que aproveitaram agora todo o ensejo para a acompanharem, sabendo-a publicamente vexada pela conduta do marido, que não escondia as suas baixas aventuras e a frequencia das casas de jogo, onde ia perdendo quantias avultadas, alcoolisando-se miseravelmente (E 20 1 DM 51)

73. Assim, apesar de todas as suas faltas, D. Antonio de Vasconcelos, que não usava o titulo de conde pela fidelidade mantida pela familia ao ramo absolutista dos Braganças, não deixava de vir a casa diariamente, ocupando o seu quarto e mantendo a autoridade do dono, que a mulher corretamente fazia respeitada pelos filhos e pelos criados (E 20 1 DM 51)

74. Após as irremediáveis desilusões de sua vida intima, Luisa, sem dar publicamente a menor mostra do seu desagrado, organisára á parte de sua vida com a dos filhos, fechando-se num orgulhoso retrahimento moral, que pouco a pouco a afastou da sociedade que o casamento o tinha colocado em Lisboa (E 20 1 DM 51)

75. A pouco e pouco o seu meio social fora-se reorganizando por intermedio da velha amizade de Marta Menezes, que o acaso dumas férias na província pozera de novo ao alcance do seu coração confiante e dolorido, rodeado-se de pessoas que mal conheciam o marido dum apresentação superficial (E 20 1 DM 52)

76. (...) a vida íntima de Marta e de Henrique era um dos mais fortes argumentos para convencer os que só viam nas ideias o reflexo das próprias paixões, não compreendendo sacrifício pelo espírito generoso das almas (E 20 1 DM 53)

77. A lei do divórcio, cuja propaganda apaixonara o país inteiro, tão violento no ataque a uns, como injusto na defesa de outros, era apenas uma modalidade do seu vasto plano de reorganização social, vendo com surpresa, não isenta de magua, que dum e doutro se perdera o equilíbrio (E 20 1 DM 53)

78. No salão forrado a vermelho (...) formavam-se vários grupos conversando animadamente, num á-vontade que a dona da casa conseguia manter entre os seus amigos, embora eles muitas vezes, não conseguissem ligar em simpatia e opiniões (E 20 1 DM 54)

79. Jorge de Menezes entrara, cumprimentando Luisa e as senhoras que mais perto a rodeavam, beijando Marta com a ternura amável dum irmão que estando de acordo em ideias pode melhor exteriorizar os sentimentos fraternais (E 20 1 DM 54)

80. Muito simpático e gosando da fama de uma graça anedótica que não era exagerada, de todos os lados a sua entrada foi saudada, correspondendo com um largo cumprimento familiar e risonho, que os envolvia a todos (E 20 1 DM 54)

81. – Já me constou que há um pedido colectivo, assinado por vários oficiais desejando não desembainharem as espadas nos domingos e dias santos ... – sorriu o Henrique (E 20 1 DM 55)

82. – (...) Trabalhemos pelo nosso ideal e seguindo o nosso critério equilibradamente, não nos fiando em promessas dos homens, que neste momento precisam mais de nós do que deles... (E 20 1 DM 56)

83. – (...) Pela minha parte não tenho ilusões e sigo na propaganda, aproveitando todos e não acreditando em ninguém – disse Marta. (E 20 1 DM 56)

84. – (...) sorriu Jorge, tirando-as da algibeira e entregando-lhas satisfeito (E 20 1 DM 56)

85. – Magnífico! A propaganda é difícil, mas vai avançando sempre e alguma coisa se fará (E 20 1 DM 56)

86. – O que eu admiro é sua coragem na fé, senhora D. Marta – disse o Manuel que conversava, um pouco afastado da conversa geral, dirigindo-se a Henrique de Castro, que representava para ele a esperança na libertação de Luisa, o seu sonho de cada hora, sabendo hoje que apesar do amor cada vez mais seguro que os ligava e da harmonia completa em que as suas almas se isolavam da sociedade, nunca seria feliz com ela sem uma vida moralmente equilibrada (E 20 1 DM 56)

87. – Explicou Henrique a sua opinião, confirmando a confiança que a mulher tinha na propaganda (E 20 1 DM 57)

88. – Bravo, D. Luisa! – disse Maria Valente, que ficara conversando com o Jorge Menezes e se voltara ao ouvir aquela frase reveladora (E 20 1 DM 57)

89. – (...) Devemos ter fé no futuro proque estamos assistindo ao despertar da alma feminina (E 20 1 DM 57)
90. – Minha querida Luísa – dizia, cumprimentando-a – passei por aqui e como vi luz nas janelas mandei parar o carro e vim dar-lhe um abraço (E 20 1 DM 59)
91. – Não sou senhora de mim, é um trabalho continuo... Quando consigo libertar-me uns momentos é para me meter em casa a brincar com a minha pequena... e muito expansiva cumprimentando Marta. –Ainda bem que a encontro, precisava mesmo falar-lhe (E 20 1 DM 59)
92. Apertando a mão e cumprimentando amavelmente a todos que a rodeavam, chegou a Manuel (E 20 1 DM 59)
93. – Com muito gosto, porque até necessito de casos desses para completar os estudos que estou fazendo (E 20 1 DM 59)
94. No outro lado do salão, formando um grupo animado, Jorge Menezes conversava com Regina Albuquerque, Leonor, Berta Vilar, Miguel Mendes e algumas senhoras e rapazes, discutindo as mesmas ideias que apaixonavam a sociedade portuguesa, vivendo um momento de nervosismo e de reação, embora com pouca profundidade no sentir (E 20 1 DM 61)
95. – Que fantasia, Regina! Isso não é direito, é uma fatalidade – respondeu Marta do outro grupo, aproximando-se e dando seu apoio a Leonor, que triunfava, sentindo-se mais forte com os argumentos da amiga, que todos respeitavam (E 20 1 DM 61)
96. – Estás fugindo á questão... (E 20 1 DM 62)
97. Maria Valente e o proprio advogado foram-se aproximando do grupo aumentando os argumentos e dando força a Leonor, que estva radiante por ter conseguido que Regina, a sua amiga mais intima, concordasse com algumas razões que lhe déra Marta. (E 20 1 DM 63)
98. So outro lado, Luisa ficando só com a Dr^a Carvalhal e Manuel Faria, dizia o cuidado imenso que lhe causara a doença do Carlinhos (E 20 1 DM 63)
99. – Não seja modesto! – disse a mãe, vibrando na paixão reconhecida do seu amor (E 20 1 DM 63)
100. – (...) Está numa continua vibração de nervos, que são uma verdadeira pilha, sobreexcitando-lhe a inteligência, que é bastante grande e precoce (E 20 1 DM 64)
101. – A minha pena é ter que me safar – disse Maria Valente, olhando o relógio prêso numa fita ao pulso (E 20 1 DM 65)
102. Luísa que entrava com as crianças aceitou a sua despedida e beijou o pequeno Quim, acompanhando-os á porta (E 20 1 DM 65)
103. – No divorcio há uma coisa que verdadeiramente merece ponderação, que é a questão dos filhos – dizia Marta continuando a conversa que interessaa agora toda a gente (E 20 1 DM 65)

104. – Isso é o que só depois se poderá dizer – respondeu Jorge de Menezes, olhando-o furioso (E 20 1 DM 67)

105. De resto, o meu caro amigo não deve ser contra o divorcio!... disse-lhe Jorge de Menezes batendo-lhe no ombro. (E 20 1 DM 68)

106. – Não se assuste – continuou rindo. (E 20 1 DM 68)

107. Em todas as classes zoológicas há fenómenos de regressão... – respondeu o advogado, afastando-se para outra sala onde ficaram a conversar. (E 20 1 DM 68)

108. – Vinha com uma delicada missão diplomática... – respondeu o moço elegante, que se tinha desconcertado um pouco, voltando á atitude costumada, concertando o monoculo (E 20 1 DM 69)

109. – (...) E olhando com ar triunfante por cima do monoculo, concluiu: – Suas Magestades prometeram comparecer (E 20 1 DM 69)

110. Berta Vilar, conservando, á força de sacrificios incontáveis, a elegancia custosa duma artista da aristocracia, reflectia sempre a opinião da sociedade em que tinha as suas discípulas e as relações das famílias, que cultivava com desvanecimento (E 20 1 DM 70)

111. – Graças a Deus, não é só o nosso país que repudiam essa imoralidade! ... – protestou Raul aproveitando o ensejo para se despedir de Luísa e sahir triunfante (p. E 20 1 DM 71)

112. Agora que tive o prazer de as ver, dê-me licença que me retire, D. Luísa – Disse a médica levantando-se. (E 20 1 DM 71)

113. – E tu, Manuel, porque não fazes também uma conferencia sobre a lei do divorcio sob o ponto de vista medico? – Disse a Dr^a Carvalho apertando a mão a Manuel de Faria que voltára da sala contigua para se despedir (E 20 1 DM 71)

114. – Só se a quizessem como tema o estudo que estou fazendo: O alcoolismo e as doenças contagiosas como motivo do divorcio (E 20 1 DM 71)

115. Aproveitando a sahida da medica, despediram-se quase todas as pessoas, que Leonor acompanhou á porta (E 20 1 DM 72)

116. – Eu acompanho-os também – disse Manuel Faria despedindo-se (E 20 1 DM 72)

117. – Havemos de triunfar, tendo confiança... disse comovidamente, apertando-lhe a mão com força (E 20 1 DM 73)

118. Com as lagrimas nos olhos Luisa beijou a criança freneticamente, murmurando: – Oh não! Ele nunca se engana (E 20 1 DM 74)

119. (...) Luísa sentou-se á secretária para desabafar escrevendo a Marta, a amiga a que o seu coração se encostava com ternura confiante duma irmã, que fosse quase filha (p. E 20 1 DM 77)

120. – O que estás a fazer, mãesinha? – entrou perguntando Carlinhos, atirando-se para o seu colo numa grande exposição de caricias e beijos (E 20 1 DM 77)

121. – Isso, isso que é bom!... saltou o pequeno a bater as palmas. Mas cahindo logo numa reacção de tristeza. (E 20 1 DM 78)

122. – A Joanhinha não quer sahir!... Ela em a tirando do quarto a lêr os livros e a brincar com as bonecas, é como quem a mata!... (E 20 1 DM 78)

123. E voltando atraz, como quem se lembra de qualquer coisa que o tenha preocupado.

– O mãesinha, o que quer dizer ser amante ? (E 20 1 DM 78)

124. Estremecendo, Luísa voltou-se vivamente e perguntou:

– Onde aprendeste essa palavra?

125. (...) Então a Lai-Lai reparou que eu estava a ouvir, mandou-as calar e levou-me para o jardim (E 20 1 DM 79)

126. – (...) E puxando docemente a criança para si, beijou-a nos cabelos loiros e sedosos, ligeiramente encaracolados e disfarçando a sua perturbação continuou. – Amante quer dizer muito amiga. (E 20 1 DM 79)

127. – Sim, meu amor – e abraçando-o com transporte – Vocês são os meus dois amores, os meus amantes (E 20 1 DM 80)

128. Beijando-o nervosamente Luisa disse-lhe com um sorriso de infinita melancolia:

– Acredito, meu filho! (E 20 1 DM 80)

129. – Está bem, está bem!... – E depois de dar mais beijos e mais abraços, o pequeno sahiu correndo, enquanto Luísa, enconstando a cabeça na mão, ficava a pensar na infinita amargura de uma vida a refazer (...) (E 20 1 DM 80)

130. – A menina mandou me chamar?!... – entrou dizendo a velha criada, que era na casa a verdadeira providencia no governo e na disciplina (E 20 1 DM 81)

131. Vindo servir a família de familia ao nascimento de Luisa servira-lhe de ama seca e acompanhara-a sempre como pessoa de confiança (E 20 1 DM 81)

132. – Sim, Adelaide, mandei-te chamar... – Disse Luísa levantando a cabeça e fitando-a magoadamente (E 20 1 DM 81)

133. – E as lagrimas corriam-lhe pela cara abaixo, apesar do esforço em querer disfarçar a sua grande dôr, assoando-se ruidosamente. (E 20 1 DM 81)

134. – (...)... Ai, meu Deus; me Deus!... gemeu cada vez mais aterrada, limpando os olhos ao avental. O que dirão seus paizinhos e os manos?... (E 20 1 DM 83)

135. – (...) Anda Lai-Lai, o que sabes tu, o que viste? ... Conta!... – dizia convencente e nervosa, pondo-lhe a mão familiarmente nos ombros (E 20 1 DM 83)
136. – Há de acabar, sim, há de acabar – disse Luísa sorrindo, tendo adquirido uma serenidade e uma precisão nos pensamentos de que ela própria se admirava (E 20 1 DM 86)
137. Sentindo-o entrar sem pedir licença, Luísa, que escrevia serenamente, levantou a cabeça numa interrogação (E 20 1 DM 87)
138. – O mesmo de todos os dias – respondeu olhando-o com serenidade, sem se mover do lugar onde estava, nem alterar a voz calma de costume. (E 20 1 DM 87)
139. Pela janela entreaberta uma resga de sol entrava fazendo brilhar como pequeninas joias as poeiras esparsas no ar (E 20 1 DM 87)
140. Do jardim bem regado e fresco subia um doce perfume ás glicínias roxas que se entrelaçavam nas grades da escada e começava, a vestir o terraço, lutando com as roseiras e com os jamins delicados (E 20 1 DM 87)
141. Mais uma vez a calma recolhida das coisas contrastava com a perturbação dos espíritos, criando o contraste de um ambiente de violência e desgosto (p. E 20 1 DM 88)
142. (...) ... Os seus filhos foram afastados inexplicavelmente e uma pessoa do serviço foi despedida sem razão... – respondeu D. Antonio com mal contida violência, quebrando-se ante a atitude álgida da mulher (E 20 1 DM 88)
143. – No serviço das criadas sempre me pareceu desnecessário que os homens se incomodassem, dispensando-me de o consultar (E 20 1 DM 89)
144. – (...) Demais a mais tratando-se de uma serviçal, que não é fiel e que só por deferência a Senhora Condessa que a recomendou não a entrego á policia (E 20 1 DM 89)
145. – Porque...certamente rouba os patrões uma criada que mostra joias de valor, dizendo que lhe foram dadas pelo dono da casa...(E 20 1 DM 89)
146. – E que fossem?! O que tinha a senhora com isso?!... perguntou irritado, contrastando com o ar de perfeita naturalidade que queria afectar, assentando-se em frente de Luísa, que não se movera (E 20 1 DM 89)
147. – Para todos os efeitos eu é que sou o pai e perante a lei e a sociedade posso dispor deles e de tudo que está nesta casa, sem mesmo a consultar... – respondeu D. Antonio, esforçando por manter o ar irónico com que encetara a conversa (E 20 1 DM 90)
148. – Como sempre não procuro o senhor para meu confidente – respondeu Luísa fitando-o com altivez (E 20 1 DM 90)
149. – (...) Tudo quanto aqui está me pertence e posso dispor de todas as coisas, sem mesmo a consultar... – repisou, acentuando-se, com irritação, o tique que lhe apanhava toda a face direita (E 20 1 DM 90)

150. – Indigno, eu?!... A senhora sabe bem o que está dizendo? – gritou cada vez mais irritado e levantando-se pálido de cólera. Os olhos de um azul desbotado encovavam-se mais do que o ordinário e uma palidez esverdeada lhe cobriu a testa, descolorindo os lábios finos que tremiam de raiva (E 20 1 DM 90)

151. – Sei muito bem o que digo – respondeu Luísa erguendo-se também (E 20 1 DM 90)

152. – A senhora é que não tem o direito de me acusar porque me autorizou a fazê-lo negando-se a ser minha mulher, como tinha o dever de ser, como eu tinha o direito de lho exigir que fosse, se ainda me interessasse alguma coisa! ... (E 20 1 DM 91)

153. – (...) eu não sou mais do que a mãe dessas pobres crianças, que não têm culpa de terem vindo ao mundo nas condições em que vieram (E 20 1 DM 91)

154. – Está bem!... – Continuou ele a sorrir e assentando-se de novo, dominando aparentemente a cólera que o tomara perante a serenidade de Luísa (p. 91)

155. Luísa teve um movimento de revolta e ia protestar, mas, dominando-se, respondeu com a mesma calma que não perdera desde o princípio. (E 20 1 DM 91)

156. Surprezo, as pálpebras bateram-lhe nervosamente e dominando-se a custo, D. Antonio respondeu entre escarninho e violento (E 20 1 DM 91)

157. – Como esposa, eu?! – Protestou Luísa indignamente, recuando num instintivo movimento de consciente defeza (E 20 1 DM 92)

158. – (...) Ora deixa-te de asneiras, Luísa... Continuou mundando de tom e afectando uma afectuosa familiaridade. (E 20 1 DM 92)

159. – (...) Imaginas que havia outro homem que consentisse em viver na mesma casa com sua mulher... sua perante a lei e perante Deus – frisou uma nova irritação que ia crescendo, vinda com as próprias palavras, que procurava (E 20 1 DM 92)

160. – (...) Ou vive comigo como mulher ou sou eu que expulso de casa tirando-lhe os filhos com o poder que a lei me dá. (E 20 1 DM 93)

161. – (...) há quatro anos que o seu procedimento fez com que me recuze a ser sua mulher, consentindo em viver nesta casa ao lado dos meus filhos a pedido de sua mãe, que a chorar me implorou que não fizesse escândalo (E 20 1 DM 94)

162. – Hoje, como mãe e como educadora, entendo que não devo continuar a manter uma situação que o senhor não soube respeitar, aproveitando esta casa para ter as suas amantes ao lado da sua própria filha (E 20 1 DM 94)

163. – Ah, eu é que insinuo, não é toda a gente que vê o que se passa nas suas intimidades?!... – dizia bamboleando-se na cadeira num cinismo elegante (E 20 1 DM 95)

164. – (...) Ou vai comigo como esposa, não prosseguindo no escândalo em que quer desacreditar essa pobre rapariga, que minha mãe lhe recomendou e protegeu, ou sou eu que

faço escandalo e requeiro a separação por motivos que a deixem para sempre perdida no conceito social (E 20 1 DM 95)

165. – Ora, ora, a consciência! Mais vale o dinheiro para arranjar as provas e testemunhas do que o palavriado duma mulher, que se põe fora do seu meio e da sociedade, defendendo teorias imorais e reles (E 20 1 DM 95)

166. – Pois se o senhor não quer sahir desta casa – prostetou já com violencia, Luísa, que as palavras do marido finalmente atingiam na alma, causando-lhe um dor violenta – eu saio com os meus filhos (E 20 1 DM 95)

167. – (...) E ainda tenho o direito de a matar sendo louvado por toda a gente... porque lavei a honra o ultrajada! (E 20 1 DM 95)

168. Numa exaltação que venceu todo o dominio dos nervos enfrentava-se com o marido, que espumava de raiva vencido pela energia com que ela avançava, dominando-o com sua força moral e com o vigor físico da sua boa saúde, opondo-se á miseria de um corpo torcido por todos os vícios (E 20 1 DM 96)

169. Ao sahir num gesto de ameaça e de violencia empurrou Marta que vinha entrando surpreendida pela scena inesperada. E voltando-se num ar de chocarreiro, gritou ainda:

– Que escandalo?!... Pois assim o terão (E 20 1 DM 97)

170. Soluçando, Luísa cahiu nos braços de Marta que ficara á porta estarecida com a scena que não compreendia (E 20 1 DM 97)

171. Uma gritaria dentro e as vozes das crianças chorando, chamaram Luísa, que sem responder correu para fóra como louca, seguida de Marta que temia uma desgraça (E 20 1 DM 97)

172. D. Antonio , na violencia da sua cólera, encontrara as crianças que tinha voltado com Marta e agarrando-as pelos braços bradou-lhes:

–Venham comigo imediatamente, quero eu! (E 20 1 DM 97)

173. Ante o espanto espavorido dos filhos e da criadagem, que viera toda, acorrendo aos gritos aflitivos das crianças (E 20 1 DM 97)

174. – Senhor D. Antonio, Senhor D. Antonio, por quem é!... – gritava Adelaide agarrando as crianças, que lhe estendiam os braços livres numa supplica angustiada (E 20 1 DM 98)

175. – Para onde vai você, sua desavergonhada!... dizia Francisco, segurando Sabina, que mal se podia defender dos protestos violentos da cozinheira, insultando-a com energia acumulada do seu ódio, ante a curiosidade escandalosa de todo o pessoal da casa, que aparecia correndo (E 20 1 DM 98)

176. Louca de angustia, Luísa correu para os filhos, empurrando violentamente o marido, que avançara na intenção violenta de a maltratar (E 20 1 DM 98)

177. Dominado pelos braços vigorosos do criado e de Adelaide, que fazia do seu próprio corpo uma barreira, dando ensejo a que Luísa fugisse, D. Antonio gritava em delírio todas as violências e insultava a mulher, repetindo numa obsecação de demente:

– Eu é que sou seu dono! (E 20 1 DM 98)

178. Com Carlinhos demaiado nos braços e Joaquina chorando, agarrada ao vestido, Luísa entrou ofegante, gritando para Marta:

– Matou, matou o meu filho! (E 20 1 DM 98)

179. Naquele dia, só tarde, depois de ver o Carlinhos entregue aos cuidados do Dr. Manuel Faria, a que aflitivamente telefonara, é que Marta voltara para casa, levando Joaquina com a filha, ambas chorosas e magoadas (E 20 1 DM 100)

180. Nos primeiros dias a agonia de Luísa fôra um calvario incomportável, não vivendo senão a vida hesitante da criança, que o medico erguia da morte com uma dedicação infinita, vigiando momento a momento as fases da doença (E 20 1 DM 100)

181. Nem mais soubera nem procurara saber do marido, que de resto também nada se preocupara com a saúde do filho, enchendo a cidade com escandalo da sua vida dissoluta, fazendo gala em falar da mulher com um cinismo, que até aí não tivera nos assuntos que diziam respeito á propria familia (E 20 1 DM 101)

182. Depois da crise que mais parecera um ataque de loucura, saíra com Sabrina levando-a para um hotel elegante e fazendo luxo em ostentar suas relações com a rapariga, que mandara encadernar em senhora e “lançava na vida elegante” como proclama nas orgias com os amigos (E 20 1 DM 101)

183. (...) Os próprios amigos que o acompanhava nas orgias, em que dissipava largamente o dinheiro e a saúde, eram os primeiros que o criticavam, carregando as aventuras contadas em familia com as cores mais violentas e chocantes (E 20 1 DM 101)

184. A condessa de Santo André (...), mal soubera a doença do neto corra a vê-lo e voltara todos os dias, passando junto do telefone, na ânsia de noticias, as horas do dia (E 20 1 DM 101)

185. Para evitar esse facto que de dia para dia a assustava ainda mais, occupando no seu espirito o logar que os cuidados com o doente iam alargando, começou a juntar os documentos que julgava necessários e outros que Henrique lhe indicara para dar os primeiros passos e requerer a sepação judicial, que a garantisse duma surpresa, vinda duma pessoa que perdera toda a noção das conveniências, já mesmo não se tratando da moral. (E 20 1 DM 102)

186. Entregando à amiga o envelope contendo os documentos, Luísa pedira-lhe que insistisse com o marido para não protelar o assunto, pois só assim podia continuar socegada a cuidar do filho (E 20 1 DM 102)

187. – O que é?... Acho que documentos e provas nunca são demais numa questão. – Disse Marta pegando no papel que o marido lhe entregava e examinando-o com o conhecimento de quem, desde pequena se vê rodeada de assuntos jurídicos. (E 20 1 DM 103)

188. – (...) Acho que esse documento em que os peritos declararam que a criança nasceu morta em completo estado de decomposição sifilítica, só por milagre não contagiando a mãe, é uma prova importante para o processo (E 20 1 DM 103)

189. Marta, que em solteira fora a secretária do pai, interessando-se pelos seus trabalhos numa camaradagem intelectual que o marido continuava, discutia as questões jurídicas com o interesse social e combativo da sua viva inteligência, dando ao talento e, ao saber legalista do marido um incitamento que lhe eram de grande vantagem (E 20 1 DM 104)

190. – (...) Ha de fazer muito com as suas teorias esse Salomãosinho do seculo 20, cheio de boas intenções não nego, mas importante para solucionar os problemas morais e sociais do nosso tempo e aumentando ainda a confusão em que vivemos (E 20 1 DM 104)

191. – (...) O que ele está fazendo é uma propaganda dissolvente e anarquista que não pode ser permitida (E 20 1 DM 105)

192. – Pois olha, o proprio júri, que foi uma inspiração liberal, vai estando um pouco desacreditado (E 20 1 DM 106)

193. – E és tu que dizes essa barbaridade, tu, um revolucionario perigoso... e um propagandista?!... – disse Marta, rindo muito e apertando entre as mãos a cabeça do marido, que beijou na testa, com ternura (E 20 1 DM 106)

194. – Não!... – protestou Henrique, querendo defender-se da acusação e discutindo com entusiasmo, como vulgarmente faziam quando estavam sós, considerando esse continuo trabalho de inteligencia combativa um dos prazeres maiores de sua vida intima (E 20 1 DM 106)

195. Marta ria e abraçava-o proclamando-se vitoriosa, o que já começava a irritá-lo (E 20 1 DM 106)

196. – Oh, Henrique!... – balbuciou Marta, beijando-o com amor e com as lagrimas a saltarem-lhe os olhos (E 20 1 DM 107)

197. – (...) Até era consolação, que assim seria eu só a amar-te... – concluiu sorrindo por entre os beijos do marido (E 20 1 DM 107)

198. – Então há quatro anos que eles que eles vivem de facto separados?!... – perguntou o advogado folheando o caderno. (E 20 1 DM 108)

199. – (...) Quando penso em casamentos destes face ao nosso, Marta, ainda mais me efervoro na minha propaganda pelo divorcio – dizia ele passando-lhe a mão pela cinta e chegando bem a si esse corpo amado, que era como parte de sua propria vida (p. 108)

200. – E as mulheres um marido como tu... Não sejas modesto!... – respondeu sorrindo. (E 20 1 DM 108)

201. Depois continuou mostrando-lhes os documentos (E 20 1 DM 108)

202. – É do procurador dizendo á Luísa que não pode mandar dinheiro para as despesas da casa, porque Antonio está empenhado com dividas de jogo (E 20 1 DM 109)

203. – E bem sério esse!...Todos os vicios deveriam ser motivo de divorcio.

– Até o fumo? – perguntou Henrique tirando um charuto que acendeu vagarosamente. (E 20 1 DM 109)

204. Só aqueles que fossem consentidos... ou tolerados pelas mulheres, é que não... – sorriu Marta chegando-lhe o cinzeiro. (E 20 1 DM 109)

205. – Pobre Luísa!... – lamentou o marido levantando-se e passeando pelo escritório. (E 20 1 DM 109)

206. No escritório, mobiliado e decorado com uma elegancia sobria e uma elegancia acolhedora e confortavel, Henrique passeava fumando, numa grande concentração de espirito (E 20 1 DM 109)

1.10 Século XX – Segunda metade

SARAMAGO, José. **Memorial do Convento**. Lisboa: Editorial Caminhos, 1982.

1. A primeira razão é que um rei, e ainda mais se o de Portugal for, não pede o que unicamente está sem seu poder de dar, a segunda razão porque sendo a mulher, naturalmente, vaso de receber, há-de ser naturalmente suplicante (E 20 2 MC 3)

2. É uma construção sem caboucos nem alicerces, assenta em tampo de mesa que não precisaria ser tão sólido para a carga que suporta, miniatura de basílica dispersa em pedaços de encaixar, segundo o antigo sistema de macho e fêmea, que, à mão reverente, vão sendo colhidos pelos quatro camaristas de serviço (E 20 2 MC 3)

3. Em rei seria defeito a modéstia. Vai ajustando nos buracos apropriados da cimalha as figuras dos profetas e dos santos, e por cada um fez vénia o camarista, afasta as dobras preciosas do veludo, aí está a estátua oferecida na palma da mão, um profeta de barriga para baixo, um santo que trocou os pés pela cabeça, mas nestas involuntárias irreverências ninguém repara, tanto mais que logo el-rei reconstitui a ordem e solenidade que convém às coisas sagradas, endireitando e pondo em seu lugar as vigilantes entidades (E 20 2 MC 4)

4. Vêem o soalho da tribuna as gelosias que dão para a capela real, e amanhã, à hora da primeira missa, se não regressarem aos veludos e à arca, hão-de ver el-rei devotamente acompanhando (E 20 2 MC 4)

5. Agora so falta colocar a cúpula de Miguel Ângelo, aquele arrebatamento de pedra aqui em fingimento, que, por suas excessivas dimensões, está guardada em arca à parte, e sendo este o remate da construção lhe será dado diferente aparato, que é o de ajudarem todos ao rei, e com um ruído retumbante ajustam-se os ditos machos e fêmeas nos mutos encaixes, e a obra fica pronta (E 20 2 MC 4)

6. Se o poderoso som, que ecoara por toda a capela, pôde chegar, por salas e extensos corredores, ao quanto ou câmara onde a rainha espera, fique ela sabendo que seu marido vem aí (E 20 2 MC 4)

7. Mas vem agora entrando D. Nuno da Cunha, que é o bispo inquisidor, e traz consigo um franciscano velho (E 20 2 MC 4)

8. Entre passar adiante e dizer o recado há vénias complicadas, eloreios de aproximação, pausas e recuos, que são as formulas de acesso à vizinhança do rei, e a tudo isto teremos de dar feito e explicado, vista a pressa que traz o bispo e considerando o tremor inspirado do frade (E 20 2 MC 4)

9. Retiram-se a uma parte D. João V e o inquisidor, e este diz, Aquele que além está é frei António de S. José, a quem falando-lhe eu sobre a tristeza de vossa majestade por não lhe dar filhos a rainha nossa senhora, pedi que encomendasse vossa majestade a Deus para que lhe desse a sucessão (E 20 2 MC 5)

10. e ele respondeu-me, palavras enfim muito claras, que se vossa majestade promettesse levantar um convento na vila de Mafra, Deus lhe daria sucessão, e tendo declarado isto, calou-se D. Nuno e fez um aceno ao arrábido. (E 20 2 MC 5)

11. é um falar de rainha e marquesa, jaculatório e ao mesmo tempo lacrimoso quando proferem os nomes dos santos, pungitivo se houver menção de martírios ou sacrifícios particulares de padres e madres, mesmo não excedendo uns e outros a simples maceração do jejum ou a oculta fustigação do cilício. (E 20 2 MC 5)

12. Mas el-rei já se anunciou, e vem de espírito aceso, estimulado pela conjunção mística do dever carnal e da promessa que fez a Deus por intermédio e bons officios de frei António de S. José. (E 20 2 MC 5)

13. (...) enfim lá se retiram os camaristas por uma porta, as damas por outra e nas antecâmaras ficarão esperando que termine a função, para que regresse el-rei acompanhado ao seu quarto, que foi da rainha sua mãe no tempo de seu pai, e venham as damas a este aconchegar D. Maria Ana debaixo do cobertor de penas que trouxe da Áustria também e sem o qual não pode dormir, seja Inverno ou Verão. (E 20 2 MC 6)

14. E é por causa deste cobertor, sufocante até no frio Fevereiro, que D. João V não passa toda a noite com a rainha, ao princípio sim, por ainda superar a novidade ao incómodo, que não era pequeno sentir-se banhado em suores próprios e alheios, com uma rainha tapada por cima da cabeça, recozendo cheiros e secreções. (E 20 2 MC 6)

15. (...) e antes de subirem os degrauzinhos, cada um de seu lado, ajoelham-se e dizem as orações acautelantes necessárias, para que não morram no momento do acto carnal, sem confissão, para que desta nova tentativa venha a resultar fruto, e sobre este ponto tem D. João V razões dobradas para esperar, confiança em Deus e no seu próprio vigor, por isso está dobrando a fê com que ao mesmo Deus impetra sucessão. (E 20 2 MC 6)

16. Quanto a D. Maria Ana, é de crer que esteja rogando os mesmos favores, se porventura não tem motivos particulares que os dispensem e sejam segredo do confessional. (E 20 2 MC 6)

17. A desprevenido olhar nem se sabe se é de madeira o magnífico móvel, coberto como está pela armação preciosa, tecida e bordada de florões e relevos de ouro, isto não falando do dossel que poderia servir para cobrir o papa. (E 20 2 MC 6)

18. Quando a cama aqui foi posta e armada ainda não havia percevejos nela, tão nova era, mas depois, com o uso, o calor dos corpos, as migrações no interior do palácio, ou da cidade para dentro, donde este bichedo vem é que não se sabe, e sendo tão rica de matéria e adorno não se lhe pode aproximar um trapo a arder para queimar o enxame, não há mais remédio, ainda não o sendo, que pagar a Santo Aleixo cinquenta réis por ano, a ver se livra a rainha e a nós todos da praga e da coceira (E 20 2 MC 6)

19. D. Maria Ana estende ao rei a mãozinha suada e fria, que mesmo tendo aquecido debaixo do cobertor logo arrefece ao ar gélido do quarto, e el-rei, que já cumpriu o seu dever, e tudo espera do convencimento e criativo esforço com que o cumpriu, beija-lha como a rainha e futura mãe, se não presumiu demasiado frei António de S. José. (E 20 2 MC 7)

20. (...) sempre cuida a rainha que seria sua obrigação levantar-se para as últimas orações, mas, tendo de guardar o choco por conselho dos médicos, contenta-se com murmurá-las infinitamente, passando cada vez mais devagar as contas do rosário, até que adormece no meio duma ave-maria cheia de graça, ao menos com essa foi tudo tão fácil, bendito seja o fruto do vosso ventre, e é no do seu ansiado próprio que está pensando, ao menos um filho, Senhor, ao menos um filho. (E 20 2 MC 7)

21. São meandros do inconsciente real, como aqueles outros sonhos que sempre D. Maria Ana tem, vá lá explicá-los, quando el-rei vem ao seu quarto, que é ver-se atravessando o Terreiro do Paço para o lado dos açougues, levantando a saia à frente e patinhando numa lama aguada e pegajosa que cheira ao que cheiram os homens quando descarregam, enquanto o infante D. Francisco, seu cunhado, cujo antigo quarto agora ocupa, alguma assombração lhe ficando, dança em redor dela, empoleirado em andas, como uma cegonha negra. (E 20 2 MC 7)

22. Também deste sonho nunca deu contas ao confessor, e que contas saberia ele dar-lhe por sua vez, sendo, como é, caso omissos no manual da perfeita confissão. (E 20 2 MC 7)

23. Fique D. Maria Ana em paz, adormecida, invisível sob a montanha de penas, enquanto os percevejos começam a sair das fendas, dos refegos, e se deixam cair do alto dossel, assim tornando mais rápida a viagem. (E 20 2 MC 7)

24. e depois dissipar-se a árvore e em seu lugar levantar-se, poderosamente, com altas colunas, torres sineiras; cúpulas e torreões, um convento de franciscanos, como se pode reconhecer pelo hábito de frei António de S. José, que está abrindo, de par em par, as portas da igreja. (E 20 2 MC 8)

25. Porém, era frei Miguel da Anunciação de tão compassiva natureza que, mesmo depois de morto, pagou o mal com o bem, e se vivo fizera caridades, defunto obrava maravilhas, sendo a primeira desmentir os médicos que temiam se corrompesse o corpo aceleradamente e por isso recomendaram abreviada sepultura(...) (E 20 2 MC 8)

26. Ou talvez sim, se, passados três dias, e sendo grande o alarme, dali não tivessem levado o corpo, às ocultas, e às ocultas o enterraram. (E 20 2 MC 9)

27. Mas isto, confessemos-lo sem vergonha, é uma terra de ladrões, olho vê, mão pilha, e sendo a fé tanta, ainda que nem sempre recompensada, maior é o descarado e a impiedade com que se salteiam igrejas (...) (E 20 2 MC 9)

28. Naquela cidade foram, pois, os ladrões a roubar, subindo para esse efeito a uma janela, aonde logo o santo lepidamente os veio receber com isso lhes pregando um tal susto que fez cair desamparado o que mais alto na escada estava, é certo que sem nenhum osso partido, mas tolhidinho de tal maneira que não se pôde mexer mais, e querendo os companheiros levá-lo dali, que também entre ladrões não são raros os corações generosos e abnegados, não o conseguiram (E 20 2 MC 9)

29. Ali ficou o ladrão, como se a mão de Deus o estivesse espalmando contra o chão ou a garra do Diabo o filasse das profundas, ali ficou até de manhã, quando deram com ele os moradores e depois o levaram, já sem custo e com o seu peso natural, ao altar do mesmo santo para que o sarasse, milagre obrado por forma original, pois se viu suar copiosamente a imagem de Santo António(...) (E 20 2 MC 9)

30. Em Lisboa, por exemplo, não tendo o milagre sido menos notório, ainda hoje está por apurar quem foi o do assalto, embora sejam permitidas algumas desconfianças, porventura absolvidas, e quem delas for objecto, pela boa intenção que derradeiramente o motivou. (E 20 2 MC 9)

31. Por isso pôde o ladrão escapar a seu salvo, e se mais barulho fizera, não lho teriam ouvido, por aqui se vendo como o assaltante conhecia bem os costumes da casa. (E 20 2 MC 9)

32. Já o irmão responsável se estava conformando com o castigo que não deixaria de ser-lhe aplicado por uma falta que não saberia explicar, quando se observou, e confirmou pelo tacto e cheiro, que não era o azeite que faltava, ali derramado pelo chão, mas sim as lâmpadas, cujas eram de prata. (E 20 2 MC 10)

33. O desacato ainda estava fresco, se assim se pode dizer, pois as correntes de onde tinham estado suspensas as roubadas lâmpadas oscilavam devagarinho, dizendo, em linguagem de arame, Foi por pouco, foi por pouco. (E 20 2 MC 10)

34. Entretanto, outros religiosos, pensando que podia o ladrão, por fina astúcia, ter-se escondido na igreja, deram-lhe uma volta completa desde o coro à sacristia, e foi quando andavam neste alvoroçado esquadrinhar, toda a congregação atropelando sandálias e fraldas de hábito, levantando tampas de arcazes, arredando armários, sacudindo paramentos, que um frade velho, conhecido por virtuosa vida e brava religião, reparou que o altar de Santo António não fora tocado pelas gatunas mãos, apesar de ser nele abundantíssima a prata, rica de peso, lavor e pureza. (E 20 2 MC 9)

35. Estranhou o pio homem, e estranharíamos nós se lá estivéssemos, porque, sendo manifesto que por aquela clarabóia de além entrou o ladrão e ao altar-mor foi roubar as lâmpadas, teve de passar diante da capela de Santo António que ao meio estava. (E 20 2 MC 10)

36. Com mais do que razão se achou então o frade, inflamado em zelo, ao voltar-se para Santo António, increpando-o como a servo que descuidasse as suas obrigações, E vós, santo, só

guardais a prata que vos toca, e deixais levar a outra, pois em paga disso não vos há-de ficar nenhuma (...) (E 20 2 MC 10)

37. (...) e ditas estas violentíssimas palavras, foi-se à capela e começou a despi-la toda, tirando não só as pratas, mas as toalhas e adornos, e não só à capela, mas também ao próprio santo, que viu levarem-lhe a auréola de tirar e pôr, e a cruz, e que ficaria sem o menino ao colo se outros religiosos não tivessem acudido, achando a punição excessiva e advertindo que o deixasse para consolação do pobre castigado. (...) (E 20 2 MC 10)

38. E como isto já era pelas duas depois da meianoite, tempo gasto nas buscas e finalmente no recriminatório lance relatado, recolheram-se os frades e foram dormir, alguns temendo que viesse Santo António a tirar desforra do insulto. (E 20 2 MC 11)

39. Ao outro dia, aí pelas onze horas dele, bateu à portaria do convento um estudante, cujo convém dizer logo que desde há tempos andava pretendendo o hábito da casa, frequentando com grande assiduidade os frades dela (E 20 2 MC 11)

40. e assim foi um religioso grave, acompanhado do dito estudante, de Xabregas à Cotovia, ambos a pé, entrando na cidade pela Porta de Santa Cruz (...) (E 20 2 MC 11)

41. (...) e tendo passado à ilharga do Rossio, foram dar ao Postigo de S. Roque, e enfim à Cotovia, onde bateram e entraram, e sendo conduzidos ao reitor (E 20 2 MC 11)

42. Assim é, pelos sinais que me foram dados, eram aí umas duas horas bateram à portaria com muita força, e perguntando o porteiro de dentro o que queriam, respondeu uma voz que abrisse logo a porta porque se daria ali uma restituição, e tendo o porteiro vindo a dar-me notícia do insólito caso, mandei abrir a porta e achámos as tais lâmpadas, um tanto amassadas e partidas nas guarnições, aqui estão, se lhes falta alguma coisa, já estava faltando quando foram deixadas (...) (E 20 2 MC 11)

43. Terá sido Santo António que, tendo cometido até hoje tantos e tão variados milagres, também podia ter feito este, ao ver-se dramaticamente despojado das pratas pelo furor sagrado do frade, que bem sabia a quem intimava, como igualmente o sabem os barqueiros e marinheiros do Tejo, que quando o santo lhes não satisfaz as vontades nem lhes premeia os votos o castigam mergu-lhando-o de cabeça para baixo nas águas do rio. (E 20 2 MC 12)

44. Com tais precedentes, sendo tão favorecidos os franciscanos de meios para alterarem, inverterem ou acelerarem a ordem natural das coisas, até a matriz renitente da rainha obedecerá à fulminante injunção do milagre. (E 20 2 MC 12)

45. Lá saberiam os desembargadores que inconvenientes ditava a prudência humana, mas agora vão ter de engolir a língua e digerir o mau pensamento, que já disse frei António de S. José que convento havendo, haverá sucessão. (E 20 2 MC 13)

46. No geral do ano há quem morra por muito ter comido durante a vida toda, razão por que se repetem os acidentes apopléticos, primeiro, segundo, terceiro, e às vezes um basta para levar à cova, e se o acidentado provisoriamente escapou, fica leso de um lado, de boca à banda, sem voz se o lado foi esse, e também sem remédios que lhe acudam, tirando as sangrias, que se receitam às meias dúzias. (E 20 2 MC 14)

47. Mas não falta, por isso mesmo falecendo mais facilmente, quem morra por ter comido pouco durante toda a vida, ou o que dela resistiu a um triste passadio de sardinha e arroz, mais a alface que deu a alcunha aos moradores, e carne quando faz anos sua majestade. (E 20 2 MC 14)
48. Mas esta cidade, mais que todas, é uma boca que mastiga de sobejo para um lado e de escasso para o outro, não havendo portanto mediano termo entre a papada pletórica e o pescoço engelhado (...) (E 20 2 MC 14)
49. Castigámos a carne pelo jejum, maceremo-la agora pelo açoite (E 20 2 MC 14)
50. Comendo pouco purificam-se os humores, sofrendo alguma coisa escovam-se as costuras da alma. (E 20 2 MC 14)
51. (...) todos a pensarem na salvação da alma, alguns convencidos de que a não perderam, outros duvidosos enquanto se não acharem no lugar das sentenças, porventura um deles pensando secretamente que o mundo está louco desde que nasceu. (E 20 2 MC 14)
52. Passa a procissão entre filas de povo, e quando passa rojam-se pelo chão homens e mulheres, arranham a cara uns, arrepelam-se outros, dão-se bofetões todos, e o bispo vai fazendo sinaizinhos da cruz para este lado e para aquele, enquanto um acólito balouça o incensório. (E 20 2 MC 15)
53. Os penitentes vão de grilhões enrolados às pernas, ou suportam sobre os ombros grossas barras de ferro, passando por cima delas os braços como crucificados (...) (E 20 2 MC 15)
54. é aquele o seu homem e servidor, que lhe está dedicando a vergastada violenta e que, não podendo falar berra como o toiro em cio (E 20 2 MC 15)
55. Está o penitente diante da janela da amada, em baixo na rua, e ela olha-o dominante, talvez acompanhada de mãe ou prima ou aia, ou tolerante avó, ou tia azedíssima, mas todas sabendo muito bem o que se passa, por experiência fresca ou recordação remota, que Deus não tem nada que ver com isto, é tudo coisa de fornicção, e provavelmente o espasmo de cima veio em tempo de responder ao espasmo de baixo, o homem de joelhos no chão, desferindo golpes furiosos enquanto geme de dor, a mulher arregalando os olhos para o macho derrubado, abrindo a boca para lhe beber o sangue e o resto. (E 20 2 MC 15)
56. o homem passou adiante, vai pensando, aliviadamente, que daqui para a frente não precisará vergastar-se com tanta força, outros o façam para gáudio doutras. (E 20 2 MC 16)
57. (...) talvez que o costume de deixar que as mulheres corram as igrejas sozinhas na Quaresma, contra o uso do resto do ano, que é tê-las em casa presas, salvo se são populares com porta para a rua ou nesta vivendo (...) (E 20 2 MC 16)
58. (...) que todo o tempo quaresmal é tempo de morte antecipada, aviso que devemos aproveitar, e então, cuidando os homens, ou fingindo cuidar, que as mulheres não fazem mais que as devoções a que disseram ir (E 20 2 MC 16)
59. por estas ruas, com uma igreja a cada esquina, um convento por quarteirão, corre um vento de Primavera que dá volta à cabeça e, não correndo o vento, fazem os suspiros as vezes

dele os que se desabafam nos confessionários ou em lugares escusos, propícios a outras confissões, as da carne adúltera, oscilando na beirada do prazer e do inferno, ambos gostosos nestes dias de mortificação, de altares despidos, de lutos rituais, de pecado omnipresente. (E 20 2 MC 16)

50. Entretanto, se é dia, estarão dormindo a sesta o maridos ingénuos, ou que fingem sê-lo, e se noite, quando soturnamente as ruas e as praças se enchem de multidões que cheiram a cebola e a alfazema, e o murmúrio das orações sai pelas portas escancaradas das igrejas (E 20 2 MC 16)

51. (...) se é noite, mais descansados se sentem, porque assim a demora não será tanta, já se ouviu bater a porta, soaram os passos na escada, vêm falando familiarmente a ama e a criada (...) (E 20 2 MC 17)

52. De tais desafoamentos se vêm privadas as rainhas, principalmente se já estão grávidas, e do seu legítimo senhor, que por nove meses não voltará a aproximar-se delas, regra aliás comum ao popular, mas que vai sofrendo as suas infracções. (E 20 2 MC 18)

53. D. Maria Ana, como razões acrescentadas de recato, tem a mais a maníaca devoção com que foi educada na Áustria, e a cumplicidade que deu ao artifício franciscano, assim mostrando ou dando a entender que a criança que em seu ventre se está formando é tão filha do rei de Portugal como do próprio Deus, a troco de um convento. (E 20 2 MC 18)

54. D. Maria Ana deitou-se muito cedo, rezou antes de ir para a cama, em murmurado coro com as damas que a servem, e depois, coberta já pelo seu cobertor de penas, torna a rezar, reza infinitamente, começam as damas a cabecear, mas resistem como sábias, se não como virgens, e enfim se retiram, fica apenas a luz do lampadeiro vigiando (...) (E 20 2 MC 18)

55. (...) e a dama que ali passará a noite, num leito baixo, não tarda que adormeça, sonhe se quiser, que importância hão-de ter os sonhos que por trás das suas pálpebras se estão sonhando, a nós o que nos interessa é o trémulo pensamento que ainda se agita em D. Maria Ana (...) (E 20 2 MC 18)

56. Quando, ainda consciente, D. Maria Ana se vê a si própria inclinando-se para o pano

santíssimo, não se chega a saber se o ia beijar devotamente, porque de repente adormece e acha-se dentro do coche, recolhendo-se ao paço noite já escura, com a sua guarda de archeiros, e subitamente um homem a cavalo, que vem da caça, com quatro criados em mulas e animais de pêlo e pena pendurados dos arçõs, dentro de redes, rompe o homem em direcção ao coche, de espingarda na mão, o cavalo raspando lume nas pedras e deitando fumo pelas ventas, e quando como um raio rompe a guarda da rainha e chega à estribeira dificilmente sofrendo a montada, dá-lhe na cara a luz das tochas, é o infante D. Francisco, de que lugares do sono veio ele e porque virá tantas vezes. (E 20 2 MC 18)

57. Espantou-se-lhe o cavalo, não podia ter sido outra coisa, com o tropear do coche e dos archeiros sobre as pedras da calçada, mas, comparando sonho e sonho, observa a rainha que de cada vez chega o infante mais perto, que quererá ele, e ela que quererá. (E 20 2 MC 18)

58. E porque andando, andando, acabámos por falar de aves, é altura de ouvirmos os canários que, dentro das igrejas, em gaiolas enfeitadas de fitas e de flores, cantam loucos de amor,

enquanto no púlpito o frade prega o seu sermão e fala de coisas que presume de mais sagradas. (E 20 2 MC 19)

59. A Olivença nos recolhemos, com algum saque que tomámos em Barcarrota e pouco gosto para gozar dele, que não tinha valido a pena marchar dez léguas para lá e correr outras tantas para cá, deixando no campo tanta gente morta e metade da mão de Baltasar Sete-Sóis. (E 20 2 MC 19)

60. Por muita sorte, ou graça particular do escapulário que traz ao peito, não gangrenou a ferida ao soldado nem lhe rebentaram as veias com a força do garrote, e, sendo hábil o cirurgião, bastou desarticular-lhe as juntas, desta vez nem foi preciso meter o serrote ao osso. (E 20 2 MC 19)

61. Assim passou o Inverno, forrando metade do que conseguia angariar, acautelando para o caminho metade da outra metade, e entre a comida e o vinho se lhe ia o resto. (E 20 2 MC 19)

62. A tropa andava descalça e rota, roubava os lavradores, recusava-se a ir à batalha, e tanto desertava para o inimigo como debandava para as suas terras, metendo-se fora dos caminhos, assaltando para comer, violando mulheres desgarradas, cobrando, enfim, adívda de quem nada lhes devia e sofria desespero igual. (E 20 2 MC 20)

63. Veio andando devagar. (E 20 2 MC 20)

64. A Sete-Sóis basta-lhe, para seu contentamento, e desde que não olhe onde lhe falta, a comichão que sente na ponta do dedo indicador, e imaginar que está coçando com o polegar o sítio onde lhe come. (E 20 2 MC 20)

65. E se o número de viajantes não equilibra a desconfiança causada por aquele vulto que no meio do caminho, cortando a passagem, pede auxílio para um soldado a quem cortaram a mão e só por milagre não a vida (...) (E 20 2 MC 20)

66. Passado Pegões, à entrada dos grandes pinheirais onde começa a terra de areia, Baltasar, ajudando-se com os dentes, ata ao coto o espigão, que fará, urgindo a necessidade, as vezes de adaga, em tempo que foi esta proibida por ser arma facilmente mortal. (E 20 2 MC 20)

67. porém, vindo nós de uma guerra onde vimos morrer tanta gente, não é este caso que mereça relato singular, salvo ter Sete-Sóis trocado depois o espigão pelo gancho para mais facilmente arrastar o morto para fora do caminho, assim ficando experimentados os préstimos de ambos os ferros. (E 20 2 MC 21)

68. Quando Sete-Sóis chegou a Aldegalega, estava anoitecendo. (E 20 2 MC 21)

69. Comeu umas sardinhas fritas, bebeu uma tigela de vinho, e, não lhe chegando o dinheiro para a pousada, tão-só, à escassa, para a passagem amanhã, meteu-se num telheiro (E 20 2 MC 21)

70. Sonhou com o choque de Jerez de los Caballeros, que os portugueses desta vez irão vencer porque à frente deles avança Baltasar Sete-Sóis segurando na mão direita a mão esquerda cortada, prodígio para que os espanhóis não têm escudo nem esconjuro. (E 20 2 MC 21)

71. Desatou as correias, e, podendo tanto a ilusão, muito mais sendo noite, e espessa a treva debaixo dos carros, não ver Baltasar as suas duas mãos, não significava que não estivessem lá Ambas. (E 20 2 MC 21)

72. (...) e calçasse-as ele nesse mesmo caminho teriam ficado, e pedindo à mão direita habilidades novas, com o frouxo amparo que o coto, ainda em primeira aprendizagem, podia oferecer, conseguiu acomodar os pés (...) (E 20 2 MC 21)

73. Baltasar não gostava de comer diante de gente, com aquela sua mão direita que sozinha parecia canha, o pão que escorregava, o conduto que caía, mas a mulher ajeitou-lhe a comida em cima duma larga fatia e assim, alternando o uso dos dedos com a ponta da faquita que tirara do bolso, pôde comer com descanso e suficiente asseio. (E 20 2 MC 22)

74. Quando dobraram a ponta de terra, a barca foi apanhada na força da corrente e da vazante, parecia uma viagem para o paraíso, com o sol relampejando na superfície da água e duas famílias de toninhas, qual uma, qual outra, cruzando à frente da barca, escuros os seus lombos luzidios, arqueados como se imaginassem o céu perto e lhe quisesses chegar. (E 20 2 MC 22)

75. Via-se o castelo lá no alto, as torres das igrejas dominando a confusão das casas baixas, a massa indistinta das empenas. (E 20 2 MC 22)

76. Riu-se de gosto antecipado o mestre, como se estivesse fazendo seus próprios planos de navegação carnal e calculando os proveitos da abordagem (E 20 2 MC 23)

77. o marido estava sem saber se havia de achar graça à história ou ficar sério, justamente porque histórias destas já a sério as não podia tomar, se alguma vez pudera, vivendo longe, em terra de Pancas, onde, do nascer ao morrer, é sempre o mesmo rego da charrua, a própria e a figurada. (E 20 2 MC 23)

78. E, pegando numa ideia, depois noutra, por alguma razão desconhecida as ligando, perguntou ao soldado, E vossemecê, que idade tem, e Baltasar respondeu, Vinte e seis anos. (E 20 2 MC 23)

79. Estando vaza a maré, ficava alto o cais, e Baltasar ajudou a mulher do farnel e o seu homem, de peito feito pisou o gracioso que não tugiou nem mugiu, e, alçando a perna, num só impulso se achou em firme. (E 20 2 MC 23)

80. Parecia que tinham vindo juntar-se no mercado todos os moradores de Lisboa. (E 20 2 MC 23)

81. A Sete-Sóis crescia-lhe a água na boca, era como se uma fome acumulada em quatro anos de campanha militar estivesse saltando agora os diques da resignação e da disciplina. (E 20 2 MC 23)

82. Alguém lhe tinha dito isto em Évora, mas também lhe foram dizendo que era necessário pedir muito e por muito tempo (...) (E 20 2 MC 23)

83. A porta duma taberna que ficava ao lado da casa dos diamantes, Baltasar comprou três sardinhas assadas, que, sobre a indispensável fatia de pão, soprando e mordiscando, comeu enquanto caminhava em direcção ao Terreiro do Paço. (E 20 2 MC 24)

84. Tirando a sangueira, o lugar é limpo, com as paredes forradas de azulejos brancos (...) (E 20 2 MC 24)

85. (...) ao Alentejo voltaria neste instante, mesmo adivinhando que o esperava a morte. (E 20 2 MC 24)

86. mas vindo Baltasar de tão longe, afalcoado do caminho, sem dinheiros para manjares-do-céu e fitas de seda, não foi por diante com o namoro, e, saindo da igreja, meteu pela rua larga, em direcção ao Rossio. (E 20 2 MC 25)

87. Era este um dia de mulheres, como se confirmava pela dúzia delas que vinham saindo duma rua estreita, rodeadas de quadrilheiros pretos que as tocavam para a frente (...) (E 20 2 MC 25)

88. Quem são estas, perguntou Sete-Sóis, e quando um homem cerca lho disse, já ele estava acertando que seriam inglesas levadas ao navio donde por fraude do capitão haviam sido largadas (...) (E 20 2 MC 25)

89. Seguiu Baltasar o seu caminho, fazendo a S. Bento promessa de um coração de cera se lhe pusesse adiante, ao menos uma vez na vida, uma inglesa loura, de olhos verdes, e que fosse alta e delgada. (E 20 2 MC 25)

90. Foi beber um caldo à portaria do convento de S. Francisco da Cidade, informou-se das irmandades mais generosas na esmola, retendo três delas para ulterior averiguação, a de Nossa Senhora da Oliveira, onde já estivera, que era a dos confeiteiros, a de Santo Elói, dos ourives da prata, e a do Menino Perdido, por alguma semelhança que consigo encontrava, mesmo lembrando-se tão pouco de ter sido menino, perdido sim, se me acharão um dia. (E 20 2 MC 25)

91. Já então se tinha ligado de amizade com outro antigo soldado, mais velho de anos e experiência, chamava-se este João Elvas, agora com modo de vida na rufiagem, que justamente se acoitava para a noite, estando suave o tempo, nuns telheiros abandonados, rentes com os muros do convento da Esperança, para o lado do olival. (E 20 2 MC 25)

92. Fez-se Baltasar hóspede de ocasião, sempre era um amigo novo, uma companhia para a conversa, mas, pelo sim pelo não, dando como desculpas convir-lhe muito aliviar o braço são do peso do alforge, encairou o gancho no coto, não querendo ofuscar João Elvas e mais quadrilha com o espigão, arma mortal, como sabemos. (E 20 2 MC 26)

93. A pontos de há pouco tempo terem soltado uns cento e cinquenta de culpas menos pesadas, que então estavam no Limoeiro, por junto, mais de quinhentos, com as muitas levas de homens que vieram para a Índia e que acabaram por não ser necessários, e era tanto o ajuntamento, e a fome tanta, que se declarou uma doença que nos ia matando a todos por isso soltaram aqueles, um deles sou eu. (E 20 2 MC 26)

94. e ele foi-se meter no convento da Trindade, e também aquela desventurada mulher que tendo repreendido o marido de descaminhos em que andava, lhe passou ele uma espada de parte a parte, e mais o que aconteceu ao clérigo (E 20 2 MC 26)

95. Foi grande chacina, e deve ter sido feita em vida da infeliz, porque teria sido rigor demasiado tratar assim um cadáver, e porquê, quando o que ali se via era o retalhado das partes sensíveis e menos mortais, só alguém de coração mil vezes danado e perdido pode ter praticado tal crime, nunca na guerra viste uma coisa assim, Sete-Sóis, mesmo não sabendo eu o que na guerra viste, e o que começara a contar o caso pegou nesta vírgula (E 20 2 MC 27)

96. Depois foram aparecendo as partes que faltavam, ao outro dia achou-se na Junqueira a cabeça e uma mão, e um pé à Boavista, e por mão, pé e cabeça se viu ser pessoa mimosa e bem criada, mostrava o rosto ter de idade não mais que dezoito, vinte anos (...) (E 20 2 MC 27)

97. Tornou João Elvas, acrescentando o que do sucesso sabia, El-rei mandou pôr cartéis

com promessa de que se dariam mil cruzados a quem descobrisse os culpados (E 20 2 MC 27)

98. E não havendo mais que dizer depois desta sentença, puseram-se todos a dormir. (E 20 2 MC 27)

99. Está de luto por seu irmão José, o imperador da Áustria, que em pouquíssimos dias o tomaram as bexigas, verdadeiras, e morreu delas, tendo somente trinta e três anos (E 20 2 MC 28)

100. O cheiro da carne estalando quando lhe chegam as labaredas e vai pingando para as brasas a pouca gordura que sobejou dos cárceres. (E 20 2 MC 28)

101. D. Maria Ana não estará no auto-de-fé porque, apesar de prenha, três vezes a sangraram, e isso foi-lhe causa de grande debilitação, em acréscimo dos afrontamentos de que vem padecendo há muitos meses. (E 20 2 MC 28)

102. Demoraram-lhe as sangrias como lhe tinham demorado a notícia da morte do irmão, que queriam os médicos segurá-la mais, sendo de tão pouco tempo a gravidez. (E 20 2 MC 28)

103. Está o palácio triste, sobre a tristeza em que de costume está, com o luto que el-rei mandou dar a toda a sua casa, e ordem para que os títulos e oficiais dela o pusessem, como ele pôs, fechando-se oito dias e tomando seis meses de nojo, três de capa comprida e três de capa curta, por demonstração do grande sentimento da morte do imperador seu cunhado. (E 20 2 MC 28)

104. Porém, hoje é dia de alegria geral, porventura a palavra será imprópria, porque o gosto vem de mais fundo, talvez da alma, olhar esta cidade saindo de suas casas, despejando-se pelas ruas e praças, descendo dos altos, juntando-se no Rossio para ver justificar a judeus e cristãos-novos, a hereges e feiticeiros, fora aqueles casos menos correntemente qualificáveis, como os de sodomia, molinismo, reptizar mulheres e solicitálas, e outras miuçalhas passíveis de degredo ou fogueira. (E 20 2 MC 28)

105. São cento e quatro as pessoas que hoje saem, as mais delas vindas do Brasil, úbere terreno para diamantes e impiedades, sendo cinquenta e um os homens e cinquenta e três as mulheres. (E 20 2 MC 28)

106. E estando já passados quase dois anos que se queimaram pessoas em Lisboa, está o Rossio cheio de povo duas vezes em festa por ser domingo e haver auto-defé, nunca sé chegará a saber de que mais gostam os moradores, se disto, se das touradas, mesmo quando só estas se usarem. (E 20 2 MC 29)

107. Nas janelas que dão para a praça estão as mulheres, vestidas e toucadas a primor, à alemoa, por graça da rainha, com o seu vermelhão nas faces e no colo, fazendo trejeitos com a boca em modo de a fazer pequena e espremida, visagens várias e todas viradas para a rua, a si próprias se interrogando as damas se estarão seguros os sinaizinhos do rosto, no canto da boca o beijocador (...) (E 20 2 MC 29)

108. E sendo o calor tanto, vão-se refrescando os assistentes, com a conhecida limonada, o geral púcaro de água, a talhada de melancia, que não seria por irem morrer aqueles que se consumiriam estes. (E 20 2 MC 29)

109. El-rei, com os infantes seus manos e suas manas infantas, jantará na Inquisição depois de terminado o acto de fé, e estando já aliviado do seu incómodo honrará a mesa do inquisidor-mor, soberbíssima de tigelas de caldo de galinha,(...) (E 20 2 MC 29)

110. Começou a sair a procissão, vêm os dominicanos á frente, trazendo a bandeira de S. Domingos (...) (E 20 2 MC 29)

111. (...)e tudo são rezas e murmúrios, por diferenças de gorro e sambenito se conhece quem vai morrer e quem não, embora um outro sinal haja que não mente, que é ir o alçado crucifixo de costas voltadas para as mulheres que acabarão na fogueira, pelo contrário mostrando a sofredora e benigna face àqueles que desta escaparão com vida,(...) (E 20 2 MC 29)

112. (...) maneiras simbólicas de se entenderem todos quanto àquilo que os espera, se não reparassem no que trazem vestido, e isso sim, é tradução visual da sentença, o sambenito amarelo com a cruz de Santo André a vermelho para os que não mereceram a morte, o outro com as chamas viradas para baixo, dito fogo revoltado, se confessando as culpas a evitaram, e a samarra cinzenta, lúgubre cor, com o retrato do condenado cercado de diabos e labaredas (...) (E 20 2 MC 29)

113. Pregou frei João dos Mártires, provincial dos arrábidos, e certamente ninguém o estaria merecendo mais, se nos lembrarmos de que arrábido foi o frade cuja virtude Deus coroou engravidando a rainha, assim aproveite a prédica à salvação das almas como aproveitarão a dinastia e a ordem franciscana em sucessão assegurada e prometido convento. (E 20 2 MC 30)

114. (...) a procissão é uma serpente enorme que não cabe direita no Rossio e por isso se vai curvando e recurvando como se determinasse chegar a toda a parte ou oferecer o espectáculo edificante a toda a cidade (p. E 20 2 MC 30)

115. (...) aquele que ali vai é Simeão de Oliveira e Sousa, sem mester nem benefício, mas que do Santo Ofício declarava ser qualificador, e sendo secular dizia missa, confessava e pregava, e ao mesmo tempo que isto fazia proclamava ser herege e judeu, raro se viu confusão assim (...) (E 20 2 MC 30)

116. (...) aquele é Domingos Afonso Lagareiro, natural e morador que foi em Portel, que fingia visões para ser tido por santo, e fazia curas usando de bênçãos, palavras e cruces (...) (E 20 2 MC 30)

117. (...) e aquele é o padre António Teixeira de Sousa, da ilha de S. Jorge, por culpas de solicitar mulheres, maneira canónica de dizer que as apalpava e fornicava, decerto começando na palavra do confessor e terminando no acto recato da sacristia, enquanto não vai corporalmente acabar em Angola (E 20 2 MC 30)

118. (...) e tendo ouvido as sentenças, as minhas e mais de quem comigo vai nesta procissão, não ouvi que se falasse de minha filha (E 20 2 MC 30)

119. (...) salta-me no peito se Blimunda aí estiver, entre aquela gente que está cuspidando para mim e atirando cascas de melancia e imundícies (...) (E 20 2 MC 31)

120. (...) e Blimunda disse ao padre, Ali vai minha mãe, e depois, voltando-se para o homem alto que lhe estava perto, perguntou, Que nome é o seu, e o homem disse, naturalmente, assim reconhecendo o direito de esta mulher lhe fazer perguntas, Baltasar Mateus, também me chamam Sete-Sóis. (E 20 2 MC 31)

121. (...) e as pessoas voltarão às suas casas, refeitas na fé, levando agarrada à sola dos sapatos alguma fuligem, pegajosa poeira de carnes negras, sangue acaso ainda viscoso nas brasas não se evaporou. (E 20 2 MC 31)

122. Domingo é o dia do Senhor, verdade trivial, porque dele são todos os dias, e a nós nos vêm gastando os dias se em nome do mesmo Senhor não nos gastaram mais depressa as labaredas (...) (E 20 2 MC 31)

123. Não somos nada perante os desígnios do Senhor, se ele sabe quem somos, conforma-te Blimunda, deixemos a Deus o campo de Deus, não atravessemos as suas fronteiras, adoremos deste lado de cá, e façamos o nosso campo, o campo dos homens, que estando feito há-de querer Deus visitar-nos, e então, sim, será o mundo criado. (E 20 2 MC 32)

124. (...) e apesar de o padre ter acabado primeiro de comer, esperou que Baltasar terminasse para se servir da colher dele, era como se calada estivesse respondendo a outra pergunta Aceitas para a tua boca a colher de que se serviu a boca deste homem, fazendo seu o que era teu, agora tornando a ser teu o que foi dele, e tantas vezes que se perca o sentido do teu e do meu, e como Blimunda já tinha dito que sim antes de perguntada, Então declaro-vos casados. (E 20 2 MC 32)

125. O padre Bartolomeu Lourenço esperou que Blimunda acabasse de comer da panela as sopas que sobejavam, deitou-lhe a bênção, com ela cobrindo a pessoa, a comida e a colher, o regaço, o lume na lareira, a candeia, a esteira no chão, o punho cortado de Baltasar. Depois saiu. (E 20 2 MC 32)

126. Apenas uma vez Baltasar se levantou para pôr alguma lenha na fogueira que esmorecia, e uma vez Blimunda espevitou o morrão da candeia que estava comendo a luz, e então, sendo tanta a claridade, pôde Sete- Sóis dizer, Por que foi que perguntaste o meu nome (E 20 2 MC 33)

127. Não há em Portugal trigo que baste ao perpétuo apetite que os portugueses têm de pão, parece que não sabem comer outra coisa, por isso os estrangeiros que cá moram, doridos das nossas necessidades, que em maior volume frutificam que sementes de abóbora, mandam vir, das suas próprias e outras terras, frotas de cem navios carregados de cereal, como estes que entraram agora Tejo adentro, salvando à torre de Belém e mostrando ao governador dela os papéis do uso (...) (E 20 2 MC 34)

128. (...) e desta vez são mais de trinta mil moios de pão que vêm da Irlanda, e é a abundância tal, fome que finalmente deu em fartura, enquanto em fome se não tornar, que, achando-se cheias as tercenas e também já os armazéns particulares, andam por aí a alugar depósitos por todo o dinheiro (...) (E 20 2 MC 34)

130. São mistérios mercantis que os de fora ensinam e os de dentro vão aprendendo, embora estes sejam ordinariamente tão estúpidos de mercadores falamos, que nunca mandam vir eles próprios as mercadorias das outras nações, antes se contentam com comprá-las aqui aos estrangeiros que se forram da nossa simplicidade e forram com ela os cofres, comprando a preços que nem sabemos e vendendo a outros que sabemos bem de mais porque os pagamos com língua de palmo e a vida palmo a palmo. (E 20 2 MC 34)

131. Porém, morando o riso tão perto da lágrima, o desafogo tão cerca da ânsia, o alívio tão vizinho do susto, nisto se passando a vida das pessoas e das nações, conta João Elvas a Baltasar Sete-Sóis o formoso passo bélico de se ter armado a marinha de Lisboa, de Belém a Xabregas (E 20 2 MC 35)

132. e afinal a armada invasora transformou-se em uma frota de bacalhau, que boa falta estava fazendo, como não tardou a ver-se pelo apetite. (E 20 2 MC 35)

133. Vai Baltasar para ter outra vez saudades da guerra, mas lembra-se de Blimunda e lança-se a querer averiguar de que cor são os olhos dela, é uma guerra em que anda com a sua própria memória, que tanto lhe lembra uma cor como outra, nem os seus próprios olhos conseguem decidir que cor de olhos estão vendo quando os têm diante. (E 20 2 MC 35)

134. Não pôde Sete-Sóis responder porque o padre, parando arredado, lhe fez sinal para que se aproximasse, assim ficando João Elvas na grande estupefacção de ver o seu amigo bafejado pelos ares do Paço e da Igreja, e já pensando se disto poderia vir a tirar proveito um soldado vadio. (E 20 2 MC 36)

135. E para que alguma coisa se fosse adiantando entretanto, estendeu a mão à esmola, primeiro a um fidalgo que de boa maré lha deu, depois, por distracção, a um frade mendicante que passava exibindo uma imagem e oferecendo-a ao ósculo devoto, com o que João Elvas acabou por largar o que tinha recebido. (E 20 2 MC 36)

136. E quando será isso, padre, quis Baltasar saber, ingénua curiosidade de quem acaba de chegar à corte e lhe ignora os usos, Não te sei dizer, mas, tardando, talvez eu possa dizer uma palavra a sua majestade, que me distingue com a sua estima e protecção, (p. E 20 2 MC 36)

137. (...) e assim ficaram parados, o padre um pouco mais baixo e parecendo mais novo, mas não, têm ambos a mesma idade (...) (E 20 2 MC 36)

138. (...) porém são duas diferentes vidas, a de Sete- Sóis trabalho e guerra, uma acabada, outro que terá de recomeçar, a de Bartolomeu Lourenço, que no Brasil nasceu e novo veio pela primeira vez a Portugal, de tanto estudo e memória que, sendo moço de quinze anos, prometia, e muito fez do que prometeu (...) (E 20 2 MC 36)

139. (...) e explicar a parte de Aristóteles, ainda que extensa, com todos os seus embaraços, termos e meios termos, e responder a todas as dúvidas da Sagrada Escritura, tanto do Testamento Velho como do Novo, repetindo de cor, quer a fio corrido quer salteado, todos os Evangelhos dos quatro Evangelistas, para trás e para diante, (...) (E 20 2 MC 36)

140. O homem primeiro tropeça, depois anda, depois corre, um dia voará, respondeu Bartolomeu Lourenço, mas logo se pôs de joelhos porque estava passando o Corpo de Nosso Senhor para algum doente de qualidade (...) (E 20 2 MC 37)

141. Já não se sentou o padre Bartolomeu Lourenço, devagar aproximou-se da beira do rio, com Baltasar atrás, e ali, estando a um lado uma barca a descarregar palha em grandes panais que os mariolas transportavam às costas correndo equilibrados sobre a prancha, e a outro lado chegando-se duas escravas pretas a despejar para a água os calhandros de seus amos, o mijo e a merda do dia ou da semana entre o natural cheiro da palha e o cheiro natural do excremento, disse o padre (E 20 2 MC 37)

142. (...) enfim já me deixam respirar um pouco os maldizentes, que chegaram ao ponto de desejar que eu partisse as pernas quando me lançassem do castelo, sendo certo que nunca eu tal coisa prometera (...) (E 20 2 MC 38)

143. Ouvi dizer que ela tinha visões de ver pessoas voando com asas de pano (...) (E 20 2 MC 38)

144. Só te direi que se trata de um grande mistério, voar é uma simples coisa comparando com Blimunda. (E 20 2 MC 39)

145. Andando e conversando, chegaram à estrebaria de um alquilador, na porta do Corpo Santo. (E 20 2 MC 39)

146. Subiram a S. Roque, e depois, contornando o alto morro das Taipas, desceram pela Praça da Alegria até Valverde. (E 20 2 MC 39)

147. Apesar de não ter caído pinga de água desde Abril, sendo já passados quatro meses, estavam viçosos todos os campos para cima de Valverde, por via das muitas fontes perenes, encaminhados os mananciais ao cultivo das hortaliças, que ali eram abundantes, às portas da cidade. (E 20 2 MC 39)

148. (...) e se por lá não rebentavam as fontes naturais, supriam a falta as cegonhas de tirar água, erguendo os seus pescoços compridos, e circulavam burros à nora, de olhos tapados para terem a ilusão de caminhar a direito, não sabendo, como não sabiam os donos, que andando realmente a direito também acabariam por vir parar ao mesmo lugar, porque o mundo. é ele uma nora e são os homens que, andando em cima dele, o puxam e fazem andar. (E 20 2 MC 39)

149. Mesmo já cá não estando Sebastiana Maria de Jesus para ajudar com as suas revelações, é fácil ver que, faltando os homens, o mundo pára. (E 20 2 MC 39)

150. Fez entrar a mula, que levou para uma sombra, enfiou-lhe no focinho uma alcofa de palha e fava, e ali a deixou aliviada da carga, sacudindo com o rabo farto os tavões e as moscas, excitados pelo manjar que lhes chegava da cidade. (E 20 2 MC 39)

151. A um lado do pátio espaçoso ficava um celeiro, ou abegoaria, ou adega, estando vazio não se podia saber que serventia fora a sua, pois para celeiro lhe faltavam tulhas, para abegoaria onde estariam as argolas, e adega não a há sem tonéis. (E 20 2 MC 39)

152. Então é isto, e o padre Bartolomeu Lourenço respondeu, Há-de ser isto, e, abrindo uma arca, tirou um papel que desenrolou, onde se via o desenho de uma ave, a passarola seria (...) (E 20 2 MC 40)

153. (...) o padre explicou, em tom primeiramente sereno, depois animando-se, Isto que aqui vês são as velas que servem para cortar o vento e que se movem segundo as necessidades (...) (E 20 2 MC 40)

154. A Baltasar convencia-o o desenho, não precisava de explicações pela razão simples de que não vendo nós a ave por dentro, não sabemos o que a faz voar, e no entanto ela voa, porquê, por ter a ave forma de ave, não há nada mais simples (...) (E 20 2 MC 40)

155. Olhou o desenho e os materiais espalhados pelo chão, a concha ainda informe, sorriu, e, levantando um pouco os braços, disse, Se Deus é maneta e fez o universo (...) (E 20 2 MC 41)

156. Por enquanto, faltando ao padre Bartolomeu Lourenço o dinheiro para comprar os ímanes que, na sua ideia, hão-de fazer voar a passarola, cujos, ainda por cima, terão de vir do estrangeiro, está Sete-Sóis no açougue do Terreiro do Paço, por empenho do mesmo padre, transportando ao lombo peças de carne variada (...) (E 20 2 MC 41)

157. (...) e, querendo Deus e o humor do açougueiro, a apara de vazia, de alcatra ou pojadouro, embrulhados numa crespa folha de couve, para que Blimunda e Baltasar se alimentem um pouco melhor que o vulgar, quem parte e reparte, mesmo não sendo Baltasar o da partição, para alguma coisa aproveitaria a arte. (E 20 2 MC 41)

158. Para D. Maria Ana é que lhe vem chegando o tempo. (E 20 2 MC 41)

159. Chegou há dias a nau de Macau que se esperava, tendo partido daqui há vinte meses (E 20 2 MC 42)

160. (...) e houve causa milagrosa para que em jornada tão perigosa e dilatada nem adoeceu nem morreu um só homem que fosse, que parece que aproveitou a missa quotidiana que cá se ficou dizendo por intenção da viagem a Nossa Senhora da Piedade das Chagas, e nem errou o caminho, ignorando-o o piloto, se tal é crível, com o que já se vai dizendo que negócios bons são os da China. (E 20 2 MC 42)

161. Mas, para não ser tudo perfeito, chegou a notícia de estar acesa a luta entre os do Pernambuco e os do Recife, todos os dias ali se dão batalhas, algumas muito sanguinolentas, e

foram ao ponto de deitar fogo aos matos, queimando todos os açúcares e tabacos, que para el-rei é perda muito considerável. (E 20 2 MC 42)

162. Dão, se calha, estas e outras notícias a D. Maria Ana, mas ela está flutuando, indiferente, no seu torpor de grávida (...) (E 20 2 MC 42)

163. quando nos primeiros tempos se sentia como aquelas figuras que à proa das naus se põem e que, não sendo as que mais longe observam, para isso lá está o óculo e lá está o gajeiro, são as que mais fundo vêem. (E 20 2 MC 42)

164. Andam ao despique todas as congregações da Província da Arrábida, dizendo missas, fazendo novenas, promovendo orações, por intenção geral e particular, explícita e implícita, para que nasça bem o infante e numa boa hora (...) (E 20 2 MC 43)

165. Nem sempre se pode ter tudo, quantas vezes pedindo isto se alcança aquilo, que esse é o mistério das orações, lançamo-las ao ar com uma intenção que é nossa, mas elas escolhem o seu próprio caminho às vezes atrasam-se para deixar passar outras que tinham par tido depois, e não é raro que algumas se acasalem, assim nascendo orações arraçadas ou mestiças, que não são nem o pai nem a mãe que tiveram (...) (E 20 2 MC 42)

166. Mas o reino está gloriosamente feliz, não só porque nasceu o herdeiro da coroa e pelas luminárias festivas que por três dias foram decretadas, mas porque, havendo sempre que contar com os efeitos secundários que têm as preces sobre as forças naturais, podendo até acontecer que dêem em grandes secas, como esta que há oito meses durava e só essa causa podia ter, nem se via que outra fosse, acabadas as orações deu em chover, enfim, que já se diz que o nascimento da infanta trouxe auspícios de felicidade, pois agora chove tanto que só Deus a pode estar mandando, por alívio seu da importunação que lhe fazíamos. (E 20 2 MC 43)

167. Já andam os lavradores lavrando, vão para o campo mesmo debaixo de chuva, a leiva cresce da terra húmida como saem as crianças lá donde vêm, e, não sabendo gritar como elas, suspira ao sentir-se rasgada pelo ferro, e deita-se de lado, luzidia, oferecendo-se à água que continua a cair, agora muito devagar, quase poalha impalpável, para que não se perca a forma do alqueive, terra encrespada para o conchego da seara. (E 20 2 MC 43)

168. Foi a princesa a baptizar, em dia de Nossa Senhora do Ó dia por excelência contraditório, pois já está a rainha despejada da sua redondez, e logo se observa que, finalmente, nem todos os príncipes são príncipes por igual, como com muita clareza está mostrando a pompa e solenidade com que se dará o nome e o sacramento a este, ou esta, com todo o paço e capela real armados de panos e ouros (...) (E 20 2 MC 43)

169. Saiu o acompanhamento da câmara da rainha para a igreja, passando pela sala dos Tudescos, e atrás dele o duque de Cadaval, com a sua opa roçagando o chão, sob o pálio vai o duque, e às varas pegam, por distinção, títulos de primeira grandeza e conselheiros de Estado (E 20 2 MC 44)

170. (...) e ficou a chamar-se Maria Xavier Francisca Leonor Bárbara, logo ali com o título de Dona adiante, apesar de tão pequena ainda, está ao colo, baba-se e já é dona, que fará em crescendo (...) (E 20 2 MC 44)

171. Talvez ande por aqui obra de outro mais secreto sacramento, a cruz e o sinal feitos e traçados com o sangue da virgindade rasgada, quando, à luz amarela do candil, estando ambos deitados de costas, repousando, e, por primeira infracção aos usos, nus como suas mães os tinham parido (E 20 2 MC 45)

172. e depois que o comeu abre os olhos, vira-se para Baltasar e descansa a cabeça sobre o ombro dele, ao mesmo tempo que pousa a mão esquerda no lugar da mão ausente, braço sobre braço, pulso sobre pulso, é a vida, quanto pode emendando a morte. (E 20 2 MC 45)

173. Tacteia o chão, a encherga, mete as mãos por baixo da travesseira, e então ouve Baltasar dizer, Não procures mais, não encontrarás, e ela, cobrindo os olhos com os punhos cerrados, implora, Dá-me o pão, Baltasar, dá-me o pão, por alma de quem lá tenhas (E 20 2 MC 45)

174. Cobrindo o rosto com o antebraço, Blimunda comeu enfim o pão. (E 20 2 MC 46)

175. A luz cinzenta do quarto amanheceu de azul para aqueles lados, assim pensaria Baltasar se tivesse aprendido a pensar coisas destas, mas melhor que pensar finezas que poderiam servir nas antecâmaras da corte ou nos palatários das freiras, foi sentir o calor do seu próprio sangue quando Blimunda se virou para ele, os olhos agora escuros, e de repente uma luz verde passando, que importavam agora os segredos, melhor seria tornar a aprender o que já sabia, o corpo de Blimunda ficará para outra ocasião, porque esta mulher, tendo prometido, vai cumprir (E 20 2 MC 46)

176. Aliás, viu na guerra o que está vendo aqui, que para averiguar o que dentro há é sempre preciso um cutelo ou um pelouro, um machado ou o fio duma espada (...) (E 20 2 MC 46)

177. (...) nem vale a pena perguntar, Em que estás a pensar, Sete-Sóis, porque ele responderia, julgando dizer a verdade, Em nada, (E 20 2 MC 47)

178. (...) e é loucura ou tentação do diabo perguntar-lhe, Por que comes tu pão, tendo fechados os olhos, se não o comendo és cega, não o comas para não veres tanto, Blimunda, porque ver como tu vês é a maior das tristezas, ou sentido que ainda não podemos suportar (E 20 2 MC 47)

179. Blimunda quieta, de olhos fechados, alargando o tempo do jejum para se lhe aguçarem as lancetas dos olhos, estiletos finíssimos quando enfim saírem para a luz do sol, porque este é o dia de ver, não o de olhar, que esse pouco é o que fazem os que, olhos tendo, são outra qualidade de cegos. (E 20 2 MC 48)

180. (...) e aquele homem novo que me olhou tem o seu membro de homem apodrecido de venéreo, purgando como uma bica, enrolado em trapos (...) (E 20 2 MC 48)

181. (...) e ali vai um frade que leva nas tripas uma bicha solitária que ele tem de sustentar comendo por dois ou três, por dois ou três comeria mesmo que a não tivesse (...) (E 20 2 MC 48)

182. E como hei-de eu acreditar que tudo isso é verdade, se tu vais explicando coisas que eu não posso ver com os meus olhos, perguntou Baltasar (E 20 2 MC 48)

183. (...) e agora te digo que começou a mudar o quarto da lua, porque sinto os olhos a arderem-me e vejo umas sombras amarelas a passar diante deles, são como piolhos caminhando, remexendo as patas, e são amarelos, mordem-me os olhos, (E 20 2 MC 49)

184. (...) à beirinha do Tejo, os marinheiros que estão empoleirados nas vergas dos barcos, só para provar a boa pontaria que tem, e quando acerta e eles vão cair no convés, sangrando todos, um e outro morto, (E 20 2 MC 49)

185. (...) e o contramestre não se atreve a mandar descer os marujos para não irritar sua alteza e porque, apesar das baixas, a manobra tem de ser feita e dizemos nós que ele não se atreve é ingenuidade de quem de longe está olhando, porque o mais certo é nem sequer pensar esta simples humanidade, (E 20 2 MC 49)

187. (...) e deitaram fogo à casa do fisco, e foram aos matos, por denúncia de judeus, a desenterrar o ouro que certas pessoas principais tinham escondido, e isto sendo os franceses apenas dois ou três mil e os nossos dez mil, porém estava o governador feito com eles, (...) (E 20 2 MC 50)

188. (...) e estando nós tão pobrezinhos de barcos pedimos a uns navios ingleses e holandeses que aí estão e eles foram pôr-se na linha da barra, à espera do inimigo que há-de estar no espaço imaginário (...) (E 20 2 MC 50)

189. (...) e agora veio-se a saber que eram vinhos comprados no Porto, e as naus francesas são afinal inglesas que andam no seu comércio, e de caminho vão-se rindo à nossa custa, bom prato somos para galhofas estrangeiras (E 20 2 MC 50)

190. (...) e foi o caso que certo clérigo, costumeiro em andar por casas de mulheres de bem fazer e ainda melhor deixar que lhes façam, satisfazendo os apetites do estômago e desenfadando os da carne, e sempre pontualmente dizendo sua missa, quando lá lhe parecia alçava levando os bens que lhe estavam à mão (...) (E 20 2 MC 50)

191. (...) tirou ela ordem de prisão, e indo os oficiais e agarradores a cumpri-la por ordem do corregedor do bairro, a uma casa onde o clérigo já estava vivendo com outras inocentes mulheres, entraram, mas tão desatentos à obrigação que não deram com ele, que estava metido numa cama, e foram a outra onde lhes pareceu que estaria, assim dando vaza para que o padre saltasse, nu em pêlo, e, disparando escada abaixo, a murro e pontapé limpou o caminho, ficaram gemendo os quadrilheiros pretos, mas conforme puderam, cainçando, correram atrás do padre pugilista e garanhão (...) (E 20 2 MC 50)

192. (...) e com este espectáculo padeceram grande abalo as senhoras moradoras, coitadas, assim desprevenidas, como desprevenidas e isentas estariam as que se achavam rezando na igreja da Conceição Velha e viram entrar o padre resfolgando, em figura de inocente Adão, mas tão carregado de culpas, sacudindo badalo e guisos (...) (E 20 2 MC 51)

193. (...) quem pudera agarrá-lo para uma coisa que eu cá sei, dez padre-nossos, dez salve-rainhas, e dez réis de esmola ao nosso padre Santo António, e, estar deitada uma hora inteira, com os braços em cruz, de barriga para baixo como à prosterinação convém, de barriga para cima que é posição de mais celestial gozo, mas sempre levantando os pensamentos, não as saias, que isso ficará para o próximo pecado. (E 20 2 MC 51)

194. (...) e vêm dois coches castelhanos a deitar por fora capelães e pagens, e à frente da liteira doze lacaios, que somando a isto tudo os cocheiros e liteiros é uma multidão para servir um cardeal só, quase íamos esquecendo o criado que lá vai adiante com a maça de prata, (...) (E 20 2 MC 51)

195. (...) mas conhecendo nós as artes de Blimunda, imaginemos que ela aqui está, veremos o cardeal subindo por entre fileiras de guardas, e entrando na última casa do dossel sai el-rei a recebê-lo e ele lhe deu água benta (...) (E 20 2 MC 52)

196. Chegando a casa, conta Baltasar o que viu a Blimunda, (...) (E 20 2 MC 52)

197. (...) e um barrete de cardeal, vindo por mão própria de Roma e de propósito feito, se não anda aqui experimentação maliciosa da modéstia dos grandes, é porque afinal merece inteira confiança a humildade deles (...) (E 20 2 MC 52)

198. Baltasar conta a Blimunda casos da sua guerra, e ela segura-lhe o gancho do braço esquerdo como se a verdadeira mão segurasse, é o que ele está sentindo, a memória da sua pele sentindo a pele de Blimunda. (E 20 2 MC 53)

199. Outro ferro anda agora no alforge de Sete-Sóis, é a chave da quinta do duque de Aveiro, que tendo vindo ao padre Bartolomeu Lourenço os falados ímanes, mas ainda não as substâncias de que faz segredo, podia enfim adiantar-se a construção da máquina de voar (E 20 2 MC 54)

200. E sendo a Costa do Castelo longe de S. Sebastião da Pedreira, de mais para ir e vir todos os dias, decidiu Blimunda que deixaria a casa para estar onde estivesse Sete-Sóis. (E 20 2 MC 54)

201. (...) se ninguém por ali passar e disser, Olha uma casa vazia, e dizendo, nela não se instalar, um ano não tardará que as paredes abatam, e o telhado, e então ficarão apenas alguns adobes partidos (E 20 2 MC 54)

202. Sendo os haveres tão poucos, uma viagem chegou para transportar, à cabeça de Blimunda e às costas de Baltasar, a trouxa e o atado a que se resumiu tudo. (E 20 2 MC 54)

203. Descansaram aqui e além no caminho, calados, nem tinham que dizer, se até uma simples palavra sobre se é a vida que está mudando, muito mais que estarmos nós mudando nela. (E 20 2 MC 54)

204. Em vindo o padre Bartolomeu Lourenço, poderá Blimunda, se não tem trabalhos de lavar ou cozinhar que ao tanque a levem ou ao forno a retenham, ou se não prefere assistir a Baltasar passando-lhe o martelo ou a turquês (...) (E 20 2 MC 54)

205. (...) além de serem concubinos, se não é pior a palavra que a situação, aliás facilmente absolvida pelo padre Bartolomeu Lourenço que tem diante dos próprios olhos um maior pecado seu aquele de orgulho e ambição de fazer levantar um dia aos ares, aonde até hoje apenas subiram Cristo a Virgem e alguns escolhidos santos, estas espalhadas partes que trabalhosamente Baltasar vai conjugando, enquanto Blimunda diz do outro lado do pano, em voz alta bastante para que Sete-Sóis a ouça, Não tenho pecados a confessar: (...) (E 20 2 MC 55)

206. Vivem dentro da abegoaria, ou saem a tomar o sol, cerca-os a grande quinta abandonada onde as árvores de fruto vão regressando à braveza natural, as silvas cobrindo os caminhos, (E 20 2 MC 55)

207. e Blimunda, com o enxadão, cortou e pôs ao sol as raízes, havendo tempo ainda esta terra dará alguma coisa do que deve ao trabalho. (E 20 2 MC 55)

208. Baltasar pousa a cabeça no regaço de Blimunda e ela catalhe os bichos, que não é de espantar terem-nos os apaixonados e os construtores de aeronaves, se tal palavra já se diz nestas épocas, como se vai dizendo armistício em vez de pazes. (E 20 2 MC 55)

209. Por isso Blimunda vem ajudar, e, chegando ela, acaba-se a rebelião (E 20 2 MC 56)

210. Uma vez por outra, Blimunda levanta-se mais cedo, antes de comer o pão de todas as manhãs, e, deslizando ao longo da parede para evitar pôr os olhos em Baltasar afasta o pano e vai inspeccionar a obra feita, (E 20 2 MC 56)

211. (...) e, acabada a vistoria, fica enfim a mastigar o alimento, pouco a pouco se tornando tão cega como a outra gente que só pode ver o que à vista está. (E 20 2 MC 56)

212. (...) e, assim, Blimunda que até aí só se chamava, como sua mãe, de Jesus, ficou sendo Sete-Luas, e bem baptizada estava, que o baptismo foi de padre, não alcunha de qualquer um. (E 20 2 MC 56)

213. Porém, esta religião é de oratório mimoso, com anjos carnudos e santos arrebatados e muitas agitações de túnica, roliços braços, coxas adivinhadas, peitos que arredondam, revirações dos olhos, tanto está sofrendo quem goza como está gozando quem sofre, por isso é que não vão os caminhos dar todos a Roma, mas ao corpo. (E 20 2 MC 56)

214. Aqui ensaiou o padre Bartolomeu Lourenço o sermão que foi pregar a Salvaterra de Magos, estando lá el-rei e a corte, aqui está provando agora o que pregará na festa dos desponsórios de S. José (...) (E 20 2 MC 56)

215. (...) de el-rei não falemos, que sendo tão moço ainda gosta de brinquedos, por isso protege o padre, por isso se diverte tanto com as freiras nos mosteiros e as vai emprenhando, uma após outra, ou várias ao mesmo tempo, (E 20 2 MC 57)

216. Assim nunca chegarei a voar, disse-o em voz cansada, e fez um gesto de tão fundo desânimo que Baltasar teve a instantânea percepção da inutilidade do que estava fazendo, por isso largou o martelo, mas querendo emendar o que podia ser tomado por renúncia, disse, Temos de construir aqui uma forja, (E 20 2 MC 57)

217. (...) e então subiremos ao ar, com o vento, ou com o sopro dos foles, se o vento faltar, mas torno a dizer, faltando o éter, falta-nos tudo. (E 20 2 MC 57)

218. E Blimunda disse, Se o sol atrai o âmbar, e o âmbar atrai o éter, e o éter atrai o íman, e o íman atrai o ferro, a máquina irá sendo puxada para o sol, sem parar. (E 20 2 MC 58)

219. Fez uma pausa também, e rematou, Quanto a saber como será o sol por dentro, levante-se da terra a máquina e o resto virá por acréscimo, querendo nós e não o contrariando insuportavelmente Deus. (E 20 2 MC 58)

220. Agora sairão as freiras de Santa Mónica em extrema indignação, insubordinando-se contra as ordens de el-rei de que só pudessem falar nos conventos a seus pais, filhos, irmãos e parentes até segundo grau (E 20 2 MC 58)

221. Acudiu o provincial da Graça, querendo reduzi-las ao sossego e ao acatamento da real vontade, sob pena de excomunhão se a quebrassem (E 20 2 MC 58)

222. (...) até que ao encontro lhes sai a comunidade dos frades da Graça e lhes rogam que, pelas Cinco Chagas, detenham o motim, e aí temos armado um santo colóquio entre frades e freiras, disputando cada qual (...) (E 20 2 MC 58)

223. ficaram por ali as freiras, sentadinhas no chão natural as mais vetustas, alertas e vivíssimas as da última safra, a apanhar o bom solzinho da estação que faz subir os corações, olhando quem ia de passagem e por curiosidade parava, que pratos destes não os temos todos os dias, e conversando com quem bem apetecia, em modo de ali se terem fortalecido laços com proibidos visitantes que sabendo acorreram, e em acordos, requebros, horas combinadas, palavras de passe, sinais de dedos ou lençinho foi correndo o tempo até ao meio-dia, e porque enfim estava o corpo querendo alimento, ali mesmo comeram dos doces que traziam nos alforges, suas razões (E 20 2 MC 58)

224. (...) e ao cabo desta manifestação chegou contra-ordem do paço, que tudo voltava à moralidade primeira, posto o que recolheram vitoriosas as freiras a Santa Mónica entoando jubilosos cantos (E 20 2 MC 58)

225. Metem, quantas vezes forçadamente, estas mulheres em reclusão conventual, aí ficam, por esta forma aliviando partições de heranças, favorecendo o morgadio e outros irmãos varões, e, estando assim presas, até o simples apertar de dedos à grade querem recusar-lhes, o clandestino encontro, o suave contacto, a doce carícia, mesmo trazendo ela tantas vezes consigo o inferno, abençoado seja. (E 20 2 MC 59)

226. Outra contrariedade esperada é o auto-de-fé, não para a Igreja, que dele aproveita em reforço piedoso e outras utilidades, nem para el-rei que, tendo saído no auto senhores de engenho brasileiros, aproveita da fazenda deles, (...) (E 20 2 MC 59)

227. ao todo cento e trinta e sete pessoas, que o Santo Ofício, podendo, lança as redes ao mundo e trá-las cheias, assim peculiarmente praticando a boa lição de Cristo quando a Pedro disse que o queria pescador de homens. (E 20 2 MC 59)

228. e como vão partir para Mafra, lembra-te de vir aqui de vez em quando ver como está a máquina, podes entrar e sair sem receio, que a quinta confiou-ma el-rei e ele sabe o que nela está, e tendo dito, montou na mula e partiu. (E 20 2 MC 60)

229. Já lá vai pelo mar fora o padre Bartolomeu Lourenço, e nós que iremos fazer agora, sem a próxima esperança do céu, pois vamos às touradas, que é bem bom divertimento, Em Mafra nunca as houve, diz Baltasar, e, não chegando o dinheiro para os quatro dias da função, que este ano foi arrematado caro o chão do Terreiro do Paço, iremos ao último (E 20 2 MC 60)

230. A praça está toda rodeada de mastros, com bandeirinhas no alto e cobertos de volantes até ao chão, que adejam com a brisa, e à entrada do curro armou-se um pórtico de madeira, pintada como se fosse mármore branco, e as colunas fingindo pedra da Arrábida, com os frisos e cornijas dourados. (E 20 2 MC 61)

231. Estão as bancadas e os terrados formigando de povo, reservadamente acomodadas as pessoas principais (...) (E 20 2 MC 61)

232. (...) e agora retiraram-se os aguadores, ficou o terreiro um brinco, cheirando a terraolhada, parece que o mundo se acabou agora mesmo de criar (E 20 2 MC 61)

233. (...) e os de pé cravaram dardos enfeitados de papéis recortados, e aquele cavaleiro a quem o touro desfeiteou, fazendo-lhe cair o manto, atira o cavalo contra o animal e fere-o à espada, que é o modo de vingar a honra manchada. (E 20 2 MC 61)

234. (...) e os touros morrem uns após outros e são levados para fora numa carroça de rodas baixas puxada a seis cavalos, como só para gente real ou de grande título se usa, o que, se não prova a realeza e a dignidade dos touros, está mostrando quanto eles são pesados (...) (E 20 2 MC 61)

235. (...) e lá vai o touro crivado de flechas, esburacado de lançadas, arrastando pelo chão as tripas, os homens em delírio apalpam as mulheres delirantes, (...) (E 20 2 MC 61)

236. (...) sobe-lhe à cabeça o sangue que vê derramar-se, as fontes abertas nos flancos dos touros, manando a morte viva que faz andar a cabeça à roda, mas a imagem que se fixa e arrefece os olhos é a cabeça descaída de um touro, a boca aberta, a língua grossa pendendo (...) (E 20 2 MC 62)

237. (...) e então começa a manta a arder, e os foguetes rebentam, por largo espaço vão rebentando, estouram e resplandecem por toda a praça, é como assar o touro em vida, e assim vai o animal correndo o terreiro, louco e furioso, saltando e bramindo, enquanto D. João V e o seu povo aplaudem a mísera morte, que nem o touro, ao menos, se pode defender e morrer matando. (E 20 2 MC 62)

238. Trazem agora umas figuras de barro pintadas, de maior tamanho que o natural de homens citando de braços levantados, e põem-nas no meio do terreiro (E 20 2 MC 62)

239. (...) e os touros investem, rebentam-se os potes com surdo estrondo e de dentro saem dezenas de coelhos espavoridos, correndo à disparada por todos os lados, (E 20 2 MC 62)

240. (...) subitamente mudam os clamores de tom porque de dois outros bonecos de barro, agora despedaçados, saem estalando bruscamente as asas bandos de pombas, desorientadas pelo choque, feridas pela luz crua, (...) (E 20 2 MC 62)

241. Eu venho fugindo aos tombos dos que por matar-me morrem, que aqui, quando touros correm, também querem correr pombos (E 20 2 MC 63)

241. Estava Baltasar com o seu gancho posto, e era um dó de alma, uma aflição ver sobre o ombro da mulher um ferro torcido em vez da concha que os dedos fazem, acompanhando o

contorno do que cingem, amparo que o será tanto mais, quanto mais se amparar. (E 20 2 MC 64)

242. (...) e então Blimunda afastou-se para que cada coisa acontecesse a seu tempo e cá de fora ouviu as lágrimas e as perguntas, Meu querido filho, como foi, quem te fez isto, o dia ia escurecendo, até que Baltasar veio à porta e a chamou, Entra, acendia-se dentro de casa uma candeia (...) (E 20 2 MC 64)

243. Com a última luz do dia chegara o pai de Baltasar, de seu nome João Francisco, filho de Manuel e Jacinta, aqui nascido em Mafra, sempre nela vivendo (E 20 2 MC 64)

244. Baltasar explicava como tinha sido aquilo da batalha, a mão cortada, os anos de ausência, mas calando que estivera quase dois anos em Lisboa sem dar notícias quando as primeiras e únicas só aqui tinham sido recebidas há poucas semanas, por carta que o padre Bartolomeu Lourenço ainda escrevera, enfim a pedido de Sete-Sóis, dizendo que estava vivo e ia voltar, (E 20 2 MC 65)

245. (...) Sendo assim, bem-vinda sejas à casa dos Sete-Sóis, (E 20 2 MC 65)

246. Padre que tal lembrança tem, não costuma ser fruta que se dê nas sacristias, e com esta todos riram, uns sabendo mais, outros rixentos. (E 20 2 MC 65)

247. Nessa noite Baltasar sonhou que andava a lavrar com uma junta de bois todo o altoda Vela e que atrás dele ia Blimunda espetando no chão penas de aves, (...) (E 20 2 MC 66)

248. e, sendo preciso, até às famílias reais vai buscar contrapesos para pôr na balança, a prova é que, por compensação da morte desta criança, morrerá o infante D. Pedro quando chegar à mesma idade (E 20 2 MC 66)

249. (...) e porque, querendo Deus, qualquer causa de morte serve, a que levará o herdeiro da coroa de Portugal será o tirarem-lhe a mama, só a infantes delicados isto acontecerá, que o filho de Inês Antónia, quando morreu, já comia pão e o mais que houvesse. (E 20 2 MC 66)

250. saiu o infante da sua câmara, metido no caixãozinho que os conselheiros de Estado levavam, acompanhado de toda a nobreza, e ia também el-rei, mais os irmãos, e se ia el-rei seria por dor de pai, mas principalmente por ser o falecido menino primogénito e herdeiro do trono, são as obrigações do protocolo, vieram descendo até ao pátio da capela, todos de chapéu na cabeça, e quando o caixão foi colocado nas andas que o haviam de transportar, descobriu-se el-rei e pai, e, tendo-se descoberto e coberto outra vez, voltou para o paço, são as desumanidades do protocolo. (E 20 2 MC 66)

251. (...) e atrás do caixão segue o duque de Cadaval velho, por ser mordomo-mor da rainha, cuja, se tem entranhas de mãe, estará chorando o seu filho (...) (E 20 2 MC 67)

252. (...) e pela serventia dos machos, que são dos ditos frades, foram pagos doze mil réis, é um aluguer como outro, não estranhemos, que machos não são os humanos, mesmo machos sendo, e também os alugam (...) (E 20 2 MC 67)

253. Enfim, sendo tão boas as disposições de maternidade da rainha, já el-rei lhe fez outro infante (E 20 2 MC 67)

254. E, para prova de que em sonhos não há firmeza, se foi capaz de lavar, sonhando, o alto da Vela, bastou-lhe olhar outra vez o arado para perceber o que vale uma mão esquerda. (E 20 2 MC 68)

255. Ofício cabal, só o de carreiro, mas, não havendo carreiro sem carro e junta de bois, por agora servirão os do pai, ora eu, ora tu, amanhã terás que te pertença, E morrendo eu cedo, talvez venhas a forrar o dinheiro que juntares para comprar a junta e o carro (...) (E 20 2 MC 68)

256. Há muitos modos de juntar um homem e uma mulher, mas, não sendo isto inventário nem vademeco de casamentar, fiquem registados apenas dois deles (...) (E 20 2 MC 70)

257. (...) e estando as ruas sujas, como sempre estão, por mais avisos e decretos que as mandem limpar, vão à frente da rainha os mariolas com umas tábuas largas às costas, vai ela do coche e eles colocam as tábuas. (E 20 2 MC 71)

258. (...) e se morrer não será de ferida, como as que vão rasgando os bichos em baixo, ainda assim de vez em quando se vingando do inimigo, como agora mesmo aconteceu a D. Henrique de Almeida que foi pelos ares com o cavalo e já o levam com duas costelas quebradas. (E 20 2 MC 72)

259. (...) lá mais para diante será regente a rainha enquanto el-rei se acaba de curar naqueles felizes campos de Azeitão, tendo a assisti-lo os franciscanos da Arrábida (p. E 20 2 MC 72)

260. (...) assim fica o infante D. Francisco sozinho em Lisboa, fazendo corte, e já começa a urdir a trama e a teia, deitando contas à morte do irmão e à sua própria vida (E 20 2 MC 72)

261. (...) eu poderia, ousar dizer, subir ao trono e, de caminho, ao vosso leito, casando nós em boa e canónica forma, que por méritos de homem posso garantir que não sou menos que meu irmão (...) (E 20 2 MC 72)

262. Então, morrendo meu irmão, casamos (E 20 2 MC 73)

263. Farta estou eu de ser rainha e não posso ser outra coisa, assim como assim, vou rezando para que se salve o meu marido, não vá ser pior outro que venha (E 20 2 MC 73)

264. D. Francisco fatigará a rainha, em Belém onde ela agora está, em Belas para onde irá com demora, em Lisboa quando enfim for regente, em câmaras e em quintas percorrendo, a ponto de já não serem os sonhos de D. Maria Ana o que antes eram (E 20 2 MC 73)

265. três anos inteiros haviam passado desde que partira, estava a abegoaria em abandono, dispersos pelo chão os materiais que não valera a pena arrumar, ninguém adivinharia o que ali se andara perpetrando. (E 20 2 MC 74)

266. (...) não parece que Baltasar aqui tenha vindo como lhe recomendei tanto, mas é verdade que veio, por estes sinais de pés descalços (...) (E 20 2 MC 74)

267. (...) estudei com alguns sábios velhos e alquimistas, desses que sabem fazer nascer sóis dentro de retortas, mas depois morrem de morte estranha, vão ressequindo até não terem mais substância do que um feixe de palha estaladiça e então como palha ardem, que isso é o que

todos pedem à hora da morte, não mais que cinzas deixo, é por si próprios que se inflamam, e a mim me estava esperando aqui esta máquina voadora que ainda não voa (E 20 2 MC 75)

268.(...) nenhum ser humano pode ter quanto deseja nesta sua única vida terrestre, talvez sonhando, boas noites. (E 20 2 MC 75)

269. vai o Voador por agora cavalgando uma remansosa mula alquilada, como convém a sacerdote sem extremadas artes de ginete e apenas provido de bens medianos, chegando ao seu destino voltará a montada com outro cavaleiro, talvez um doutor acabado, ainda que a esta dignidade melhor coubesse a liteira de longo curso, é como ir balouçando sobre as ondas do mar, se não fosse o macho da dianteira tão incontinente de ventos. (E 20 2 MC 75)

270. e se o padre Bartolomeu Lourenço algumas vezes parou, foi parar e andar, não mais que o tempo de uma bênção que lhe pediam, à quantos destes irá suceder entortar-se-lhes a história que tinham para entrarem nesta que vamos contando, o simples encontro do padre é um sinal, porque, indo ele a Coimbra, não seria este o caminho se não tivesse de ir à vila de Mafra por lá estarem Baltasar Sete-Sóis e Blimunda Sete-Luas.(E 20 2 MC 75)

271. Quando o padre Bartolomeu Lourenço, na última volta do caminho, começou a descer para o vale, deu com uma multidão de homens, exagero será dizer multidão, enfim, umas centenas deles, e primeiro não entendeu o que se passava, porque toda aquela gente estava correndo a um lado, ouvia-se tocar uma trombeta, seria festa, seria guerra (E 20 2 MC 75)

272. e os homens avançaram para o terreno revolvido, com carros de mão e pás, enchendo aqui, no monte, despejando além, na encosta para Mafra (E 20 2 MC 76)

273. por esse caminho, tocando suavemente a mula, desceu o padre Bartolomeu Lourenço à vila e foi perguntar ao vigário onde moravam os Sete-Sóis. (E 20 2 MC 76)

274. É um vigário feliz, com a promessa de tão grande convento, oitenta frades confirmados, ali mesmo à porta de casa, com o que muito crescerá a vila em baptizados, casamentos e passamentos, cada sacramento dispensando a sua parte material e espiritual, desta maneira tanto se reforçando a burra como a esperança de salvação, na directa razão dos vários actos e prestações (E 20 2 MC 76)

275. (...) e tendo o Voador agradecido, que ali não era conhecido por tal, as efusões do vigário só tinham que ver com as particulares recomendações (E 20 2 MC 76)

276. Foi Blimunda quem veio abrir a porta. Estava escurecendo a tarde, mas ela reconheceu o vulto do padre que desmontava (E 20 2 MC 77)

277. (...) e em tantas noites passadas, uma terá havido, pelo menos, em que sonharam o mesmo sonho, viram a máquina de voar batendo as asas, viram o sol explodindo em luz maior, e o âmbar atraindo o éter, o éter atraindo o íman, o íman atraindo o ferro, todas as coisas se atraem entre si (E 20 2 MC 77)

278. Esta é a minha sogra, senhor padre Bartolomeu, aproximara-se Marta Maria, intrigada por não ouvir palavras, sendo certo que Blimunda fora abrir a porta sem que alguém a ela batesse (E 20 2 MC 77)

279. (...) e a uma mulher que é visionária da pior maneira, porque vê o que existe, como já secretamente o sabe Marta Maria que, queixando-se de ter uma nascida na barriga, Blimunda lhe respondeu que não tinha, mas era verdade que sim e ambas o sabiam (E 20 2 MC 77)

280. Quem terá vindo, perguntou João Francisco, e Baltasar não respondeu, mas adivinhou que seria padre (E 20 2 MC 77)

281. (...) e sendo de padre a mula, com ar de vir de longe, não se esperando legado do papa nem aviso do núncio, tinha de ser Bartolomeu Lourenço, como logo se viu que era. (E 20 2 MC 77)

282. de tanto dormir com Blimunda, e com ela quase todas as noites ter dares e tomares da carne, começava a haver em Baltasar um luzeiro espiritual de dupla visão, que, não dando para mais profundas penetrações, é quanto basta para observações sumárias como esta (E 20 2 MC 77)

283. Foi João Francisco tirar os arreios ao animal e voltou em tempo que estava o padre dizendo a Baltasar e Blimunda que cearia com o vigário, pois este o convidara e em casa dele passaria a noite, primeiro, por não haver cómodos suficientes na morada dos Sete-Sóis, segundo, porque não faltaria estranhar Mafra que escolhesse padre vindo de longe para albergue, este só, pouco mais abrigado que o telheiro de Belém (E 20 2 MC 78)

284. (...) e tendo dito saiu, foi Baltasar acompanhá-lo com uma candeia que pouco alumiaava, era só como se fosse dizendo à noite, Sou uma luz (E 20 2 MC 78)

285. e João Francisco, lembrando-se, ria, Teve sua graça a do galo. Quanto a Marta Maria, estava adivinhando mistério, agora, Vamos ceia, sentaram-se os dois homens à mesa, as mulheres de parte, o costume das famílias. (E 20 2 MC 78)

286. e assim vamos do sonhador ao sonhado, do sonhado ao sonhador, perguntando, Um dia terão lástima de nós as gentes do futuro por sabermos tão pouco e tão mal (p. E 20 2 MC 78)

287. Assim é, respondeu o Voador, mas o saber de Deus é como um rio de água que vai correndo para o mar (E 20 2 MC 78)

288. Pelas ruas escuras, foram subindo até ao alto da Vela (E 20 2 MC 79)

289. (...) porém era como se tivessem de apartar-se dos lugares habitados, ainda que em todas estas barracas estejam homens dormindo, ou já acordando, são construções de fábrica precária (E 20 2 MC 79)

290. O terrapleno começa a encher-se de homens, estão a acender fogueiras, alguma comida quente para começar o dia, restos de ontem, daqui a pouco estarão bebendo o caldo das gamelas, molhando nele o pão grosso, (E 20 2 MC 80)

291. Dentro de nós existem vontade e alma, a alma retira-se com a morte, vai lá para onde as almas esperam o julgamento, ninguém sabe, mas a vontade, ou se separou do homem estando ele vivo, ou a separa dele a morte (E 20 2 MC 80)

292. (...) e Inês Antónia, tendo dito uma vez, não insiste, se ainda há três meses lhe morreu o mais novo, para que há-de atormentar agora este (E 20 2 MC 82)

293. Diz Álvaro Diogo, Já tenho uma promessa de trabalhar nas obras do convento real, era disto que estavam falando, só a mãe pensa no filho morto, assim dividem-se os pensamentos (E 20 2 MC 82)

294. (...) razão por que está Álvaro Diogo tão contente, um convento assim é obra para muitos e muitos anos, fica com o seu pão garantido quem souber de artes de pedreiro, trezentos réis de jornal, quinhentos em vindo a sazão (E 20 2 MC 82)

295. Um pouco retirado, o velho João Francisco entrança uma soga de couro, ouve falar mas dá pouca atenção ao que estão dizendo, já sabe que o 'filho partirá uma destas semanas e quer-lhe mal por isso (E 20 2 MC 82)

296. Sentou-se na raiz levantada duma oliveira, via-se dali o mar confundido com o horizonte, decerto estaria chovendo com força sobre as águas, então encheram-se delágrimas os olhos de Blimunda, (E 20 2 MC 83)

297. (...) mas da chuva diremos que é o mesmo consolo da pele e da terra, vida que sendo excessiva mata, mas a isso nos habituámos desde o começo do mundo, sendo o vento maneiro mói o cereal, mas se é ponteiro rasga as velas do moinho, (E 20 2 MC 83)

298. Pontualmente escrevera o padre Bartolomeu Lourenço quando se instalou em Coimbra, notícia só de ter chegado e bem, mas agora viera uma nova carta, que sim, seguissem para Lisboa tão cedo pudessem, que ele, aliviando o estudo, os iria visitar (p E 20 2 MC 83)

299. e foi confirmado pelo vigário no sermão, que vinha el-rei a inaugurar a obra da raiz dos caboucos para cima, colocando com as suas reais mãos a primeira pedra. (E 20 2 MC 84)

300. Primeiro se anunciou que seria aos tantos de Outubro, mas não houve tempo para cavar os alicerces até à sua conveniente fundura, apesar de serem seiscentos os homens, apesar dos muitos tiros de pólvora que a todas as horas do dia vão atroando os ares, será então em Novembro (E 20 2 MC 84)

301. (...) e Álvaro Diogo, não sendo fraca figura, é pedreiro de obra grossa, ali está martelando a pedra, desbastando à face, mas este virá a fazer mais do que isto, tendo ajudado a pôr umas sobre outras, (...) (E 20 2 MC 84)

302. Há quem tenha melhores razões, é o caso de Baltasar e Blimunda, que levam o sobrinho a ver o pai, e sendo hora do jantar vem Inês Antónia com a panela das couvescozidas e o naco do toucinho (E 20 2 MC 85)

303. Uns dias antes dera-se em Mafra um milagre, que foi ter vindo do mar uma grande tempestade de vento e deu com a igreja de madeira em terra, mastros, tábuas, vigas, barrotes, de confusão com os panos, foi como o sopro gigantesco de Adamastor (E 20 2 MC 85)

304. (...) e a quem se escandalizar por dar a isto nome de milagre, sendo destruição, que outro nome se lhe haveria de pôr, sabendo que el-rei, chegado a Mafra e informado do sucesso, se

pôs, ele, a distribuir moedas de ouro, assim, com esta mesma facilidade com que o contamos (...) (E 20 2 MC 85)

305. Enfim chegou o dia da inauguração, dormira D. João V no palácio do visconde, guardando-lhe as portas ó sargento-mor de Mafra (...) (E 20 2 MC 85)

306. (...) e era um pasmo lá dentro, o tecto todo toldado e forrado de tafetás encarnados e amarelos, repartidos em matizes vistosos, e as ilhargas cobertas de ricos panos de rás, formando todas as portas e janelas necessárias (E 20 2 MC 85)

307. Quando el-rei chegar, primeiro encarará com as três largas portas da frontaria, tendo por cima um quadro que representa os santos Pedro e João naquele acto de sararem (...) e, sobre aquele quadro, outro, mostrando Santo António, que a este é a basílica dedicada, por voto particular de el-rei (...) (E 20 2 MC 85)

308. É aqui que estão os paramentos de que D. Tomás de Almeida, o patriarca, se revestirá, e muita prataria para o serviço divino, tudo demonstrando a suma grandeza deste monarca que vem entrando. (E 20 2 MC 86)

310. (...) e diante dela se prosternaram todos os presentes, e maximamente el-rei, derramando muito devotas lágrimas, e quando a adoração da cruz acabou, quatro sacerdotes levantaram-na em peso, cada qual seu extremo, e a arvoraram sobre uma pedra, adrede preparada, mas esta não a cortou Álvaro Diogo, com um buraco onde se lhe encaixou o pé, que, mesmo sendo a cruz divino emblema, não se aguenta se não ficar entalada (E 20 2 MC 86)

311. (...) logo às sete da manhã, frio de rachar, se achavam reunidos os párocos de todas as freguesias em redor, com os seus clérigos e muito povo, é forte presunção que tenha vindo desta ocasião o dizer, para uso dos séculos e das gazetas. (E 20 2 MC 87)

312. (...) e eram os cónegos de pluviais de tela branca e outras bordadas, adiante de cada um deles os seus criados nobres, empós, sustentando-lhes as caudas, os caudatórios, e atrás o patriarca com preciosos paramentos (E 20 2 MC 87)

313. (...) e outra vez o povo, muito povo, tanto povo, nunca a vila de Mafra vira tal ajuntamento, porém, não cabendo todos na igreja, entram os grandes, e dos pequenos só os que cabem e tiveram artes de insinuar-se (E 20 2 MC 87)

314. Enfim se encaminharam el-rei, o patriarca e alguns acólitos para o sítio onde se havia de colocar a pedra e as pedras, descendo por uma espaçosa escada de madeira que tinha trinta degraus, porventura em memória dos trinta dinheiros, e de largura mais de dois metros. (E 20 2 MC 88)

315. (...) e o visconde da terra quer fazer como vê aos serventes de pedreiro, leva o cocho à cabeça, assim mostrando maior devoção, já que não foi a tempo de ajudar o Cristo a levar a cruz, despeja a cal que o haverá de comer, não seria mau o efeito de estilo, porém esta cal não está viva, meu senhor, mas apagada, Como as vontades, dirá Blimunda. (E 20 2 MC 88)

316. Apenas disseram adeus, nada mais, que nem uns sabem compor frases, nem os outros entendê-las, mas, passando tempo, sempre se encontrará alguém para imaginar que estas

coisas poderiam ter sido ditas, ou fingi-las, e, fingindo, passam então as histórias a ser mais verdadeiras que os casos verdadeiros que elas contam (E 20 2 MC 89)

317. Então João Francisco, de repente duas vezes mais velho, irá sentar-se debaixo do telheiro do forno, de olhar vazio, como agora está, vendo afastar-se o filho Baltasar, a filha Blimunda, que nora é nome sem jeito, porém tem ainda ali perto Marta Maria, é certo que já ausente, com um pé noutra margem, as mãos cruzadas sobre o ventre onde se gerou vida e agora se está gerando morte. (E 20 2 MC 89)

318. É Dezembro, os dias são curtos, esfando o céu de nuvens mais cedo anoitece (...) (E 20 2 MC 89)

320. Já sabemos que destes dois se amam as almas, os corpos e as vontades, porém, estando deitados, assistem as vontades e as almas ao gosto dos corpos, ou talvez ainda se agarrem mais a eles para tomarem parte no gosto, difícil é saber que parte há em Cada parte, se está perdendo ou ganhando a alma quando Blimunda levanta as saias e Baltasar deslaça as bragas, se está a vontade ganhando ou perdendo quando ambos suspiram e gemem, se ficou o corpo vencedor ou vencido quando Baltasar descansa em Blimunda e ela o descansa a ele, ambos se descansando. (E 20 2 MC 90)

321. Dobrou a manta, era apenas uma mulher repetindo um gesto antigo, abrindo e fechando os braços, segurando debaixo do queixo as dobras feitas, depois descendo as mãos até ao centro do seu próprio corpo e aí fazendo a dobra final (E 20 2 MC 90)

322. Vão já Blimunda e Baltasar a caminho de Lisboa, ladeando as colinas onde se levantam moinhos (E 20 2 MC 90)

323. Se eu morrer antes de ti, peço-te que me vejas, Morrendo tu, vai-se-te a vontade do corpo, Quem sabe. (E 20 2 MC 90)

324. Só o grande tecto escuro que se alongava para o Sul e pairava sobre Lisboa, raso com as colinas no horizonte, parecia que levantando a mão se tocava na primeira flor da água. (E 20 2 MC 90)

325. Entraram Baltasar e Blimunda na quinta, na abegoaria, e enfim começou a chuva a cair, e como havia algumas telhas partidas, a água escorria em fio por ali, discretamente, apenas murmurando, Cá estou, chegaram bem. (E 20 2 MC 91)

326. Num canto afastado dispuseram pedras regulares, formando com elas quatro muros em quadrado, à altura do quadril de um homem, e escoraram-nos com arames que iam de lado a lado (E 20 2 MC 92)

327. (...) ainda bem que o padre Bartolomeu Lourenço se não escandaliza com estas livres conversações, acaso também teve a sua parte de vontades desfalecidas, na Holanda por onde andou, ou a tem aqui, não o sabendo a Inquisição, ou fazendo de contas que o ignora, por não andar a falta acompanhada de pecados menos veniais. (E 20 2 MC 93)

328. (...) porém terás de o observar muito bem porque vai ser preciso fazer os foles grandes, de que te darei o risco, para a máquina, faltando o vento na atmosfera trabalharão os foles e voaremos (...) (E 20 2 MC 93)

329. (...) pensem como é grande a terra que pisamos, ela puxa os corpos para baixo, e sendo o sol tão maior como é, mesmo assim não leva a terra para si, (...) (E 20 2 MC 93)
330. (...) aqui te fica este outro desenho com as indicações dos tamanhos das diferentes peças, irás construindo de baixo para cima, como se estivesses a fazer um navio (...) (E 20 2 MC 94)
331. (...) enquanto ambos cortam o vime e trabalham à bigorna, segurando ela a lamela com a tenaz, batendo ele com o malho, e têm de entender-se muito bem para que não se perca nenhuma pancada, ela apresentando o ferro rubro, ele desferindo o golpe certo, em força e direcção, nem precisam falar. (E 20 2 MC 95)
332. Assim foi o Inverno passando, assim a Primavera, algumas vezes veio o padre a Lisboa, chegava, guardava na arca as esferas de âmbar amarelo que trazia sem dizer donde, perguntava das vontades, olhava por todos os lados a máquina que ia ganhando dimensão e forma, a ponto de exceder o que era quando Baltasar a desmanchou, enfim dava conselhos e avisos, e regressava a Coimbra (E 20 2 MC 95)
333. (...) agora deixara de ser estudante, já estava lendo nas aulas, (E 20 2 MC 95)
334. (...) e não virá o rei David dançando adiante do pátio. (E 20 2 MC 95)
335. Pergunta-se então o povo que procissão vem a ser essa, se não podem sair os foliões da Arruda atroando as ruas com o seu pandeiro, se estão as mulheres de Frielas proibidas de dançar a chacoína, se também não darão a dança das espadas, se não saem castelos, se não tocam a gaita e o tamboril, se não vêm brincando os sátiros e as ninfas os encobertos modos doutra brincadeira (...) (E 20 2 MC 95)
336. (...) ainda se nos deixassem o carro dos hortelões, não tornaremos a ouvir o silvo da serpe, meu primo, que toda me arrepiava quando ela passava assobiando, nem sei explicar as tremuras que sentia, ai. (E 20 2 MC 95)
337. (...) basta olhar essas ruas, todas toldadas, e os mastros que sustentam os toldos são enfeitados de seda e ouro, e os medalhões, que dos ditos toldos se dependuram, dourados, tendo de um lado o Sacramento entre resplendores (E 20 2 MC 95)
338. (...) já o povo se está meio conformando, tiraram-lhe uma festa, outra lhe darão (E 20 2 MC 96)
339. (...) não tardam aí os quadrilheiros, já não usam viseira nem elmo, nem escudo trazem, mas, dizendo o corregedor, Alto, para o Limoeiro, que remédio senão obedecer e perder a procissão, talvez por isto é que não haja muitos furtos no Corpo de Deus. (E 20 2 MC 96)
340. Que outra nuvem fechada veria eu no Corpo de Deus, no seu carnal corpo, em voz baixa o disse a Baltasar, e ele respondeu, também segredando, Havia de ser tal, ela só, que levantaria a passarola (E 20 2 MC 96)
341. São ditos de maneta e visionária, ele porque lhe falta, ela porque lhe sobra, há-de-se lhes perdoar não terem as medidas comuns e falarem de coisas transcendententes enquanto, noite já, vão passeando pelas ruas de entre Rossio e Terreiro do Paço (E 20 2 MC 96)

342. (...) no meio de muita outra gente que hoje não se deitará e que, como eles, vai pisando a areia encarnada e as ervas que alcatifam o pavimento (E 20 2 MC 96)

343. Por trás das janelas acabam as damas de armar os penteados (...) nenhuma vai querer ser a primeira, é certo que imediatamente atrairia os olhares de quem passa ou se mostra na rua, mas esse gosto tão depressa vem, logo é perdido porque, ao abrir-se a janela da casa em frente e nela aparecendo dama que por ser vizinha é rival, desviam-se os olhares de quem me estiver contemplando, ciúme que não suporto, tanto mais que ela é mesquinamente feia e eu divinamente bela (E 20 2 MC 96)

344. Para este torneio estão mais bem servidas as que moram nos andares baixos, logo ali se põem os galantes a retorcer o mote nos bestuntos, palpitando a métrica e a rima (E 20 2 MC 97)

345. primeiro poeta diz para cima a glosa enfim armada, e os outros, de raiva e despeito,

miram frios o concorrente que já recebe as graças da dama, suspeitando de estarem combinados glosa e mote por se haverem, doutras maneiras, combinado ela e ele.(E 20 2 MC 97)

346. Passa gente a tocar e a cantar, os rapazes correm uns atrás dos outros, é uma peste que anda a fazer isto desde o princípio do mundo, incurável, enrolam-se nas saias das mulheres, levam pontapés e cachações dos homens que as vão escudeirando, e depois, lá adiante, respondem com manguitos e caretas, para logo dispararem noutra carreira, noutra perseguição. (E 20 2 MC 97)

347. (...) e o que assim faz de toiro investe com nobreza magnífica, recebe berrando de dor fingida as bandarilhas de pau que se espetam na piteira (p. E 20 2 MC 97)

348. mas se o bandarilheiro falhou no golpe de vista e foi à mão do marrador, perde-se aí a nobreza da casta, é outra correria que rua fora se desmanda, perturbando os poetas que fazem repetir os motes, perguntando para cima, Que disse, e elas, com trejeitos, (E 20 2 MC 98)

349. Vêm à frente as bandeiras dos ofícios da Casa dos Vinte e Quatro, primeiro que todas a dos carpinteiros, representando S. José, que desse ofício foi oficial (...) (E 20 2 MC 97)

350. (...) e tão excessivos de tamanho que são precisos quatro homens para sustentá-los, revezando-se com outros quatro, folgando ora uns ora outros ainda bem que não está vento (...) (E 20 2 MC 98)

351. Atrás vem a imagem de S. Jorge, com todo o seu estado, os tambores a pé, os trombeteiros a cavalo, rufando uns, outros soprando, rataplã, rataplã, tataratará, tá, tatá, (...) (E 20 2 MC 98)

352. Passaram as bandeiras, afasta-se o alarido das trombetas e dos tambores, agora vem o alferes de S. Jorge, o rei-de-armas, o homem-de-ferro, de ferro vestido e calçado, com plumas no elmo e viseira derrubada, ajudante-de-santo nas batalhas, para lhe segurar a bandeira e a lança, para ir à frente a ver se saiu o dragão ou dorme, escusada prudência hoje, que não saiu e não estará dormindo, suspiroso sim de nunca mais poder vir à procissão do Corpo de Deus (...) (E 20 2 MC 98)

353. (...) triste mundo este, que assim vai consentindo que lhe roubem as belezas (...) (E 20 2 MC 98)

354. (...) ou são de beleza tanta que não se atrevem os reformadores das procissões a deixar, para só falar destes, os cavalos nas cavalariaças, ou a abandoná-los, míseros lazarentos, nas longas campinas livremente, pastando o que puderem (...) (E 20 2 MC 98)

355. (...) condene-me Deus se não declarar que melhor vestem as bestas do que os homens que as vêem passar, e isto é sendo o Corpo de Deus, trouxe cada um no seu próprio corpo o que de melhor tinha em casa, a roupinha de ver ao Senhor, que tendo-nos feito nus só vestidos nos admite à sua presença (...) (E 20 2 MC 98)

356. (...) como se há-de explicar isto a S. Jorge que vem montado no seu cavalo branco, se é isto cavalo que mereça o nome, sempre vivendo nas reais cavalariaças, com seu criado para o tratar e passear, cavalo só para o santo montar (...) (E 20 2 MC 98)

357. (...) queira Deus que, morto e esfolado, sejas pele de tambor, e alguém rufando nela acorde o teu indignado coração, tão velho, porém tudo neste mundo se equilibra e compensa (...) (E 20 2 MC 99)

358. (...)é um menino escudeiro o pajem de S. Jorge e vem montado num cavalo preto, alçando lança e emplumando capacete (...) (E 20 2 MC 99)

359. (...) quantas mãos, postas aos lados das ruas, olhando por cima dos ombros dos soldados a procissão, irão sonhar logo à noite que sobre aquele cavalo é seu filho que vai (...) (E 20 2 MC 99)

360. (...) agora uma pausa, brevíssima, porque já da capela real estão saindo as irmandades, homens e mulheres aos milhares, postos por ordem de pertença e de sexo, aqui não se misturam evas com adões (...) (E 20 2 MC 99)

361. (...) o pior é que esta fraternidade, mesmo indo na procissão, não chega aos degraus de Nosso Senhor Jesus Cristo (...) (E 20 2 MC 99)

362. (...) e quando saem não os reconhece o vizinho, Que faz aqui este cabra, essa é a grande dificuldade das irmandades de cor, por enquanto vão saindo estas, é o que se pode arranjar (...) (E 20 2 MC 99)

363. (...) parece que vão faltando invocações e já as repetem (...) (E 20 2 MC 100)

364. (...) por este pouco se descobre como está perdida uma religião que vai largando

esquecidos e lhes manda um Jesus mal encomendado (...) (E 20 2 MC 100)

365. (...) caso em que as esperanças, se ainda restam, são postas no Santíssimo Sacramento que lá vem, representado em estandarte, trazendo à frente, por ser o precursor, S. João Baptista em figura de menino, vestido de peles, com quatro anjos que vão espalhando flores (E 20 2 MC 100)

366. Blimunda olhava para o céu, Baltasar para Blimunda, ela duvidando se seria lua nova, se não iria aparecer por cima do convento do Carmo o primeiro delgado crescente (E 20 2 MC 100)

2 Português brasileiro

2.1 Século XIX – primeira metade

MACEDO, Joaquim Manuel de. **A Moreninha**. Rio de Janeiro, 1844.

1. – Bravo! Exclamou Felipe entrando e despindo a casaca, que pendurou em um cabide velho; bravo!... (B 19 1 AM 1)

2. C'est trop fort! bocejou Augusto espreguiçando-se no canapé em que achava deitado. (B 19 1 AM 2)

3. – Como quizerem, continuou Fellippe pondo-se em hábitos menores; mas por minha vida que a carraspana de hoje ainda me concede apreciar devidamente aqui o meu amigo Fabricio, que talvez acaba de chegar de alguma visita diplomática, vestido com esmero e alinho, porém tendo a cabeça encapuzada com a vermelha e velha carapuça de Leopoldo (...). (B 19 1 AM 2)

4. – Oh, moleque! Prosseguiu Fellippe voltando-se para o corredor (...). (B 19 1 AM 3)

5. – Hein? ... exclamou Augusto, pondo-se de um pulo duas braças longe do canapé onde estava deitado (...). (B 19 1 AM 6)

6. Sim, é melhor passar os dous dias estudando alegremente n'esses três interessantes volumes da obra da natureza (...) (B 19 1 AM 7)

7. – A pallida?... pois eu me vou dispondo a fazer meu pé de alferes com a loura. (B 19 1 AM 8)

8. Sou inconstante, mas sou feliz na minha inconstancia, porque apaixonando-me tantas vezes, não chego nunca a amar uma vez. (B 19 1 AM 9)

9. “No dia 20 de julho de 18... na sala parlamentar da casa nº... da rua de... sendo testemunhas os estudantes Fabricio e Leopoldo, acordarão Fellippe e Augusto, também estudantes, que se, até o dia 20 de agosto do corrente anno, o segundo acordante tiver amado a uma só mulher durante quinze dias, ou mais, será obrigado a escrever um romance, em que tal acontecimento confesse (...)” (B 19 1 AM 12)

10. Augusto está só, sentado junto de sua mesa, tendo diante de seus olhos seis ou sete livros (...). (B 19 1 AM 13)

11. Em amor a imaginação é tudo: é ardendo em chammas, é elevado nas azas de seus delírios que o mancebo se faz poeta por amor. (B 19 1 AM 16)

12. – E depois como é sublime deitar-se o estudante no solitário leito, e ver-se acompanhado pela imagem da bella que lhe vela no pensamento, ou despertar ao momento de ver-se em sonhos sorvendo-lhe nos lábios voluptuosos beijos. (B 19 1 AM 17)

13. – E dirigindo-me certa noite ao theatro de S. Pedro de Alcantara, disse entre mim: esta noite hei-de entabolar um namoro romântico. (B 19 1 AM 18)
14. (...) vi se irem enchendo os camarotes (...) (B 19 1 AM 18)
15. “Agora sim, começará o nosso telegrapho a trabalhar, disse eu comigo mesmo, erguendo-se para tornar-me mais saliente. (...)” (B 19 1 AM 19)
16. “– Isto só pelo diabo!” exclamei involuntariamente, batendo com o pé com toda a força. (B 19 1 AM 19)
17. “– O senhor está doudo?...” – disse-me, gemendo e fazendo uma careta horrivel o meu companheiro da esquerda. (B 19 1 AM 19)
18. “– Tem sim, senhor”, retorquiu-me o sujeito empinando-se. (B 19 1 AM 19)
19. “– Pois que lhe fiz eu então?”... acudi eu alterando-me. (B 19 1 AM 20)
20. E dando mil desculpas o homem, sahi para fóra do theatro pensando no meu amor. (B 19 1 AM 20)
21. Pinta na tua imaginação, Augusto, um criulinho de 16 annos, todo vestido de branco, com uma cara mais negra e mais lustrosa do que um botim envernizado, tendo dous olhos bellos, grandes, vivissimos e cuja esclerotica era branca como o papel em que te escrevo, com labios grossos e de nácar, occultando duas ordens de finos e claros dentes (...). (B 19 1 AM 20)
22. (...) bastou um movimento de olhos para que o Tobias viesse a mim rindo-se desavergonhadamente. (B 19 1 AM 21)
23. Vá dizendo o que quizer, que em menos de dez minutos minha senhora sabe tudo: o recado do meu senhor é uma carambola que, batendo no meu ouvido, vai logo bater no da senhora D. Joaninha. (B 19 1 AM 22)
24. (...) o namorado estava entabolado; embora a moça não correspondesse aos signaes do meu telegrapho, concedendo-me apenas amiudados e curiosos olhares (...). (B 19 1 AM 23)
27. No meio de meus transportes dou-me por despedido de meus amores por ela, e pulando fóra da tal paixão romantica, correrei a apertar-te contra meu peito (...). (B 19 1 AM 27)
28. – E esta!... exclamou Augusto depondo a carta sobre a mesa, e sorvendo uma boa pitada de rapé de Lisboa. (B 19 1 AM 27)
29. Acabando de sorver a pitada, o nosso estudante desatou a rir como um doudo. (B 19 1 AM 27)
30. Embarcando ás dez horas, elle designou ao seu palinuro o lugar a que se destinava (...). (B 19 1 AM 28)
31. Augusto ergueu-se ouvindo a voz de Leopoldo que o esperava na praia. (B 19 1 AM 28)

32. No entanto, Augusto pagou, despediu o seu bateleiro, que se foi remando e cantando com seus companheiros. (B 19 1 AM 28)
33. Agora, outras duas palavras sobre a casa: imagine-se uma elegante sala de cinquenta palmos em quadro; aos lados d'ella dous gabinetes proporcionalmente espaçosos, dos quaes um, o do lado esquerdo, pelos aromas que exhala, espelhos que brilham, e um não sei que, que insinua, está dizendo que é gabinete de moças. (B 19 1 AM 29)
34. Imagine-se mais, fazendo frente para o mar (...). (B 19 1 AM 29)
35. Perdendo seus pais quando apenas contava oito annos, a inocente criança tinha, assim como Fellippe, achado no seio da melhor da avós toda a ternura de sua extremosa mãe. (B 19 1 AM 31)
36. Além d'estas, algumas outras senhoras ahi estação, valendo bem a pena de se olhar para ellas meia hora sem pestanejar. (B 19 1 AM 31)
37. (...) Augusto a surprehendeu fazendo-lhe caretas (...). (B 19 1 AM 31)
38. (...) outra que pertence ao genero d'aquellas que na sociedade agarrão n'um pobre homem, sentão-no ao pe de si, e, maçando-o duas e tres horas enfadonhas e interminaveis dissertações, finalmente o largam suppondo que lhe têm feito grande honra (...). (B 19 1 AM 32)
39. Estas observações que aqui vamos offerecendo, fez tambem Augusto comsigo mesmo (...). (B 19 1 AM 32)
40. Concluida esta verdadeira maçada, e reparando que todos tratavão de conversar para melhor passar as horas esperar a do jantar, elle voltou o rosto com vistas de achar uma cadeira desoccupada junto d'alguma d'aquellas moças (...). (B 19 1 AM 32)
41. (...) a segunda das duas velhas que ha pouco se tratou, estendeu a mão, e, chamou-o, mostrando com um dedo carregado de anneis um lugar livre junto d'ella. (B 19 1 AM 33)
42. – Adivinho, disse ella com certo ar de ironia, que lhe está pesando de mais o sacrificio de perder alguns momentos conversando com uma velha. (B 19 1 AM 33)
43. – Olhem como ele é lisongeriro!... exclamou a velha, batendo levemente com o leque no hombro do estudante, acompanhando esta acção com uma terrivel olhadura, rindo-se com tão particular estudo, que mostrava dous unicos dentes que lhe restavam. (B 19 1 AM 33)
44. – Nada! Disse a velha detendo-o e apertando-lhe a mão (...). (B 19 1 AM 34)
45. – Muito que dizer?... balbuciou o estudante automaticamente, e deixando-se cahir sobre a cadeira como fulminado por um raio. (B 19 1 AM 34)
46. – Não fuja... prosseguiu D. Violante arrastando por sua vez sua cadeira até encostal-a á do estudante(...). (B 19 1 AM 35)

47. Às vezes Augusto olhava para seus companheiros, e os via alegremente praticando com as bellas senhoras que abrihantavão a sala (...). (B 19 1 AM 36)
48. – Pois minha senhora, attendendo a tudo quanto ouvi, e principalmente a esses ultimos incommodos, que tão a miudo soffre, e de que mais se queixa (...), concludo, e todo medico concluirá comigo, que V.S. padece... (B 19 1 AM 36)
49. D. Violante (...) encarou o estudante com despeito, e fixando n'elle seus tristissimos olhos furta-côres perguntou: - O que foi que disse, senhor? (B 19 1 AM 37)
50. Isto dizendo, o estudante ergueu-se; a velha não fez o menor movimento para o demorar, e vendo-o deixal-a, disse-lhe em tom prophetico: - Este não nasceu para a medicina! (B 19 1 AM 37)
51. Mas Augusto, afastando-se de D. Violante, dava graças ao poder de seu diagnostico (...).(B 19 1 AM 37)
52. A digna hospeda comprehendeu perfeitamente os desejos do estudante, pois, mostrando-lhe um lugar junto de sua neta, disse: - Aquela menina lhe poderá divertir alguns instantes. (B 19 1 AM 38)
53. – Por mim não seja... disse a menina erguendo-se. (B 19 1 AM 38)
54. – Não, minha senhora, eu o ouvirei mais tarde, acudiu Augusto querendo retel-a. (B 19 1 AM 38)
55. A innocente D. Joanhina os acompanhou com os olhos, riu-se brandamente encontrando os de Fabricio (...). (B 19 1 AM 42)
56. Estou desconhecendo-te, Augusto! (B 19 1 AM 43)
57. (...) as taes sujeitinhas (...) são capazes de tecer de repente, com os olhares, sorrisos, palavrinhas doces, suspiros a tempo, me-deixes aproximando-se, zelos affectados e arrufos com sal e pimenta, uma armadilha tão emmaranhada, que se o papagaio é tolo e não voa logo, mette por força o pé no laço e adeus minhas encommendas, fica de gaiola para todo o resto de seus dias... (B 19 1 AM 44)
58. (...)... tu a deixavas fingindo ciumes (...). (B 19 1 AM 44)
59. Neste momento Fellippe abriu a porta do gabinete, e dirigindo-se aos dous disse: - Vamos jantar. (B 19 1 AM 47)
60. (...) o que lhe estão dizendo dous olhos vivos e perspicazes (...). (B 19 1 AM 49)
61. – Acabe D. Clementina! (disse a irmã de Fellippe, que fingindo antes não prestar atenção ao que conversavão os dous, acabava de fixar de repente na terrível chronista dous olhares penetrantes e irresistiveis). (B 19 1 AM 50)

62. (...) D. Clementina para logo recuou, e como querendo não passar por vencida, sorriu-se maliciosamente, e apontando para a Moreninha, disse, affectando um accento agradejador (...). (B 19 1 AM 50)
63. (...) sua adversaria, imitando-a (...) proseguiu ainda (...). (B 19 1 AM 51)
64. E assim dizendo, a Moreninha estendeu e apinhou os dedos de sua mão direita (...). (B 19 1 AM 51)
65. Prevenido contra D. Carolina por haverl-a sorprendido fazendo-lhe uma careta, o tal Sr. Augusto (...) decidiu magistralmente que a moça tinha todos os defeitos possiveis (...). (B 19 1 AM 51)
66. (...) ... espichou-se tão completamente, que agora mesmo já está pensando com seus botões (...). (B 19 1 AM 51)
67. – Pensa devéras isso, minha senhora?!... (respondeu este, pregando n’ella um olhar de quem está pedindo um – sim -). (B 19 1 AM 52)
68. Penso... (disse a moça enrubecendo). (B 19 1 AM 52)
69. – N’este lugar portanto (continuou o estudante voltando os olhos por todas as senhoras, e apontando depois para D. Quintinha) (...). (B 19 1 AM 52)
70. – Depois de amanhã? (repetiu ella, sorrindo-se) (...). (B 19 1 AM 53)
71. Digo que, vendo eu hoje dous olhos que pôr sua cor e brilho se assemelhão a dous bellos astros de luz, scintilando em céos do mais puro azul; que, escutando uma voz tão doce como serão as melodias dos anjos; que emfim, respirando junto de alguém cujo bafo é um perfume de delicias, depois de amanhã preferirei não ver, não ouvir, e não cheirar cousa alguma, a ver os olhos pardos e encovados alli do meu amigo Leopoldo (...). (B 19 1 AM 3)
72. – Agradecida! Muito agradecida! (tornou o diabinho da menina, rindo-se com a melhor vontade) (...). (B 19 1 AM 55)
73. – E eu apezar de amigo e collega de Augusto (disse por fim Fabricio, endireitando-se). (B 19 1 AM 55)
74. Fabricio (...) vendo que todos tinham os olhos fitos n’elle, como que esperando uma resposta, não hesitou. (B 19 1 AM 55)
75. – Eis o que elle não póde negar (acudirão Leopoldo e Fellippe, rindo-se). (B 19 1 AM 57)
76. Fabricio comprehendeu em quão triste situação estava o seu adversario, e, inexperiente, se havia deixal-o em sua má posição, quis ainda mais peioral-a, e foi talvez arrancar-o d’ella. (B 19 1 AM 58)
77. (...) Augusto, servindo-se de um prato de grosso melado, affecta prestar pouca attenção ao seu accusador. (B 19 1 AM 58)

78. – Sim, minhas senhoras, é um jovem inconstante, acessível a todas as bellezas, repudiando-as ao mesmo tempo para correr atrás de outra (...). (B 19 1 AM 58)
79. – Bravo!... Fabricio está hoje romantico (exclamou Leopoldo, apontando maliciosamente para uma garrafa que se achava defronte do orador, e quase de todo esgotada). (B 19 1 AM 58)
80. Apoiadissimo!... (Murmurou Augusto, apontando também a garrafa). (B 19 1 AM 59)
81. O Senhor está compondo enigmas. (B 19 1 AM 59)
82. (...) e a terceira enfim ganha as duas na sublime harmonia de umas bastas madeixas negras, coroando um rosto romanticamente palido (...). (B 19 1 AM 60)
83. (...) estou achando um não sei que tão aproveitavel no teu systema, que me vejo em termos de segui-lo. (B 19 1 AM 60)
84. (...) retirando-me d'esta ilha, eu creio que revestirei o meu bello-ideal de novas fórmãs! (B 19 1 AM 62)
85. – Eu vou (exclamou) propor um bello meio de terminar esta discussão, convidando a todos os senhores para um brinde, no qual Augusto, por castigo de sua inconstancia, nos não poderá acompanhar. (B 19 1 AM 62)
86. – M... (disse Leopoldo esvasiando seu copo). (B 19 1 AM 63)
87. – C... (pronunciou Fellippe, olhando para D. Clementina). (B 19 1 AM 63)
88. – Fui achando-lhe algum espirito, e accusei-me por havel-a julgado feia. (B 19 1 AM 64)
89. (...) Keblerc (...) entendeu (...) que era muito mais proveitoso ficar fazendo honras a meia duzia de garrafas de bello vinho, do que acompanhar as moças, que se foram deslisar pelo jardim. (B 19 1 AM 65)
90. (...) cada cavalheiro dava o braço a uma senhora; e divagando-se assim pelo jardim, o dicionario das flores era lembrado a todo momento. (B 19 1 AM 66)
91. Menina havia que, apenas algum lhe dizia, apontando para a flôr. (B 19 1 AM 66)
92. O inconstante não lhes fazia conta, ou antes querião, tornando-se difficeis, vel-o requestando-as (...) (B 19 1 AM 67)
93. – (...) devo confessar que me espantei ouvindo-o sustentar com tão vivo fogo e inconstancia no amor. (B 19 1 AM 68)
94. – Eu devo mostrar-me grato à bondade com que tenho sido tratado, satisfazendo a curiosidade que vejo muito ativada no seu rosto (...). (B 19 1 AM 70)
95. Foi pois ha sete annos, e tinha eu então treze de idade, que, brincando em uma das bellas praias do Rio de Janeiro, vi uma menina que não poderia ter ainda oito. (B 19 1 AM 71)

96. (...) a mais bonita criança do mundo (...), com cabelos negros e anelados, voando ao redor de seu pescoço (...). (B 19 1 AM 71)
97. (...) a interessante menina caiu na praia, sem riso e com graça: erguendo-se logo, e espantada ao ver perto de si a nova onda (...) correu para traz, e sem o pensar atirou-se nos meus braços, exclamando: - Ah... eu ia morrer afogada!... (B 19 1 AM 72)
98. Depois vendo-se com o vestido cheio de areia, começou a rir-se muito, sacudindo-o, e dizendo ao mesmo tempo: - Eu caí, eu caí!... (B 19 1 AM 73)
99. (...) ela olhou de novo para o mar, e tornando-se levemente melancólica, balbuciou com voz pezarosa, apontando para a concha. (B 19 1 AM 73)
100. Ouvindo a sua voz harmoniosa e vibrante, eu não quis saber de fluxos nem refluxos de ondas (...) radiante de prazer e felicidade apresentei-me á linda menina, embora um pouco molhado, mas trazendo a concha desejada. (B 19 1 AM 73)
101. “- Sou bonita, ou feia?” Eu quis responder-lhe mil cousas... cõrei... e finalmente murmurei tremendo: - Tão bonita!... (B 19 1 AM 74)
102. “- (...) eu gosto mais dos cabellos pretos...” “- Melhor!... melhor!... (exclamou a menina, saltando de prazer) (...). (B 19 1 AM 75)
103. E n’isto ella puxou com a sua pequena mãozinha um de seus bellos anneis de madeixa, para mostrar-m’o; e largando-o depois, eu o vi cair outra vez em seu pescoço (...). (B 19 1 AM 75)
104. (...) nós estávamos como dous antigos camaradas, quando fomos interrompidos em nossas travessuras por um outro menino, que para nós corria chorando. (B 19 1 AM 75)
105. - É meu pai que morre! (exclamou elle, apontando para uma velha casinha, que avistámos algumas braças distante de nós). (B 19 1 AM 75)
106. - Ainda não morri! (balbuciou, olhando com ternura para seus filhos e deixando cair dos olhos grossas lágrimas) depois, deparando comnosco continuou: - quem são estes dous meninos?... (B 19 1 AM 76)
107. - Não chorem ao pé de mim! (exclamou o velho, suffocado em pranto e escondendo o rosto entre as mãos, enquanto seus tres filhos, e o quarto, (...) se atiravão sobre elle (...)). (B 19 1 AM 76)
108. E eu tirei de meu bolso uma nota, (...) e por minha vez a entreguei, dizendo: “- Foi minhã que m’a deu (...).” (B 19 1 AM 77)
109. O ancião (...) dava com a mão chamando-nos... (B 19 1 AM 77)
110. Acabando de pronunciar estas palavras, o ancião guardou silencio por alguns instantes... (...) olhando de novo para nós, e tendo no rosto um ar de inspiração (...) exclamou: “- Seja dado ao homem agonisante lançar seus ultimos pensamentos do leito da morte além dos annos

que já não serão para elle, e penetrar com seus olhares atravez do véo do futuro!...” (B 19 1 AM 78)

111. Escutando suas palavras, eu acreditei que estavamos ouvindo uma prophacia infallivelmente realizavel (...). (B 19 1 AM 79)

112. O doente (...) apoiando-se sobre um dos cotovelos , abriu a gaveta de uma mesa (...), e tirando de uma pequena e antiga caixa dous breves, os deu á velha, dizendo: “- Minha Mai, descousa esses dous breves. (B 19 1 AM 79)

113. A velha obedecendo pontualmente, os descoseu com promptidão. (B 19 1 AM 79)

114. O velho quebrou o pé do alfinete, e dando-o a sua mãe, acrescentou: “- Minha mãe, cosa dentro do breve branco este camafeu.” (B 19 1 AM 79)

115. E voltando-se para minha bella camarada continuou: “-menina, que trazes convosco que possais offerecer a este menino?...” (B 19 1 AM 80)

116. A menina (...) como que já esperando tal pergunta, entregou-lhe um bota de esmeralda (...). (B 19 1 AM 80)

117. O velho o deu a sua mãe, dizendo: “- Minha mãe, cosa esta esmeralda dentro do breve verde.” (B 19 1 AM 80)

118. (...) elle tomou os dous breves, e dando-me o de côr branca, disse-me: “- Tomai este breve (...)”. (p. B 19 1 AM 80)

119. O nosso homem deu-lhe o outro breve, dizendo: “- Tomai este breve (...)”. (B 19 1 AM 80)

120. Isto dizendo, apertou nossas mãos com força (...) senti que seu bafo era como vapor de agua fervendo (...) agora comprehendo que com effeito elle delirava (...). (B 19 1 AM 81)

121. (...) minha mulher, que me parecera estar pensando, disse sorrindo-se: “- Eu vou pregar uma mentira.” (B 19 1 AM 82)

122. – E não o achando, esquecer-se-hão d’isso. (B 19 1 AM 82)

123. E dizendo isto, correu, esquecendo-se até de despedir-se de mim. (B 19 1 AM 82)

124. (...) ella já de longe voltou-se para onde eu estava, e mostrando-me o breve branco, gritou: “- Eu o guardarei!” (B 19 1 AM 82)

125. (...) Augusto (...) ergueu-se logo, ouvindo ruido á entrada da gruta. (B 19 1 AM 83)

126. (...) tornou Augusto, dirigindo-se á entrada da gruta, observando em derredor d’ella). (B 19 1 AM 83)

127. Augusto prosseguindo (B 19 1 AM 84)

128. (...) o estudante (...) voltando de novo ao seu lugar, continuou: “- O acontecimento que acabo de relatar, minha senhora, produziu vivíssima impressão no meu espirito (...) Isto me tirou o trabalho de mentir; porque adormecendo sobre o papel que acabava de escrever, meu pai o leu á sua vontade, e soube o destino do camafeu sem precisar que lhe eu dissesse.” (B 19 1 AM 84)

129. Elle estava junto de mim (...), exclamando – o meu breve! (...). (B 19 1 AM 84)

130. (...) eu te perdoou tuas novas loucuras em louvor da acção que praticaste socorrendo um velho enfermo (...). (B 19 1 AM 84)

131. E isto dizendo, deixou-me. (B 19 1 AM 85)

132. Sempre (...) com suas sonoras palavras soando a meus ouvidos, passei cinco annos pensando n’ella de dia, e com ella sonhando de noite (...). (B 19 1 AM 85)

133. (...) tendo ido passar certas ferias na roça e fallando mil vezes no meu breve, ouvi a minha mãe dizer uma vez (...): “-Temo que esse breve tire o juizo áquelle menino (...). (B 19 1 AM 86)

134. – Esqueceu se por consequencia de sua mulher e seu breve! (perguntou a Sra. D. Anna, interrompendo Augusto). (B 19 1 AM 86)

134. (...) meu espanto se tornou furia quando ouvi o machacaz fallar no seu nome, fingindo-se zeloso (...). (B 19 1 AM 88)

135. A traidora (...), voltando-se depois para o seu querido, disse (...): “- (...) perdi por sua causa esse divertimento.” (B 19 1 AM 89)

136. (...) eu a avistei debruçada na janela, talvez me esperando, pois olhava para donde eu vinha. (B 19 1 AM 90)

137. Passando a maldita casa, Jorge (...) disse-me com fogo: “- Aquella jovem adora-me!” (B 19 1 AM 91)

138. (...) abri a minha gaveta, e tirando d’ella todas as cartas que Jorge havia escripto á sua prima (...), acrescentando: “- Concordemos ambos que, se o estudante foi um famoso pateta e um tolo rematado, não foi o menos o primo d’aquella senhora a quem cortejamos na rua de...” (B 19 1 AM 92)

139. Jorge (...), abraçando-me, exclamou: “- Concordemos também (...) que minha prima tem bastante habilidade para se corresponder com meio mundo (...).” (B 19 1 AM 92)

140. Póde bem a moça,

Assim praticando,

Dos homens zombando,

A vida passar (...). (B 19 1 AM 95)

141. – E com efeito, minha senhora (continuou Augusto, dirigindo-se á Sra. D. Anna); fiz-me absolutamente um ser novo, graças ao lundú; guardando e beijando (...) o meu querido breve (...). (B 19 1 AM 96)

142. Terminando assim, Augusto ia respirar um instante (...). (B 19 1 AM 96)

143. – (...) eu ouvi distinctamente a bulha de uma pessoa que corre (tornou Augusto, dirigindo-se á entrada da gruta, e observando ao derredor d'ella). (B 19 1 AM 96)

144. (...) a Sra. D. Anna (...), sem segurar-se, dirigindo-lhe estas palavras pela ordem: “- Então concluiu, Sr. Augusto?” (B 19 1 AM 98)

145. E isto dizendo, foi ao fundo da gruta, e enchendo o copo de prata na bacia de pedra, o esgotou até o fim: quando voltou os olhos, viu que a boa hospeda estava rindo-se maliciosamente. (B 19 1 AM 98)

146. – Sabe de que estou rindo? .. (disse ela). (B 19 1 AM 98)

147. – Pois estava neste momento lembrando-me de uma traição muito antiga (...) que tem muita relação com a historia de seus amores e o copo d'agua que acaba de beber. (p. 99)

148. Quando no fim de seus trabalhos, Aoitin ia adormecer na gruta, ella entrava de manso e com um ramo de palmeira procurava, movendo o ar, refrescar a fonte do guerreiro adormecido. (B 19 1 AM 100)

149. (...) a moça julgou dever separar da dôr (...) a esperança que no pranto lhe adicionava a doçura; e tendo de exprimir a doçura, ahy cantou. (B 19 1 AM 100)

2.2 Século XIX – segunda metade

JAGUARIBE FILHO, Domingos José Nogueira. **Os Herdeiros de Caramuru** – romance histórico. São Paulo: Typografia de Jorge Seckler, 1880.

1. (...) o Brazil (...) possúe os maiores rios do mundo, sapeando os valles e as depressões de uberrimas serranias (...). (B 19 2 HC 2)

2. Applicando á agricultura este facto, não duvidamos assegurar que (...) a agricultura (...) será florescente (...). (B 19 2 HC 3)

3. (...) a revolução (...) emancipou o povo, libertando-o do feudalismo e dando campo para cultivar. (B 19 2 HC 4)

4. (...) as mulheres negras introduzidas junto dos senhores, forão tomando lugar junto das suas familias (...). (B 19 2 HC 4)

5. Os sacerdotes da paz exigião em refens os indios, e ambição do dinheiro, como a serpente do paraíso, veio logo se enroscando pelos galhos da copada arvore da charidade (...). (B 19 2 HC 4)

6. (...) o celebre padre Vieira, que levou uma vida de heroismo, combatendo sempre pela liberdade dos indigenas. (B 19 2 HC 5)
7. Tentando extinguir do seu sangue o elemento purificador, espalhou por toda a parte o escravo infeliz (...). (B 19 2 HC 5)
8. São os negros e os mulatos uma enxotavel fonte de vergonha para nossos maiores, mas um sacrificio feito em holocausto ao Brazil Colonial, e que as modernas gerações respeitão; esforçando-se por enobrecer a victima, aperfeiçoando os seus dotes Moraes e a grandeza d'alma (...). (B 19 2 HC 6)
9. (...) a crença nossa, de que a malefica negociação de nossos avós (...) sangra ainda esgotando, como uma fonte, as impurezas do corpo americano. (B 19 2 HC 8)
10. (Os portugueses) (...) exportavão (os negros) para serem vendidos em outras partes do mundo colonial, enquanto ião colonizando o Brazil (...). (B 19 2 HC 10)
11. Foi nos estaleiros da Bretanha que se construiu a náu, que primeiro navegou nos mares do Brazil, negociando com a carne humana. (B 19 2 HC 10)
12. (...) uma náu, que viera ao Brazil, trazendo a seu bordo um empresario que vinha de viagem para a capitania de S. Vicente (...) naufragou na barra da Bahia (...). (B 19 2 HC 14)
13. Havendo já os gentios matado os poucos (seis) naufragos (...), via aproximar-se o seu momento Diogo Alvares Correia (...). (B 19 2 HC 15)
14. (...) os indigenas de uma tribu (...), estando em guerra com os Tapuias (...) foram por elle (Diogo Alvares Correia) perseguidos; encontrando os inimigos, matou com certo tiro seu maioral. (B 19 2 HC 16)
15. (Rocha Pitta) Nesta barbara união viveu algum tempo, porém descobrindo um navio, que forçado de contrarios ventos vagava fluctuando pelo golpho da Bahia (...), sendo pelos mareantes visto, lhe mandarão um batel (...), e vendo a consorte que se lhe ausentava, levando-lhe aquella porção da alma (...) trocou pelas prisões do amor (...), e lutando com as ondas e com os cuidados, o seguiu ao batel que recolheu a ambos e os conduziu ao navio (...). (B 19 2 HC 16)
16. Dominando em França Henrique de Valois e Catharina de Medicis, os acolheram com estranha honra, festa e pomposa gala, e fizeram com que a india se baptisasse e se casasse, tomando o nome de Catharina Alvares Correia Paraguassú. (B 19 2 HC 17)
17. Passado o periodo da admiração, quis Correia voltar á sua pátria, e lhe sendo negado este favor, achou um especulador, amigo de Bixorda, mas francez, que lhe offereceo um navio que os conduziu ás brazilicas praias da Bahia, com a condição de o encher de páu Brazil; não foi longa a viagem, nem houve engano; sendo o navio carregado, voltou á França. (B 19 2 HC 17)
18. Foi em Vila Velha, na Bahia, que viveu Diogo Alvares Correia e sua mulher, e os chronistas narram que ahi ganhou fortuna grande, contando-se por centenas o número de seus escravos! (B 19 2 HC 18)

19. Foi assim que pagou o poder que lhe conferiram os indigenas; sendo certo que a escravidão era n'aquelles tempos considerada justa, e o proprio Caramurú poderia ter negociado, dispondo de todos os seus sequazes como escravos, porque ganhou no espirito dos tapuyas o domínio absoluto; mas, elle não se entregou a esta especulação. (B 19 2 HC 18)
20. Itaparica era o chefe da tribu. Quando seu genro voltou da França, seu poder enfraquecido se augmentou de novo, e muitos annos se passaram antes que se povoasse a Bahia, cabendo a Diogo Alvares Correia a gloria de ter sido o primeiro europeu que nella viveo, e teve por elle. (B 19 2 HC 18)
21. (...) varias naus haviam aportado á Bahia, estabelecendo um commercio activo de páu brazil e escravos. (B 19 2 HC 18)
22. Sabe-se que o primeiro empenho de Portugal foi mandar padres para fazerem os preparos de sua conquista, e nem é provável que, retirando-se Martim Affonso, em 1533, deixasse a nova povoação, então em grande actividade, sem um sacerdote. (p. 20)
23. (...) os padres, que vieram com Martin Affonso, baptisaram os filhos de Caramurú; é provavel que sendo estes sido baptizados pelos padres, fossem os mesmos padres encarregados da applicação de outros sacramentos (...). (B 19 2 HC 20)
24. (...) nenhum (documento) dá a entender que antes desta data outros tivessem vindo da África (...). (B 19 2 HC 21)
25. Aos vinte e sete dias do mez de março de 1549, chegou á Bahia (...) Tomé de Souza, levando mil homens, sendo 600 soldados e 400 degradados (...). (B 19 2 HC 25)
26. (...) Magdalena (...) aprendeo bem a ler e escrever em pouco tempo, aperfeiçoando deste modo os rudimentos que tinha da língua. (B 19 2 HC 25)
27. (...) o captiveiro, tão bem aceito pelos portuguezes, foi se tornando um fantasma para a pobre moça (...). (B 19 2 HC 25)
28. Seus esforços forma sempre empregados para suavizar a sorte d'elles, ou socorrendo-os com vestimentas, ou dando-lhes o sustento. (B 19 2 HC 26)
29. E digo que todas casariam muito bem, porque é terra muito grossa e larga e uma planta que se faz uma vez dura dez annos aquella novidade, porque assim como vão apanhando as raizes plantam logo os ramos e logo arrebentão. (B 19 2 HC 28)
30. (...) sómente um que veio nesta armada o qual como chegou, logo tomou uma índia gentia, pedindo-a a seo pai, fazendo-a cristã, porque este é o costume dos portuguezes desta terra, (...), porque dizem não ser peccado tão grande, não olhando a grande irreverencia que se faz ao Sacramento do baptismo. (B 19 2 HC 29)
31. E este amancebado, não dando por muitas admoestações que lhe tenha feito só por permanecer com ella, o qual eu admoestei no pulpito que dentro d'aquella semana a deitasse fóra, sob pena de lhe prohibir o ingresso na igreja; o que fiz por ser peccado mui notorio e escandaloso, e elle pessoa de quem se esperava outra cousa. (B 19 2 HC 29)

32. Neste officio me metti em ausencia do Vigario geral, me parecendo que em causa de tanta necessidade Nosso Senhor me dava cuidado d'essas ovelhas. (B 19 2 HC 29)
33. Alguns blasfemadores públicos do nome do Senhor havia, os quaes admoestamos ao ouvidor geral que attentasse por isso. Gloria ao Senhor vai-se perdendo este mau costume. (B 19 2 HC 30)
34. Agora temo que, vindo o Vigario geral, que já é chegado a uma povoação aui, perto, ousem alargar mais. Eu ladrarei quanto puder. (B 19 2 HC 30)
35. (...) é certo que deixando os maus costumes que eram de seos avós, em muitas cousas tomão vantagem os cristãos (...). (B 19 2 HC 30)
36. (...) todos se acolheram á igreja, dizendo que eram christãos e que sabiam as orações e ajudar a missa, pedindo misericordia. (B 19 2 HC 31)
37. E assim tambem que as leis positivas não obriguem este gentio até, que vão aprendendo de nós por tempo, a jejuar, a confessar cada anno, e outras cousas semelhantes (...). (B 19 2 HC 33)
38. (...) estes novos covertidos (...) vem rezando as orações que lhe ensinamos (...). (B 19 2 HC 36)
39. Chegar-se-hia talvez a provar a evidencia que nascemos todos iguaes, se possivel fosse ir cruzando as raças e formar uma sociedade que plantasse as bases para que (...) se encontrassem as côres (...). (B 19 2 HC 43)
40. Se estes factos atuão em familias, porque negar-se a sua influencia nas raças que vão em novos mundos, novos climas adquirindo novos habitos (...). (B 19 2 HC 44)
41. E pois exacto sendo a raça humana a fonte; as ramificações ou tronco de onde os povos cultos se derivão são: a raça branca ou caucasica, a amarela ou mongolica (...). (B 19 2 HC 46)
42. (...) aos que negão a liberdade, comprimindo o homem no captiveiro, procurando a causa na religião; a estes nós não respondemos (...). (B 19 2 HC 46)
43. Assim como os filhos dos brancos com as negras vão mudando de côr, de modo que os netos destas negras se tiverem filhos com os brancos, nascerão quase brancos, devemos admitir o mesmo, na África, para com os filhos das negras com as mulheres brancas. (B 19 2 HC 46)
44. Acompanhando a narração chorologica dos acontecimentos da pátria, daremos uma ideia do que eram os indigenas e do que era o seu cativeiro, trazendo um auxilio nosso a memoravel descripção do se passou em 1500 (...). (B 19 2 HC 47)
45. Os indigenas (...) guerreavam com as tribos vizinhas (...) e faziam dos prisioneiros escravos, engordando-os (...) para serem comidos. (B 19 2 HC 48)

46. (os indígenas) Não se casavam os pais com as filhas, ou irmãos entre si, mas uniam-se indiscriminadamente com as outras mulheres, abandonando-as quando offendidos, e matando-as quando as apanhavam em adultério (...). (B 19 2 HC 48)
47. Saltão depois, cantão e dança pateando (...). (B 19 2 HC 49)
48. Emtanto bebe e ao que parece muito contente, que bebida e comer não se lhe recusa, demonstrando em tudo não mediana alegria. (B 19 2 HC 49)
49. E assim dizendo vae entrando no subterrâneo, e logo aquelle sob cuja guarda estava, entra com elle no mesmo subterrâneo (...), vibrando em suas mãos uma desmedida clava, e vem cantando e assobiando em quanto a esgrime. (B 19 2 HC 50)
50. (...) as tribus em sua quase totalidade o punião, fazendo-se os paes do homicida dar garrote, e matal-o (...). (B 19 2 HC 51)
51. Este miseravel, vendo que o negocio do trafico era geral entre os novos colonisadores (...) sentia-se feliz em ser o mais importante dos traficantes de escravos negros. (B 19 2 HC 52)
52. Os nossos colonizadores não se lembravão que, reduzindo o captiveiro os indios e os negros (...) mostravão-se ainda mais indignos da consideração dos homes. (B 19 2 HC 52)
53. (...) quinze leguas de separação não podião ser um obstaculo ao transporte dos povos, mesmo admitindo-se que os navios antes da bussola não deixavão as costas do mar. (B 19 2 HC 53)
54. Todos os historiadores dizem, e é opinião geral, que a América fôra descoberta por Christovão Colombo em 1492 e que, encontrando-se nella muitos habitantes, não podiam ser elles da mesma raça dos povos da Azia e África, ou Europa (...). (B 19 2 HC 53)
55. (...) Affonso Sanches (...) chegando as ilhas Madeiras, chegou-se em casa de Colombo (...), dando-lhe nos seus papeis o novo mundo. (B 19 2 HC 54)
56. Estes argumentos são aqui lembrados para que não se creia que era impossivel aos povos as Asia terem vindo para a America (...). (B 19 2 HC 55)
57. O clima, que os seculos vão modificando, os habitos, como a herança e os casamentos, derão aos dois extremos do grande mundo os gigantescos e disformes habitantes da Patagonia e os anões e mirrados Esquimãos. (B 19 2 HC 56)
58. (...) no capacete, vião-se certas figuras que parecião ser Achilles arrastando o cadaver de Heitor ao redor dos muros de Troya. (B 19 2 HC 57)
59. Parece-nos que fôra de duvida que tendo vindo da Asia os primitivos habitantes da America, e tendo-se achado com a invasão dos europeos os indios com estado de embrutecimento, e escravizando seos semelhantes para os devorar como feras, nem uma contestação haverá mais sobre a origem da escravidão (...). (B 19 2 HC 57)
60. Um dia atravessando o Forum-romano elle vio escravos inglezes que ahi foram postos a venda. (B 19 2 HC 58)

61. Vendo estes corpos tão bem feitos e rostos tão bellos e tão puros: Que desgraça, exclamou elle, que taes homens não conheçam o Deus do Evangelho. (B 19 2 HC 59)
62. Se o clero quizesse tomar o peito o importante problema social da abolição do elemento servil, evitaria muitos escandalos, aconselhando com reserva e prudencia, e alargando deste modo as alforrias espontaneas. (B 19 2 HC 59)
63. Com os conselhos de homem tão experiente, e consultando sua vocação, sentia Affonso Rodrigues invencivel inclinação a trocar o seu negocio de seccos e molhados por esta outra profissão (...). (B 19 2 HC 62)
64. (...) Magdalena (...), sentindo-se doente, teve de medicar-se a pedido do physico mor, (...) o qual applicou os remédios (...), prohibindo o aleitamento (...). (B 19 2 HC 64)
65. Contra sua innovação protestou A. Rodrigues e apezar de enferma teve sua mulher de soffrer os doestos e descomposturas do marido, allegando a esposa que não aceitara a ama na intenção de o contrariar, mas sim para servir ao pedido de Nóbrega, que como elle sabia, não podia deixar de ser attendido, considerando-se que por suas virtudes, posição e influéncia, não dava conselho algum, que não fosse uma ordem (...). (B 19 2 HC 64)
66. (...) o trato ameno e delicado com que ella (Magdalena) uzava para com suas creadas a bondade com que as ouvia em seus queixumes, havendo uma occasião em que uma escrava índia fôra queimada nas mãos por ter tomado o chicote de uma crianças que a fustigava, aconselhado a infeliz para que fugisse, depois de a ter ocultado e curado as feridas da queimadura; a poderosa intervenção que tinha junto Paraguassu sua mãe, fazendo com que Diogo Alvares Corrêa não argumentasse o número de seus escravos, e modificasse os castigos, com que punia suas faltas; tudo enfim tornava o marido desconfiado e grosseiro (...). (B 19 2 HC 65)
67. (...) A. Rodrigues achou mais sumario dar fim a Josaphata, fazendo sua mulher crer que ella eram uma perversa em vista da sentença que a condenasse a morte (...). (B 19 2 HC 66)
68. Procurando mostrar os máos sentimentos da ama; varias vezes observou Affonso Rodrigues a sua mulher que a criada tinha mais amor a sua filha do que ao próprio filho; que tinha receio de que no leite esta falta de amor materno não viesse a fazer sua filha ficar querendo pouco a elles dois. (B 19 2 HC 66)
69. Caro esposo, observou Magdalena, é tão comum ver-se o carinho das amas aos meninos que lhes são confiados, e sendo seu dever encarregar-se delles, não admira-me que ella nos dê frequentes provas de que sabe ser ama (...). (B 19 2 HC 66)
70. (...) vindo visital-os (a A. Rodrigues e esposa) D. Maria do Porto (...) notou que o filho de Josaphata chorava e perguntando se era a filha delles , logo elle atalhou, narrando que a ama, dedicando-se a amamentação de sua filha, esquecia-se que era tambem mãe (...). (B 19 2 HC 67)
71. (A. Rodrigues) (...) julgou oportuno dar execução a seu plano (...), e pensando nas consequencias, vio que tudo indicava-lhe um meio seguro de realizar seus intentos. (B 19 2 HC 67)

72. Estando já em convalescença, Magdalena foi á noite (...) e disse (...) a Jonaphata que fechasse as trameas das portas (...). (B 19 2 HC 67)
73. (...) a festa tendo-se acabado recolheram á senzala pelo portão (...). (B 19 2 HC 68)
74. Josaphata havia dado de mamar a seu filho ás 6 horas e depois d'elle mamar bem deitou-o na rede, brigando por causa da impertinencia e choro do menino; e voltando a ver a filha da ama, esta lhe disse que Mario esta muito manhoso (...). (B 19 2 HC 68)
75. (...) Magdalena (...) mandou abrir o portão da senzala e vierão para a casa os escravos de serviço indo os outros para as diversas occupações. (B 19 2 HC 68)
76. Extranhando Magdalena que o filho de Josephata não tivesse acordado (...), foi informada por Josephata de que elle dormia desde 6 horas sem chorar (...). (B 19 2 HC 69)
77. Indo porém examinar (...), tirando-o vio que estava morto! (B 19 2 HC 69)
78. (...) chamada a criada, que estava presenciando aquelles cuidados da senhora (...), examinou o filho e disse: eu bem desconfiava que estes panos o havião de afogar (...). (B 19 2 HC 69)
79. (...) notando D. Maria do Porto, que o pescoço tinha marcas de dedos (...), chamou a attenção dos donos da casa mas Magdalena mal poudo mostrar ao seu marido o cadaver que tão tristes ideias despertava e cahio sem sentidos. (B 19 2 HC 70)
80. A. Rodrigues tendo mandado chamar o physico mór, este entrou (...) e disse: a fraqueza de minha doente é a causa de um tal desmaio (...). (B 19 2 HC 70)
81. Era tal a sua segurança de que estando ella só no quarto nenhuma pessoa poderia ter trazido a morte em seo dormitorio que não conhecendo as práticas da justiça (...) compareceo sempre aos interrogatorios em presença das autoridades (...). (B 19 2 HC 71)
82. Nobrega confessou a pobre, animou-a e confortaleceu-a fazendo-lhe ver que hia morre, e que iria para o céu, esperança que reanimou a alma estristecida apenas por estar separada de Magdalena (...). (B 19 2 HC 72)
83. O povo (...) já tendo presenciado o modo por que o grande pregador se houvera junto dos condemnados, extranhou a comoção que agora o dominava (...). (B 19 2 HC 73)
84. (...) estando a praça da Villa de Itaparica cheia do povo (...), o carrasco Ambrosio do Rego subio com a victima ao cadafalço, alli ella obtendo permissão para fallar disse aos seus companheiros. (B 19 2 HC 73)
85. (...) vós (...) fugi dos homens que chegão a nossa patria, nos trazendo a justiça (...). (B 19 2 HC 73)
86. Ambrosio do Rêgo calcou com os pés (...) os delicados hombros do cadáver (...), enfeiando as formas do rosto que foi tão bello (...). (B 19 2 HC 74)

87. (...) ahi o carrasco cortando a corda fez cahir (...) o corpo da índia (...). Com um pé empurrou a cabeça disforme do cadaver usando do desprezo que estas almas abutres estão acostumas a empregar para com os mortos (...). (B 19 2 HC 74)
88. Relembrando deste modo os factos, nosso intento é dar á verdade o lugar que lhe compete (...). (B 19 2 HC 78)
89. Sabe-se que os aventureiros que acompanharam este celebre donatário se apossarão dos índios para reduzi-los à escravidão, transportando-os para Portugal (...). (B 19 2 HC 78)
89. (...) foi eficaz o auxilio de Caramurú, conseguindo que voltasse F. Pereira Coutinho (...). (B 19 2 HC 79)
90. Permittio porem a sorte que este governador naufragasse na ilha de Itaparica onde morava Caramurú (...) cahindo em poder dos Tupinambás logo foi comido pelos índios que o odiavam. (B 19 2 HC 79)
91. Basta ver-se tendo elle conseguido desde sua chegada ir reduzindo a seu serviço e ao cativiero grande número de indios todavia quando se ateou a revolta contra o escandalo da pescaria dos indios, elle não se opoz, e retirou-se á vida domestica (...). (B 19 2 HC 79)
92. (...) elle tomou a direção das tribus, aproveitando-se do serviço doa Tupinambás e preparando suas grandes fazendas (...). (B 19 2 HC 79)
93. (...) evitando lutas (...), sua benefica intervenção sempre foi efficaz em prol da paz (...). (B 19 2 HC 80)
94. (...) elle dissipou sempre a guerra, allegando que, qual infeliz naufrago, assim aportavão aquellas naus (...). (B 19 2 HC 80)
95. (...) não sabemos o que mais admirira; si a energia com que poude, luctando com os preconceitos e erros, attenuar hábitos horrorosos, ou se a prudencia com que escapou á crueldade dos indigenas, os quaes desconhecendo a influencia (...) não poderião ter poupado um homem que os contrariou em muitas occasiões. (B 19 2 HC 80)
96. Aliando-se á filha de Itaparica, é certo que recebeu deste chefe prestimoso toda a proteção (...). (B 19 2 HC 81)
97. (...) sempre se tornou fiel á sua patria regeitando as mais assignaladas vantagens que o governo francez lhe propoz. (B 19 2 HC 81)
98. (...) o velho portuguez (...) comunicando a D. João III a sua lealdade, voltou ás braziliás terras, garantindo porem ao governo francez seu aixilio ao comercio (...). (p. B 19 2 HC 82)
99. Julgando-o louco disse-lhe o abbade: sabeis que sou o executor dos estatutos que nos regem (...). (B 19 2 HC 83)
100. Encontrando reluctancia da parte do prior, lhe disse Schwartz: (...) tenho comigo o maior elemento da destruição (...), e tirando debaixo da sotaina uma lata bem envolvida (...), accendeo um pavio (...) e atirou ao longe a lata (...). (B 19 2 HC 83)

101. (...) os franciscanos receberão um caixão, que sendo aberto tinha dentro quarenta mil ducados! (B 19 2 HC 83)
102. (...) conhecendo que entre os frades franciscanos (...), o tiro (...) fizera o horror, impossivel era que effeito maior não alcançasse entre selvagens. (B 19 2 HC 83)
103. Occupando-nos do grande homem, não poderíamos sem injustiça esquecer esta historia (...). (B 19 2 HC 85)
104. (...) sabendo que Jararaca despeitado havia declarado guerra, logo organizou os meios de defeza, procurando disciplinar a desenfreada gente, e escolheu uma collina d'onde elle poderia, a golpe certo, ir dezimando os principaes inimigos (...). (B 19 2 HC 85)
105. (...) os mensageiros (...) vêm narrar o que se havia passado para vingar a offensa de Itaparica, despresando um soberano para abraçar um Gupeva e Imboaba. (B 19 2 HC 85)
106. Havendo dado os rudimentos do ensino a sua familia (...) teve rara ventura de ver esta (Magdalena) por sua intelligencia (...) tornar-se a alavanca (...) da regeneração do Brazil (...). (B 19 2 HC 87)
107. O futuro porem se encarregou de mostrar o contrario, transformando-se em odio e vingança, a crença do respeito devido aos portugueses. (B 19 2 HC 87)
108. Merecco de Cralos V uma das cartas mais honrosas que podem enobrecer um homem, sendo ella motivada por haver salvado uma náu espanhola. (B 19 2 HC 88)
109. (...) vivendo elle poderiam os governos francezes contar com o auxiliar mais poderoso (...). (B 19 2 HC 88)
110. Deve-se a Bahia de Caramurú a fundação da primeira Igreja de N. Sra. da Graça, porque havendo sua mulher visto em sonhos uma imagem (...) se levantou a igreja com invocação da santa (...). (B 19 2 HC 89)
111. Tratando da pátria e dos interesses da metropole (...) conseguiu fazer grande fortuna (...). (B 19 2 HC 90)
112. Via-se ali as filhas das suas escravas indigenas empregadas no trabalho do polvilho (...) a massa vae abandonando a porção amylacea, que se precipita, e o residuo é o polvilho. (B 19 2 HC 91)
113. Estas variedades (...) nos aparecendo fóra de termo (...) aconselhamos aos curiosos de ver a descrição dellas nos dictionarios de botanica. (B 19 2 HC 92)
114. (...) tinha Caramurú duzentos escravos, sendo ointenta indios (...). (B 19 2 HC 92)
115. Em 1546 introduzio a cultura da cana (...) conseguindo que por intermedio de um navio negreiro lhe viessem algumas mudas. (B 19 2 HC 92)
116. Descobrimdo-se a ilha Madeira (...) D. Henrique introduzio a cultura da cana (...). (B 19 2 HC 93)

117. Sendo homem amante de seu paiz, e conhecendo que não estava no vil modo de encerrar o comercio pelo monopólio (...) Caramurú espalhou a cana de assucar por varias capitancias, tendo os judeos desterrados em S. Vicente conseguido em 1560 obter soffríveis safras. (B 19 2 HC 93)

118. (...) Portugal fechando os portos da colonia as outras nações (...) as obrigava a se abastecerem em Lisboa e Porto (...), sendo ainda hoje a plantação da canna uma das fontes de riqueza (...). (B 19 2 HC 93)

119. Caramurú (...) poude desfructar os indios, escravisal-os como se usava com os prisioneiros, dando aos seus escravos (...) um captiveiro suave e humano. (B 19 2 HC 94)

120. Sentindo-se velho e alquebrado, entregou aos seus genros a fiscalização de seus bens (...). (B 19 2 HC 95)

121. Sentindo-se que seus dias estavam contados chamou Nobrega que o confessou (...). (B 19 2 HC 96)

122. Foi um Paulo persuadindo e um Agostinho dirigindo a Deus as suas verdadeiras orações. (B 19 2 HC 96)

123. (...) Paraguassú (...) e sua filha Magdalena não o deixaram (...) prodigalizando os carinhos de que tanto soube dar provas (...). (B 19 2 HC 96)

124. Tendo sido sacramentado (...), recebeu desde este dia as manifestações de veneração de todo um povo (...). (B 19 2 HC 96)

125. (...) Caramurú chamou suas duas filhas, sua mulher e seus genros (...), despedindo-se delles, (...) disse: Meus filhos, honrae a memória de vosso pae (...) a fortuna que vos deixo (...) póde, sendo bem aplicada, tornar-se um manancial de felicidade (...). Dizendo isso logo depois expirou. (B 19 2 HC 97)

126. (...) espalhando-se os indios (...) nas varias partes do orbe, formaram-se as familias e as tribus (...). (B 19 2 HC 102)

127. (...) o paganismo (...) fez o fanatismo, que como a centelha despresada lavrou o incêndio, o qual vindo do Oriente, sahindo de Constantinopla, foi invadindo o Occidentee modificando-se com o gráo de adiantamento dos povos. (B 19 2 HC 102)

2.3 Século XX – primeira metade

VERÍSSIMO, Érico. **Caminhos Cruzados**. Porto Alegre: Editora Globo, 1935.

1. Que monstro estranho é aquele que lá vem, brotando da escuridão cinzenta da rua? (B 20 1 CC 5)

2. A carroça do padeiro passa estrondando, fazendo tremer a inquietude da cidade afundada (B 20 1 CC 5)

3. Na meia água vizinha, o capitão Mota toma chimarrão na varanda (está fazendo frio, mas não se deve quebrar um hábito de vinte anos) (B 20 1 CC 5)
4. Um despertador niquelado está dizendo tique-taque, tique-taque, com voz dura e singular (B 20 1 CC 6)
5. A cabeça descansando no travesseiro de fronha grosseira, o professor Clarismundo Roxo dorme de barriga para o ar, ronca e bufa, procurando uma sincronia impossível com o tique-taque do relógio. (B 20 1 CC 6)
6. Clarimundo corre aflito, porque um touro vermelho o persegue, bufando. (B 20 1 CC 6)
7. ... Mas a medida que a avança a casa vai recuando (B 20 1 CC 7)
8. Clarimundo anda flutuando no éter, viajando pelo infinito. (B 20 1 CC 7)
9. O professor vai entreabrindo os olhos. Por um instante, emergindo do fundo do sonho, fica pairando numa região de lusco-fusco, entre dois mundos... (B 20 1 CC 7)
10. Clarimundo ergue-se, coçando a cabeça (B 20 1 CC 7)
11. – com as mãos suspensas, húmidas, pingando, ele caminha para o relógio que está colado à parede (B 20 1 CC 7)
12. O espelho de moldurinha dourada reflete uma cara amassada, de barba azulando, olhos mansos de criança, o rufo agressivo do bigode logo abaixo do nariz curto. (B 20 1 CC 7)
13. No entanto, pensando bem, que é o tempo? (B 20 1 CC 8)
14. Nesse livro de fundo científico, fazendo uma concessão magnânima à fauna representada pela viúva Mendonça e pelo sapateiro Fiorello, ele respingará aqui e ali algumas gotinhas de fantasia. (B 20 1 CC 8)
15. E, pensando nisso, o professor agora sorri, sorri angelicamente com a condescendência de um gigante truculento que resolve uma vez na vida ser amável para com as crianças (B 20 1 CC 8)
16. Esfregando as mãos, numa antecipação feliz, como um homem que vai saborear o seu prato predileto, o professor senta-se a mesa e abre um livro (B 20 1 CC 8)
17. Mas pouco a pouco vai integrando-se na realidade irremediável (B 20 1 CC 9)
18. Virginia cruza as mãos atrás da nuca e fica olhando para o forro calado (B 20 1 CC 9)
19. Dormindo, ela esquece que tem um filho de vinte e dois anos e um marido obeso (B 20 1 CC 9)
20. Virgínia resmugaum <<eu sei>> de má-vontade. Levanta-se, bocejando. (B 20 1 CC 9)
21. Honorato agora está atando a gravata, na frente do espelho. (B 20 1 CC 10)

22. Na esquina, estava Fernanda, toda limpinha, avental branco, mochila de livros às costas, perfilada, sorrindo, esperando... (B 20 1 CC 10)
23. Noel fica olhando distraidamente para a chinoca. (B 20 1 CC 11)
24. Noel foi começando a ter uma visão deformada da vida. (B 20 1 CC 11)
25. A preta velha estava estatelada em cima de sua cama de ferro, de braços abertos, com os olhos escancarados fitos no tecto, como se estivesse enxergando uma visão pavorosa. (B 20 1 CC 12)
26. Noel sentiu um abalo tremendo. (B 20 1 CC 12)
27. – Tu não compreendes – repete ela, parodiando a voz cansada e dolorida do filho. (p. 14)
28. Mas Virginia continua a falar, irônica, com uma raiva fininha, sentindo um prazer miúdo e perverso em alfinetar... (B 20 1 CC 14)
29. Se põe mais rouge nas faces, mais baton nos lábios, lá estão aqueles olhos do rapaz fixos nela, numa censura contida, lá está a cara desconsolada do marido que, não dizendo nada, diz tudo. (B 20 1 CC 15)
30. Virgínia fica sorrindo. (B 20 1 CC 15)
31. Entra pela janela, passa numa faixa amarelenta por cima da mesinha redonda, onde fáiisca um cinzeiro de louça (um daschshund negro com uma coleira vermelha), projecta-se sobre o parque e vai-se arrastando devagarinho na direção da cama (B 20 1 CC 15)
32. A coluna de sol prossegue na archa lenta, lambendo a sombra. (B 20 1 CC 15)
33. O sol avança, chega aos pés da cama e vai subindo até que bate em cheio no rosto de Salustiano Rosa (B 20 1 CC 15)
34. A máscara morena ilumina-se: pálpebras lustrosas caídas, sobrelhas grossas e eriçadas, nariz reto destacando-se decisivo do rosto onde a barba começa a aparecer em pontinhos azulados. (B 20 1 CC 16)
35. E aos poucos vai tendo contato consciência do contato de um corpo estranho, mole e arfante, debaixo do dorso de sua mão esquerda. (B 20 1 CC 16)
36. O elevador subindo – 1º, 2º, 3º andar... A rapariga sorrindo em silêncio na frente dele (B 20 1 CC 16)
37. Depois a paragem brusca no décimo andar. O corredor com uma lâmpada brilhando lá no fundo, o tapete abafando os passos, a pressão tépida das mãos dela. (B 20 1 CC 16)
38. E a visão daquela rapariga de pernas esbeltas, deitada na cama, imóvel, esperando... (B 20 1 CC 16)
39. Agora, a mulher também está de olhos arregalados, caçando lembranças. (B 20 1 CC 16)

40. De pé contra a luz que jorra agora pela janela, Salustiano está de braços cruzados, olhando para a companheira da noite (B 20 1 CC 16)
41. Por alguns segundos, Salustiano fica olhando para a coxa branca e bem torneada que emerge da coberta amarela (B 20 1 CC 17)
42. Salustiano espanta um desejo que vem negaceano, de longe, procurando tomar-lhe conta do corpo e da vontade (B 20 1 CC 17)
43. – Pois é, minha nega – diz ele com delicadeza. – Vai dando um forinha, sim? (B 20 1 CC 17)
44. Completamente nu... Cassilda fica parada, sorrindo sem melodia (B 20 1 CC 18)
45. Uma figura pequenina que se move sobre a calçada clara de mosaicos, projetando na sua frente uma sombra tênue. (B 20 1 CC 18)
46. Mas a Cassilda do vestido de vermelho lá vai caminhando com aquelas pernas que Salú viu nuas ali na cama; vai sacudindo os braços que o apertaram, e olhando as coisas e as pessoas com os olhos que o viram há pouco o corpo nu de seu amante de uma noite. (B 20 1 CC 18)
47. O homem de óculos escuros e bengala de castão de prata ia pensando na filha trintona que não achava marido (B 20 1 CC 19)
48. Ao lado de Chinita, o vulto escuro da mãe, os vastos seios arfando. (B 20 1 CC 19)
49. Salú segue cantando. (B 20 1 CC 20)
50. Chinita tira a roupa e fica toda nua, namorando-se na frente do espelho. (B 20 1 CC 20)
51. No inverno era um pavor, o vento entrava uivando, frio e cortante como uma navalha (B 20 1 CC 20)
52. A água vai tomando uma cor deleitosa, palidamente azulada. (B 20 1 CC 21)
53. De noite, o cinema do Sr. Mirandolino, o Britinho da Barbearia Fígaro soprando na flauta, o filho do delegado batendo no piano. (B 20 1 CC 21)
54. Chinita passou vários dias vestida de escuro, olhos pisados (bem como a Pola Negri numa fita trágica), pensando no bem-amado. (B 20 1 CC 21)
55. Mas os cartazes do cinema Ideal saíram para as ruas anunciando uma “superprodução” de Ramon Navarro (B 20 1 CC 21)
56.) Ambiente familiar não encorajava. (...) Mamãe gorducha, fazendo tricô, falando em fazer economias, suspirando e queixando-se da vida. Papai, de barba crescida, comentando a alta dos gêneros, a política, a partidinha de pôquer (B 20 1 CC 22)
57. No hall, os decoradores trabalham, terminando as pinturas das paredes. (B 20 1 CC 22)

58. A mulher, D. Maria Luísa, suspira, cara triste, pensando nas despesas. (B 20 1 CC 22)
59. Zé Maria sorri porque lhe vem à memória um quadro do passado: a negra Tereza, de cara inchada e petrusca, surgindo ao fundo para dizer com maus modos:
- O almoço está na mesa, não embrome prugu'esfria! (B 20 1 CC 22)
60. E o Manuel? – torna a perguntar o pai.
- Não dormiu em casa. (A voz é tão dolorosa que parece estar anunciando: <<O Manuel amanheceu morto>>). (B 20 1 CC 22)
61. Seguindo um velho hábito, Zé Maria afasta o prato de si. (B 20 1 CC 24)
62. Mesmo dando ordens de caráter doméstico, seu tom é lamentoso. (B 20 1 CC 24)
63. Zé Maria sente um alívio, julgando que as lamentações findaram. (B 20 1 CC 24)
64. E no compasso dos martelos a voz cansada (que ele há quase trinta anos houve, todos os dias, todos os momentos, queixando-se sempre, sempre, sempre), a voz arrastada vai dizendo:
- Agora tudo mudou. (B 20 1 CC 24)
65. Zé Maria ficava na cadeira preguiçosa, lendo jornais. (B 20 1 CC 25)
66. E a vida ia passando! (B 20 1 CC 25)
67. Assim como todo dinheiro iria para um cofre, ficava ali aumentando dia a dia. (B 20 1 CC 25)
68. Zé Maria passava o dia inteiro no balcão. (...) E o fantasma dos pagagaios do Banco, avisando o vencimento das duplicatas. (B 20 1 CC 25)
69. — Deus quando fez o porco foi pensando no chiqueiro. (B 20 1 CC 26)
70. Você, Zé Maria, nasceu pra viver em mangas de camisa atrás dum balcão, vendendo bacalhau e manteiga... Não posso imaginar você de casaca, bebendo champanha. (B 20 1 CC 26)
71. Zé Maria ia caminhando como um ébrio, os olhos turvos, a cabeça tão tonta que nem podia pensar. (B 20 1 CC 27)
72. Madrugada ficou rindo, o palito tremeu-lhe nos lábios. (B 20 1 CC 27)
73. Na frente da agência do italiano Bianchi havia gente amontoada, procurando ler o número escrito no quadro-negro. (B 20 1 CC 27)
74. Bianchi, rindo com toda a cara vermelha e enrugada, emergiu da maçaroca humana e correu para Zé Maria, de braços abertos:

— Felizardo! Felizardo! A bruta! (B 20 1 CC 27)

75. Os foguetes continuavam a subir para o céu e estouravam lá em cima, provocando ecos atrás da igreja. (B 20 1 CC 27)

76. Madruga chegou, fingindo indiferença. (B 20 1 CC 27)

77. Depois que voltou a si, lembrando-se dos dois mil contos, D. Maria Luísa começou a chorar baixinho. (B 20 1 CC 28)

78. Já estava pensando, com uma dor enorme, no muito que tinham de gastar dali para o futuro. (B 20 1 CC 28)

79. Todo o mundo então passou a cumprimentar sorrindo a família do Cel. Zé Maria. (B 20 1 CC 28)

80. – O Zé Maria não é pai de ninguém, está ouvindo? Toca pra fora, seu explorador! (B 20 1 CC 28)

81. – (...) Só burro é que passa a vida inteira puxando carroça. (B 20 1 CC 29)

82. A estação foi ficando para trás, cada vez mais minguada. (B 20 1 CC 29)

83. É um cumprimento desusado. Mas Chinita ama ouvir o som da própria voz. Pronuncia as palavras destacando bem as sílabas. (B 20 1 CC 30)

84. Ela tem a impressão de que, passando por uma esquina, ouviu um mendigo dizer, lamuriante: Uma esmola pr'um pobre cego! (B 20 1 CC 30)

85. Vai descendo devagar. (B 20 1 CC 30)

86. Uma nuvenzinha leve e breve de tristeza passa voando pelo rosto dele. (B 20 1 CC 31)

87. Chinita se levanta, vai ao hall e põe o rádio a funcionar. Fraca e remota a princípio, mas definindo-se aos poucos, a melodia de um fox invade a sala. (B 20 1 CC 31)

88. Chinita vai ficando cada vez mais possuída pelo frenesi da música. (B 20 1 CC 31)

89. Sentada ainda à mesa, Maria Luísa pensa num dia de Jacarecanga: Zé Maria jogando paciência e pitando um crioulo, ela fazendo croché, Manuel no bilhar, Chinita passeando na frente da casa com as filhas do coletor. (B 20 1 CC 32)

90. Se ela pudesse ficar assim neste abandono, sempre e sempre, deixando a vida correr como um rio... (B 20 1 CC 32)

91. Se o pai não tivesse morrido daquela maneira desastrosa... ou se, morrendo, deixasse a família amparada: um seguro, uma pensão... Se ela tivesse conseguido ser nomeada professora... (B 20 1 CC 32)

92. Fernanda olha para o diploma que está pendurado na parede. (...) Pedagogia, Álgebra, Psicologia, Física... quanta coisa mais! Para quê? Para acabar taquigrafando as cartas idiotas de Leitão Leiria?... (B 20 1 CC 32)

93. – A gente está ficando cada vez mais. Mas não há de ser nada. (B 20 1 CC 33)

94. D. Eudóxia continua imóvel. Fica pensando, tentando descobrir algum sinal de desgraça. (B 20 1 CC 33)

95. Na véspera do último exame de Fernanda, passou a noite a caminhar por toda a casa, arrastando as chinelas e murmurando para si mesma:

– Vai sair reprovada, vai sair reprovada. (B 20 1 CC 34)

96. Agora, neste princípio de tarde, D. Eudóxia está ali no canto, de braços cruzados, calada, remexendo na memória, procurando encontrar alguma recordação triste, buscando um cadáver de desgraça para ressuscitar. (B 20 1 CC 34)

97. A atmosfera de paz que reina na casa lhe é quase insuportável. (...) Pedrinho também já encaminhado na vida, caixeiro de uma loja de ferragens, estudando à noite na A.C.M. – tudo assim tranqüilo, em ordem, quase feliz... (B 20 1 CC 34)

98. É preciso opor à mãe uma resistência severa. Retrucar-lhe com palavras enérgicas de repreensão ou então resistir assim passivamente, ou ficar sorrindo em silêncio, com ar indiferente, desligado... (B 20 1 CC 34)

99. (...) Todos os dias quando vai para o colégio, a menina Fernanda fica um instantinho olhando o repuxo. (B 20 1 CC 35)

100. (...) –Vamos?

Noel faz que sim sacudindo a cabeça. (B 20 1 CC 35)

101. Uma imagem vem instantaneamente ao espírito de Fernanda: um relógio marcando meio-dia e cinquenta. (B 20 1 CC 35)

102. Num salto, ela se põe de pé e vai acordar o irmão que dorme no quarto contíguo. (B 20 1 CC 35)

103. Seus olhos contemplam a paisagem com a alegria meio inibida duma criança que, vendose de repente solta num bazar de brinquedos maravilhosos, recusa-se no primeiro momento a acreditar no testemunho de seus próprios olhos. (B 20 1 CC 36)

104. No meio do pátio o moleque arreganha os dentes muito alvos e começa uma dança de boneco desengonçado, provocando. (B 20 1 CC 37)

105. Mas um Ford antigo passa pela rua, estertorosamente, produzindo um ruído esconjuntado de ferros velhos. (B 20 1 CC 38)

106. Lá vai a máquina odiosa aos solavancos, e gemendo, rolando por cima do calçamento irregular, dobra a esquina, com um guincho de buzina e se some. (B 20 1 CC 38)

107. E como a realidade lhe é incômoda, Clarimundo se vinga da realidade, depreciando-a. (B 20 1 CC 38)

108. Depois a velha fica caminhando dum lado para outro (...) (B 20 1 CC 38)

109. Na outra casa mais adiante um homem bota um disco no gramofone — quase sempre a mesma música — fica sentado a ler um jornal (...) (B 20 1 CC 38)

110. A mulher beija o marido e o marido sai assobiando. (B 20 1 CC 38)

111. O seu corpo fica aqui, na salinha acanhada e pobre — pequenino, fraco, ombros escolhidos, pele amarela, ossos apontando — e o seu eu que sonha, o seu eu era bonito, puro, livre das contingências humanas, vai se encarnar em D'Artagnan (B 20 1 CC 39)

112. Agora ele está vivendo uma grande aventura. (B 20 1 CC 39)

113. — Decididamente sois um bravo — disse Athos, apertando a mão do mancebo. (B 20 1 CC 39)

114. (...) João Benévolo não volta à realidade, continua em Paris, metido na pele heróica

de D'Artagnan, lutando pelos mosqueteiros do Rei contra os guardas do Cardeal. (B 20 1 CC 39)

115. É uma criança a pedir à mãe: “Me deixa brincar mais um pouco, só um pouquinho, sim?” (B 20 1 CC 40)

116. Estas palavras se apagam no ar mas ficam ecoando na mente de João Benévolo, estranhas, inadequadas, despropositadas, como se alguém de repente no meio de um velório convidasse: “Minha gente, vamos dançar?” (B 20 1 CC 41)

117. — Não façam barulho, o Napoleão está dormindo. (B 20 1 CC 41)

118. A palavra encantada abriu um abismo intransponível entre ambos. É a palavra que nestes últimos meses vem corroendo, destruindo o restinho de afeição que ainda existe entre eles. (B 20 1 CC 41)

119. Laurentina aos poucos se acalma. Volta para a máquina de coser e começa a enfilar a linha na agulha. Enquanto faz isto, vai falando, mais mansa:

— Se tu quisesses, se tu fizesses empenho (...) (B 20 1 CC 42)

120. — É o auto da D. Dodó.

— Da mulher do Leitão Leiria? Mas que será que anda fazendo por estas bandas? (B 20 1 CC 42)

121. Os seios bastos se projetam para a frente, como uma marquise a sobressaindo numa rotunda. (B 20 1 CC 43)
122. — Somos forçados a despedi-lo, Sr. João Benévolo, porque estamos fazendo economias. (B 20 1 CC 43)
123. Os guris recuam e ficam olhando de longe, meio bisonhos. (B 20 1 CC 44)
124. Uma mesa de pau, três cadeiras, um armário de madeira sebossa, uma f olhinha mostrando uma data remotíssima, remendos de lata nos lugares onde a pertinácia dos ratos abriu buracos. (B 20 1 CC 45)
125. Na frene dela, a mulher magra continua imóvel, esperando. (B 20 1 CC 45)
126. Monsenhor Gross havia de gostar tanto, lendo o jornal na manhã seguinte... (B 20 1 CC 46)
127. (...)D. Dodó com a impressão de estar se envenenando lentamente imagina-se uma verdadeira mártir. (B 20 1 CC 46)
128. — O senhor está sendo purificado pelo sofrimento... (B 20 1 CC 47)
129. O chof er espera, ao lado do Chrysler. D. Dodó entra. Os dois filhos do tuberculoso estão olhando com os olhos compridos. (B 20 1 CC 47)
130. No momento seguinte estão ambos acorados, catando os níqueis, ferozes, trocando arranhões e sopapos. (B 20 1 CC 48)
131. Atira para trás a cabeça cansada, recostando-a contra o espaldar estofado. (B 20 1 CC 48)
132. D. Dodó cerra os olhos e imagina que Santa Teresinha agora lá no céu está sorrindo para ela. (B 20 1 CC 49)
133. O sorriso canino persiste, deixando visíveis os dentes amarelados, pontiagudos e minúsculos. (B 20 1 CC 49)
134. Senta-se à mesa. O serviço de chá, cerâmica em vermelho e negro, destacando-se sobre a toalha de linho... (B 20 1 CC 50)
135. O açucareiro bojudo e polido, evocando a f igura do dono da casa... (B 20 1 CC 50)
136. Virgínia põe açúcar na xícara, pensando em Alcides. Curioso: a imagem do rapaz sempre lhe vem à mente na mesma postura, com a mesma expressão: sorrindo, os dentes muito brancos contrastando com o rosto requeimado, um cigarro fumegando entre os dedos, os olhos brilhando por trás dá fumaça... (B 20 1 CC 50)
137. De súbito Virgínia dá com os olhos de Noca, ali na porta, espiando, traiçoeiros, de tocaia, fixos. (B 20 1 CC 50)

138. E assim transida, com as mãos entrelaçadas a apertar o ventre, Noca vai recuando, recuando devagarzinho e, para disfarçar esta mistura de medo e amor (...) (B 20 1 CC 50)
139. olhos, olhos, olhos que vivem cravados nela, espiando, fiscalizando, procurando adivinhar-lhe os segredos. (B 20 1 CC 50)
140. A criada se retira, e Virgínia fica olhando para aquelas ancas curvas, aquelas pernas bem torneadas, aquela cintura fina... (B 20 1 CC 50)
142. — Eu sei. Ficou se oferecendo... (B 20 1 CC 50)
143. Fica assim indiferente, nem embaraçada nem cínica, ouvindo simplesmente sem se ofender, com ar de quem está falando com um louco: concordando para não irritar... (B 20 1 CC 50)
144. Uma raiva vai crescendo, enovelada, no peito de Virgínia. (B 20 1 CC 50)
145. Querubina sai em silêncio, carregando a bandeja. (B 20 1 CC 50)
146. Virgínia f ica parada, esperando... Mas esperando quê? (B 20 1 CC 51)
147. (...) ele ficou olhando para ela com os olhos espantados de quem vê assombração, testa franzida, fazendo um esforço doloroso para compreender. (B 20 1 CC 51)
148. O jardineiro está podando as roseiras. (B 20 1 CC 52)
149. Lá debaixo o homem tira o chapéu de palha e, erguendo os olhos, cumprimenta:
— Boa tarde! (B 20 1 CC 52)
150. A rapariga caminha desengonçada, atirando para a f rente como uma angolista a sua cabeça disforme. (B 20 1 CC 53)
151. As sombras vão crescendo e avançando no quintal. (B 20 1 CC 53)
152. Madrinha Angélica surge com a sua cara preta, lustrosa e feliz, contando histórias. (B 20 1 CC 53)
153. Então Pinitim f oi emagrecendo, emagrecendo, minguou dum jeito que veio um bicho e comeu ele. (B 20 1 CC 53)
154. Lá f ora a tarde vai envelhecendo, a luz aos poucos se amacia, um vento brando começa a soprar. (B 20 1 CC 53)
155. Noel vai caindo aos poucos num estado de modorra vizinho do sono. (B 20 1 CC 53)
156. Se estivesse no teatro, ouvindo uma grande orquestra executar esta mesma música, teria de f icar na presença de criaturas que tosem, pigarriam, amassam papéis de balas, cheiram bem ou mal (...) (B 20 1 CC 54)

157. A melodia vai morrendo. (B 20 1 CC 54)
158. Bem como madrinha Angélica no fim do serão, falando atrapalhado porque está começando a cochilar. (B 20 1 CC 54)
159. Parece madrinha Angélica que está roncando, com a cabeça caída para o peito, enquanto Noel, de olhos arregalados, está ainda sob a influência do sortilégio da história. (B 20 1 CC 54)
160. Lendo essas coisas, meu filho... Ele ficara vermelho. (B 20 1 CC 56)
161. Dódó ficou apontando pelas prateleiras: S. Miguel Arcanjo com a sua espada de fogo.. (B 20 1 CC 56)
162. Teotonio Leitão Leiria, caminhando agora dum lado para o outro (...) simplesmente não compreende como é que um homem (...) fica a recordar coisas passadas (...). (B 20 1 CC 56)
- 163 – Vagueando um pouco. Estou com vontade de comprar uma casa aqui na sua rua... (B 20 1 CC 57)
164. O coronel sorri, estendendo a mão as maçãs do rosto tostado saltam, os olhinhos mongólicos se entrecerram. (B 20 1 CC 59)
165. – Então, fazendo compras? (B 20 1 CC 59)
166. E depois de uma pausa, olhando o relógio, (só por hábito, porque nem fica sabendo que horas são), diz. – Bueno, vou andando... (B 20 1 CC 60)
167. Seguindo-o com o olhar, Teotónio tem consciência como nunca da sua imensa superioridade da sua condição privilegiada de homem de espírito e talento.. (B 20 1 CC 60)
168. Mas a imagem de Dódó vai-se definindo sobre a tela como um espectro, vai ficando mais forte, mais nítida e lá está ela agora tirando o vestido, mostrando as coxas gordas e flácidas (...). (B 20 1 CC 61)
169. Caminha, remexendo num molho de chaves que traz à cintura. (B 20 1 CC 62)
170. A mulherzinha vai flando:
- Pois a gente fica satisfeita, não é? (B 20 1 CC 62)
171. Esfregando as mãos, a mulherzinha faz um sorriso aliciante.
- Ela ainda não veio, doutor, mas não demora, não é? (B 20 1 CC 63)
172. Cacilda agora está voltada para ele, esperando. (B 20 1 CC 64)
173. — Vamos depressinha, meu bem. Está anoitecendo e não tenho tempo a perder. Vá tirando a roupinha. (B 20 1 CC 64)

174. O relógio bate as horas — uma, duas, três, sete badaladas fanhosas, tristes, longas — e quando a sétima batida fica ecoando na varanda silenciosa e mal-alumiada, Laurentina começa a chorar. (B 20 1 CC 65)

175. — Não faça assim, Tina, por que é que está chorando? (B 20 1 CC 65)

176. Quando ele bate, lento, e o som de sino fica dançando no ar como um choro, como a voz duma pessoa que está se queixando, Tina pensa na vida, na morte, no passado e acaba chorando, chorando desatadamente. (B 20 1 CC 65)

177. Tudo aqui é triste — pensa ela — a luz do lampião (cortaram a elétrica por falta de pagamento), o soalho velho e sujo, as paredes desbotadas, os móveis encardidos, a cara do Janjoca, tudo é triste e dá vontade de chorar. (B 20 1 CC 65)

178. (...) o senhor espere, tenha paciência que eu lhe arranjo um emprego — e foi estendendo a mão como quem diz: dê o fora! (B 20 1 CC 65)

179. Ali estão os olhinhos frios, o rosto furado de bexigas, o nariz achatado de boxeador, o dente de ouro brilhando. (B 20 1 CC 67)

180. João Benévolo começa a caminhar. Vai ruminando a velha raiva. (B 20 1 CC 67)

181. O olho de Ponciano em cima de Laurentina, chocando... (B 20 1 CC 67)

182. João Benévolo caminha e vai esquecendo Ponciano, a mulher, o seu drama. (B 20 1 CC 68)

183. — Pois está bem! — exclama Fernanda, fingindo zanga. — Não coma, não me interessa, pode morrer. (B 20 1 CC 69)

184. — Mas é preciso, rapaizinho, no fim vais acabar gostando. (B 20 1 CC 69)

185. Entra um menino. Terá quando muito sete anos, é magro, amarelo e está descalço e sujo. Fica perto da porta parado, olhando. (B 20 1 CC 70)

186. Vera está sentada numa poltrona, a lendo uma brochura. (B 20 1 CC 71)

187. Teotônio compreende. Fiscalizar as tendas, ver se não falta nada, telefonar para o diretor da orquestra, pedindo que os músicos apareçam na hora, dar instruções aos garçons... (B 20 1 CC 72)

188. Sem acender a luz estende-se na cama, apertando as coxas e o peito contra a coberta de seda. (B 20 1 CC 72)

189. Pela janela entra um vento morno, trazendo os ruídos da rua. (B 20 1 CC 73)

190. E ergueu o livro no ar, na ponta dos dedos, como se estivesse segurando uma proveta onde se agitasse uma colônia de micróbios. (B 20 1 CC 73)

191. Um aluno abre a boca num bocejo sonoro. O professor estica o pescoço, procurando o mal-educado. (B 20 1 CC 74)
192. – Clarimundo fala pausadamente, destacando as sílabas. (B 20 1 CC 74)
193. – Ora, a quantidade deve ser observada. – Ergue a mão direita, com a ponta do indicador a tocar a ponta do polegar, formando um círculo. (B 20 1 CC 74)
194. Mas, como eu ia dizendo, conhecem-se dois graus de quantidade. (B 20 1 CC 74)
195. O rapaz coça a cabeça, embaraçado, e seus olhos ficam olhando para o quadro-negro, vazios, inexpressivos, parados. (B 20 1 CC 75)
196. Vinte segundos de silêncio. O professor espera. Os olhos mortos continuam a olhar... (B 20 1 CC 75)
197. Há duas semanas que anda precisando dum par de ligas novo, mas ainda não teve ânimo para entrar numa loja e enfrentar os caixeiros. (B 20 1 CC 76)
198. Há vários dias que anda pensando em queixar-se no restaurante da comida que lhe mandam, mas falta-lhe oportunidade, energia, élan. (B 20 1 CC 76)
199. Um ritmo que nasceu na África (...) agora está arrastando os pares que dançam no salão do Bar Metrópole. (B 20 1 CC 77)
200. Ele enlaça-a com força, espalma a mão enorme nas costas dela e, cabeças levemente encostadas, lá vão os dois deslizando à cadência do blue. (B 20 1 CC 78)
201. A respiração de Salú é morna e regular, bafeja a orelha de Chinita, pondo-lhe um arrepio bom no corpo. (B 20 1 CC 78)
202. Lá de dentro veio uma voz: Chiiiiita! E ela saiu correndo, assustada. (B 20 1 CC 78)
203. A orquestra cala-se e fica só o piano cantando a tristeza africana. (B 20 1 CC 78)
204. Bem bom – pensa ele – já me estava saindo asneira... (B 20 1 CC 78)
205. Mas já compreendeu que Chinita, não recebendo de todo mal as suas expansões violentas, gostaria que ele também lhe falasse de coisas doces, do luar, de bungalows entre árvores, de poesia e de casamento. (B 20 1 CC 78)
206. Chinita afasta a cabeça, atirando-se para trás. (Pensa imediatamente em Norma Shearer). (B 20 1 CC 78)
207. Ele pensa na cara séria que parece estar dizendo: «Então, seu Salú, quando é que nos explicamos?» (B 20 1 CC 79)
208. E depois aqueles seios que arfam na penumbra da sala do cinema, sobressaindo da fileira... Horrível. (B 20 1 CC 79)

209. A música cessa com um gemido de agonia em que o saxofone fica chorando numa fermata tremida. Estralam palmas. (B 20 1 CC 79)
210. Ele tem consciência do seu tamanho (é mais baixo que a mulher) e procura manter uma postura digna, impertigando-se (B 20 1 CC 79)
211. E debate-se numa ânsia feroz para achar o termo apropriado. O Dr. Arménio sorri, compreendendo. (B 20 1 CC 79)
212. O cantor olha com olhos quentes para as meninas que passam dançando. (B 20 1 CC 80)
213. E o mulato, sorrindo com malícia, faz um floreio de voz com que nunca nenhum Caruso sonhou. (B 20 1 CC 81)
214. (...) ela entrecerrava os olhos e imaginava-se num centro maior, num baile mais deslumbrante; em vez das paredes sem graça do clube, via espelhos que reflectiam caras novas, diferentes e bonitas; em vez do Lucinho da Loja Central, quem estava dançando com ela era um moço bonito e educado da capital, um moço que falava em livros, em viagens e que usava perfumes caros. (B 20 1 CC 82)
215. Os olhos do professor estão fixos na cara da interlocutora, mas realmente estão vendo num quadro negro imaginário o desenvolvimento de um teorema. (B 20 1 CC 83)
216. A mulher sai. Clarimundo fecha a porta. E atira-se, esquecendo o leite e o bolo, para cima de Einstein. (B 20 1 CC 84)
217. Se ela compreender melhor... Se Chinita soubesse que ao dar-lhe a sua amizade ela lhe está dando um presente régio... Porque no fim de contas ela é uma criatura que tem miolos, ao passo que Chinita... (B 20 1 CC 85)
218. Nos seus olhos, que estão fitando Laurentina, brilha uma sensualidade fria, estranha, calculada. (B 20 1 CC 86)
219. As tias revezavam-se na guarda do par. Ficavam fazendo croché e dormitando. (B 20 1 CC 86)
220. Pode esperar mais dez dias, dez semanas, dez meses. É como uma cobra procurando magnetizar o pinto. (B 20 1 CC 87)
221. Ponciano explica:
- Não repare, eu já ia saindo. (B 20 1 CC 88)
222. Perto de Virgínia uma senhora idosa assesta a luneta com uma imponência fidalga para os pares que passam dançando. (B 20 1 CC 88)
223. – Que é que a senhora acha desse namoro da Chinita com aquele moço grande ?— pergunta ela, mostrando o par com os olhos. (B 20 1 CC 88)
224. Fala com cuidado, como quem apalpa, sondando o terreno. (B 20 1 CC 89)

225. – O facto é que eles estão entrando... (B 20 1 CC 89)
226. A senhora da luneta fala com ênfase, como se estivesse descrevendo um palácio de conto de fadas. (B 20 1 CC 89)
227. Mas Virgínia não a escuta mais. Porque seus olhos deram com um fantasma: sorrindo, de dentes brancos, num contraste com o moreno tostado do rosto, Alcides... (B 20 1 CC 89)
228. Encosta-se a uma coluna e fica a olhar com um ar divertido a massa humana que se move coleando, como um grande molusco, ao compasso da música. (B 20 1 CC 89)
229. Sorrindo, parece ainda mais moço. (B 20 1 CC 89)
230. Perto da janela de Gassilda uma mulata gorda cantarola a melodia, acompanhando. (B 20 1 CC 90)
231. A francesa aparece outra vez, contente, cantando. (B 20 1 CC 90)
232. – Se o senhor segurar esta bandeja, largando-a logo depois, que é que acontece? (B 20 1 CC 92)
233. Um colorido ténue já lhe vai aparecendo nas faces. (B 20 1 CC 92)
234. Um pensamento mau atravessa o espírito do rapaz. «O professor estará querendo-me empulhar? Bolas!» (B 20 1 CC 92)
235. E a expressão do seu rosto é de quem está intercedendo diante do mestre para que ele perdoe «aos que não sabem o que fazem». (B 20 1 CC 92)
236. Dódó já se levantou, lavou-se, escovou os dentes e pintou-se, tornando a voltar para a cama. (B 20 1 CC 93)
237. E enquanto o marido fica rapando com a colher o fundo da taça (–Estás bem como um menino guloso, Tónio! Imagina só se alguma pessoa de fora te visse!), Dódó abre o jornal e passa os olhos pelas notas sociais. (B 20 1 CC 94)
238. Enquanto lê isso, Teotónio Leitão Leiria, silencioso, de braços cruzados, olhando para o forro, ruma um velho ressentimento. (B 20 1 CC 95)
239. Passa o jornal para o marido, mostrando com o dedo a passagem comovente. (B 20 1 CC 95)
240. Passa o jornal para o marido, mostrando com o dedo a passagem comovente. (B 20 1 CC 95)
241. Teotónio levanta-se e começa a passear dum lado para o outro do quarto, com as mãos metidas fortemente nos bolsos do quimono (bem como Mr. W. L. W. Simpson, o magnate, quando caminhava de cima para baixo no seu apartamento, dizendo para o repórter: «Sou manifestamente contrário à N. R. A., porque a economia moderna...») (B 20 1 CC 95)

242. – Que é que tens, meu filho?

– Nada, é que eu estou pensando... (B 20 1 CC 95)

243. Teotónio continua a caminhar, muito perfilado, olhando de quando em quando pelo rabo dos olhos para o espelho do toucador. (B 20 1 CC 95)

244. – Estás sentindo alguma dor? – insiste D. Dódó, já aflita. (B 20 1 CC 95)

245. D. Dódó está desolada, imaginando desastres. (B 20 1 CC 95)

246. – Pois o coronel Pedrosa anda adulando o arcebispo. (B 20 1 CC 96)

247. – A coisa é clara... O Pedrosa está-se impondo para conseguir posição na política. (B 20 1 CC 96)

248. Olhando primeiro para os lados, ele aproxima-se da mulher e remata:

– Ele tem uma amante. (B 20 1 CC 97)

249. Ver o Sol é o prazer de todas as manhãs. Ele salta para dentro, inunda tudo. Depois vai recuando. (B 20 1 CC 98)

250. A sombra vem vindo, descendo pela parede; de tardezinha a luz tem a forma da janela, depois vai ficando menor, até que se some. (B 20 1 CC 98)

251. Vem às vezes um médico que o examina com precaução, tocando-lhe com a ponta dos dedos, de longe, medroso. (B 20 1 CC 98)

252. Lembrou-se dum caso de tuberculose na família. Não fez caso. Continuou trabalhando forte. (B 20 1 CC 98)

253. Duma feita apanhou chuva. Daí por diante foi piorando. (B 20 1 CC 98)

254. O médico ficou com pena, aconselhou mudança de ar, pelo menos mudança de casa. Mas com que dinheiro? Só rindo mesmo... (B 20 1 CC 98)

255. O diabo é que a morte está tardando. (B 20 1 CC 99)

256. Ela olha para o teto, pensando na sua desgraça. (B 20 1 CC 99)

257. Laurentina ruma a sua miséria: as figuras dos credores desfilam uma a uma em sua mente. A viúva Mendonça, pequenina, fazendo caretas. O italiano do armazém, de cara grande e vermelha. (B 20 1 CC 99)

258. E era metendo-se na pele dos heróis de romance que ele se vingava das impertinências dos fregueses do Bazar Continental, das perseguições do gerente e da magreza do ordenado. (B 20 1 CC 100)

259. Mas de repente uma voz estrugiu bem perto do ouvido dele. Vermelho, indignado, gesticulando, o gerente cresceu para cima do príncipe Bey:

– Seu Benévolo, então isso é jeito de tratar as freguesas! (B 20 1 CC 101)

260. Recordando, João Benévolo torna a sentir a mesma sensação deprimente e desagradável que experimentou no dia em que teve de enfrentar a cólera metódica e teatral do patrão. (B 20 1 CC 101)

261. Ele vai por uma rua, mão no bolso, assobiando triste, quando de repente o auto do Prefeito surge numa esquina. (B 20 1 CC 101)

262. O rosto de Laurentina, manchado de lágrimas, volta-se para o filho: (B 20 1 CC 102)

263. Napoleão fala trémulo, por entre soluços:

—Tá... tá... doendo aqui... (B 20 1 CC 102)

264. Dez mil réis para pagar a conta do leite: assim o leiteiro continua fornecendo e o Napoleãozinho não fica sem ele. (B 20 1 CC 102)

265. Vem do quarto a voz da mulher:

—Vai duma vez, o Napoleãozinho está gemendo. (B 20 1 CC 102)

266. Laurentina fecha sempre os olhos quando fala (parece que está rezando— pensa o marido). (B 20 1 CC 103)

267. E as lágrimas que ela derrama vão derretendo aos poucos a falsa dureza de João Benévolo. (B 20 1 CC 103)

268. Ela volta-se para a cama. De barriga para o ar, roncando como um porco, o marido dorme. (B 20 1 CC 103)

269. Senta-se na frente do espelho e encontra-se de repente diante da sua verdadeira personalidade: Virgínia Matos Madeira, de 45 anos, um resto muito pálido de beleza no rosto, princípios de rugas e de duplo-queixo, alguns fios de cabelos brancos que aparecem, malvados, iludindo a vigilância das tinturas. (B 20 1 CC 104)

270. Desde madrugada andava a pé de um lado para o outro, dando ordens para a criadagem. (B 20 1 CC 104)

2.4 Século XX – segunda metade

MIRANDA, Ana. **Boca do Inferno**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

1. – Esta cidade acabou-se, pensou Gregório de Matos, olhando pela janela do sobrado. (B 20 2 BI 9)

2. Não estivera Gongora tentando unir a alma elevada do homem à terra e seus sofrimentos carnaís? (B 20 2 BI 9)
3. Gregório de Matos estava ali, no lado escuro do mundo, comendo a parte podre do banquete (B 20 2 BI 9)
4. Muitas vezes, ao ajoelhar-se aos pés do sacerdote para fazer suas revelações, gostava de imaginar que quem estava inquirindo seus pecados era o padre Antonio Vieira (B 20 2 BI 10)
5. Os sinos chamavam, repicando (B 20 2 BI 10)
6. Eram esses cristãos que vinham, na maior parte, e esses os que caminhavam por ali, tirando o chapéu e curvando-se à passagem do governador (B 20 2 BI 10)
7. Antes de entrar, muitos faziam o sinal-da-cruz, sendo que alguns deles, como observava Gregório de Matos, persignavam-se ao contrário do que ensinava o catecismo (B 20 2 BI 11)
8. Enquanto aguardavam a missa, alguns admiravam os santos em seus nichos, outros preferiam ficar vendo o movimento das pessoas (B 20 2 BI 11)
9. Um cochilava sentado no muro, um grupo de jovens olhava duas belas negras que ia passando com fardos à cabeça. (B 20 2 BI 11)
10. Com essas alfaias, iam caminhando ao som do repicar dos sinos do Carmo, São Bento, Colégio ou São Francisco (B 20 2 BI 11)
11. As escravas, também, estavam à porta da igreja, algumas ajoelhadas no pati. Eram o que havia de mais belo em toda aquela terra, pensou Gregório de Matos, incluindo... incluindo as estrelas? Ora, que importância tinham as estrelas? Incluindo as brancas, as portuguesinhas e as espanholas. (B 20 2 BI 12)
12. Se não havia grande recato, estavam as donzelas em perigo, quebrantadas de amores, recebendo recadinhos, e Gregório de Matos não se excluía de tais procedimentos (B 20 2 BI 12)
13. Passantes dirigiam-se aos jogos, ao campo, para divertir-se ou murmurar contra o governo, criando as próprias leis e arbítrios. (B 20 2 BI 13)
14. E mesmo sendo manhã, alguns vinha trôpegos (B 20 2 BI 13)
15. Todas as manhãs, viam-se alguns bêbados caídos nas ruas. Botas com atilhos desamarrados, cacos de pucarinhos, barfilotes vazios, se espalhavam lembrando a noite anterior (B 20 2 BI 13)
16. Durante a noite havia muitas delas dando seus giros pelas ruas (B 20 2 BI 13)
17. Um pertigueiro, trazendo sua pértiga no braço, correu em direção à igreja, atrasado para a missa (B 20 2 BI 14)

18. Percorreu os corredores até o salão onde despachava, cumprimentando de maneira quase imperceptível os criados e os mordomos que o aguardavam em fila (B 20 2 BI 14)
19. Abraçou Cipriana, beijou seus lábios com delicadeza, segurando-a pela cintura (B 20 2 BI 17)
20. – Está sentindo meu lampreão? Ele disse. – Vem. (B 20 2 BI 17)
21. Teles de Menezes pressentiu alguma coisa estranha mas não lhe deu importância. Viu seus lacaios descansando, encostados na parede, ao lado da liteira (B 20 2 BI 17)
22. – Não temos muito tempo, ele disse, cobrindo-a com seu corpo. (B 20 2 BI 17)
23. André de Brito, Gonçalo Ravasco, Antonio Rolim, Manuel de França, João de Couros, e tantos outros, já estavam pagando por sua inimizade com o alcaide (B 20 2 BI 18)
24. Uma carta anônima chegara às mãos de Teles de Menezes, avisando sobre uma conspiração que se fazia no colégio, para atentar contra sua vida. (B 20 2 BI 18)
25. – Em que estás pensando? , disse Cipriana. (B 20 2 BI 19)
26. Aperfeiçoara-se lutando na companhia do capitão Sebastião de Araújo e Lima, depois como capitão do terço, em seguida ao assumir o posto de comandante da companhia de infantaria (B 20 2 BI 19)
27. Teles de Menezes tomou de um só gole a aguardente, emitindo depois um estalo de língua e um grunhido (B 20 2 BI 20)
28. Espreguiçou-se estendendo os braços e entrou na liteira. (B 20 2 BI 21)
29. Quando o molecote fez um gesto com a mão avisando que a liteira do alcaide-mor estava se aproximando, os conspiradores desceram mais os capuzes na cabeça, escondendo o rosto (B 20 2 BI 21)
30. Os olhos do alcaide-mor cintilaram ao ver os encapuzados cercando a liteira (B 20 2 BI 21)
31. – Ouro, ele repetiu, mostrando pequenas moedas foscas (B 20 2 BI 22)
32. – Anda logo com isso, gritou alguém atrás, quebrando o instante de aturdimento. (B 20 2 BI 22)
33. O alcaide-mor meteu a mão na cintura, tirou a garrucha e atirou em Brito, acertando-o no ombro. (B 20 2 BI 22)
34. Antonio de Brito foi mais rápido, cortando fundamente a garganta de Teles de Menezes com seu gadanho (p B 20 2 BI 22)
35. Antonio de Brito abaixou-se sobre ele, golpeando-o mais uma vez, agora no peito. (B 20 2 BI 22)

36. O grupo afastou-se dali correndo, em direção ao colégio dos jesuítas (B 20 2 BI 22)
37. Da janela entrava um fino raio de luz que cruzava o espaço criando reflexos sobre uma escrivaninha. (B 20 2 BI 23)
38. O governador Antonio de Souza tinha o habito de ficar segurando o braço de prata (B 20 2 BI 23)
39. – As catástrofes são a fatal consequência das paixões humanas, disse o arcebispo criando coragem (B 20 2 BI 23)
40. As dores da alma são suportáveis. Ferem a alma causando mui sofrimento que ao fim ou ao cabo nos torna ainda mais fortes (B 20 2 BI 24)
41. – Non ignara mali, miseris succurrere disco, não desconhecendo o mal, sei socorrer os infelizes, comoventes palavras de Dido, disse João da Madre de Deus (B 20 2 BI 24)
42. Pensei que estivesse delirando (B 20 2 BI 24)
43. Que estranha a sensação de ter um braço que não existe. Francisco deve estar sentindo exatamente isso, neste momento, a alma perambulando em torno do corpo, procurando as mãos (B 20 2 BI 24)
44. Durante a noite fria em que soprava um vento forte, Maria Berco não fora deitar-se, tomada de sentimentos sombrios, ouvindo seus próprios passos ressoando pela casa, vozes distantes, as patas dos cavalos soltos na relva, os dentes dos cavalos arrancando a a grama do chão (B 20 2 BI 25)
45. Prendeu os cabelos em tranças puxadas para o alto da cabeça, recolhendo-as por uma coifa. (B 20 2 BI 25)
46. Bernardo Ravasco mandara avisar que dormira na quinta do Tanque e que, depois de amanhecer, passaria em casa. Por que estava demorando tanto? (B 20 2 BI 26)
47. Um névoa fria entrou na cozinha. Sentou-se no poião da porta e ficou ali, pensativa, esperando. (B 20 2 BI 26)
48. Olhando em direção ao mar, em silêncio, ficaram à espera de Bernardo Ravasco (B 20 2 BI 27)
49. Uma casada cheia de enfeites, tendo o marido mal vestido, esse tal marido só podia ser corno (B 20 2 BI 27)
50. Dele se dizia que roubava as rendas da instituição para acudir o sustento das prostitutas; para manter sua honra livra-se das suspeitas subornando com as rendas roubadas (B 20 2 BI 28)
51. Ele abraçou a filha. – Estás abatida, minha querida, disse, beijando-a na testa. (B 20 2 BI 28)

52. – Devem estar suspeitando também do senhor, meu pai. Todos esquadriam o que está acontecendo aqui (B 20 2 BI 29)
53. – Nata está contecendo aqui, disse Bernardo Ravasco. (B 20 2 BI 29)
54. – Está sim. Gonçalo refugiado, o senhor dorme por aí, não vai à secretaria, abandonou a provedoria da Misericórdia deixando a cadeira para nosso inimigo Gois, sai em horas tão esquisitas, aparece quando menos se espera. (B 20 2 BI 29)
55. (...) – Porque está fugindo? De quem? (B 20 2 BI 29)
56. – Em cada esquina há um olheiro que pesquisa, escuta, espreita. Parou de falar intrigada. Olhou Maria que entrava, arrastando o baú. Disse, baixinho: – o senhor precisa fugir logo (B 20 2 BI 29)
57. – Vou terminar os escritos na quinta, disse Bernardo Ravasco, levantando-se (B 20 2 BI 30)
58. Então ela perguntou, passando a mão no rosto de seu pai:
– O senhor sofre como eu? (B 20 2 BI 30)
59. – Quando desembarcaste da fragata, meu dom Braço de Prata, cuidei, que a esta cidade tonta, e fátua, mandava a Inquisição alguma estátua, vendo tão espremida savajola visão de palha sobre um mariola (B 20 2 BI 32)
60. – A difação é o teu deus, disseram, sorrindo. (B 20 2 BI 32)
61. – Agora vou-me embora, disse Bernardo Ravasco olhando o relógio sobre a mesinha. (B 20 2 BI 32)
62. Bernardo Ravasco chegou ao colégio dos jesuítas. Foi até o sótão, onde Gonçalo Ravasco o esperava, andando de um lado a outro, como os olhos fixos no chão, as botas ressoando nas tábuas. (B 20 2 BI 33)
63. Os homens o cercaram esperando alguma notícia (B 20 2 BI 33)
64. O braço de prata, continuou Matos, - Montou um forte ardil muito bem calçado em cima de três pés: ele próprio, com seus sequazes de sangue de carrapato, na fazenda e na política; os desembargadores Palma e Gois, que lhe dão sustento no Tribunal, arrebanhando alguns juízes venais; e finalmente o alcaide-mor, o falecido, que o dominava e assegurava a supremacia na sua área municipal (B 20 2 BI 33)
65. Não estás vendo as minhas cicatrizes? – disse Antonio de Brito. (B 20 2 BI 34)
66. Dizem os antigos que não se deve pagar o mal com o mal. Mas estamos sendo destruídos. (B 20 2 BI 34)

67. (...) Pedro, o Pacífico – apesar de ter entrado violentamente no paço da Ribeira impondo a abdicação de seu irmão rei Afonso, o Mentecapto, a pedido do povo havia assinado a paz com a Espanha terminando assim a sofrida guerra da Restauração (B 20 2 BI 35)
68. Mesmo não sendo jesuíta considerava-se mais religioso que seu irmão Antonio Vieira, este, sim, um verdadeiro político (B 20 2 BI 36)
69. – são, confirmou Confirmou Gregório de Matos, pondo a mão sobre o ombro do velho secretário (B 20 2 BI 36)
70. Ah, agora estais falando sobre um assunto que conheço muito bem, disse um homem que estava sentado num canto (B 20 2 BI 36)
71. – mas como eu ia dizendo, agora estão falando sobre um assunto que conheço como ninguém: a Terra do Cão (B 20 2 BI 36)
72. (...) Sabemos que não há mal nenhum em apunhalar um canalha, ainda mais sendo por vingança (B 20 2 BI 36)
73. – Amargo?, disse Luiz Bonicho. – Estou apenas vendo a realidade (B 20 2 BI 37)
74. Estamos tentando abolir a Relação, afinal, fomos nós que a estabelecemos em 1652 (B 20 2 BI 37)
75. Não disse Ele: ama aos outros como a ti mesmo? É o que estamos fazendo. Se não podemos amar aos outros, pelo menos amamos a nós mesmos (B 20 2 BI 38)
76. Estamos afundando na merda até às sobranças (B 20 2 BI 38)
77. Esses cornos ficaram anos sem pagar suas dívidas e eu acorbentando-os (B 20 2 BI 38)
78. Bernardo Ravasco reflectiu. Considerando as palavras do verador, julgou que procediam (B 20 2 BI 38)
79. João de Couros, Piçarro, Francisco Amaral, Barros de França, Rolim e Antonio de Brito continuam no colégio, pois já vêm sofrendo perseguições (B 20 2 BI 38)
80. – Não sei se este é o lugar mais seguro. Quando entrei vi quadrilheiros rondando, a espreitar (B 20 2 BI 39)
81. Gonçalo pegou o punhal sentindo o metal frio nos dedos (B 20 2 BI 40)
82. Fez a mira num inseto pousado na parede, fechando um dos olhos (B 20 2 BI 40)
83. Sei que estamos sendo perseguidos e compreendo os teus sentimentos, mas a força de nossa família é a do pensamento e do saber (B 20 2 BI 40)
84. Maria Berco ia saindo quando Bernardo Ravasco a chamou de volta (B 20 2 BI 41)
85. Sentia-se na amplidão do edificio o odor de Boswellia Serrata ardendo (B 20 2 BI 42)

86. Bernardo Ravesco ajoelhou-se diante do altar. Um menino saiu correndo (B 20 2 BI 42)
87. Portanto, não sofras com o que está acontecendo (B 20 2 BI 43)
88. Estás acudindo nossa fé católica e por lealdade à Coroa real te arriskas (B 20 2 BI 43)
89. Este é o nosso maior cantor, disse Antonio Vieira apontando para o garoto (B 20 2 BI 44)
90. O menino levantou-se, olhando para o padre com seus olhos redondos, e emitiu as notas quietas de um cantoção (B 20 2 BI 44)
91. Olhando aquele menino índio, Vieira lembrou-se dos seus infortúnios no Maranhão (B 20 2 BI 44)
92. Faziam-lhe tormentas, como atar dez Morrões acesos nos dedos da mão de um chefe da aldeia para que lhes desse escravos, dizendo que o haviam de deixar arder enquanto não lhes desse (B 20 2 BI 45)
93. Esses tipos de terrores faziam os índios terem como odioso o nome dos portugueses no sertão, retirando-se mais para o interior dos bosques, e depois desenganados fazerem a guerra e o mal que podiam (B 20 2 BI 45)
94. Um noviço de rosto melancólico parecia ausente, sem dizer as orações, com os olhos virados para o alto, a boca aberta, confrangido, tropeçando nas pedras com sandálias mal amarradas. (B 20 2 BI 47)
95. – Estás tendo visões novamente? (B 20 2 BI 47)
96. O leiteiro passou puxando e parou para ver o coro dos padres (B 20 2 BI 47)
97. O cego da sanfona cantou uma música onde dizia que uma chuva de ferro ia se precipitar matando a todos. (B 20 2 BI 47)
98. As pessoas começaram a sair pelas ruas para olhar o movimento dos cavaleiros e infantaria, que vinham tocando nas trombetas bastardas o toque de alerta (B 20 2 BI 48)
99. O governador Antonio de Sousa, reunido com os seus conselheiros, passara as últimas horas trabalhando sobre as cartas da cidade, levantando os locais de ataque, descobrindo os flancos onde se encontravam os seus inimigos (B 20 2 BI 48)
100. Do hospício ao colégio, da Sé ao guindaste, da porta do Carmo à de São Bento, havia gente reunida observando (B 20 2 BI 48)
101. Outros, vencendo o medo, contemplavam, transidos, o aspecto assustador do homem cujo braço duro estava pousado sobre o colo, a mão enluvada de negro aparecendo sobre o punho (B 20 2 BI 49)
102. Arremetia o cavalo contra a multidão que se espalhava praguejando amedrontada, entre os dentes, ou dando vivas (B 20 2 BI 49)

103. Quando não lhes permitiam entrar nas residências onde habitavam as pessoas ligadas ao Ravesco, arremetiam à força contras as pessoas, arrombando-as (B 20 2 BI 49)
104. Saquearam as casas desperdaçando o que lhes interava, jogando os moveis na rua e incendiando-os (B 20 2 BI 49)
105. Os portões estavam sendo vigiados; no porto não se podia entrar ou sair sem ser revistado e identificado (B 20 2 BI 49)
106. Ao final do dia, centenas de suspeitos, de toda a parte, tinham sido levadas para a enxovia, incluindo gente da própria tropa do governador (B 20 2 BI 49)
107. O repicar lento dos sinos ecoou tristemente na cidade, espalhando-se pela língua de terra, pelos rochedos negros da ponta de Santo Antonio, pelas areias claras da enseada. (B 20 2 BI 50)
108. Acompanhando o cortejo, o coro dos padres de São Francisco entoou um cântigo fúnbre. (B 20 2 BI 50)
109. – Para isso foi que abrimos os mares nunca dantes navegados? – disse Vieira cravando seus olhos redondos no rosto do irmão. (B 20 2 BI 50)
110. O guarda abriu com presteza o portão de madeira escura e o grupo entrou, indo por uma alameda arborizada até os coches, tudo iluminado por archotes. (B 20 2 BI 51)
111. Sob um tajadilho de barro, segurando um candil de luz fraca, estava um homem alto vestido de beca de uniste, de mangas fofas nos ombros e arminho que contornava a gola até o pé (B 20 2 BI 51)
112. Antonio de Sousa observou ao longe os vultos dos cavalos de prata pateando a água prateada. (B 20 2 BI 51)
113. Aparecem à janela sorrindo, com pouco respeito à justiça e muita descompostura. (B 20 2 BI 52)
114. Palma olhou nos olhos percrustando se havia, ali, alguma ameaça. (B 20 2 BI 53)
115. – (...) Se ainda tivesse forças estaria mancomunado pelo mundo, enchedo os ouvidos dos poderosos com suas malignas – estratégias desvanecidas, como disse o conde o conde Ericeira (B 20 2 BI 54)
116. Maria Berco caminhou em silêncio pelas ruas escuras, levando dentro de uma bolsa de pele a trouxa que Bernardo Ravasco lhe dera para que jogasse fora. (B 20 2 BI 55)
117. Não resistindo à curiosidade abriu a bolsa, desenrolou os panos e viu, com grande sobressalto, do que se tratava (B 20 2 BI 55)
118. (...) Olhando de perto viu que no ouro havia a inscrição FTM. (B 20 2 BI 55)

119. Perambulou pela cidade, trêmula, segurando a trouxa pestilenta, cheia de nojo, evitando as patrulhas que vigiavam as ruas e revisitavam passantes (B 20 2 BI 55)
120. (...) na praça ficou olhando a parte baixa da cidade com os seus prédios de três ou quatro andares, baldios, aguçais e mato. (B 20 2 BI 55)
121. Correu em disparada pela rua. Ao lembrar-se das patrulhas que vigiavam as ruas, parou. Se fosse vista correndo logo seria detida (B 20 2 BI 56)
122. Dentro de um beco escuro sentou-se no chão, encostando-se a uma parede. (B 20 2 BI 56)
123. Afinal, mesmo sendo apenas a mão, era parte de um corpo de um homem morto. (B 20 2 BI 56)
124. Ficou imóvel por algum tempo pensando ouvir os cascos de cavalos batendo nas pedras (B 20 2 BI 56)
125. Sentia o suor frio escorrendo pelas têmporas. Numa janela surgiu uma luz débil. Palavras, imagens do orfanato, frases sem sentido vinham-lhe à cabeça (B 20 2 BI 56)
127. Levantou-se quase escorregando no chão lamacento. (B 20 2 BI 56)
128. Arrumou o cabelo espalhando sem querer o barro pelas têmporas. (B 20 2 BI 56)
129. Um cachorro cheirava a trouxa tentando cavar com uma das patas. (B 20 2 BI 56)
130. Ao perceber que a fitavam mais demoradamente abriu o casaco da mesma maneira como a raccrochouse fazer, mostrando o corpo. (B 20 2 BI 57)
131. – Dormindo?, perguntou Maria Berco. (B 20 2 BI 57)
- Que dormindo que nada. (B 20 2 BI 57)
132. Tinha uma voz que saía lixando a garganta. (B 20 2 BI 57)
133. – O que estás fazendo aqui, hem, florzinha? Gastando teus borzeguins? (B 20 2 BI 57)
134. – Uma volta? Ha ha ha, disse o homem sentando-se, interessado. – Uma volta? (B 20 2 BI 58)
135. O homem deu um gole no rum deixando cair uma parte do líquido na roupa (p. 58)
136. – Tenho isto aqui, disse Maria Berco, mostrando a moeda de ouro que recebera de Bernardo Ravasco. (B 20 2 BI 58)
137. Segurando firmemente a bolsa contra o peito esperou que o homem arrastasse o barco sobre dois troncos roliços até a água. (B 20 2 BI 58)

138. Quando o barco começou a flutuar, ele ajudou a subir e empurrou o barco até adiante, subindo em seguida, molhado até a cintura (B 20 2 BI 58)
139. Olhava fixamente Maria Berco, que, agarrada à bolsa, fitava os remos batendo na água. (B 20 2 BI 58)
140. Afastaram-se algumas dezenas de metros da praia passando entre cascos altos de embarcações e cabos que rangiam nas madeiras (B 20 2 BI 58)
141. Era comum verem-se, andando pelo frio da barra, moças com o ventre crescido buscando livrando-se do achaque com uma velha aborteira. (B 20 2 BI 58)
142. – Sei o que tu estás levando aí, disse. (B 20 2 BI 58)
143. Maria Berco pôs-se em pé, equilibrando-se. (B 20 2 BI 59)
144. Deixa-me ver o que é isto, disse o marujo pulando inesperadamente em sua direção e tomando-lhe a bolsa. (B 20 2 BI 59)
145. Retirou a jóia com dificuldade e jogou a mão na água. Enfiou o anel no dedo e ficou admirando-o. (B 20 2 BI 59)
146. O homem permaneceu calado, olhando para Maria Berco, calculando as coisas. (B 20 2 BI 59)
147. Nada, respondeu Maria Berco olhando para a terra, onde homens com tochas nas mãos o aguardavam (B 20 2 BI 60)
148. – (...) Se disseres uma só palavra eu te arranco as tripas puxando pela língua. (B 20 2 BI 60)
149. Empurraram o barco até a areia repetindo a operação sobre os troncos. (B 20 2 BI 60)
150. – O que é isso? O que é isso?, gritou um dos soldados. – O que estavam fazendo? Contrabando? Putaria? (B 20 2 BI 60)
151. – Vai falando logo senão te meto na cadeia, disse o oficial. (B 20 2 BI 60)
152. – Esse pechelingue vai para a cadeia, disse o oficial apontando para o marinheiro. (B 20 2 BI 61)
153. – Cala a boca, lazarento, dando-lhe um safanão pelas costas. (B 20 2 BI 61)
154. Bernardo Ravasco devia estar preocupado, esperando-a na igreja do Colégio. (B 20 2 BI 61)
155. Sonhando assim, encostada à parede fria da cela, adormeceu. (B 20 2 BI 62)
156. O amanuense padre Soares, sentado à beirada do banco, guiava o carro segurando as rédeas, com muita atenção no caminho. (B 20 2 BI 62)

157. A sege rolava com dificuldade, sacolejando, quando foi detida pelos soldados que patrulhavam as ruas. (B 20 2 BI 62)
158. – (...) Eles me odeiam – pois não sou um solitário de Tebaida, estou aqui me matando para não ter certeza de salvar a alma de ninguém, nem mesmo a minha, disse Vieira. (B 20 2 BI 63)
159. – (...) Não sou mais um daqueles sacerdotes de perna cabeluda celebrando a missa com cálice de cornos de touros. (B 20 2 BI 63)
160. – Entendo, meu irmão. Mas como estão indo os escritos dos sermões?, disse Bernardo Ravasco tentando trazer um assunto ameno. (B 20 2 BI 63)
161. Mas vou ficando por lá mesmo, ainda é o melhor lugar para mim na terra. (B 20 2 BI 63)
162. – Não estás achando tudo quieto demais? (B 20 2 BI 65)
163. No escuro foi tateando pelas paredes até chegar à escada. (B 20 2 BI 65)
164. – O Braço de Prata está aí, dom Bernardo. Vem subindo as escadas como um louco. (B 20 2 BI 65)
165. Soldados revistavam as salas, abrindo portas, gavetas, armários, jogando papéis para o alto, derrubando móveis. (B 20 2 BI 66)
166. – Vossenhora matou o alcaide-mor da cidade da Bahia. (B 20 2 BI 66)
167. A sua mãe de prata caída ao longo do corpo balaçou levemente, brilhando com reflexos vermelhos. (B 20 2 BI 66)
168. – Ora, vejam só, um mouco defendendo um surdo. (B 20 2 BI 66)
169. – (...) Ouça bem o que estou dizendo. (B 20 2 BI 66)
170. – Vou escrever a sua alteza, padre Vieira, historiando suas culpas, falando sobre a juntas no colégio na cela de Diogo Torto, onde os senhores conspiram contra o governo. (B 20 2 BI 67)
171. Durante aquele dia inteiro e no dia seguinte Vieira ainda continuaria a toda velocidade, não teria dormido mais que três horas durante a noite pensando na improbidade dos homens para ter mais uma cascata tormentosa de deprecações sempre bem-fundamentadas (B 20 2 BI 68)
172. De uma em uma as pessoas estão sendo atendidas (B 20 2 BI 69)
173. Fundindo-se o ouro do anel obter-se-iam, no mínimo, duas moedas. (B 20 2 BI 70)
174. – Que macio, ele disse, acariaciando a pele. (B 20 2 BI 72)
175. – (...) Não fazes mais que tua obrigação me trazendo conforto. (B 20 2 BI 73)

176. Estás cheirando a maresia, a peixe podre. (B 20 2 BI 73)
177. Por que estás me dando dinheiro? (B 20 2 BI 73)
178. – Dinheiro sujo, dinheiro cagado, disse João Berco guardando as moedas enquanto Maria Berco se recolhia ao quarto de dormir. (B 20 2 BI 74)
179. Donato Serotino, luzente em seu uniforme castanho e botas escuras, andando de um lado para outro, nervoso, quase chorava. (B 20 2 BI 74)
180. Não, ele usaria isso contra nós, sempre, e cada vez exigindo mais. (B 20 2 BI 74)
181. – A única maneira de calar sua boca era acabando com ele (B 20 2 BI 74)
182. – (...) Se abrires a boca ele via alegar que estás tentando manchar-lhe a honra para anular o crédito em ação. (B 20 2 BI 75)
183. – Estás esquecendo uma pequena uma pequena coisa muito importante: um governador tem apenas três anos para governar (B 20 2 BI 75)
184. – (...) Eu estava precisando de dinheiro, essa é a verdade. (B 20 2 BI 75)
185. – (...) E se não der certo?, disse Donato Serotino passando as mãos nos cabelos sofregamente. (B 20 2 BI 75)
186. – (...) Não é apenas um homem que está exterminando o outro: é um grupo de homens dispostos a fazer justiça. (B 20 2 BI 76)
187. Estás olhando o tamanho de meu nariz, não é? (B 20 2 BI 76)
188. Mas uma criação dos franceses, uma arma leve cuja ponta terminava abotoada com uma flor, fleur, que chamacam fleuret, estava tomando o lugar antes garantido à espada. (B 20 2 BI 76)
189. – Estudei esgrima nas grandes academias italianas. Sei o que estou dizendo. (B 20 2 BI 77)
190. – (...) quem te disse que é preciso frieza para lutar ou para vencer estava zombando. (B 20 2 BI 77)
191. – (...) Estou me referindo a ti também, não faças essa cara. (B 20 2 BI 77)
192. – Quando lutei contra piratas turcos estava apenas defendendo nossos celeiros de trigo, disse Donato Serotino (B 20 2 BI 77)
193. Havia um bom número de guardas pelo salão, conversando distraídos. (B 20 2 BI 77)
194. – Se ficarmos cegos seremos mais felizes, disse o mestre fazendo uma saudação com a espada e colocando-se em guarda. (B 20 2 BI 77)

195. Ad majorem Dei Gloriam espalharam-se pelo mundo, pregando, construindo missões, dirigindo pesquisas de interpretação da bíblia, investigações teleológicas e científicas e buscando através da erudição a salvação da humanidade (B 20 2 BI 79)
196. Imiscuíam-se no terreno material do mundo alegando que não estavam ali para salvar a própria alma mas a alheia. (B 20 2 BI 79)
197. E estavam ali no Brasil defendendo a liberdade dos indígenas para terem, eles mesmo, como cativos – de suas ideias. (B 20 2 BI 79)
198. Como se podia explicar que sendo contra a escravidão calavam-se frente ao que ocorria com os negros africanos? (B 20 2 BI 79)
199. Vieira já estaria a essas horas mexendo as peças de seu tabuleiro para derrubar o governo (B 20 2 BI 79)
200. E com muita agilidade deu um salto em direção a Antonio de Souza descendo a espada sobre seu adversário. (B 20 2 BI 80)
201. O governador defendeu-se usando o braço de prata, que fez um ruído agudo no choque com a lâmina afiada da arma de Donato Seratino (B 20 2 BI 80)
202. A arma zuniu cortando o ar (B 20 2 BI 80)
203. Novamente Antônio de Sousa esquivou-se usando o braço de metal (B 20 2 BI 81)
204. Um terceiro golpe veio, inesperado, arrancando a peça de metal do corpo do governador, e jogando-a longe com barulho fortíssimo (B 20 2 BI 81)
205. A porta abriu-se, entraram os soldados enrolados em toalhas, molhados, alguns com as espadas nas mãos, gritando. (B 20 2 BI 81)
206. Donato Seratino correu em direção a eles e empurrando-os abriu passagem. (p. B 20 2 BI 81)
207. Desapareceu a galope pelas ruas deixando uma nuvem de poeira no ar. (p. B 20 2 BI 81)
208. Era impossível continuar morando na mesma casa (B 20 2 BI 82)
209. Saiu dali sem dizer a ninguém onde estava indo (B 20 2 BI 82)
210. Ao chegar ao dique, Gregório de Matos viu patrulhas rondando. Escondeu-se e esperou. (B 20 2 BI 82)
211. Fumavam, riam e passavam a mão nos seios, nos braços, nas nádegas das mulheres, abraçando-as. (B 20 2 BI 82)
212. Mas logo ficou sabendo que aquela publicação em castelhano fora feita à revelia do padre Vieira e continha – tantas imperfeições quanto asneiras – execradas por ele. (p B 20 2 BI 84)

213. – O velho tinha uma luneta, ficava olhando as estrelas. (B 20 2 BI 85)
214. Quando via um padre jesuíta na rua era como se estivesse vendo um livro andando. (B 20 2 BI 87)
215. A viagem começou em grande estilo, com o vento sul favorável, mas logo foi-se transformando num pesadelo, tempestades em cada singradura, pechelingues descarregando sua artilharia (B 20 2 BI 87)
216. Passava todo o tempo olhando o mar ora violento ora manso, os delfins e as baleias, as nuvens de mil formas (B 20 2 BI 87)
217. Havia mercadorias em excesso, piolhos e percevejos; gente amontoada dormindo entre os caixotes e os canhões (p. B 20 2 BI 87)
218. Era como se o mundo estivesse mudando não apenas na paisagem mas dentro dele mesmo (B 20 2 BI 88)
219. Quando de dentro do navio começou a ouvir o alarido de canhões e o som dos sinos dobrando correu para o tombadilho (B 20 2 BI 88)
220. O terreiro do Paço da Ribeira estava cheio de gente para assistir à chegada da frota com a capitania à testa e a almirante à ré, a pequena esquadra navegando na formatura em coluna (B 20 2 BI 88)
221. Fui a Vila de Guimarães conhecer familiares, passei muitas horas à margem do Tejo olhando as frotas, nas ruas olhando as pessoas, aprendendo a lidar com as mulheres, conversando, a ver cabrioles e charruas. (B 20 2 BI 89)
222. – Nunca frequentei a tafularia sem ali desordens, distúrbios a fazer; e covardemente ponho-me a mexer, buscando agasalho entre a putaria. (B 20 2 BI 89)
223. – Porque lhe faço versos e canções nas quais, quanto mais posso, escarnecendo vou desses putos que se vão fodendo. (B 20 2 BI 89)
224. – Tens um bando delas correndo atrás de ti, todos os tipos de mulheres. (B 20 2 BI 90)
225. Andava de um lado a outro abrindo e fechando as arcas, colocando objetos e roupas que seriam necessários no engenho. (B 20 2 BI 91)
226. – E este?, disse mostrando um espartilho. – Não seria bom levar? (B 20 2 BI 91)
227. Com desenfado queixa-se dos viciosos moradores, esquecendo os virtuosos (B 20 2 BI 92)
228. Maria Berca ficou imaginando se seria belo, se teria bigodes ou mãos brancas. (B 20 2 BI 92)
229. – Pensa que o mundo está errado e querendo emendá-lo torna-se o mais vicioso. (B 20 2 BI 92)

230. Ele esperou, olhando-a. (B 20 2 BI 92)
231. – O que estás esperando? Manda-o entrar e serve-nos logo um cálice de licor, o melhor. (p. 93)
231. – A senhora primeiro, por favor, ele disse indicando o cálice a Bernadina Ravasco. (p. 93)
232. Maria Berco postou-se a um canto da sala e ficou observando-o. (B 20 2 BI 93)
233. Pôs a mão sobre o peito indicando o mal de sua ama. (B 20 2 BI 93)
234. Para acalmar a dama, Gregório de Matos garantiu que aquilo tudo logo passaria, dali a alguns dias estariam rindo do ocorrido. (B 20 2 BI 94)
235. Vieria estava tomando as providências, Gonçalo partiria para relatar ao príncipe as desgraças do governo. (B 20 2 BI 94)
236. Falou depois sobre Gongora y Argote, declamando poesias em Castelhana. (B 20 2 BI 94)
237. Preparou a cama de Bernardina Ravasco e após certificar-se de que ela estava dormindo trancou a porta do solar dos Ravasco e foi para sua casa. (B 20 2 BI 94)
238. Também Gregório de Matos não conseguiu tirá-la do pensamento. Estava acontecendo mais uma vez com ele. (B 20 2 BI 95)
239. Dois padres saíram encapuzados do edifício de pedra. Atravessaram o terreiro observados pelos sentinelas do governador, que se curvaram recebendo suas bênçãos. (B 20 2 BI 96)
240. Estivemos rondando disfarçados de padres, é claro; há guardas à porta e à volta, que não deixam ninguém entrar sem se identificar. (B 20 2 BI 97)
241. – Estamos lutando por nossos ideais e por nossas vidas. (B 20 2 BI 98)
242. – (...) Vacilei muitas vezes, mesmo tendo sido preparado para a controvérsia, a privação e a adversidade. (B 20 2 BI 98)
243. – Estavam armados e acabei derrubando todos eles no chão, não sei como. (B 20 2 BI 99)
244. O Mata atravessou o pátio dos fundos do palácio do governo pisando em esterco de animais. (B 20 2 BI 99)
245. O Mata entrou no palácio e foi até à sala de Antonio de Souza, passando por uma entrada usada apenas pelo governador e alguns criados de confiança. (B 20 2 BI 100)
246. Com o coração acelerado ouviu os passos do governador se aproximando (B 20 2 BI 100)

247. Antônio de Souza sentou-se apoiando as botas na cadeira em frente (B 20 2 BI 100)
248. Tentou organizá-los colocnado uns atrás, outros na frente. (B 20 2 BI 100)
249. Após alguns instantes percebeu que não podia mais ficar protelando. (B 20 2 BI 100)
250. (...) e aqui o Mata deu de ombros quase desculpando-se. (B 20 2 BI 101)
251. Enquanto Mata prosseguia na leitura da sátira, Antônio de Sousa pôs-se a andar de um lado para o outro meneando a cabeça. (B 20 2 BI 101)
252. (...) mas tem esta alma torta, principalmente vendo-lhe as vidraças no grosseiro caixilho das couraças: cangalhas que formaram, luminosas, sobre arco de pipa duas ventosas. (B 20 2 BI 101)
253. (...) tão cego és que não vês teu prejuízo, sendo cousa que se olha com juízo: tu és mais cego que eu que te sussurro, que, em te olhando, não vejo mais que um burro (B 20 2 BI 101)
254. Chato o nariz de cocras sempre posto: te cobre todo o rosto, de gatinhas buscando algum jazigo aonde o desconheçam por embigo; até que se esconde one mal o vejo por fugir do fedor do seu bocejo. (B 20 2 BI 101)
255. Quando ia fechando a porta, Mata ouviu o governador chama-lo. (B 20 2 BI 102)
256. – Estás saindo muito. (B 20 2 BI 102)
257. Anica de Melo parecia feliz. Acordava sorrindo, andava cantarolando, cheia de paciência e bom humor. (B 20 2 BI 102)
258. Gostava de ficar conversando e fornicando longas horas com seu hóspede. (B 20 2 BI 102)
259. – Estive pensando, disse Antônio de Souza, – D. João IV acreditava-se perseguido pelo espírito do duque de Bragança, a quem mandara executar em Évora. (B 20 2 BI 103)
260. – O poeta está conversando com as mesmas visitas de ontem, os dois padres e não quer barulho. (B 20 2 BI 104)
261. Gregório de Matos estava encostando à janela observando uma negra que passava na rua, ativa, seminua, descendo a ladeira com um movimento de quadris que lembrava a frase de Galileu eppur si muove. (B 20 2 BI 104)
262. – Lá vai o frade fodichão, disse Gregório de Matos. – Frade descalço pregando de meia. (B 20 2 BI 104)
263. Na manhã seguinte acompanharam a procissão com hipocrisia, açoitando-se diante de todos, ainda com os odores da ardente noite anterior (B 20 2 BI 104)
264. – Uma vez dentro do palácio, será preciso peentrar na sala de despacho.

Estive olhando. (B 20 2 BI 104)

265. – Fazem o que Lopes da Vega diz que é o pior de todos os estilos, escrevem poemas tão equivocados como uma mulher que se enfeita e havendo de pôr tintura nas faces, lugar tão próprio, mete-a no nariz e nas orelhas (B 20 2 BI 106)

266. – Estive pensando em fazer um concurso de conas, disse Gregório de Matos. (B 20 2 BI 107)

267. – Ora, tu não estás falando sério!, disse Gonçalo Ravasco. (B 20 2 BI 108)

268. Um entraria, o outro ficaria cercando o colégio para evitar fugas. (B 20 2 BI 108)

269. Eles se movimentam ruidosamente, tilintando, retinindo, armas apontadas, rápidos, vibrantes, atentos. (B 20 2 BI 108)

270. Olhou-o nos olhos fazendo-o baixas com a vista para o chão. (B 20 2 BI 108)